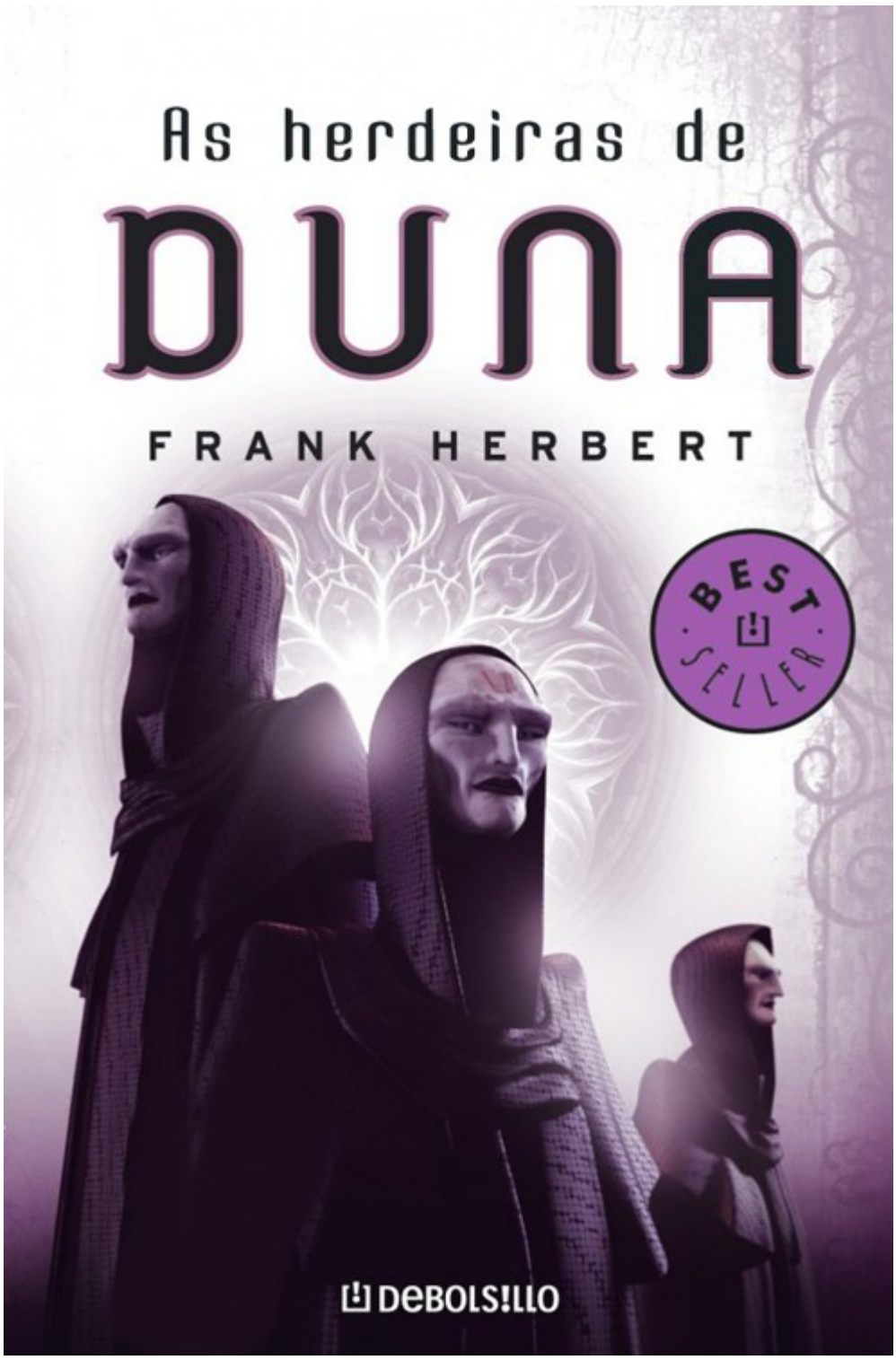
As herdeiras de DUNA

FRANK HERBERT



DEBOLSILLO



DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***eLivros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O ***eLivros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***eLivros***.

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros

para gente postar ***Envie um livro*** ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de

servidores e obras que compramos para postar, ***faça uma doação aqui*** :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

eLivros.love

Converted by ePubtoPDF

NOVA FRONTEIRA

Frank Herbert

AS HERDEIRAS DE DUNA

Série Duna — Livro 6

AS HERDEIRAS DE DUNA

Milhares de anos à nossa frente, uma irmandade de mulheres

— a Bene Gesserit — propõe-se servir à humanidade, utilizando-se de um conhecimento de alto nível alcançado, principalmente, pela ingestão da *melange,* uma especiaria que prolonga a vida e acentua os poderes psíquicos. Através de um ritual de iniciação — A Agonia da Especiaria — as participantes da Irmandade tornam-se Reverendas Madres, desenvolvendo seu psiquismo e adquirindo, entre outras capacidades, o acesso à Outra Memória, repositório de lembranças de todas as eras. Poderosas e manipuladoras, elas desenvolvem uma disciplina fantástica sobre o corpo e as emoções, transformando-se em autênticas “bruxas”. Mas a fonte de *melange,* que se tornou imprescindível à sobrevivência das Bene Gesserit, são vermes da areia, animais gigantescos, cujo hábitat é o deserto.

Contando com um único exemplar da espécie, trazido às escondidas da destruição de Rakis, as Reverendas Madres tentam reproduzi-lo com tenacidade e paciência. E para isso, numa aventura ecológica às avessas, transformam, palmo a palmo, um mundo verdejante em tórrido deserto. Paralelamente, sofrem uma perseguição acirrada de outra irmandade feminina — as Honradas Madres —, mulheres cruéis e selvagens cuja ira teriam provocado no passado.

O horror da guerra manifesta-se em toda a sua plenitude. Um plano tático, de alto risco, é levado a efeito pelas Bene Gesserit, o que conduz a um surpreendente questionamento sobre a vitória. E

aí Frank Herbert ultrapassa um maniqueísmo aparente para atingir uma maior profundidade: procura investigar as raízes psicológicas da tirania e da violência. A manipulação das massas, já abordada em *O imperador-deus de Duna,* ganha maior dimensão e sutileza.

Valendo-se de situações fictícias, o autor acusa os jogos políticos

existentes em nosso tempo, em episódios que tanto podem estar inseridos numa época futura, como ser trazidos à tona pela Outra Memória.

Toda a obra é permeada, em traços leves mas constantes, por uma nostalgia das emoções descartadas em nome da evolução e do aperfeiçoamento. A vaga sensação de se ter perdido algo valioso: os pomares, as lembranças da infância, a mãe, o abandono ao êxtase sexual — aquilo que o ser humano tem de delicado, mágico e imponderável. Uma nostalgia do amor.

Em toda a série Duna, Frank Herbert lança mão de seus conhecimentos de psicologia, religião, filosofia oriental, ecologia, ioga e meditação, assim como de eletrônica, geologia e navegação, oferecendo-nos um retrato da luta do homem consigo mesmo e com seu meio físico, social, político e religioso. Além da literatura, Frank Herbert (1920-1986) exerceu inúmeras atividades profissionais, algumas bem pouco ortodoxas, como as de pescador de ostras, instrutor de sobrevivência na selva e analista leigo. Em 1952

começou a escrever ficção científica para revistas do gênero. Seu romance *The Dragon in the Sea* foi muito bem recebido, mas Herbert revelou-se verdadeiramente como escritor de porte com a publicação *de Duna, em* 1965.

AS HERDEIRAS DE DUNA é o clímax desta série; é a última e inestimável contribuição ao legado épico do autor.

Aqueles que se propõem a repetir o passado devem controlar o ensino da História.

— O Coda Bene Gesserit

Quando veio à luz o bebê-ghola do primeiro tanque axlotl Bene Gesserit, a Madre Superiora Darwi Odrade promoveu uma discreta comemoração em sua sala particular de refeições, no alto da Central. Mal amanhecia, e as duas outras integrantes do Conselho-Tamalane e Bellonda — mostraram impaciência ante a convocação, muito embora Odrade tivesse mandado servir o café da manhã por sua cozinheira pessoal.

— Não é toda mulher que pode estar presente ao nascimento de seu próprio pai — gracejou Odrade, quando as outras se queixaram de que eram ocupadas demais para se permitirem

“desperdícios tolos de tempo”.

Apenas a velha Tamalane demonstrou um certo divertimento disfarço. Bellonda manteve suas feições excessivamente carnudas impassíveis, o que, no seu caso, equivalia habitualmente a uma carranca.

Seria possível, pensou Odrade, que Bell ainda não tivesse superado o ressentimento causado pela relativa opulência das

instalações da Madre Superiora? Os alojamentos de Odrade eram um sinal distinto de sua posição, mas a honraria representava antes suas obrigações que uma possível superioridade em relação às Irmãs. A pequena sala de jantar permitia-lhe consultar as assessoras durante as refeições.

Bellonda olhava de um lado para o outro, numa impaciência evidente para ir embora. Muito esforço tinha sido gasto inutilmente em tentativas para penetrar a concha fria e remota em que Bellonda se fechava.

— Foi um sentimento muito estranho segurar aquele bebê em meus braços e pensar: “Este é meu pai” — Odrade disse.

— Eu ouvi da primeira vez! — A voz de Bellonda saía do estômago, num retumbante barítono, como se cada palavra lhe causasse uma vaga indigestão.

Compreendeu, entretanto, o gracejo distorcido de Odrade. O

velho Bashar Miles Teg tinha, na verdade, sido o pai da Madre Superiora. E a própria Odrade reunira células (como fragmentos de unhas) para criar esse novo ghola, parte de um antigo “plano de possibilidade”, caso viessem a ter sucesso em duplicar os tanques Tleilaxu. Mas Bellonda teria preferido ser expulsa da Bene Gesserit a concordar com o comentário de Odrade sobre o equipamento vital da Irmandade.

— Acho isso frívolo neste momento — Bellonda disse. —

Essas mulheres loucas em nosso encalço para nos destruir, e você querendo comemorar!

Odrade fez um certo esforço para conservar o tom suave.

— Se as Honradas Madres nos encontrarem antes de estarmos preparadas, talvez seja porque falhamos em manter o moral elevado.

Os olhos de Bellonda, fitos nos de Odrade, estavam cheios de acusação frustradora: “Essas mulheres terríveis já exterminaram dezesseis dos nossos planetas!”

Odrade sabia que era errado pensar em todos esses planetas como posses das Bene Gesserit. A mal organizada confederação de governos planetários, reunida depois da Dispersão e dos Tempos da Fome, dependia muito da Irmandade para serviços vitais e

comunicações confiáveis, mas as antigas facções persistiam —

CHOAM, Corporação Espacial, Tleilaxu, remanescentes do sacerdócio do Deus Dividido, até mesmo auxiliares das Oradoras Peixes e assembléias dissidentes. O Deus Dividido tinha legado à humanidade um império dividido — cujas facções, em sua totalidade, reuniram-se subitamente, em função dos violentos assaltos das Honradas Madres da Dispersão. As Bene Gesserit —

fiéis à maioria de suas antigas formas — eram o alvo primordial de ataque.Os pensamentos de Bellonda nunca se afastavam muito dessa ameaça das Honradas Madres. Era uma fraqueza que Odrade reconhecia. Às vezes, ela chegava a pensar em substituir Bellonda, mas até mesmo na Bene Gesserit havia facções, nesses tempos, e ninguém podia negar que Bell era uma excelente organizadora. Os Arquivos nunca tinham sido mais eficientes do que sob sua orientação.

Como fazia freqüentemente, mesmo sem palavras, Bellonda conseguiu concentrar a atenção da Madre Superiora nas caçadoras que as espreitavam com selvagem persistência. Isso estragou a disposição de tranqüilo sucesso que Odrade tinha esperado conseguir esta manhã. Forçou-se a pensar no novo ghola. Teg! Se suas memórias originais pudessem ser recuperadas, a Irmandade contaria, mais uma vez, com o melhor Bashar que já tivera a seu serviço. Um Bashar Mentat! Um gênio militar, cuja bravura já era matéria de mitos do Antigo Império.

Mas será que o próprio Teg teria condições de ajudá-las contra essas mulheres vindas da Dispersão?

“Pelos deuses, quem quer que sejam eles, as Honradas Madres não devem nos encontrar. Ainda não!”

Teg representava um excesso de possibilidades e imprevistos inquietantes. O mistério cercava o período anterior à sua morte, na destruição de Duna. “Ele fez alguma coisa em Gammu para acender a fúria desenfreada das Honradas Madres. Sua persistência suicida em Duna não podia ter sido suficiente para provocar essa resposta

frenética.” Havia rumores, fragmentos de seus dias em Gammu antes do desastre de Duna. “Podia mover-se mais rápido que o

olhar humano!” Teria ele feito isso? Outro afloramento das capacidades selvagens nos genes Atreides? Mutação? Ou apenas o mito de Teg novamente? A Irmandade tinha de aprender o mais depressa possível.

Uma acólita trouxe o café da manhã para três, e as irmãs comeram rapidamente, como se fosse necessário deixar para trás, sem demora, essa interrupção, pois perder tempo era perigoso.

Mesmo depois que as outras tinham saído, Odrade ficou sob o efeito do medo sem palavras de Bellonda.

“E de meus medos.”

Levantou-se e foi para a vasta janela que dava para os tetos mais baixos e alcançava parte do círculo de pomares e pastagens ao redor da Central. Fim de primavera, e os frutos já começando a se formar. “Renascimento. Um novo Teg nasceu hoje!” Nenhum sentimento de exaltação acompanhou o pensamento. Geralmente ela achava a vista restauradora, mas não essa manhã.

Quais são minhas forças verdadeiras? Qual é minha realidade?

Os recursos sob o comando da Madre Superiora eram formidáveis: lealdade profunda por parte daqueles que a serviam, uma força militar sujeita a um Bashar treinado por Teg (no momento, distante, com uma grande parte de suas tropas protegendo o planeta escola, Lâmpadas), artesãos e técnicos, espiões e agentes por todo o Antigo Império, inumeráveis trabalhadores que esperavam ser protegidos pela Irmandade contra as Honradas Madres, e todas as Reverendas Madres com Outras Memórias penetrando nas origens da vida.

Odrade sabia, sem falso orgulho, que representava o auge do que era mais forte numa Reverenda Madre. Se suas memórias pessoais

não fornecessem a informação necessária, ela teria outras à sua volta para preencher a lacuna. Dados informatizados também, embora ela admitisse uma desconfiança natural a seu respeito.

Odrade achou-se tentada a se aprofundar em outras vidas que levava consigo como memória secundária — essas camadas subterrâneas de consciência. Talvez pudesse encontrar, nas experiências de Outros, soluções brilhantes para a difícil condição

que viviam. Perigoso! Havia a possibilidade de perder-se durante horas, fascinada pela multiplicidade das variações humanas. Melhor deixar Outras Memórias equilibradas em seu lugar, disponíveis para uso ou interferindo de acordo com a necessidade. Consciência, era esse o sustentáculo, bem como sua garra sobre a identidade.

A estranha metáfora Mentat de Duncan Idaho vinha em seu auxílio.“Autoconsciência: o defrontar-se com espelhos que passam através do universo, reunindo novas imagens no caminho —

infinitamente reflexivo. O infinito visto como finito, a semelhança da consciência transportando fragmentos percebidos do infinito.”

Ela nunca tinha ouvido nada mais próximo de sua consciência sem palavras. “Complexidade especializada”, era como Idaho o chamava. — Nós reunimos, montamos e refletimos nossos sistemas de ordem.

Realmente era a visão da Bene Gesserit que os humanos representavam a vida projetada pela evolução para criar ordem.

“E como isso pode nos ajudar contra essas turbulentas mulheres que nos perseguem? De que ramo de evolução elas vêm?

Será evolução um outro nome para Deus?”

Suas Irmãs olhariam com desprezo essas “especulações sem proveito”.

Ainda assim poderia haver respostas na Outra Memória.

“Ahhh! Que idéia sedutora!”

Com que desespero ela desejava projetar seu *self* confinado nas identidades passadas, e sentir o que teria sido viver nessa época. O perigo imediato dessa tentação a gelou. Sentiu a Outra Memória multiplicando-se nas bordas da consciência. — “Era assim!

Não, era assim!” Como eram vorazes! Tinha-se de escolher, dando vida ao passado com prudência. E não era esse o propósito da consciência, a própria essência de estar vivo?

“Escolha uma lembrança do passado e compare-a com o presente: Aprenda as conseqüências.”

Esse era o ponto de vista das Bene Gesserit a respeito da História, as antigas palavras de Santayana ressoando em suas

vidas: “Aqueles que não conseguem se lembrar do passado estão condenados a repeti-lo.”

Os edifícios da própria Central, o mais poderoso de todos os estabelecimentos da Bene Gesserit, refletiam essa atitude em qualquer lugar para onde Odrade se voltasse. Usiforme, esse era o conceito predominante. Em qualquer centro de trabalho Bene Gesserit, muito pouco podia dar-se ao luxo de não ser funcional, conservado por nostalgia. A Irmandade não precisava de arqueólogos. As Reverendas Madres personificavam a História.

Vagarosamente (muito mais devagar que de costume) a vista de sua alta janela produziu seu efeito calmante. A ordem Bene Gesserit era essa que seus olhos relatavam.

Mas as Honradas Madres podiam acabar com essa ordem no minuto seguinte. A situação da Irmandade era muito pior do que a que tinham sofrido sob o Tirano. Muitas das decisões que ela era

forçada a tomar agora eram odiosas. Sua sala de trabalho tornava-se menos agradável por causa das ações que aconteciam ali.

“Eliminar nossa fortaleza Bene Gesserit em Palma?”

Essa sugestão estava no relatório matinal de Bellonda, esperando em sua mesa. Odrade afixou-lhe uma nota afirmativa.

“Sim.” “Eliminar, porque o ataque das Honradas Madres é iminente, e não podemos defendê-los ou evacuá-los.”

Somente o Destino e mil e cem Reverendas Madres sabiam quantas pessoas, entre acólitas postulantes e outras, seriam mortas ou teriam pior destino, em função dessa única palavra. Sem mencionar todas as “Vidas Comuns” que existiam à sombra das Bene Gesserit.

A pressão de tais decisões produzia em Odrade uma nova espécie de exaustão. Seria uma fadiga da alma? Existiria essa coisa chamada alma? Ela sentia um cansaço profundo em algum lugar inacessível à consciência. Estava cansada, muito cansada.

Até mesmo Bellonda dava sinais de tensão, e Bell deleitava-se com a violência. Somente Tamalane parecia estar acima dessa pressão, mas isso não enganava Odrade. Tam tinha chegado à idade da observação superior, uma possibilidade no caminho de

todas as Irmãs, se vivessem o bastante para alcançá-la. Nada importava, então, exceto observações e julgamentos, nunca mencionados, na maioria das vezes, a não ser em certas expressões fugidias de suas feições enrugadas. Tamalane falava pouco hoje em dia, em comentários tão raros, que chegavam a ser quase ridículos:

— Comprem mais não-naves.

— Informem Sheeana.

— Revejam os registros de Idaho.

— Perguntem a Murbella.

Às vezes, emitia apenas grunhidos, como se as palavras pudessem traí-la.

E as caçadoras sempre lá fora, varrendo o espaço em busca de qualquer pista sobre a localização da Sede.

Em seus mais íntimos pensamentos, Odrade via as não-naves das Honradas Madres como corsários nesses mares infinitos entre as estrelas. Não hasteavam a bandeira negra dos piratas, mas ela estava lá, de qualquer modo. Nada de romântico a seu respeito.

“Matar e pilhar! Construa sua riqueza sobre o sangue dos outros.

Esgote essa energia e construa suas não-naves assassinas em locais lubrificados com sangue.”

E elas não viam que seriam afogadas em lubrificante rubro se continuassem nesse rumo.

“Deve haver pessoas furiosas lá fora, nessa Dispersão humana onde se originaram as Honradas Madres, pessoas que passam a vida com uma única idéia fixa: Peguem-nas!”

Perigoso universo esse, onde se permitia que tais idéias circulassem livremente. As boas civilizações tinham cuidado para que esses conceitos não ganhassem energia, não tivessem nem mesmo a oportunidade de nascer. Quando ocorriam, por acaso ou acidente, tinham de ser afastados rapidamente, porque tendiam a reunir as massas.

Odrade estava perplexa pelo fato de que as Honradas Madres não viam isso, ou se viam, ignoravam a idéia.

— Histeria plena — era a denominação de Tamalane.

— Xenofobia — discordava Bellonda, sempre corrigindo, como se o controle dos Arquivos lhe desse uma percepção melhor da

realidade.

Ambas estavam certas, Odrade pensava. As Honradas Madres comportavam-se histericamente. Todos os *estranhos* eram o inimigo. As únicas pessoas em quem pareciam confiar eram os homens sexualmente escravizados, e mesmo esses, apenas até certo ponto. Testando-os constantemente, segundo Murbella (nossa única Honrada Madre cativa), para ver se seu domínio era firme.

— Às vezes, só para provocar, elas podem eliminar alguém, simplesmente como um exemplo para os outros. — Palavras de Murbella, que forçavam uma pergunta: "Estarão elas fazendo de nós um exemplo?" — "Vejam! Isso é o que acontece àqueles que se opõem a nós!"

Murbella tinha dito: — Vocês as provocaram. Uma vez desafiadas, elas não desistirão, até que as tenham destruído.

"Peguem os estranhos!"

Singularmente diretas. "Um ponto fraco, se fizermos o jogo certo", pensou.

"Xenofobia levava ao extremo ridículo?"

Bem possível.

Odrade bateu pesadamente o punho na mesa de trabalho, consciente de que o ato seria visto e registrado pelas Irmãs que vigiavam constantemente o comportamento da Madre Superiora.

Falou, então, em voz alta, para os onipresentes televigias e as Irmãs vigilantes por trás deles.

— Não ficaremos sentadas, esperando na defensiva! Nós nos tornamos tão gordas como Bellonda (ela que se irrite com isso) pensando ter criado uma sociedade intocável e estruturas resistentes.

Odrade passou rapidamente os olhos pela sala familiar.

— Este lugar é um de nossos pontos fracos!

Sentou-se atrás da escrivaninha pensando (entre todas as coisas!) em arquitetura e planejamento comunitário. Bem, esse era um direito da Madre Superiora!

As comunidades da Irmandade raramente se desenvolviam ao acaso. Mesmo quando se apoderavam de estruturas já existentes (como tinham feito com a velha fortaleza Harkonnen, em Gammu), faziam-no com planos de reconstrução. Queriam tubos pneumáticos para conduzir pequenos pacotes e mensagens. Linhas de luz e projetores de raios duros para transmitir palavras em código. Consideravam-se mestras em comunicação de segurança.

As mensageiras das acólitas e das Reverendas Madres (que preferiam a autodestruição a traírem suas superioras) transportavam as mensagens mais importantes.

Ela podia visualizar lá fora, além de sua janela e além deste planeta, sua teia, magnificamente organizada e equipada, cada Bene Gesserit como uma extensão das outras. No que dizia respeito à sobrevivência da Irmandade, havia um núcleo intocável de lealdade. Podia haver desertores (alguns espetaculares como Lady Jessica, avó do Tirano), mas eles chegavam só até aí. A maioria das perturbações era transitória.

E tudo isso era um padrão Bene Gesserit. Uma fraqueza.

Odrade reconheceu, dentro de si, uma concordância com os temores de Bellonda. “Que eu me dane se deixar que isso me tire a alegria de viver!” Seria o mesmo que render-se ao que essas loucas Honradas Madres querem.

São nossas forças que elas querem, disse Odrade, olhando para os televigias do teto. “Como antigos selvagens, comendo os corações

dos inimigos. Bem...nós lhes daremos mesmo o que comer! E elas só descobrirão que não podem digeri-lo quando for tarde demais!”

A não ser por alguns ensinamentos preliminares programados especialmente para acólitas e postulantes, a Irmandade não se interessava muito por conselhos e provérbios**,** mas Odrade tinha seu próprio lema: “Alguém tem de lavrar a terra.”

Sorriu para si mesma, enquanto se debruçava sobre o trabalho, sentindo-se mais confortada. Esta sala, esta Irmandade, este era o seu jardim, e havia ervas daninhas a serem arrancadas e sementes a serem plantadas. “E fertilizante. Não se pode esquecer o fertilizante.”

Quando me dispus a conduzir a humanidade pelo meu Caminho Dourado, prometi-lhes uma lição que seus ossos não esqueceriam. Conheço um padrão profundo, que os humanos negam em palavras, mesmo quando suas ações o afirmam. Eles dizem que buscam segurança e tranqüilidade, condições que

chamam de paz. Mesmo quando falam, criam sementes de tumulto e violência.

— Leto II, o Imperador-Deus

“Então ela me chama de Rainha Aranha!”

A Grande Honrada Madre recostou-se numa pesada cadeira colocada num estrado alto. Seu peito seco sacudia-se com risinhos silenciosos. “Ela sabe o que vai acontecer quando eu agarrá-la em minha teia! Vou sugá-la até que fique seca, isso é o que vou fazer.”

Uma mulher pequena, de feições medíocres e músculos que se crispavam nervosamente, ela dirigia seu olhar para o chão de ladrilhos amarelos iluminados pela claridade do dia, na sala de audiências. Uma Reverenda Madre Bene Gesserit jazia estendida no local, amarrada com shigafio. Não fazia esforço algum para lutar.

O shigafio era excelente para esse propósito. “Bem que poderia cortar-lhe os braços fora!”

A câmara onde estavam sentadas combinava com a Grande Honrada Madre, tanto pelas dimensões como pelo fato de que tinha sido tomada de outros. Com trezentos metros quadrados, tinha sido destinada a convocações dos Navegantes da Corporação aqui na Junção, cada Navegador com seu tanque monstruoso. A prisioneira nesse chão amarelo era um grão de poeira na imensidão.

“A pobre coitada sentiu muito prazer em dizer a forma como sua dita Superiora me chama!”

Mas ainda assim, era uma linda manhã, pensou a Grande Honrada Madre. A não ser pelo fato de que nenhuma tortura ou sonda mental funcionava com essas bruxas. Como torturar alguém que pode optar pela morte a qualquer momento? E o fazia! Elas tinham, além disso, meios de suprimir a dor. Muito ardilosos, esses primitivos.

E está carregada de shere, também. Um corpo impregnado dessa detestável droga deteriorava além do alcance das sondas, antes que pudesse ser examinado adequadamente.

A Grande Honrada Madre fez sinal a uma auxiliar, que cutucou com o pé a Reverenda Madre estendida e, a um outro sinal,

afrouxou as amarras de shigafio a fim de permitir um movimento mínimo.— Qual é o seu nome, criança? — perguntou a Grande Honrada Madre. Sua voz era áspera e rouca, tanto pela idade como por uma falsa bonomia.

— Sou chamada de Sabanda. — Voz jovem e clara, ainda intocada pela dor das sondas.

— Você gostaria de nos ver capturar um macho covarde e escravizá-lo? Sabanda sabia a resposta adequada. Elas a tinham prevenido. — Prefiro morrer. — Disse isso calmamente, olhando firme para a velha face cor de raiz ressecada. As estranhas pintas

laranja nos olhos da velha. Um sinal de raiva. As Instrutoras a tinham avisado.

Sobre a malha vermelha, um frouxo robe cor de ouro avermelhado, com figuras de dragões negros de boca aberta, apenas enfatizava a esquelética figura que cobria.

A Grande Honrada Madre não modificou a expressão nem mesmo com um pensamento recorrente sobre essas feiticeiras:

“Malditas sejam!” — Qual era sua função nesse planetazinho sujo de onde nós a trouxemos?

— Professora dos jovens.

— Temo dizer que não deixamos nenhum de seus jovens vivo. — ”Agora, por que ela sorri? Para me ofender, isso sim!”

— Você ensinou os jovens a adorar a bruxa, Sheeana?

— Por que eu lhes ensinaria a adorar uma Irmã? Sheeana não gostaria disso.

— Não gostaria... Está dizendo que ela voltou à vida e que você a conhece?

— São somente os vivos que conhecemos?

Como era clara e corajosa a voz dessa jovem feiticeira. Elas tinham um notável autocontrole, mas nem isso poderia salvá-las.

Estranho, entretanto, que esse culto de Sheeana persistisse. Teria de ser arrancado, naturalmente, destruído, da mesma forma que as bruxas estavam sendo eliminadas.

A Grande Honrada Madre ergueu o dedo mínimo da mão direita. Uma auxiliar, já à espera, acercou-se da prisioneira com uma

injeção. Talvez essa nova droga soltasse a língua da bruxa, talvez não. Não importa.

Sabanda fez uma careta quando a injeção tocou seu pescoço. Estava morta em segundos. As criadas levaram o corpo que deveria alimentar os Futares prisioneiros. Não que eles tivessem grande utilidade. Não se reproduziam no cativeiro, não obedeciam às ordens mais comuns. Mal-humorados, à espera.

— Onde Treinadores? — um deles poderia perguntar. Ou cuspiriam outras palavras inúteis de suas bocas humanóides.

Mesmo assim, proporcionavam alguns prazeres. O cativeiro também demonstrou que eram vulneráveis. Tanto quanto essas bruxas primitivas. “Nós encontraremos o esconderijo delas. É somente uma questão de tempo.”

Aquele que lança uma luz nova sobre o banal e o ordinário,pode aterrorizar. Não queremos ver nossas idéias

modificadas. Ficamos ameaçados por esse tipo de exigência. “Já conheço as coisas importantes”, é o que dizemos. Então vem o Transformador e joga fora nossas velhas idéias. . — O Mestre Zensufi Miles Teg gostava de brincar nos pomares em volta da Central. Odrade o tinha levado lá pela primeira vez quando ele mal andava. Uma de suas mais antigas memórias: pouco mais de dois anos de idade e já consciente de que era um ghola, embora não entendesse o sentido integral da palavra.

— Você é uma criança especial — Odrade disse. — Nós o fizemos com as células de um homem muito idoso.

Embora fosse uma criança precoce, e as palavras ouvidas tivessem um som vagamente perturbador, ele estava mais interessado, na ocasião, em correr através do mato alto de verão, embaixo das árvores.

Mais tarde, outros dias de pomar juntaram-se a esse, acumulando também impressões sobre Odrade e as outras pessoas que o ensinavam. Bem cedo percebeu que Odrade gostava tanto dessas excursões como ele próprio.

Uma tarde, quando tinha quatro anos, ela lhe disse: — A primavera é a minha estação favorita.

— A minha também.

Quando tinha sete anos, e já demonstrava uma inteligência brilhante aliada à memória holográfica que lhe tinha rendido, por parte da Irmandade, pesadas responsabilidades em sua encarnação anterior, ele, de repente, viu os pomares como um local que tocava algo muito profundo dentro de si.

Esta foi a primeira vez que realmente teve consciência de carregar lembranças impossíveis de trazer à tona. Profundamente perturbado, voltou-se para Odrade, que estava de pé, delineada contra o sol da tarde:

— Há coisas de que não consigo lembrar.

— Um dia você se lembrará — ela disse.

Ele não podia ver sua face contra a luz brilhante, e suas palavras vinham tanto da enorme sombra como de Odrade.

Nesse ano começou a estudar a vida do Bashar Miles Teg, de cujas células tinha se originado. Odrade explicara algo a respeito disso, mostrando-lhe as unhas: — Tirei pequenos fragmentos de seu pescoço — células da pele, e elas tinham tudo o que precisávamos para dar-lhe a vida.

Havia algo de intenso a respeito dos pomares nesse ano, as frutas maiores e mais pesadas, as abelhas quase frenéticas.

— E por causa do deserto, que está aumentando lá embaixo, no sul — disse Odrade. Ela segurou sua mão enquanto caminhavam pela manhã fresca e orvalhada sob as macieiras em flor.

Teg olhou fixamente através das árvores, momentaneamente hipnotizado pelo efeito da luz do sol entre as folhas. Tinha estudado a respeito do deserto e achava que podia sentir seu peso nesse lugar. — As árvores percebem a aproximação do fim — Odrade disse. — A vida se desenvolve mais intensamente quando ameaçada.

— O ar está muito seco — ele salientou. — Deve ser o deserto.— Vê como algumas folhas ficaram pardas e curvadas nas extremidades? Tivemos que irrigar muito este ano.

Teg apreciava o fato de que ela nunca falava com ele de cima para baixo. Era principalmente de uma pessoa para outra. Observou o castanho retorcido das folhas. Era o deserto que fazia isso.

No fundo do pomar ouviram em silêncio os pássaros e os insetos. As abelhas que trabalhavam nos trevos de uma pastagem próxima vieram investigar, mas ele era imunizado por feromônio, como todos os que caminhavam livremente pela Sede. Elas passaram zumbindo por ele, sentiram os identificadores e foram embora para suas atividades na floração.

“Maçãs.” Odrade apontou para o oeste. “Pêssegos.” Sua atenção dirigiu-se para onde ela indicava. Ah, sim, havia cerejas a

leste, além das pastagens. Ele percebeu a resina desenhando nervuras nos galhos.

— As sementes e as mudas tinham sido trazidas para cá na não-nave original, há uns mil e quinhentos anos atrás — disse ela —

e tinham sido plantadas com um amoroso cuidado.

Teg visualizou mãos cavando a terra, batendo-a gentilmente ao redor das pequenas mudas, a irrigação cuidadosa, a cerca para manter o gado nos pastos selvagens que circundavam as primeiras plantações e os edifícios da Sede.

Por essa época ele já tinha começado a aprender a respeito do gigantesco verme da areia que a Irmandade tinha trazido secretamente de Rakis. A morte do verme tinha produzido criaturas chamadas trutas da areia. Era em função delas que o deserto se desenvolvia. Um pouco desta história estava ligada a relatos de sua encarnação anterior — um homem que elas chamavam de “O

Bashar”. Um grande soldado morto quando as terríveis mulheres denominadas Honradas Madres destruíram Rakis.

Teg achou esses estudos ao mesmo tempo fascinantes e perturbadores. Sentia lacunas em si, lugares onde as lembranças deveriam estar. Essas lacunas desafiavam-no em sonhos. E, às vezes, em devaneio, surgiam rostos diante de si. Quase podia ouvir-lhes as palavras. E então, havia ocasiões em que sabia os nomes das coisas antes que lhe dissessem. Especialmente nomes de armas.Coisas significativas cresciam em sua consciência. O planeta inteiro ia tornar-se um deserto, uma mudança foi iniciada porque as Honradas Madres queriam matar essas Bene Gesserit que o criavam.

As Reverendas Madres que controlavam sua vida muitas vezes se intimidavam com ele — vestidas de preto, austeras, olhos absolutamente sem nenhum branco, o azul dentro do azul. Era a especiaria que fazia isso, diziam.

Apenas Odrade lhe demonstrava algo que ele tomava por real afeição, e Odrade era alguém *muito* importante. Todos a chamavam de Madre Superiora, e assim ela lhe disse para chamá-

la, a não ser quando estivessem sozinhos nos pomares. Então ele podia chamá-la de Mãe.

Durante um passeio matinal, num período próximo da colheita, em seu nono ano de vida, bem na terceira elevação do pomar de macieiras ao norte da Central, eles chegaram a uma depressão pouco profunda, sem árvores e com uma profusão de plantas diferentes. Odrade pôs a mão em seu ombro e segurou-o onde eles podiam admirar as alpondras negras numa trilha sinuosa, através de pequenas flores e densa folhagem. Estava numa estranha disposição de espírito. Ele sentiu isso em sua voz.

— A propriedade é uma questão interessante — ela disse. —

Nós possuímos este planeta ou é ele que nos possui?

— Gosto dos cheiros daqui — ele disse.

Ela o soltou e impeliu-o gentilmente para adiante. — Aqui nós plantamos para o olfato, Miles. Ervas aromáticas. Estude-as cuidadosamente e procure-as nos livros quando voltar à biblioteca.

Oh! Pise mesmo nelas — encorajou-o, quando ele começou a evitar uma trepadeira em seu caminho.

Ele comprimiu o pé direito firmemente nas gavinhas verdes e aspirou seu aroma penetrante.

— Elas foram feitas para serem pisadas e nos darem seu aroma. As Instrutoras têm ensinado a você como lidar com a nostalgia. Disseram-lhe que ela é dirigida pelo sentido do olfato?

— Sim, Mãe. — Voltando-se para olhar o lugar onde tinha pisado, disse: — Isto é alecrim.

— Como sabe? — ela perguntou com intensidade. Ele encolheu os ombros. — Eu sei, simplesmente.

— Pode ser uma lembrança original. — Ela parecia contente.

Enquanto continuavam sua caminhada no vale aromático, Odrade ficou pensativa. — Cada planeta tem seu próprio caráter, onde

desenhamos modelos da Velha Terra. Às vezes é apenas um pálido esboço, mas aqui tivemos sucesso.

Ajoelhou-se e puxou um galho fino de uma planta verde-ácido. Esmagou-o nos dedos e chegou-o até o nariz. “Salva.”

Era isso mesmo, mas ele não podia dizer como sabia.

— Senti esse cheiro na comida. E como a melange?

— Melhora o sabor, mas não muda a consciência. —

Levantou-se e olhou para ele do alto de sua estatura. — Marque bem este lugar, Miles. Nossos mundos ancestrais se foram, mas aqui recapturamos parte de nossas origens.

Ele sentiu que ela estava lhe ensinando algo importante.

— Por que você se perguntou se este planeta nos possuía?

— Minha Irmandade acredita que sejamos administradoras da terra. Sabe o que são administradores?

— Como Roitiro, o pai do meu amigo Yorgi. Ele diz que sua irmã mais velha será a administradora da plantação deles um dia.

— Isso mesmo. Temos uma residência mais longa em alguns planetas do que qualquer outro povo conhecido, mas somos apenas administradoras.

— Se vocês não possuem á Sede, quem a possui?

— Talvez ninguém. Minha pergunta é: como nos marcamos mutuamente, minha Irmandade e este planeta?

Ele olhou para o rosto dela e depois para suas próprias mãos. Estaria a Sede marcando-o exatamente agora?

— A maioria das marcas são profundas dentro de nós. — Ela tomou sua mão. — Venha. — Saíram do vale aromático e subiram ao domínio de Roitiro, Odrade falando enquanto caminhavam.

— A Irmandade raramente cria jardins botânicos. Os jardins devem dar suporte a muito mais do que olhos e olfato.

— Alimento?

— Sim, apoio a nossas vidas em primeiro lugar. Os jardins produzem alimento. A plantação desse vale aí atrás destina-se a nossas cozinhas.

Miles sentiu sua voz fluir para dentro dele, alojando-se entre as lacunas. Teve a percepção do planejamento para séculos adiante: árvores para substituir vigas e reter bacias hidrográficas, plantas para impedir a queda das margens de rios e lagos, para proteger o solo contra a chuva e o vento, para manter praias, e mesmo nas águas, propiciando locais para a reprodução de peixes.

A Bene Gesserit também pensou em árvores para sombra e abrigo, ou para lançar formas sombreadas interessantes nos gramados.

— Arvores e plantas para todas as nossas relações simbióticas — disse ela.

— Simbióticas? — Era uma palavra nova.

Ela usou um exemplo conhecido dele — sair com os outros para colher cogumelos.

— Os cogumelos não crescem a não ser em companhia de raízes amigas. Cada um tem uma relação simbiótica com uma planta especial. Tudo o que cresce tira de outro algo de que necessita.

Como a explicação se alongasse, ele, aborrecido, chutou uma moita de capim. Viu-a, então, olhar para ele com aquele jeito inquietante.

Tinha feito uma coisa ofensiva. Por que era certo pisar numa planta e não em outra?

— Miles! O mato impede que o solo seja levado pelo vento para lugares difíceis como o fundo dos rios.

Conhecia esse tom. Reprimenda. Abaixou os olhos para a planta que tinha maltratado.

— Este capim alimenta nosso gado. Alguns têm sementes que comemos no pão e em outros alimentos. Certos tipos de taquara quebram o vento.

Ele sabia *disso!* Tentando distraí-la, soletrou: — Que-brar o ven-to? Odrade não sorriu, e ele viu seu erro em pensar que podia enganá-la. Resignado, dispôs-se a ouvir a lição.

— Quando o deserto viesse — continuou ela — as uvas, com suas raízes principais enterradas a centenas de metros no chão, seriam provavelmente as últimas a desaparecer. Os pomares morreriam em primeiro lugar.

— Por que eles têm de morrer?

— Para dar lugar a uma forma mais importante de vida.

— Vermes da areia e melange.

Percebeu seu agrado por ele ter demonstrado conhecer a relação entre os vermes da areia e a especiaria de que as Bene Gesserit precisavam para sua existência. Não sabia ao certo como essa necessidade funcionava, mas imaginou um círculo: “vermes da areia, trutas da areia e melange, repetindo-se nessa ordem”. E a Bene Gesserit tomava desse círculo o que precisava.

Eleja estava cansado com todo esse ensinamento.

— Se todas essas coisas vão morrer de qualquer forma, porque tenho de voltar à biblioteca e aprender seus nomes?

— Porque você é humano, e os humanos têm esse desejo profundo de classificar, de dar rótulos a tudo.

— Por que temos de dar nome a coisas como essa?

— Porque desse modo temos o direito de reivindicar o que denominamos. Pretendemos uma posse que pode ser enganadora e perigosa.

Então ela estava de volta à “propriedade”.

— Minha rua, meu lago, meu planeta — ela disse. — Meu rótulo para sempre. O rótulo que se dá a um lugar ou a uma coisa pode nem mesmo durar o tempo de uma vida, a não ser como um apaziguante dado pelos conquistadores... ou como um som para ser lembrado com medo.

— Duna — ele disse.

— Você é rápido!

— As Honradas Madres queimaram Duna.

— Elas farão o mesmo conosco, quando nos encontrarem.

— Não se eu for o seu Bashar! — As palavras saíram sem pensar, mas uma vez pronunciadas, sentiu que poderiam conter uma certa verdade. Relatos na biblioteca diziam que o Bashar tinha feito os inimigos tremerem simplesmente pelo seu aparecimento no campo de batalha.

Como se soubesse o que ele estava pensando, Odrade disse: — O Bashar Teg era igualmente famoso por criar situações onde as batalhas não eram necessárias.

— Mas ele combateu seus inimigos.

— Nunca se esqueça de Duna, Miles. Ele morreu lá.

— Eu sei.

— As Instrutoras já o fizeram estudar Caladan?

— Sim. É chamada de Dan em minhas histórias.

— Rótulos, Miles. Os nomes são interessantes como lembretes, mas a maioria das pessoas não faz outras conexões.

História cansativa, não? Nomes — sugestões convenientes, úteis, principalmente em sua própria espécie.

— Você é da minha espécie? — Essa era uma pergunta que o perseguia, embora não tivesse sido formulada até esse instante. “

— Somos Atreides, você e eu. Lembre-se disso, quando retornar a seu estudo de Caladan.

Quando voltaram pelos pomares e pastagens até a colina que lhes dava um excelente ponto de observação, com a vista da Central através dos galhos, Teg viu o complexo administrativo rodeado de plantações com uma nova sensibilidade. Manteve-a consigo enquanto desciam a alameda cercada que conduzia ao arco de entrada da Primeira Rua.

— Uma jóia viva. — Era como Odrade chamava a Central.

Quando passaram sob o arco, ele olhou para o nome da rua gravado a fogo. O Galach, em elegantes linhas fluidas, no estilo decorativo das Bene Gesserit. Todas as ruas e todos os edifícios eram rotulados na mesma letra cursiva.

Olhando em volta de si na Central, as águas oscilantes na praça à frente deles, os detalhes graciosos, ele sentiu a profundidade da experiência humana. As Bene Gesserit tinham cuidado deste lugar de um modo que ele não compreendia bem.

Coisas reunidas em estudos e em excursões ao pomar, coisas simples e complexas, apareceram sob nova luz. Era uma resposta

Mentat latente, mas ele não sabia disso, sentindo apenas que sua memória infatigável tinha modificado e reorganizado algumas relações. Parou de repente e olhou para trás, para o caminho que tinham percorrido — o pomar lá fora, enquadrado pelo arco da rua coberta. Tudo estava relacionado. O escoadouro da Central produzia metano e fertilizante. (Ele tinha acompanhado a planta com uma Instrutora.) O metano fazia funcionar as bombas e fornecia energia para uma parte da refrigeração.

— Para onde está olhando, Miles?

Ele não sabia como responder. Mas lembrava-se de uma tarde de outono, quando Odrade o tinha levado num vôo sobre a Central num tóptero, para falar-lhe a respeito dessas relações e dar-lhe uma "visão panorâmica". Apenas palavras, na ocasião, mas que agora faziam sentido.

— Tão próximo de um círculo ecológico fechado quanto podemos criar — Odrade tinha dito no tóptero. — As pessoas nas órbitas da Meteorologia o controlam e comandam suas linhas de fluxo. — Por que você está aí, olhando para os pomares, Miles? —

Sua voz estava cheia de imperativos contra os quais ele não tinha defesa.— No ornitóptero você disse que era bonito, mas perigoso.

Tinham viajado apenas uma vez juntos no ornitóptero. Ela entendeu a referência imediatamente. "O círculo ecológico." Virou-se para ela, esperando.

— Fechado — disse ela. — Como é tentador levantar altas paredes e deixar de fora a mudança. Apodrecer aqui, na auto-satisfação do nosso próprio conforto.

Suas palavras o encheram de inquietação. Sentiu que já as tinha ouvido antes... em algum outro lugar, com uma outra mulher segurando sua mão.

— Qualquer tipo de fechamento é um terreno fértil para o ódio dos estranhos. Isso produz uma colheita amarga.

Não exatamente as mesmas palavras, mas a mesma lição.

Ele caminhava devagar ao lado de Odrade, sua mão suada na dela. — Por que está tão quieto, Miles?

— Vocês são fazendeiras — disse ele. — É realmente isso que vocês, Bene Gesserit, fazem.

Ela viu imediatamente o que tinha acontecido. O treinamento Mentat irrompendo sem que ele soubesse. Melhor não explorar isso ainda. — Estamos ligadas a tudo que cresce, Miles. Foi uma boa percepção sua, ter visto isso.

Quando se separaram, ela para retornar a sua torre, ele para os alojamentos na escola, Odrade disse: — Vou falar com suas Instrutoras para que coloquem mais ênfase nos usos sutis do poder.

Ele entendeu mal. — Eu já estou treinando com armas laser.

Dizem que sou bom.

— Foi o que ouvi. Mas há armas que não se podem segurar com as mãos. Apenas com a mente.

As regras constroem fortificações atrás das quais as mentes pequenas criam satrapias. Um perigoso estado de coisas nos melhores tempos, desastroso durante as crises.

— *O Coda Bene Gesserit*

Escuridão infernal no quarto de dormir da grande Honrada Madre. Logno, uma Grande Dama e a ajudante mais antiga de Sua Alteza, entrou através do vestíbulo sem iluminação, como tinha sido convocada, e, vendo a escuridão, estremeceu. Essas conferências no escuro a aterrorizavam, e ela sabia que a Grande Honrada Madre tinha prazer com isso. Entretanto, não poderia ser o único

motivo para a escuridão. A Grande Honrada Madre teria medo de um ataque? Muitas Altezas tinham sido depostas na cama. Não...

não era simplesmente esse fato, embora isso pudesse pesar na escolha do ambiente.

Grunhidos e gemidos na escuridão.

Algumas Honradas Madres diziam, escondendo o riso, que a Grande Honrada Madre tinha a ousadia de acolher um Futar em seu leito. Logno achou possível. Essa Grande Honrada Madre ousava muitas coisas. Não tinha ela salvo algumas das Armas do desastre da Dispersão? Entretanto, Futares? As Irmãs sabiam que os Futares não podiam ser aprisionados pelo sexo. Pelo menos, não sexo com os humanos. No entanto, esse podia ser o modo como os Inimigos das Mil Faces o faziam. Quem podia saber?

Havia um cheiro de pêlo no quarto. Logno fechou a porta atrás de si e esperou. A Grande Honrada Madre não gostava de ser interrompida em nada que estivesse fazendo aí nessa escuridão protetora. “Mas ela permite que eu a chame de Dama.”

Um outro gemido, e então: — Sente-se no chão, Logno. Sim, aí perto da porta.

“Será que ela realmente me vê ou apenas adivinha?”

Logno não tinha a coragem de testá-lo. “Veneno. Eu a pegarei com isso algum dia. Ela é cautelosa, mas pode se distrair.”

Embora suas Irmãs pudessem olhar a idéia com desprezo, veneno era um instrumento de sucessão aceito... desde que o sucessor tivesse outros meios de ascendência.

— Logno, esses Ixianos com quem você falou hoje. O que eles dizem da Arma?

— Eles não entendem sua função, Dama. Eu não lhes disse o que era.

— É lógico que não.

— Sugere novamente que a Arma e a Carga sejam unidas?

— Está caçoando de mim, Logno?

— Dama! Eu nunca faria tal coisa.

— Espero que não.

Silêncio. Logno entendeu que ambas consideravam o mesmo problema. Somente trezentas unidades da Arma sobreviveram ao desastre. Cada uma podia ser usada apenas uma vez, desde que o Conselho (que detinha a Carga) concordasse em armá-los. A Grande Honrada Madre, que tinha o controle da Arma propriamente dita, possuía apenas a metade desse poder terrível. A Arma sem a Carga era apenas um tubo preto a ser manejado manualmente.

Com sua Carga, podia cortar o espaço de seu alcance limitado num golpe rápido de morte sem sangue.

— Os das Muitas Faces — murmurou a Grande Honrada Madre. Logno fez um sinal com a cabeça na direção de onde o murmúrio tinha se originado, no escuro.

‘Talvez ela possa me ver. Não sei o que mais ela salvou ou o que os Ixianos possam ter-lhe dado.”

E Os das Muitas Faces, amaldiçoados sejam pela eternidade, tinham causado o desastre. Eles e seus Futares. A facilidade com que quase todas as Armas tinham sido confiscadas! Terríveis poderes! “Precisamos nos armar bem, antes de retornarmos a essa batalha. Dama está certa.”

— Esse planeta, Buzzel — disse a Grande Honrada Madre.

— Tem certeza de que não é defendido?

— Não detectamos nenhuma defesa. Os Contrabandistas dizem que não.

— Mas é tão rico em Pedras suaves!

— Aqui, no Antigo Império, as pessoas raramente ousam atacar as bruxas.

— Não acredito que haja apenas um punhado delas nesse planeta! É uma armadilha de algum tipo.

— Isso sempre é possível, Dama.

— Não confio em contrabandistas, Logno. Aprisione mais alguns deles e teste novamente essa coisa de Buzzel. As bruxas podem ser fracas, mas não acredito que sejam burras.

— Sim, Dama.

— Diga aos Ixianos que eles nos desagradarão, se não puderem duplicar a Arma.

— Mas sem a Carga, Dama...

— Lidaremos com isso quando for necessário. Agora, saia.

Logno ouviu um Ssssiim sibilante quando saiu. Mesmo a obscuridade do vestíbulo era bem-vinda depois daquele quarto, e ela correu em direção à luz.

Tendemos a nos tornar o que há de pior em nossos oponentes.

— *O Coda Bene Gesserit*

“As imagens da água novamente!”

“Estamos transformando todo este maldito planeta em deserto, e eu tenho imagens de água!”

Odrade estava sentada em seu gabinete, tendo à sua volta o costumeiro tumulto matinal, e sentiu a Filha do Mar boiando nas ondas que a banhavam. As ondas tinham a cor do sangue. Sua Filha do Mar antecipava tempos sangrentos.

Ela conhecia o origem de tais imagens: o tempo anterior àquele em que as Reverendas Madres dominavam sua vida; sua infância na bela casa no litoral de Gammu. A despeito de suas preocupações imediatas, não pôde evitar um sorriso. Ostras preparadas por Papai. Seu prato preferido ainda hoje.

O que ela mais lembrava da infância eram as excursões marítimas. Algo relacionado com estar flutuando falava à sua parte mais íntima. O subir e descer das ondas, o sentido de horizontes sem limites com lugares novos e desconhecidos para além da curva do mundo aquático, a emocionante extremidade do perigo implícito na própria substância que lhe dava suporte. Tudo isso combinado para dar-lhe certeza de que ela era Filha do Mar.

Papai era mais calmo lá também. E Mamãe Sibia mais feliz, com a face voltada para o vento, o cabelo escuro esvoaçando. Um senso de equilíbrio irradiava-se desses tempos, uma mensagem tranqüilizadora falada em uma linguagem mais antiga que a mais antiga de suas Outras Memórias. “Este é o meu lugar, meu meio. Eu sou Filha do Mar.” .

Seu conceito pessoal de sanidade vinha daqueles tempos. “A capacidade de equilibrar-se em mares estranhos. A capacidade de manter seu eu mais profundo, apesar das ondas inesperadas.”

Mamãe Sibia tinha dado a Odrade essa capacidade muito antes que as Reverendas Madres viessem e levassem sua

“descendente Atreides oculta”. Mamãe Sibia, apenas uma mãe adotiva, tinha ensinado a Odrade o amor a si mesma.

Numa sociedade Bene Gesserit, onde qualquer forma de amor era suspeita, isto permaneceu como seu segredo supremo.

“No íntimo, sou feliz comigo mesma. Não me importo de estar só.” Não que alguma Reverenda Madre estivesse alguma vez só, verdadeiramente, depois que a agonia da especiaria a tivesse inundado com Outras Memórias.

Porém Mamãe Sibia e, sim, Papai também, agindo como pais pelas Bene Gesserit, tinham impresso à sua custódia uma força profunda durante aqueles anos ocultos. As Reverendas Madres limitaram-se a ampliar essa força.

As Instrutoras tinham tentado extirpar de Odrade seu “desejo profundo de afinidades pessoais”, mas acabaram por fracassar, sem saber inteiramente que o tinham feito, mas sempre com uma certa suspeita. Elas a tinham enviado finalmente a Al Dhanab (um local deliberadamente mantido como uma imitação do que havia de pior em Salusa Secundus) para que fosse condicionada num planeta de testagem constante. Um lugar pior que Duna sob certos aspectos: altos penhascos e desfiladeiros secos, ventos quentes e frígidos, umidade demais e de menos. A Irmandade tinha pensado nele como um adequado campo de provas para aqueles destinados a sobreviver em Duna. Mas nada disso tinha tocado aquele núcleo secreto dentro de Odrade. A Filha do Mar permaneceu intacta.

“E é a Filha do Mar que está me prevenindo agora.”

Foi um aviso presciente?

Ela sempre tinha tido esse “pequeno talento”, essa pequena contração que a prevenia sobre o perigo imediato para a Irmandade.

Os genes Atreides lembravam-na de sua presença. Era uma ameaça à Sede? Não... a dor que ela não podia tocar dizia que eram outros em perigo. No entanto, importante.

“Lâmpadas?” Seu pequeno talento não podia dizer.

As Mestras Procriadoras tinham tentado apagar esta perigosa presciência de sua linhagem Atreides, mas com sucesso limitado.

“Não podemos nos arriscar a um outro Kwisatz Haderach!” Elas sabiam desta peculiaridade em sua Madre Superiora, mas a última predecessora de Odrade, Taraza, tinha aconselhado “um cauteloso uso de seu talento”. Sua idéia era que a presciência de Odrade só funcionava para alertá-la sobre os perigos que ameaçavam a Bene Gesserit.

Odrade concordava. Experimentava momentos indesejados em que tinha lampejos de ameaças. Lampejos. E ultimamente ela sonhava.

Era um sonho vividamente recorrente, cada sentido sintonizado com a iminência dessa coisa que ocorria em sua mente.

Ela caminhava sobre um abismo numa corda bamba e alguém (não tinha coragem de voltar-se para ver quem era) vinha por trás com um machado para cortar a corda. Podia sentir o trançado áspero da

fibra sob os pés descalços. Sentia um vento frio soprando, um cheiro de queimado nesse vento. E *sabia* que a pessoa com o machado se aproximava!

Cada passo perigoso exigia toda a sua energia. Um passo!

Outro! A corda oscilava e ela esticava os braços para os lados, lutando pelo equilíbrio.

“Se eu cair, a Irmandade cairá.”

A Bene Gesserit acabaria no abismo abaixo da corda. Como tudo que vive, a Irmandade deve terminar algum dia. Uma Reverenda Madre não ousava negá-lo.

“Mas não aqui. Não caindo com a corda rompida. Não devemos permitir que a corda seja cortada. Preciso atravessar o abismo antes que venha á pessoa do machado.Preciso! Preciso!”

O sonho sempre terminava aí, sua própria voz soando no ouvido, quando acordava no quarto de dormir. Gelada. Nenhuma transpiração. Mesmo nos espasmos do pesadelo, as restrições das Bene Gesserit não permitiam excessos desnecessários.

“O corpo não precisa de transpiração? O corpo não a produz.”Sentada em seu gabinete, lembrando-se do sonho, Odrade sentiu a profundeza da realidade por trás dessa metáfora da leve corda: “o fio delicado sobre o qual carrego o destino de minha Irmandade”. A Filha do Mar sentiu o pesadelo próximo e interferiu com imagens de águas sangrentas. Esse não era um aviso banal.

Agourento. Ela desejava levantar-se e gritar: — Dispersem-se no mato, crianças. Corram. Corram.

E como isso chocaria as vigilantes!

As obrigações de uma Madre Superiora exigiam que mostrasse um semblante adequado, encobrindo seus medos, e agisse como se nada importasse, a não ser as decisões formais diante de si. Deve-se evitar o pânico! Não que alguma de suas decisões imediatas fosse verdadeiramente trivial nesses tempos.

Mas exigia-se um comportamento calmo.

Algumas de suas crianças já estavam correndo, saindo para o desconhecido. Vidas compartilhadas em Outras Memórias. O

resto delas aqui na Sede saberia quando correr. “Quando formos

descobertas.” Seu comportamento seria então governado pelas necessidades do momento. Tudo o que realmente importava era seu magnífico treinamento. Essa era sua preparação mais confiável.

Cada nova célula Bene Gesserit, onde quer que fosse no fim, estava preparada, assim como a Sede: destruição total, de preferência à submissão. O fogo clamoroso iria empanturrar-se de registros e

carne preciosa. Tudo que um captor poderia achar seriam escombros inúteis: cacos retorcidos salpicados de cinzas.

Algumas Irmãs da Sede poderiam escapar. Mas a fuga no momento do ataque — como era fútil!

Pessoas importantes compartilhavam a Outra Memória, de qualquer forma. Preparação. A Madre Superiora evitava isso. *Uma questão de estado de espírito.*

“Para onde correr? Quem poderia escapar? Quem poderia ser capturado?” Essas eram as perguntas reais. E se eles capturassem Sheeana lá embaixo, à beira do deserto, esperando por vermes da areia que poderão nunca aparecer? Sheeana e os vermes da areia: uma potente força religiosa que as Honradas Madres talvez soubessem como explorar. E se as Honradas Madres capturassem o ghola-Idaho ou o ghola-Teg? Poderia nunca mais haver refúgio, se uma dessas possibilidades ocorresse.

“E se? E se?”

Deu expressão a sua frustração irada: — Quisera que tivéssemos matado Idaho no momento em que o tivemos! Não deveríamos nunca ter criado o ghola-Teg.

Somente as integrantes do Conselho, consultoras imediatas e algumas vigilantes participavam de sua suspeita. Reprimiam-na com reservas. Nenhuma delas sentia-se realmente segura a respeito dos dois gholas, mesmo depois de terem minado a não-nave, tornando-a vulnerável ao fogo clamoroso.

Naquelas últimas horas antes de seu sacrifício heróico, teria Teg sido capaz de ver o invisível (inclusive as não-naves?) “Como ele sabia onde nos encontrar no deserto de Duna?”

E se Teg podia fazê-lo, o perigoso talento de Idaho, com suas incontáveis gerações de genes Atreides (e outros, desconhecidos)

poderia também desenvolver essa capacidade. “Eu mesma poderia!”

Com um repentino e surpreendente *insight,* Odrade compreendeu, pela primeira vez, que Tamalane e Bellonda espreitavam sua Madre Superiora com os mesmos temores que Odrade sentia ao observar os dois gholas.

O simples fato de saber que podia ser feito — que um humano poderia ser sensibilizado para detectar não-naves e outras formas de proteção — teria um efeito desequilibrador em seu universo. Isso poria certamente as Honradas Madres em fuga. Havia incontáveis descendentes de Idaho soltos no universo. Ele queixava-se de que não era nenhum maldito garanhão da Irmandade, mas tinha atuado em seu favor muitas vezes.

“Sempre pensando que estava agindo em seu próprio interesse. E talvez estivesse.”

Qualquer descendente desta linha principal dos Atreides poderia ser dono desse talento, que o Conselho suspeitava ter vindo a florescer em Teg.

Para onde iam os meses e anos? E os dias? Uma nova estação de colheita, e a Irmandade permanecia em seu terrível limbo. A manhã já ia quase a meio, compreendeu Odrade. Os sons e cheiros da Central fizeram-se sentir. Pessoas lá fora, no corredor.

Frango e repolho sendo preparados na cozinha comum. Tudo normal.O que era normal para alguém que se demorava em imagens de água durante o trabalho? A Filha do Mar não podia esquecer Gammu, os cheiros, a substância das algas marinhas sopradas pela brisa, o ozônio que propiciava a respiração rica em oxigênio, e a esplêndida liberdade daqueles que a rodeavam, tão visível no modo como caminhavam e falavam. A conversação no mar era mais profunda, de um modo que ela nunca tinha explorado. Mesmo o bate-papo inconseqüente tinha seus elementos

subterrâneos, uma elocução oceânica que fluía com as correntes submersas.

Odrade sentiu-se compelida a lembrar-se de seu próprio corpo flutuante naquele mar da infância. Precisava recapturar as

forças que tinha conhecido nessa ocasião, assumir as qualidades fortalecedoras aprendidas em tempos inocentes.

Com a face voltada para a água salgada, prendendo a respiração tanto quanto podia, ela flutuava num “agora” banhado pelo mar que purgava seus desgostos. Era o gerenciamento do estresse reduzido à sua essência. Uma grande calma a inundou.

“Flutuo, logo sou.”

A Filha do Mar avisou, e a Filha do Mar restaurou. Sem nunca admiti-lo, ela precisava desesperadamente dessa restauração.

Odrade tinha olhado para seu próprio rosto espelhado numa janela do escritório na noite anterior, chocada pelo modo como a idade e as responsabilidades se combinaram com a fadiga para sugar-lhe as faces e curvar para baixo os cantos da boca: os lábios sensuais mais finos, as curvas suaves do rosto alongadas. Somente os olhos de azul dentro do azul chamejavam com sua costumeira intensidade, e ela era ainda alta e musculosa.

Obedecendo a um impulso, pressionou as teclas de projeção e fixou o olhar nas imagens acima da mesa: a não-nave pousada no espaçoporto da Sede, uma saliência de misteriosa maquinaria à parte do Tempo. Pelos anos de sua semidormência tinha causado uma depressão numa grande área na planície de aterrissagem, tornando-se quase cunhada no local. Era uma grande protuberância, seus motores funcionando num tique-taque apenas suficiente para escondê-la de pesquisadores prescientes, especialmente dos Navegadores da Corporação, que teriam um prazer singular em trair as Bene Gesserit.

Por que ela teria invocado essa imagem logo agora?

Em razão das três pessoas lá aprisionadas — Scytale, o último Mestre Tleilaxu sobrevivente; Murbella e Duncan Idaho, o par sexualmente aprisionado, ambos tão presos pelo seu mútuo vínculo como pela não-nave.

“Nada simples, nenhum deles.”

Raramente havia explicações simples para qualquer empreendimento das Bene Gesserit. A não-nave com seu conteúdo mortal poderia ser apenas classificada como um esforço dos mais

importantes. Dispendioso. Muito dispendioso em energia, mesmo na sua qualidade de recurso de prontidão.

A aparência de distribuição parcimoniosa em toda essa despesa denotava crise de energia. Uma das preocupações de Bell.

Podia-se senti-la em sua voz, mesmo quando se mostrava mais objetiva: — Já estamos nos ossos, e nada para cortar! — Todas as Bene Gesserit sabiam que os olhos vigilantes da Contabilidade estavam sobre elas nesses dias, numa atitude crítica em relação à dissipação do vigor da Irmandade.

Bellonda entrou na sala em passos largos, sem se fazer anunciar, com um rolo de registros de cristal riduliano sob o braço esquerdo. Caminhava como se odiasse o solo, batendo o pé com força sobre ele, como se dissesse: Tome aí! E mais! Mais esse!

Batendo no chão por ele ser culpado de estar sob seus pés.

Odrade sentiu um aperto no peito quando viu o olhar de Bellonda. Os registros foram atirados sobre a mesa com um sonoro

“plaft”. — Lâmpadas — disse Bellonda, e havia agonia em sua voz.

Odrade não precisou abrir o rolo. “A água sangrenta da Filha do Mar acaba de tornar-se realidade.”

— Sobreviventes? — Sua voz soou tensa.

— Nenhum. — Bellonda despencou na cadeira-cão que mantinha ao lado da mesa de Odrade.

Tamalane entrou nesse momento e sentou-se atrás de Bellonda. Ambas pareciam atingidas.

“Nenhum sobrevivente.”

Odrade permitiu-se um estremecimento lento, que foi do peito até as solas dos pés. Não se importava que as outras vissem essa reação reveladora. Esta sala tinha visto comportamentos piores das Irmãs.
— Quem relatou?

— As notícias vieram através de nossos espiões CHOAM e tinham a marca especial. O Rabino forneceu a informação, não há a menor dúvida.

Odrade não sabia como responder. Lançou um olhar para a larga janela em arco, atrás de suas companheiras, vendo um suave

alvoroço de flocos de neve. Sim, as notícias merecidamente combinavam com o inverno, que comandava suas forças lá fora.

As irmãs da Sede estavam descontentes com a súbita entrada do inverno. A Meteorologia tinha sido forçada pelas necessidades a deixar a temperatura cair precipitadamente. Não houve o declínio gradual para o inverno, nenhuma gentileza para com as coisas que crescem, que agora tinham de passar pela dormência enregelante. O frio aumentava três ou quatro graus a cada noite. Façam tudo dentro de uma semana mais ou menos, e mergulhem-nas todas no gelo aparentemente interminável.

“Frio para combinar com as notícias sobre Lâmpadas.”

Um dos resultados dessa mudança de tempo era o nevoeiro.

Ela podia vê-lo dissipando-se, quando a breve lufada de neve terminou. Tempo muito confuso. Puseram o ponto de orvalho próximo à temperatura do ar, e o nevoeiro rolou para os pontos úmidos restantes. Levantava-se do chão em névoas de tule que vagavam pelos pomares sem folhas como um gás venenoso.

“Absolutamente nenhum sobrevivente?”

Bellonda sacudiu a cabeça de lado a lado em resposta ao olhar inquiridor de Odrade.

Lâmpadas — urna jóia na rede de planetas da Irmandade, terra da escola mais premiada, mais outra bola de cinzas sem vida, outra fusão endurecida. E o Bashar Alef Burzmali, com toda sua selecionada força de defesa. “Todos mortos?”

— Todos mortos — disse Bellonda.

Burzmali, o aluno favorito do Bashar Teg, morto, e nada se ganhou com isso. Lâmpadas — a maravilhosa biblioteca, os professores brilhantes, os primeiros alunos... tudo perdido.

— Até mesmo Lucilla? — Odrade perguntou. A Reverenda Madre Lucilla, vice-chanceler de Lâmpadas, tinha sido instruída a fugir ao primeiro sinal de problema, levando consigo tudo o que pudesse guardar na Outra Memória.

— Os espiões disseram que todos foram mortos — Bellonda insistiu. Era um sinal desalentador para as Bene Gesserit sobreviventes: — Vocês poderão ser as próximas!

Como podia uma sociedade humana ser anestesiada a tal brutalidade? Era o que Odrade se perguntava. Ela visualizou a notícia, na hora do café, em alguma base das Honradas Madres: —

Destruímos outro planeta dos Bene Gesserit. Dez milhões de mortos, dizem. Isso completa seis planetas este mês, não é mesmo? Passe o creme, por favor, querida.

Quase petrificada de horror, Odrade pegou o relatório e deu uma rápida olhada. “Veio do Rabino, sem dúvida alguma.” Depôs o relatório suavemente, e olhou para suas Conselheiras.

Bellonda — velha, gorda e rubicunda. Arquivista Mentat, usando óculos para ler, agora, sem dar importância ao que isso poderia revelar a seu respeito. Mostrou seus dentes rombudos numa larga careta que dizia mais que palavras. Tinha visto a reação de Odrade ao relatório. Bell poderia brigar mais uma vez pela retaliação na mesma moeda. Podia-se esperar essa atitude por parte de alguém que era valorizado por sua violência natural. Era preciso lançá-la de volta ao hábito Mentat, onde poderia ser mais analítica.

“A seu modo, Bell está certa”, pensou Odrade. “Mas ela não vai gostar do que tenho em mente. Preciso ser cautelosa com o que digo agora. É cedo demais para revelar meu plano.”

— Há certas circunstâncias em que a violência pode aplacar a violência — Odrade disse. — Devemos considerar essa questão cuidadosamente.

“É isso! A observação evitaria a explosão de Bellonda.”

Tamalane mexeu-se levemente na cadeira. Odrade olhou para a mulher mais velha. Tam, composta aí, em sua máscara de crítica paciência. Cabelos de neve acima da face estreita: a aparência de uma sabedoria de muitos anos.

Viu, através da máscara de extrema severidade de Tam, a atitude reveladora de seu desagrado por tudo que via e ouvia.

Em contraste com a suave superfície da carne de Bell, havia uma solidez óssea em Tamalane. Ela ainda se mantinha em forma, seus músculos tão bem tonificados quanto era possível. Em seus olhos, porém, estava presente algo que desmentia isso: “uma sensação de retirada, aí, retraindo-se da vida”. Oh, ela observava

ainda, mas a retirada final já fora iniciada. A afamada inteligência de Tamalane torna-se uma espécie de perspicácia, mais confiante em decisões e observações passadas do que nas coisas que ela via no presente imediato.

“Precisamos começar a preparar uma substituição. Será Sheeana, eu acho. Sheeana é perigosa para nós, mas demonstra ser uma grande promessa. E Sheeana foi iniciada em Duna.”

Odrade fixou o olhar nas sobrancelhas revoltas de Tamalane.

Elas tendiam a pender num desalinho que escondia as pálpebras.

“Sim. Sheeana para substituir Tamalane.”

Conhecedora dos problemas complexos que tinham a resolver, Tam aceitaria a decisão. No momento de anunciar o fato, Odrade sabia que apenas teria de chamar sua atenção para a enormidade da crise que atravessavam.

“Sentirei sua falta, maldição.”

Não se pode conhecer a História, a menos que se conheça como os líderes seguem seu curso. Todo líder exige que os estranhos perpetuem sua liderança. Examinem minha carreira: fui líder e estranho. Não pensem que simplesmente criei uma Igreja-

Estado. Essa era minha função como líder, e copiei modelos históricos. As artes bárbaras de meu tempo revelam-me como estranho. Poesia favorita: épica. Ideal dramático popular: heroísmo.

Dançarinos: totalmente abandonados. Estimulantes para fazer com que as pessoas sentissem o que eu lhes tirei. E o que foi que lhes tirei? O direito de escolher um papel na História.

— Leto II (O Tirano) Tradução Vether Bebe

“Vou morrer!”, Lucilla pensou.

“Por favor, queridas Irmãs, não deixem que isso aconteça antes que eu passe o precioso fardo que carrego na mente!”

“Irmãs!”

A idéia de família era raramente expressa entre as Bene Gesserit, mas existia. Num sentido genético, elas *eram* relacionadas. E em razão da Outra Memória, freqüentemente sabiam como. Não tinham necessidade de termos como “prima em segundo grau” ou “tia-avó”. Viam o parentesco como um tecelão vê o pano. Sabiam como a urdidura e a trama criavam o tecido.Uma palavra mais adequada que Família era o tecido das Bene Gesserit que formava a Irmandade, mas era o antigo instinto de Família que fornecia a urdidura.

Agora, Lucilla pensava em suas irmãs somente como Família. A Família precisava daquilo que carregava.

“Fui uma tola procurando refúgio em Gammu!”

Mas sua não-nave avariada não conseguiria arrastar-se mais longe. Que extravagância diabólica essa, a das Honradas Madres!

O ódio que isso implicava a enchia de terror.

Espalhar armadilhas mortais nas vias de fuga ao redor de Limpadas, deixando o perímetro das Dobras do Espaço semeado de não-globos, cada um contendo um projetor de campo e uma arma laser para disparar quando em contato. Quando o laser atingia o gerador Holzmann do não-globo, uma reação em cadeira liberava a energia nuclear. Bzzzz no campo de armadilhas, e uma explosão devastadora espalhava-se silenciosamente através da pessoa.

Dispendioso, mas eficiente! Um número suficiente de explosões

desse tipo, e até mesmo uma gigantesca Nave da Corporação tornar-se-ia um estropiado destroço no vácuo. O sistema de análise

defensiva de sua nave tinha penetrado a natureza da armadilha somente quando já era tarde demais, mas ela tivera sorte, supunha.

Não se sentia afortunada, enquanto olhava para fora da janela do segundo andar de uma isolada casa de fazenda, em Gammu. A janela estava aberta, e a brisa da tarde carregava o inevitável cheiro de óleo, uma coisa suja na fumaça de um fogo lá fora. Os Harkonem tinham deixado sua marca oleosa tão profundamente neste planeta que talvez nunca fosse removida.

Seu contato aqui era um médico aposentado Suk, mas ela o conhecia como muito mais, algo tão secreto que somente um número limitado de irmãs partilhava disso na Bene Gesserit. O

conhecimento estava numa classificação especial: “Os segredos dos quais não falamos, nem mesmo entre nós, porque isso nos faria mal. Os segredos que não passamos de Irmã para Irmã quando partilhamos nossas vidas, porque não há caminho aberto. Os segredos que não ousamos saber, até que surja uma necessidade!”

Lucilla tinha esbarrado nele em função de uma observação velada de Odrade.

— Sabe de uma coisa interessante a respeito de Gammu?

Mmmmmmmm. Existe lá uma sociedade inteira unida pela idéia de todos comerem alimentos consagrados. Um costume trazido por imigrantes nunca totalmente integrados. Isolam-se, mostram desagrado quanto à procriação fora do grupo, esse tipo de coisa.

Acendem o habitual detrito mítico, naturalmente: cochichos, rumores. Serve para isolá-los ainda mais. Precisamente o que eles querem.Lucilla sabia de uma antiga sociedade que se encaixava perfeitamente nessa descrição. Estava curiosa. A sociedade que tinha em mente chegara ao fim logo depois da Segunda Migração Interespacial. Uma consulta judiciosa aos Arquivos aguçou sua curiosidade ainda mais. Estilos de vida, descrições de rituais religiosos encobertos pelos rumores — especialmente os

candelabros — e a guarda de feriados especiais, uma proscrição do trabalho nessas ocasiões. E eles não estavam apenas em Gammu!

Certa manhã, aproveitando um período incomum de calma, Lucilla entrou na sala de trabalho para verificar sua “suposição projetiva”, algo que não era tão confiável quanto um equivalente Mentat, mas que era mais que uma teoria.

— Você tem um novo encargo para mim, acho eu.

— Vejo que andou consultando os arquivos.

— Pareceu-me uma atividade proveitosa neste momento.

— Fazendo associações?

— Uma suposição. “Essa sociedade secreta em Gammu —

eles são judeus, não são?”

— Você pode ter necessidade de informações especiais devido ao lugar para onde pretendemos designá-la. — Seu tom era extremamente casual.

Lucilla afundou na poltrona-cão de Bellonda, sem convite.

Odrade pegou um buril, rabiscou numa folha descartável e passou-a a Lucilla de um modo que a escondia dos televigias.

Lucilla percebeu a intenção e curvou-se sobre a mensagem, segurando-a bem atrás do escudo formado por sua cabeça.

— Sua suposição está correta. Você deve preferir morrer a revelá-la. Esse é o preço da cooperação deles, uma grande prova de confiança. — Lucilla destruiu a mensagem.

Odrade usou identificação de olhos e de palma para descerrar um painel na parede atrás de si. Removeu um cristal riduliano e entregou-o a Lucilla. Estava quente, mas ela sentiu um calafrio. O

que poderia ser tão secreto? Odrade tirou o capacete de segurança de sob a mesa e girou o eixo na posição.

Lucilla deixou cair o cristal no receptáculo com a mão trêmula e puxou o capacete sobre a cabeça. Imediatamente as palavras se formaram em sua mente, e ela reconheceu sotaques extremamente antigos: — As pessoas que chamaram sua atenção são os judeus.

Eles tomaram uma decisão defensiva há eras passadas. A solução para os massacres recorrentes era desaparecer da vista do público.

As viagens espaciais tornaram isso não só possível, como atraente.

Esconderam-se em inúmeros planetas — sua própria Dispersão —

e provavelmente têm planetas onde somente seu povo vive. Isso não significa que eles tivessem abandonado as práticas

antiqüíssimas nas quais se especializaram por necessidade de sobrevivência. A antiga religião seguramente persiste, embora um pouco alterada. É provável que um rabino dos tempos antigos não se sinta deslocado diante do candelabro do Sabá de uma casa judia moderna. Mas seu sigilo é tal, que você poderia trabalhar a vida inteira ao lado de um judeu e nunca suspeitar do fato. Eles o chamam de “Cobertura Completa”, embora conheçam seus perigos.

Lucilla aceitou isso sem questionar. Isso que era tão secreto seria reconhecido como perigoso por qualquer um que ao menos suspeitasse de sua presença. “Do contrário, por que eles manteriam um segredo tão grande? Porquê?”

O cristal continuou a despejar segredos em sua consciência.

— Diante da ameaça de descoberta, eles têm uma reação padrão:

“Nós procuramos a religião de nossas raízes. É um renascimento, trazendo o que há de melhor em nosso passado.”

Lucilla conhecia esse padrão. Havia sempre “renovadores malucos”. Isso era garantido para aplacar a maior parte da curiosidade. — Eles? Oh, são mais um bando de restauradores!

— O sistema de dissimulação (continuava o cristal) não teve sucesso conosco. Temos nossa própria herança judia bem documentada e um fundo da Outra Memória para nos revelar as razões do sigilo. Não interferimos na situação até que eu, Madre Superiora durante e após a batalha de Corrino (antiqüíssimo, de fato), vi que nossa Irmandade necessitava de uma sociedade secreta, um grupo que compreendesse nossas solicitações de ajuda. Lucilla sentiu um impulso de ceticismo. *Solicitações?* A antiga Madre Superiora tinha antecipado o ceticismo. — De vez em quando fazemos exigências que eles não podem evitar. Mas eles também fazem as suas.

Lucilla sentiu-se imersa na mística dessa sociedade oculta.

Era mais que ultra-secreta. Suas desajeitadas indagações nos Arquivos tinham suscitado rejeições, na maioria das vezes. —

Judeus? O que é isso? Oh, sim uma antiga seita. Procure você mesma. Não temos tempo para pesquisas ociosas sobre religião.

O cristal tinha mais a divulgar: — Os judeus acham divertido, e às vezes espantoso, o que interpretam como sendo nossa

imitação deles. Nossos registros de procriação dominados pela linha feminina para controlar o padrão de acasalamento são vistos como judeus. Você será judia somente se sua mãe for judia.

O cristal finalizou: — A diáspora será lembrada. Guardar este segredo envolve nossa mais profunda honra. Lucilla ergueu o capacete da cabeça.

— Você é uma excelente escolha para uma tarefa muito delicada em Lâmpadas — Odrade tinha dito, recolocando o cristal em seu

esconderijo. “Isto é passado, e provavelmente morto. Veja ao que me trouxe a *missão delicada* de Odrade!”

Do lugar onde estava na casa de fazenda de Gammu, Lucilla percebeu que um grande carro de transporte de mercadorias tinha entrado no local. Havia um alvoroço de atividade lá embaixo. Os trabalhadores vinham de todos os lados para lançar no carro reboques cheios de verduras. Ela sentia o aroma penetrante dos talos cortados.

Lucilla não se moveu da janela. Seu anfitrião tinha lhe fornecido vestimentas locais — um longo vestido pardo de uso diário e um lenço de cabeça azul-brilhante para conter seu cabelo cor de areia. Era preciso não fazer nada que chamasse indevida atenção para si. Tinha visto outras mulheres pararem para observar o trabalho da fazenda. Sua presença aqui poderia ser tomada como curiosidade.

Era um grande carro transportador, com os suspensores funcionando sob o peso dos produtos já empilhados em seções articuladas. O operador mantinha-se de pé numa cabine transparente na parte dianteira, com as mãos na alavanca de direção, olhos dirigidos para a frente. Com as pernas bem separadas, ele se inclinava sobre a rede de suportes da rampa, encostando o quadril na barra de força. Era um homem grande, de face escura e enrugada, o cabelo estriado de cinza. Seu corpo era uma extensão da máquina — orientando o pesado movimento.

Lançou um olhar rápido, mas penetrante a Lucilla, quando passou, desviando-o a seguir para o caminho que levava à vasta área de carregamento delimitado pelos edifícios abaixo da janela.

“Embutido na máquina”, ela pensou. Isso evidenciava o modo como os humanos se adequavam às coisas que faziam. Lucilla sentiu uma força debilitante nesse pensamento. Se você se integra demasiado a uma única coisa, as outras capacidades se atrofiam.

“Nós nos tornamos o que fazemos.”

Imaginou-se de repente como o operador de uma grande máquina, em nada diferente do homem da transportadora.

A grande máquina, passando por ela, fez a volta para fora do pátio, sem que o operador lhe dirigisse outro olhar. Ele já a tinha visto uma vez. Por que olhar de novo?

Seus anfitriões tinham feito uma sábia escolha deste esconderijo, pensou. Uma área escassamente povoada, com trabalhadores confiáveis na vizinhança e pouca curiosidade entre as pessoas que passavam. O trabalho duro aplacava a curiosidade.

Tinha percebido a característica da área quando foi trazida para o local. Já era noite, e as pessoas caminhavam pesadamente para casa. Pode-se medir a densidade urbana de uma área pelo momento em que o trabalho pára. Deitar cedo é uma característica de regiões fracamente povoadas. A atividade noturna revela que as pessoas permanecem inquietas, crispadas, tendo a consciência interior de outras ativas e vibrantes nas proximidades.

“O que me trouxe a este estado introspectivo?”

Há muito tempo, no primeiro retiro da Irmandade, antes das piores violências das Honradas Madres, Lucilla tinha experimentado dificuldade em aceitar a idéia de que “alguém lá fora está nos perseguindo com a intenção de nos matar”.

Massacre! Foi esse o nome que o Rabino usou antes de sair aquela manhã “para ver o que posso fazer por você”.

Sabia que ele tinha escolhido a palavra do fundo de uma antiga e amarga memória, mas nunca, desde sua primeira experiência em Gammu antes desta perseguição, Lucilla tinha experimentado um tal confinamento, em circunstâncias que não podia controlar.

“Eu era uma fugitiva, então.”

A presente situação da Irmandade apresentava algumas semelhanças com aquilo que tinham sofrido sob o domínio do

Tirano, com a diferença que o Imperador-Deus obviamente (em retrospecto) nunca teve intenção de exterminar as Bene Gesserit, apenas de dominá-las. E

certamente as dominou!

“Onde estará esse maldito Rabino?”

Ele era um homem grande e veemente, com óculos fora de moda. Uma face larga, queimada pelo sol. Poucas rugas, a despeito da idade que ela podia perceber em sua voz e seus movimentos. Os óculos chamavam a atenção para olhos castanhos fundos, que a olhavam com intensidade peculiar.

— Honradas Madres — ele dissera (bem aqui, neste quarto de paredes nuas do andar superior), quando ela explicou sua difícil situação.

— Oh, Senhor! Isso é complicado.

Lucilla tinha esperado essa resposta e, mais do que isso, percebeu que ele sabia.

— Há um Navegador da Corporação em Gammu, auxiliando na sua busca — disse ele. — É um dos Edrics, muito poderoso, segundo me disseram.

— Tenho sangue de Siona. Ele não pode me *ver.*

— Nem a mim, nem a ninguém do meu povo, pela mesma razão. Nós, judeus, nos ajustamos a muitas necessidades, você sabe. — Esse Edric é apenas um gesto — ela disse. — Pode fazer muito pouco.

— Mas eles o trouxeram. Temo que não haja um modo de fazê-la sair do planeta com segurança.

— Então, que podemos fazer?

— Veremos. Meu povo não é inteiramente impotente, compreende? Lucilla reconheceu sinceridade e preocupação em relação a ela. Ele falou calmamente sobre o modo de resistir aos agrados sexuais das Honradas Madres, “fazendo isso discretamente, de forma a não provocá-las”.

— Farei uns contatos discretos.

Ela sentiu-se estranhamente confortada com isso. Havia, muitas vezes, algo friamente remoto e cruel em relação a cair nas

mãos das profissões médicas. Uma coisa a tranqüilizou, entretanto: o conhecimento de que os Suks eram condicionados a se manterem alertas às necessidades de outros, oferecendo compaixão e apoio.

(Todas as coisas que podem desmoronar numa emergência.) Concentrou seus esforços em recuperar a calma, focalizando a atenção no mantra pessoal que tinha obtido na “educação solo para a morte”.

“Se eu tiver que morrer, devo passar adiante minha lição transcendental. Devo partir com serenidade.”

Isso ajudou, mas sentia ainda um tremor. O Rabino tinha saído há muito tempo. Algo estava errado.

“Seria aceitado confiar nele?”

Apesar de um crescente sentido de condenação, Lucilla forçou-se a praticar a candidez Bene Gesserit, enquanto revia seu encontro com o Rabino. Suas Instrutoras chamavam isso de “a inocência que acompanha naturalmente a inexperiência, uma condição freqüentemente confundida com ignorância”. Dentro dessa candidez, todas as coisas fluem. Parecia-se com o desempenho Mentat. A informação era admitida sem prejulgamentos. “Você é um

espelho no qual se reflete o universo. Esse reflexo é tudo que você vivência. As imagens saltam ao encontro dos seus sentidos.

Hipóteses se levantam. Importante, mesmo quando errado. É o caso excepcional, onde mais de um erro pode levar a decisões confiáveis.

— Somos seus fiéis servidores — o Rabino tinha dito.

Era uma afirmação que, com toda a certeza, alertava uma Reverenda Madre.

As explicações do cristal de Odrade se mostraram inadequadas de repente. “Quase sempre é o lucro.” Aceitava isso como um pensamento cínico, mas oriundo de uma vasta experiência. Tentativas de extirpá-lo do comportamento humano sempre se quebravam nas rochas da aplicação. Sistemas comunistas e socializantes somente mudavam os instrumentos de medir os lucros. Enormes burocracias gerenciais. A máquina de contar é que era o poder.

Lucilla preveniu-se de que as manifestações eram sempre as mesmas. Veja esta extensa fazenda do Rabino! Retiro de aposentadoria de um Suk? Ele tinha visto algo do que estava por trás do domicílio: criados, alojamentos mais ricos. E deve haver mais. É sempre a mesma coisa, não importa o sistema: os melhores alimentos, belas amantes, viagens sem limites, magníficas instalações de férias.

“É muito cansativo, para quem já viu isso tudo tantas vezes como eu.”

Sabia que sua mente estava se agitando nervosamente, mas sentiu-se impotente para impedi-lo. “Sobrevivência. O próprio alicerce do sistema de demanda é sempre a sobrevivência. E eu ameaço a sobrevivência do Rabino e de seu povo.”

Ele a tinha adulado. “Sempre tome cuidado com aqueles que nos adulam, aninhando-se em todo esse poder que se espera que tenhamos. Como é lisonjeiro encontrar multidões de criados esperando ansiosos para cumprir nossas ordens! Que total fraqueza nos vem daí.”

“O erro das Honradas Madres.”

“O que estará provocando a demora do Rabino?”

Estaria ele vendo quanto era possível conseguir pela Reverenda Madre Lucilla?

Uma porta bateu lá embaixo, fazendo estremecer o chão sob seus pés. Ela ouviu passos apressados na escada. Como eram primitivos! O Rabino entrou, trazendo um cheiro rico de melange.

Deteve-se de pé, na porta, avaliando o ânimo da hóspede.

— Perdoe-me o atraso, cara senhora. Fui convocado para um interrogatório com Edric, o Navegador da Corporação.

Isso explicava o odor da especiaria. Os Navegadores eram banhados para sempre no gás laranja da melange, tendo suas feições freqüentemente anuviadas pelos vapores. Lucilla podia visualizar o pequeno v da boca e a saliência do nariz de um Navegador. A boca e o nariz pareciam pequenos em seu rosto gigantesco, com as têmporas pulsando. Ela sabia como o Rabino devia ter-se sentido ameaçado pela cantilena ululante daquela voz, com sua tradução simultânea mecânica para o Galach impessoal.

— O que ele queria?

— Veio à sua procura.

— Ele...

— Ele não sabe ao certo, mas tenho certeza de que suspeita de nós. No entanto, suspeita de todo mundo.

— Seguiram-no?

— Não seria necessário. Podem me encontrar quando quiserem.

— O que faremos? — Sabia que estava falando depressa demais, alto demais.

— Cara senhora... — Adiantou-se três passos, e ela viu a transpiração em sua testa e nariz. Medo. Podia sentir-lhe o cheiro.

— Bem, o que é?

— A concepção econômica que existe por trás das atividades das Honradas Madres — nós a achamos bem interessante.

Suas palavras cristalizaram os medos de Lucilla. “Eu sabia!

Ele está me vendendo!”

— Como vocês, Reverendas Madres, bem o sabem, há sempre lacunas nos sistemas econômicos.

— Sim? — Isso era profundamente cansativo.

— A supressão incompleta de negociação em qualquer mercadoria sempre aumenta os lucros dos negociantes, especialmente os dos distribuidores mais antigos. — Sua voz hesitante era um aviso.

— Essa é a ilusão de pensar que se pode controlar narcóticos indesejados, interrompendo-os nas fronteiras.

O que ele estaria tentando lhe dizer? Suas palavras descreviam fatos elementares, conhecidos até pelas acólitas. Lucros extras eram sempre usados para abrir caminhos seguros através dos guardas da fronteira, muitas vezes comprando-se os próprios guardas.

“Será que ele comprou os criados das Honradas Madres? Na certa não acredita que o possa fazer com segurança.”

Esperou enquanto ele compunha seus pensamentos, obviamente formando uma apresentação que acreditava poder ter a

aceitação dela.

Por que ele chamou sua atenção para os guardas da fronteira? Isso era certamente o que tinha feito. Os guardas dispunham sempre de uma racionalização imediata para trair seus superiores, naturalmente: “Se eu não fizer, alguém o fará”.

Ousou ter esperança.

O Rabino limpou a garganta. Era evidente que encontrara as palavras que queria, e tinha-as colocado em ordem.

— Não acredito que haja um meio de tirá-la de Gammu com vida. Ela não esperava uma condenação tão rude. Mas os...

— A informação que carrega, esse é um outro caso — ele disse. Então era isso que estava por trás de toda essa conversa sobre fronteiras e guardas!

— Você não entende. Rabino. Minha informação não é apenas um punhado de palavras e alguns avisos. — Bateu com um dedo na testa. — Aqui há muitas vidas preciosas, todas elas experiências insubstituíveis, aprendizado tão vital que...

— Ahhh, mas eu entendo muito bem, cara senhora. Nosso problema é que *a senhora* não entende.

“Sempre essas referências ao entendimento!”

— É da sua honra que eu dependo neste momento — ele disse. “Ahhh, a legendária honestidade e confiabilidade das Bene Gesserit, uma vez dada a nossa palavra!”

— Sabe que eu preteriria morrer a traí-los — ela disse.

Ele estendeu as mãos abertas num gesto desamparado. —

Confio nisso plenamente, cara senhora. A questão não é de traição, mas de algo que nós nunca revelamos à sua Irmandade.

— O que está tentando me dizer? — falou bem categórica, quase com a Voz (que ela tinha sido prevenida a não usar com aqueles judeus).

— Preciso exigir-lhe uma promessa. Tenho de ter sua palavra de que não se voltará contra nós em razão do que estou para lhe revelar. É necessário prometer-me que aceitará minha solução para nosso dilema.

— Às cegas?

— Somente porque lhe peço, e lhe asseguro que nós honramos nosso compromisso com sua Irmandade.

Ela lançou-lhe um olhar penetrante, tentando ver através da barreira erguida entre eles. Suas reações podiam ser lidas na superfície, mas o mistério oculto sob seu comportamento inesperado permanecia obscuro.

O Rabino esperou que a mulher atemorizada tomasse sua decisão. As Reverendas Madres sempre o deixavam embaraçado.

Ele sabia qual devia ser sua escolha e tinha pena dela. Viu que ela podia ler a piedade em sua expressão. Sabiam tanto e tão pouco.

Seus poderes eram manifestos. E seu conhecimento de Israel Secreto tão perigoso!

“Contudo nós lhes devemos isso. Ela não é uma das Escolhidas, mas dívida é dívida. Honra é honra. Verdade é verdade.”

A Bene Gesserit tinha protegido Israel Secreto em muitas horas de necessidade. E um massacre era algo que seu povo conhecia sem precisar de muitas explicações. O massacre era inerente à psique

de Israel Secreto. E graças ao *Inefável,* o povo escolhido nunca esqueceria. Não mais do que poderia perdoar.

A recordação mantida viva no ritual diário (com ênfase periódica nas partilhas comunais) lançou uma auréola ardente sobre o que o Rabino sabia que devia fazer. E aquela pobre mulher! Ela também tinha caído na cilada das memórias e das circunstâncias.

“Para o caldeirão! Nós ambos!”

— Tem a minha palavra — Lucilla disse.

O Rabino voltou-se para a única porta do aposento e a abriu.

Havia lá uma mulher idosa num longo vestido castanho. A um aceno do Rabino, ela entrou. Seu cabelo tinha a cor da madeira antiga, fortemente preso num coque para trás. A face chupada e enrugada era escura como uma amêndoa seca. Os olhos, porém! Azul total! E

que dureza de aço revelavam...

— Esta é Rebecca, uma de nós — o Rabino disse. — Como pode ver, estou certo, ela fez uma coisa perigosa.

— A Agonia — Lucilla murmurou.

— Rebecca o fez há muito tempo atrás, e nos tem servido bem. Agora, ela a servirá.

Lucilla tinha de ter certeza. — Sabe compartilhar?

— Nunca fiz isso, senhora, mas sei como se faz. —

Aproximou-se de Lucilla enquanto falava, e parou quando estavam quase se tocando.

Inclinaram-se para a frente até que as testas se tocassem.

Suas mãos afastaram-se e procuraram mutuamente os ombros.

Ao se fecharem suas mentes, Lucilla lançou um pensamento projetivo: “Isto deve destinar-se a minhas Irmãs!”

— Eu lhe prometo, cara senhora.

Não podia haver fraude nessa total mistura de mentes, nessa sinceridade máxima movida pela morte certa e iminente ou pela venenosa essência da melange, que os antigos Fremem denominavam, muito adequadamente, “a pequena morte”. Lucilla aceitou a promessa de Rebecca. A selvagem Reverenda Madre dos Judeus comprometeu a vida nessa garantia. Mais uma coisa! Lucilla ofegou, quando percebeu isso. O Rabino tinha a intenção de vendê-la às Honradas Madres. O motorista do transportador de produtos era um agente, vindo para confirmar que realmente havia uma mulher com a descrição de Lucilla na fazenda.

A sinceridade de Rebeca não lhe deu saída: — É a única maneira pela qual podemos nos salvar e manter nossa credibilidade.

Então era por isso que o Rabino a fizera pensar em guardas e intermediários. “Hábil. Muito hábil. E eu aceitei tudo, como ele sabia que eu faria.”

Não se pode manipular um fantoche com um único cordão.

— *O Açoite Zensunni*

A Reverenda Madre Sheeana estava de pé no estrado de escultura, em seu estúdio, as mãos cobertas por fresadoras em garras, como luvas exóticas. Através de seu trabalho, o sensiplaz negro na plataforma vinha tomando forma por quase uma hora. Ela sentia-se próxima da realização criadora projetada de um lugar selvagem dentro de si. A intensidade da força criativa fez sua pele tremer, e ela imaginou se as pessoas que passavam no corredor à sua direita não a perceberiam. A janela norte do estúdio tinha um brilho laranja provocado pelo pôr-do-sol do deserto.

Prester, a assistente mais antiga de Sheeana na Estação de Observação do Deserto, detivera-se na porta há alguns minutos, mas todos na estação sabiam que era melhor não interromper Sheeana quando ela estava trabalhando.

Dando um passo para trás, Sheeana afastou da testa, com as costas da mão, uma mecha de seu cabelo estriado de dourado. O

plaz negro estava à sua frente como um desafio, suas curvas e planos “quase” se encaixando na forma que ela tinha sentido interiormente.

“Venho aqui para criar quando meus temores são maiores”, pensou.Esse pensamento abafou o impulso criador, e ela redobrou os esforços para completar a escultura. Suas mãos revestidas com as limadoras mergulhavam e apanhavam o plaz, e a forma negra reagia a cada interferência, como uma onda conduzida por um vento insano.A luz procedente da janela norte declinava, e os automáticos a compensavam, das extremidades do teto, com um brilho amarelo-acinzentado, mas não era a mesma coisa. Não era a mesma coisa!

Sheeana afastou-se do trabalho. Mais próximo... mas não o bastante. Ela quase podia tocar a forma dentro de si e senti-la lutando para nascer. Mas não estava dando certo. Um golpe rápido de sua mão direita reduziu o plaz a uma bolha negra sobre a plataforma.

Maldição!

Descalçou as fresadoras e deixou-as cair na prateleira ao lado do estrado. O horizonte, visível da janela oeste, ainda mostrava uma faixa laranja. Desfazendo-se depressa, assim como se desfazia seu impulso criador.

Andando a passos largos para a janela do pôr-do-sol, ainda teve tempo de ver a volta da última equipe de busca do dia. Suas luzes de aterrissagem eram como vaga-lumes em movimento para os lados do sul, onde uma planície temporária tinha se instalado no

caminho das dunas que avançavam. Pelo modo vagaroso como os tópteros desciam, ela podia ver que não tinham encontrado nenhuma florescência de especiaria ou outros sinais de que os vermes da areia estavam afinal se desenvolvendo a partir das trutas da areia lá plantadas.

“Sou guardiã de vermes da areia que poderão nunca aparecer.”

A janela devolveu-lhe um reflexo escuro de suas feições.

Podia ver onde a Agonia da Especiaria tinha deixado suas marcas.

A esguia e morena menina desamparada de Duna tinha se tornado uma mulher alta e austera. Mas seu cabelo castanho ainda insistia em escapar da touca apertada na nuca. E ela podia perceber a rebeldia em seus olhos totalmente azuis. Os outros também podiam, e esse é que era o problema, fonte de alguns de seus medos.

Parecia não haver meios de interromper a Missionária em sua preparação para a nossa Sheeana.

Se os vermes gigantes se desenvolvessem — Shai-hulud retornaria! E a Missionária Protectiva da Bene Gesserit estava pronta para lançá-la sobre a humanidade que, sem desconfianças, estava preparada para a adoração religiosa. O mito tornado real...

do mesmo modo que ela tentava transformar em realidade aquela escultura negra.

Sagrada Sheeana! O Imperador-Deus é seu escravo! Vejam como os vermes da areia lhe obedecem! Leto está de volta!

Isso influenciaria as Honradas Madres? Provavelmente. Elas, pelo menos, falaram muito sobre o Imperador-Deus. usando o seu nome de Guldur.

Não que fosse provável que elas seguissem o comando da

“Sagrada Sheeana”, a não ser na questão das explorações sexuais.

Sheeana sabia que seu comportamento sexual, considerado abusivo até mesmo pelos padrões da Bene Gesserit, era uma forma de protesto contra esse papel que a Missionária tentava lhe impor. A desculpa de que ela simplesmente aprimorava os homens treinados em domínio sexual por Duncan Idaho era apenas... uma desculpa.

“Bellonda suspeita.”

A Mentat Bell era um constante perigo para as Irmãs que saíam da linha. E essa era a principal razão pela qual Bell mantinha seu poder no alto Conselho da Irmandade.

Sheeana afastou-se da janela e atirou-se sobre a colcha laranja e âmbar que cobria seu catre. Bem à sua frente havia um grande desenho em branco e preto de um verme gigante suspenso sobre uma minúscula figura humana.

“É assim que eles eram, e talvez não voltem a ser nunca mais. O que eu estava tentando dizer com este desenho? Se soubesse, talvez pudesse terminar a escultura de plaz.”

Tinha sido perigoso desenvolver uma linguagem de mãos com Duncan. Mas havia coisas que a Irmandade não podia saber —

ainda não.

“Pode haver uma saída para nós dois.”

Mas para onde iriam? Era um universo cercado pelas Honradas Madres e por outras forças. Um universo de planetas dispersos, povoados principalmente por humanos que apenas queriam viver suas vidas em paz — aceitando a orientação Bene Gesserit em alguns lugares, sofrendo sob a repressão das Honradas Madres em muitas regiões, principalmente esperando governar a si mesmos da melhor forma possível — o perene sonho da democracia. E depois, havia sempre os imprevistos. E sempre a lição das Honradas Madres! Murbella revelava indícios de que as

Oradoras Peixes e as Reverendas Madres *in extremis* formaram as Honradas Madres. A democracia das Oradoras Peixes transformara-se na autocracia das Honradas Madres! As pistas eram numerosas demais para serem ignoradas. Mas por que elas teriam enfatizado compulsões inconscientes com suas Sondas-T, com indução celular e perícia sexual?

Onde está o mercado que aceitará nossos instáveis talentos?

Este universo não mais possuía um mercado único. Podia-se circunscrever uma espécie de rede de trabalhos extremamente imprecisa, baseada em antigas concessões e acordos temporários.

Odrade tinha dito uma vez: — Parece um vestido velho, remendado e esfiapado nas pontas.

A compacta rede comercial da CHOAM não existia mais.

Consistia agora de tímidos fragmentos e algumas partes reunidas por laços muito frágeis. As pessoas tratavam essa coisa remendada com desprezo, suspirando sempre pelos bons tempos de antigamente.

“Que tipo de universo nos aceitaria simplesmente como fugitivos e não como a Sagrada Sheeana e seu consorte?”

Não que Duncan fosse um consorte. Esse tinha sido o plano original das Bene Gesserit: Liguem Sheeana a Duncan. Nós ò controlamos e ele a controlará.

Murbella cortou o plano. “E foi uma boa coisa para nós dois.

Quem precisa de uma obsessão sexual?” Mas Sheeana era forçada a admitir que abrigava sentimentos estranhamente confusos em relação a Duncan Idaho. A linguagem das mãos, o toque. E o que poderiam dizer a Odrade, quando ela se intrometesse? Não se, mas quando.“Conversamos sobre maneiras de Duncan e Murbella escaparem de você, Madre Superiora. Falamos sobre o modo de

recuperar as memórias de Teg. Discutimos nossa própria rebelião particular contra a Bene Gesserit. Sim, Darwi Odrade! Sua antiga aluna tornou-se uma rebelde contra você.”

Sheeana reconhecia seus sentimentos confusos a respeito de Murbella, também.

“Ela domesticou Duncan onde eu poderia ter falhado!”

A Honrada Madre cativa era um estudo fascinante... e divertido, às vezes. Havia os engraçados versos burlescos de sua autoria, afixados na parede da sala de jantar das Acólitas.

Ei, Deus! Espero que esteja aí.

Quero que ouça minha prece.

Essa imagem esculpida na minha prateleira; É realmente você ou apenas eu mesma?

Bem, de qualquer modo, aqui vai:

Por favor, mantenha-me alerta.

Ajude-me a superar meus piores erros,

Faça isso por nós dois,

Como um exemplo de perfeição

Para as Instrutor as da minha seção;

Ou simplesmente pelo seu próprio Céu,

Como o pão,pelo seu próprio fermento.

Por qualquer motivo que se apresente,

Por favor, aja por mim e por você.

O subseqüente confronto com Odrade, apreendido pelos televigias, tinha sido uma linda coisa de se ver. A voz de Odrade estranhamente aguda:

— Murbella, você?

— Temo que sim. — Nenhuma contrição de sua parte.

— Teme? — Ainda estridente.

— Por que não? — Bastante desafiadora.

— Você graceja a respeito da Missionária. Não proteste. Era essa a sua intenção.

— Elas são umas malditas pretensiosas!

Sheeana sentia uma grande afinidade quando refletia sobre esse confronto. A rebeldia de Murbella era um sintoma. Que coisas estarão fermentando, antes que sejamos forçados a notá-las?

“Eu lutei desse mesmo jeito contra essa perpétua disciplina que a fará mais forte, criança.”

Como era Murbella, quando criança? Quais as pressões que lhe deram forma? A vida era sempre uma reação às pressões.

Alguns se entregavam a distrações fáceis e eram por elas moldados: poros inchados e avermelhados pelos excessos. Baco olhando-os de esguelha. O desejo dando forma a suas feições. Uma Reverenda Madre conhecia isso por observação milenar. “Somos moldados pela pressão, quer resistamos a ela ou não.” Pressões e formas — essa era a vida. “E eu crio novas pressões pelo meu desafio secreto.”

Dado o atual estado de alerta da Irmandade em relação a todas as ameaças, a conversa de mãos com Duncan era provavelmente fútil.

Sheeana inclinou a cabeça e olhou para a bolha negra na banca de escultura.

“Mas eu não desisto. Hei de criar minha própria declaração de vida. Minha própria vida. Malditas Bene Gesserit!”

“E perderei o respeito de minhas Irmãs.”

Havia algo antigo no modo como elas eram sujeitas a uma respeitosa conformidade. Tinham ido buscar essa atitude em seu passado mais remoto, trazendo-a à tona regularmente para aperfeiçoá-la e fazer os reparos necessários, exigidos pelo tempo em todas as criações humanas. E aí estava ainda hoje, mantida numa reverência sem palavras.

“Portanto, você é uma Reverenda Madre, e por nenhum outro julgamento isso será verdade.”

Sheeana soube, então, que seria forçada a testar essa coisa antiga em seus limites, provavelmente quebrando-a. E aquela forma negra de plaz, procurando emergir desse lugar selvagem em seu interior, era somente um elemento daquilo que sabia ser imperioso fazer. Tivesse ela o nome de rebelião ou qualquer outro, a força em seu peito não podia ser negada.

Limite-se a observar, e deixará de compreender o que é essencial em sua própria vida. O objeto pode ser formulado deste modo: viva a melhor vida que puder. A vida é um jogo, cujas regras você aprende se mergulhar nele e jogá-lo completamente. Do contrário você se desequilibra, continuamente surpreso com as mudanças nas jogadas. Os não-jogadores sempre lamentam e se queixam de que a sorte sempre os ignora. Recusam-se a ver que podem criar um pouco de sua própria sorte.

— *Darwi Odrade*

— Já examinou o último informe dos televigias sobre Idaho?

— Bellonda perguntou.

— Mais tarde, mais tarde! — Odrade sabia que estava se sentindo irritadiça, e que isso se manifestava na resposta que deu à pergunta pertinente de Bellonda.

Atualmente, as pressões oprimiam a Madre Superiora cada vez mais. Ela sempre tinha procurado encarar suas obrigações com uma atitude de amplo interesse. Quanto mais coisas a interessassem, tanto mais abrangente seria seu exame e isso, com certeza, lhe traria mais informações úteis. Usar os sentidos aperfeiçoava-os. Substância, isso era o que seus interesses perscrutadores desejavam. Substância. Era como ir à caça para saciar uma fome profunda.

Mas seus dias estavam se tornando cópias desta manhã.

Seu gosto por inspeções pessoais era bem conhecido, mas as paredes do escritório aprendiam. Ela precisava estar onde pudesse ser alcançada. Não apenas alcançada, mas capaz de despachar comunicações e pessoas no mesmo instante.

“Maldição. Hei de conseguir tempo. Tenho de conseguir!”

Mais que qualquer outra coisa, era a pressão do tempo.

Sheeana dizia: — Caminhamos em círculos sobre dias emprestados.

Muito poético! Mas de pouca ajuda, em face das exigências pragmáticas. Era forçoso ter o maior número possível de células Bene Gesserit dispersas antes do machado cair. Nada mais tinha

essa prioridade. O tecido das Bene Gesserit estava sendo rasgado, enviado a destinos que ninguém na Sede podia conhecer. Às vezes, Odrade via esse fluxo como trapos e resíduos. Eles estavam adejando em suas não-naves, com um estoque de trutas da areia em seus porões, tradições Bene Gesserit, aprendizado e

recordações como guias. Mas a Irmandade tinha feito isso há muito tempo atrás, na primeira Dispersão, e ninguém voltou ou enviou qualquer mensagem. Ninguém. Ninguém. Somente as Honradas Madres voltaram. Se elas foram Bene Gesserit algum dia, eram agora uma terrível distorção, cegamente suicida.

“Seremos, algum dia, inteiras outras vez?”

Odrade olhou para o trabalho em sua mesa: mais gráficos de seleção. Quem vai e quem fica? Havia pouco tempo para fazer uma pausa e respirar fundo. A Outra Memória de sua predecessora, Taraza, assumiu um caráter de “Eu avisei! Vê o que eu tive de enfrentar?”

“E cheguei a perguntar um dia se haveria lugar na cúpula.”

Poderia haver lugar no topo (como ela gostava de dizer às acólitas), mas dificilmente haveria tempo suficiente.

Quando pensava na população não-Bene Gesserit, grandemente passiva, “lá fora”, Odrade às vezes sentia inveja. As ilusões eram-lhes permitidas. Que consolo. Podia-se fingir que a vida era eterna, que amanhã seria melhor, que os deuses no céu cuidavam de nós.

Afastou-se desse deslize com asco de si mesma. O olho desanuviado era melhor, não importa o que visse.

— Examinei os últimos informes sobre Idaho — disse, olhando através da mesa para a paciente Bellonda.

— Ele tem instintos interessantes — Bell disse.

Odrade pensou nisso. Os televigias por toda a não-nave deixavam passar muito pouco. A teoria do Conselho a respeito do ghola Idaho tornava-se a cada dia menos uma teoria e mais uma convicção. Quantas recordações das vidas em série de Idaho continha esse ghola?

— Tam está levantando dúvidas sobre seus filhos —

continuou. — Terão talentos perigosos?

Isso era de se esperar. As três crianças que Murbella tinha dado a Idaho na não-nave tinham sido removidas no nascimento.

Todas elas estavam sendo observadas com cuidado, enquanto se desenvolviam. Teriam elas essa fantástica velocidade de reação que as Honradas Madres exibiam? Cedo ainda para dizer. Era uma coisa que se desenvolvia na puberdade, segundo Murbella.

A Honrada Madre cativa aceitou a remoção de seus filhos com uma resignação irritada. Idaho, entretanto, demonstrou pouca reação. Estranho. Alguma coisa lhe daria uma visão mais ampla da procriação? Quase uma perspectiva Bene Gesserit?

— Outro programa de procriação das Bene Gesserit — ele observou com sarcasmo.

Odrade deixou fluir seus pensamentos. Seria mesmo uma atitude Bene Gesserit que elas viam em Idaho? A Irmandade dizia que ligações emocionais eram antigos detritos — importantes para a sobrevivência humana em sua época, mas não mais necessários no plano Bene Gesserit.

“Instintos.”

Coisas que vinham com o ovo e o esperma. Muitas vezes vitais e sonoras: — Isto é a espécie falando a você, burro!

Amores... descendência... fomes... Todos esses motivos inconscientes para forçar um comportamento específico. Era perigoso imiscuir-se em tais assuntos. As Madres Procriadoras sabiam disso, mesmo quando o faziam. O Conselho debatia o assunto periodicamente e ordenava uma observação cuidadosa das conseqüências.

— Você examinou os informes. Essa é toda a resposta que consigo? — Um tom bastante queixoso, partindo de Bellonda.

A projeção de tanto interesse para Bellonda era a de Idaho questionando Murbella sobre as técnicas das Honradas Madres para promover a dependência sexual. “Por quê?” Suas capacidades paralelas tinham vindo do condicionamento Tleilaxu impresso em suas células no tanque axlotl. As habilidades de Idaho tinham se originado como um modelo inconsciente semelhante aos instintos, mas os resultados eram indistinguíveis do efeito das Honradas

Madres: o êxtase, amplificado até a remoção de todo traço de razão, e o aprisionamento de suas vítimas à fonte de tais recompensas.

Murbella chegou somente até aí na exploração verbal de suas capacidades. Uma fúria residual óbvia de que Idaho a tivesse viciado com as mesmas técnicas que lhe tinham ensinado a usar.

— Murbella se fecha quando Idaho questiona os motivos —

Bellonda disse.

“Sim, eu já tinha percebido.”

— Eu podia matá-lo, e você sabe disso! — Murbella tinha dito. O informe projetado mostrara ambos na cama, nos alojamentos de Murbella na não-nave, tendo acabado de saciar seu vício mútuo. O suor reluzia na carne nua. Murbella estava deitada com uma toalha azul na testa, seus olhos verdes olhando fixamente para os televigias. Parecia encarar diretamente seus observadores.

Pontinhos laranja nos olhos. Nódoas de ódio, provocadas pelo estoque residual do substituto da especiaria que as Honradas Madres usavam. Ela agora estava na dieta de melange — sem sintomas adversos.

Idaho estava deitado a seu lado, o cabelo em desalinho em volta do rosto, num acentuado contraste com o travesseiro branco sob a

cabeça. Os olhos estavam cerrados, mas as pálpebras vibravam. Magro. Não estava comendo bem, apesar dos pratos tentadores que lhe mandava a cozinheira pessoal de Odrade. Os molares, muito altos, eram fortemente delineados. O rosto se tornara fundo nesses anos de prisão.

A ameaça de Murbella era sustentada por sua habilidade física, sabia Odrade, mas era psicologicamente falsa. “Matar seu amante? Pouco provável!”

Bellonda raciocinava na mesma linha. — O que ela estava fazendo quando demonstrou sua velocidade física? Já vimos isso antes. — Ela sabe que nós observamos.

Os televigias mostraram Murbella pulando da cama, desafiando sua fadiga pós-coito. Mo vendo-se com velocidade indistinta (muito mais rápida que qualquer coisa que as Bene

Gesserit já tinham alcançado), ela deu um chute com o pé direito, interrompendo o golpe a um fio de cabelo da cabeça de Idaho.

A seu primeiro movimento, Idaho abriu os olhos. Observou sem medo, sem recuar.

“Esse golpe! Fatal se fosse certeiro.” Bastava que você visse essa coisa uma vez, para temê-la. Murbella movimentava-se sem recorrer ao córtex central. Como um inseto, um ataque deflagrado pelos nervos ao ponto da ignição muscular.

— Veja! — Murbella baixou seu pé e fixou o olhar no amante.

Idaho sorriu.

Observando a cena, Odrade lembrou-se de que a Irmandade tinha três crianças de Murbella, todas do sexo feminino. As Mestras Procriadoras estavam entusiasmadas. Com o tempo, as Reverendas Madres nascidas desta linha poderiam igualar essa capacidade das Honradas Madres. “Dentro de um tempo que

provavelmente não teremos.” Mas Odrade compartilhava o entusiasmo das Mestras Procriadoras. Que velocidade! Acrescente-se a isso o treinamento neuromuscular, os grandes recursos pranabindu da Irmandade! O que isso podia criar permanecia sem palavras dentro dela.

— Ela fez isso para nós, não para ele — disse Bellonda.

Odrade não estava certa. Murbella se ressentia da observação constante sobre si, mas estava acomodada à situação.

Muitas de suas ações obviamente ignoravam as pessoas atrás dos televigias. O informe projetado mostrou-a retornando a seu lugar na cama, ao lado de Idaho.

— Restringi o acesso a essa projeção — disse Bellonda. —

Algumas acólitas estão ficando perturbadas.

Odrade assentiu. “Dependência sexual.” Esse aspecto das capacidades das Honradas Madres criava murmúrios perturbadores na Bene Gesserit, principalmente entre as acólitas. Muito sugestivo.

E a maioria das Irmãs da Sede sabia que apenas a Reverenda Madre Sheeana, entre elas, praticava algumas das técnicas, desafiando o temor generalizado de que isso pudesse enfraquecê-las.

“Nós não devemos nos tornar Honradas Madres!” Bellonda estava sempre dizendo isso. “Mas Sheeana representa um significativo fator de controle. Ela nos ensina a respeito de Murbella.”

Uma tarde, pegando Murbella sozinha em seus alojamentos na não-nave e obviamente descansada, Odrade tinha tentado uma pergunta direta. — Antes de Idaho, nunca nenhuma de vocês sentiu-se tentada a, digamos, participar da brincadeira?

Murbella recuou com orgulho irritado. — Ele me pegou por acidente!

“O mesmo tipo de raiva que ela mostrou diante das perguntas de Idaho.”

Lembrando-se disso, Odrade inclinou-se sobre a mesa e fez projetar o registro original.

— Veja até que ponto ela se zanga — Bellonda disse. —

Uma proibição hipnótica contra responder a essas perguntas.

Apostaria minha reputação nessa hipótese.

— É o que será revelado na Agonia da Especiaria — disse Odrade. — Se algum dia ela chegar a isso!

— Supõe-se que o hipnotranse seja segredo nosso.

Bellonda ruminou sobre a óbvia conclusão. “Até hoje não houve Irmã que tivesse voltado da Dispersão original.”

Estava escrito bem grande em suas mentes: “Teriam as renegadas Reverendas Madres criado as Honradas Madres?” Muita coisa sugeria isso. Então por que elas recorreram à escravização sexual dos homens? A tagarelice histórica de Murbella não convencia. Tudo a esse respeito ia contra o ensinamento da Bene Gesserit.

— Temos que aprender — Bellonda insistiu. — Saber tão pouco é muito perturbador.

Odrade reconhecia a preocupação. Em que medida essa capacidade era um chamariz? Bem grande, pensou. As acólitas queixavam-se de sonhar que estavam se tornando Honradas Madres. Com razão Bellonda se preocupava.

Criar ou provocar essas forças irrefreáveis podia construir fantasias carnais de enorme complexidade. Podiam-se conduzir populações inteiras através de seus desejos, suas projeções fantasiosas.

“Aí estava o terrível poder que as Honradas Madres ousavam utilizar.” Se escapasse a notícia de que tinham a chave do êxtase cego, a metade da batalha estava ganha para elas. A simples idéia de que essa coisa existia já era o começo da rendição. As pessoas do nível de Murbella nessa outra Irmandade podiam não compreender, mas as que estavam na cúpula... Seria possível que elas simplesmente usassem este poder sem se incomodar com sua força mais profunda ou mesmo sem suspeitar dela?

“Se esse fosse o caso, como poderiam nossas primeiras Dispersas terem sido atraídas para este beco sem saída?”

Anteriormente, Bellonda tinha oferecido sua hipótese: Honrada Madre com a cativa Reverenda Madre feita prisioneira nessa primeira Dispersão. — Bem-vinda, Reverenda Madre. Gostaríamos que testemunhasse uma pequena demonstração de nossos poderes. — Interlúdio de demonstração sexual seguida por uma exibição de velocidade física. Então —

retirada da melange e injeção de um substituto com base de adrenalina adicionado à droga hipnótica. Nesse transe hipotético, a Reverenda Madre seria sexualmente impressa.

Isso, aliado à agonia seletiva da retirada da melange (sugeria Bell), poderia fazer a vítima negar suas origens.

“Que os fados nos ajudem! Seriam as Honradas Madres todas Reverendas Madres? Ousaremos testar essa hipótese em nós mesmas? O que podemos aprender sobre isso com aquele casal na não-nave?”

Duas fontes de informação estavam lá, sob os olhos vigilantes da Irmandade, mas a chave ainda estava por ser encontrada.

“Homem e mulher não mais como parceiros reprodutores, não mais um consolo e um apoio um para o outro. Algo novo tinha sido adicionado. As apostas tinham ficado mais altas.”

Na projeção, Murbella disse algo que chamou a atenção total da Madre Superiora.

— Nós, Honradas Madres, fizemos isso a nós mesmas! Não podemos culpar ninguém.

— Ouviu isso? — Bellonda interpelou.

Odrade sacudiu a cabeça asperamente, querendo toda a sua atenção voltada para essa troca de palavras.

— Você não pode dizer o mesmo de mim — Idaho objetou.

— Essa é uma desculpa vazia — acusou Murbella. — Então você foi condicionado pelos Tleilaxu para pegar numa cilada a primeira Impressora que encontrasse!

— E matá-la — Idaho corrigiu. — Isso é o que eles pretendiam.

— Mas você nem mesmo tentou me matar. Não que você pudesse.

— Foi aí que... — Idaho calou-se com um rápido olhar involuntário para os televigias.

— O que ele estava a ponto de dizer? — Bellonda arremeteu. — Temos que descobrir!

Mas Odrade continuou sua observação silenciosa do par prisioneiro. Murbella demonstrava um surpreendente *insight.* —

Pensa que me pegou por algum acidente no qual você não estava envolvido?

— Exatamente.

— Mas há algo em você que aceitou tudo isso.

Simplesmente você não acompanhou o condicionamento. Você fez o máximo que podia.

Um olhar interior velou os olhos de Idaho. Inclinou a cabeça para trás, esticando os músculos do peito.

— Essa é uma expressão Mentat — Bellonda acusou.

Todas as analistas de Odrade sugeriram isso, mas elas tinham ainda que arrancar uma admissão de Idaho. Se ele era um Mentat, por que reter a informação?

“Pelas outras coisas implícitas nessa capacidade. Ele nos teme, e com razão.”

Murbella falou com desprezo. — Você improvisou e aperfeiçoou o que os Tleilaxu lhe fizeram. Havia algo em você que não fez nenhum tipo de queixa!

— Esse é o modo como ela lida com seus próprios sentimentos culpados — disse Bellonda. — Ela não acredita nem um pouco que seja verdade, do contrário ele não teria sido capaz de pegá-la.Odrade franziu os lábios. A projeção mostrou Idaho divertido.

— Talvez tenha sido o mesmo para nós dois.

— Você não pode culpar os Tleilaxu e eu não posso culpar as Honradas Madres.

Tamalane entrou no gabinete e afundou-se na cadeira-cão, ao lado de Bellonda. — Vejo que isso a interessa também. — Fez um gesto para as figuras projetadas.

Odrade desligou o projetor.

— Estive inspecionando nossos tanques axlotl — disse Tamalane. — Esse maldito Scytale tem sonegado informação vital.

— Não há falha em nosso primeiro ghola, há? — Bellonda interpelou.

— Nada que nossos Suks possam encontrar.

Odrade falou num tom suave: — Scytale tem de conservar alguns trunfos para negociar.

Ambos os lados tinham uma fantasia comum: Scytale estava pagando às Bene Gesserit por terem-no salvo das Honradas Madres e lhe dado refúgio na Sede. Mas todas as Reverendas Madres que o estudaram sabiam que algo mais dirigia o último Mestre Tleilaxu.

“Espertos, muitos espertos, os Bene Tleilax. Muito mais espertos do que suspeitamos. E eles nos sujaram com seus tanques axlotl. A própria palavra ‘tanque’ — um outro de seus engodos. Nós imaginamos vasilhames de fluido amniótico, cada tanque sendo o centro de complexa maquinaria de duplicar (de modo sutil, discreto e controlável) os trabalhos do útero. O tanque está aí, muito bem!

Mas vejam o que contém.”

A solução Tleilaxu era direta: use o original. A natureza já o aperfeiçoou através de eras. Tudo o que os Bene Tleilaxu precisam

fazer é adicionar seus próprios sistemas de controle, seu modo pessoal de multiplicar a informação armazenada na célula.

“A linguagem de Deus”, era como Scytale a chamava. “A linguagem de Shaitan era um nome mais apropriado.”

Retroalimentação. A célula dirigida em seu próprio útero. Isso era mais ou menos o que um ovo fertilizado fazia, de alguma forma.

Os Tleilaxu simplesmente o aperfeiçoaram.

Odrade deixou escapar um suspiro, provocando olhares penetrantes de suas companheiras. “Novas preocupações da Madre Superiora?”

“As revelações de Scytale me perturbam. E o que essas revelações têm feito a nós. Oh, como fugimos da ‘degradação’.

Depois, racionalizações. ‘ Se não houver outro meio.’ Se isto produzir os gholas de que necessitamos tanto. Poderemos encontrar voluntárias, com certeza. Foram encontradas!

Voluntárias!”

— Você está distraída! — Tamalane resmungou. Lançou os olhos para Bellonda, começou a dizer algo, depois pensou melhor.

O rosto de Bellonda tornou-se suave, um acompanhamento freqüente para seus humores mais sombrios. Sua voz era pouco mais que um sussurro gutural. — Chamo a atenção veemente sobre a necessidade de eliminarmos Idaho. E quanto àquele monstro Tleilaxu...

— Por que você faz essa sugestão com eufemismo? —

Tamalane interpelou.

— Mate-o, então! E o Tleilaxu deve ser submetido a todo tipo de persuasão que nós...

— Parem com isso, vocês duas! — Odrade ordenou.

Ela pressionou as mãos sobre a testa e, olhando fixamente para a janela em arco, viu a chuva de gelo lá fora. O Controle Meteorológico estava cometendo mais erros. Não se podia culpá-los, mas não havia nada que os humanos odiassem mais do que o imprevisível. “Nós queremos ‘o que é natural’. O que quer que isso signifique.”

Quando tais pensamentos se apossavam de Odrade, ela suspirava por uma existência restrita à ordem que lhe agradava: um

passeio ocasional nos pomares. Gostava disso em todas as estações. Uma noite tranqüila com os amigos, troca de idéias em conversas profundas, com aqueles por quem tinha simpatia.

“Afeição?” Sim. A Madre Superiora tinha essa ousadia — amor à companhia, mesmo. E boas refeições, com bebidas escolhidas por seu sabor acentuado. Ela queria isso, também. Como era bom brincar com o paladar. E mais tarde... sim, mais tarde — uma cama aquecida com um companheiro gentil, tão sensível às suas necessidades como ela às dele.

A maior parte dessas coisas não era possível, naturalmente.

Responsabilidade! Que palavra imensa! Como queimava!

— Estou ficando com fome — disse Odrade. — Querem que eu mande servir o almoço aqui?

Bellonda e Tamalane olharam-na com surpresa. — São somente 11:30h — queixou-se Tamalane.

— Sim ou não? — insistiu Odrade.

Bellonda e Tamalane trocaram um olhar entre si. — Como quiser — disse Bellonda.

Havia um ditado na Bene Gesserit — do conhecimento de Odrade —, que a Irmandade funcionava melhor quando o estômago da Madre Superiora estava satisfeito. Isso pesara na balança.

Odrade ligou o intercomunicador com sua cozinha particular.

— Almoço para três, Duana. Algo especial. Escolha você.

O almoço, quando veio, apresentava como atração principal um prato que Odrade apreciava de modo especial. Vitela ao forno.

Duana realçou-o com um toque delicado de ervas, um pouquinho de alecrim para dar sabor à vitela, os legumes cozidos ao ponto.

Magnífico.

Odrade saboreou cada pedacinho. As outras duas arrastavam-se na refeição, da colher à boca, mecanicamente.

“Será esta uma das razões pelas quais eu sou a Madre Superiora e elas não?”

Enquanto uma acólita tirava a mesa, Odrade voltou-se para uma de suas perguntas favoritas: — Qual é o mexerico do momento entre as acólitas?

Ela se lembrava que em seus dias de acólita tinha dependido das palavras das mulheres mais velhas, esperando grandes verdades e conseguindo, na maioria das vezes, tagarelices a respeito da Irmã tal e os mais recentes problemas da Instrutora X.

Ocasionalmente, entretanto, as barreiras caíam, e circulavam informações importantes.

— Um grande número de acólitas fala de sua vontade de sair em nossa Dispersão — disse Tamalane numa voz rascante. —

Ratos em navio a pique, é o que digo.

— Tem havido um grande interesse nos Arquivos ultimamente — disse Bellonda. — As Irmãs que têm mais visão vêm buscar confirmação — se uma determinada acólita tem o sangue de Siona ou não.

Odrade achou isso interessante. Sua ancestral comum Atreides, da época do Tirano, eras atrás, Siona Ibn Fuad al-Seyefa Atreides, tinha legado a seus descendentes essa capacidade de esconder-se dos investigadores prescientes. Todas as pessoas que andavam abertamente na Sede compartilhavam essa proteção ancestral.

— Um sinal marcante? — Odrade perguntou. — Elas duvidam de que as pessoas em questão sejam protegidas?

— Querem ter a certeza — Bellonda rosnou. E agora posso voltar a Idaho? Ele tem e não tem a marca genética. Isso me preocupa. Por que algumas de suas células não têm a marca de Siona? O que os Tleilaxu fizeram?

— Duncan conhece o perigo e ele não é suicida — Odrade disse. — Não sabemos o que ele é — Bellonda se queixou.

— Provavelmente um Mentat, e todas nós sabemos o que isso significa — Tamalane disse.

— Compreendo por que conservamos Murbella — disse Bellonda. — Informação valiosa. Mas Idaho e Scytale...

— Basta! — Odrade dardejou. — Cães-de-guarda podem ladrar demais! Bellonda aceitou isso de má vontade. “Cães-de-guarda.” O termo das Bene Gesserit para o controle constante por parte das Irmãs, a fim de garantir que não se caísse na frivolidade.

Muito penoso para as acólitas, mas apenas uma outra parte da vida para as Reverendas Madres.

Odrade tinha explicado isso uma tarde a Murbella, quando as duas estavam numa câmara de entrevista decorada em cinza, na não-nave. Ambas muito próximas, encarando-se frente a frente.

Olhos no mesmo nível. Bastante informais e íntimas. A não ser pelo conhecimento de todos aqueles televigias ao redor.

— Cães-de-guarda — Odrade disse, respondendo a uma pergunta de Murbella. — Isso quer dizer que nos criticamos mutuamente. Não lhes dê importância maior do que têm. Raramente importunamos. Uma simples palavra pode bastar.

Murbella, demonstrando desgosto em seu rosto oval, com seus olhos verdes espaçados bem atentos, obviamente pensou que Odrade se referia a um sinal comum, uma palavra ou ditado que as Irmãs usavam em tais situações.

— Que palavra?

— Qualquer palavra, maldição. O que for apropriado. É como um reflexo mútuo. Compartilhamos um “tique” comum, que não existe para nos aborrecer. Nós o acolhemos porque nos ajuda a manter os pés no chão.

— E vocês *me* vigiarão se eu me tornar uma Reverenda Madre? — Queremos nossos cães-de-guarda. Seríamos mais fracas sem eles.

— Parece opressivo.

— Não somos da mesma opinião.

— Acho repelente. — Ela olhou para as lentes cintilantes do teto. — Como esses malditos televigias.

— Tomamos conta do que é nosso, Murbella. Uma vez que se é uma Bene Gesserit, tem-se a garantia de uma manutenção para a vida toda.

— Um nicho confortável. — Seu tom era caçoísta.

Odrade falou suavemente. — Algo bastante diferente. Você é desafiada pela vida inteira. Deve retribuir à Irmandade no limite máximo de suas capacidades.

— Cães-de-guarda!

— Estamos sempre atentas umas às outras. Algumas de nós, em posições de poder, são autoritárias às vezes, até mesmo familiares, mas somente até o ponto cuidadosamente calculado para as exigências daquele momento.

— Nunca realmente calorosas ou ternas, não?

— Essa é a regra.

— Afeição, talvez, mas não amor?

— Já lhe disse da regra. — E Odrade podia ver a reação claramente no rosto de Murbella: “Aí está! Elas vão exigir que eu abra mão de Duncan!”

— Então não há amor entre as Bene Gesserit. — Que tom triste era o seu. Ainda havia esperança para Murbella.

— Acontecem amores — Odrade disse. — Porém minhas Irmãs os tratam como aberrações.

— Então o que sinto por Duncan é aberração?

— E as Irmãs tentarão curá-la.

— Curar! Aplicar a terapia correta aos aflitos!

— O amor é considerado um sinal de decadência nas Irmãs.

— Vejo sinais de decadência em vocês!

Como se seguisse seus pensamentos, Bellonda arrastou Odrade para fora do devaneio. — Essa Honrada Madre nunca se comprometerá conosco! — Enxugou um pouco do molho do almoço no canto da boca. — Estamos perdendo tempo, tentando ensinar-lhe nosso modo de ser.

“Pelo menos Bellonda não estava mais chamando Murbella de prostituta”, pensou Odrade. “Era um progresso.”

Todos os governos sofrem de um problema recorrente: o Poder atrai as personalidades patológicas. Não que o Poder corrompa; ele é magnético aos corruptíveis. Essas pessoas tendem a se embriagar com a violência, uma condição de que ficam logo dependentes.

— *Missionária Protectiva Texto QIV (dicto)* Rebecca ajoelhou-se no chão de azulejo amarelo, como lhe tinham ordenado fazer, não ousando erguer os olhos para a Grande Honrada Madre sentada tão acima, tão perigosa. Por duas horas Rebecca tinha esperado aqui, quase no centro de uma sala gigante, enquanto a Grande Honrada

Madre e suas acompanhantes almoçavam, servidas por atendentes obsequiosas. Ela prestou atenção às maneiras das atendentes com cuidado, e procurou imitá-las.

Suas órbitas ainda doíam, em função dos transplantes que o Rabino a tinha feito realizar há menos de um mês atrás. Estes olhos mostravam a íris azul e a esclerótica branca, não dando pista da Agonia de Especiaria do passado. Era uma defesa temporária. Em menos de um ano novos olhos iriam traí-la com seu azul total.

Ela considerava a dor nos olhos como o menor de seus problemas. Um implante orgânico alimentava-a com doses de melange, a intervalos regulares, ocultando sua dependência. O

suprimento estava calculado para durar aproximadamente sessenta dias. Se essas Honradas Madres a retivessem mais do que isso, ela seria mergulhada em tal agonia, que a original pareceria branda em comparação. O perigo mais imediato era o shere, administrado junto com a especiaria. Se essas mulheres o detectassem, certamente teriam suspeitas.

“Você está indo bem. Seja paciente.” Era a Outra Memória da gente de Lâmpadas. A voz soou gentilmente em sua cabeça. O tom

era de Lucilla, mas ela não podia ter certeza.

Tornara-se uma voz familiar naqueles meses, desde a Partilha, quando tinha se anunciado como “Porta-voz do seu Mohalata”. “Essas prostitutas não podem atingir nosso nível de conhecimento. Lembre-se disso para lhe dar coragem.”

A presença dos Outros Interiores, que não diminuíam em nada sua atenção sobre o que acontecia à sua volta, tinha-a enchido de respeito. “Nós chamamos isso de simulfluxo”, tinha falado o Porta-voz. O simulfluxo multiplica sua consciência.” Quando ela tentou explicar isso ao Rabino, ele reagiu encolerizado.

— Você foi contaminada por pensamentos impuros!

Eles tinham estado no estúdio do Rabino tarde da noite. —

Roubando tempo dos dias que nos cabem — dizia ele. O estúdio era uma sala subterrânea, com as paredes revestidas de velhos livros, cristais ridulianos, pergaminhos. A sala estava protegida de sondas pelos melhores dispositivos Ixianos, aperfeiçoados por seu próprio povo.

Ela tinha permissão para sentar-se ao lado de sua mesa em tais ocasiões, enquanto ele se recostava numa velha cadeira. Um globo de luz, colocado em posição baixa ao lado dele, lançava uma antiga luz amarela em seu rosto barbudo, fazendo reluzir os óculos que usava quase como um emblema do ofício.

Rebecca simulou confusão. — Mas o senhor disse que éramos obrigados a salvar este tesouro de Lâmpadas. As Bene Gesserit não foram honestas conosco?

Viu a preocupação nos olhos dele. — Você ouviu Levi falando ontem, sobre as perguntas que se fazem aqui. Por que a bruxa Bene Gesserit veio até nós? Isso é o que eles perguntam.

— Nossa estória é consistente e plausível — Rebecca protestou. — As Irmãs, nos ensinaram caminhos que nem a Revelação da Verdade pode penetrar.

— Não sei... Não sei. — O Rabino sacudiu a cabeça tristemente. — O que é uma mentira? O que é a verdade? Nós nos condenamos com nossas próprias bocas?

— É ao massacre que resistimos, Rabino! — Isso geralmente fortalecia a resolução dele.

— Cossacos! Sim, você está certa, filha. Tem havido cossacos em todas as eras, e nós não fomos os únicos a sentir seus pontapés e suas espadas, quando eles entravam na cidade com a morte nos corações.

Era estranho, pensou Rebecca, como ele conseguia dar a impressão de que esses acontecimentos eram de ocorrência recente e que seus olhos os tinham visto. Perdoar, nunca. Esquecer, jamais. Lídiche foi ontem. Que coisa poderosa havia na memória de Israel Secreto. Massacre! Quase tão poderoso em sua continuidade como aquelas presenças Bene Gesserit que ela carregava na consciência. Quase. Era a isso que o Rabino resistia, pensou.

— Temo que você nos tenha sido tirada — disse o Rabino.

— O que foi que eu lhe fiz? O que foi que eu fiz? E tudo em nome da honra.

Ele olhou para os instrumentos que registravam, na parede do estúdio, a força acumulada à noite pelos moinhos de eixo vertical localizados em toda a fazenda. Os instrumentos diziam que as máquinas estavam zumbindo lá fora, estocando energia para o amanhã. Isso era um presente das Bene Gesserit: liberdade dos Ix.

Independência. Que palavra singular.

Sem olhar para Rebecca, ele disse: — Acho e sempre achei muito difícil essa coisa de Outra Memória. A memória deveria trazer sabedoria, mas não traz. A sabedoria está na maneira de comandarmos a memória e aplicarmos nosso conhecimento.

Voltou-se, o rosto entre as sombras, e olhou para ela. — O

que é que diz essa consciência dentro de você? Isso que você considera como a presença de Lucilla?

Rebecca pôde ver que lhe agradava pronunciar o nome da Reverenda Madre. Se Lucilla podia falar através de uma filha de Israel Secreto, então ainda vivia, e não tinha sido traída.

Baixou seu olhar enquanto falava. — Ela diz que temos imagens, sensações e sons interiores que nos vêm quando ordenados ou surgem conforme a necessidade.

— Necessidade, sim! E o que é isso, a não ser relatos dos sentidos da carne, que podem ter estado onde não deveriam, e feito coisas ofensivas?

“Outros corpos, outras memórias”, Rebecca pensou. Tendo-o experimentado, ela sabia que não podia nunca abandoná-lo por sua livre e espontânea vontade. “Talvez eu tenha realmente me tornado uma Bene Gesserit. Naturalmente é isso o que ele teme.”

— Vou lhe dizer uma coisa — disse o Rabino. — Esta

“interseção crucial de consciência da vida”, como elas dizem, isso não é nada, a menos que você saiba como suas próprias decisões atingem a vida dos outros, como fios que partem de você.

— Ver nossas ações nas reações dos outros, sim, essa é a maneira como as Irmãs a consideram.

— Isso é sabedoria. O que elas procuram, segundo essa senhora?

— Influência sobre o amadurecimento da humanidade.

— Mmmmm. E ela acha que os acontecimentos estão além de seus sentidos, não além de sua influência. Isso é quase.sábio.

Mas maturidade... ahhh, Rebecca. Será que interferimos num plano mais alto? É um direito humano impor limites à natureza de Jeová?

Acho que Leto II entendeu isso. Essa senhora em você o nega.

— Ela diz que ele era um abominável tirano.

— E era, mas houve tiranos sábios antes dele e, sem dúvida, haverá outros depois de nós.

— Elas o chamam de Shaitan.

— Ele tinha os próprios poderes de Satã. Compartilho o medo delas a esse respeito. Mais que um ser presciente, ele era um vínculo.

Fixava a forma do que via.

— Isso é o que fala a Reverenda Madre. Mas ela diz que o que ele preservou foi o ideal da Irmandade.

— De novo, elas são quase sábias.

Um grande suspiro fez estremecer o Rabino que, uma vez mais, olhou para os instrumentos na parede. “Energia para o amanhã.”

Voltou sua atenção para Rebecca. Ela estava mudada, não pôde deixar de perceber. Tornara-se muito semelhante às Bene Gesserit. Era compreensível. Sua mente estava repleta de toda aquela *gente* de Lâmpadas. Mas elas não eram porcos gadarenos

para serem jogadas ao mar, com seu diabolismo. “E eu não sou outro Jesus.”

— E o que elas lhe dizem sobre a Madre Superiora Odrade

— que ela muitas vezes pragueja contra suas Arquivistas e seus Arquivos? Que coisa! Os Arquivos não são como os livros em que preservarmos nossa sabedoria?

— Então eu sou uma Arquivista, Rabino?

A pergunta o confundiu, mas também iluminou o problema.

Ele sorriu. — Vou lhe dizer uma coisa, filha. Reconheço ter uma certa afinidade com essa Odrade. Há sempre algo mal-humorado em relação aos Arquivistas.

— Isso é sabedoria, Rabino? — Com que timidez ela fez a pergunta!

— Acredite, minha filha, é. Com que cuidado o Arquivista suprime a menor parcela de julgamento. Uma palavra após a outra.

Que arrogância!

— Como eles julgam que palavras devem usar, Rabino?

— Ahhh, vejo que alcançou uma certa compreensão, filha.

Mas essas Bene Gesserit não atingiram a sabedoria, e é seu ideal que as impede.

Ela podia ler em seu rosto. “Ele tenta me encher de dúvidas sobre essas vidas que carrego.”

— Deixe-me dizer-lhe algo sobre as Bene Gesserit — ele disse. Nada lhe veio à mente, então. Nenhuma palavra, nenhum conselho sábio. Isso não lhe acontecia há anos. Havia um único caminho a seguir; falar com o coração.

— Talvez elas tenham caminhado por demais na estrada de Damasco sem o raio ofuscante da iluminação, Rebecca. Ouço dizer que agem em benefício da humanidade. Seja como for, não consigo ver isso nelas, nem acredito que o Tirano tenha visto.

Quando Rebecca começou a replicar, ele a interrompeu com uma das mãos erguida. — Amadurecer a humanidade? Esse é o seu ideal? Não é o fruto maduro que é arrancado e comido?

No chão da Grande Sala da Junção Rebecca lembrava-se dessas palavras, vendo seu protótipo, não nas vidas que ela conservava, mas nas ações de suas captoras.

A Grande Honrada Madre tinha acabado de comer. Enxugou as mãos no vestido de uma atendente.

— Deixe que ela se aproxime — disse.

A dor lancetou o ombro esquerdo de Rebecca, e ela cambaleou para a frente, sobre os joelhos. Aquela que chamavam de Logno viera por trás, furtiva como um caçador, e dera uma estocada de aguilhão na carne da prisioneira.

O riso ecoou pela sala.

Rebecca vacilou e, mantendo-se um pouco à frente do aguilhão, chegou ao pé dos degraus que levavam à Grande Honrada Madre, onde o ferro a interrompeu.

— Abaixe-se! — Logno enfatizou o comando com uma outra estocada. Rebecca caiu de joelhos, e olhou fixamente para a frente, na direção dos espelhos dos degraus. Os azulejos amarelos mostravam pequenos arranhões. De algum modo, essas falhas a reanimaram.

— Deixe-a, Logno. Quero respostas, não gritos. — E

virando-se para Rebecca: — Olhe para mim, mulher!

Rebecca ergueu os olhos e encarou a face da morte. Um rosto tão medíocre e, no entanto, quanta ameaça. Feições tão... tão uniformes. Quase feiosas. Uma pequena figura. Isso aumentou a sensação de perigo que sentia. Que poderes deve ter a mulherzinha, para comandar essa gente terrível!

— Sabe por que está aqui? — A Grande Honrada Madre interpelou. Rebecca usou seu tom mais. obsequioso. — Disseram-me, ó Grande Honrada Madre, que a senhora desejava que eu relatasse o conhecimento da Revelação da Verdade e outros assuntos de Gammu.

— Você foi casada com um Revelador da Verdade! — Era uma acusação.

— Ele está morto, Grande Honrada Madre.

— Não, Logno — As palavras eram dirigidas à assistente, que investiu com o aguilhão. — Esta infeliz não conhece nossos métodos. Agora, fique de pé aí ao lado, Logno, onde eu não seja perturbada por sua impetuosidade.

— Você me dirigirá a palavra somente para responder, ou quando eu ordenar, infeliz! — a Grande Honrada Madre gritou.

Rebecca encolheu-se.

O Porta-voz sussurrou em sua cabeça — “Isso era quase a Voz. Esteja em guarda.”

— Você já conheceu alguém, entre aquelas que dão a si mesmas o nome de Bene Gesserit?

“Realmente agora!” — Qualquer um já encontrou as bruxas, Grande Honrada Madre.

— O que sabe delas?

“Então é por isso que me trouxeram aqui.”

— Somente o que ouvi, Grande Honrada Madre.

— Elas são corajosas?

— Diz-se que elas sempre evitam riscos, Grande Honrada Madre.“Você é digna de nós, Rebecca. Esse é o padrão das prostitutas. A bolinha rola para baixo em sua própria canaleta. Elas pensam que você não gosta de nós.”

— As Bene Gesserit são ricas?

— Acho que as bruxas são pobres perto de vocês, Honrada Madre — disse Rebecca.

— Por que diz isso? Não fale apenas para me agradar!

— Mas, Honrada Madre, as bruxas poderiam enviar uma grande nave de Gammu até aqui, somente para me trazer? E onde elas estão agora? Elas se escondem de vocês.

— Sim, onde elas estão? Rebecca deu de ombros.

— Você estava em Gammu quando um homem chamado Bashar nos pôs em fuga? — perguntou a Honrada Madre.

“Ela sabe que você estava.” — Eu estava lá, Grande Honrada Madre, e ouvi estórias. Mas não acredito nelas.

— Acredite no que eu lhe disser para acreditar, infeliz! Que estórias você ouviu?

— Que ele se movia com uma velocidade invisível para os olhos. Que ele matou muitas... pessoas apenas com as mãos. Que ele roubou uma não-nave e fugiu para a Dispersão.

— Acredite que ele fugiu, infeliz. “Veja como ela tem medo.

Não consegue esconder o tremor.”

— Fale da Revelação da Verdade — ordenou a Honrada Madre. — Grande Honrada Madre, eu não compreendo a Revelação da Verdade. Conheço apenas as palavras de meu Sholem, meu marido. Posso repeti-las, se desejar.

A Grande Honrada Madre considerou o oferecimento, olhando ao redor, para suas ajudantes e conselheiras, que começavam a mostrar sinais de aborrecimento. “Por que ela simplesmente não mata essa infeliz?”

Rebecca, vendo a violência dos olhos que a encaravam em tons de laranja, recolheu-se. Pensou em seu marido, em seu nome carinhoso, Shoel, agora, e suas palavras a confortaram. Ele tinha mostrado o “talento peculiar” quando ainda criança. Alguns o chamavam de instinto, mas Shoel nunca usou essa palavra. —

Confie em suas entranhas. Isso é o que meus professores sempre diziam.Era uma expressão tão realista que, segundo ele, afastava os que procuravam “o mistério esotérico”.

— Não existe segredo— — dissera Shoel. — É treino e trabalho árduo, como qualquer outra coisa. Você exercita o que eles chamam *petit perception,* a capacidade de detectar pequenas variações nas reações humanas.

Rebecca podia ver tais pequenas reações naquelas que a estavam olhando de cima. “Elas me querem morta. Por quê?”

O Porta-voz tinha um conselho. “Os grandes gostam de mostrar seu poder sobre os outros. Ela não faz o que os outros querem, mas o que acha que eles não querem.”

— Grande Honrada Madre — aventurou Rebecca —, a senhora é tão rica e poderosa. Certamente deve ter um lugar de criada, onde eu possa servi-la.

— Você quer entrar para o meu serviço? “Que sorriso feroz!”

— Isso me faria muito feliz, Grande Honrada Madre.

— Não estou aqui para fazê-la feliz.

Logno deu um passo à frente. — Então faça-nos feliz, Dama.

Deixe-nos divertir um pouco com...

— Silêncio! “Ahhh, isso foi um erro, chamá-la pelo seu nome íntimo aqui na frente dos outros.”

Logno recuou, e quase deixou cair o ferro.

A Grande Honrada Madre baixou os olhos para Rebecca, fixando-a com seus lampejos laranja. — Você voltará à sua mísera existência em Gammu, infeliz. Não vou matá-la. Isso seria uma misericórdia. Tendo visto o que nós poderíamos lhe dar, viva sua vida sem isso.

— Grande Honrada Madre! — Logno protestou. — Temos suspeitas de que...

— Eu tenho suspeitas sobre você, Logno. Mandem-na de volta e viva! Ouviu? Acha-nos incapazes de encontrá-la, se por acaso for preciso?

— Não, Grande Honrada Madre.

— Estamos de olho em você, infeliz — disse a Grande Honrada Madre. “Isca! Ela pensa em você como algo que lhe permitirá capturar caça maior.

Que interessante. Ela usa a cabeça, apesar de sua natureza violenta. Então foi assim que chegou ao poder.”

Durante todo o caminho de volta a Gammu, confinada em alojamentos fedorentos de uma nave que um dia serviu à Corporação, Rebecca considerou sua situação. Certamente essas prostitutas não tinham esperado que ela se enganasse a respeito de seu intento. Mas... talvez tenham. Subserviência, bajulação. “Elas se regalam com essas coisas.”

Sabia que á idéia tinha vindo tanto da Revelação da Verdade de Shoel quanto das conselheiras de Lâmpadas.

— Você reúne uma porção de pequenas observações, percebidas, mas nunca levadas à consciência —, Shoel dissera. —

Cumulativamente, elas lhe dizem coisas, mas não em linguagem usada comumente. A linguagem não é necessária.

Ela tinha achado isso uma das coisas mais estranhas que já ouvira. Mas isso foi antes da Agonia. Na cama, à noite, encorajada

pela escuridão e pelo toque amoroso da carne, tinha agido sem palavras, mas compartilhara palavras também.

— A linguagem lhe impõe obstáculos — tinha dito Shoel. —

O que você faz é aprender a ler suas próprias reações. Às vezes, podem-se descobrir palavras para descrevê-las... às vezes... não.

— Sem palavras? Nem mesmo para as perguntas?

— Você quer palavras, não é? Quais são elas? Confiança.

Crença. Verdade. Honestidade.

— São palavras boas, Shoel.

— Mas não chegam ao ponto. Não dependa delas.

— Então, você depende do quê?

— De minhas próprias reações interiores. Eu interpreto a mim mesmo, não a pessoa à minha frente. Sempre conheço uma mentira, porque fico com vontade de virar as costas ao mentiroso.

— Então é assim que você faz! — Bateu em seu braço nu.

— Outros reagem de outra forma. Sei de uma pessoa que conhecia uma mentira, porque tinha vontade de colocar seu braço no do mentiroso e fazer uma caminhada com ele, confortando-o.

Você pode pensar que é tolice, mas funciona.

— Acho que é muito sábio, Shoel. — Era a voz do amor. Ela não sabia realmente o que ele queria dizer.

— Meu amor precioso — disse ele, embalando-a em seu braço. — Os Reveladores da Verdade têm um Senso da Verdade que, uma vez desperto, funciona o tempo todo. Por favor, não me diga que sou sábio, quando é o amor que fala por você.

— Desculpe-me, Shoel. — Ela gostava do cheiro de seu braço, e enterrou a cabeça na dobra, fazendo-lhe cócegas. — Mas quero saber tudo o que você sabe.

Ele mudou sua cabeça para uma posição mais confortável. —

Sabe o que meu professor da Terceira Série dizia? “Não saiba nada!

Aprenda a ser totalmente inocente.”

Ela estava atônita. — Absolutamente nada?

— Você se aproxima de tudo como se fosse uma lousa limpa, nada em cima ou dentro de você. O que quer que surja é escrito lá por si mesmo.

Ela começou a perceber. — Nada para interferir.

— Correto. Você é o selvagem ignorante original, completamente sem sofisticação, até o ponto em que volta à sofisticação última. Você a encontra sem procurá-la, pode-se dizer.

— Agora, isso é sábio, Shoel. Aposto que você era o melhor aluno que eles já tiveram, o mais inteligente e o...

— Eu achava que era uma tolice sem fim.

— Não!

— Até que um dia senti uma pequena contração. Não era o movimento de um músculo ou algo que alguém pudesse perceber.

Apenas... uma contração.

— Onde era?

— Em nenhum lugar que eu pudesse descrever. Mas meu professor do Quarto Grau tinha me preparado para isso. “Tome essa coisa com delicadeza. Gentilmente.” Um dos alunos pensou que ele estava falando de suas mãos reais. Oh, como nós rimos.

— Isso foi cruel. — Tocou seu queixo, e sentiu o começo da barba escura. Era tarde, mas ela não sentia sono.

— Acho que foi. Mas quando a contração veio, eu a conheci.

Nunca tinha sentido isso antes. Estava surpreso, também, porque conhecendo-a, eu sabia que tinha estado lá o tempo todo. Era familiar. Era a minha contração do Senso da Verdade.

Ela achou que podia sentir o Senso da Verdade se mexendo dentro de si. O sentimento de magia em sua voz despertou alguma coisa.
— Era meu, então — disse ele. — Pertencia a mim e eu pertencia a ele. Nunca mais haveria separação.

— Como deve ser maravilhoso. — Havia um respeito temeroso e uma inveja em sua voz.

— Não! Há muita coisa nisso que eu detesto. Ver as pessoas desta forma é como vê-las estripadas, as entranhas penduradas para fora.

— Isso é nojento!

— Sim, mas há compensações, amor. São as pessoas que encontramos, pessoas que são como lindas flores oferecidas por uma criança inocente. Inocência. Minha própria inocência responde,

e meu Senso da Verdade é fortalecido. Isso é o que você faz por mim, meu amor.

A não-nave das Honradas Madres chegou a Gammu, e fizeram Rebecca descer para a Plataforma de Aterrissagem no carregamento de lixo. Lançaram-na para fora ao lado dos detritos e excrementos da nave, mas ela não se importou. “Em casa! Estou em casa, e Lâmpadas sobrevive.”

Contudo o Rabino não partilhou de seu entusiasmo.

Uma vez mais, eles sentaram-se em seu estúdio, mas agora ela se sentia mais familiarizada com a Outra Memória, muito mais confiante. Ele podia ver isso.

— Você está mais que nunca parecida com elas! É impuro.

— Rabino, nós todos temos ancestrais impuros. Tenho a sorte de conhecer alguns dos meus.

— O que é isso? O que você está dizendo?

— Todo nós somos descendentes de pessoas que fizeram coisas ruins, Rabino. Não gostamos de pensar em bárbaros em nosso passado, mas eles estão lá.

— Que conversa!

— As Reverendas Madres podem lembrar-se de todos eles, Rabino. Lembre-se, são os vitoriosos que fazem a raça.

Compreende?

— Nunca a ouvi falar com tanta ousadia. O que aconteceu com você, filha?

— Eu sobrevivi, sabendo que, às vezes, paga-se um preço moral pela vitória.

— O que é isso? São palavras más.

— Más? Barbarismo não é nem mesmo a palavra adequada para certas maldades de nossos ancestrais. Os antepassados de todos nós, Rabino.

Viu que o tinha magoado, e sentiu que suas palavras eram cruéis, mas não podia parar. Sendo o homem honrado que era, como ele poderia escapar da verdade que ela lhe dizia?

Falou mais suavemente, mas suas palavras cortaram-no ainda mais fundo. — Rabino, se o senhor compartilhasse o testemunho de algumas das coisas que a Outra Memória me forçou

a saber, haveria de procurar novas palavras para definir o mal. Há ações de nossos antepassados que aviltam o pior rótulo que se possa imaginar.

— Rebecca... Rebecca... Sei de necessidades de...

— Não use desculpas a respeito de “necessidades dos tempos”. Um Rabino sabe muito bem. Quando ficamos sem senso moral? É que

às vezes não ouvimos.

Ele colocou as mãos no rosto, balançando para frente e para trás na velha cadeira, que estalava dolorosamente.

— Rabino, sempre o amei e respeitei. Vivi a Agonia por sua causa. Compartilhei Lâmpadas pelo senhor. Não negue o que aprendi com isso.

Ele abaixou as mãos. — Não nego, filha. Mas permita-me a minha dor.

— Entre todas as compreensões, Rabino, a mais imediata e importante é que não há inocentes.

— Rebecca!

— Culpado não é bem a palavra, Rabino, mas nossos antepassados fizeram coisas pelas quais é preciso pagar.

— Isso eu entendo, Rebecca. É um equilíbrio que...

— Não me diga que compreende, quando eu sei que não. —

Ela levantou-se e fixou-lhe o olhar de cima para baixo. — Não se trata de um livro de contas que se põe em dia. Até que ponto do passado o senhor poderia ir?

— Rebecca, sou o seu Rabino. Não deve falar assim, especialmente comigo.

— Quanto mais longe se vai, Rabino, piores são as atrocidades e mais alto o preço. O senhor não pode ir tão longe, mas eu sou obrigada a isso.

Voltando-se, ela o deixou ignorando a súplica em sua voz, o modo doloroso como ele pronunciou seu nome. Quando fechou a porta, ouviu-o dizer: — O que fizemos? Israel, ajude-a.

Redigir a História é em grande parte um processo de diversão. A maioria dos relatos históricos distrai a atenção das influências secretas que se escondem por trás dos grandes acontecimentos.

— O Bashar Teg

Quando entregue a si mesmo, Idaho com freqüência explorava sua não-nave prisão. Havia tanto que ver e aprender sobre este artefato ixiano. Era uma caverna de maravilhas.

Fez uma pausa em sua agitada caminhada desta tarde, através de seus alojamentos, e olhou para os pequenos televigias embutidos na luzidia superfície de uma porta. Elas o estavam observando. Tinha a estranha sensação de estar vendo a si mesmo através desses olhos intrometidos. O que pensariam as Irmãs, quando olhavam para ele? O atarracado menino-ghola da há muito destruída Fortaleza de Gammu tinha se tornado um homem magro: pele morena e cabelos escuros, mais longos agora do que quando entrara nessa não-nave, no último dia de Duna.

Os olhos Bene Gesserit espreitavam por debaixo da pele.

Estava certo de que elas suspeitavam que ele era um Mentat, e temia como isso podia ser interpretado. Como poderia um Mentat esperar esconder o fato das Reverendas Madres indefinidamente?

Tolice! Sabia que elas já suspeitavam dele a respeito da Revelação da Verdade.

Acenou para os televigias e disse: — Estou inquieto. Acho que vou explorar.

Bellonda detestava quando ele tomava essa atitude jocosa com referência à vigilância. Não gostava que ele andasse pela nave e não tentava disfarçar seu desagrado. Idaho podia ver a pergunta não-formulada e suas feições ameaçadoras sempre que se defrontava com ele: “Está procurando um meio de fugir?”

“E exatamente o que estou fazendo, Bell, mas não do modo que você suspeita.”

A não-nave lhe apresentava limites fixos: o campo de força exterior, que ele não podia penetrar, certas áreas de maquinaria, onde a propulsão (assim lhe disseram) tinha sido temporariamente desativada, alojamentos da guarda (ele podia ver o interior de alguns, mas não tinha permissão para entrar), o arsenal, a seção reservada ao Tleilaxu prisioneiro, Scytale. De vez em quando encontrava Scytale numa das barreiras, e eles se espreitavam mutuamente através do campo silenciador que os mantinha à parte.

Então, havia a barreira da informação — seções de Registros da Nave que não respondiam a suas perguntas, e respostas que seus guardas não davam.

Dentro desses limites, havia uma existência de coisas para ver e aprender, mesmo uma existência de trezentos Anos Padrão, aproximadamente, que ele poderia esperar viver.

“Se as Honradas Madres não nos encontrarem.”

Idaho via-se como a caça que elas procuravam, dando-lhe ainda mais importância que às mulheres da Sede da Irmandade.

Não tinha ilusões a respeito do que as caçadoras lhe fariam. Elas sabiam que ele estava aqui. Os homens que ele treinava em dependência sexual e que enviava para persegui-las — esses homens espicaçavam as caçadoras.

Quando as Irmãs conhecessem sua capacidade Mentat, saberiam imediatamente que sua mente continha as memórias da existência de mais de um ghola. “O original não tinha esse talento.”

Elas suspeitariam de que ele era um Kwisatz Haderach latente. Veja como racionavam sua melange. Estavam visivelmente aterrorizadas em repetir o erro que tinham cometido com Paul Atreides e seu filho Tirano. *Três mil e quinhentos anos de cativeiro.*

Mas lidar com Murbella exigia uma consciência Mentat.

Iniciava cada encontro com ela sem esperar alcançar respostas, fosse no momento ou mais tarde. Era uma abordagem tipicamente Mentat: concentrar-se nas perguntas. Os Mentats acumulavam perguntas do mesmo modo que os outros acumulavam respostas.

As perguntas criavam seus próprios padrões e sistemas. Isso produzia as mais importantes formas. Você olhava para seu universo através de padrões autocriados — todos compostos de imagens, palavras e rótulos (temporários), todos misturados em impulsos sensórios, que refletiam suas construções internas, do mesmo modo que a luz saltava das superfícies brilhantes.

O professor Mentat original de Idaho tinha formado as palavras temporárias para essa primeira tentativa de construção: —

Observe os movimentos consistentes contra sua tela interna.

Desta primeira imersão hesitante nos poderes Mentat, Idaho pôde traçar o crescimento de uma sensibilidade a mudanças, em suas observações, sempre *tornando-se* Mentat.

Bellonda era sua prova mais severa. Ele tinha horror ao seu olhar penetrante e às suas perguntas cortantes. Mentat sondando Mentat. Recebia suas investidas delicadamente, com reserva e paciência. “Bem, o que você está procurando?”

Como se ele não soubesse.

Usava a paciência como máscara. Mas o medo vinha naturalmente, e não havia mal nenhum em mostrá-lo. Bellonda não escondia seu desejo de vê-lo morto.

Idaho aceitava o fato de que logo as vigias veriam uma única fonte possível para as habilidades que ele era forçado a usar.

As habilidades reais de um Mentat estavam nessa *construção* mental que eles chamavam “a grande síntese”. Exigia uma paciência que os não-Mentats não podiam nem imaginar que fosse possível. As escolas Mentat a definiam como perseverança. Você era um rastreador primitivo, capaz de interpretar minúsculos sinais, pequenas perturbações no ambiente e de segui-las até onde elas o levassem. Ao mesmo tempo, permanecia aberto a amplos movimentos dentro e ao redor de si. Isso produzia a inocência, a

postura Mentat básica, semelhante à dos Reveladores da Verdade, mas muito mais devastadora.

— Estamos abertos para o que quer que o universo faça —

seu primeiro instrutor tinha dito. — Sua mente não é um computador; é um instrumento de respostas, regulado para qualquer coisa que seja mostrada pelos sentidos.

Idaho sempre reconhecia quando os sentidos de Bellonda estavam abertos. Ficava de pé, com o olhar levemente voltado para o interior, e ele sabia que poucos preconceitos habitavam sua mente. Sua defesa estava na falha básica de Bellonda: abrir os sentidos exigia um idealismo que lhe era desconhecido. Ela não fazia as melhores perguntas, e isso o intrigava. Odrade seria capaz de usar um Mentat com falhas? Isso não combinava com suas outras ações.

“Procuro as perguntas que formam as melhores imagens.”

Fazendo isso, você nunca pensava em si mesmo como inteligente, como a pessoa que tinha a fórmula para a solução. Você permanecia tão receptivo às novas perguntas como aos novos padrões. Testar, retestar, fazer e refazer. Um processo constante, nunca interrompido, nunca inteiramente satisfatório. Era sua própria pavana particular, semelhante àquela dos outros Mentats, mas levava sempre sua postura pessoal única e suas próprias etapas.

“Nunca se é realmente um Mentat. E por isso que nós o chamamos de *Meta Sem Fim.”* As palavras de seus professores estavam

escritas a fogo em sua consciência.

À medida que ele acumulava observações sobre Bellonda, veio a valorizar o ponto de vista daqueles grandes Mestres Mentat que o tinham ensinado. As Reverendas Madres não dão os melhores Mentats.

Nenhuma Bene Gesserit pareceu capaz de libertar-se completamente do vínculo absoluto que alcançava na Agonia da Especiaria: lealdade à sua Irmandade.

Seus professores o tinham advertido contra os absolutos.

Eles criavam uma falha séria em um Mentat.

— Tudo que você faz, tudo que você percebe ou diz é experimentado. Não há dedução final. Nada tem fim, até a morte, e

talvez nem mesmo aí, porque cada vida cria ondulações intermináveis. A indução salta interiormente, e você se torna sensível a ela. A dedução implica as ilusões dos absolutos.

Estilhace a verdade a pontapés.

Quando as perguntas de Bellonda tocavam seu relacionamento com Murbella, ele percebia vagas respostas emocionais. “Divertimento? Ciúme?” Ele podia aceitar divertimento (e até ciúme) em relação às fortes exigências sexuais dessa dependência mútua. “Será que o êxtase é assim tão formidável?”

Ele vagava pelos aposentos nessa tarde, sentindo-se deslocado, como se ainda fosse novo aí e não os estivesse aceitando como sua casa. “É a voz da emoção.”

Durante os anos de sua prisão, esses alojamentos tinham adquirido a aparência de uma habitação. Esta era a sua caverna, a antiga suíte de supercarga: grandes salas de paredes levemente curvas — quarto de dormir, biblioteca, escritório, sala de estar, banheiro de

azulejos verdes com sistemas de limpeza seca e hidráulica, e um grande salão de prática, que ele compartilhava com Murbella, para os exercícios físicos.

Os aposentos tinham uma coleção única de artefatos e marcas da sua presença: a cadeira linga, colocada bem no ângulo de sua mesa de comando, e o projetor ligando-o aos sistemas da nave, os registros ridulianos na mesinha baixa. E havia as marcas da ocupação — aquela mancha escura na mesa de trabalho.

Alimento derramado que tinha deixado sua marca indelével.

Dirigiu-se agitado para o quarto de dormir. A luz estava reduzida. Sua capacidade de identificar as coisas familiares aplicava-se também aos odores. Havia um cheiro de saliva na cama

— o resíduo da colisão sexual da noite anterior.

“Essa era a palavra adequada: colisão.”

O ar da não-nave — filtrado, reciclado e suavizado —

freqüentemente o aborrecia. Nenhuma saída dessa confusão para o exterior permanecia aberta por muito tempo. Às vezes, ele sentava-se silenciosamente, fungando, esperando um leve traço de ar que não tivesse sido ajustado às exigências da prisão.

“Há um modo de escapar!”

Saiu de seus alojamentos, desceu o corredor, tomou a calha de descida rápida no fim da passagem, e emergiu no nível inferior da nave.

“O que estará acontecendo realmente lá fora, nesse mundo a céu aberto?”

O pouco que Odrade lhe contava sobre os acontecimentos enchia-o de apreensão e dava-lhe o sentimento de ter caído numa armadilha.

“Sem ter para onde correr! Estarei certo em compartilhar meus medos com Sheeana? Murbella simplesmente riu. —

Protegerei você, amor. As Honradas Madres não me farão mal. —

Outro sonho falso.”

“Mas Sheeana... Com que rapidez ela tinha entendido a linguagem das mãos e entrado no espírito de sua conspiração.

Conspiração? Não... Duvido que alguma Reverenda Madre aja contra suas Irmãs. Até mesmo Lady Jessica voltou para elas no fim.

Não peço a Sheeana que aja contra sua Irmandade, somente que nos proteja contra a loucura de Murbella.”

O imenso poder das caçadoras fazia com que só se pudesse prever a destruição. Um Mentat precisaria apenas olhar para sua violência destruidora. Elas também traziam algo mais, algo que tinha a ver com as questões da Dispersão, lá fora. O que eram esses Futares que Odrade mencionava tão casualmente? *Parte humanos, par te feras?* Essa tinha sido a suspeita de Lucilla. “E onde estava Lucilla?”

Num instante ele se achou no Grande Porão, o espaço de carga quilométrico, onde tinham transportado o último gigantesco verme da areia de Duna, trazendo-o para a Sede da Irmandade. A área ainda tinha o cheiro de especiaria e areia, enchendo sua mente com os tempos passados e os mortos longínquos. Sabia porque vinha com tanta freqüência ao Grande Porão, às vezes até sem pensar, como agora. Ele o repelia e atraía, ao mesmo tempo. A ilusão de espaço ilimitado, com traços de poeira, areia e especiaria trazia-lhe a nostalgia de liberdades perdidas. Mas havia um outro lado. Era aqui que aquilo sempre lhe acontecia.

“O que acontecerá hoje?”

Sem nenhum aviso, o sentido de estar no Grande Porão se desfazia. Então... a rede vislumbrada vagamente num céu

incandescente. Tinha consciência de que não “via” realmente uma rede, quando a visão aparecia. Sua mente interpretava o que os sentidos não podiam definir.

“Uma rede bruxuleante, ondulando como um infinito boreal.”

Então a rede se partia, e ele via duas pessoas — homem e mulher. Como pareciam comuns e, ao mesmo tempo, extraordinários. Uma avó e um avô em roupas antigas: macacão de peitilho para o homem e um longo vestido com um lenço de cabeça para a mulher. Trabalhando num jardim de flores. Pensou que seria mais uma ilusão. “Estou vendo isso, mas não é realmente o que vejo.” Eles sempre o viam, no fim. Ouvia suas vozes: — Lá está ele, de novo, Marty — dizia o homem, chamando a atenção da mulher para Idaho.

— Fico pensando como ele pode ver, estando do outro lado?

— Marty perguntou uma vez. — Parece impossível.

— Ele se expandiu numa camada muito fina, eu acho. Será que conhece o perigo?

“Perigo.” Essa era a palavra que sempre o arrancava da visão. — Não está em sua mesa de comando, hoje?

Apenas por um instante, Idaho pensou que fosse a visão, a voz dessa mulher estranha, mas então compreendeu que era Odrade. Sua voz soou bem atrás de si. Ele rodopiou e viu que tinha esquecido de fechar o alçapão. Ela o tinha seguido até o Porão, espreitando-o silenciosamente, evitando a areia espalhada que poderia ter chiado sob seus pés e traído sua presença. Parecia cansada e impaciente. “Por que ela acha que eu estaria em minha mesa?”Como se respondesse à pergunta não-formulada, ela disse:

— Encontro-o em seu consolo tantas vezes, ultimamente. O que está procurando, Duncan?

Ele sacudiu a cabeça sem falar. “Por que me sinto em perigo de repente?”

Era um sentimento raro, na companhia de Odrade. Entretanto podia lembrar-se de outras ocasiões. Uma vez, quando ela tinha olhado fixamente para suas mãos no campo de sua mesa de comando. “Medo associado à minha mesa. Será que revelo minha fome Mentat de informações? Por acaso adivinham que foi lá que escondi meu eu secreto?”

— Não tenho nenhuma privacidade? — Irritação e ataque.

Ela sacudiu a cabeça devagar, como quem diz: — Você pode fazer melhor que isso.

— Esta é a sua segunda visita hoje — acusou.

— Devo dizer que está com boa aparência, Duncan. — Mais circunlóquios.

— É isso que suas vigias dizem?

— Não seja mesquinho. Vim bater um papo com Murbella.

Ela disse que você estaria aqui embaixo.

— Acho que você sabe que Murbella está grávida novamente. — Odrade estaria tentando apaziguá-la?

— Pelo que estamos muito gratas. Vim dizer-lhe que Sheeana quer vê-lo novamente.

“Por que Odrade traria essa notícia?”

Suas palavras trouxeram-lhe imagens da menina abandonada de Duna, que se tornara uma completa Reverenda Madre (a mais jovem de todos os tempos, era o que diziam).

Sheeana, sua confidente, lá fora observando o último verme da areia gigante. Teria ele se perpetuado, finalmente? Por que o interesse de Odrade pela visita de Sheeana?

— Sheeana quer discutir o Tirano com você. Viu a surpresa que isso produziu.

— O que eu poderia acrescentar ao conhecimento de Sheeana a respeito de Leto II? — interpelou. — Ela é uma Reverenda Madre.

— Você conheceu os Atreides intimamente. “Ahhh. Ela está caçando o Mentat.”

— Mas você disse que ela queria discutir Leto, e não é seguro pensar nele como Atreides.

— Oh, mas ele era. Tornado mais poderoso que qualquer outro antes dele, mas um de nós, de qualquer forma.

“Um de nós!” Queria lembrá-lo de que ela, também, era Atreides. Cobrando seu interminável débito com a família!

— Assim diz você.

— Não acha que deveríamos parar com esse jogo tolo?

Foi tomado de súbita cautela. Viu que ela percebia isso. Essa detestável sensibilidade das Reverendas Madres. Olhou-a fixamente, não ousando falar, mas sabendo que mesmo isso deixava transparecer mais do que desejava.

— Achamos que você se recorda de mais que uma existência de ghola. — E como ele não tivesse dado resposta: —

Vamos, vamos, Duncan! Você é um Mentat?

Pelo modo como ela falou, tanto uma acusação como uma pergunta, ele soube que a dissimulação tinha acabado. Era quase um alívio.

— E se for?

— Os Tleilaxu misturaram as células de mais de um ghola Idaho, quando o criaram.

“Ghola Idaho!” Ele se recusava a pensar em si mesmo como essa abstração. — Por que Leto é, de repente, tão importante para você? — A resposta não representava uma fuga em admiti-lo.

— Nosso verme transformou-se em truta da areia.

— Elas estão crescendo e se propagando?

— Aparentemente.

— A menos que vocês as contenham ou as eliminem, a Sede da Irmandade poderá tornar-se um outro Duna.

— Você planejou isso, não?

— Leto e eu, juntos.

— Então você se lembra de muitas vidas. Fascinante. Isso faz de você uma pessoa semelhante a nós. — Como era firme o seu olhar! — Muito diferente, eu acho. “Tenho de afastá-la dessa direção!”

— Você alcançou as lembranças durante seu primeiro encontro com Murbella?

“Quem teria pensado nisso? Lucilla? Ela estava lá, e podia ter adivinhado, confiando suas suspeitas às Irmãs.” Ele tinha que esclarecer o assunto mortal.

— Não sou outro Kwisatz Haderach!

— Não é? — Objetividade estudada. Ela permitiu que isso se revelasse, uma crueldade, ele pensou.

— Você sabe que não! — Ele estava lutando pela vida, e sabia disso. Não tanto com Odrade, mas com as outras que vigiavam e examinavam os registros dos televigias.

— Conte-me a respeito de suas memórias em série. — Era uma ordem da Madre Superiora. Não havia como escapar.

— Conheço essas... vidas. É como se fosse uma única existência.

— Essa acumulação poderia ser muito valiosa para nós, Duncan. Você também se lembra dos tanques axlotl?

A pergunta enviou seu pensamento para as sondagens nebulosas que o fizeram imaginar coisas estranhas sobre os Tleilaxu — grandes elevações de carne humana suavemente visíveis aos olhos imperfeitos do recém-nascido, imagens nebulosas e desfocadas, quase-memórias da emersão pelos canais do nascimento. Como isso podia combinar com “tanques”?

— Scytale nos forneceu o conhecimento para fazermos nosso próprio sistema axlotl — Odrade disse.

Sistema? Palavra interessante. — Isso significa que vocês também duplicam a produção de especiaria Tleilaxu?

— Scytale pede mais do que estamos dispostas a lhe dar.

Mas a especiaria virá a seu tempo, de um modo ou de outro.

Odrade ouviu-se falar firmemente e perguntou-se se ele perceberia a incerteza. “Pode ser que não tenhamos tempo de fazê-lo.”

— As Irmãs que vocês dispensaram estão em dificuldades

— disse ele, dando-lhe uma pequena prova da consciência Mentat.

— Vocês estão tirando do estoque para fornecer-lhes, e as reservas podem chegar ao fim.

— Elas têm nosso conhecimento axlotl e as trutas da areia.

A possibilidade de incontáveis Dunas sendo reproduzidos num universo infinito chocou-o a ponto de silenciá-lo.

— Elas tentarão resolver o problema do suprimento de melange com os tanques, com os vermes ou ambos — disse ela.

Nisso podia ser sincera. Tratava-se de uma expectativa estatística.

Um entre os grupos dispersos das Reverendas Madres deveria consegui-lo.

— Os tanques — disse ele. — Tenho... sonhos estranhos. —

Quase tinha dito “preocupações”.

— E bem deveria. — Em poucas palavras, ela lhe contou como a carne da mulher era incorporada.

— Para fazer a especiaria também?

— Achamos que sim.

— Repugnante!

— Não seja imaturo — ela repreendeu.

Em tais momentos, ele a detestava intensamente. Uma vez ele a censurara pelo modo como as Reverendas Madres se retraíam da “corrente comum das emoções humanas”, e ela tinha dado uma resposta idêntica.

“Imaturo?”

— E provavelmente sem remédio — ele disse. — Uma infeliz falha em meu caráter.

— Está pensando em debater moralidade comigo?

Ele pensou ter percebido irritação em sua voz. — Nem mesmo ética. Funcionamos sob normas diferentes.

— Normas são geralmente desculpas para se ignorar a compaixão.

— Será que estou ouvindo um longínquo eco de consciência numa Reverenda Madre?

— Deplorável. Minhas Irmãs me mandariam para o exílio se pensassem que eu era dirigida pela consciência.

— Você pode ser estimulada, não governada.

— Muito bem, Duncan. Gosto muito mais quando você é abertamente Mentat.

— Não confio em seu gosto.

Seu riso soou alto. — Como é parecido com Bell!

Ele fixou-lhe um olhar estúpido. Seu riso tinha-o mergulhado no conhecimento súbito do modo de escapar de suas carcereiras, livrar-se das constantes manipulações Bene Gesserit e viver sua própria vida. A saída não estava na maquinaria, mas nas falhas da Irmandade. Os absolutos pelos quais elas acreditavam tê-lo cercado e preso — aí estava a saída!

“E Sheeana sabe! Essa é a isca com que ela acena para mim.” Como Idaho não falasse, Odrade disse: — Conte-me sobre as outras vidas.

— Errado. Penso nelas como uma vida contínua.

— Sem mortes?

Ele respondeu de forma silenciosa. Memórias em série: as mortes eram tão informativas como as vidas. Morto tantas vezes pelo próprio Leto!

— As mortes não interrompem minhas memórias.

— Uma estranha forma de imortalidade — ela disse. — Você sabe que os Mestres Tleilaxu se divertiam, não sabe? Mas você —

o que eles esperavam conseguir, misturando vários gholas numa só carne? — Pergunte a Scytale.

— Bell tinha certeza de que você era um Mentat. Ela ficará encantada.

— Acho que não.

— Providenciarei para que fique. Puxa! Tenho tantas perguntas, que não sei por onde começar. — Ela o estudou, com a mão esquerda sob o queixo.

“Perguntas?” Exigências Mentat fluíram na mente de Idaho.

Deixou que as perguntas que tinha feito a si mesmo tantas vezes se movimentassem, formando padrões. “O que os Tleilaxu procuravam em mim?” Eles não podiam ter incluído células de todos os gholas nesta encarnação. Entretanto... ele tinha todas as memórias. Que elo cósmico acumulou todas essas vidas num único *self?.* Seria essa a pista para as visões que o tinham assaltado no Grande Porão? Meias memórias formaram-se em sua mente: seu corpo em fluido morno, alimentado por tubos, massageado por máquinas,

sondado e questionado por observadores Tleilaxu. Sentiu respostas sussurrantes de eus semi-adormecidos. As palavras não tinham significado. Era como se estivesse ouvindo uma língua estrangeira de seus próprios lábios, mas ele sabia que era o Galach comum.

O alcance que reconhecia nas ações dos Tleilaxu enchia-o de medo e admiração. Eles investigavam um cosmo que ninguém tinha ousado tocar, a não ser as Bene Gesserit. O fato de terem sido movidos por razões egoístas não diminuía seus feitos. Os

infindáveis renascimentos dos Mestres Tleilaxu eram uma recompensa digna dessa ousadia.

Dançarinos Faciais para copiar qualquer vida, qualquer mente. O âmbito do sonho Tleilaxu era tão espantoso quanto as façanhas das Bene Gesserit.

Scytale reconhece memórias dos tempos do Muad'Dib —

disse Odrade. — Vocês poderiam trocar idéias, qualquer dia.

— Essa espécie de imortalidade é um instrumento de barganha — preveniu ele. — Ele poderia vendê-la para as Honradas Madres?

— É possível. Vamos. Vamos voltar a seus alojamentos.

No gabinete, Odrade fez um gesto para que ele ocupasse a cadeira em sua mesa de comando, e Idaho se perguntou se ela ainda estava atrás de seus segredos. Ela curvou-se sobre ele para manipular os controles. O projetor opaco produziu a cena de um deserto com o horizonte de dunas ondulantes.

— A Sede da Irmandade? — ela disse. — Uma larga faixa ao longo de nosso equador.

A excitação o tomou. — Trutas da areia, você disse. Mas há novos vermes?

— Sheeana espera-os em breve.

— Eles exigem uma grande quantidade de especiaria como catalisador.

— Nós investimos uma grande quantidade de melange lá fora. Leto lhe contou a respeito do catalisador, não foi? Que mais você se lembra dele?

— Ele me matou tantas vezes que é doloroso recordá-lo.

Ela tinha os registros de Dar-es-Balat sobre Duna, que confirmavam o fato. — Matou-o mesmo, eu sei. Jogou-o fora quando você não era mais útil?

— Às vezes eu correspondia às expectativas e tinha direito a uma morte natural.

— O Caminho Dourado valia a pena?

“Nós não entendemos seu Caminho Dourado nem as fermentações que o produziram.” Idaho reproduziu o pensamento como resposta a Odrade.

— Interessante escolha de palavras. Um Mentat pensa nas eras do Tirano como fermentações.

— Que estouraram na Dispersão.

— Levadas também pelos Tempos da Fome.

— Acha que ele não antecipou a Fome?

Ela não respondeu, silenciada pela perspectiva Mentat de Idaho. “O Caminho Dourado: a humanidade irrompendo no universo... nunca mais confinada a um único planeta e suscetível de um único destino. Não mais todos os ovos na mesma cesta.”

— Leto pensava na humanidade como um único organismo

— ele disse.

— Mas ele nos incluiu em seu sonho contra nossa vontade.

— Vocês, Atreides, sempre fazem isso.

“Vocês, Atreides!” — Então você já nos pagou seu débito?

— Eu não disse isso.

— Pode avaliar meu dilema atual, Mentat?

— Há quanto tempo as trutas da areia estão trabalhando?

— Mais que oito Anos Padrão.

— Com que rapidez o nosso deserto está se desenvolvendo?

“Nosso deserto! “Ela fez um gesto para a projeção.— É mais que o triplo do que era, antes das trutas da areia.

— Tão rápido!

— Sheeana espera ver pequenos vermes qualquer dia.

— Eles costumam não aparecer antes de atingir dois metros, mais ou menos.

— É o que ela diz.

Ele falou num tom pensativo: — Cada um como uma pérola da consciência de Leto em seu “sonho sem fim”.

— Foi o que ele disse, e ele nunca mentia sobre essas coisas. — Suas mentiras eram mais sutis. Como as das Reverendas Madres. — Você nos acusa de mentir?

— Por que Sheeana deseja me ver?

— Mentats! Vocês pensam que suas perguntas são respostas. — Odrade sacudiu a cabeça numa imitação de tristeza.

— Ela deve aprender o máximo possível sobre o Tirano como o centro de adoração religiosa.

— Deuses das profundezas! Porquê?

— O culto de Sheeana se espalhou. Está em todo o Antigo Império e além, levado pelos sacerdotes sobreviventes de Rakis.

— De Duna — ele corrigiu. — Não pense nesse planeta como Arrakis ou Rakis. Anuvia a mente.

Ela aceitou sua correção. Ele estava totalmente Mentat agora, e Odrade esperou pacientemente.

— Sheeana falava com os vermes da areia em Duna — ele disse. — Eles respondiam. — Ele encarou seu olhar inquiridor. —

De volta a seus velhos truques com a Missionária Protectiva, hein?

— O Tirano é conhecido como Dur e Guldur na Dispersão —

disse ela, alimentando sua inocência Mentat.

— Você tem uma tarefa perigosa para ela. Ela sabe?

— Sabe, e você poderia torná-la menos perigosa.

— Então abra seu sistema de informação para mim.

— Sem limites? — Ela sabia o que Bell diria disso!

Ele assentiu, incapaz de se permitir a esperança de que ela concordasse. “Será que ela suspeita com que desespero eu desejo isso?” Havia uma dor no local onde ele mantinha seu conhecimento de como poderia escapar. “Ilimitado acesso à informação. Ela vai pensar que eu desejo a ilusão da liberdade.”

— Você será meu Mentat, Duncan?

— Que escolha eu tenho?

— Vou discutir seu pedido com o Conselho e lhe darei uma resposta. “A porta de saída estará aberta?”

— Devo pensar como uma Honrada Madre — ele disse, argumentando para os televigias e as vigilantes que examinariam seu pedido.

— Quem poderia fazê-lo melhor do que alguém que vive com Murbella? — Odrade perguntou.

A corrupção vale-se de infinitos disfarces. — Thu-Zen Tleilaxu

“Elas não sabem o que penso nem o que sou capaz de fazer”, pensou Scytale. “Suas Reveladoras da Verdade não podem me penetrar.” Isso, pelo menos, ele havia salvo do desastre — a

arte do engodo, aprendida com seus impecáveis Dançarinos Faciais.Ele movimentava-se suavemente por sua área da não-nave, observando, catalogando, avaliando. Cada olhar seu pesava pessoas ou lugares através de uma mente treinada para procurar falhas.Cada Mestre Tleilaxu soubera que algum dia Deus poderia dar-lhe uma tarefa para testar seu compromisso.

“Pois bem!” Esta era uma tarefa e tanto. As Bene Gesserit, que alegavam compartilhar sua Grande Crença, juravam falso. Eram impuras. Ele não tinha mais companheiros que o purificassem em seu retorno de lugares estranhos. Tinha sido atirado no universo powindah, feito prisioneiro pelas servas de Shaitan, caçado pelas prostitutas da Dispersão. Mas nenhum desses agentes do mal conhecia seus recursos. Nenhum deles suspeitava de como Deus o ajudaria nesta situação extrema.

“Eu me purifico, Deus!”

Quando as mulheres de Shaitan arrancaram-no das mãos das prostitutas, prometendo-lhe refúgio e “toda assistência”, ele as reconhecera como falsas.

“Quanto maior o teste, maior a minha fé.”

Há apenas alguns minutos ele tinha observado, através da tênue barreira, o passeio matinal de Duncan Idaho pelo longo corredor. O campo de força que os mantinha separados impedia a passagem ‘do som, mas Scytale via moverem-se os lábios de Idaho, e

entendeu seu praguejar. “Pode amaldiçoar-me, ghola, mas nós o fizemos e ainda poderemos usá-lo.”

Deus tinha introduzido *um Acidente Sagrado* no plano dos Tleilaxu para este ghola, mas Deus sempre tinha desígnios mais amplos. O dever dos fiéis era encaixar-se nos planos de Deus, e não exigir que Ele seguisse os projetos humanos.

Scytale submeteu-se ao teste, renovando sua sagrada promessa. Isso foi feito sem palavras, no antigo método Bene Tleilax do “s’tori”. — Para se atingir o “s’tori”, não é necessário compreender. Ele existe sem palavras, até mesmo sem um nome.

A mágica de seu Deus era sua única ponte. Scytale sentia isso profundamente. Como o mais jovem Mestre do mais alto kehl, ele soubera, desde o início, que seria escolhido para este trabalho supremo. Esse conhecimento era uma de suas forças, e ele via isso toda vez que se olhava no espelho. “Deus concebeu-me para enganar os powindah!” Sua aparência delgada e infantil era formada de uma pele cinzenta, cujos pigmentos metálicos bloqueavam a ação perscrutadora das sondas. Sua forma diminuta confundia as pessoas que o viam, e ocultava os poderes acumulados em uma série de encarnações ghola. Somente as Bene Gesserit eram portadoras de memórias mais antigas, mas ele sabia que o mal as conduzia.

Scytale esfregou o peito, lembrando-se do segredo ali escondido, com tal habilidade que nem mesmo uma cicatriz era visível no local. Todos os Mestres carregavam esse recurso —

cápsula de nulentropia preservando as células-sementes de uma multidão: Mestres companheiros do kehl central, Dançarinos Faciais, técnicos e outros, que seriam de grande atrativo para as mulheres de Shaitan... e para muitos powindah fracos! Paul Atreides e sua amada Chani estavam lá. (Oh, como tinha sido difícil revistar as roupas dos mortos para encontrar células esparsas!) O Duncan Idaho original estava lá com outros servidores dos Atreides — os Mentats Thufir Hawat, Gurney Halleck, o Fremen Naib Stilgar...

criados potenciais em número suficiente para povoar o universo dos Tleilaxu.

O prêmio dos prêmios, no tubo de nulentropia, eram aqueles que ele ambicionava trazer à existência, e cuja mera lembrança fazia-o perder o fôlego: Dançarinos Faciais perfeitos! Perfeitos imitadores. Registros perfeitos da persona da vítima. Capazes de enganar até mesmo as bruxas Bene Gesserit. Nem o shere podia impedi-los de capturar a mente de outrem.

Considerava o tubo como seu máximo poder de barganha.

Ninguém devia ter conhecimento dele. Por enquanto, Scytale catalogava falhas.

Estava encantado com a quantidade de lacunas existentes na defesa da não-nave. Em suas múltiplas vidas ele tinha colecionado

talentos, do mesmo modo que outros Mestres, seus companheiros, colecionavam futilidades interessantes. Era sempre considerado sério demais, mas agora encontrara o tempo e o lugar para a vingança.

O estudo das Bene Gesserit sempre o atraíra. E através dos tempos, tinha adquirido um cabedal de conhecimentos sobre elas.

Sabia que havia mitos e informações distorcidas, mas a fé nos propósitos de Deus davam-lhe certeza de que sua perspectiva pessoal serviria à Grande Crença, não obstante os rigores da Sagrada Prova.

Parte de seu catálogo sobre as Bene Gesserit, ele denominava “Peculiaridades”, em função da freqüente observação:

— Isso é uma peculiaridade delas!

As “peculiaridades” o fascinavam.

Era uma peculiaridade delas tolerar, nos outros, o comportamento grosseiro, que não fosse ameaçador, uma atitude que elas não aceitariam em si mesmas. “Os padrões Bene Gesserit são mais elevados.” Scytale tinha ouvido isso até mesmo por parte de antigos companheiros já falecidos.

— Temos o dom de ver a nós mesmas como os outros nos vêem — Odrade disse uma vez.

Scytale incluiu a observação entre as “peculiaridades”, mas as palavras de Odrade não estavam de acordo com a Grande Crença. Somente Deus via seu “eu” mais profundo. A ostentação de Odrade soava como arrogância.

— Elas não dizem mentiras ocasionais. A verdade lhes é mais conveniente.

Ele, muitas vezes, questionou-se sobre isso. A própria Madre Superiora citava-o como uma regra da Bene Gesserit. Ainda havia o fato de que as bruxas pareciam ter uma perspectiva cínica da verdade. Ela ousava alegar que era Zensunni. “Que verdade? De quem? Modificada de que modo? Em que contexto?”

Ambos tinham se reunido na tarde anterior, em seus aposentos na não-nave. Ele pedira “uma troca de idéias sobre problemas mútuos”, seu eufemismo para negociação. Estavam

sozinhos, anão ser pelos televigias e pelas idas e vindas das vigilantes Irmãs.

Seus aposentos eram bastante confortáveis: três salas com paredes de plaz num verde repousante, uma cama macia, cadeiras adaptadas para seu tamanho reduzido.

Esta era uma não-nave ixiana, e ele tinha certeza de que suas carcereiras não suspeitavam o quanto ele sabia a seu respeito.

“Tanto quanto os Ixianos.” Máquinas ixianas em toda parte, mas nenhum Ixiano à vista. Ele duvidava que houvesse um único deles na Sede da Irmandade. As bruxas eram famosas por cuidarem, elas próprias, da manutenção.

Odrade movia-se e falava suavemente, observando-o com cuidado. “Elas não são impulsivas.” Era o que geralmente se ouvia.

Fez perguntas sobre seu conforto, e pareceu preocupada com ele.

Ele olhou rapidamente à volta da sala de estar.

— Não vejo Ixianos por aqui.

Odrade franziu os lábios com desagrado.

— Foi para isso que você solicitou uma conversa?

“Naturalmente que não, bruxa! Estou simplesmente praticando minhas artes de distração. Você não esperaria que eu mencionasse coisas que quisesse esconder. Então por que eu iria chamar sua atenção sobre os Ixianos, quando sei que é improvável que haja perigosos intrusos soltos em seu malfadado planeta?

Ahhh, a tão louvada ligação que nós, os Tleilaxu, mantivemos com os Ixianos por tanto tempo. Vocês sabem disso! Vocês puniram os Ix memoravelmente, mais de uma vez.”

Os tecnocratas de Ix poderiam hesitar em irritar as Bene Gesserit, pensou ele, mas seriam extremamente cuidadosos em não provocar a ira das Honradas Madres. A presença dessa não-nave indicava um comércio secreto, mas o preço deve ter sido enorme, e os circunlóquios, excepcionais. Detestáveis essas prostitutas da Dispersão. Elas próprias poderiam precisar dos Ix, pensou ele. E

estes poderiam desafiar secretamente as prostitutas, para fazerem acordos com as Bene Gesserit. Mas os limites eram apertados, e havia muitas oportunidades de traição.

Esses pensamentos o confortavam, enquanto negociava.

Odrade, de humor instável, perturbou-o várias vezes com silêncios, durante os quais ela fixava-lhe o olhar naquele inquietante jeito Bene Gesserit.

O que estava em jogo era muito — nada menos que a sobrevivência para cada um deles, e sempre em questão essa coisa sutil: ascendência, controle do universo humano, perpetuação de seus próprios métodos, como o padrão dominante.

“Dê-me uma pequena abertura que eu possa expandir”, pensou Scytale. “Dê-me meus próprios Dançarinos Faciais. Meus criados, que cumpram minhas ordens diretamente.”

— É pouca coisa que tenho a pedir — disse. — Procuro meu conforto pessoal, meus próprios criados.

Odrade continuou a olhá-lo fixamente, na maneira ponderada das Bene Gesserit que parecia sempre tirar uma a uma todas as máscaras e ver profundamente dentro do outro.

“Mas tenho máscaras que você não penetrou.”

Podia perceber que ela o achava repulsivo — o modo como seu olhar detinha-se seqüencialmente em cada uma de suas feições. Sabia o que ela estava pensando. “Uma figura de elfo, com uma face estreita e olhos travessos. Bico-de-viúva.” Seu olhar desceu um pouco mais: “Boca pequena, com dentes aguçados e caninos pontudos.”

Scytale sabia que era uma figura saída das mais perigosas e inquietantes mitologias da humanidade. Odrade estaria se perguntando: “Por que os Bene Tleilaxu escolheram esta aparência física específica, quando seu controle de genética poderia proporcionar-lhes um aspecto mais imponente?”

Pela simples razão que isso a perturba, vil powindah!

Pensou imediatamente em outra “peculiaridade”: — As Bene Gesserit raramente semeiam a maldade.

Scytale tinha visto a conseqüência suja de muitas ações Bene Gesserit. “Veja o que aconteceu em Duna! Reduzido a cinzas porque vocês, mulheres de Shaitan, escolheram o solo sagrado para desafiar as prostitutas. Até mesmo os espectros de nosso Profeta elas levaram como prêmio. Todos mortos!”

E ele mal ousava contemplar suas próprias perdas. Nenhum planeta Tleilaxu tinha escapado ao destino de Duna. “As Bene Gesserit causaram isso!” E ele tinha de suportar sua tolerância —

um refugiado que contava apenas com Deus para dar-lhe forças.

Ele perguntou a Odrade sobre a maldade semeada èm Duna.

— Você só a encontra quando estamos *in extremis.*

— É por isso que atraíram a violência das prostitutas? Ela recusou-se a discutir isso.

Um dos falecidos companheiros de Scytale tinha dito: — As Bene Gesserit andam em linha reta. Você pode achá-las complexas, mas quando se olha atentamente, seu método se simplifica.

Esse companheiro e todos os outros tinham sido massacrados pelas prostitutas. Sua única sobrevivência jazia nas células da cápsula de nulentropia. Era tudo o que restava da sabedoria de um Mestre morto!

Odrade queria mais informação técnica sobre os tanques de axlotl. Ohhh, como ela ordenava bem suas perguntas!

Negociavam a sobrevivência, e cada partícula tinha um grande peso. O que recebera por seus pequenos e dosados fragmentos de informações sobre os tanques axlotl? Odrade levava-o para fora da nave ocasionalmente agora. Mas, tanto quanto a nave, o planeta

inteiro era uma prisão para ele. Aonde poderia ir, sem que as bruxas o encontrassem?

O que elas estariam fazendo com seus próprios tanques axlotl? Ele não estava certo nem mesmo quanto a isso. As bruxas mentiam com tal facilidade!

Seria errado fornecer-lhes conhecimento, ainda que limitado?

Compreendia agora que tinha lhes dado muito mais que os simples detalhes biotécnicos aos quais ele se restringira. Elas definitivamente concluíram como os Mestres tinham criado uma imortalidade limitada — sempre um substituto de ghola sendo desenvolvido nos tanques. Isso, também, estava perdido! Ele desejava gritar-lhe todas essas coisas em sua raiva frustrada.

“Perguntas... perguntas óbvias.”

Ele desviava-se de suas perguntas com prolixos argumentos sobre “minha necessidade de Dançarinos Faciais como criados, e

minha própria mesa de controle do sistema da nave”.

Odrade permanecia ardilosamente inflexível, tentando obter mais conhecimentos sobre os tanques. — A informação para produzir melange a partir dos tanques poderia levar-nos a ser mais liberais com nossos hóspedes.

“Nossos tanques! Nossos hóspedes!”

Essas mulheres eram como uma parede de plasteel. Não haveria tanques para seu uso pessoal, pensou Scytale. ‘Todo o poder dos Tleilaxu perdido.” Era um pensamento cheio de pesarosa autopiedade. Recobrou-se, entretanto, com a idéia de que Deus o estava testando em seus recursos. “Elas pensam que me têm preso numa armadilha.” Mas as restrições lhe doíam. Se a possibilidade de Dançarinos Faciais como criados estava afastada, muito bem.

Ele teria outros criados. Não Dançarinos Faciais.

Scytale sentia a mais profunda angústia de suas muitas vidas quando pensava em seus Dançarinos Faciais perdidos — seus escravos mutáveis. “Malditas sejam essas mulheres e sua pretensão de que compartilham a Grande Crença! Acólitas e Reverendas Madres onipresentes, sempre bisbilhotando por toda parte. Espiãs! E televigias aonde quer que se fosse. Opressivo.”

Logo que chegara à Sede da Irmandade, tinha percebido uma certa reserva em suas carcereiras, uma privacidade que se tornou intensa quando ele começou a investigar o trabalho da ordem. Mais tarde, reconheceu essa atitude como um círculo fechado, no qual elas se reuniam para enfrentar qualquer tipo de ameaça externa. “O que é nosso, é nosso. Você não pode entrar!”

Ele via nisso uma postura parental, uma perspectiva materna da humanidade: — Comportem-se, ou nós os puniremos! — E as punições Bene Gesserit eram certamente algo a ser evitado.

Enquanto Odrade continuava a exigir mais do que ele estava disposto a fornecer, Scytale fixou a atenção numa “peculiaridade”

que lhe parecia, sem nenhuma dúvida, verdadeira: “Elas não podem amar.” Com o que era forçado a concordar. Nem amor nem ódio eram puramente racionais. Ele pensava nessas emoções como uma fonte escura, ensombrecendo tudo ao redor, um jorro primitivo que se espargia sobre seres humanos desavisados.

“Como fala essa mulher!” Ele a observava, sem ouvi-la propriamente. Quais eram as falhas das Bene Gesserit? Seria uma fraqueza o fato de evitarem a música? Quem sabe teriam medo de seu efeito secreto sobre as emoções? A aversão parecia ser fortemente condicionada, mas os condicionamentos nem sempre tinham sucesso. Em suas muitas vidas ele notara que as bruxas pareciam gostar de música. Quando perguntou a Odrade, ela se tornou bastante veemente, e ele suspeitou que fosse uma demonstração deliberada para iludi-lo.

— Não podemos nos permitir distrações!

— Vocês nunca repetem grandes desempenhos musicais na memória? Disseram-me que antigamente...

— De que serve a música executada em instrumentos que não são mais conhecidos pela maioria das pessoas?

— Hein? Que instrumentos são esses?

— Onde se encontraria um piano? “Ainda essa falsa irritação.” — Instrumentos terríveis de se afinar e ainda mais difíceis de tocar.

“Que beleza de protesto.” — Nunca ouvi falar desse...

desse... piano, foi o que disse? É como o baliset?

— Primos distantes. Mas poderia somente ser afinado numa tonalidade aproximada. Uma idiossincrasia do instrumento.

— Por que você citou em especial esse... esse piano?

— Porque às vezes acho uma pena que não o tenhamos mais. Produzir perfeição a partir da imperfeição é, afinal de contas, a mais alta forma de. arte.

“Perfeição a partir da imperfeição!” Ela estava procurando distraí-lo com palavras zensunni, alimentando a ilusão de que essas bruxas compartilhavam sua Grande Crença. Ele tinha sido prevenido muitas vezes a respeito dessa característica da negociação com as Bene Gesserit. Elas se aproximavam de tudo através de um ângulo oblíquo, revelando somente no último instante o que realmente queriam. Mas sabia o que estavam querendo desta vez. Odrade desejava todo o seu conhecimento e procurava não pagar nada. Mesmo assim, como eram tentadoras suas palavras.

Scytale sentiu um profundo cansaço. Suas palavras encaixavam-se tão bem na alegação de que as Bene Gesserit apenas procuravam

aperfeiçoar a sociedade humana. Então ela pensava que podia ensiná-lo! Outra “peculiaridade”: — Elas se vêem coma professoras.

Quando ele expressou dúvida sobre essa alegação, ela disse: — Naturalmente nós criamos pressões nas sociedades sob nossa influência. Fazemos isso para que possamos dirigir essas pressões.

— Acho isso contraditório — queixou-se ele.

— Ora, Mestre Scytale! É um padrão muito comum. Os governos geralmente fazem isso para produzir violência contra alvos escolhidos. Vocês mesmos o fizeram! E veja aonde isso os levou.

Então ela ousa dizer que os Tleilaxu é que atraíram esta calamidade sobre si!

— Nós seguimos a lição do Grande Mensageiro — disse ela, reproduzindo, em islamiyat, as palavras do Profeta Leto II. Elas soaram estranhas em seus lábios, mas ele foi tomado de surpresa.

Ela sabia como todos os Tleilaxu veneravam o Profeta.

“Mas já ouvi essas mulheres chamarem-no de Tirano!” Ainda falando o islamiyat, ela interpelou: — Não era sua meta afastar a violência, produzindo uma lição valiosa para todos? “Ela brinca a respeito da Grande Crença?”

— É por isso que nós o aceitamos — disse. — Ele não seguia nossas regras, mas agia em função de nossa meta.

Odrade ousava dizer que “ela” aceitava o Profeta!

Não a desafiou, embora a provocação fosse grande. Uma coisa delicada, essa visão de uma Reverenda Madre sobre si mesma e seu comportamento. Suspeitava que elas reajustavam constantemente essa perspectiva, nunca a deixando ir longe demais, em nenhuma direção. Nem amor-próprio, nem ódio a si mesmas. Confiança, sim. Uma confiança insana. Mas isso não

exigia nem ódio nem amor. Apenas uma cabeça fria, todo julgamento pronto a ser corrigido, exatamente como ela dizia.

Raramente se faziam elogios. “Um trabalho bem-feito? Bem, que mais você esperava?”

— O treinamento Bene Gesserit fortalece o caráter. — Essa era a peculiaridade mais conhecida na Sabedoria Popular.

Tentou iniciar uma discussão com ela sobre isso. — As Honradas Madres não têm o mesmo tipo de condicionamento? Veja Murbella!

— Generalidades — é isso o que quer, Scytale? “Haveria um tom divertido em suas palavras?”

— Uma colisão entre dois sistemas de condicionamento.

Não seria essa uma boa forma de examinar esse confronto? —

aventurou-se ele.

— E o mais poderoso sairá vencedor, naturalmente. — Seu desprezo era evidente!

— Não é assim que funciona sempre? — A irritação não estava muito controlada.

— Deve uma Bene Gesserit lembrar a um Tleilaxu que as sutilezas são um outro tipo de arma? Vocês não praticam formas de enganar? Uma fraqueza simulada, para desviar a atenção dos inimigos e levá-los a ciladas? Vulnerabilidades podem ser criadas.

“Naturalmente! Ela sabe que os Tleilaxu têm exercido a mentira por muitas eras, criando uma imagem de tolices absurdas.”

— Então é assim que vocês esperam lidar com nossos inimigos?

— Pretendemos puni-los, Scytale. Que determinação implacável!

Coisas recentes aprendidas sobre as Bene Gesserit encheram-no de receios.

Odrade, levando-o para uma caminhada bem protegida, no frio inverno fora da nave (instrutoras corpulentas a apenas um passo atrás), parou, a fim de observar uma pequena procissão que vinha da Central. Cinco mulheres Bene Gesserit, duas delas acólitas, reconhecidas por seus trajes debruados de branco, e outras três em vestes inteiramente cinzentas, que ele ainda não conhecia.

Conduziam uma carreta para um dos pomares. Soprava um vento frígido, arrancando folhas secas de seus galhos escuros. A carreta levava um fardo envolto numa mortalha branca. Um corpo? Parecia, pelo formato.

Interrogada, Odrade brindou-o com um relato das práticas funerárias das Bene Gesserit.

Quando havia um corpo para ser enterrado, isso era feito com a presteza casual que ele testemunhava agora. Nenhuma Reverenda Madre jamais teve um obituário, ou desejou rituais prolongados. Sua memória não viveria através de suas Irmãs?

Começou a argumentar que isso era irreverente, mas ela o cortou.
— Dado o fenômeno da morte, todas as ligações na vida são temporárias. Nós modificamos isso, de algum modo, na Outra Memória. Vocês fizeram algo semelhante, Scytale. E nós incorporamos algumas de suas capacidades a nossas caixas de truques. Oh, sim. Essa é a forma como consideramos esse conhecimento. Ele simplesmente modifica o padrão.

— Uma prática irreverente!

— Não há nada de irreverente nisso. Elas vão para a terra, onde, pelo menos, podem tornar-se fertilizante. — E ela continuou a descrever a cena sem lhe dar oportunidade de mais protestos.

Seguiam essa rotina que ele via agora. Uma grande escavadora mecânica, levada para o pomar, abriu um fosso adequado na terra. O cadáver, envolto no tecido barato, foi sepultado verticalmente, e plantaram uma árvore em cima. Os pomares eram dispostos em forma de grade, com um cenotáfio num canto, onde se registravam os locais dos sepultamentos. Viu o monumento fúnebre quando ela o apontou, uma forma verde e quadrada de uns três metros de altura.

— Acho que o corpo está sendo sepultado mais ou menos no 21-C — ela disse, observando a escavadora trabalhando enquanto o grupo esperava, encostado na carreta. — Esse vai fertilizar uma macieira. — Parecia perversamente feliz.

Enquanto observavam a retirada da máquina e a inclinação da carreta para fazer o corpo escorregar para dentro do buraco, Odrade começou a cantarolar.

Scytale estava surpreso. — Você disse que as Bene Gesserit evitavam a música.

— E somente uma velha canção.

As Bene Gesserit permaneciam um enigma e, mais do que nunca, ele percebeu a fragilidade das “peculiaridades”. Como se podia negociar com pessoas cujos padrões não seguiam um caminho aceitável? Bastava pensar que as entendia, e elas viravam-se numa outra direção. “Elas não tinham peculiaridades!” A tentativa de entendê-las despedaçava seu sentido de ordem. Tinha certeza de que não recebera nada de Concreto nessa barganha. Um pouco mais de liberdade que, na realidade, era ilusão de liberdade. Nada do que ele realmente queria lhe era dado por essa bruxa impassível!

Era uma tortura tentar dar sentido ao que ele conhecia das Bene Gesserit. Havia, por exemplo, a alegação de que elas prescindiam de sistemas burocráticos e manutenção de registros. A não ser pelos Arquivos de Bellonda, naturalmente, mas cada vez que ele os

mencionava, Odrade dizia: — Que os céus nos protejam! — Ou algo semelhante.

— Como vocês se mantêm sem funcionários nem registros?

— ele perguntava agora. Estava profundamente intrigado.

— Quando é preciso fazer uma coisa, nós a fazemos.

Sepultar uma Irmã? — Ela apontou para a cena do pomar, onde se usavam as pás e a terra era socada sobre a sepultura.

— É assim que as coisas são feitas, e há sempre alguém por perto que é responsável por elas. Cada um sabe de si.

— Quem... quem é responsável por este insalubre...?

— Não é insalubre! É parte de nossa educação. As Irmãs fracassadas geralmente fazem a supervisão. Quem faz o trabalho são as acólitas.

— Elas não... quero dizer, não é desagradável para elas?

Irmãs fracassadas, você disse. E acólitas. Isso parece mais uma punição do que..;

— Punição! Ora, vamos, Scytale. Sempre a mesma cantilena. É só o que sabe dizer? — Ela apontou para o grupo funerário. — Depois do período de aprendizado, todo o nosso pessoal aceita seus trabalhos com boa vontade.

— Mas não há... ahhh, burocracia...

— Não somos tolas!

Novamente, ele não entendeu, mas ela respondeu à sua muda perplexidade.

— Com certeza você sabe que as burocracias tornam-se aristocracias vorazes, após atingirem o poder de comando.

Ele teve dificuldade em perceber seu ponto. Aonde ela quereria levá-lo?

Como ele permaneceu silencioso, ela disse: — As Honradas Madres têm todas as marcas da burocracia. Ministra disto, Grande Honrada Mãe daquilo, algumas posições de poder e um grande número de funcionárias abaixo. Já estão repletas de apetites imaturos. Como predadores vorazes, elas não se detêm no modo como exterminam a presa. Uma estreita relação: reduza o número daqueles de quem você se alimenta e fará sua própria estrutura despedaçar-se.

Ele achou difícil acreditar que as bruxas realmente vissem as Honradas Mães desse jeito, e o dissessem.

— Se você sobreviver, Scytale, verá minhas palavras concretizadas. Grandes gritos de raiva dessas mulheres irracionais diante da necessidade de diminuir. Muito esforço novo para extorquir o máximo de cada presa. Capturem mais! Espremam-nas ainda mais! Isso significará extermínio mais rápido, apenas. Idaho diz que elas já estão no estágio de fenecimento.

“O ghola diz isso? Então ela o estava usando como Mentat!”

— De onde

vocês tiraram essas idéias? Com certeza elas não vêm do seu ghola. —

“Continuem pensando que ele é seu!”

— Ele simplesmente confirmou nossa suposição. Um exemplo da Outra Memória nos alertou.

— Oh! — Essa coisa de Outra Memória o incomodava.

Estariam elas falando a verdade? Recordações de suas próprias múltiplas vidas eram de enorme valor. Ele pediu confirmação.

— Nós nos lembramos da relação entre um animal chamado coelho-da-neve e um gato predatório com o nome de lince. A população dos linces multiplicava-se para perseguir a população

dos coelhos, e então a superalimentação reduziu os predadores a tempos de fome e uma severa e gradual supressão.

— Um termo interessante, supressão.

— Descreve bem o que desejamos para as Honradas Madres. Quando seu encontro terminou (sem nenhum ganho para ele), Scytale achava-se mais confuso que nunca. Era esse o verdadeiro intento dessas mulheres? Maldita bruxa! Ele não conseguia ter certeza de nada do que ela dissera.

Quando retornou a seus aposentos na não-nave, Scytale ficou por um longo tempo olhando, através da barreira, para o comprido corredor onde Idaho e Murbella às vezes passavam, a caminho da sala de exercícios, que ele imaginava ser uma larga porta lá embaixo. Sempre saíam de lá suando e respirando fortemente.

Nenhum de seus colegas prisioneiros apareceu, embora ele tivesse se demorado no local por mais de uma hora.

“Ela usa o ghola como Mentat! Isso quer dizer que ele deve ter acesso à mesa de comando do sistema da nave. Com toda a certeza, ela não privaria seu Mentat dessas informações. Tenho que dar algum jeito de conseguir que nos encontremos a sós, esse ghola e eu. Sempre há a linguagem sibilante que imprimimos em todos os gholas. Não devo parecer ansioso demais. Uma pequena concessão na barganha, talvez. Uma reclamação de que meus alojamentos são acanhados. Eles podem ver como me desgasto na prisão.”

A educação não é substituto para a inteligência. Essa ilusória qualidade define-se apenas parcialmente pela capacidade de resolver enigmas. A definição verdadeiramente se realiza na criação de novos problemas — reflexos do que transmitem os sentidos.

— Texto Mentat Um (dicto)

Eles conduziram Lucilla para ser introduzida à presença da Grande Honrada Madre numa jaula tubular — uma jaula dentro de outra. Uma rede de shigafio confinava-a ao centro da coisa.

— Eu sou a Grande Honrada Madre — cumprimentou-a a mulher na pesada cadeira negra. “Mulher pequena, malha colante vermelho-dourado.” — A jaula é para protegê-la, caso se lembre de usar a Voz. Nós somos imunes, e essa imunidade toma a forma de um reflexo que mata. Uma boa quantidade de suas Irmãs tem morrido dessa forma. Conhecemos a Voz e a usamos. Lembre-se disso quando eu soltá-la da jaula. Acenou para dispersar os criados que a tinham trazido. — Vão! Vão!

Lucilla olhou à volta da sala. Sem janelas. Quase quadrada.

Iluminada por alguns globos luminosos prateados. Paredes verde-

ácido. Um cenário típico de interrogatório. Era em algum lugar alto.

Eles tinham trazido sua jaula em um nultubo pouco antes do amanhecer.

Um painel atrás da Grande Honrada Madre afastou-se para o lado com um estalido e uma jaula menor deslizou para dentro do aposento sobre um mecanismo oculto. Essa jaula era quadrada, e nela erguia-se o que ela pensou a princípio ser um homem despido, até que ele se voltou e olhou para ela.

“Futar!” Tinha uma face larga e os caninos à mostra.

— Cocar costas — disse o Futar.

Sim, querido, eu cocarei suas costas depois.

Quer comer — disse o Futar, que lançou um olhar penetrante a Lucilla.

Mais tarde, querido.

O Futar continuou a estudar Lucilla. — Você, Treinador? —

perguntou.

— Naturalmente que ela não é uma Treinadora!

— Quer comer — ele insistiu.

— Mais tarde, eu disse! Por enquanto, sente aí e faça um ronrom para mim.

O Futar agachou-se em sua jaula, e um som retumbante saiu de sua garganta.

— Eles não são uma graça, quando ronronam? — A Grande Honrada Madre obviamente não esperava uma resposta.

A presença do Futar intrigou Lucilla. Ao que se sabia, essas coisas deviam caçar e matar as Honradas Madres. Entretanto, esse estava enjaulado.

— Onde o capturou? — Lucilla perguntou.

— Em Gammu — Ela não percebeu o que tinha revelado.

“E aqui é o Entroncamento”, Lucilla pensou. Ela o tinha reconhecido pela barcaça espacial na noite anterior.

O Futar parou de ronronar.

— Comer — resmungou.

Lucilla gostaria de comer alguma coisa. Eles não a tinham alimentado durante três dias e ela era forçada a suprimir as pontadas de fome. Pequenos goles de água de um garrafão deixado

na jaula ajudavam, mas ele estava quase vazio. As criadas que o tinham trazido riram de seu pedido de comida.

— Os Futares gostam de carne magra!

Era a falta de melange que a incomodava mais. Começara a sentir as primeiras dores da retirada essa manhã.

“Logo terei de matar-me.”

A tribo de Lâmpadas suplicou-lhe que resistisse. “Seja corajosa. Que será de nós se a Reverenda Madre selvagem nos falhar?”“Rainha Aranha. É assim que Odrade chama essa mulher.”

A Grande Honrada Madre continuou a estudá-la, com a mão no queixo. Era um queixo fraco. Numa face sem traços positivos, o negativo atraía o olhar.

— Vocês perderão no fim, sabe disso — falou a terrível mulher. — Assobiando no escuro — disse Lucilla, e então teve que explicar a expressão.

A Grande Honrada Madre demonstrou um interesse polido.

“Que interessante.”

— Qualquer uma de minhas assistentes a teria matado imediatamente por ter dito isso. Esta é uma das razões pela qual estamos sozinhas. Fico curiosa em saber por que você diria tal coisa. Lucilla lançou um olhar para o Futar agachado. — Os Futares não acontecem do dia para a noite. São criados geneticamente a partir de reprodutores selvagens, com um único propósito.

— Cuidado! — Os olhos da Grande Honrada Madre lançavam chamas laranja.

— Gerações de desenvolvimento entraram na criação dos Futares — disse Lucilla.

— Nós os caçamos para o nosso prazer.

— E o caçador se torna a caça.

A Grande Honrada Madre ficou de pé num pulo, os olhos completamente laranja. O Futar agitou-se e começou a choramingar.

Isso acalmou a mulher. Devagar, ela voltou a sentar-se. Gesticulou

com uma das mãos para o Futar enjaulado. — Está bem, querido.

Logo você comerá e eu cocarei suas costas.

O Futar parou de ronronar.

— Então você pensa que viemos para cá como refugiadas.

Sim. Não o negue.

— Os vermes quase sempre voltam — Lucilla disse.

— Vermes? Você se refere àquelas monstruosidades que destruímos em Rakis?

Era tentador espicaçar esta Honrada Madre e despertar sua reação dramática. Se ela fosse suficientemente amedrontada, com certeza poderia matar.

“Por favor, Irmã!” — Suplicava a tribo de Lâmpadas. —

“Resista.” “Pensam que posso fugir deste lugar?” Isso as silenciou, a não ser por um débil protesto. “Lembre-se! Nós somos como a antiga boneca, que caía sete vezes e erguia-se oito.” Veio-lhe a imagem embaladora de uma pequena boneca vermelha, rosto com um sorriso de Buda e as mãos cruzadas sobre a grande barriga.

— Você está obviamente se referindo aos espectros do Deus-Imperador — disse Lucilla. — Eu tinha outra coisa em mente.

A Grande Honrada Madre levou um certo tempo considerando a observação. O laranja foi desaparecendo de seus olhos. “Ela está brincando comigo”, Lucilla pensou. “Pretende matar-me e dar-me de comer ao seu bichinho de estimação.”

“Mas pense na informação tática que você poderia fornecer se escapássemos!”

“Nós!” Mas não havia intenção de evitar a exatidão de tal protesto. Elas tinham trazido sua jaula da barcaça quando ainda era dia. O acesso ao covil da Rainha Aranha era bem planejado em termos de dificultar a aproximação, mas o planejamento divertia Lucilla. Planos muito antigos, fora de moda. Locais estreitos nas vias de chegada, com torres de observação projetando-se do solo como cogumelos de um cinza opaco, aparecendo em lugares apropriados em seu micélio. Curvas fechadas em pontos críticos.

Nenhum veículo terrestre poderia lidar com essas curvas em alta velocidade. Havia uma referência a isso na crítica de Teg ao

Entroncamento, lembrou-se. Defesas sem sentido. Bastava que se trouxesse equipamento pesado, ou que se atravessassem essas instalações grosseiras de outro modo, e tudo estaria isolado.

Ligados subterraneamente, é lógico, mas isso podia ser destruído por explosivos. Era só ligá-los, cortar a conexão com a fonte, e eles cairiam pouco a pouco. “Sem a preciosa energia correndo pelos tubos, idiotas!” Havia um visível senso de segurança, e as Honradas Madres o conservavam. Para sua tranqüilidade! Seus defensores devem gastar uma grande quantidade de energia em dispositivos sem utilidade, para dar a essas mulheres um falso senso de segurança.

“Os corredores! Lembre-se dos corredores.”

Sim, os corredores deste gigantesco edifício eram enormes, o que havia de melhor para alojar os colossais tanques em que os Navegadores da Corporação eram forçados a viver quando estavam em terra. Sistemas de ventilação na parte de baixo, ao longo de todos eles, para retirar e recuperar o gás melange derramado. Ela podia imaginar alçapões abrindo e fechando com estrondo, provocando reverberações incômodas. Os homens da corporação nunca pareceram incomodar-se em fazer grande barulho. Linhas de transmissão de energia para suspensores móveis eram como grossas serpentes negras dando voltas nas passagens e entrando em todas as salas que ela tinha visto. Não impediriam um Navegador de bisbilhotar em qualquer lugar que quisesse.

Muitas das pessoas que ela vira usavam orientadores de pulso. Até as Honradas Madres. Então elas se perdiam aí. Tudo isso sob um único teto gigante, com torres fálicas. As novas residentes achavam-no atraente. Totalmente isoladas do brutal ambiente externo (onde nenhuma das pessoas importantes vai, a não ser para destruir coisas ou para observar os escravos em seu divertido trabalho e lazer). Através de quase tudo ela tinha percebido uma pobreza que denotava uma despesa mínima de manutenção. “Elas não estão mudando muito. O plano de Teg é ainda preciso.”

“Vê como suas observações poderiam ser valiosas?”

A Grande Honrada Madre foi sacudida de seu devaneio.

— É possível que eu lhe permita viver. Desde que você satisfaça minha curiosidade.

— Como sabe que eu não reagiria à sua curiosidade com um jato de pura merda?

A vulgaridade divertia a Grande Honrada Madre. Ela quase riu. Aparentemente ninguém a advertira do perigo que havia quando uma Bene Gesserit recorria à vulgaridade. A motivação para isso era por certo algo infeliz. “Não posso usar a Voz, hein? Ela pensa que é o meu único recurso?” A Grande Honrada Madre tinha

demonstrado, em palavras e ações, o suficiente para dar a qualquer Reverenda Madre um domínio seguro sobre ela. Os sinais do corpo e da fala sempre transmitiam mais informação do que era necessário para a compreensão. Havia informação extra inevitável para servir de exemplo.

— Você nos acha atraentes? — perguntou a Grande Honrada Madre. “Pergunta estranha.” — Todas as pessoas da Dispersão possuem um certo atrativo. — “Deixe que ela pense que eu já vi muitos deles, inclusive seus inimigos.” — Vocês são exóticas, no sentido em que são estranhas e novas.

— E nossa perícia sexual?

— Aí existe uma aura, naturalmente. Excitante e magnética para alguns.

— Mas não para você.

“Ataque o queixo!” Era uma sugestão da tribo. “Por que não?”

— Estive estudando o seu queixo, Grande Honrada Madre.

— Esteve? — Surpresa.

— É obviamente o queixo da sua infância, e essa lembrança da juventude deveria orgulhá-la.

“Nem um pouco satisfeita, mas incapaz de demonstrá-lo.

Atinja de novo o queixo.”

— Aposto que seus amantes beijam seu queixo com freqüência — disse Lucilla.

Zangada, agora, e ainda incapaz de desabafar. “Ameace-me, sim? Avise-me para não usar a Voz!”

— Beijar queixo — disse o Futar.

— Eu disse mais tarde, querido. Agora fique quieto!

“Descontando no pobre bichinho.”

— Mas você tem perguntas que deseja fazer-me — disse Lucilla. A própria doçura. Um outro sinal de cautela para os conhecedores. “Eu sou uma das que põem açúcar em tudo. Que bom! Como é agradável estar com você! Não é lindo? Você foi tão esperta em conseguir tão barato! Fácil. Rápido. Escolha seu próprio advérbio.”

A Grande Honrada Madre levou um momento compondo-se.

Percebia que fora colocada em posição desvantajosa, mas não podia dizer como. Disfarçou com um sorriso enigmático, e então: —

Mas eu disse que a soltaria. — Pressionou algo ao lado de sua cadeira e uma parte da gaiola tubular moveu-se para o lado, levando consigo a rede de shigafio. No mesmo instante uma cadeira baixa ergueu-se de um painel diretamente à sua frente, sem desviar-se nem um passo.

Lucilla sentou-se na cadeira, os joelhos quase tocando os da inquisidora. “Pés. Lembre-se de que elas matam com os pés.” Ela flexionou os dedos, percebendo que tinha mantido as mãos crispadas em punhos. Maldita tensão!

— Você precisa comer e beber — disse a Grande Honrada Madre. Apertou um outro dispositivo ao lado da cadeira. Uma bandeja veio até Lucilla — um prato, uma colher, um copo cheio de um líquido vermelho. “Exibindo seus brinquedos.”

Lucilla pegou o copo.

“Veneno? Cheire antes.”

Ela provou uma amostra da bebida. Chá estimulante e melange! “Estou faminta.”

Lucilla retornou o copo vazio à bandeja. O estimulante em sua língua tinha o forte sabor da melange. “O que ela está fazendo?

Cortejando-me?” Lucilla sentiu um fluxo de alívio provocado pela especiaria. O prato continha feijões em molho picante. Ela comeu tudo, depois de experimentar o primeiro bocado para descobrir se havia aditivos indesejados. Alho no molho. Ela se deteve uma mínima fração de segundo na Memória deste ingrediente —

tempero acessório da cozinha refinada, específico contra lobisomens, tratamento potente contra a flatulência.

— Acha nossa comida agradável?

Lucilla enxugou o queixo. — Muito bom. Cumprimentos pelo seu *chef.* — ”Nunca cumprimente o cozinheiro numa casa particular.

Os cozinheiros podem ser substituídos. A anfitriã é insubstituível.” —

O alho deu um toque excelente.

— Andamos estudando alguma coisa da biblioteca resgatada de Lâmpadas. — Com exultação maligna: — Vê o que perdeu? —

Tão pouca coisa de interesse enterrada em todo aquele blablablá.

“Será que ela quer que você seja sua bibliotecária?” Lucilla esperou em silêncio.

— Algumas de minhas assistentes acham que pode haver pistas sobre o ninho de suas Irmãs lá, ou, pelo menos, um meio de eliminá-las rapidamente. Tantas línguas!

“Ela precisa de uma tradutora? Seja estúpida!”

— O que lhe interessa?

— Muito pouco. Quem precisaria de relatos sobre o Jihad Butleriano?

— Eles destruíram bibliotecas, também.

— Não me trate com superioridade!

“Ela é mais viva do que pensávamos. Continue mostrando-se estúpida.”

— Pensei que eu é que era objeto de paternalismo.

— Ouça-me, bruxa! Você pensa que pode ser impiedosa na defesa de seu ninho, mas não entende o que é ser impiedosa.

— Acho que você ainda não me disse como posso satisfazer sua curiosidade.

— É a sua ciência que nós queremos, bruxa! — Colocou a voz num tom mais baixo. — Sejamos razoáveis. Com a sua ajuda nós poderíamos atingir a utopia.

“E conquistar todos os seus inimigos e chegarão orgasmo todas as vezes.”

— Você acha que a ciência detém as chaves da utopia?

— E a da melhor organização de nossos negócios.

“Lembre-se: A burocracia eleva a conformidade... Diga, em vez disso, eleva a ‘estupidez fatal’ ao *status* de religião.”

— Paradoxo, Grande Honrada Madre. A ciência deve ser inovadora. Isso traz mudanças. É por isso que a ciência e a burocracia vivem numa guerra constante.

“Ela conhece suas raízes?”

— Mas pense no poder! Pense no que você poderia controlar! “Ela não sabe.”

Os pressupostos da Honrada Madre a respeito de controle fascinavam Lucilla. Vocês controlavam seu universo; não entravam em equilíbrio com ele. Olhavam para fora, nunca para dentro. Vocês não treinavam para perceber suas próprias respostas sutis; produziam músculos (forças, poderes) para superar tudo o que fosse definido como obstáculo. Essas mulheres seriam cegas?

Como Lucilla não falasse, a Honrada Madre disse: —

Encontramos muitas coisas na biblioteca sobre os Bene Tleilaxu.

— Vocês se ligaram a eles em muitos projetos, bruxa.

Projetos múltiplos: como anular a invisibilidade de uma não-nave, como penetrar os segredos da célula viva, sua Missionária Protectiva e uma coisa chamada “A Linguagem de Deus”.

Lucilla deu um sorriso forçado. Elas temiam que houvesse um verdadeiro deus lá fora, em algum lugar? “Dê-lhe um gostinho.

Seja sincera.”

— Não nos unimos aos Tleilaxu em nada. Seu povo interpretou mal o que encontrou. Vocês se preocupam em ser paternalizadas? Como acha que Deus se sentiria a respeito?

Plantamos religiões protetoras para nos ajudarem. Essa é a função da Missionária. Os Tleilaxu têm apenas uma religião.

— Vocês organizam religiões?

— Não exatamente. A abordagem organizacional da religião é sempre apologética. Nós não fazemos apologia.

— Você está começando a me cansar. Por que encontramos tão pouco sobre o Deus-Imperador? “Ataque!”

— Talvez seu povo o tenha destruído.

— Ahhh, então vocês têm mesmo interesse nele. “Assim como você, senhora Aranha!”

— Pensei, Grande Honrada Madre, que Leto II e seu Caminho Dourado eram objetos de estudos em mitos de seus

centros acadêmicos.

“Isso foi cruel!”

— Não temos centros acadêmicos!

— Acho surpreendente seu interesse por ele.

— Interesse casual, nada mais.

“E esse Futar brotou de um carvalho atingido por um raio!”

— Nós chamamos seu Caminho Dourado de “caça aos papéis”. Ele os soprou para os ventos infinitos e disse: Vêem? Lá vão eles. Isso é a Dispersão.

— Alguns preferem chamá-la de a Busca.

— Ele podia realmente predizer o futuro? É isso que interessa a vocês?

“Na mosca!”

A Grande Honrada Madre tossiu na mão.

— Dizemos que Muad’Dib criou um futuro. Leto II o des-criou. — Mas se eu pudesse saber....

— Por favor, Grande Honrada Madre! As pessoas que exigem que o oráculo faça a predição de suas vidas realmente querem saber onde o tesouro está escondido.

— Mas naturalmente!

— Conhecer todo o seu futuro, e não ter mais nada que a surpreenda? É isso?

— Exatamente.

— Vocês não querem o futuro, vocês querem que o agora se estenda para sempre.

— Eu não diria melhor.

— E você disse que eu a aborrecia!

— O quê?

“Laranja em seus olhos. Cuidado.”

— Nunca mais nenhuma surpresa? O que poderia ser mais aborrecido?

— Ahhh... Bem! Mas não é isso que quero dizer.

— Então, temo dizer que não entendo o que vocês querem, Grande Honrada Madre.

— Não importa. Voltaremos a isso amanhã. “Prorrogação!”

A Grande Honrada Madre levantou-se. — Volte para sua jaula. — Comer? — O Futar parecia melancólico.

— Tenho uma comida excelente para você lá embaixo, querido. Depois, vou cocar suas costas.

Lucilla entrou na jaula, que se fechou com um choque. A Grande Honrada Madre jogou uma almofada em sua direção. —

Use-a para proteger-se do shigafio. Vê como posso ser gentil?

O Futar em sua jaula deslizou para dentro da parede, e o espaço foi coberto pelo painel.

— Eles ficam tão agitados quando estão com fome — disse a Grande Honrada Madre. — Abriu a porta da sala e voltou-se para contemplar Lucilla por um momento. — Você não será perturbada.

Recusei permissão para qualquer um que deseje entrar aqui.

Muitas das coisas que fazemos naturalmente tornam-se difíceis apenas quando tentamos transformá-las em matéria do intelecto. É possível saber tanto a respeito de um assunto, que isso nos torne totalmente ignorantes.

— *Texto Mentat Dois (dicto)*

Periodicamente, Odrade ia jantar com as acólitas e suas Instrutoras-Vigilantes, as sentinelas mais imediatas nessa *prisão-mente,* de onde muitas não seriam nunca libertadas.

O que as acólitas pensavam e diziam realmente informava as profundezas da consciência da Madre Superiora a respeito do funcionamento da Sede da Irmandade. Elas respondiam a partir de suas disposições e de seus pressentimentos de uma forma mais direta do que as Reverendas Madres. As Irmãs já formadas tinham se especializado em não serem vistas sob seus aspectos menos favoráveis. Não tentavam esconder o que era essencial, mas qualquer uma poderia caminhar num pomar ou junto a uma porta e ficar fora da visão das vigilantes.

Mas não as acólitas.

Ultimamente havia pouco tempo de folga na Central. Mesmo as salas de refeições tinham fluxos constantes de ocupantes, independente da hora. Os turnos de trabalho eram escalonados e tornava-se fácil para uma Reverenda Madre ajustar seu ritmo circadiano às mudanças de rotina. Odrade, entretanto, não podia perder energia com esses ajustes. No jantar, ela parou na porta do Salão das Acólitas e percebeu o súbito silêncio.

Até pelo modo como levavam o alimento à boca revelava-se alguma coisa. Aonde iam os olhos quando os pauzinhos se dirigiam para a boca? Essa que apunhalava os bocados, mastigava-os superficialmente e os engolia convulsivamente era digna de observação. Estava antecipando problemas. E aquela outra lá adiante que olhava cada porção como se procurasse veneno escondido? Uma mente criativa por trás desses olhos. Seria bom testá-la para um cargo de maior sensibilidade.

Odrade entrou no salão.

O chão assemelhava-se a um tabuleiro de xadrez, plaz preto e branco, virtualmente à prova de riscos e arranhões. As acólitas diziam que era para ser usado como um jogo pelas Reverendas Madres: — Coloque-se uma de nós aqui e outra lá, outras ainda na linha central — o vencedor leva todas.

Odrade sentou-se perto do canto de uma mesa ao lado das janelas que davam para o lado oeste. As acólitas fizeram espaço para ela, em movimentos discretos.

Este salão era parte da construção mais antiga da Sede.

Construído em madeira, com vigas em vão livre acima, traves pesadas de enorme espessura, com acabamento em negro sem brilho. Tinham cerca de 25m de comprimento sem emenda. Havia na Sede um bosque de carvalhos geneticamente preparados, buscando o sol em plantações muito cuidadas. Árvores de no mínimo 30m, sem um único galho e de mais de 2m de diâmetro.

Tinham sido plantadas quando a sala fora construída, substituições para as vigas que se tornassem enfraquecidas pelo tempo.

Novecentos Anos-Padrão, era o que as traves deveriam durar.

Com que cuidado as acólitas ao redor da Madre Superiora a observavam, sem ao menos parecer que olhavam diretamente para ela.

Odrade voltou-se para observar as janelas oeste ao pôr-do-sol. “Poeira novamente.” A expansão intrusa do deserto inflamava o sol da tarde fazendo-o brilhar como uma brasa distante que podia explodir a qualquer momento num incêndio incontrolável.

Odrade suprimiu um suspiro. Pensamentos como esse recriavam seu pesadelo: “O abismo... a corda bamba.” Sabia que se fechasse os olhos seria capaz de ver-se oscilar na corda. A caçadora com o machado estava mais próxima!

As acólitas a seu lado mexeram-se nervosamente, como se percebessem sua inquietação. Talvez a tivessem sentido. Odrade ouviu o movimento dos tecidos, e isso arrancou-a de seu pesadelo.

Tinha-se sensibilizado quanto a uma nova nota nos sons da Central.

Havia um rangido por trás dos movimentos mais rotineiros — uma cadeira arrastada às suas costas... e o abrir e fechar da porta da cozinha. Um ruído irritante de areia raspada. As equipes de limpeza reclamavam da areia e da “maldita poeira”.

Odrade atentou, lá fora, para a fonte dessa irritação: o vento sul. Um nevoeiro baço, algo entre bronze e cor de terra, cerrava uma cortina no horizonte. Depois do vento, a poeira de seus depósitos seria encontrada nos cantos dos edifícios e nas encostas

dos morros. Havia no ar um aroma de sílica, um cheiro alcalino que irritava as narinas.

Voltou os olhos para a mesa, onde a refeição estava sendo servida.Odrade viu-se apreciando essa mudança em relação às refeições rápidas em sua sala de trabalho e em seu refeitório particular. Quando comia lá, sozinha, as acólitas traziam a comida tão silenciosamente e tiravam a mesa com tanta eficiência, que ela se surpreendia em ver a refeição acabada. Aqui, comia-se em meio ao alvoroço e à conversa. Em seus aposentos, a cozinheira-chefe, Duana, às vezes entrava, dizendo: — Não está comendo o

suficiente. — Geralmente Odrade dava atenção a essas observações. As vigilantes tinham sua utilidade.

A refeição de hoje era sligoporco em molho de soja e melado, uma quantidade mínima de melange, um toque de manjericão e limão. Vagens cozidas *ai dente* e pimentões. Suco de uva vermelho-escuro para beber. Ela provou uma porção de sligoporco com antecipação e achou-o passável, um pouco cozido demais para seu gosto. A cozinheira das acólitas não estava muito distante do ideal.

“Então por que o sentimento de estar cansada de refeições desse tipo?”

Sua hipersensibilidade identificou os aditivos. Este alimento não se destinava apenas a repor as energias da Madre Superiora.

Alguém lá na cozinha tinha pedido sua lista de nutrição diária e ajustado o prato de acordo com ela.

“A comida é uma cilada”, pensou. “Mais apegos.” Ela não gostava da maneira astuciosa como as cozinheiras da Sede ocultavam as coisas que punham na comida “para o bem dos comensais”. Elas sabiam, naturalmente, que uma Reverenda Madre podia identificar ingredientes e ajustar o metabolismo dentro de seus limites. Estavam observando-a exatamente agora, imaginando o que a Madre Superiora estaria achando do cardápio.

Enquanto comia, ouvia os que estavam à sua volta. Ninguém a importunava — nem física nem vocalmente. Os sons tinham voltado quase ao que eram antes da sua entrada. A tagarelice

sempre mudava o tom ligeiramente quando ela entrava, e depois continuava, num volume mais baixo.

Uma pergunta não formulada estava em todas as mentes ao seu redor: “Por que ela está aqui esta noite?”

Odrade percebeu um discreto temor respeitoso nos comensais próximos, uma reação que a Madre Superiora às vezes utilizava em seu benefício. Respeito com uma ponta de perspicácia.

As acólitas murmuravam entre si (assim diziam as Instrutoras): —

Ela está com Taraza. — Elas queriam dizer que Odrade possuía sua última predecessora como Primária. Ambas constituíam um par histórico, estudo obrigatório para as postulantes.

“Dar e Tar”, quase uma lenda.

Até mesmo Bellonda (a nossa velha maldosa Bell) aproximava-se de Odrade de um modo oblíquo por esse motivo.

Poucos ataques frontais, pouca gritaria em seus argumentos de acusação. Taraza era reconhecida por ter salvo a Irmandade. Isso silenciava grande parte da oposição. Taraza tinha dito que as Honradas Madres eram essencialmente bárbaras, e que sua violência, embora não pudesse ser totalmente afastada, poderia ser orientada para demonstrações sangrentas. Os acontecimentos tinham mais ou menos confirmado isso.

“Você estava correta até um certo ponto, Tar. Nenhuma de nós pôde avaliar o alcance de sua violência.”

Taraza, numa habilidade digna de um toureiro na arena, tinha representado as Honradas Madres em tais episódios de massacre, que o universo estava repleto de mordazes defensores potenciais de suas brutalizadas vítimas.

“Como poderei defender-nos?”

Não era tanto que os planos de defesa fossem inadequados.

Eles podiam tornar-se irrelevantes.

“Isso, naturalmente, é o que procuro. Devemos nos purificar e ficar prontas para um esforço supremo.”

Bellonda tinha olhado a idéia com desprezo. — Para a nossa morte? É para isso que devemos nos purificar?

Bellonda se sentiria ambivalente quando descobrisse o que a Madre Superiora planejava.Bellonda odiosa aplaudiria. A Bellonda

Mentat discutiria um adiamento “até um momento mais propício”.

“Mas procurarei meu próprio caminho, independente do que pensem minhas Irmãs.”

E muitas Irmãs achavam Odrade talvez a mais estranha Madre Superiora que já tinham aceitado. Elevada mais pelo lado esquerdo que pelo direito. “A Primária de Taraza. Eu estava lá quando você morreu, Tar. Ninguém mais para recolher sua persona.

Elevação por acidente?”

Muitas desaprovavam Odrade. Mas quando surgia a oposição, vinha de volta a idéia de “a Primária de Taraza — a melhor Madre Superiora de nossa história”.

Engraçado! A Taraza Interior era a primeira a rir e perguntar:

“Por que você não lhes conta os meus erros, Dar? Especialmente o modo como eu a julguei erradamente.”

Odrade refletia enquanto mastigava. “Estou atrasada para uma visita a Sheeana. Tão cedo, e já o vento sul no deserto.

Sheeana deve estar preparada para substituir Tam.”

A paisagem em mudança assomou a seus pensamentos.

Mais que 1.500 anos de ocupação Bene Gesserit na Sede da Irmandade. “Nossas marcas por toda parte.” Não apenas em bosques, vinhas e pomares especiais. Que efeito deve estar produzindo na mente coletiva ver essas mudanças tomarem conta de sua terra familiar.

A acólita sentada ao lado de Odrade pigarreou discretamente. Teria intenção de dirigir-se à Madre Superiora? Um acontecimento inusitado. A jovem continuou a comer sem falar.

Os pensamentos de Odrade voltaram-se para sua projetada visita ao deserto. Sheeana não deve ser avisada com antecedência.

“Preciso estar certa de que ela é a pessoa de que necessitamos.”

Havia perguntas que ela deveria responder.

Odrade sabia o que encontraria em suas inspeções durante o caminho. Nas Irmãs, na vida animal e vegetal, nas próprias bases da Sede da Irmandade, ela veria mudanças grandes e sutis, coisas que abalariam a decantada serenidade da Madre Superiora. Até mesmo Murbella, que nunca se ausentava da não-nave, percebia essas mudanças.

Esta manhã ainda, sentada de costas para sua mesa de comando, Murbella tinha ouvido Odrade, de pé à sua frente, com uma nova atenção. Havia uma vivacidade perspicaz na Honrada Madre cativa. Sua voz traía dúvidas e julgamentos desajustados.

— *Tudo é* transitório, Madre Superiora?

— Esse é um conhecimento impresso em você pela Outra Memória. Não há planeta, terra ou mar, ou parte de algum deles que esteja aqui para sempre.

— Um pensamento mórbido! — Rejeição.

— Onde quer que estejamos, somos apenas administradores.

— Um ponto de vista inútil. — Hesitante, questionando por que a Madre Superiora teria escolhido esse momento para dizer tais coisas. — Ouço as Honradas Madres falarem através de você. Elas lhe deram sonhos ambiciosos, Murbella.

— É o que você diz! — Profundamente ressentida.

— As Honradas Madres acham que podem comprar segurança infinita: um pequeno planeta, você sabe, com uma grande população subserviente.

Murbella fez uma careta.

— Mais planetas! — Odrade vociferou. — Sempre mais e mais! É por isso que elas voltam em atropelo.

— Pobre colheita neste Velho Império.

— Excelente, Murbella! Você está começando a pensar como uma de nós.

— E isso faz de mim *um zero à esquerda.*

— Nem isso nem aquilo, apenas seu eu verdadeiro? Mesmo aí, você é apenas administradora. Cuidado, Murbella! Pensar que se é dono de alguma coisa é como andar na areia movediça.

Essas palavras provocaram uma careta perplexa em Murbella. Algo precisava ser feito a respeito do modo como ela deixava transparecer as emoções. Ali, isso era permissível, mas algum dia...

— Então, não há nada que se possua com segurança. E

daí? — Muita amargura.

— Algumas de suas palavras são corretas, mas não acho que você tenha encontrado, dentro de si mesma, um lugar para ficar o resto da vida.

— Até que o inimigo me ache e me destrua?

“O treinamento das Honradas Madres adere como cola! Mas ela conversou com Duncan na outra noite de um jeito que me diz que está pronta.

O quadro de Van Gogh sensibilizou-a, eu acho. Percebi pela sua voz. Tenho de rever essa projeção.”

— Quem a destruiria, Murbella?

— Vocês nunca farão frente a um ataque das Honradas Madres! — Eu já declarei o fato básico que nos interessa: nenhum lugar é eternamente seguro.

— Outra de suas malditas lições inúteis!

Na sala das acólitas, Odrade lembrou-se de que não tinha tido tempo de rever a projeção dos televigias de Duncan e Murbella.

Quase lhe escapou um suspiro. Disfarçou-o com uma tosse. Nunca aja de modo a permitir que as jovens vejam qualquer perturbação na Madre Superiora.

“Ao deserto e Sheeana! Visita de inspeção assim que eu puder arranjar tempo para isso. Tempo!”

Novamente, a acólita sentada ao lado de Odrade pigarreou.

Odrade olhou perifericamente — loira, vestido curto, preto debruado de branco — Terceiro Estágio Intermediário. Nenhum movimento de cabeça em direção a ela, nenhum olhar de soslaio.

“Isso é o que vou encontrar em minhas visitas de inspeção: medos. E na paisagem, as coisas que sempre vemos quando ficamos sem tempo: árvores deixadas sem cortar porque os lenhadores foram embora — forçados, para a Dispersão**,** para o túmulo, ou talvez mesmo para os trabalhos de peonagem. Será que verei Fantasias arquitetônicas tornando-se atraentes por estarem incompletas devido à ausência dos construtores? Não, não somos dadas a Fantasias.”

A Outra Memória continha exemplos que ela desejava poder encontrar: antigas construções mais belas por estarem inacabadas.

A falência do construtor ou um proprietário brigado com a amante...

Algumas coisas eram mais interessantes por isso: velhos muros, velhas ruínas. O tempo como escultor.

“O que Bell diria se eu mandasse construir uma Fantasia no meu pomar favorito?”

A acólita ao lado de Odrade disse: — Madre Superiora?

“Excelente! Elas raramente reúnem coragem.”

— Sim? — Quase imperceptível. “É bom que seja importante.” Será que ela ouviria?

Ouviu. — Estou interferindo em função da urgência, e porque conheço seu interesse pelos pomares.

“Magnífico!” Essa acólita tinha pernas grossas, mas isso não se estendia à sua mente. Odrade olhou-a fixamente, em silêncio.

— Sou a pessoa que faz o mapa de seu quarto de dormir, Madre Superiora. Então esta era uma adepta confiável, alguém encarregado de trabalhar para a Madre Superiora. Melhor ainda.

— Terei logo o meu mapa?

— Em dois dias, Madre Superiora. Estou ajustando projeções em *overlay,* onde anotarei o crescimento diário do deserto.Um breve aceno. Essa tinha sido a ordem original: uma acólita para manter o mapa atualizado. Odrade queria acordar a cada manhã e ter sua imaginação inflamada por essa vista em mudança, a primeira coisa impressa em sua consciência ao despertar.

— Coloquei um relatório em seu gabinete esta manhã, Madre Superiora. *Gerenciamento dos Pomares.* Talvez não o tenha visto. Odrade tinha visto apenas a etiqueta. Vinha atrasada dos exercícios, ansiosa para a visita a Murbella. Tanta coisa dependia de Murbella!

— As plantações ao redor da Central devem ser abandonadas ou então é preciso que se tomem medidas para conservá-las — disse a acólita. — Esta é a essência do relatório.

— Repita-o palavra por palavra.

Caiu a noite e acenderam-se as luzes, enquanto Odrade ouvia. Conciso. Melhor ainda: direto e sutil. Trazia, além disso, uma nota de admoestação que Odrade reconheceu como de Bellonda.

Não havia assinatura dos Arquivos, mas os avisos da Meteorologia passavam por eles, e a acólita tinha usado algumas das palavras originais.

Concluído o relatório, a acólita ficou silenciosa.

“Que devo responder?” Os pomares, as pastagens e as vinhas não eram meros pára-choques contra a intromissão de estranhos, decoração agradável na paisagem. Eram um suporte para as mesas e para o moral da Sede.

“Um suporte para o meu moral.”

Com que tranqüilidade essa acólita esperava. Cabelo loiro ondulado e face redonda. Fisionomia agradável, embora a boca fosse larga. Havia comida no prato, mas ela não comia. Mãos dobradas no regaço. — Estou aqui para servi-la, Madre Superiora.

Enquanto Odrade compunha sua resposta, a memória interferiu — um antigo incidente em simulfluxo sobre as observações imediatas. Lembrou-se de seu curso de treinamento de ornitóptero. “Duas alunas acólitas ao meio-dia, sobre as terras úmidas de Lâmpadas.” Ela fazia par com a pior acólita que poderia ser aceita pela Irmandade. Obviamente uma escolha de gene. As Mestras Procriadoras desejavam-na por alguma característica a ser passada aos descendentes. “Com certeza não era equilíbrio emocional ou inteligência!” Odrade lembrava-se de seu nome: Linchine.

Linchine tinha gritado ao instrutor: — Vou pilotar este maldito tóptero!E o tempo todo, o céu e a paisagem de árvores e praias pantanosas rodopiavam em turbilhão, deixando-as atordoadas. “Era como parecia: nós duas paradas e o mundo girando.” Linchine fazendo a coisa errada a todo momento. Cada movimento criava mais e piores voltas.

O instrutor tirou-a fora do sistema desligando a chave que só ele podia alcançar. Ele não pronunciou palavra até que estivessem voando direto e em nível.

— Nunca mais vai pilotar isto, jovem. Nunca mais! Não tem as reações corretas. Elas têm que ser treinadas antes da puberdade em pessoas como você.

— Vou, sim! Vou, sim! Vou pilotar essa coisa maldita. —

Suas mãos agarravam-se convulsivamente aos inúteis controles.

— Não merece confiança, moça. Vai ficar retida em terra.

Odrade respirou aliviada, compreendendo que soubera o tempo todo que Linchine poderia matá-los.

Atropelando-se em direção a Odrade no banco de trás, Linchine gritava: — Diga-lhe! Diga-lhe que deve obedecer a uma Bene Gesserit!

Referia-se ao fato de que Odrade, vários anos à sua frente, exibia uma presença de comando.

Odrade sentou-se em silêncio, com as feições imóveis.

“O silêncio é a melhor coisa para se dizer”, alguma humorista Bene Gesserit tinha rabiscado num espelho de lavatório. Odrade achara um bom conselho naquela ocasião e em outras.

Lembrando-se da necessidade de responder à acólita na sala de refeições, Odrade se perguntou por que a antiga memória teria

surgido. Essas coisas raramente aparecem sem um propósito. “Não o silêncio, agora, com certeza. Humor?” Sim! Essa era a mensagem. Odrade com seu humor (usado mais tarde) tinha ensinado a Linchine algo sobre si mesma. “Humor sob estresse.”

Odrade sorriu para a acólita a seu lado no refeitório. — Você gostaria de ser um cavalo?

— O quê? A resposta escapou, revelando surpresa, mas ela respondeu ao sorriso da Madre Superiora. Não havia nada de alarmante nele. Era até mesmo caloroso. Todos diziam que a Madre Superiora permitia-se afeições.

— Você não entende, naturalmente — Odrade disse.

— Não, Madre Superiora. — Ela estava ainda sorridente e tranqüila. Odrade deixou que seu olhar se detivesse no rosto jovem de modo indagador. Claros olhos azuis ainda intocados pela cor engolfante da Agonia da Especiaria. Uma boca quase como a de Bell, mas sem a maldade da outra. Músculos confiáveis, assim como a inteligência. Ela seria eficiente em antecipar as

necessidades da Madre Superiora. Prova disso era sua tarefa de mapeamento e esse relatório. Sensível. Estava de acordo com sua inteligência superior. Provavelmente não chegaria às posições máximas, mas estaria sempre nas posições principais, onde suas qualidades fossem necessárias.

“Por que me sentei a seu lado?”

Freqüentemente Odrade selecionava uma determinada companhia nessas visitas ao refeitório. Quase sempre acólitas. Elas podiam ser tão reveladoras. Os relatórios sempre chegavam ao gabinete da Madre Superiora: observações das Instrutoras a respeito de uma ou outra acólita. Mas, às vezes, Odrade escolhia um lugar sem uma razão aparente. “Como fiz esta noite. Por que esta?” A conversação raramente ocorria, a menos que a Madre Superiora a provocasse. Geralmente uma iniciação suave, facilitando uma abordagem de

outros assuntos mais íntimos. Os outros ao redor ouviam atentamente.

Nesses momentos, Odrade quase sempre assumia uma atitude de serenidade quase religiosa. Isso acalmava os nervosos.

Acólitas eram.... bem, acólitas, mas a Madre Superiora era a feiticeira suprema de todas elas. O nervosismo era natural.

Alguém atrás de Odrade sussurrou: — Hoje ela chamou Streggi às falas. “Chamar às falas.” Odrade conhecia a expressão.

Era usada em seus tempos de acólita. Então Streggi era o seu nome. “Vamos deixá-lo impronunciado, por enquanto. Os nomes têm uma certa magia.”

— Gostou de jantar hoje? — Odrade perguntou.

— Está aceitável, Madre Superiora. — Era de praxe que não se dessem falsas opiniões, mas Streggi estava confusa pela mudança na conversação.

— Cozinharam demais — disse Odrade.

— Servindo uma quantidade tão grande de pessoas, como poderiam agradar a todas, Madre Superiora?

“Ela fala o que pensa, e fala bem.”

— Sua mão esquerda está tremendo — Odrade disse.

— Estou nervosa com sua presença, Madre Superiora. E

acabo de vir das práticas. Hoje foi muito cansativo.

Odrade analisou os tremores. — Eles a estão fazendo praticar a elevação do braço.

— Era doloroso no seu tempo, Madre Superiora? (Naqueles velhos tempos?)

— Tanto quanto hoje. A dor ensina, elas diziam.

Isso suavizava as coisas. Experiências compartilhadas, o jargão das Instrutoras.

— Não entendo de cavalos, Madre Superiora. — Streggi olhou para seu prato. — Isto não pode ser carne de cavalo. Tenho certeza que...

Odrade riu alto, atraindo olhares espantados. Ela colocou a mão no braço de Streggi e limitou-se a um sorriso suave. —

Obrigada, querida. Ninguém me fez rir assim em muitos anos.

Espero que este seja o início de uma longa e feliz associação.

— Obrigada, Madre Superiora, mas eu...

— Vou explicar a respeito do cavalo, uma piada minha, sem nenhuma intenção de diminuí-la. Quero que você carregue uma criança em seus ombros, para transportá-la mais rápido do que suas pernas a levariam.

— Como quiser, Madre Superiora. — Sem objeções, nem outras perguntas. Perguntas havia, mas as respostas viriam a seu tempo, e Streggi sabia disso.

“Tempo mágico.”

Retirando a mão, Odrade disse: — Seu nome?

— Streggi, Madre Superiora. Aloana Streggi.

— Fique descansada, Streggi. Vou tomar providências em relação aos pomares. Precisamos deles não só para a alimentação, mas também para manter o moral. Dirija-se ao Reescalonamento esta

noite. Diga-lhes que desejo que esteja em meu gabinete às 6h, amanhã de manhã.

— Estarei lá, Madre Superiora. Devo continuar marcando seu mapa? — perguntou ela, quando Odrade se levantou para sair.

— Por enquanto, Streggi. Mas solicite ao Reescalonamento uma nova acólita e comece a treiná-la. Muito em breve você estará

ocupada demais para cuidar do mapa.

— Obrigada, Madre Superiora. O deserto está se desenvolvendo muito depressa.

As palavras de Streggi deram a Odrade uma certa satisfação, dissipando a melancolia que tinha toldado a maior parte de seu dia.

O ciclo estava conseguindo uma outra oportunidade, voltando uma vez mais como era impelido a fazê-lo pelas forças subterrâneas chamadas “vida”, “amor” e outros rótulos desnecessários.

“Então ele se modifica. Ele se renova. Mágica. Que bruxaria poderia tirar-lhe a atenção deste milagre?”

Em seu gabinete, ela emitiu uma ordem para a Meteorologia, então silenciou os instrumentos em seu escritório e dirigiu-se para a janela em arco. A Sede da Irmandade brilhava num vermelho pálido dentro da noite, através das luzes da terra contra as nuvens baixas.

Dava uma aparência romântica aos telhados e muros, mas Odrade prontamente a rejeitou.

Romance? Não havia nada de romântico no que ela tinha feito no refeitório das acólitas.

“Eu o fiz, finalmente. Comprometi-me. Agora, Duncan deve recuperar as memórias de nosso Bashar. Uma tarefa delicada.”

Ela continuou a olhar fixamente a noite, suprimindo os nós que sentia no estômago.

“Não apenas estou me comprometendo, como comprometo o que resta de minha Irmandade. Então é assim que a gente se sente, Tar.” “E assim que a gente se sente e seu plano é astucioso.”

Ia chover. Odrade sentiu-o no ar, vindo dos ventiladores em volta da janela. Não era preciso ler um relatório da Meteorologia, o que ela raramente fazia atualmente. Por que se incomodar? Mas o relatório de Streggi trazia um aviso importante.

As chuvas estavam se tornando mais raras aqui, e eram consideradas uma boa coisa. As Irmãs saíam em caminhada debaixo da água, a despeito do frio. Havia um toque de tristeza no pensamento. Cada chuva que ela via trazia a mesma pergunta:

“Será a última?”

As pessoas da Meteorologia faziam verdadeiros milagres para manter um deserto em expansão seco, e as áreas de plantação irrigadas. Odrade não sabia como tinham conseguido aquela chuva para cumprir suas ordens. Daqui a pouco tempo, não poderiam obedecer a comandos desse tipo, mesmo vindos da Madre Superiora. “O deserto triunfará, porque isso é o que pusemos em movimento.”

Ela abriu as vidraças centrais de sua janela. O vento nesse nível tinha parado. Apenas as nuvens moviam-se lá em cima.

Ventos mais altos devastando as coisas. Um sentido de urgência no tempo. O ar estava gelado. Então elas tinham feito ajustes de temperatura para conseguir esse pouco de chuva. Fechou a janela, não sentindo vontade de ir lá fora. A Madre Superiora não tinha tempo de jogar o jogo da *última chuva.* Uma chuva de cada vez. E

sempre, lá fora, o deserto movendo-se inexoravelmente em direção a elas.“Isso eu posso mapear e observar. Mas, e a caçadora atrás

de mim — a figura do pesadelo com o machado? Qual é o mapa que me diz onde ela está hoje à noite?”

A *religião (emulação dos adultos pela criança) compreende mitologias passadas: especulações, pressupostos ocultos de confiança no universo, pronunciamentos feitos na busca de poder pessoal, tudo isso combinado com fragmentos de iluminação. E*

sempre um mandamento não formulado: Vão perguntar ás!

Quebramos esse mandamento diariamente na subordinação da imaginação humana à nossa criatividade mais profunda.

— *Credo Bene Gesserit*

Murbella sentou-se de pernas cruzadas na sala de exercícios, sozinha, remendo depois da prática. A Madre Superiora tinha estado ali menos que ia hora, essa tarde. E, como quase sempre acontecia, Murbella sentia que fora abandonada num sonho febril.

As últimas palavras de Odrade, antes de partir, reverberavam no sonho: ^ lição mais difícil para uma acólita é que ela deve sempre atingir seu limite. Suas capacidades a conduzirão além do que imagina. Portanto, não imagine. Estenda-se.”

“Qual é minha resposta? Que fui ensinada a enganar?”

Odrade tinha feito alguma coisa para trazer à lembrança os padrões da infância e a educação das Honradas Madres. “Aprendi a enganar quando criança. Como simular uma necessidade e conseguir atenção.” Muitos “como se faz” no modelo de enganar. Ela aprendera que as pessoas grandes i sua volta eram exigentes. “Eu regurgitei na exigência. Isso era chamado de *educação.”* O que havia de tão notavelmente diferente no ensinamento Bene Gesserit?

— Não lhe peço para ser honesta comigo — dissera Odrade.

— Seja honesta consigo mesma.

Murbella estava perdendo a esperança de algum dia arrancar toda essa mentira de seu passado. “Por que o faria?” Mais mentira!

— Maldita Odrade!

Somente depois que as palavras tinham sido ditas é que percebeu que falara em voz alta. Começou a pôr a mão na boca, mas abortou o movimento. A febre dizia: — Que diferença faz?

— As burocracias educacionais embrutecem a sensibilidade indagadora da criança — era a explicação de Odrade. — Os jovens

devem ser sufocados. Nunca os deixe serem tão bons quanto poderão ser. Isso provoca mudanças. Gaste bastante tempo em reuniões discutindo como lidar com alunos excepcionais. Não perca tempo preocupando-se com o fato de que o professor convencional se sente ameaçado pelos talentos que surgem, e os esmaga em função de um arraigado desejo de se sentir superior e seguro num ambiente que não ofereça perigo.

“Ela estava falando das Honradas Madres.”

“Professores convencionais?”

Aí estava: por trás da fachada de sabedoria, as Bene Gesserit eram naturais, sem cerimônia. Elas quase nunca pensavam sobre a maneira de ensinar: elas simplesmente o faziam.

“Deuses! Quero ser como elas!”

O pensamento a chocou, e ela levantou-se de um pulo, lançando-se num treinamento de braço e pulso.

A compreensão atingiu-a mais profundamente que nunca.

Não desejava desapontar estas professoras. “Honestidade e franqueza.” Todas as acólitas ouviam isso. — Instrumentos básicos de aprendizagem — dizia Odrade.

Distraída por seus pensamentos, Murbella levou um tombo e levantou-se, esfregando o ombro machucado.

Tinha pensado de início que o protesto Bene Gesserit devia ser uma mentira. “Estou sendo tão franca com você que preciso contar-lhe da minha inabalável honestidade.”

Mas as ações confirmaram suas alegações. A voz de Odrade persistia no sonho febril: — É assim que você julga.

Elas tinham algo na mente, na memória, e um equilíbrio intelectual que nunca uma Honrada Madre havia possuído. Esse pensamento a fez sentir-se pequena. “Torne-se corrupta.” Era como a existência de lugares mais vivos em seus pensamentos febris.

“Mas eu tenho talento! É preciso talento para ser uma Honrada Madre.”

“Ainda me considero uma Honrada Madre?”

As Bene Gesserit sabiam que ela não estava inteiramente comprometida com a Irmandade. “Que habilidades terei eu, para que elas se interessem? Não as habilidades de enganar.”

“As ações combinam com as palavras? Existe a sua medida de confiabilidade. Nunca se limite às palavras.”

Murbella pôs as mãos no ouvido. “Cale a boca, Odrade!”

“Como uma Reveladora da Verdade separa sinceridade de um julgamento mais fundamental?”

Murbella deixou cair as mãos. “Talvez eu esteja realmente doente.’ Lançou o olhar por toda a extensa sala. Não havia ninguém que pronunciasse essas palavras. De qualquer modo, era a voz de Odrade.“Se você estiver sinceramente convencida, pode usar um mero palavrório (que palavra antiga maravilhosa; procure-a no

dicionário), uma asneira completa e será acreditada. Mas não por uma das nossas Reveladoras da Verdade.”

Os ombros de Murbella curvaram-se. Começou a andar sem direção pela sala de exercícios. Não havia lugar para fugir?

“Procure as conseqüências, Murbella. É assim que se descobrem as coisas que funcionam. É disso que tratam nossas elevadas verdades.”

“Pragmatismo?”

Idaho encontrou-a nesse momento, e reagiu ao brilho selvagem de seus olhos. — O que foi?

— Acho que estou doente. Bem doente. Pensei que fosse algo que Odrade tinha feito comigo, mas...

Ele segurou-a quando ela tombou.

— Ajudem-nos!

Pela primeira vez era grato aos televigias. Em menos de um minuto uma médica Suk estava com eles. Ela curvou-se sobre Murbella no local em que Idaho a tinha colocado, no chão.

O exame foi breve. A Suk, uma grisalha Reverenda Madre com a marca tradicional do diamante na testa, endireitou-se e disse:

— Esgotamento. Ela não está procurando encontrar seus limites, ela os está ultrapassando. Nós a poremos de volta numa classe de sensibilização antes de permitir que continue. Enviarei as Instrutoras.

Odrade encontrou Murbella na Enfermaria das Instrutoras naquela noite, reclinada na cama, com duas Instrutoras se

revezando para testar sua resposta muscular. Ante um pequeno gesto, deixaram-nas sozinhas.

— Tentei evitar complicações — disse Murbella. “Franqueza e honestidade.”

— Tentar evitar complicações geralmente cria outras. —

Odrade afundou-se numa cadeira ao lado da cama, e pôs a mão sobre o braço de Murbella. Os músculos tremiam sob sua mão. —

Dizemos que as palavras são vagarosas, o sentimento é mais rápido. — Odrade recuou. — Que decisões andou tomando?

— Vocês permitem que eu tome decisões?

— Não seja sarcástica. — Ela ergueu a mão pára impedir qualquer interrupção. — Não levei seu condicionamento anterior em bastante consideração. As Honradas Madres deixaram-na praticamente incapaz de tomar decisões. Isso é típico de sociedades que têm fome de poder. Ensinam as pessoas a hesitarem eternamente. “As decisões trazem maus resultados” — é o que dizem. Ensinam a omissão.

— O que isso tem a ver com o meu colapso? —

Ressentimento.

— Murbella! Os piores produtos do que eu estou descrevendo são quase casos únicos — não conseguem tomar decisões sobre o que quer que seja, ou deixam tudo para o último minuto, e então lançam-se sobre as soluções como animais desesperados.

— Você me disse que procurasse alcançar meus limites! —

Quase choramingando.

— Seus limites, Murbella. Não os meus. Não os de Bell ou de qualquer outra. Os seus.

— Decidi que desejo ser como vocês. — Muito débil.

— Maravilhoso! Mas não acho que alguma vez tentei matar-me. Principalmente quando estava grávida.

Murbella sorriu, a despeito de si mesma.

Odrade levantou-se. — Durma. Você vai para uma classe especial amanhã, onde trabalharemos sobre sua capacidade de entrosar suas decisões com a sensibilidade a seus limites. Lembre-se do que eu lhe disse: nós nos cuidamos.

— Pertenço a vocês? — Quase um sussurro.

— Desde que repetiu o juramento diante das Instrutoras. —

Odrade desligou as luzes quando saiu. — Parem de incomodá-la.

Ela precisa descansar.

Murbella fechou os olhos. O sonho febril tinha desaparecido, mas em seu lugar estava sua própria memória. — Sou uma Bene Gesserit. Existo apenas para servir.

Ouviu-se dizendo essas palavras às Instrutoras, mas a memória dava-lhes uma ênfase que não existira na situação original.

“Elas sabiam que eu estava sendo cínica.”

O que se poderia esconder dessas mulheres?

Sentiu a mão da Instrutora em sua testa, na recordação, e ouviu as palavras que somente agora adquiriam significado.

“Estou na sagrada presença humana. Como eu, que você também esteja um dia. Suplico à sua presença que assim seja. Que o futuro permaneça incerto, porque ele é a tela que receberá nossos desejos. Portanto, a condição humana se defronta com sua eterna tabula rasa. Não possuímos mais que este momento, onde nos dedicamos continuamente à sagrada presença que compartilhamos e criamos.”

Convencional, mas ao mesmo tempo não convencional.

Compreendeu que não tinha sido preparada física ou emocionalmente para este momento. Lágrimas escorreram-lhe pelas faces.

As leis repressoras tendem a fortalecer aquilo que proíbem.

Esse é o ponto essencial onde todas as profissões legais da História basearam sua segurança de trabalho.

— *O Coda Bene Gesserit*

Em suas agitadas visitas de inspeção através da Central (não muito freqüentes, hoje em dia, mas justamente por isso, mais intensas), Odrade procurava sinais de negligência e, especialmente, áreas de responsabilidade que estavam funcionando com exagerada suavidade.

A *Vigilante Maior* tinha seu próprio lema: — Mostrem-me uma operação completamente sem problemas e eu lhes apontarei alguém que está encobrindo erros. Os verdadeiros barcos oscilam.

Ela repetia isso com freqüência, a tal ponto que se tornou uma frase que as Irmãs (e mesmo algumas acólitas) usavam para identificá-la.

— Os verdadeiros barcos oscilam. — Risinhos surdos.

Bellonda acompanhava Odrade nessa inspeção matinal de hoje, sem mencionar que “uma vez por mês” tinha se tornado “uma vez a cada dois meses”, se tanto. Esta já estava atrasada em uma semana. Bell queria usar esse tempo para preveni-la contra Idaho. E

trouxera Tamalane consigo, embora Tam devesse estar examinando o desempenho das Instrutoras nesse momento.

“Duas contra uma?”, Odrade pensou. Achava que nem Bell nem Tam suspeitavam do que a Madre Superiora pretendia. Bem, isso

viria à tona, como tinha acontecido com o plano de Taraza. “A seu próprio tempo, hein, Tar?”

E assim elas iam pelos corredores, seus mantos negros num ruge-ruge de urgência, e olhos perspicazes aos quais quase nada escapava. Tudo era familiar, mas mesmo assim elas procuravam o que era novo. Odrade levava seu receptor Áudio-V pendente do ombro esquerdo, como se fosse um peso de mergulho fora do lugar.

“Nos dias de hoje não se pode estar nunca fora do alcance da comunicação.”

Nos bastidores de qualquer centro Bene Gesserit estavam as instalações de apoio: hospital clínico, cozinha, necrotério, controle do lixo, sistemas de recuperação (ligados aos esgotos e ao lixo), transportes e comunicações, abastecimento da cozinha, salas de educação física, escolas para acólitas e postulantes, alojamentos pessoais para todas, centros de reunião, instalações para testes e muito mais. O pessoal mudava muitas vezes, em função da Dispersão e do movimento para novas responsabilidades, tudo conforme a sutil consciência Bene Gesserit. Mas permaneciam as tarefas e os lugares para todos.

Enquanto caminhavam rapidamente em passos largos, de uma área para outra, Odrade falava da Dispersão da Irmandade, sem tentar esconder seu desalento a respeito da “família atômica”

em que haviam se transformado.

— Acho difícil contemplar a humanidade espalhando-se em um universo ilimitado — disse Tam. — As possibilidades...

— O jogo dos números infinitos. — Odrade pisou numa guia quebrada. — Isso deve ser consertado. Estamos jogando o jogo do infinito desde que aprendemos a transpor as Dobras do Espaço.

Não havia alegria no tom de Bellonda. — Não é um jogo!

Odrade podia avaliar os sentimentos de Bellonda. “Nós nunca vimos o espaço vazio. Sempre outras galáxias. Tam está certa. É

assustador focalizar o Caminho Dourado!”

Recordações de explorações deram à Irmandade um instrumento estatístico, mas pouco mais que isso. Tantos planetas habitáveis num grupo e, entre eles, um inesperado número adicional, que podia ser formado de terra.

— O que está evoluindo lá fora? — Tamalane interpelou.

Uma pergunta que elas não podiam responder. Pergunte o que o Infinito pode produzir, e a única resposta possível é: qualquer coisa. “Qualquer bem, qualquer mal, qualquer deus, qualquer demônio.”

— E se as Honradas Madres estiverem fugindo de alguma coisa? — Odrade perguntou. — Não é uma possibilidade interessante?

— Essas especulações são inúteis — resmungou Bellonda.

— Não sabemos nem mesmo se as Dobras do Espaço nos introduzem em um universo ou muitos... ou até mesmo um número infinito de bolhas que se expandem e se contraem.

— O Tirano teria conseguido entender isso melhor do que nós? — Tamalane perguntou.

Elas pararam, enquanto Odrade observava uma sala onde cinco Acólitas Adiantadas e uma Instrutora estudavam uma projeção de estoques regionais de melange. O cristal que transmitia a informação realizava uma intrincada dança no projetor, saltando sobre seu raio como uma bola na fonte. Odrade viu o resumo final e afastou-se antes de franzir a testa. Tam e Bell não viram a expressão da Madre Superiora. “Teremos de começar a restringir o acesso às informações sobre melange. São por demais deprimentes.”

“Administração!” Tudo caía em cima da Madre Superiora.

Quando se delega excessivamente às mesmas pessoas, o resultado é a burocracia.

Odrade sabia que dependia demasiado de seu senso interior de administração. Um sistema testado e revisado, que usava a automação apenas onde era essencial. “A maquinaria”, era como elas o chamavam. À época em que se tornavam Reverendas Madres, todas elas possuíam uma certa sensibilidade em relação à

“maquinaria” e tendiam a usá-la sem questionamentos posteriores.

Era aí que estava o perigo. Odrade fazia pressão para que fizessem um aperfeiçoamento constante (até mesmo pequenas melhoras), afim de introduzir mudança em suas atividades. Imprevisibilidade.

Nada de padrões absolutos que os outros pudessem descobrir e

usar contra elas. Podia-se não ver tais mudanças no período de uma vida, mas, ao longo de espaços de tempo maiores, as diferenças com certeza seriam mensuráveis.

O grupo desceu para o térreo, ao nível da principal via pública da Central. As Irmãs chamavam-na de “O Caminho”.

Tratava-se de uma piada, entre elas, referindo-se ao regime de treinamento popularmente conhecido como “O Caminho Bene Gesserit”.

O Caminho estendia-se da praça ao lado da torre de Odrade até os arrabaldes ao sul da área urbana — direto como um raio de arma laser, quase 12km de edifícios altos e baixos. Estes últimos tinham uma coisa em comum: eram bastante sólidos, visando uma possível expansão vertical.

Odrade fez sinal a um transporte aberto, com lugares vagos, e as três acomodaram-se num espaço onde podiam continuar a falar. A

Fachada ostentada no Caminho tinha um apelo antigo, Odrade pensou. Edifícios como esses, com suas altas janelas retangulares de plaz isolante enquadravam os “Caminhos” Bene Gesserit durante longos períodos da história da Irmandade. No centro havia uma fileira de olmos geneticamente programados em função da altura e do perfil estreito. Os pássaros aí faziam seus ninhos, e as manhãs tornavam-se radiantes com movimentos esvoaçantes em vermelho e laranja — papa-figos e sanhaços.

“A preferência por este cenário familiar seria um padrão perigoso para nós?”

O grupo desceu na Trilha do Biriteiro, com Odrade na dianteira pensando como o humor Bene Gesserit se evidenciava em nomes curiosos. Nas ruas, então, o tom brincalhão sobressaía.

Trilha do Biriteiro porque a fundação de um dos edifícios tinha baixado levemente, dando à estrutura a aparência curiosa de um bêbado. O único elemento do grupo pisando fora da linha.

“Como a Madre Superiora. Só que elas ainda não sabem.”

Seu receptor tocou quando elas chegavam à Alameda da Torre. — Madre Superiora? — Era Streggi. Sem parar, Odrade deu sinal de que estava na linha. — A senhora pediu um relatório sobre

Murbella. A Central Médica disse que ela já está pronta para recomeçar as aulas.

— Encaminhe-a, então. — Continuaram rua abaixo: só construções de um andar.

Odrade lançou um olhar rápido para os edifícios baixos de ambos os lados. Estava sendo construído um segundo andar num deles. Poderia haver uma verdadeira Alameda da Torre aqui um dia, e a piada que existia a respeito seria esquecida.

Argumentava-se que dar nomes era, de qualquer modo, apenas uma questão de conveniência, e elas poderiam aproveitar a oportunidade para tratar de um assunto que era delicado para a Irmandade.

Odrade parou abruptamente numa passagem movimentada e virou-se para as companheiras. — O que acham da sugestão de darmos nomes de nossas Irmãs falecidas às ruas e às praças?

— Você está cheia de tolices, hoje — acusou Bellonda.

— Elas não estão mortas — disse Tamalane.

Odrade retomou a inspeção. Ela antecipara essa reação. Os pensamentos de Bell podiam quase ser ouvidos. “Trazemos as

‘Irmãs Falecidas’ conosco na Outra Memória!”

Odrade não queria nenhuma discussão em público, mas achava que a idéia tinha mérito. Algumas Irmãs morriam sem Compartilhar. As Linhas de Memória principais eram multiplicadas, mas perdia-se o fio e sua conclusão na carreira. Schwangyu, da Fortaleza de Gammu, tinha ido dessa forma, morta pelo assalto das Honradas Madres. Ficou uma série de lembranças, que lembravam suas boas qualidades... e complexidades. Hesitava-se em dizer que seus erros ensinavam mais que seus sucessos.

Bellonda acelerou o passo para acompanhar Odrade, numa reta relativamente vazia. — Preciso falar-lhe sobre Idaho. Um Mentat, sim, mas essas múltiplas memórias... Extremamente perigosas!

Estavam passando por um necrotério, e sentiram o cheiro forte de anti-sépticos, mesmo na rua. A porta em arco estava aberta.

— Quem morreu? — Odrade perguntou, ignorando a ansiedade de Bellonda.

— Uma Instrutora da Seção Quatro e um homem da manutenção de pomares — disse Tamalane. Tam sempre sabia.

Bellonda estava furiosa por ser ignorada, e não fazia nenhuma tentativa para escondê-lo. — Não fuja do assunto!

— Qual é o assunto? — O tom de Odrade era muito brando.

Emergiram no terraço sul e pararam num parapeito de pedra, a fim de olhar as plantações — vinhas e pomares. A luz da manhã tinha um nevoeiro empoeirado, em nada semelhante às névoas criadas pela umidade.

— Você sabe qual é! — Bellonda não se dobrava.

Odrade examinava o panorama, pressionando o corpo contra as pedras. O parapeito estava gelado. Esse nevoeiro lá fora tinha uma cor distinta, pensou. A luz do sol atravessava a poeira com um diferente espectro reflexivo. Havia mais radiância e nitidez na luz, absorvida de um modo que não era habitual. Os nimbos estavam mais cerrados. A poeira e a areia que sopravam insinuavam-se nas frinchas da mesma forma que a água, mas o rangido áspero e rascante traíam sua origem. O mesmo para a persistência de Bell.

Nenhuma lubrificação.

— É a luz do deserto — Odrade apontou.

— Pare de me evitar — Bellonda disse.

Odrade preferiu não responder. A luz poeirenta era algo clássico, mas não tranqüilizador como os antigos pintores e suas névoas matinais.

Tamalane aproximou-se de Odrade. — Belo, a seu próprio modo. — O tom remoto denunciava comparações com a Outra Memória semelhantes às de Odrade.

“Se é dessa forma que se foi condicionado a procurar a beleza.” Mas alguma coisa bem dentro de Odrade dizia-lhe que essa não era a beleza pela qual ansiava.

Na rasa planície abaixo, onde uma vez houvera vegetação, havia agora seca, e uma impressão de que a terra estava sendo esvaziada do modo como os antigos egípcios preparavam seus mortos — secos quanto à matéria essencial, preservados para a Eternidade. “O deserto como o senhor da morte, enfaixando a terra

em carbonato de sódio, embalsamando nosso belo planeta com todas as suas jóias escondidas.”

Bellonda permaneceu atrás, resmungando e sacudindo a cabeça, numa recusa a olhar para aquilo em que seu planeta se transformaria.

Odrade quase estremeceu num repentino ímpeto de simulfluxo. A memória inundou-a: viu-se procurando as ruínas de Sietch Tabr, encontrando corpos de piratas de especiaria embalsamados pelo deserto, deixados onde os assassinos os tinham derrubado.

“O que é Sietch Tabr agora? Uma torrente solidificada e sem nenhuma marca de sua orgulhosa história. Honradas Madres: assassinas da História.”

— Se você se recusa a eliminar Idaho, então devo protestar contra o fato de usá-lo como um Mentat.

Bell era uma mulher tão difícil! Odrade notou que ela estava mostrando sua idade mais do que nunca. Usando óculos para ler, mesmo agora. Eles aumentavam seus olhos, dando-lhe a aparência de um peixe de grandes órbitas. O uso de óculos, e não uma prótese mais discreta, revelava algo sobre ela. Ostentava uma vaidade ao contrário, que anunciava: sou maior do que as exigências de meus sentidos enfraquecidos.

Bellonda estava definitivamente irritada com a Madre Superiora. — Por que está me olhando dessa forma?

Odrade, surpreendida pela consciência súbita de uma fraqueza em seu Conselho, desviou a atenção para Tamalane. A carruagem nunca pára de crescer: orelhas, nariz e queixo tinham aumentado em Tam. Algumas Reverendas Madres corrigiam essas manifestações pelo controle de metabolismo ou através de cirurgia corretiva regular. Mas Tam não se curvaria a essa vaidade. “Sou desse jeito. É pegar ou largar.”

“Minhas conselheiras são velhas demais. E eu... eu deveria ser mais jovem e mais forte para ter esses problemas sobre meus ombros. Oh, maldição. Estou escorregando para a autopiedade!”

Apenas um perigo supremo: ação contra a sobrevivência da Irmandade.

— Duncan é um magnífico Mentat — Odrade falou com toda a força de sua posição. — Mas não utilizo nenhum de vocês além de suas capacidades.

Bellonda permaneceu silenciosa. Conhecia os pontos fracos de um Mentat.

“Mentats!” Odrade pensou. Eram como Arquivos ambulantes, mas quanto mais se precisava de respostas, eles recaíam em perguntas.

— Não preciso de outro Mentat — disse Odrade. — Preciso de um inventor!

Como Bellonda ainda permanecesse silenciosa, Odrade continuou: — Estou libertando sua mente, não seu corpo.

— Insisto em uma análise, antes que você abra todas as fontes de informações para ele!

Considerando a postura habitual de Bellonda, sua reação foi suave. Mas Odrade não confiava nela. Detestava essas sessões —

intermináveis apresentações de relatórios dos Arquivos. Bellonda explicava-os meticulosamente. Bellonda e suas minúcias dos Arquivos e amaçante insistência sobre detalhes irrelevantes! Quem estava interessado na preferência da Reverenda Madre X por leite desnatado em seu mingau?

Odrade voltou-lhe as costas e olhou para o céu do sul.

“Poeira! Ainda teríamos que peneirar mais poeira!” Bellonda estaria flanqueada por assistentes. Odrade sentia-se entediada só de pensar. — Nada de mais análises — Odrade falou mais asperamente do que pretendia.

— Tenho um ponto de vista — a voz de Bellonda soava magoada. “Ponto de vista? Não somos nada mais que janelas sensíveis em nosso universo, cada uma com apenas um ponto de vista?”Instintos e lembranças de todos os tipos... até mesmo Arquivos — nenhuma destas coisas falava por si, a não ser por intrusões constrangedoras. Ninguém carregava peso até que fosse formulado numa consciência viva. Mas quem quer que fizesse a formulação pesava na balança. “Toda ordem é arbitrária!” Por que

esta informação, ao invés de outra? Qualquer Reverenda Madre sabia que os acontecimentos ocorriam em seu próprio fluxo, seu próprio ambiente relativo. Por que uma Reverenda Madre Mentat não poderia agir a partir desse conhecimento?

— Você recusa conselho? — Era Tamalane. Será que ela está aliada a Bell?

— Quando foi que recusei conselho? — Odrade deixou transparecer sua indignação. — O que estou recusando é outro carrossel dos Arquivos de Bell.

Bellonda interferiu. — Então, na realidade...

— Bell! Não me fale de realidade! — Ela que se rale por isso!

Reverenda Madre *e* Mentat! “Não há realidade. Somente sua ordem imposta a tudo. Um ditado básico Bene Gesserit.”

Havia vezes (e esta era uma delas) em que Odrade desejaria ter nascido numa era mais primitiva — uma matrona romana na prolongada paz dos aristocratas, ou uma vitoriana mimada. Mas estava presa pelo tempo e pelas circunstâncias.

“Presa para sempre?”

“É preciso encarar essa possibilidade.” A Irmandade poderia ter somente um futuro restrito a esconderijos secretos, sempre temendo a descoberta. O futuro dos caçados. “E aqui, na Central, poderemos não ter permissão para errar mais de uma vez.”

— Chega de inspeção! — Odrade chamou um carro particular e apressou-as de volta para seu gabinete.

“O que faremos se as caçadoras nos encontrarem aqui?”

Cada uma delas tinha seu próprio roteiro, uma pequena encenação repleta de reações planejadas. Mas toda Reverenda Madre era bastante realista para saber que seu pequeno ato poderia causar mais estorvo do que ajuda.

No gabinete, com a luz da manhã incidindo sobre tudo ao redor, Odrade afundou na cadeira e esperou que Tamalane e Bellonda tomassem lugar.

Não haveria mais essas malditas sessões de análise. Ela realmente precisava ter acesso a algo melhor que os Arquivos, melhor que qualquer coisa que já tivessem usado anteriormente.

Inspiração. Odrade esfregou as pernas, sentindo os músculos

tremerem. Não estava dormindo bem há dias. Esta inspeção tinha tido um efeito frustrador sobre ela.

“Um único erro poderia destruir-nos, e eu acabo de comprometer a Irmandade numa decisão sem volta.”

“Estarei sendo astuciosa demais?”

Suas conselheiras opunham-se a soluções ardilosas. Diziam que a Irmandade deveria mover-se com firme convicção, em terreno previamente conhecido. Tudo o que fizessem teria como contrapeso o desastre, que estaria à sua espera ao menor deslize.

“E eu estou na corda bamba sobre o abismo.”

Teriam ainda a oportunidade de experimentar, de testar possíveis soluções? Todas elas estavam empenhadas no mesmo jogo. Bell e Tam exibiam um fluxo constante de sugestões, mas nada mais efetivo que sua Dispersão atômica.

— Precisamos estar preparadas para matar Idaho ao menor sinal de que seja um Kwisatz Haderach — Bellonda disse.

— Vocês não têm trabalho para fazer? Saiam daqui, as duas. Quando elas se ergueram, a sala de trabalho assumiu, aos olhos de Odrade, uma expressão de estranheza. O que estaria errado? Bellonda encarou-a com aquele terrível olhar de censura.

Tamalane parecia mais sábia do que jamais fora.

“O que há com esta sala?”

O gabinete teria sido reconhecido por suas funções por qualquer dos humanos da era pré-espacial. O que produzia a sensação de estranheza? A mesa de trabalho era uma mesa de trabalho, e as cadeiras estavam colocadas adequadamente. Bell e Tam preferiam cadeiras-cão, que teriam parecido bizarras aos antigos humanos da Outra Memória. Os cristais ridulianos podiam brilhar estranhamente, com a vibração da luz fazendo-os piscar. As mensagens que oscilavam ao redor da mesa talvez causassem surpresa. Seus

instrumentos de trabalho poderiam parecer incomuns ao humano de outra era que estivesse compartilhando sua percepção.

“Mas está parecendo estranho a mim.”

— Você está bem, Odrade? — preocupou-se Tam.

Odrade fez sinal para que se fossem, mas nenhuma das duas se moveu.

Estavam acontecendo coisas a sua mente que não poderiam ser atribuídas às longas horas de insuficiente descanso. Não era a primeira vez que sentia estar trabalhando em ambiente estranho. Na noite anterior, quando comia um lanche nessa mesma mesa, cuja superfície estava coberta de tarefas como agora, tinha-se achado sentada, olhando fixamente o trabalho por fazer.

Que Irmãs poderiam ser dispensadas de que cargos, para essa terrível Dispersão? Como elas poderiam aperfeiçoar as possibilidades de sobrevivência das poucas trutas da areia que as Irmãs Dispersas levavam? Qual seria a porção adequada de melange a ser distribuída? Deveriam esperar, antes de enviar mais Irmãs para o desconhecido? Esperar pela possibilidade de que Scytale pudesse ser induzido a lhes dizer como os tanques axlotl produziam a especiaria?

Odrade lembrou-se de que o sentimento de estranheza tinha ocorrido enquanto mastigava um sanduíche. Tinha-o olhado, abrindo-o levemente. “Que coisa é essa que estou comendo?”

Fígado de galinha e cebola, no excelente pão da Sede da Irmandade.

Questionar suas próprias rotinas fazia parte dessa sensação incomum.

— Você parece doente — Bell disse.

— Apenas cansada — mentiu Odrade. Elas sabiam que estava mentindo, mas teriam coragem de desafiá-la? — Vocês duas devem estar igualmente cansadas. — Havia afeição em sua voz.

Bell não estava satisfeita. — Você dá maus exemplos!

— Quem? Eu? — A caçoada não escapou a Bell.

— Sabe muito bem que sim!

— São suas demonstrações de afeto — disse Tamalane.

— Mesmo em relação a Bell.

— Não quero sua maldita afeição! Não é correto.

— Somente quando permito que isso governe minhas decisões, Bell. Somente neste caso.

A voz de Bellonda transformou-se num sussurro rouco. — Há gente que acha que você é uma romântica perigosa, Dar. Você sabe o que isso poderia acarretar.

— Vincular-me a Irmãs por outros motivos que não a nossa sobrevivência. É isso que quer dizer?

— Às vezes você me dá dor de cabeça, Dar!

— É minha obrigação e meu direito dar-lhes dor de cabeça.

Quando a cabeça não dói, nós nos tornamos descuidadas. As afeições a incomodam, mas os ódios não.

— Conheço meu defeito.

“Você não poderia ser uma Reverenda Madre se não o conhecesse.”

A sala voltou a parecer familiar, mas agora Odrade sabia a origem de seus sentimentos de estranheza. Estava pensando neste lugar como parte da história antiga, considerando-o como o faria depois que tivesse desaparecido. Como certamente aconteceria, se seu plano tivesse sucesso. Sabia o que tinha de fazer agora. Era hora de revelar o primeiro passo.

“Cuidado.”

“Sim, Tar, estou tão cautelosa quanto você.”

Tam e Bell podiam estar velhas, mas suas mentes tornavam-se alertas quando a necessidade se impunha.

Odrade fixou o olhar em Bell. — Padrões, Bell. É nosso padrão não oferecer violência pela violência. — Ergueu a mão para impedir a resposta. — Sim, a violência gera mais violência, e o pêndulo oscila até que os seus agentes sejam destruídos.

— O que está pensando? — Tamalane interpelou.

— Talvez devêssemos pensar em atrair o touro mais agressivamente.

— Não podemos ousar. Não agora.

— Mas ousamos sentar aqui, esperando pacientemente que elas nos encontrem. Lâmpadas e outros de nossos desastres nos mostram o que acontecerá quando elas chegarem. *Quando,* não *se.*

Enquanto falava, Odrade sentia o abismo abaixo de si, a caçadora do pesadelo com o machado cada vez mais perto. Ela queria se aprofundar no sonho, voltar lá para identificar aquela que

as espreitava, mas não tinha coragem. Esse tinha sido o erro do Kwisatz Haderach.

“Esse futuro não se vê, cria-se.”

Tamalane queria saber por que Odrade tinha levantado a questão.

— Você mudou de idéia, Dar?

— Nosso Teg-ghola tem dez anos de idade.

— Jovem demais para que tentemos restaurar suas memórias — disse Bellonda.

— Por que recriamos Teg, a não ser para um uso violento?

— Odrade perguntou. — Oh, sim! — E como Tamalane começasse a objetar: — Teg nem sempre resolveu nossos problemas com violência. O Bashar pacífico afastaria os inimigos com palavras racionais.

Tam falou pensativamente: — Mas as Honradas Madres podem não negociar jamais.

— A menos que nós as levemos ao extremo.

— Acho que está propondo um movimento rápido demais —

disse Bellonda. — Confie em Bell para chegar a uma conclusão final Mentat.Odrade deu um suspiro profundo e olhou para a mesa de trabalho. Tinha chegado a hora, finalmente. Naquela manhã em que retirou o bebê-ghola daquele tanque obsceno, tinha sentido esse momento esperando por ela. Mesmo na ocasião, soubera que colocaria este ghola em provação antes da hora. Não obstante os laços de sangue.

Esticando a mão, Odrade pressionou uma tecla de chamada embaixo da mesa. Suas duas conselheiras esperavam de pé, em silêncio. Sabiam que estava para dizer algo importante. De uma coisa uma Madre Superiora podia estar certa — suas Irmãs ouviam-na com imenso cuidado, uma intensidade que gratificaria alguém mais egocêntrico que uma Reverenda Madre.

— Política — disse Odrade.

A palavra, por sua carga, prendeu-lhes a atenção imediata.

Quando entrava para a política Bene Gesserit, dirigindo os poderes para chegar ao topo, a pessoa tornava-se prisioneira da

responsabilidade. Sobrecarregava-se de tarefas e decisões que a vinculavam às vidas daqueles que dependiam dela. Isso era o que realmente ligava a Irmandade a sua Madre Superiora. Aquela única palavra comunicou às conselheiras e vigilantes que a Primeira-entre-Todas tinha chegado a uma decisão.

Ouviram um leve ruído de alguém que se aproximava do lado de fora. Odrade tocou a placa branca no canto direito da mesa. A porta atrás dela abriu-se, revelando a presença de Streggi, que esperava as ordens da Madre Superiora.

— Traga-o — disse Odrade.

— Sim, Madre Superiora. — Sua voz era quase sem emoção. Uma acólita muito promissora, essa Streggi.

Ela saiu e voltou conduzindo Miles Teg pela mão. O cabelo do menino era bem louro, mas estriado de castanho-escuro, o que indicava que se tornaria mais escuro quando ficasse mais velho.

Seu rosto era estreito, com o nariz começando a mostrar aquela angularidade de falcão tão característica dos homens Atreides. Seus olhos azuis moviam-se alertas, absorvendo tanto a sala como os ocupantes com curiosidade e expectativa.

— Streggi, espere lá fora, por favor. Odrade esperou que a porta se fechasse.

O rapaz permaneceu olhando para ela, sem nenhum sinal de impaciência.

— Ghola Miles Teg — disse Odrade —, naturalmente você se lembra de Tamalane e Bellonda.

Ele lançou um olhar para as duas mulheres, mas continuou em silêncio, aparentemente imobilizado pela intensidade de sua inspeção.

Tamalane franziu o cenho. Desde o princípio tinha discordado de chamar essa criança de ghola. Os gholas eram criados a partir de células de um cadáver. Este era um clone, assim como Scytale também o era.

— Vou enviá-lo para a não-nave com Duncan e Murbella —

disse Odrade. — Quem melhor do que Duncan para restaurar as memórias originais de Miles?

— Justiça poética — concordou Bellonda. Não apresentou objeções, embora Odrade soubesse que elas viriam assim que o rapaz saísse. “Jovem demais!”

— O que ela quer dizer com justiça poética? — Teg perguntou. Sua voz tinha uma qualidade estridente.

— Quando o Bashar estava em Gammu, restaurou as memórias originais de Duncan.

— E mesmo doloroso?

— Duncan achou que sim. “Algumas decisões devem ser cruéis.”Odrade achava que isso era uma grande barreira que a impedia de aceitar o fato de que se podiam tomar decisões próprias.

Algo que não precisaria ser explicado a Murbella.

“Como suavizar o golpe?”

Havia ocasiões em que não se podia suavizá-lo; na verdade, era mais humano arrancar as ataduras de uma vez só.

— Esse... esse Duncan Idaho pode realmente devolver minhas lembranças de... antes?

— Não só pode, como o fará.

— Não estaremos sendo precipitadas? — Tamalane perguntou.

— Tenho estudado as estórias sobre o Bashar — disse Teg.

— Era um militar famoso e um Mentat.

— E você está orgulhoso disso, não está? — Bell estava descontando suas objeções no garoto.

— Não especialmente — Ele retribuiu seu olhar sem hesitação. — Penso nele como uma outra pessoa. No entanto, é muito interessante.

— Outra pessoa — resmungou Bellonda. Ela olhou para Odrade com mal disfarçada desaprovação. — Você está lhe dando o ensinamento profundo.

— Como o fez sua mãe.

— Eu me lembrarei dela? — perguntou Teg.

Odrade lançou-lhe um sorriso conspirador, do tipo que tinham compartilhado nas caminhadas pelos pomares. — Lembrará, sim.

— Tudo?

— Você se lembrará de todas as coisas — sua esposa, seus filhos, as batalhas. Tudo.

— Mande-o sair! — disse Bellonda.

O menino sorriu, mas olhou para Odrade, esperando sua ordem. — Muito bem, Miles — disse Odrade. — Diga a Streggi que o leve a seus novos alojamentos na não-nave. Eu irei mais tarde, para apresentá-lo a Duncan.

— Posso ir nas costas de Streggi?

— Pergunte a ela.

Impulsivamente, Teg correu para Odrade, ficou na ponta dos pés e beijou-a no rosto. — Espero que minha mãe verdadeira seja como você.

Odrade deu-lhe um tapinha no ombro. — Bastante parecida.

Agora, corra.

Quando a porta se fechou atrás dele, Tamalane disse: — Não lhe contou que é uma de suas filhas?

— Ainda não.

— Idaho lhe dirá?

— Se for indicado.

Bellonda não estava interessada em detalhes insignificantes.

— O que está planejando, Dar?

Tamalane respondeu por ela. — Uma força punitiva comandada pelo Bashar Mentat. E óbvio.

“Ela mordeu a isca!”

— É isso? — Bellonda perguntou.

Odrade olhou ambas com dureza. — Teg foi o melhor que tivemos. Se alguém puder punir nossas inimigas...

— É melhor começarmos a desenvolver um outro Teg —

disse Tamalane.

— Não gosto da influência que Murbella poderá ter sobre ele

— acrescentou Bellonda.

— Idaho está disposto a colaborar? — Tamalane perguntou.

— Ele fará o que um Atreides lhe pedir.

Odrade falou com confiança, mas sentiu que as palavras abriam sua mente para outra fonte de sentimentos estranhos.

“Estou nos vendo como Murbella nos vê! Consigo pelo menos pensar como uma Honrada Madre.”

Não ensinamos História: recriamos a experiência. Seguimos a corrente de conseqüências — o rastro do animal na floresta.

Observe o que está por trás de nossas palavras e verá o grande alcance de comportamento social que nenhum historiador chegou a tocar.

— *Panoplia Propheticus da Bene Gesserit*

Scytale assobiava enquanto caminhava pelo corredor em frente a seus aposentos, no exercício da tarde. Ida e volta.

Assobiando.

“Deixe que se acostumem a meu assobio.”

Assobiando, compôs uma cantilena para acompanhar o som:

— O esperma dos Tleilaxu não fala. — As palavras giravam em sua

mente muitas e muitas vezes. Elas não poderiam usar suas células para cobrir a lacuna genética e aprender seus segredos.

“Terão que vira mim com presentes.”

Odrade tinha passado para vê-lo um pouco antes “a caminho de meu encontro com Murbella”. Ela mencionava a Honrada Madre

prisioneira freqüentemente, quando falava com ele. Havia um propósito nisso, mas ele não tinha idéia do que pudesse ser.

Ameaça? Sempre era possível. Viria à tona eventualmente.

— Espero que não esteja com medo — Odrade tinha dito.

Estavam ao lado da máquina de refeições, enquanto ele esperava que seu almoço aparecesse. O cardápio nunca era inteiramente a seu gosto, mas aceitável. Hoje, tinha pedido frutos do mar. Sem nenhuma indicação da forma como seria servido.

— Com medo? De vocês? Ahhh, querida Madre Superiora, eu sou valiosíssimo para vocês enquanto vivo. Por que teria medo?

— Meu conselho ainda não se manifestou a respeito de suas solicitações mais recentes.

“Eu esperava isso.”

— É um erro cercear-me — disse ele. — Limita suas escolhas. Enfraquece-as.

Levara inúmeros dias planejando a composição dessas palavras. Esperou pelo efeito que produziriam.

— Depende de como se deseja empregar a ferramenta, Mestre Scytale. Há ferramentas que se quebram quando usadas inadequadamente.

“Maldita seja, bruxa!”

Ele sorriu, mostrando seus caninos aguçados. — Testando para a extinção, Madre Superiora?

Ela fez uma de suas raras demonstrações de humor. — Você realmente espera que eu lhe dê força? O que está querendo agora, Scytale?

“Então, não sou mais Mestre Scytale. Dê-lhe um golpe com a parte lisa da lâmina!”

— Vocês dispersam suas Irmãs, esperando que algumas escapem à destruição. Quais são as conseqüências econômicas de sua reação histérica?

“Conseqüências! Eles sempre falam de conseqüências.”

— Negociamos para ganhar tempo, Scytale. — Muito solene.

Ele refletiu silenciosamente por um momento. Os televigias estavam espionando-os. Nunca se esqueça disso! “Economia, bruxa! Quem e o que vocês compram e vendem?” Este aposento perto da máquina de refeições é um lugar estranho para negociar, pensou ele. Meu gerenciamento da economia. A atividade administrativa, a sessão de planejamento e estratégia deveria ocorrer a portas fechadas, em grandes salas com vistas que não distraíssem os ocupantes dos negócios à sua frente.

As memórias em série de suas muitas vidas não aceitariam isso. “Necessidade. Os humanos conduzem seus negócios comerciais onde podem — nos conveses dos navios, em ruas de mau aspecto, cheias de vendedores apressados, em espaçosos salões de uma bolsa tradicional, com a informação circulando à vista de todos.”

O planejamento e a estratégia poderiam vir dos altos aposentos, mas a evidência deles era como a informação comum da bolsa — visível para todos.

Então, deixe que os televigias presenciem tudo.

— Quais são suas intenções a meu respeito, Madre Superiora?

— Mantê-lo vivo e forte. “Cuidado! Cuidado!”

— Mas não dar-me carta branca.

— Scytale! Você fala de economia e depois quer algo grátis?

— Mas minha força é importante para vocês?

— Acredite!

— Não confio em vocês.

A máquina escolheu esse momento para fazer surgir seu almoço: peixe branco passado de leve num molho delicado. Sentiu o cheiro de ervas. Água num copo alto, com um fraco aroma de melange. Uma salada verde. “Um de seus melhores esforços.”

Sentiu-se salivar.

— Bom apetite, Mestre Scytale. Não há nada que possa fazer-lhe mal. Não é uma prova de confiança?

Como ele não respondesse, ela falou: — O que tem a confiança a ver com a nossa barganha?

“Que tipo de jogo ela está fazendo agora?”

— Você me disse o que pretendem em relação às Honradas Madres, mas não disse o que pretende fazer comigo. — Sabia que estava dando uma impressão lamentosa, mas achou que era inevitável.

— Pretendo tornar as Honradas Madres conscientes de sua mortalidade.

— Assim como faz comigo!

Seria satisfação, essa expressão em seus olhos?

— Scytale. “Como era suave sua voz.” As pessoas que são assim alertadas realmente prestam atenção. Elas o ouvem. —

Lançou um rápido olhar à bandeja. — Deseja alguma coisa especial?

Ele empertigou-se como pôde. — Uma pequena bebida estimulante. Ajuda-me a pensar.

— Naturalmente. Providenciarei para que seja mandada imediatamente. — Voltou sua atenção da alcova para o aposento principal do alojamento. Ele observava onde ela se detinha, seu olhar mudando de lugar para lugar, de item para item.

“Tudo em seu lugar, bruxa. Não sou um animal numa caverna. As coisas precisam estar dispostas adequadamente, de modo que eu possa encontrá-las sem pensar. Sim, aqueles são tabletes estimulantes, ao lado da cadeira. Assim, eu uso tabletes.

Mas evito o álcool, percebeu?”

O estimulante que foi mandado tinha o gosto de uma erva amarga, que ele levou um momento para identificar. Casmina. Um fortificante do sangue geneticamente modificado, originário da farmacopéia de Gammu.

Será que ela pretendia lembrá-lo de Gammu? Essas bruxas eram tão cheias de rodeios!

Ridicularizando-o sobre a questão de economia. Sentia o ferrão da zombaria enquanto fazia a volta no fim do corredor e continuava seu exercício numa rápida caminhada de retorno a seus alojamentos. Qual era a cola que mantinha unido o Antigo Império?

Muitas coisas, grandes e pequenas, mas principalmente razões econômicas. Linhas de conexão geralmente consideradas como conveniências. E o que as impedia de se destruírem umas às outras? A Grande Convenção. — Se você fizer explodir qualquer um, nós nos reuniremos para explodir você.

Ele parou do lado de fora de sua porta, despertado por um pensamento. Era isso? Como poderia haver castigo suficiente para deter os ambiciosos powindah? Tinha se tornado uma cola composta de coisas intangíveis? A censura de seus companheiros?

E se seus companheiros não evitassem nenhuma obscenidade?

Você poderia fazer qualquer coisa. E isso significava alguma coisa a respeito das Honradas Madres. Com toda certeza.

Ansiava por uma sala de sagra, onde pudesse despir sua alma. “O Yaghist desapareceu. Serei o último Masheikh?”

Seu peito parecia vazio. Respirar representava um esforço.

Talvez fosse melhor negociar mais abertamente com as mulheres de Shaitan.“Não! E o próprio Shaitan que está me tentando!”

Entrou em seus aposentos com uma disposição disciplinar.

“Devo fazê-las pagar. Fazê-las pagar caro. Muito, muitíssimo caro.” Cada vez que dizia a palavra *caro* dava um passo em direção a sua cadeira. Quando se sentou, pegou automaticamente um tablete estimulante. Logo sentiu sua mente movimentando-se a alta velocidade, pensamentos se acumulando numa ordem maravilhosa.

“Elas não sabem como conheço bem a nave ixiana. Está aqui, na minha cabeça.”

Passou a hora seguinte imaginando como registraria esses momentos, quando chegasse a hora de contar aos companheiros seu triunfo sobre os powindah. “Com a ajuda de Deus!”

Seriam palavras brilhantes, cheias de drama e das tensões de sua provação. A História, afinal, era sempre escrita pelos vencedores.

Dizem que a Madre Superiora não pode descuidar-se de nada — um aforismo sem sentido, *até que se perceba sua outra significação: sou a serva de todas as minhas Irmãs. Elas observam sua criada com olhos críticos. Não posso perder tempo demais com assuntos de ordem geral ou trivialidades. A Madre Superiora deve dar demonstrações de ação inspirada, do contrário um sentido de*

inquietação se instala até nos cantos mais longínquos de nossa ordem.

— *Darwi Odrade*

Algo do que Odrade chamava de “meu eu servidor”

caminhava com ela pelos saguões da Central esta manhã, fazendo da atividade um substituto para sua prática diária de exercícios na sala de educação física. “Um servidor desapontado!” Não gostava do que estava vendo.

“Estamos por demais enredadas em nossas dificuldades, quase incapazes de separar problemas insignificantes dos de maior importância.”

O que tinha acontecido à consciência de todas elas?

Embora algumas o negassem, Odrade sabia que existia uma consciência Bene Gesserit. Mas elas a tinham torcido e reformulado de uma forma quase irreconhecível.

Sentia-se relutante em interferir nisso. Decisões tomadas em nome da sobrevivência, a Missionária (suas intermináveis discussões jesuíticas) — todos divergiam de algo que exigia muito mais do julgamento humano. O Tirano sabia disso.

Ser humano, essa era a questão. Mas antes que se pudesse sê-lo, era preciso senti-lo nas entranhas.

Não havia respostas clínicas! Chegava a ser de uma simplicidade ilusória, cuja natureza complexa se mostrava quando aplicada.

“Como eu.”

A pessoa olhava para seu interior e encontrava quem e o que achava que era. Nada mais poderia servir.

“Então o que sou eu?”

— “Quem faz a pergunta?” — Era uma espetada da Outra Memória.

Odrade riu alto, e uma Instrutora que passava — chamada Praska — olhou-a surpresa. A Madre Superiora acenou para ela e disse: — É bom estar viva. Lembre-se disso.

Praska deu um débil sorriso e foi cuidar de seus afazeres.

“Então, quem pergunta: o que sou?”

Pergunta perigosa. Fazê-la colocava-a num universo onde nada era inteiramente humano. Nada parecia adequar-se a essa coisa indefinida que procurava. Todos à sua volta, palhaços, animais selvagens e marionetes reagiam ao puxar dos cordões. Ela percebia os cordões que *a* faziam mover-se.

Continuou pelo corredor na direção do tubo que a levaria a seus aposentos.

“Cordões.” O que se originava com o ovo? “Falamos muito da *mente em seu começo.* Mas o que eu era, antes que as pressões do viver me dessem forma?”

Não era suficiente procurar algo “natural”. Nada de “O Nobre Selvagem”. Ela já vira muitos em sua existência. Os cordões que os dirigiam eram bem visíveis a uma Bene Gesserit.

Sentia, dentro de si, a compulsão de fazer coisas.

Especialmente forte, hoje. Era uma força a que ela às vezes desobedecia ou evitava. Era uma espécie de feitor que lhe dizia:

“Fortaleça seus talentos. Não deslize suavemente na corrente.

Nade! O que não se usa, se perde.”

Com uma sensação ofegante, próxima ao pânico, compreendeu que mantinha sua humanidade com esforço, e chegara quase a perdê-la.

“Venho tentando seriamente pensar como uma Honrada Madre! Manipular e controlar todos os que eu puder. E tudo em nome da sobrevivência da Bene Gesserit!”

Bell dizia que não havia limites no que a Irmandade pudesse fazer para preservar a Bene Gesserit. Não deixava de haver uma certa verdade nisso, mas era basicamente uma ostentação.

Existiam coisas que realmente uma Reverenda Madre não faria para salvar a Irmandade.

“Nós não poríamos obstáculos ao Caminho Dourado do Tirano.”A sobrevivência do gênero humano tinha precedência sobre a Irmandade. “Do contrário nosso ideal de maturidade humana não teria sentido.”

Mas, oh, os perigos da liderança numa espécie tão ansiosa para que lhe digam o que fazer. Como sabiam pouco das coisas que criavam com suas exigências. Os líderes cometem erros. E estes, ampliados pelo número dos que os seguem sem questionamento, levavam inevitavelmente a grandes desastres.

“Comportamento típico dos lemingues.”*

* Lemingue: mamífero encontrado no norte da Europa e da América do Norte. A espécie é conhecida por seu suicídio em massa. Os animais atiram-se aos milhares do alto de penhascos em direção ao mar. onde nadam até morrerem de exaustão. (N. da T.) Era correto que as Irmãs a observassem com cuidado. Todos os governos precisavam ficar sob suspeita durante seu período de poder, inclusive o da própria Irmandade. “Não confiem em nenhum governo! Nem mesmo no meu!”

Estão me vigiando agora mesmo. Escapa muito pouco às minhas Irmãs. Saberão meu plano a tempo.

Era necessário fazer uma constante purificação mental para defrontar-se com seu grande poder sobre a Irmandade. “Não

procurei esse poder. Foi lançado sobre mim.” E pensou: “O poder atrai os passíveis de corrupção. Deve-se suspeitar de todos os que o procuram.” Sabia que havia muita probabilidade de que tais

pessoas fossem suscetíveis à corrupção, ou já estivessem inteiramente perdidas.

Fez uma nota mental para escrever e transmitir um memorando Coda aos Arquivos. (Que Bell se impaciente com isso!)

— Devemos conferir poder sobre nossos assuntos apenas àqueles que estiverem relutantes em aceitá-lo, e então somente sob condições que aumentem essa relutância.

“Descrição perfeita da Bene Gesserit!”

— Você está bem, Dar? — Era a voz de Bellonda da porta do tubo, ao lado de Odrade. — Você parece... estranha.

— Estava só pensando em algo que tenho de fazer. Você está saindo? Bellonda encarou-a, quando trocaram os lugares.

Odrade entrou no campo de transporte do tubo e foi levada velozmente para longe desse olhar indagador.

Chegando ao gabinete, viu sua mesa repleta de tarefas que suas assistentes achavam que só ela poderia resolver.

“Política”, lembrou, enquanto sentava-se e se preparava para assumir as responsabilidades. Tam e Bell tinham ouvido claramente no outro dia, mas suspeitavam apenas vagamente do que teriam de suportar. Estavam preocupadas e cada vez mais vigilantes. “Como deveriam.”

Quase qualquer assunto tinha elementos políticos, pensou. À

medida que se estimulavam as emoções, as forças políticas apareciam de modo crescente em primeiro plano. Isso denunciava a mentira que havia na antiga tolice a respeito de “separação entre a

Igreja e o Estado". Nada mais suscetível ao fogo emocional do que a religião.

"Não admira que desconfiemos das emoções."

Não todas as emoções, naturalmente. Somente aquelas às quais não se pudesse escapar em momentos de necessidade: amor, ódio. Um pouco de raiva, às vezes, mas sob rédea curta. Essa era a crença da Irmandade. Completa tolice!

O Caminho Dourado do Tirano tornou esse erro não mais tolerável. Deixou a Bene Gesserit numa perpétua estagnação. Não se podia servir até o Infinito!

A repetida pergunta de Bellonda não tinha resposta. — O que ele realmente queria que fizéssemos? — "Em que ações ele estava nos manipulando? (Como manipulamos os outros!)"

"Por que procurar significado onde não há nenhum?"

Caminho Dourado! Uma trilha deixada na imaginação. "O

Infinito não está em lugar nenhum!" E a mente finita deve ser recusada. Aí era onde os Mentats encontravam *projeções* mutáveis, sempre produzindo mais perguntas que respostas. Era o ideal vazio daqueles que, com o nariz próximo ao círculo interminável, procuravam "uma única resposta para todas as coisas".

"Procurando sua própria espécie de deus."

Achava difícil censurá-los. A mente recuava ao defrontar-se com o infinito. O Vazio! Os alquimistas de todas as eras pareciam catadores de trapos curvados sobre as trouxas, dizendo: — Deve haver ordem em algum lugar aqui. Se eu insistir, tenho certeza de que vou encontrá-la.

E o tempo todo, a única ordem era aquela que eles mesmos criavam.

“Ahh, Tirano, seu brincalhão! Você viu isso. Você disse: —

Criarei uma ordem para que a sigam. Aqui está o caminho, vêem?

Não, não olhem! Esse é o caminho do Rei Nu (uma nudez visível apenas às crianças e aos loucos). Mantenham a atenção onde eu indicar. Este é meu Caminho Dourado. Não é um lindo nome? E

tudo o que há e tudo o que poderá haver.”

“Tirano, você foi outro palhaço. Mostrando-nos um interminável reciclar de células a partir daquela bola de lama solitária e perdida em nosso passado comum.”

“Você sabia que o universo humano nunca poderia ser mais que comunidades e um fraco elemento de ligação entre nós quando fôssemos para a Dispersão. Uma tradição de nascimento comum tão longínqua no passado que as imagens que dela têm os descendentes estão, em sua maioria, distorcidas. As Reverendas Madres possuem o original, mas não podemos impô-lo à força àqueles que não o desejam. Vê, Tirano? Nós ouvimos você: —

Deixem que peçam! Só então...”

“E foi por isso que você nos preservou, seu Atreides bastardo! É por isso que tenho de trabalhar.”

Apesar do perigo que isso representava para seu senso de humanidade, sabia que continuaria a insinuar-se nos métodos das Honradas Madres. “Preciso pensar como elas.”

O problema das caçadoras: compartilhado tanto pelo predador como pela presa. Não exatamente a agulha no palheiro.

Mais uma questão de rastrear através de um terreno tomado de coisas familiares e desconhecidas. Os logros da Bene Gesserit asseguravam que as familiares causariam pelo menos tanta dificuldade como as desconhecidas, às Honradas Madres.

“Mas o que elas fizeram por nós?”

A comunicação interplanetária funcionava em favor dos que eram perseguidos. Era limitada pela economia durante milênios.

Existente quase que só entre Pessoas Importantes e Negociantes.

Importante significava o que sempre significara: ricos, poderosos; banqueiros, funcionários, mensageiros. Militares. “Importante”

rotulava muitas categorias — negociantes, artistas do palco, pessoal médico, técnicos especializados, espiões e outros especialistas.

Não era muito diferente dos dias dos Mestres Mason da velha Terra.. Principalmente uma diferença em números, qualidade e sofisticação. Os limites eram transparentes para alguns, como sempre foram.

Achou importante fazer revisões ocasionais, à procura de falhas.A grande massa da humanidade vinculada ao planeta falava do “silêncio do espaço”, para dizer que não podiam arcar com o custo desse tipo de viagem ou comunicação. A maioria das pessoas sabia que as notícias recebidas através dessa maneira eram manipuladas por interesses especiais. Sempre tinha sido assim.

Na superfície de um planeta, o terreno e a fuga à radiação denunciada ditavam os sistemas de comunicação usados: tubos, mensageiros, linhas de luz, neurocursores e muitas trocas. O sigilo e a codificação eram importantes nos próprios planetas e não somente entre eles.

Odrade via isso como um sistema que as Honradas Madres poderiam interceptar se encontrassem um ponto de entrada. As caçadoras teriam de começar decifrando o sistema; mas, então, onde se originava a trilha que conduzia à Sede da Irmandade?

Não-naves impossíveis de serem rastreadas, máquinas ixianas, Navegadores da Corporação — todos contribuíam para o manto de

silêncio entre os planetas, a não ser por uns poucos privilegiados. Que as caçadoras não tenham ponto de partida!

Foi uma surpresa quando uma idosa Reverenda Madre, de um planeta usado como castigo pela Bene Gesserit, surgiu no gabinete da Madre Superiora pouco antes da hora do almoço. Os Arquivos a identificaram: “Nome: Dortujla. Enviada anos atrás a uma punição especial por infração imperdoável.” A Memória dizia que tinha sido algum tipo de caso amoroso. Odrade não procurou saber de detalhes, mas alguns foram mencionados, de qualquer forma.

(Bellonda interferindo novamente!) Tinha havido manifestações emocionais de revolta na época em que Dortujla fora banida.

Tentativas infrutíferas por parte do amante para impedir a separação.

Odrade lembrou-se de comentários sobre a desgraça. — O

crime de Jessica! Uma grande parte da informação valiosa era recebida através de mexericos. Em que diabo de lugar ela tinha sido colocada? Deixe! Isso não era importante no momento. As perguntas essenciais agora eram: “Por que ela está aqui? Por que arriscaria uma viagem que podia conduzir as caçadoras até nós?”

Perguntou a Streggi, quando esta anunciou sua chegada. Ela não sabia: — Diz que só revelará seus motivos à senhora, Madre Superiora.

— Somente a mim? — Odrade quase riu, considerando o constante controle (supervisão era um termo mais adequado) sobre cada ação sua. — Essa Dortujla não disse por que está aqui?

— As pessoas que me mandaram interrompê-la, Madre Superiora, disseram que a senhora devia vê-la.

Odrade apertou os lábios. O fato de que a Reverenda Madre banida tivesse penetrado até esse ponto atiçou sua curiosidade.

Com persistência, ela poderia cruzar barreiras comuns, mas estas

não eram assim. A razão de sua vinda já tinha sido revelada. Outros a ouviram e passaram-na adiante. Era evidente que Dortujla não tinha usado de artifícios Bene Gesserit para persuadir suas Irmãs.

Isso só lhe traria rejeição imediata. Não havia tempo para esse tipo de tolices! Então ela tinha observado a corrente de comando. Sua ação revelava uma estimativa cuidadosa, uma mensagem dentro da mensagem que trazia, fosse ela qual fosse.

— Traga-a.

Dortujla tinha envelhecido suavemente em seu longínquo planeta. Revelava sua idade principalmente em rugas não muito profundas ao redor da boca. Seu capuz escondia o cabelo, mas os olhos emergiam brilhantes e alertas.

— Por que está aqui? — O tom de Odrade sugeria que só seria aceitável algo extremamente importante.

A estória de Dortujla era bastante objetiva. Ela e três outras Reverendas Madres tinham falado com um grupo de Futares da Dispersão. Estes tinham investigado o cargo de Dortujla e pediram-lhe que levasse uma mensagem à Sede da Irmandade. Ela havia filtrado o pedido através da Revelação da Verdade, lembrando à Madre Superiora que, mesmo no exílio, podia existir *algum* talento.

Julgando a mensagem verdadeira, e tendo suas Irmãs concordado, Dortujla agira com rapidez não destituída de cautela.

— Partida imediata em nossa própria não-nave — foi sua maneira de dizê-lo. A nave era pequena, semelhante à de um contrabandista.

— Basta uma pessoa para operá-la.

A essência da mensagem era fascinante. Os Futares desejavam aliar-se às Reverendas Madres, em oposição às Honradas Madres. O tamanho da força que comandavam era difícil de avaliar, segundo Dortujla.

— Recusaram-se a dizer, quando perguntei.

Odrade tinha conhecimento de muitas estórias sobre Futares.

Assassinos das Honradas Madres? Havia motivos para se acreditar nisso, mas as ações dos Futares eram confusas, especialmente nos relatos de Gammu.

— Quantos no grupo?

— Dezesseis Futares e quatro Treinadores. É assim que eles se chamavam: Treinadores. E dizem que as Honradas Madres têm uma arma perigosa, que só pode ser usada uma vez.

— Você apenas mencionou os Futares. Quem são esses Treinadores? E o que é isso a respeito de uma arma secreta?

— Deixei de mencioná-los. Parecem ser humanos, dentro de variáveis observadas na Dispersão: três homens e uma mulher.

Quanto à arma, não quiseram acrescentar nada.

— Parecem humanos?

— Isso mesmo, Madre Superiora. De início, tive a estranha impressão de que eram Dançarinos Faciais. Mas nenhum dos critérios se aplicou. Feromônios negativos. Gestos, expressões —

tudo negativo.

— Apenas a primeira impressão?

— Não posso explicá-la.

— E quanto aos Futares?

— Correspondem às descrições. Humanos na aparência exterior, mas com uma indiscutível ferocidade. Origem felina, eu diria. — Assim me disseram.

— Eles falam, mas usam um Galach abreviado. Jatos de palavras, me pareceram. “Quando comer?”, “Você boa moça”,

“Cocar cabeça”, “Sentar aqui?”. Parecem reagir imediatamente às ordens dos Treinadores, mas não têm medo deles. Tive a impressão de que há respeito e afeto mútuos entre Futares e Treinadores.

— Considerando os riscos, por que achou estas informações bastante importantes para trazê-las aqui?

— São pessoas da Dispersão. Seu oferecimento de aliança é uma abertura para os locais onde se originaram as Honradas Madres. — Você deve ter-lhes perguntado sobre elas, naturalmente.

E sobre as condições na Dispersão.

— Não houve respostas.

O fato, simplesmente relatado. Não se podia olhar com desdém essa Irmã banida, não importa que nuvens ela carregasse sobre o seu passado. Havia mais perguntas a fazer. Odrade

observou as respostas atentamente, detendo-se na velha boca semelhante a uma fruta seca, abrindo-se e fechando-se rosada.

Alguma coisa nos anos de serviço de Dortujla, em seus longos anos de penitência, talvez a tivesse suavizado, mas deixaram o núcleo de dureza Bene Gesserit intocado. Ela falou com hesitação natural. Seus gestos eram gentilmente fluidos. Olhava para Odrade com bondade. *(Aí* estava a falha que suas irmãs condenavam: o cinismo Bene Gesserit posto em cheque.) Dortujla interessava a Odrade. Era alguém que falava de Irmã para Irmã, com uma mente forte e

bem constituída por trás das palavras. Uma mente temperada pela adversidade durante o tempo de seu cargo punitivo. Fazendo o que podia para compensar aquele deslize da juventude. Não fazia nenhuma tentativa de contemporizar ou de mostrar-se a par dos assuntos correntes. Um relato restrito ao essencial, deixando ver que tinha, tanto quanto possível, uma consciência das necessidades. Obediente às decisões da Madre Superiora e cautelosa em relação à perigosa visita, mas ainda assim achando que “vocês devem ter essa informação”.

— Estou convencida de que não se trata de uma armadilha.

Sua conduta estava acima de reprovação. Olhar direto, com o rosto e olhos serenos, sem nenhum intuito de ocultar nada. Uma Irmã poderia ler sua máscara para uma avaliação adequada. Ela agia com um sentido de urgência. Tinha sido tola um dia, mas não era mais.

Qual era o nome de seu planeta-castigo?

O projetor em sua mesa o forneceu: Buzzell.

Esse nome trouxe um sentimento de alerta a Odrade.

Buzzell! Seus dedos oscilaram na mesa de comando, confirmando lembranças. Buzzell: principalmente oceano. Frio. Muito frio. Ilhas estéreis, do tamanho de uma não-nave. As Bene Gesserit consideraram Buzzell, um dia, um lugar de castigo. Lição objetiva:

— Cuidado, menina, ou nós a mandaremos para Buzzell. — Odrade lembrou-se de outra característica, então: pedrassuaves. Buzzell era um local onde tinham naturalizado um monopeda do mar, Cholister, cuja carapaça, quando friccionada, produzia tumores maravilhosos, uma das mais valiosas jóias do universo.

Pedrassuaves.

Dortujla estava usando uma delas, apenas visível junto à gola. À luz do gabinete, tomava o aspecto de uma mistura de verde-mar profundamente brilhante e malva. Era maior que uma órbita humana, exibindo-se como uma declaração de riqueza. Em Buzzell, provavelmente, dava-se pouco valor a essas pedras. Era fácil apanhá-las nas praias.

Pedrassuaves. Isso era significativo. Pelo projeto Bene Gesserit,

Dortujla

tinha

negociações

freqüentes

com

contrabandistas. (Veja-se sua posse daquela não-nave.) Isto devia ser abordado com cuidado. Independente da discussão de Irmã para Irmã, tratava-se ainda da Madre Superiora e de uma Reverenda Madre em punição.

Contrabando. Um crime grave para as Honradas Madres e outros que não tinham se defrontado com a realidade das leis inexeqüíveis. As Dobras do Espaço não mudaram nada em relação ao contrabando; tornaram, quando muito, mais fáceis as intrusões.

Minúsculas não-naves. Até que ponto era possível construí-las em tamanho reduzido? Uma lacuna no conhecimento de Odrade, imediatamente corrigida pelos Arquivos: — 140m de diâmetro.

Portanto, pequenas o bastante, pedrassuaves eram uma carga que apresentava atração natural. As Dobras do Espaço constituíam uma barreira decisiva: qual o valor de um carregamento em relação ao tamanho e à massa? Podiam-se gastar muitos Solares para transportar material pesado. Pedrassuaves —

magnéticas para os contrabandistas. Tinham interesse especial para as Honradas Madres, também. Simples economia? Sempre um grande mercado. Tão atraente para os contrabandistas como a melange, agora que a Corporação mostrava-se liberal em relação a ela. A Corporação sempre estocara grandes produções de especiaria em depósitos dispersos e (sem dúvida) inúmeros esconderijos.

“Eles pensam que podem comprar imunidade das Honradas Madres!” Mas isso oferecia algo que poderia ser transformado em vantagem, Odrade sentia.

Em sua fúria selvagem, as Honradas Madres tinha destruído Duna, a única fonte *natural* conhecida de melange. Ainda sem pensar nas conseqüências (estranho, isso), elas eliminaram os Tleilaxu, cujos tanques axlotl tinham inundado o Antigo Império com a especiaria.

“E temos criaturas capazes de recriar Duna. Também temos, possivelmente, o único Mestre Tleilaxu vivo. Trancado na mente de Scytale está o meio de transformar os tanques axlotl em uma cornucópia de melange. Se conseguirmos que ele nos revele como.”

O problema imediato era Dortujla. A mulher comunicou suas idéias com uma consciência que lhe dava crédito. Tanto os Treinadores como os Futares, disse ela, estavam perturbados por algo que não queriam revelar. Dortujla tinha agido bem, não tentando usar com eles os métodos de persuasão Bene Gesserit.

Não havia indicação de como o pessoal da Dispersão poderia reagir.

Mas o que os perturbava?

— Alguma outra ameaça não representada pela Honradas Madres — sugeriu a exilada. Ela não arriscava outras conclusões, mas a possibilidade estava presente e devia ser considerada.

— O essencial é que eles querem propor uma aliança —

disse Odrade.

— Uma causa comum para um problema comum, era como se podia dizer. Apesar do Senso da Verdade, Dortujla aconselhava somente uma cautelosa exploração da oferta.

Por que ir a Buzzell, afinal? Seria porque as Honradas Madres o tinham poupado ou julgaram-no insignificante em seu furioso arrastão?

— Pouco provável — Dortujla disse.

Odrade concordava. Dortujla, não importa quão comprometida sua posição original, comandava agora uma propriedade valiosa e, muito mais importante, era uma Reverenda Madre com uma não-nave que podia levá-la à Madre Superiora.

Conhecia a localização da Sede da Irmandade. Naturalmente um conhecimento inútil para as caçadoras. Elas sabiam que uma Reverenda Madre preferia matar-se a trair esse segredo.

Problemas compreendiam mais problemas. Mas antes, um pouco de confraternização. Dortujla tinha interpretado com exatidão os motivos da Madre Superiora. Odrade mudou o rumo da conversa para assuntos pessoais.

Foi uma boa idéia. Dortujla estava claramente divertida, mas disposta a falar.

As Reverendas Madres em postos isolados tendiam a ter o que as Irmãs chamavam de “outros interesses”. Em eras anteriores eram denominados passatempos, mas a atenção que se devotava a esses interesses era em geral muito grande. Odrade achava a maioria dos interesses desse tipo tediosos, mas achou significativo que Dortujla chamasse os seus de passatempo. “Ela colecionava moedas, então?”

— De que tipo?

— Tenho duas gregas primitivas, em prata, e um perfeito óbolo de ouro.

— Autênticos?

— São verdadeiros. — Isso significava que tinha feito uma exploração pessoal na Outra Memória para autenticá-los.

Fascinante. Exercia suas capacidades de um modo fortalecedor, mesmo com seu passatempo. A história interior e a exterior coincidiam.

— Tudo isso é muito interessante, Madre Superiora — disse Dortujla finalmente. — Aprecio a confirmação de que ainda somos Irmãs, e acho seu interesse em pinturas antigas um passatempo paralelo ao meu. Mas ambas sabemos dos motivos pelos quais arrisquei-me a vir até aqui.

— Os contrabandistas.

— Naturalmente. As Honradas Madres não podem ter deixado de constatar minha presença em Buzzell. Os contrabandistas não resistem a propostas vantajosas. Devemos partir do princípio de que eles tiraram proveito de seu conhecimento a respeito de Buzzell, das pedrassuaves e de uma Reverenda Madre residente, com servidores. E não podemos nos esquecer de que os Treinadores me encontraram.

“Maldição”, Odrade pensou. “Dortujla é a espécie de conselheira que gostaria de ter perto de mim. Eu me pergunto quantos outros tesouros semelhantes estão lá fora, escondidos, por motivos mesquinhos? Por que tantas vezes pomos de lado nossos próprios talentos? Essa é uma fraqueza antiga, que a Irmandade ainda não exorcizou.”

— Acho que aprendemos algo valioso sobre as Honradas Madres — disse Dortujla.

Não havia necessidade de acenar em concordância. Esse era o ponto essencial do que tinha trazido Dortujla à Sede. As vorazes caçadoras vinham enxameando para o Antigo Império, matando e queimando onde quer que suspeitassem a presença das Bene Gesserit. Mas não tinham tocado Buzzell, embora devessem conhecer sua localização.

— Por quê? — Odrade perguntou, dando voz ao que tinham na mente.

— Nunca destrua o próprio ninho.

— Acha que elas já estão em Buzzell?

— Ainda não.

— Mas acredita que Buzzell é um lugar que elas querem.

— Projeção primária.

Odrade simplesmente fitou-a. Então ela cultivava um outro passatempo! Vasculhava a Outra Memória, revivia e aperfeiçoava talentos aí depositados. Quem poderia culpá-la? O tempo devia arrastar-se em Buzzell.

— Uma conclusão Mentat — acusou Odrade.

— Sim, Madre Superiora. — Seu tom era muito brando. As Reverendas Madres podiam investigar a Outra Memória somente com a permissão da Sede, e unicamente se contassem com a orientação e o apoio de companheiras Irmãs. Então Dortujla permanecia uma rebelde. Seguia seus próprios desejos, do mesmo modo que agira com seu amante proibido. Bom! A Bene Gesserit precisava dessas rebeldes.

— Elas querem Buzzell intacto — disse Dortujla.

— Um mundo aquático?

— Daria um habitat adequado para servos anfíbios. Não os Futares ou Treinadores. Estudei-os com atenção.

A evidência sugeria um plano das Honradas Madres para introduzir o trabalho escravo, talvez com anfíbios, para coletar pedrassuaves. As Honradas Madres podiam ter escravos anfíbios.

O conhecimento que produziu os Futares poderia criar muitas formas de vida consciente.

— Escravos, um perigoso desequilíbrio — Odrade disse.

Dortujla demonstrou, pela primeira vez, uma emoção mais forte, uma reação profunda que transformou-lhe a boca numa linha apertada.

Era um padrão há muito reconhecido pela Bene Gesserit: o fracasso inevitável da escravidão e da peonagem. Criava-se um reservatório de ódio. Inimigos implacáveis. Não se tinha esperança de exterminar todos esses inimigos, nem se ousava tentar. Tempere seus esforços com a percepção certa de que a opressão tornará seus inimigos mais fortes. Os oprimidos *terão* sua vez, e que Deus ajude o opressor, quando esse dia chegar. Era uma faca de dois gumes. O oprimido sempre aprendia com o opressor e o copiava.

Quando os papéis se invertiam, o palco estava armado para outra rodada de vingança e violência. E os lugares eram trocados repetidamente, até a náusea.

— Será que elas não vão amadurecer jamais? — Odrade perguntou. Dortujla não possuía a resposta, mas tinha uma sugestão imediata: — Preciso retornar a Buzzell.

Odrade considerou a observação. Uma vez mais, a exilada Reverenda Madre estava mais adiantada do que a Madre Superiora.

Por muito desagradável que fosse essa decisão, ambas sabiam que era a atitude. Os Futares e os Treinadores retornariam. Mais

importante, com um planeta que as Honradas Madres desejavam, havia uma grande probabilidade de que os visitantes da Dispersão tivessem sido observados. As Honradas Madres seriam obrigadas a manifestar-se, e essa manifestação poderia revelar muito a seu respeito.

— Naturalmente, elas acham que Buzzell é a isca de uma armadilha — disse Odrade.

— Eu poderia fazer saber que fui banida por minhas Irmãs —

disse Dortujla. — Pode ser verificado.

— Usar a si mesma como isca?

— Madre Superiora, que tal se elas fossem tentadas a participar de uma conferência?

— Conosco? “Que idéia espantosa!”

— Sei que a história delas não conta com negociações razoáveis, mas mesmo assim...

— É brilhante! Mas vamos tornar a idéia mais sedutora.

Digamos que eu esteja convencida de que preciso levar-lhes uma proposta de sujeição da Bene Gesserit.

— Madre Superiora!

— Não tenho intenção alguma de me entregar. Mas que outra forma melhor de fazê-las falar?

— Buzzell não é um bom lugar para um encontro. Nossas instalações são muito precárias.

— Elas estão com a força no Entroncamento. Se sugerissem esse local para o encontro, você poderia deixar-se persuadir?

— Isso requer um planejamento cuidadoso, Madre Superiora.

— Oh, *muito* cuidadoso. — Os dedos de Odrade adejaram sobre as teclas da mesa. — Sim, hoje à noite — disse, respondendo a uma pergunta visível, e então dirigiu-se a Dortujla por sobre a mesa atulhada: — Quero que se aviste com meu Conselho e outras pessoas antes de retornar. Nós a instruiremos em detalhe, mas dou-lhe minha garantia pessoal de que terá liberdade de ação. O

importante é conseguir que elas concordem com um encontro no Entroncamento... e espero que saiba o quanto me desagrada usá-la como isca.

Como Dortujla permanecesse mergulhada em seus pensamentos e não respondesse, Odrade disse: — Elas podem ignorar nossas propostas iniciais e eliminá-la. Entretanto, você é a única isca de que dispomos.

Dortujla mostrou que ainda tinha senso de humor. — Não gosto muito da idéia de balançar num anzol, Madre Superiora. Por favor, segure firme essa linha. — Levantou-se e, com um olhar

preocupado para a mesa de Odrade, disse: — A senhora tem tanto a fazer, e temo ter ocupado seu tempo além da hora do almoço.

— Almoçaremos juntas, aqui, Irmã. No momento, você é muito mais importante do que qualquer outra coisa.

Todos os estados são abstrações.

— Octun Politicus Arquivos BG

Lucilla procurou ter cuidado em não aceitar um sentimento demasiado familiar a respeito desta sala de cor verde-ácido e da constante presença da Grande Honrada Madre. Este era o Entroncamento, fortaleza daquelas que procuravam o extermínio da Bene Gesserit. Era o inimigo. Dia dezessete.

O relógio mental infalível que se tinha instalado em sua mente durante a Agonia da Especiaria dizia-lhe que já estava adaptada aos ritmos circadianos do planeta. Despertar pela madrugada. Nenhuma indicação de quando seria alimentada. A Honrada Madre a tinha confinado a uma única refeição por dia.

E sempre aquele Futar na jaula. Um lembrete: “Vocês ambos em jaulas. É assim que tratamos os animais perigosos. Podemos deixá-los sair, ocasionalmente, para esticar as pernas e nos dar prazer, mas depois disso, para a jaula de novo.”

Quantidades mínimas de melange na comida. Não por parcimônia com sua riqueza. Uma pequena demonstração “do que

poderia ser seu, se você fosse ao menos razoável”.

“A que horas ela virá hoje?”

As aparições da Grande Honrada Madre não tinham horário preestabelecido. Aparições ao acaso para confundir a prisioneira?

Provavelmente. Deveria haver outras exigências para o emprego do tempo de uma comandante. Encaixe o animalzinho perigoso no seu horário, onde for possível.

“Posso ser perigosa, senhora Aranha, mas não sou seu animalzinho.”

Lucilla sentiu a presença de dispositivos exploradores, coisas que eram mais do que um estímulo para os olhos. Eles examinavam *dentro* da carne, procurando armas escondidas, examinando o funcionamento dos órgãos. “Será que ela tem implantes estranhos?

E quanto a órgãos adicionais, cirurgicamente acrescentados ao corpo?”“Nada disso, senhora Aranha. Confiamos nas coisas que vêm com o nascimento.”

Lucilla conhecia o maior perigo imediato para si — que ela se sentisse inadequada ao ambiente. Suas captoras a mantinham em terrível desvantagem, mas não tinham destruído suas capacidades Bene Gesserit. Podia optar pela morte antes que o shere em seu corpo estivesse esgotado ao ponto de levá-la à traição. Ela ainda tinha sua mente... e a tribo de Lâmpadas.

O painel do Futar abriu-se, e sua jaula deslizou para fora.

Então a Rainha Aranha estava a caminho. Exibindo ameaças adiante de si, como de costume. “Vinha cedo, hoje. Mais cedo do que nunca.”

— Bom dia, Futar — Lucilla falou com uma cadência alegre e melodiosa. O Futar olhou-a, mas não disse nada.

— Você deve odiar essa jaula — Lucilla disse.

— Não gostar jaula.

Ela já tinha percebido que essas criaturas possuíam certo grau de facilidade lingüística, mas seu alcance ainda a iludia.

— Imagino que ela o mantém faminto, também. Gostaria de me comer?

— Comer — Clara demonstração de interesse.

— Desejaria ser sua Treinadora.

— Você Treinadora?

— Você me obedeceria se eu fosse uma?

A pesada cadeira da Rainha Aranha ergueu-se do esconderijo no chão. Nem sinal dela, mas era de se supor que tivesse ouvido a conversa. O Futar olhou para Lucilla com uma peculiar intensidade.

— Os Treinadores mantêm vocês na jaula e com fome?

— Treinador? — Evidente inflexão de pergunta.

— Quero que você mate a Grande Honrada Madre. — Isso não seria surpresa para elas.

— Matar Dama!

— E comê-la.

— Dama veneno. — Desanimado. “Ooooh. Não é uma informação interessante?”

— Ela não é venenosa. Sua carne é igual à minha.

O Futar aproximou-se, dentro dos limites da jaula. Com a mão esquerda, baixou o lábio inferior. Havia a forte vermelhidão de uma cicatriz, com aparência de queimadura.

— Ver veneno — ele disse, deixando cair a mão.

“Imagino como ela teria feito isso?” Não havia cheiro de veneno na Honrada Madre. Carne humana e uma droga com base de adrenalina para produzir os olhos laranja em resposta à irritação... e àquelas outras respostas reveladas por Murbella. Uma sensação de absoluta superioridade.

Até onde ia a compreensão de um Futar? — Era veneno amargo?

O Futar fez uma careta e cuspiu.

“Ação mais rápida e mais poderosa que palavras.”

— Você odeia Dama? Ele exibiu os caninos.

— Tem medo dela? Sorriso.

— Então por que não a mata?

— Você não Treinadora.

“É necessário o comando de um Treinador!”

A Grande Honrada Madre entrou e afundou-se numa cadeira.

Lucilla colocou a voz na cadência melodiosa: — Bom-dia, Dama. — Não lhe dei permissão para me chamar assim. — Voz baixa, com um início de pintas de laranja nos olhos.

— O Futar e eu estávamos tendo uma conversa.

— Sei. — Mais laranja nos olhos. — E se você o estragou para mim...

— Mas, Dama...

— Não me chame assim! — Fora da cadeira, com os olhos em chamas laranja.

— Por favor, sente-se — disse Lucilla. — Isso não é maneira de conduzir um interrogatório. — Sarcasmo, uma arma perigosa. —

Disse ontem que desejava continuar nossa discussão sobre política.

— Como sabe que horas são? — Sentando-se de novo, mas com os olhos ainda flamejando.

— Todas as Bene Gesserit têm essa capacidade. Podemos sentir os ritmos de qualquer planeta depois de algum tempo no local. — Um talento estranho.

— Qualquer um pode fazer isso. Uma questão de estar sensibilizado.

— Eu poderia aprendê-lo? — O laranja estava perdendo a força. — Eu disse *qualquer um.* Você ainda é humana, não é? —

“Uma pergunta ainda não inteiramente respondida.”

— Por que diz que vocês, bruxas, não têm governo?

“Quer mudar de assunto. Nossas capacidades a preocupam.”

— Não foi isso que eu disse. Não temos governo *convencional.*

— Nem mesmo um código social?

— Não existe essa coisa chamada código social para atender a todas as necessidades. Um crime numa sociedade pode ser uma exigência moral em outra.

— As pessoas sempre têm governo. — O laranja completamente apagado. “Por que isso a interessa tanto?”

— As pessoas têm política. Eu lhe disse ontem. Política: a arte de parecer sincero e completamente aberto ao mesmo tempo em que se oculta tanto quanto possível.

— Então vocês, bruxas, ocultam coisas.

— Não disse isso. Quando se diz “política”, isso é uma advertência para nossas Irmãs.

— Não acredito em você. Os humanos sempre criam alguma forma de...

— Acordo?

— Uma palavra tão boa quanto qualquer outra! — “Isso a irrita.” Como Lucilla não acrescentasse nenhuma outra resposta, a GrandeHonrada Madre inclinou-se para a frente. — Você está escondendo coisas!

— Não é meu direito ocultar-lhe o que poderia ajudá-las a nos derrotar? — “Essa é uma boa isca!”

— Acho que sim! — Recostando-se com um olhar de satisfação.

— Entretanto, por que não divulgá-lo? Vocês pensam que os nichos de autoridade estarão sempre lá para serem preenchidos, e não

sabem o que isso revela sobre minha Irmandade.

— Oh, conte-me, por favor. — “Sarcasmo pesado.”

— Vocês acreditam que tudo isso está de acordo com instintos que remontam aos tempos tribais e além. Chefes e Maiores. A Mãe Misteriosa e o Conselho. E anterior a isso, o Homem Forte (ou a Mulher), que providenciava para que todos fossem alimentados e protegidos pelo fogo à entrada da caverna.

— Isso faz sentido. “Faz mesmo?”

— Oh, concordo. A evolução das formas está claramente exposta.

— Evolução, bruxa! Uma coisa em cima da outra. “Evolução.

Vê como ela se agarra a palavras-chave?”

— É uma força que pode ser mantida sob controle, fazendo-a depender de si mesma.

“Controle! Veja o interesse que você despertou. Ela adora essa palavra.”

— Então vocês fazem leis como qualquer um!

— Regulamentos, talvez, mas não é tudo temporário?

Intensamente interessada. — Naturalmente.

— Mas sua sociedade é administrada por burocratas que sabem que não podem aplicar a mais leve imaginação ao que fazem. — Isso é importante? — “Realmente perplexa. Olhe sua carranca!”

— Somente para vocês, Honrada Madre.

— Grande Honrada Madre! — “Como ela é sensível!”

— Por que não permite que eu a chame de Dama?

— Não somos íntimas. ‘

— O Futar é íntimo?

— Pare de mudar de assunto!

— Quer escovar dente — disse o Futar.

— Quieto! — “Realmente furiosa.”

O Futar sentou-se nos quartos, mas não ficou intimidado. A Grande Honrada Madre voltou seu olhar laranja para Lucilla. — E

quanto aos burocratas?

— Eles não têm vez para manipulações, porque essa é a forma pela qual seus superiores engordam. Quando não se vê diferença entre a lei e o regulamento, ambos têm a força da lei.

— Não vejo diferença. — “Ela não sabe o que está revelando.”

— As leis exprimem o mito da mudança forçada. Um futuro novo e brilhante acontecerá em função desta ou daquela lei. As leis impõem o futuro. Acredita-se que os regulamentos dêem força ao passado.

— Acredita-se? — “Ela não gosta dessa palavra, também.”

— Em ambos os exemplos, a ação é ilusória. Como designar um comitê para estudar um problema. Quanto mais pessoas no grupo, mais idéias preconcebidas serão aplicadas ao problema.

“Cuidado! Ela está pensando sobre o assunto, aplicando-o a si mesma.” Lucilla ajustou seu tom de voz ao nível mais razoável. —

Vocês vivem em função de um passado exagerado e tentam entender um futuro não identificado.

— Não acreditamos na presciência. — “Sim, ela acredita!

Finalmente. E por isso que nos mantém vivas.”

— Por favor, Dama. Há sempre algo desequilibrado no limitar-se a um reduzido círculo de leis’.

“Tenha cuidado! Ela não reagiu quando você a chamou de Dama.” A cadeira da Grande Honrada Madre rangeu a um movimento seu. — Mas as leis são necessárias!

— Necessárias? Isso é perigoso.

— De que modo?

“Vá devagar. Ela se sente ameaçada.”

— As leis e as regras que são necessárias impedem as pessoas de se adaptarem. Inevitavelmente, tudo acaba por se quebrar. É como os banqueiros, pensando que podem comprar o futuro. — ”O poder para mim! Os descendentes que vão para o inferno!” — O que é que os descendentes fazem por mim?

“Não o diga! Olhe para ela. Está reagindo com a loucura habitual. Dê-lhe mais um gostinho.”

— As Honradas Madres originaram-se como terroristas.

Primeiro, burocratas, e o terror como arma de sua escolha.

— Quando está em suas mãos, use-a. Mas nós éramos rebeldes. Terroristas? Isso é caótico demais.

“Ela gosta dessa palavra, *caos.* Define tudo que é exterior.

Ela nem ao menos pergunta como você conhece suas origens.

Aceita nossas misteriosas capacidades.”

— Não é estranho, Dama... — ”Não houve reação; continue.”... o modo como os rebeldes logo caem nos antigos padrões, quando

são vitoriosos? Não é tanto uma armadilha no

caminho de todos os governos, mas uma desilusão à espera de qualquer um que chegue ao poder.

— Ah! E eu pensei que você me diria alguma coisa nova.

Nós conhecemos essa: O poder corrompe. O poder absoluto corrompe absolutamente.

— Errado, Dama. Algo mais sutil, mas muito mais universal.

O poder atrai os corruptíveis.

— Você ousa acusar-me de corrupção? “Observe os olhos!”

— Eu? Acusá-la? A única que pode acusá-la é você mesma.

Eu simplesmente lhe dei a opinião das Bene Gesserit.

— O que não me diz nada!

— Entretanto, acreditamos que haja uma moralidade acima de qualquer lei, que deve permanecer vigilante quanto a qualquer tentativa de estabelecer um regulamento imutável.

“Você usou as duas palavras numa única sentença e ela não percebeu.”

— O poder sempre funciona, bruxa. Essa é a lei.

— E os governos que se perpetuam muito tempo sob *essa* crença sempre se tornam acumpliciados com a corrupção.

— Moralidade!

“Ela não é muito boa em mostrar-se sarcástica, especialmente quando está na defensiva.”

— Tentei realmente ajudá-la, Dama. As leis são perigosas para todos, sejam eles inocentes ou culpados. Não importa que a pessoa se acredite poderosa ou desamparada. Não têm compreensão humana nem dentro, nem a respeito de si mesmas.

— Não existe essa coisa chamada compreensão humana!

“Nossa pergunta está respondida. Não são humanas. Fale a seu lado inconsciente. Ela está inteiramente aberta.”

— As leis precisam sempre de interpretações. Os que agem compelidos pela lei não têm abertura para a compaixão. Não há liberdade para agir. A lei é a lei.

— É. — “Muito defensiva.”

— Essa é uma idéia perigosa, especialmente para os inocentes. As pessoas conhecem isso instintivamente, e se ressentem com essas leis. Fazem pequenas coisas, em geral em

nível inconsciente, para incapacitar “a lei” e aqueles que lidam com essa tolice.

— Como ousa chamá-la de tolice? — Quase levantando da cadeira, mas voltando a sentar-se.

— Oh, sim. E a lei, personificada por todos aqueles cuja subsistência depende dela, torna-se indignada quando ouve palavras como as minhas.

— Perfeitamente, bruxa! — “Mas ela não a mandou ficar calada.” — Mais lei — diz você. — Precisamos de mais lei! Então vocês fazem novos instrumentos de não-compaixão e, incidentalmente, novos nichos de emprego para aqueles que se alimentam do sistema.

— Sempre foi e sempre será assim.

— Errado, novamente. É um rondo, que gira e gira até que fere a pessoa ou o grupo errado. Aí vem a anarquia. O caos. — “Vê como

ela pula?” — Rebeldes, terroristas, explosões crescentes de devastadora violência. Um” jihad! E tudo porque vocês criaram algo inumano.

“Mão no queixo, olhe só!”

— Como foi que nos afastamos tanto da política, bruxa? Era essa sua intenção?

— Não nos afastamos nem uma fração de milímetro!

— Suponho que vá me dizer que vocês, bruxas, praticam uma forma de democracia.

— Com uma vigilância que vocês não podem imaginar.

— Tente comigo. — “Ela pensa que você vai lhe contar um segredo. Conte-lhe um.”

— A democracia é suscetível de ser afastada do caminho por fazer desfilar bodes expiatórios diante do eleitorado. Pegue os ricos, os gananciosos, os criminosos, o líder estúpido e assim por diante *ad nauseam.*

— Vocês pensam como nós. — ”Céus! Ela quer desesperadamente que sejamos como ela.”

— Disse que vocês são burocratas que se rebelaram.

Conhecem a falha. Uma burocracia desequilibrada, mais pesada em

cima do que embaixo, que o eleitorado não pode alcançar, sempre se expande até os limites de energia do sistema. Arranque essa energia dos idosos, dos aposentados, de qualquer um.

Especialmente daqueles que outrora se diziam classe média, porque é aí que a maior parte da energia tem origem.

— Vocês se consideram... classe média?

— Não nos classificamos sob nenhuma forma fixa. Mas a Outra Memória nos revela as falhas da democracia. Imagino que vocês têm alguma forma de serviço civil para as “ordens inferiores”.

— Tomamos conta de nós. — “Esse é um eco desagradável.”

— Então sabem como isso dilui o voto. Sintoma principal: as pessoas não votam. O instinto lhes diz que é inútil.

— A democracia é uma idéia obtusa, de qualquer modo!

— Concordo. Propensa à demagogia. É uma doença à qual os sistemas eleitorais são vulneráveis, entretanto, os demagogos são fáceis de identificar. Gesticulam muito e falam com o ritmo do púlpito, utilizando palavra^ que ressoam com fervor religioso e sinceridade crente. “Ela está rindo!”

— A sinceridade de fachada, que não tem nada por trás, exige muita prática, Dama. E a prática sempre pode ser detectada.

— Pelas Reveladoras da Verdade?

“Vê como ela se inclina para a frente? Nós a pegamos de novo.” — Por qualquer um que interprete os sinais: Repetição.

Grande esforço para manter sua atenção nas palavras. Não se deve prestar atenção às palavras. Observe o que a pessoa faz. Desse modo aprendem-se os motivos.

— Então vocês não têm uma democracia. “Conte-me mais segredos Bene Gesserit.”

— Mas nós temos.

— Pensei que tivesse dito...

— Nós a protegemos bem, prestando atenção às coisas que acabei de descrever. O perigo é grande, mas a recompensa também o é.

— Sabe o que me revelou? Que vocês são um bando de tolas! — Boa moça! — o Futar disse.

— Cale-se, ou eu o mando de volta para o rebanho.

— Dama não boa.

— Vê o que fez, bruxa? Estragou-o!

— Imagino que haja outros. “Ohhhh. Olhe esse sorriso.”

Lucilla harmonizou-se com o sorriso com precisão, espaçando suas respirações no ritmo das dela. “Vê como somos parecidas? Naturalmente eu tentei feri-la. Você não faria o mesmo em meu lugar?”

— Então vocês sabem obrigar a democracia a fazer o que querem. — Expressão de regozijo.

— A técnica é muito sutil, mas fácil. Cria-se um sistema em que a maioria das pessoas está insatisfeita, vaga ou profundamente.

“É assim que ela pensa. Observe seu aceno em concordância a suas palavras.”

Lucilla manteve-se no ritmo do movimento de concordância da Honrada Madre. — Isso desenvolve sentimentos difusos de ódio vingador. Aí fornecem-se alvos para essa raiva, conforme a necessidade.

— Uma tática diversiva.

— Prefiro considerá-la uma distração. Não dê tempo para perguntas. Enterre seus erros sob mais leis. Transita-se na ilusão. É

a técnica das touradas.

— Oh,sim! Isso é bom! — ”Ela está quase alegre. Dê-lhe mais imagens de touradas.”

— Agite a capa. Eles arremetem, e ficam confusos quando percebem que não há toureiro por trás. Isso embrutece o eleitorado tanto quanto o touro. Menos pessoas usarão o voto inteligentemente na próxima vez.

— E é por isso que o fazemos!

“Nós o fazemos! Será que ela se ouve?”

— Aí você insulta o eleitorado. Faz com que se sintam culpados. Torna-os embrutecidos. Alimenta-os. Diverte-os! Não exagere!

— Oh, não! Nunca exagere.

— Faça-os saber que a fome os espera se não entrarem na linha. Mostre-lhes os aborrecimentos causados aos que fazem balançar os botes. “Obrigada, Madre Superiora. É uma imagem adequada.”

— Vocês não deixam que o touro pegue de vez em quando um matador?

— Naturalmente. Pum! Pegamos um! Aí você espera que o entusiasmo diminua.

— Eu sabia que vocês não permitiam uma democracia!

— Por que não quer me acreditar? “Está desafiando o destino!”

— Porque você teria de permitir votação aberta, júris, juizes e...

— Nós as chamamos de Instrutoras. Uma espécie de Júri de Todos. “Agora você a confundiu.”

— E nenhuma lei... nenhum regulamento, como quer que vocês o chamem?

— Não lhe disse que os definimos separadamente?

Regulamento — passado. Lei — futuro.

— Vocês restringem essas... essas Instrutoras, de algum modo! — Elas podem chegar à decisão que quiserem, do modo que um júri funcionaria. A lei que se dane!

— Essa é uma idéia muito perturbadora. “Ela está de fato perturbada. Veja como seus olhos estão sem expressão.”

— A primeira regra da nossa democracia: nenhuma lei que restrinja o poder do júri. Essas leis são absurdas. É assombroso como os humanos podem ser obtusos quando agem em grupos pequenos, voltados para seus próprios interesses.

— Você está me chamando de obtusa, não está? “Cuidado com o laranja.”

— Parece haver uma regra da natureza que diz que é quase impossível para os grupos que atendem seus próprios interesses agir esclarecidamente.

— De forma esclarecida! Eu sabia!

“Esse é um sorriso perigoso. Tenha cuidado.”

— Significa fluir com as forças da vida, ajustando suas ações de modo que a vida possa continuar.

— Com a maior quantidade de felicidade para o maior número, naturalmente.

“Depressa! Fomos espertas demais! Mude de assunto!”

— Esse era um elemento que o Tirano não considerou em seu Caminho Dourado. Ele não considerou a felicidade, somente a sobrevivência da humanidade.

“Dissemos para mudar de assunto. Olhe para ela! Está furiosa!” A Grande Honrada Madre afastou a mão do queixo. — E eu ia convidá-la para fazer parte de nossa ordem, fazê-la uma de nós.

Libertá-la. “Tire-a disso! Depressa!”

— Não fale — disse a Grande Honrada Madre. — Nem abra a boca. “Já está feito!”

— Você ajudaria Logno ou uma das outras e ela ficaria em meu lugar! — Olhou para o Futar agachado. — Comer, querido?

— Não comer boa moça.

— Então vou jogar sua carcaça para o rebanho!

— Grande Honrada Madre...

— Eu lhe disse para não falar! Você teve a ousadia de chamar-me de Dama.

Lucilla teve uma visão nublada da mulher pulando da cadeira.

A porta da jaula escancarou-se, batendo com força na parede.

Tentou esquivar-se, mas o shigafio restringia seus movimentos. Não chegou a ver o pontapé que lhe esmagou as têmporas.

No momento de sua morte, a consciência de Lucilla foi penetrada por um grito de raiva — a tribo de Lâmpadas dando vazão a emoções sufocadas por muitas gerações.

Há pessoas que nunca participam. A vida lhes acontece. Dão um jeito de arranjar-se com pouca coisa além de uma cega persistência, e resistem com raiva ou violência a tudo que poderia afastá-las das rancorosas ilusões da segurança.

— *Alma Mavis Ta aza*

De lá pra cá, de cá pra lá. O dia inteiro, de lá pra cá. Odrade mudava de um registro dos televigias para outro, procurando, indecisa, inquieta. Primeiro olhava para Scytale, depois para o jovem Teg com Duncan e Murbella, em seguida fixava o olhar para

fora da janela enquanto pensava no último relatório de Lâmpadas enviado por Burzmali.

Quando poderiam tentar a restauração das memórias do Bashar? E o ghola, uma vez reintegrado, obedeceria?

“Por que a falta de notícias do Rabino? Deveríamos iniciar a Extremis Progressiva, compartilhando entre nós o máximo possível?” O efeito sobre o moral seria devastador.

Os registros eram projetados acima da mesa, enquanto as assistentes e conselheiras entravam e saíam. Interrupções necessárias. Assine isto. Aprove aquilo. Devemos diminuir a melange deste grupo?

Bellonda estava lá, sentada à mesa. Tinha parado de perguntar o que Odrade procurava e simplesmente observava com aquele olhar fixo, inabalável. Sem piedade.

Tinham discutido sobre a possibilidade de uma nova população de vermes da areia na Dispersão restaurar a influência maligna do Tirano. Esse *sonho interminável* em cada espectro do verme ainda preocupava Bell. Mas os números populacionais, por si só, revelavam que o domínio do Tirano sobre seu destino tinha terminado.

Tamalane tinha estado lá mais cedo, procurando um registro de Bellonda. Revigorada por um novo acervo nos Arquivos, esta lançara-se numa diatribe às mudanças de população da Irmandade e ao esgotamento de recursos.

Odrade olhou pela janela agora que o crepúsculo se espalhava pela paisagem. Estava escurecendo gradativamente, em nuances quase imperceptíveis. Quando anoiteceu por completo, ela tomou consciência das luzes lá longe, nas casas da plantação.

Sabia que estavam acesas há mais tempo, mas tinha a sensação de que era a noite que as criava. Algumas se apagavam de vez em

quando, conforme as pessoas se movimentavam pelos aposentos.

“Onde não houver pessoas — não há necessidade de luz. Não desperdice energia.”

As luzes que piscavam tomaram-lhe a atenção por um momento. Uma variação da velha questão da árvore caindo na floresta: haveria som, se ninguém ouvisse? Odrade era partidária da idéia de que as vibrações existiam independentes de serem registradas por um sensor.

“Haverá sensores secretos seguindo nossa Dispersão? Que novos talentos e que invenções os Primeiros Dispersos usam agora?”Bellonda já se mantivera em silêncio por tempo suficiente. —

Dar, você está transmitindo sinais que nos preocupam pela Sede da

Irmandade.

Odrade aceitou a observação sem comentários.

— O que quer que esteja fazendo, está sendo interpretado como indecisão. — ”Como Bell parecia triste.” — Grupos importantes estão discutindo a possibilidade de substituí-la. As Instrutoras estão votando.

— Somente as Instrutoras?

— Dar, você realmente acenou a Praska, no outro dia, e lhe disse que era bom estar viva?

— Isso mesmo.

— O que anda fazendo?

— Reavaliando. Nenhuma notícia de Dortujla?

— Já me perguntou isso uma dúzia de vezes, hoje! —

Bellonda fez um gesto para a mesa de trabalho. — Você continua revendo o último relatório de Burzmali a respeito de Lâmpadas. Há alguma coisa que deixamos passar?

— Porque nossas inimigas se agarram a Gammu?

Responda-me, Mentat.

— Não tenho dados suficientes, você bem sabe!

— Burzmali não era Mentat, mas sua descrição dos acontecimentos apresenta uma força persistente, Bell. Bem, afinal ele era o aluno favorito do Bashar. É compreensível que mostre características de seu mestre.

— Diga logo, Dar. O que vê no relatório?

— Ele preenche um vazio. Não completamente, mas... é torturante o modo como se refere a Gammu. Muitas forças econômicas têm ligações importantes no local. Por que esses fios não foram cortados por nossas inimigas?

— Elas estão no mesmo sistema, obviamente.

— E se fizéssemos um ataque total a Gammu?

— Ninguém quer fazer negócios em ambientes violentos. É

isso que quer dizer?

— Em parte.

— Muitos dos grupos desse sistema econômico provavelmente gostariam de mudar-se. Um outro planeta, uma outra população subserviente.

— Por quê?

— Poderiam fazer previsões com mais confiabilidade.

Aumentariam as defesas, naturalmente.

— Nessa aliança que percebemos, Bell, eles redobrariam os esforços para nos encontrar e destruir.

— Com certeza.

O comentário conciso forçou Odrade a afastar os pensamentos. Ergueu o olhar para as montanhas coroadas de neve, brilhando à luz das estrelas. Os ataques viriam dessa direção?

O golpe desse pensamento poderia ter embotado um intelecto menos privilegiado. Mas Odrade não precisava de nenhuma Litania Contra o Medo para manter a cabeça fria. Tinha uma fórmula mais simples.

“Encare seus medos, do contrário eles lhe subirão pelas costas.”Sua atitude era direta. As coisas mais aterrorizantes do universo originavam-se na mente humana. O pesadelo (o cavalo branco da extinção da Bene Gesserit) possuía tanto a forma mítica como a real. A caçadora com o machado podia atingir a mente ou a carne. Mas ninguém escapava aos terrores da mente.

“Encare-os, então!”

Com o que ela se defrontava nessa escuridão? Não a caçadora sem rosto com o machado, nem a queda no abismo desconhecido (mas visível ao seu *pequeno talento),* mas as muito palpáveis Honradas Madres e quaisquer que fossem seus aliados.

“E não ouso usar nem mesmo seus diminutos poderes prescientes para nos orientar. Eu poderia trancar nosso futuro numa forma imutável. O Muad’Dib e seu Tirano fizeram isso e o Tirano levou 3.500 anos para nos libertar.”

Luzes móveis a meia distância chamaram-lhe a atenção. Os jardineiros estavam trabalhando até tarde, continuando a podar os pomares como se as veneráveis árvores fossem viver para sempre.

Os ventiladores trouxeram-lhe um cheiro de fumaça das fogueiras onde as aparas dos pomares estavam sendo queimadas. Muito atentos a esses detalhes, os jardineiros da Bene Gesserit. Nunca se deviam deixar galhos secos soltos que pudessem atrair parasitas

para as árvores vivas. Tudo limpo e arranjado. Planejado com antecedência. Conserve seu habitat. Este momento é parte da eternidade.

“Nunca se devem deixar galhos secos espalhados?”

“E Gammu? Galhos secos?”

— O que existe nos pomares que a fascina tanto? —

Bellonda quis saber.

Odrade respondeu sem se voltar. — Eles me restauram.

Há apenas duas noites ela saíra para uma caminhada lá, em meio ao tempo frio e estimulante, com um toque de neblina junto ao chão. Os pés agitavam as folhas. Um leve cheiro de adubo composto onde uma chuva esparsa tinha se instalado em depressões mais aquecidas. Um cheiro de pântano, que não deixava de ser agradável. A vida em seu fermento habitual, mesmo nesse nível. Acima, galhos nus erguiam-se rígidos contra o céu estrelado. Na verdade, deprimente, se comparado à primavera ou à estação da colheita. Mas belo em seu fluxo. A vida uma vez mais esperando pelo chamado à ação.

— Não está preocupada com as Instrutoras? — Bellonda perguntou.

— Como será a votação, Bell?

— Muito reservada.

— As outras as seguirão?

— Há preocupação com suas decisões. Conseqüências.

Bell era muito boa nisso: muitas informações em poucas palavras. Grande parte das decisões Bene Gesserit era tomada com base num labirinto triplo: Eficácia, Conseqüências e (mais vital) Quem Pode Realizar as Ordens? Combinavam-se ações e pessoas com muito cuidado e uma atenção precisa aos detalhes. Isso tinha uma grande influência sobre a Eficácia, e esta, por sua vez, comandava as Conseqüências. Uma boa Madre Superiora podia atravessar os labirintos de decisão em questão de segundos. Havia vivacidade na Central, então. Os olhos brilhavam. E comentava-se por todo lado que “Ela agiu sem hesitação”. Isso criava confiança entre as acólitas e outras alunas. As Reverendas Madres

(especialmente as Instrutoras) esperavam para avaliar as Conseqüências.

Odrade falava para seu reflexo na janela como para Bellonda.

— Mesmo a Madre Superiora precisa de tempo.

— Mas o que a prende nesse tumulto?

— Está me pressionando, Bell?

Bellonda retraiu-se na cadeira-cão como se Odrade a tivesse empurrado.

— É extremamente difícil ter paciência nos dias de hoje —

ela disse. — Mas a escolha do momento certo influencia minhas escolhas.

— O que pretende fazer com nosso novo Teg? Essa é a pergunta que precisa ser respondida.

— Se nossos inimigos saíssem de Gammu, para onde iriam, Bell?
— Você os atacaria nesse lugar?

— Só um pequeno empurrão.

Bellonda falou suavemente. — É perigoso alimentar essa idéia. — As Honradas Madres não negociam!

— Mas seus aliados, sim, acho eu. Acha que iriam para...

digamos, o Entroncamento?

— O que há de tão interessante nesse local?

— As Honradas Madres estão lá baseadas. E nosso amado Bashar mantém na memória um dossiê do lugar.

— Ohhhhhh. — Era tanto um suspiro como uma palavra.

Tamalane entrou na sala, permanecendo de pé e silenciosa até que Odrade e Bellonda lhe dessem atenção.

— As Instrutoras apóiam a Madre Superiora. — Tamalane ergueu um dedo em garra. — Por um voto!

Odrade suspirou. — Diga-nos, Tam, a Instrutora que eu cumprimentei no corredor, Praska, qual foi sua posição?

— Votou a seu favor.

Odrade dirigiu um sorriso forçado a Bellonda. — Espalhe espiãs e agentes, Bell. Precisamos levar as caçadoras a aceitar uma reunião conosco no Entroncamento.

“Bell deduzirá meu plano pela manhã.”

Quando Bellonda e Tamalane saíram, resmungando entre si, demonstrando preocupação na voz, Odrade dirigiu-se para seus aposentos particulares. O corredor estava guardado pelas habituais acólitas e servidoras das Reverendas Madres. Algumas acólitas sorriam para ela. Então, já sabiam da votação. Outra crise tinha passado.

Odrade passou pela sala de estar, a caminho do quarto de dormir, onde se estendeu no catre completamente vestida. Um globo luminoso banhava o aposento com um amarelo pálido. Seu olhar moveu-se do mapa do deserto para a pintura de Van Gogh, na parede ao lado do catre.

“Chalés em Cordeville.”

Um mapa melhor que aquele que marca o crescimento do deserto, pensou. “Lembre-se, Vincent, de onde vim e do que ainda posso fazer.”

O dia a tinha esgotado. Havia ultrapassado a fadiga e penetrado num lugar onde a mente prendia-se em círculos fechados.

Responsabilidades!

Elas a encurralavam, e ela sabia que podia ser muito desagradável quando assediada pelas obrigações. Forçada a gastar energia simplesmente para manter uma aparência de calma. “Bell observou isso em mim.” Era enlouquecedor. A Irmandade era cortada a cada passagem, tornada quase sem efeito.

Fechou os olhos e imaginou-se dialogando com uma Honrada Madre do alto comando. “Velha... encharcada de poder.

Musculosa. Forte e com aquela ofuscante velocidade que elas possuem.” Não havia face, mas o corpo visualizado estava lá, em sua mente.

Formando silenciosamente as palavras, Odrade falou à figura sem rosto.

— É difícil para nós deixá-las cometer seus próprios erros.

Os professores sempre acham isso penoso. Sim, nós nos consideramos professoras. Não tanto de indivíduos como da

espécie. Oferecemos lições para todos. Estarão certas se virem o Tirano em nós.

A imagem em sua mente não deu resposta.

Como as professoras exerciam o magistério, se não podiam sair do esconderijo? Burzmali morto, o ghola Teg ainda uma incerteza. Sentiu pressões invisíveis convergindo para a Sede da Irmandade. Os cordões as prendiam com firmeza. E em algum lugar dessa teia, uma comandante sem rosto das Honradas Madres armava o bote.

Rainha Aranha.

Sua presença era conhecida pelas ações de sua força policial. Bastava que um fio dessa teia tremesse numa cilada, para que as atacantes se arremessassem sobre as vítimas enredadas em violência insana, sem ligar para o número de mortos em sua própria linha, ou quantos teriam sido chacinados.

Alguém comandava a busca: a Rainha Aranha.

“Será que ela é sã, pelos nossos padrões? Para que perigos terríveis terei enviado Dortujla?”

As Honradas Madres estavam além da megalomania. Faziam com que o Tirano parecesse um pirata ridículo em comparação. Leto II, pelo menos, tivera conhecimento daquilo que as Bene Gesserit sabiam: como se equilibrar na espada, consciente de que seria mortalmente ferido se escorregasse dessa posição. “O preço que se paga por deter tal poder.” As Honradas Madres ignoravam o destino inevitável, abatendo e açoitando à sua volta, como um gigante em paroxismos de terrível histeria.

Nada havia jamais se oposto a elas com sucesso, e elas escolheram responder agora, com a raiva assassina dos frenéticos.

Histeria por escolha. Deliberada.

“Por que deixamos nosso Bashar em Duna, para usar sua lastimável força numa defesa suicida? Não se sabia quantas Honradas Madres ele matara. E Burzmali na morte de Lâmpadas.

Com certeza, as caçadoras sentiram seu ferrão. Para não falar dos homens treinados por Idaho e enviados para disseminarem as técnicas de escravidão sexual das Honradas Madres. E para outros homens!”

Isso era suficiente para provocar tanta raiva? Possivelmente.

Mas o que dizer das estórias de Gammu? Teria Teg exibido um talento novo que as aterrorizava?

“Se restaurarmos as memórias do Bashar, teremos de observá-lo com muito cuidado.”

Seria possível restringi-lo a uma não-nave?

O que, na verdade, provocou uma reação tão intensa nas Honradas Madres? Eles queriam sangue. Nunca dê más notícias a essa gente. Não era de admirar que suas policiais agissem com tamanho frenesi. Uma pessoa poderosa que estivesse assustada poderia matar o portador de informações desagradáveis. Nunca traga más notícias. É melhor morrer na batalha.

Os súditos da Rainha Aranha iam além da arrogância. Muito além. Não havia censura possível. Seria como repreender uma vaca por comer capim. A vaca se justificaria simplesmente olhando para você com olhos dementes, como que perguntando: — Não é isso que se espera que eu faça?

“Conhecendo as prováveis conseqüências, porque nós as provocamos? Não somos o tipo de pessoa que cutuca um objeto redondo e cinzento com uma vara e acaba descobrindo que se trata de um ninho de vespas. Sabíamos o que estávamos atacando.

Ninguém questionou o plano de Taraza.”

A Irmandade defrontava-se com um inimigo cuja política deliberada era a violência histérica. — Atacaremos com fúria.

E o que aconteceria se as Honradas Madres fossem dolorosamente derrotadas? No que se transformariam suas reações histéricas?

“Tenho medo disso.”

A Irmandade teria a coragem de alimentar esse fogo?

“Temos que fazê-lo!”

A Rainha Aranha redobraria os esforços para encontrar a Sede. A violência seria intensificada em um nível ainda mais repulsivo. E então? As Honradas Madres suspeitariam de todos serem simpáticos à Bene Gesserit? Poderiam voltar-se contra seus próprios aliados? Imaginariam elas a possibilidade de ficarem

sozinhas num universo vazio de vida consciente? Muito provavelmente, a idéia nunca tinha alcançado suas mentes.

“Qual é o seu aspecto, Rainha Aranha? Como você pensa?”

Murbella disse que não conhecia sua comandante suprema, nem mesmo as subcomandantes de sua Ordem Hormu. Mas fazia uma descrição sugestiva dos aposentos de uma subcomandante. O

que uma pessoa chama de casa? Com quem convive para compartilhar as pequenas homilias da vida?

Muitos de nós escolhemos companheiros e ambientes que nos reflitam.

Murbella fez um curioso relato: — Uma de suas criadas pessoais levou-me à área reservada. Exibindo-se, demonstrando que tinha acesso ao *sanctum.* A área comum era organizada e limpa, mas os quartos particulares estavam desarrumados —

roupas espalhadas, potes de creme abertos, camas desfeitas, comida ressecada em pratos no chão. Perguntei por que não tinha limpado a desordem. Ela disse que não era seu serviço. A encarregada da limpeza era do turno da noite.

“Vulgaridades secretas.”

Essa devia ter uma mente de acordo com esse tipo de exibição.

Os olhos de Odrade se abriram e focalizaram o quadro de Van Gogh. “Minha escolha.” Produzia tensões, no longo período da história humana, que a Outra Memória não poderia criar. “Você me mandou uma mensagem, Vincent. E por sua causa não cortarei minha orelha... ou enviarei inúteis mensagens de amor àqueles que não ligam. É o mínimo que posso fazer para honrá-lo.”

O quarto de dormir tinha um odor familiar, a fragrância picante de cravos. O perfume floral preferido de Odrade. As atendentes o mantinham como um *background* odorífico.

Mais uma vez fechou os olhos, e seus pensamentos voltaram à Rainha Aranha. Achava que o exercício dava uma outra dimensão à mulher sem rosto.

Murbella dizia que uma comandante das Honradas Madres precisava apenas dar uma ordem para que trouxessem qualquer coisa que pedisse.

— Qualquer coisa?

E Murbella descrevia exemplos conhecidos: parceiros sexuais com deformações, doces enjoativos, orgias emocionais inflamadas por desempenhos de extraordinária violência.

— Estão sempre procurando extremos.

Relatos de espiãs e agentes recheavam as estórias que Murbella contava com uma certa admiração.

— Todos dizem que elas têm direito a governar.

“Essas mulheres evoluíram a partir de uma burocracia autocrática.”

Muita evidência o confirmava. Murbella falava de aulas de História que diziam como as primitivas Honradas Madres levaram a efeito pesquisas para adquirir domínio sobre suas populações

“quando a taxação tornou-se por demais ameaçadora para as governantes”.

“Um direito de governar?”

Não parecia a Odrade que essas mulheres insistissem em tal direito. Não. Assumiam que isso não devia nunca ser discutido.

Nunca! Não havia decisões erradas. Não se consideravam as conseqüências. Isso nunca acontecia.

Odrade sentou-se no catre, sabendo que tinha encontrado o *insight* que procurava.

“Nunca se cometem erros.”

Era necessária uma enorme inconsciência para abrigar essa idéia. Uma pequena consciência, então, observando um universo em tumulto que elas próprias criaram!

“Ohhhh, adorável!”

Chamou a atendente da noite, uma acólita de primeiro nível e pediu chá de melange com um perigoso estimulante, algo para ajudá-la a retardar as exigências de sono do corpo. Mas a um alto preço. A acólita hesitou antes de obedecer. Retornou num momento, com uma caneca fumegante numa pequena bandeja.

Odrade tinha decidido há muito tempo que o chá de melange feito com a profunda água fria da Sede tinha um gosto que afetava o psiquismo. O estimulante amargo não permitia que ela sentisse o

gosto revigorante e espicaçava-lhe a consciência. A notícia se espalharia através das observadoras. “Preocupação, grande preocupação.” As Instrutoras fariam outra votação?

Sorveu o chá lentamente, dando ao estimulante tempo para agir. “Mulher condenada rejeita seu último jantar. Bebe chá.”

Em poucos instantes pôs de lado a caneca vazia e pediu roupas quentes. — Vou dar uma volta nos pomares. — A atendente não fez comentários. Todos sabiam que ela, muitas vezes, ia caminhar lá, mesmo à noite.

Em poucos minutos estava na passagem estreita e cercada que conduzia a seu pomar favorito, iluminando o caminho com um miniglobo ligado por um pequeno cordão ao ombro direito. Um pequeno rebanho de gado negro da Irmandade chegou até a cerca a seu lado e olhou-a enquanto passava. Ela olhou os focinhos úmidos, inalou o cheiro rico de alfafa no vapor da respiração e fez uma pausa. As vacas fungaram e sentiram o feromônio que lhes dizia para aceitá-la. Voltaram a comer a forragem empilhada junto à cerca pelos vaqueiros.

Voltando as costas ao gado, Odrade olhou as árvores sem folhas da pastagem. O miniglobo desenhava um círculo de luz amarela que enfatizava a desolação do inverno.

Pouca gente entendia por que esse lugar a atraía. Não bastava dizer que os pensamentos atribulados encontravam calma aí. Mesmo no inverno, com o gelo esmagando-se sob os pés. Este pomar era um silêncio duramente conseguido entre as tempestades.

Apagou o miniglobo e deixou que os pés seguissem o caminho familiar na escuridão. De vez em quando olhava de relance para a luz das estrelas, definida pelos galhos sem folhas. “Tempestades.”

Via aproximar-se uma que meteorologista algum podia antecipar.

Tempestades geram tempestades. Raiva gera raiva. Vingança gera vingança. Guerras geram guerras.”

O velho Bashar tinha sido um mestre em quebrar esses círculos. O ghola teria o mesmo talento?

Que jogo perigoso.

Odrade olhou de novo para o gado, uma bolha escura de movimento e vapor, iluminado pela luz das estrelas. Tinha se

juntado para provocar o calor e ela ouviu um rangido familiar quando ruminavam.

“Devo ir para o deserto, no sul. Ficar frente a frente com Sheeana. As trutas da areia desenvolvem-se. Por que não há vermes?”

Falou alto para o gado agrupado junto à cerca: — Comam seu capim. É a sua função.

Se alguma das vigilantes tivesse oportunidade de ouvir a observação, Odrade sabia que teria que explicar-se seriamente.

“Mas esta noite eu pude ver através do coração de nossas inimigas. E tive pena delas.”

Para conhecer bem uma coisa, teste seus limites. É somente quando forçada além da tolerância que se revela sua verdadeira natureza.

— O Código Amtal

Não se apóie apenas na teoria quando sua vida estiver em jogo.

— Comentário Bene Gesserit

Duncan Idaho estava de pé no centro da sala de práticas da não-nave, a três passos do menino-ghola. Muito próximos, à sua volta,

havia sofisticados instrumentos de treinamento, alguns exaustivos, outros perigosos.

A criança parecia cheia de confiança e admiração esta manhã.

“Será que o compreendo melhor porque eu, também, sou um ghola? Uma suposição discutível. Esse aí foi criado de um modo muito diferente daquele que foi planejado para mim. Planejado! O

termo preciso.”

A Irmandade copiara tanto quanto possível a infância do Teg original. Até mesmo um querido companheiro mais novo, no lugar do irmão há muito perdido. E Odrade lhe dando o ensinamento profundo! Como fizera a mãe de Teg.

Idaho lembrava-se do idoso Bashar, cujas células tinham produzido esta criança. Um homem pensativo, usando comentários que mereciam atenção. Com apenas um pequeno esforço lembrou-se de seus modos e suas palavras.

— O verdadeiro guerreiro compreende o inimigo melhor que o amigo. Uma cilada perigosa, quando se permite que a compreensão conduza à identificação, como acontecerá naturalmente, se for deixada sem orientação.

Era difícil imaginar a mente, por trás dessas palavras, latente em algum lugar nessa criança. O Bashar tinha sido muito perspicaz, ensinando sobre identificação nos velhos tempos da Fortaleza de Gammu.

“Afinidade com o inimigo — uma fraqueza tanto da polícia como dos exércitos. As mais perigosas são as afinidades inconscientes, fazendo com que se preserve o inimigo intacto, porque ele é sua justificativa para existir.”

— Senhor?

Como poderia essa vozinha de flauta transformar-se nos tons de comando do velho Bashar?

— O que é?

— Por que está aí, parado, olhando para mim?

— Eles chamavam o Bashar de “Velha Confiabilidade”. Sabia disso?
— Sim, senhor. Estudei a estória de sua vida.

Seria “Jovem Confiabilidade” agora? Por que Odrade desejaria suas memórias originais restauradas tão cedo?

— Por causa do Bashar, a Irmandade inteira tem estado escavando a Outra Memória, revendo suas perspectivas históricas.

Elas lhe contaram?

— Não, senhor. É importante que eu saiba? A Madre Superiora disse que o senhor treinaria meus músculos.

— Lembro que você gostava de beber Danian Marinete, um conhaque muito especial.

— Sou jovem demais para beber, senhor.

— Você era um Mentat. Sabe o que isso significa?

— Saberei quando recuperar a memória, não?

Nada do respeitoso *senhor.* Chamando a atenção do professor pela demora indesejada.

Idaho sorriu, e recebeu de volta um sorriso aberto. Uma criança cativante. Era fácil demonstrar-lhe natural afeição.

— Cuidado com ele — dissera Odrade. — É um sedutor.

Lembrou-se da instrução de Odrade, antes de trazer o menino.

— Uma vez que todo indivíduo, basicamente, responde a seu eu — disse — a formação desse eu exige, de nossa parte, cuidado e atenção máximos.

— Isso é necessário com um ghola?

Tinham estado sentados na sala de estar, nessa noite, tendo Murbella como uma ouvinte fascinada.

— Ele se lembrará de tudo que você lhe ensinar.

— Então faremos uma edição crítica do original.

— Cuidado, Duncan. Quando se traumatiza uma criança com um acontecimento desagradável, quando se ensina a ela que não confie em ninguém, cria-se um suicida — a curto ou a longo prazo, isso não faz a mínima diferença.

— Você se esquece de que conheci o Bashar?

— Não se lembra, Duncan, do tempo anterior à restauração de suas memórias?

— Eu sabia que o Bashar podia fazê-lo, e achava que ele era a minha salvação.

— E é assim que ele o vê. É uma forma especial de confiança.

— Serei honesto com ele.

— Você pode achar que age com honestidade, mas aconselho-o a se examinar profundamente toda vez em que se vir

frente a frente coma confiança dele.

— E se eu cometer erros?

— Nós corrigiremos, se for possível. — Ela relanceou os olhos para os televigias e fixou-os nele de novo.

— Sei que estará nos vigiando.

— Não deixe que isso o iniba. Não estou procurando deixá-lo constrangido. Apenas cauteloso. E lembre-se de que minha Irmandade tem métodos de cura muito eficientes.

— Serei cuidadoso.

— Talvez você se lembre que era o Bashar quem dizia: “A ferocidade com que atacamos nossos inimigos é sempre temperada pela lição que esperamos ensinar.”

— Não consigo pensar nele como um inimigo. O Bashar era um dos melhores homens que já conheci.

— Excelente. Coloco-o em suas mãos.

E aqui estava o menino na sala de exercícios, sentindo-se algo mais que impaciente com as hesitações de seu mestre.

— Senhor, faz parte da lição ficar aqui, simplesmente? Sei que às vezes...

— Fique quieto.

Teg assumiu uma atenção militar. Ninguém lhe tinha ensinado isso. Veio de suas memórias originais. Idaho ficou subitamente fascinado por esse lampejo do Bashar.

“Elas sabiam que me pegariam desse jeito.”

Nunca subestime a persuasão Bene Gesserit. Era possível encontrar-se fazendo coisas para elas sem saber que se agia sob pressão. Sutis e execráveis! Havia compensações, naturalmente.

Vivia-se numa época interessante, enquanto durava a antiga maldição/bênção. No todo, decidiu Idaho, ele preferia épocas interessantes, mesmo esta época.

Ele respirou fundo. — Restaurar suas memórias originais vai causar-lhe dor — física e mental. De certa forma, as dores mentais são piores. É meu dever prepará-lo para isso.

Ainda em posição atenta. Nenhum comentário.

— Começaremos sem armas, usando uma lâmina imaginária na mão direita. Esta é uma variação das “cinco atitudes”. Cada

resposta surge antes da necessidade. Deixe cair os braços e relaxe.

Movendo-se por trás de Teg, Idaho segurou firmemente o braço do menino abaixo do cotovelo, e demonstrou os primeiros movimentos.

— Todo atacante é uma pena flutuante num caminho infinito.

Quando ele se aproxima, é desviada e afastada. Sua resposta é como um sopro de ar levando a pena embora.

Idaho ficou de lado e observou enquanto Teg repetia os movimentos, corrigindo de vez em quando com um golpe forte num músculo mal posicionado.

— Deixe que seu corpo realize o aprendizado — dizia quando Teg perguntava por que ele tinha feito aquilo.

Durante um dos períodos de descanso, Teg quis saber o que Idaho queria dizer com “dores mentais”.

— Você tem limites impostos por sua natureza de ghola protegendo as memórias originais. No momento adequado, algumas dessas lembranças voltarão, inundando-o. E nem todas serão agradáveis.

— A Madre Superiora disse que o Bashar restaurou suas memórias.

— Deuses das profundezas, garoto! Por que você continua dizendo o Bashar? Era você!

— Mas ainda não conheço isso.

— No seu caso, há um problema. Para que um ghola reviva, deve haver as lembranças da morte. Mas as células que lhe deram origem não transportam essa lembrança.

— Mas o... Bashar está morto.

— O Bashar! Sim, está morto. Você deve sentir isso onde dói mais e saber que *você é* o Bashar.

— Pode mesmo devolver-me essa lembrança?

— Se você puder suportar a dor. Sabe o que eu lhe disse quando *você* devolveu-me as memórias? — Atreides! Vocês são todos infernalmente iguais.

— Você... me odiava?

— Sim, e você estava desgostoso consigo mesmo pelo que tinha feito a mim. Isso lhe dá uma idéia do que tenho de fazer?

— Sim, senhor. — Muito baixo.

— A Madre Superiora diz que não devo trair sua confiança...

entretanto, você traiu a minha.

— Mas restaurei suas memórias?

— Vê como é fácil pensar em si mesmo como o Bashar?

Você ficou chocado. E, voltando à sua pergunta, sim, você restaurou minhas memórias.

— É tudo o que quero.

— Assim diz você.

— A Madre Superiora disse que você é um Mentat. O fato de que eu também sou Mentat poderá ajudar?

— Pela lógica, sim. Mas nós, Mentats, temos um ditado que diz que a lógica se move às cegas. E estamos conscientes de que existe uma lógica capaz de jogá-lo fora do ninho para o caos.

— Sei o que quer dizer caos. — Muito orgulhoso de si.

— Assim você o diz.

— E confio em você.

— Ouça-me! Somos servos das Bene Gesserit. As Reverendas Madres não construíram sua ordem baseadas na confiança.

— Não devo confiar na Madre Superiora?

— Dentro de limites que você irá aprender a valorizar. Por enquanto, previno-o de que as Bene Gesserit trabalham sob um sistema de *desconfiança* organizada. Elas já lhe ensinaram a respeito de democracia?

— Sim, senhor. É onde se vota...

— É onde se desconfia de todos que têm poder sobre os outros! As Irmãs o conhecem bem. Não confie demais.

— Então não devo confiar em você, também?

— A única confiança que pode colocar em mim é que farei o possível para restaurar suas lembranças.

— Então não me incomodo com a dor. — Olhou para os televigias, demonstrando na expressão o conhecimento de seu propósito. — Elas se incomodam que você diga essas coisas a seu respeito?

— Seus sentimentos não dizem respeito a um Mentat, a não ser como informação.

— Isso é um fato?

— Os fatos são frágeis. Um Mentat pode se enredar neles.

Excesso de informações confiáveis . É como a diplomacia. É

necessário ter algumas mentiras para chegar a suas projeções.

— Estou... confuso. — Usou a palavra com hesitação, não muito seguro de que era a que desejava.

— Disse isso uma vez à Madre Superiora. Ela respondeu: —

Tenho me comportado mal.

— Não é seu papel... confundir-me?

— A menos que sirva para ensinar. — E como Teg ainda se mostrasse perplexo, Idaho disse: — Deixe-me contar-lhe uma estória.Teg imediatamente sentou-se no chão, revelando com isso que Odrade usava essa técnica freqüentemente. Bom. Ele já era receptivo.

— Em uma de minhas vidas tive um cachorro que detestava mariscos.

— Já comi mariscos. Vêm do Grande Mar.

— Sim, bem, meu cachorro detestava mariscos porque um deles teve a ousadia de cuspir-lhe no olho. O cheiro é horrível. Mas pior ainda, a cuspida veio de um inocente buraco na areia. O

marisco não estava visível.

— Que é que seu cachorro fazia? — Inclinando-se para a frente, com a mão no queixo.

— Desenterrava o ofensor e o trazia para mim. — Idaho sorriu. — Primeira lição: não deixe que o desconhecido lhe cuspa no olho. Teg riu e bateu palmas.

— Mas veja a coisa do ponto de vista do cachorro. Vá atrás de quem cuspiu! Então — recompensa gloriosa: o dono fica satisfeito.

— Seu cachorro desencavou mais mariscos?

— Toda vez que íamos à praia. Ia rosnando à procura de cuspidores e o dono os jogava fora para sempre — conchas vazias

com pedaços de carne pendurados.

— Você os comia.

— Veja as coisas do ponto de vista do cachorro. Os cuspidores têm o castigo merecido. Ele tem um meio de livrar o mundo de seres ofensivos, e o dono fica satisfeito.

Teg demonstrou sua inteligência brilhante: — As Irmãs nos consideram cachorros?

— De certa forma. Nunca se esqueça disso. Quando voltar a seu quarto, procure no dicionário o significado de *lese majesté.*

Ajuda a entender nosso relacionamento com nossos donos.

Teg olhou para os televigias e depois para Idaho, mas não disse nada.

Idaho ergueu o olhar para a porta atrás de Teg: — A estória era para você também.

Teg deu um pulo, voltando-se, na expectativa de ver a Madre Superiora. Mas era apenas Murbella.

Estava encostada ao lado da porta.

— Bell não vai gostar de vê-lo falar da Irmandade desse jeito. — Odrade me deu carta branca. — Olhou para Teg. — Já perdemos muito tempo com estórias! Deixe-me ver se seu corpo aprendeu alguma coisa.

Uma estranha excitação tomou conta de Murbella quando entrou na área de treinamento e viu Duncan com o menino.

Observou-o por um momento, consciente de que o estava vendo sob uma nova luz, quase Bene Gesserit. A instrução da Madre Superiora transparecia na sinceridade de Duncan ao lidar com Teg.

Uma sensação estranhíssima, esta nova consciência, como se ela tivesse se afastado um pouco mais de suas antigas companheiras.

O sentimento de perda era pungente.

Surpreendeu-se sentindo falta de coisas inusitadas da antiga vida. Não a caçada nas ruas, procurando novos homens para escravizar e trazer para o domínio das Honradas Madres. Os poderes derivados da criação de viciados sexuais tinham perdido o sabor sob o ensinamento Bene Gesserit e a experiência com

Duncan. Reconhecia, entretanto, ter perdido um elemento desse poder: o sentimento de pertencer a uma força que nada podia deter.

Era, ao mesmo tempo, abstrato e específico. Não as repetidas conquistas, mas a expectativa da vitória inevitável que vinha em parte da droga que compartilhava com as Irmãs Honradas Madres. À medida que a necessidade diminuiu com a mudança para a melange, via o antigo vício sob uma perspectiva diferente. As químicas Bene Gesserit, localizando a adrenalina substituta a partir de amostras de seu sangue, podiam fornecer-lhe a droga, se ela o desejasse. Mas ela sabia que não queria mais. Uma outra retirada a atormentava. Não os homens cativos, mas o distanciamento de seus poderes. Algo dentro dela dizia que isso tinha acabado para sempre. Nunca voltaria a experimentá-lo. O novo conhecimento mudara seu passado.

Tinha rondado os corredores entre seus aposentos e a sala de exercícios esta manhã, querendo observar Duncan com o menino, temerosa de que sua presença pudesse interferir. Essa ronda era uma coisa que fazia freqüentemente hoje em dia, depois das

práticas mais extenuantes com uma professora Reverenda Madre. Nesses momentos os pensamentos das Honradas Madres estavam muito presentes em sua mente.

Não podia fugir a esse sentimento de perda. Era um vazio tal, que ela se perguntava se alguma coisa poderia preenchê-lo, de algum modo. A sensação era pior do que a de estar envelhecendo.

Envelhecer como uma Honrada Madre oferecia certas compensações. Os poderes *dessa* Irmandade tinham uma tendência para crescer rapidamente com a idade. Não era isso. Era um sentimento de perda *absoluta.*

“Fui derrotada.”

As Honradas Madres nunca se defrontavam com a derrota.

Murbella viu-se forçada a isso. Sabia que as Honradas Madres eram, às vezes, assassinadas pelos inimigos. Mas estes sempre pagavam por isso. Era a lei: planetas inteiros devastados para pegar um ofensor.

Murbella sabia que as Honradas Madres estavam caçando a Sede da Irmandade. Por uma questão de antigas lealdades, estava

consciente de que deveria ajudá-las. O ponto comovente de sua derrota estava no fato de que não desejava que as Bene Gesserit pagassem o preço lembrado.

“As Bene Gesserit são muito valiosas.”

Eram infinitamente valiosas para as Honradas Madres.

Murbella duvidava que qualquer outra Honrada Madre ao menos suspeitasse disso.

Vaidade.

Esse era o julgamento que vinculava às antigas Irmãs. “E a mim mesma, quando era uma delas.” Um orgulho terrível. Tinha surgido de sua subjugação durante tantas gerações, antes de ganharem sua própria ascendência.

Murbella tinha tentado transmitir isso a Odrade, fazendo um relato minucioso da História ensinada pelas Honradas Madres.

— O escravo dá um péssimo senhor — disse Odrade.

Murbella compreendia que havia um padrão antigo que ela aceitara outrora, mas rejeitava agora, e não poderia explicar inteiramente a mudança.

“Deixei para trás todas essas coisas, que hoje seriam infantis para mim.”

Duncan, uma vez mais, tinha interrompido os exercícios.

Tanto professor como aluno estavam transpirando muito, ofegantes e tentando recobrar o fôlego. Trocavam olhares estranhos entre si.

“Conspiração?”

O menino parecia extraordinariamente maduro.

Lembrou-se do comentário de Odrade: — A maturidade impõe seu próprio comportamento. Uma de nossas lições — torne esses imperativos conscientes. Modifique os instintos.

“Elas têm me modificado e o farão ainda mais.”

Podia ver a mesma coisa acontecendo no comportamento de Duncan com o menino ghola.

— Esta é uma atividade que cria muitas pressões nas sociedades que influenciamos — dissera Odrade. — Que nos força a constantes adaptações.

“Mas como elas poderão ajustar-se a minhas antigas Irmãs?”

Odrade revelou um sangue-frio característico, quando defrontada com a pergunta.

“Enfrentamos ajustes importantes em função de nossas atividades passadas. Era a mesma coisa no tempo do Tirano.

“Ajustes?”

Duncan estava falando com o menino. Murbella aproximou-se para ouvi-los.

— Já conhece a estória do Muad’Dib? Bem. Você é um Atreides, e isso subentende falhas.

— Isso quer dizer erros, senhor?

— Com os diabos, é isso mesmo! Nunca escolha um caminho simplesmente porque ele lhe oferece a oportunidade de um gesto dramático.

— Foi assim que morri?

“Ele tinha feito a criança pensar em seu antigo eu na primeira pessoa.”

— Seja você o juiz. Mas sempre foi uma franqueza Atreides.

Coisas atraentes, os gestos. Morrer nos chifres de um touro, como fez o avô do Muad’Dib. Um grande espetáculo para seu povo.

Matéria de estórias durante gerações! Ainda se podem ouvir algumas partes da estórias, mesmo depois de eras passadas.

— A Madre Superiora me contou essa estória.

— Sua verdadeira mãe também, provavelmente.

A criança estremeceu. — Tenho um sentimento esquisito quando você fala em minha mãe verdadeira. — Havia temor na voz infantil. — Sentimentos esquisitos são uma coisa; esta lição é outra.

Estou falando sobre algo com um rótulo permanente: “O Gesto Desiano.” Era costume falar “Atreidesiano”, mas esse nome é muito incômodo.

Uma vez mais a criança tocou o núcleo de sua consciência amadurecida. — Mesmo a vida de um cachorro tem seu preço.

Murbella prendeu a respiração, num lampejo de como seria

— uma mente adulta num corpo infantil. Desconcertante.

— Sua mãe de nascimento era Janet Roxbrough dos Lernaeus Roxbroughs — disse Idaho. — Era uma Bene Gesserit.

Seu pai era Loschy Teg, um agente comercial de CHOAM. Daqui a pouco vou mostrar-lhe o quadro favorito do Bashar, de sua casa em Lernaeus. Quero que o conserve consigo e o estude Pense nele como seu lugar favorito.

Teg acenou afirmativamente, mas a expressão de seu rosto mostrava que estava com medo.

Seria possível que o grande Guerreiro Mentat tivesse conhecido o medo? Murbella sacudiu a cabeça. Tinha um conhecimento intelectual do que Duncan estava fazendo, mas sentia lacunas nos relatos. Isso era algo que ela nunca poderia experimentar. Qual seria o sentimento de despertar para uma nova vida, mantendo intactas as lembranças de uma outra? Muito diferente da Outra Memória das Reverendas Madres, pensava.

— A mente em seu começo — era como Duncan dizia. —

Despertar seu Verdadeiro Eu. Senti que estava mergulhando num universo mágico. Minha consciência era um círculo, e então um

globo. Aí caí em transe — tudo a meu redor tinha uma qualidade fracamente luminosa. Nada era real. Isso passou, e achei que tinha perdido a única realidade. Minha mesa era de novo uma mesa.

Ela tinha estudado o manual Bene Gesserit “Sobre o Despertar das Memórias Originais de um Ghola.” Duncan estava divergindo das instruções. Por quê?

Ele deixou Teg e se aproximou de Murbella.

— Tenho que falar com Sheeana — disse ao passar por ela.

— Deve haver um modo melhor.

A compreensão imediata é geralmente uma resposta-reflexo, e a mais perigosa forma de entendimento. Lança uma tela opaca sobre a capacidade de aprender. Os precedentes de julgamento da

lei funcionam desse modo, atulhando o caminho de becos sem saída. Fique de sobreaviso. Não entenda nada. Toda compreensão é temporária.

— Fixe Mentat (adacto)

Idaho, sentado sozinho em sua mesa de comando, deparou-se com um lançamento que ele mesmo tinha introduzido nos Sistemas da Nave em seus primeiros dias de prisão, e achou-se inundado (aplicou a palavra depois) de atitudes e consciência sensorial daquele tempo. Era o anoitecer de um decepcionante dia na não-nave. Ele estava de volta *lá,* esticado entre o *então* e o *agora,* do modo em que as vidas em série de ghola ligavam esta encarnação a seu nascimento original.

Imediatamente, viu o que viera a chamar de “a rede” e o casal idoso definido por linhas cruzadas, corpos visíveis através de uma luz trêmula formada de fios coloridos — verde, azul, dourado e um prateado tão brilhante que doía nos olhos.

Percebia nessas pessoas uma estabilidade divina e algo bastante comum. A palavra *ordinário* veio-lhe à mente. A já familiar paisagem de jardim estendia-se por trás deles: arbustos de flores (rosas, pensou), gramados ondulantes, altas árvores.

O casal retribuía seu olhar com uma intensidade que o fazia sentir-se nu.

Um novo poder na visão! Não estava mais restrita ao Grande Porão, um ímã de compulsão crescente, puxando-o para lá tão freqüentemente que sabia que as vigilantes estavam de sobreaviso.

“Será ele um outro Kwisatz Haderach?”

Havia um nível de suspeita por parte da Bene Gesserit, além do qual ele não poderia ir, sem ser eliminado. E elas o estavam vigiando bem agora!

Perguntas, especulações preocupadas. A despeito disso, ele não conseguia desviar-se da visão.

Por que esse casal idoso parece tão familiar? Alguém de seu passado? Família?

O folhear Mentat de suas lembranças não produziu nada que se adequasse à especulação. Rostos redondos. Queixos reduzidos.

Gordas papadas. Olhos escuros. A rede obscurecia sua cor. A mulher usava um longo vestido azul e verde que lhe ocultava os pés. Um avental branco manchado de verde cobria o vestido, desde o amplo colo até abaixo da cintura. Ferramentas de jardinagem pendiam das alças do avental. Carregava uma pá na mão esquerda.

Tufos de cabelo grisalho escapavam do lenço verde, e espalhavam-se em volta dos olhos, enfatizando as linhas marcadas pelo riso.

Tinha uma aparência de... avó.

O homem combinava com ela, como se ambos fossem criados pelo mesmo artista, para fazer um par. Macacão de peitilho sobre o estômago saliente. Sem chapéu. Os mesmos olhos escuros brilhando em reflexos. O cabelo, cortado rente, era espetado e grisalho.

Ele tinha a expressão mais bondosa que Idaho já vira. Vincos de sorriso, voltados para cima, nos cantos dos lábios, e equilibrava, na palma direita estendida, o que parecia ser uma bola de metal. A bola emitia um assobio penetrante, que fazia com que Idaho tapasse os ouvidos com as mãos. Isso não abafou o som, que diminuiu aos poucos, por si só. Ele abaixou as mãos.

“Rostos tranqüilizadores.” O pensamento despertou as suspeitas de Idaho, porque agora reconhecia a familiaridade.

Pareciam um pouco com Dançarinos Faciais, até no nariz arrebitado.

Inclinou-se para a frente, mas a visão manteve a distância. —

Dançarinos Faciais — sussurrou.

A rede e o casal idoso desapareceram.

Foram substituídos por Murbella em malha de exercício de um negro reluzente. Teve que estender o braço e tocá-la, para acreditar que ela de fato estava lá.

— Duncan, o que foi? Você está todo suado.

— Acho... que é alguma coisa que esses malditos Tleilaxu plantaram em mim. Continuo vendo... Acho que são Dançarinos Faciais. Eles... eles estavam olhando para mim bem agora... um assobio. Doeu.

Ela relanceou para os televigias, mas não pareceu preocupada. Isso era uma coisa que as Irmãs podiam saber sem representar perigo

imediato... a não ser para Scytale, possivelmente.

Agachou-se ao lado dele e pôs a mão no seu braço. —

Alguma coisa que eles fizeram com seu corpo nos tanques?

— Não!

— Mas você disse...

— Meu corpo não é simplesmente uma parte da nova bagagem para esta viagem. Tem toda a química e a substância que sempre tive. Minha mente é que está diferente.

Isso a inquietou. Conhecia a preocupação das Bene Gesserit a respeito de talentos selvagens. — Maldito Scytale!

— Vou descobrir tudo — ele disse.

Fechou os olhos e ouviu Murbella erguer-se. Sua mão despregou-se do braço dele.

— Talvez não devesse fazê-lo, Duncan. Sua voz soava longínqua.

“Memória. Onde eles guardavam a coisa secreta? Nas profundezas das células originais?” Até esse momento ele tinha considerado sua memória como um instrumento Mentat. Podia evocar suas próprias imagens de antigos momentos em frente de espelhos. Bem de perto, examinando uma ruga da idade. Olhando uma mulher atrás de si — dois rostos no espelho e sua face cheia de perguntas.

Faces. Uma sucessão de máscaras, diferentes perspectivas dessa pessoa chamada *eu.* Faces ligeiramente desequilibradas.

Cabelos às vezes grisalhos, às vezes os caracóis negros de sua vida atual. Às vezes humorístico, outras grave, procurando interiormente sabedoria para enfrentar um novo dia. Em algum lugar nisso tudo uma consciência que observava e deliberava. Alguém que fazia escolhas. Os Tleilaxu tinham interferido nisso.

Idaho sentiu o sangue pulsando forte e sabia que o perigo estava presente. Era isso que ele estava destinado a experimentar...

mas não pelos Tleilaxu. Tinha nascido com ele.

“Isto é o que significa estar vivo.”

Nenhuma lembrança de outras vidas, nem as coisas que os Tleilaxu lhe tinham feito modificavam em nada sua mais profunda consciência.

Abriu os olhos. Murbella ainda estava perto, mas sua expressão estava velada. “Então é assim que ela será, quando se tornar uma Reverenda Madre.”

Não gostou da mudança.

— O que acontece quando as Bene Gesserit falham?

Como ela não respondesse, ele acenou com a cabeça. “Sim.

É a pior suposição. A Irmandade indo para o esgoto. E você não deseja isso, minha amada.”

Podia vê-lo em seu rosto quando ela voltou-se e o deixou.

Olhando para os televigias, ele disse: — Dar, preciso falar com você, Dar.

Não houve resposta de nenhum dos mecanismos à sua volta.

Ele não esperava, também. Entretanto, sabia que podia falar com ela, e que Odrade teria de ouvi-lo.

— Tenho examinado nosso problema pelo outro lado —

disse. E imaginou o ruído diligente dos gravadores registrando o som de sua voz nos cristais ridulianos. — Tenho penetrado na

mente das Honradas Madres. Sei que cheguei lá. Repercutiu em Murbella.

Isso as alertaria. Ele tinha sua própria Honrada Madre. Mas *ter* não era bem a palavra. Ele não tinha Murbella. Nem mesmo na cama. Eles tinham um ao outro. Tão casados como pareciam estar as pessoas da visão. Era isso o que ele tinha visto? Duas pessoas mais velhas treinadas sexualmente pelas Honradas Madres?

— Estou pensando em outro assunto, agora — disse. —

Como superar as Bene Gesserit.

Isso lançava o desafio.

— Episódios — disse. Uma palavra que Odrade gostava de usar. — É assim que devo ver o que está nos acontecendo.

Pequenos episódios. Mesmo a pior suposição deve ser examinada contra esse *background.* A Dispersão tem uma magnitude que reduz a dimensão de tudo que fazemos.

Aí estava! Isso demonstrava seu valor para as Irmãs. Punha as Honradas Madres numa melhor perspectiva. Elas estavam de volta ao Antigo Império. Companheiras nessa redução feita pela Dispersão. Sabia que Odrade veria. Bell a faria ver.

Em algum lugar do Universo Infinito, um júri tinha dado um veredicto contra as Honradas Madres. A lei e seus administradores não tinham prevalecido para as caçadoras. Suspeitou que sua visão lhe tinha mostrado dois dos jurados. E se fossem Dançarinos Faciais, não seriam os de Scytale. Aquelas duas pessoas por trás da trêmula rede não pertenciam a ninguém, a não ser a si próprias.

As maiores falhas de governo nascem do medo de efetuar mudanças internas radicais mesmo quando obviamente necessárias.

— Darwi Odrade

Para Odrade, a primeira melange da manhã era sempre diferente. O corpo reagia como um esfomeado agarrando um fruto doce. Depois vinha a restauração lenta, penetrante e dolorosa.

Esse era o aspecto assustador do vício da melange.

Ficou de pé junto à janela do quarto de dormir, esperando que o efeito passasse. Notou que a Meteorologia havia conseguido mais uma chuva matinal. A paisagem fora lavada, tudo estava imerso em névoa romântica, os contornos indistintos, e reduzidos a essências, como velhas memórias. Abriu a janela. Um ar frio e úmido soprou-lhe no rosto, envolvendo-a em recordações, como alguém que veste uma roupa familiar.

Respirou fundo. O cheiro após a chuva! Recordou o essencial da vida, ampliado e suavizado por água caindo, mas essa chuva era

diferente. Deixava um cheiro de pederneira que sentia no paladar.

Odrade não gostava disso. A mensagem não era de algo lavado, limpo, e sim da vida ressentida, querendo que parasse toda a chuva, e fosse trancada em algum lugar. Essa chuva não mais suavizava e trazia a plenitude. Possuía a consciência inevitável de mudança.

Odrade fechou a janela. Encontrou-se logo de volta ao cheiro familiar de seus aposentos, e o aroma constante de shere proveniente dos implantes dosados exigidos em todos que conhecessem a localização da Sede da Irmandade. Ouviu Streggi entrar, e o leve roçar dos mapas do deserto sendo mudados. „

Um som eficiente nos movimentos de Streggi. Semanas de convívio confirmaram a primeira opinião de Odrade. Confiável. Não era brilhante, mas era extremamente sensível às necessidades da Madre Superiora. Veja como seus movimentos são silenciosos. Se a sensibilidade de Streggi fosse transferida para as necessidades do

jovem Teg, teriam a altura e mobilidade por ele requeridas. *Um cavalo? Muito mais.*

A assimilação de melange de Odrade alcançou o ponto culminante e entrou em declínio. O reflexo de Streggi na janela mostrava que estava aguardando instruções. Sabia que esses momentos eram dedicados à especiaria. Na fase em que se encontrava, deveria estar ansiosa pelo dia em que ingressasse nessa intensificação misteriosa.

“Desejo que se dê bem.”

A maioria das Reverendas Madres seguia os ensinamentos, e raramente pensava na especiaria como sendo um vício. Odrade sabia todas as manhãs exatamente o que era. Tomavam a especiaria durante o dia atendendo às solicitações do corpo, de acordo com os padrões do treinamento inicial: dose mínima, só o bastante para aguçar o sistema metabólico e levá-lo ao máximo de desempenho. As necessidades biológicas entrosam-se melhor com melange. A comida tem melhor sabor. Fora um acidente ou assalto fatal, vive-se muito mais do que sem melange. Mas é um vício.

Uma vez o corpo restaurado, Odrade piscou os olhos e observou Streggi. A curiosidade sobre o longo ritual matinal era

evidente. Dirigindo-se à imagem de Streggi na janela, Odrade disse:

— Você aprendeu sobre a retirada de melange?

— Sim, Madre Superiora.

Apesar dos avisos para não espalhar o conhecimento do caráter vicioso da droga, este estava sempre presente na consciência de Odrade, e ela sentia os ressentimentos acumulados.

A preparação mental como acólita (impressa com grande força na Agonia) fora corroída pela Outra Memória e pela acumulação do tempo. A advertência: “A retirada remove um elemento essencial de

sua vida, e se ocorrer no final da meia-idade, pode matá-la.” Como isso era irrelevante agora.

— A retirada significa muito para mim — disse Odrade. —

Sou uma dessas para quem a melange matinal é dolorosa. Tenho certeza que lhe disseram que isso acontece.

— Sinto muito, Madre Superiora.

Odrade estudou o mapa. Mostrava uma ponta mais comprida de deserto alongando-se para o norte, e um alargamento pronunciado de terras áridas para o sudeste da Central, onde Sheeana tinha sua estação. Em seguida, voltou a contemplar Streggi, que observava a Madre Superiora com mais interesse.

“Assustada com a idéia do lado mau da especiaria!”

— A singularidade da melange é raramente levada em consideração em nossa época — disse Odrade. — Todos os narcóticos antigos que os humanos usaram, exceto a especiaria, têm um fator extraordinário em comum. Todos encurtaram a vida e causaram dor.

— Assim nos disseram, Madre Superiora.

— Mas provavelmente não lhe disseram que um fato de domínio pode ser obscurecido pela nossa preocupação com as Honradas Madres. Existe nos governos uma ganância de energia (sim, mesmo no nosso), que pode jogá-la numa armadilha. Se você me servir, sentirá isso em suas entranhas, porque todas as manhãs me verá sofrer. Deixe o conhecimento dessa armadilha fatal penetrar em seu íntimo. Não se torne uma traficante insensível, presa a um sistema que substitui a vida por uma morte indiferente, como fazem as Honradas Madres. Lembre-se: podem-se cobrar

impostos sobre narcóticos aceitáveis, a fim de pagar salários ou criar empregos para funcionários irresponsáveis.

Streggi pareceu confusa. — Mas a melange prolonga nossa vida, melhora a saúde, e desperta o apetite para...

Foi interrompida pelo aspecto severo de Odrade.

“Perfeitamente de acordo com o Manual das Acólitas!”

— Tem esse outro lado, Streggi, que você vê em mim. O

Manual das Acólitas não mente. Mas a melange é um narcótico e nós somos viciadas.

— Sei que não é de efeito suave para todo mundo, Madre Superiora. Mas disse que as Honradas Madres não a usam.

— O substituto que usam em lugar da melange traz alguns benefícios, exceto o de evitar as agonias da retirada e a morte. É

um viciador paralelo.

— E a prisioneira?

— Murbella costumava usá-lo, e agora usa melange. São permutáveis. Interessante?

— Eu... imagino que vamos aprender mais sobre isso. Notei, Madre Superiora, que nunca se refere a elas como prostitutas.

— Como as acólitas fazem? Ah, Streggi, Bellonda está sendo uma influência má. Oh, reconheço as pressões. — Streggi ensaiou um protesto. — As acólitas sentem a ameaça. Olham a Sede e imaginam que é sua fortaleza, para a longa noite das prostitutas.

— E mais ou menos assim, Madre Superiora — Uma grande hesitação.

— Streggi, este planeta é somente mais outro lugar temporário. Hoje iremos para o sul e convenceremos vocês disso.

Por favor, procure Tamalane e diga-lhe que tome as providências que já discutimos para nossa visita a Sheeana. Não comente isso com ninguém mais.

— Sim, Madre Superiora. Quer dizer que vou acompanhá-la?

— Quero você ao meu lado. Diga àquela que você está treinando que agora está encarregada de meu mapa.

Quando Streggi saiu, Odrade pensou em Sheeana e Idaho.

“Ela quer falar com ele, e ele quer falar com ela.”

A análise dos televigias registrara que esses dois conversavam às vezes por sinais manuais, escondendo a maior parte dos movimentos com os próprios corpos. Parecia uma linguagem Atreide antiga de batalha. Odrade reconhecia uma parte, mas não o bastante para determinar o conteúdo. Bellonda queria uma explicação de Sheeana. — Segredos! — Odrade era mais cautelosa. — Deixe que continuem um pouco. Talvez surja alguma coisa interessante.

“O que é que Sheeana quer?”

O que quer que Duncan pensasse, dizia respeito a Teg. Criar a dor necessária para que Teg recuperasse suas memórias originais era o que Duncan não queria fazer.

Odrade notara isso, quando interrompera Duncan em sua mesa de comando no dia anterior.

— Você está atrasada, Dar. — Sem levantar os olhos do que estava fazendo. “Atrasada? A noite apenas começara.”

Vinha chamando-a de Dar com freqüência há vários anos, uma ferroada, um indício de que não gostava de viver como peixe em aquário. A ferroada irritou Bellonda, que criticou “sua infernal familiaridade”. Ele chamava Bellonda de “Bell”, naturalmente.

Duncan era generoso com suas agulhadas.

Lembrando-se disso, Odrade parou, antes de entrar na sala de trabalho. Duncan dera um murro no balcão junto à mesa de comando. — Tem de haver uma coisa melhor para Teg!

“Uma coisa melhor? O que ele está pensando?”

Um movimento no corredor do outro lado da sala de trabalho interrompeu o fluxo de pensamentos. Streggi, voltando de Tamalane. A jovem entrou na Sala de Plantão das Acólitas. “Dando instruções a sua substituta sobre o mapa do deserto.”

Uma pilha de registros do Arquivo aguardava Odrade em sua mesa. “Bellonda!” Odrade encarou a pilha. Por mais que tentasse delegar trabalho, havia sempre esse resíduo organizado que suas conselheiras insistiam em submeter à Madre Superiora. A maior parte desse novo lote era conseqüência da exigência de Bellonda de “sugestões e análises”.

Odrade manipulou a mesa de comando. — Bell!

A voz de uma escrivã dos Arquivos respondeu: — Madre Superiora?

— Mande Bell aqui! Quero que esteja aqui, à minha frente, o mais depressa possível para aquelas pernas gordas!

Levou menos de um minuto. Bellonda postou-se em frente à mesa de trabalho como uma acólita que tivesse sido repreendida.

Todas conheciam esse tom de voz da Madre Superiora.

Odrade tocou a pilha sobre a mesa e tirou abruptamente a mão, como se tivesse recebido um choque. — Em nome de Shaitan, o que é isso tudo?

— Achamos que era importante.

— Acha que tenho de ver tudo e qualquer coisa? Onde estão as anotações dos pontos principais? É muita negligência, Bell! Não sou uma idiota, nem você. Mas isso... vendo isso...

— Delego tudo que...

— Delega? Olhe isso aqui! O que tenho de ver, e o que posso delegar? Não tem nenhuma anotação!

— Vou providenciar imediatamente para que seja corrigido.

— E vai mesmo, Bell. Porque Tam e eu vamos hoje para o sul, uma inspeção sem avisar, e uma visita a Sheeana. E enquanto estiver fora, você vai sentar em minha cadeira. Vamos ver se vai gostar desse dilúvio diário!

— Vai ficar em contato?

— Usarei uma linha de luz e um comunicador Áudio-V todo o tempo. Bellonda respirou aliviada.

— Sugiro, Bell, que volte aos Arquivos e deixe alguém encarregado de assumir a responsabilidade. Vocês estão começando a agir como verdadeiras burocratas. Só querem se defender!

— Os barcos de verdade balançam, Dar.

Bell, tentando ser engraçada? Nem tudo estava perdido!

Odrade moveu a mão sobre o projetor e lá estava Tamalane, no Hall de Transportes. — Tam?

— Sim? — Sem desviar a atenção de uma lista de tarefas.

— Quando podemos partir?

— Dentro de umas duas horas.

— Chame quando estiver pronta. Oh, Streggi vai conosco.

Arranje lugar para ela. — Odrade apagou a projeção antes que Tamalane pudesse responder.

Odrade sabia que havia muito a fazer. Tam e Bell não eram os únicos motivos de preocupação da Madre Superiora.

“Restam-nos dezesseis planetas... e isso incluindo Buzzell, um lugar que decididamente está em perigo. Só dezesseis!” Afastou esse pensamento. Não tinha tempo para isso.

“Murbella. Será que devo chamá-la e... Não. Isso pode esperar. O novo Conselho de Instrutoras? Bell pode tomar conta disso. Dispersão de comunidades?”

A transferência de pessoal para uma nova Dispersão forçara consolidações. “Ficar à frente do deserto!” Era deprimente, e não se achava capaz de enfrentar isso hoje. “Fico sempre inquieta antes de uma viagem.”

De repente, Odrade saiu correndo da sala de trabalho e percorreu os corredores, observando o desempenho de suas protegidas, parando no vão das portas, notando o que as estudantes estavam lendo, como se comportavam nos eternos exercícios prana-bindu.

— O que está lendo? — perguntou a uma jovem acólita de segundo grau em frente a um projetor na sala semi-escura.

— Os diários de Tolstoi, Madre Superiora.

O brilho malicioso nos olhos da acólita dizia: “Tem as palavras dele diretamente na Outra Memória?” A pergunta estava ali, bem na ponta da língua dela! Estavam sempre experimentando esses gambitos tolos quando a encontravam a sós.

— Tolstoi era um nome de *família!* — Odrade retrucou. —

Como mencionou diários, presumo que esteja se referindo ao Conde Leo Nikolaievich.

— Sim, Madre Superiora. — Envergonhada e ciente da censura. Acalmando-se, Odrade citou para a jovem: — “Não sou um rio, sou a rede.” Ele disse isso em Iasnaia Poliana quando tinha só 11 anos. Não vai encontrar essas palavras nos diários, mas provavelmente são as palavras mais importantes que jamais pronunciou.

Odrade virou as costas antes que a acólita pudesse lhe agradecer. “Sempre ensinando!”

Desceu, então, até as cozinhas principais e as inspecionou, passando o dedo nas bordas internas das panelas para ver se estavam gordurosas, notando a maneira cautelosa até do cozinheiro-chefe observando seus passos.

A cozinha recendia a bons aromas dos preparativos para o almoço. Havia o ruído revigorante de golpes de facas e coisas sendo misturadas, mas as brincadeiras pararam assim que entrou.

Contornou o longo balcão com cozinheiros atarefados e dirigiu-se à plataforma elevada do cozinheiro-instrutor. Era um homem alto e corpulento, as maçãs do rosto proeminentes, as faces tão vermelhas quanto as carnes sobre as quais presidia. Odrade não tinha dúvida alguma que era um dos grandes mestres de cozinha da História. O nome lhe assentava bem: Plácido Salat.

Ocupava um lugar especial garantido nos pensamentos dela por várias razões, incluindo o fato de que treinara sua cozinheira pessoal. Visitas importantes, nos tempos antes das Honradas Madres, eram levadas para ver a cozinha e provar pratos especiais.

— Deixe-me apresentar nosso chefe da cozinha, Plácido Salat! Seu bife plácido (com minúscula, a seu pedido) era motivo de inveja de muitos. Quase cru, e servido com um molho de ervas e mostarda picante, que não obscurecia a carne.

Odrade achava o prato por demais exótico, mas nunca dissera nada em voz alta.

Quando Salat lhe deu toda a atenção (após uma ligeira interrupção para corrigir um molho), Odrade disse: — Estou com vontade de comer algo especial, Plácido.

Conhecia o prólogo.Era sempre assim que começava quando queria pedir seu “prato especial”.

— Talvez ostras ensopadas — sugeriu.

“É uma dança”, pensou Odrade. Ambos sabiam o que ela queria. — Excelente! — concordou, e prosseguiu com a performance de praxe. — Mas têm de ser tratadas com carinho,

Plácido, as ostras não podem cozinhar demais. Um pouco de nosso aipo em pó no caldo.

— E talvez um pouquinho de páprica?

— Prefiro sempre assim. Tome muito cuidado com a melange. Só um pinguinho, nada mais.

— Claro, Madre Superiora! — Virou os olhos, horrorizado com a idéia de usar melange demais. — É tão fácil a especiaria predominar.

— Cozinhe as ostras em caldo de mariscos, Plácido. Prefiro que você mesmo faça isso, mexendo devagar até as beiras das ostras começarem a encrespar.

— Nem um segundo a mais, Madre Superiora.

— Esquente um leite bem cremoso em separado. Não deixe que ferva! Plácido demonstrou espanto de que alguém pudesse suspeitar de ele ferver o leite para o ensopado de outras.

— Um pedacinho pequeno de manteiga na travessa em que for servir — disse Odrade. — E despeje o caldo misturado.

— Sem vinho xerez?

— Que bom que você está, pessoalmente, tomando conta de meu prato especial, Plácido. Esqueci do xerez. (A Madre Superiora jamais esquecia alguma coisa, e todos sabiam disso, mas era mais um passo de dança.)

— Três onças de xerez no caldo — disse ele.

— Esquente para dissipar o álcool.

— É claro! Mas não podemos esmagar os temperos. Vai querer *croutons* ou *crackers?*

— *Croutons,* por favor.

Sentada à mesa em uma saleta, Odrade comeu dois pratos de ensopado de ostras, recordando como a Filha do Mar costumava saboreá-lo. Papai a apresentara a esse prato quando mal conseguia levar a colher à boca. Ele mesmo fazia o ensopado, era sua especialidade. Odrade o ensinara a Salat.

Elogiou o vinho.

— Gostei de sua escolha de um Chablis como acompanhamento.

— Um Chablis com personalidade e um ligeiro sabor acre, Madre Superiora. Uma de nossas melhores safras. Realça o sabor das ostras de forma espetacular.

Tamalane a encontrou na saleta. Sempre sabiam onde encontrar a Madre Superiora quando precisavam dela.

— Estamos prontas. — Seria desagrado, aquela expressão no rosto de Tam?

— Onde vamos ficar hoje à noite?

— Eldio.

Odrade sorriu. Gostava de Eldio.

“Tam tratando bem de mim porque estou muito crítica? Talvez possa me divertir um pouco.”

Seguindo Tamalane à estação de transportes, Odrade pensou como era típico da mulher mais velha preferir viajar por tubo.

Viagens na superfície a irritavam. — Quem quer perder tempo na minha idade?

Odrade não gostava de tubos para transporte pessoal.

Sentia-se tão fechada e indefesa! Preferia a superfície ou o ar, e usava tubos somente quando era urgente ser veloz. Não tinha a menor hesitação em usar tubos menores para bilhetes e mensagens. “As mensagens não se importam, desde que cheguem lá.”

Essa idéia sempre lhe trazia à consciência a rede que se adaptava a seus movimentos onde quer que fosse.

Em algum lugar, no coração das coisas (havia sempre um

“coração das coisas”), um sistema automatizado traçava o trajeto das comunicações e assegurava (a maior parte do tempo) que mensagens importantes chegassem a seu destino.

Quando não havia necessidade do Transporte Privado (todo mundo o chamava de TP), podiam-se usar reproduções ou visual por meio de separadores misturados e linhas de luz. Fora do planeta era outro problema, especialmente nessa época de caça. O mais seguro era mandar uma Reverenda Madre com mensagens memorizadas ou implantes distrans. Hoje em dia todos os mensageiros tomavam doses maiores de shere. As sondas-T

podiam ler até uma mente morta que não fosse protegida por shere.

Todas as mensagens para fora do planeta eram criptografadas, mas algum inimigo poderia descobrir a única cobertura que as escondia.

Alto risco fora do planeta. Talvez fosse por isso que o Rabino continuava calado.

“Mas por que estou pensando nisso agora?”

— Alguma notícia de Dortujla? — perguntou, quando Tamalane se preparava para entrar na roda de Transporte, onde os outros membros do grupo aguardavam. Tantas pessoas. Por que tantas? Odrade viu Streggi mais à frente, na beira da ponte, falando com uma acólita de Comunicações. Havia pelo menos mais outras seis pessoas de Comunicações nas proximidades.

Tamalane virou-se, evidentemente irritada. — Dortujla! Todo mundo já lhe disse que a avisaremos assim que tivermos alguma notícia! — Só estava perguntando, Tam. Só perguntando.

Documente, Odrade seguiu Tamalane, entrando no Transporte “Eu deveria colocar um monitor na mente e questionar tudo que surgisse “ Havia sempre uma razão forte para as instruções mentais. Essa era a maneira Bene Gesserit, como Bellonda lembrava com freqüência.

Odrade ficou surpresa consigo mesma, entendendo então que estava mais do que farta das maneiras Bene Gesserit.

“Que Bell se preocupe com essas coisas, para variar!” Estava na hora de flutuar, livre, de reagir como um fogo-fátuo às correntes à sua volta.

A Filha do Mar conhecia as correntes.

O tempo não conta a sua passagem. Basta olhar um círculo, par a que isso seja evidente.

— Leto II (O Tirano)

— Veja só! Veja o que aconteceu conosco! — O Rabino gemeu. Estava sentado de pernas cruzadas no frio chão curvo, com o xale

cobrindo a cabeça e quase escondendo o rosto.

A sala onde estava era sombria e ecoava pequenos ruídos de maquinaria que faziam com que se sentisse enfraquecido. Se ao menos esse barulho parasse!

Rebecca estava de pé em frente a ele, com as mãos nos quadris, um ar de frustração cansada espelhada no rosto.

— Não fique aí assim! — o Rabino ordenou. Espiou-a por debaixo do xale.

— Se se desesperar, não estaremos perdidos? — ela perguntou.

O som da voz dela o enfureceu, e levou uns momentos para afastar essa emoção indesejada.

“Ela ousa me dar instruções? Mas não foi dito por homens mais sábios que a sabedoria pode vir de uma erva daninha?” Um imenso suspiro o fez estremecer, e deixou cair o xale para os ombros. Rebecca ajudou-o a ficar de pé.

— Uma não-sala — o Rabino resmungou. — Aqui, nos escondemos de... — Dirigiu o olhar para o teto escuro. — Melhor não dizer nada, mesmo aqui.

— Estamos nos escondendo do que não pode ser mencionado — disse Rebecca.

— A porta nem ao menos pode ficar aberta na Páscoa — ele disse. — Como é que o Estranho vai entrar?

— Não queremos certos estranhos — disse ela.

— Rebecca. — Baixou a cabeça. — Você é mais que uma provação e um problema. Essa pequena célula do Israel Secreto compartilha seu exílio porque compreendemos que...

— Pare de dizer isso! Não compreende nada do que aconteceu comigo. Meu problema? — Inclinou-se bem perto dele. —

E permanecer humana estando em contato com todas aquelas vidas passadas.

O Rabino encolheu-se.

— Então você não é mais uma de nós? Agora é uma Bene Gesserit?

— Saberá quando eu for uma Bene Gesserit. Vai me ver olhando para mim mesma como eu me olho.

Ele franziu as sobrancelhas. — O que está dizendo?

— Um espelho olha o quê, Rabino?

— Hmmmmm! Charadas... — Mas um ligeiro sorriso repuxou-lhe os lábios. Um olhar determinado voltou a seus olhos.

Olhou em volta de si. Havia oito deles aqui — mais do que o espaço comportava. “Uma não-sala!” Tinha sido montada a duras penas e

contrabandeada pedaço por pedaço. Tão pequena, 12,5m de comprimento. Ele mesmo medira. O formato de um antigo barril colocado de lado, oval em corte transversal e com tampas semicirculares nas pontas. O teto se erguia a não mais de 1m sobre sua cabeça. O ponto mais alto no centro não excedia 5m e as curvas do chão e do teto faziam parecer que era ainda menos.

Alimentos desidratados e água reciclada. Era com isso que tinham de sobreviver, e por quanto tempo? Um AP talvez, se não fossem encontrados. Não confiava na segurança desse invento. Aqueles ruídos esquisitos na maquinaria.

O dia já estava no fim quando se arrastaram para esse buraco. Lá fora certamente já estava escuro. E onde estava o resto de seu povo? Fugira para qualquer abrigo que pudera encontrar, cobrando

dívidas antigas e compromissos honrados por serviços prestados. Alguns iriam sobreviver. Talvez sobrevivessem melhor que esse restinho aqui.

A entrada da não-sala estava escondida embaixo de um depósito de cinzas, com uma chaminé ao lado. O metal que reforçava a chaminé continha fios de cristal riduliano para repassar cenas de fora para o interior. Cinzas! A sala ainda recendia a coisas queimadas, e já começava a adquirir um cheiro de esgoto vindo da pequena câmara de reciclagem. Que eufemismo para um vaso sanitário!

Alguém se aproximou por detrás do Rabino. — O grupo de busca está indo embora. Foi sorte termos sido avisados a tempo.

Era Joshua, que tinha construído essa sala. Era um homem baixo e esbelto, com um rosto triangular que terminava em um queixo fino. Cabelos escuros caíam sobre a testa larga. Tinha olhos castanhos bem separados, que olhavam seu mundo remoendo tudo internamente, o que criava desconfiança no Rabino. “Parece jovem demais para saber tanto sobre tudo isso.”

— Então estão indo embora — disse o Rabino. — Vão voltar.

Aí não vai achar que temos tanta sorte.

— Não vão adivinhar que nos escondemos tão perto da fazenda — disse Rebecca. — O grupo de busca estava pilhando, mais que qualquer outra coisa.

— Ouçam a Bene Gesserit — disse o Rabino.

— Rabino! — Que tom de repreensão na voz de Joshua. —

Não o ouvi dizer muitas vezes que abençoados são aqueles que escondem os defeitos dos outros mesmo de si próprios?

— Todo mundo agora é professor! — o Rabino disse. — Mas quem vai nos dizer o que vai acontecer agora?

Mas tinha que admitir a verdade das palavras de Joshua. “É a angústia de nossa fuga que me perturba. Nossa pequena diáspora.

Mas não estamos nos espalhando de Babilônia. Estamos escondidos em... um porão de proteção contra ciclones!”

A idéia o revigorou. “Os ciclones passam.”

— Quem está encarregado da comida? — perguntou. —

Devemos racionar tudo desde o começo.

Rebecca suspirou de alívio. O Rabino ficava pior nas grandes oscilações, emocional demais, ou intelectual demais. Estava sob controle de novo. Ia ficar intelectual demais em seguida. Isso teria que ser controlado também. A consciência Bene Gesserit lhe dava uma nova perspectiva das pessoas a seu redor. “Nossa suscetibilidade judaica. Olhe os intelectuais!”

Era uma idéia característica da Irmandade. As desvantagens para qualquer pessoa que confiasse muito nos feitos intelectuais eram imensas. Não podia negar toda a evidência da horda de Lâmpadas. A voz dentro de si confrontava com isso sempre que hesitava.

Rebecca quase chegara a gostar de perseguir as fantasias da memória, como as chamava. O conhecimento de épocas anteriores a forçava a negar seu próprio passado. Fora obrigada a acreditar em tantas coisas, que agora as considerava bobas. Mitos e quimeras, impulsos de comportamento extremamente infantil.

“Nossos deuses deveriam amadurecer, como nós.”

Rebecca reprimiu um sorriso. A voz dentro de si fazia isso com ela, muitas vezes — uma cutucada nas costelas, vinda de alguém que sabia que você ia apreciá-la.

Joshua voltara a seus instrumentos. Viu que alguém estava fazendo uma revisão do catálogo do estoque de alimentos. O

Rabino observava isso com sua habitual intensidade. Os outros

haviam se enrolado nos cobertores e estavam dormindo nos catres no lado escuro da sala. Vendo tudo isso, Rebecca reconheceu qual deveria ser sua função. “Evitar o tédio.”

“O mestre de jogos?”

“A não ser que tenha uma sugestão melhor, não tente me falar sobre meu próprio povo, Oradora.”

Seja o que for que pudesse dizer sobre essas conversas interiores, não havia dúvida de que todas as peças estavam ligadas

— o passado com essa sala, essa sala com suas projeções das conseqüências. E isso era uma grande dádiva das Bene Gesserit.

“Não pense no ‘Futuro’. Predestinação? Então o que acontece com a liberdade que lhe é dada quando nasce?”

Rebecca encarou seu próprio nascimento sob outro aspecto.

Isso a tinha lançado em um movimento em direção a um destino desconhecido. Cheio de perigos ocultos e de alegrias. Então, tinha seguido uma curva do rio e encontrado atacantes. A próxima curva poderia revelar uma cachoeira, ou um panorama de beleza pacífica.

E aqui estava o encantamento mágico da presciência, o chamariz a que sucumbiram Muad’Dib e seu filho Tirano. “O oráculo sabe o que virá!” A tribo de Lâmpadas lhe ensinara a não buscar oráculos. O

que era conhecido podia assediá-la mais que o desconhecido. A doçura do que é novo residia em suas surpresas. Será que o Rabino via isso?

“Quem vai nos dizer o que vai acontecer agora?, ele pergunta.

“É isso que quer, Rabino? Não vai gostar do que vai ouvir.

Garanto. Do momento em que o oráculo falar, seu futuro se tornará idêntico a seu passado. Como se lamentaria em seu tédio. Nada de novo, nunca. Tudo velho, naquele instante de revelação.

“Mas não era isso que eu queria!, posso ouvi-lo dizendo.

“Nenhuma brutalidade, nenhuma selvageria, nenhuma calma felicidade nem alegria explosiva pode lhe acontecer inesperadamente. Como um trem-tubo descontrolado em seu túnel, sua vida correrá impetuosa para o momento do confronto final.

Como uma borboleta presa em um carro, baterá as asas contra as paredes e pedirá ao destino que a solte. — Que o tubo mude de

direção, por mágica. Que alguma coisa aconteça! Não deixe que essas coisas horríveis que vi aconteçam!”

De repente, ela viu que esse deveria ter sido o esforço penoso de Muad’Dib. A quem dirigira suas preces?

— Rebecca! — Era o Rabino chamando-a.

Foi até onde ele estava, agora junto do homem mais jovem, olhando o mundo escuro lá fora, revelado pela pequena projeção acima dos instrumentos de Joshua.

— Vem aí uma tempestade — disse o Rabino. — Joshua acha que transformará as cinzas em cimento.

— Isso é bom — ela disse. — É por isso que construímos aqui e deixamos a saída destampada quando entramos.

— Mas como saímos daqui?

— Temos ferramentas para isso — disse ela. — E mesmo sem ferramentas, sempre temos as mãos.

Um princípio básico guia a Missionária Protectiva: instrução propositada das massas. Isso é baseado firmemente em nossa

crença de que a finalidade de um argumento deve ser a de mudar a natureza da verdade. Nessas questões, preferimos o uso do poder ao da força.

— O Coda

Para Duncan Idaho, a vida na não-nave adquirira o aspecto de um jogo estranho, desde o advento de sua visão e percepção do comportamento das Honradas Madres. A entrada de Teg no jogo fora uma medida enganadora, não apenas a introdução de mais um jogador.

Ficou de pé junto à mesa de comando essa manhã e reconheceu elementos nesse jogo que eram um paralelo à sua própria infância ghola na Fortaleza Bene Gesserit em Gammu, com o idoso Bashar como guardião-mestre de armas.

Educação. Era uma preocupação fundamental naquela época, como ainda agora. E as guardas, em geral muito discretas na não-nave, mas sempre presentes, como em Gammu. Ou seus dispositivos de espionagem presentes, artisticamente camuflados e em harmonia com a decoração. Havia ficado perito em eludi-las em Gammu. Aqui, com o auxílio de Sheeana, fizera da evasão uma grande arte.

A atividade ao seu redor fora reduzida a um nível baixo.

Guardas não carregavam armas. Mas eram, na maioria, Reverendas Madres com algumas acólitas mais velhas. Não acreditavam que precisassem de armas.

Algumas coisas na não-nave contribuíam para dar uma ilusão de liberdade, principalmente o tamanho e a complexidade. A nave era grande, não podia determinar o tamanho, mas tinha acesso a muitos andares e corredores que se estendiam por mais de mil passos.Tubos e túneis, canos de acesso que o conduziam em cápsulas suspensoras, calhas de descida rápida e ascensores, vestíbulos convencionais e amplos corredores com escotilhas que se abriam assobiando a um toque (ou permaneciam fechadas:

Proibido!) — era todo um lugar para ser trancado na memória, tornando-se lá seu próprio terreno, privativo, de maneira muito diferente do que era para as guardas.

A energia necessária a fim de trazer a nave para o planeta e mantê-la era indício de um grande compromisso. A Irmandade não podia calcular o custo em nenhuma das maneiras usuais. O

controlador da tesouraria da Bene Gesserit não lidava somente com tentos monetários. Nada de Solar ou moeda equivalente. Bancavam no povo, em alimentos, em pagamentos devidos às vezes por milênios, pagamentos esses muitas vezes em espécie — tanto materiais quanto lealdades.

“Pague, Duncan! Estamos cobrando sua promissória!”

Essa nave não era só uma prisão. Considerara várias projeções Mentat. Primeira: era um laboratório onde as Reverendas Madres procuravam um meio de anular a capacidade de uma não-nave de confundir os sentidos humanos.

“Um tabuleiro de jogo na não-nave — enigma e colméia.

Tudo isso para guardar três prisioneiros? Não. Tinha de haver outras razões.”

O jogo tinha regras secretas, algumas só podia adivinhar.

Mas achou tranqüilizador quando Sheeana entrou no espírito da coisa. “Sabia que ela teria seus próprios planos. Óbvio quando começou a praticar as técnicas das Honradas Madres. Polindo meus aprendizes!”

Sheeana queria informações íntimas de Murbella e muito mais — suas memórias de pessoas que havia conhecido em suas muitas vidas, especialmente memórias do Tirano.

“E eu quero informações sobre as Bene Gesserit.”

A Irmandade o mantinha em atividade mínima. Frustrando-o para aumentar as habilidades Mentat. Não estava no coração daquele problema maior que pressentia fora da nave. Fragmentos tantalizantes chegavam até ele quando Odrade o deixava vislumbrar a situação difícil da Irmandade, através de suas perguntas.

Suficiente para oferecer novas premissas? Só com acesso a dados que sua mesa de comando se recusava a mostrar.

Era seu problema também, que diabos! Estava em uma cela dentro da cela delas. Todos sem saída.

Odrade estivera em frente dessa mesa de comando numa tarde na semana anterior e afirmara com segurança que as fontes de dados da Irmandade estavam “abertas” para ele. Tinha estado ali mesmo, de costas para o balcão, encostada displicentemente, braços cruzados no peito. Às vezes sua semelhança com Miles Teg adulto era fantástica. Até com relação àquela necessidade (seria uma compulsão?) de ficar em pé enquanto falava. Também não gostava de cadeiras-cão.

Ele sabia que tinha uma compreensão muito vaga de seus motivos e planos. Mas não confiava neles. Não depois de Gammu.

Engodo e isca. Era assim que o tinham usado. Tivera sorte de não ter seguido o caminho de Duna — uma casca morta.

Consumida pelas Bene Gesserit.

Quando ficava irrequieto assim, Idaho preferia esparramar-se na cadeira da mesa de comando. Às vezes sentava ali durante horas, imóvel, a mente tentando abranger as complexidades dos potentes recursos de dados da nave. O sistema podia identificar qualquer ser humano dentro dele. “Portanto tem monitores automáticos.” Tinha que saber quem estava falando, fazendo exigências, assumindo o comando temporário.

“Os circuitos de vôo desafiam minhas tentativas de romper as trancas. Desligados?” Era o que as guardas diziam. Mas a maneira em que a nave identificava quem penetrasse nos circuitos — sabia que aí estava a chave!

Será que Sheeana o ajudaria? Era perigoso confiar demais nela. Às vezes, quando ela o observava na mesa de comando, lembrava-se de Odrade. “Sheeana era discípula de Odrade.” Isso dava o que pensar.

Que interesse elas tinham em seu modo de usar os sistemas da nave? Como se fosse necessário perguntar!

No seu terceiro ano aqui, fizera o sistema esconder dados para ele, e isso com suas próprias teclas. Para frustrar a espionagem dos televigias, fez tudo abertamente. Inserções óbvias para futura recuperação, mas com uma segunda mensagem criptografada. Fácil para um Mentat e útil principalmente como um truque, explorando o potencial dos sistemas da nave. Fizera uma armadilha e mandara os dados para um depósito aleatório, sem esperança de recuperação.

Bellonda desconfiou, mas quando o interrogou, ele apenas sorriu. “Escondo minha história, Bell. Minha série vive como ghola —

todos eles até o original não-ghola. Coisa íntimas de que me lembro sobre essas experiências: um depósito para memórias pungentes.”

Sentado agora à mesa de comando, tinha sentimentos confusos. O encarceramento o exasperava. Apesar do tamanho e da riqueza de sua prisão, não passava de uma prisão. Sabia, já há algum tempo, que era bem provável que pudesse escapar, mas Murbella e seu próprio conhecimento cada vez maior da difícil situação de ambos o impediam. Sentia-se tão preso por seus pensamentos quanto pelo elaborado sistema representado pelas guardas e esse dispositivo monstruoso. A não-nave era um dispositivo, é claro. Uma ferramenta. Uma maneira de se mover invisivelmente em um

universo perigoso. Um meio de esconder pessoas e suas intenções até dos prescientes em busca.

Com a perícia acumulada em muitas vidas, olhava a seu redor através de uma tela de sofisticação e ingenuidade. Os Mentats cultivavam a ingenuidade. Pensar que se sabe alguma coisa é a maneira mais segura de se tornar cego. Não era a maturidade que aos poucos ia freando a capacidade de aprender (ensinavam isso aos Mentats), e sim o acúmulo de “coisas que sei”.

Fontes novas de dados que a Irmandade lhe facilitara (se é que podia confiar nelas) despertavam perguntas. Como era organizada a oposição às Honradas Madres na Dispersão? É claro que havia grupos (hesitava em chamá-los de poderes) que caçavam Honradas Madres da mesma maneira que as Honradas Madres caçavam as Bene Gesserit. Matavam, também, se aceitasse a evidência de Gammu.

Futares e Treinadores? Fez uma Projeção Mentat: uma ramificação Tleilaxu na primeira Dispersão realizara manipulações genéticas. Aqueles dois em sua visão: seriam eles que criaram os Futares? Será que aqueles dois eram Dabçarubis Faciais?

Independentes dos Mestres Tleilaxu? As coisas não eram singulares na Dispersão.

Diabos! Precisava ter acesso a mais dados, a fontes potentes. As fontes atuais estavam longe de serem adequadas. Um instrumento de finalidade limitada, a mesa de comando poderia ser adaptada a necessidades muito mais amplas, mas suas adaptações estavam falhas. Precisava lançar-se como um Mentat!

“Acorrentaram-me, e isso foi um erro. Odrade não confia em mim? Ela é uma Atreide, desgraçada! Sabe o que devo a sua família.”“Mais de uma vida e a dívida nunca foi paga!”

Sabia que estava inquieto. Abruptamente, concentrou-se nisso. Inquietação Mentat! Sinal de que estava à beira de uma revelação.

Uma Projeção Primária. Alguma coisa que *não* lhe haviam dito sobre Teg?

Perguntas! Havia perguntas não-formuladas açoitando-o.

“Preciso de perspectiva!” Não necessariamente uma questão de distância. Pode-se adquirir perspectiva do próprio interior, se as perguntas contiverem poucas distorções.

Percebia que em alguma parte das experiências Bene Gesserit (talvez até nos Arquivos tão zelosamente guardados por Bell) jaziam as peças que faltavam. Bell apreciaria isso! Um companheiro Mentat reconheceria a excitação desse momento.

Seus pensamentos eram como peças de mosaico, a maior parte à mão e pronta para ser encaixada. Não era uma questão de soluções.

Podia ouvir seu primeiro professor Mentat, as palavras retumbando em sua mente: “Arranje suas perguntas em equilíbrio e jogue os dados temporários em um ou outro lado da balança. As soluções desequilibram qualquer situação. A falta de equilíbrio revela o que procura.”

Sim! Conseguir a falta de equilíbrio com perguntas sensibilizadas era um ato de malabarismo Mentat.

Alguma coisa que Murbella dissera a noite anterior — o quê?

Estavam na cama dela. Lembrava-se de ter visto a hora projetada no teto: 9:47. E pensara: “Essa projeção usa energia.”

Quase podia sentir o fluxo de energia da nave, esse cercado gigantesco recortado do Tempo. Maquinaria sem atritos para criar a presença mimética que nenhum instrumento podia distinguir do *background* natural. Exceto agora, quando estava de prontidão, protegida não contra os olhos, mas contra a presciência.

Murbella a seu lado: outra espécie de poder, ambos cientes da força tentando juntá-los. A energia que levava para suprimir

aquele magnetismo mútuo! A atração sexual crescendo, crescendo, crescendo.

“Murbella falando.” É, era isso. Extremamente auto-analítica.

Abordava sua vida com nova maturidade, Bene Gesserit —

consciência exacerbada e confiança de que algo muito forte crescia em seu interior.

Todas as vezes que reconhecia essa mudança Bene Gesserit, ficava triste. “Está mais próximo o dia de nossa separação.”

Mas Murbella falava. — Ela (Odrade era muitas vezes “ela”) fica me pedindo para avaliar meu amor por você.

Lembrando disso, Idaho deixou que se repetisse.

— Tentou o mesmo comigo.

— O que está dizendo?

— *“Odi et amo. Excrucior!”*

Apoiou-se no cotovelo e olhou para ele. — Que língua é essa? — Uma língua muito antiga que Leto me fez aprender uma vez. — Traduza. — Peremptória. Seu antigo ego de Honrada Madre. — Eu a odeio e a amo. E estou torturado.

— Você me odeia mesmo? — Incrédula.

— O que odeio é estar amarrado dessa maneira, não ser mestre do meu *self.*

— Você me deixaria se pudesse?

— Quero que a decisão ocorra de momento a momento.

Quero ter o controle dela.

— É um jogo em que uma das peças não pode ser movida.

Era isso! As palavras dela.

Recordando, Idaho não se sentiu exultante, mas como se os olhos tivessem de repente se aberto após um longo sono. “Um jogo em que uma das peças não pode ser movida. Jogo.” Sua visão da não-nave e do que a Irmandade aqui fazia.

Havia mais ainda na troca de palavras.

— A nave é a nossa escola especial — Murbella disse.

Só podia concordar. A Irmandade reforçava suas capacidades Mentat para peneirar dados e expor o que não tinha aparecido. Sentiu onde isso poderia levar e teve um profundo medo.

“Você desobstrui os condutos nervosos. Você bloqueia distrações e devaneios inúteis.”

Você reorientou suas respostas para aquele modo perigoso que todos os Mentats eram ensinados a evitar. Pode perder-se aí.

Levavam os estudantes para ver os vegetais humanos,

“Mentats fracassados”, mantidos vivos para demonstrar o perigo.

Mas como era tentador. Podia-se sentir o poder naquele modo. “Nada escondido. Tudo conhecido.”

Em meio àquele medo, com Murbella virando-se para ele na cama, sentiu as tensões sexuais tornarem-se quase explosivas.

“Ainda não. Ainda não!”

Um deles havia dito mais alguma coisa. O quê? Pensava sobre os limites da lógica como um instrumento para expor os motivos da Irmandade.

— Você procura analisá-los com freqüência? — Murbella perguntou. Extraordinário como fazia isso, dirigindo-se a seus pensamentos ocultos.

Ela negava que lia mentes. — Só leio você, meu ghola. Você é meu, e sabe disso.

— E vice-versa.

— É verdade. — Quase em tom de brincadeira, mas encobrindo algo mais profundo e complexo.

Havia uma cilada em qualquer análise da psique humana e ele disse isso. — Pensar que você sabe por que se comporta de certa maneira lhe dá toda espécie de desculpas para se comportar de maneira extraordinária.

“Desculpas por comportamentos extraordinários!” Mais uma peça para seu mosaico. Mais jogo, mas essas fichas eram culpa e recriminação.

A voz de Murbella era quase sonhadora. — Suponho que se possa racionalizar quase tudo, atribuindo-o a algum trauma.

— Racionalizar coisas como queimar planetas inteiros?

— Há uma espécie de autodeterminação brutal nisso. *Ela* diz que fazer escolhas definidas firma a psique e dá uma sensação de identidade da qual você pode depender sob estresse. Você concorda, meu Mentat?

— O Mentat não é seu. — A voz não demonstrava força.

Murbella riu e recostou-se no travesseiro. — Você sabe o que as Irmãs querem de nós, meu Mentat?

— Querem nossos filhos.

— Oh, muito mais que isso. Querem nossa participação voluntária em seu sonho.

“Outra peça do mosaico!”

Mas quem, além de uma Bene Gesserit, conhecia esse sonho? As Irmãs eram atrizes, sempre representando, deixando muito pouco do real transparecer através das máscaras. A pessoa real estava atrás de muros e era liberada em pequenas porções conforme necessário.

— Por que ela guarda aquele quadro antigo? — Murbella perguntou. Idaho sentiu os músculos do estômago se contraírem.

Odrade lhe trouxera um registro holográfico do quadro que guardava em seu quarto de dormir, *Chalés em Cordeville, de Vincent Van Gogh.* Acordando-o na cama, na hora das bruxas, no meio da noite, há quase um mês atrás.

— Você me perguntou sobre minha compreensão da humanidade, e aqui está ela. — Colocando o holograma em frente de seus olhos embaçados de sono. Sentou e olhou a coisa, tentando compreender. O que havia de errado com ela? Odrade parecia tão excitada.

Deixou o holo nas mãos dele enquanto acendia todas as luzes, dando ao quarto uma sensação de formas duras e imediatas, tudo vagamente mecânico, como era de esperar em uma não-nave.

Onde estava Murbella? Tinham ido dormir juntos.

Focalizou o holo e este o tocou de uma maneira indefinível, como se o ligasse a Odrade. “A compreensão dela de sua própria humanidade?” O holo estava frio em suas mãos. Ela o tomou e colocou-o na mesinha-de-cabeceira, onde ele ficou contemplando-o,

enquanto ela pegava uma cadeira e se sentava junto a sua cabeça.

Sentada? Alguma coisa a impelia a ficar perto dele!

— Foi pintado por um louco na Velha Terra — ela disse, quase encostando o rosto no dele enquanto ambos olhavam a cópia do quadro. — Veja só isso! Um momento humano encapsulado.

“Em uma paisagem? É, que diabos. Ela tinha razão.” Olhou fixamente o holo. “Que cores maravilhosas!” Não eram só as cores, era o todo.

— A maioria dos artistas modernos ia rir da maneira pela qual ele criou isso — disse Odrade.

“Por que não ficava calada enquanto ele olhava o quadro?”

— Foi um ser humano com uma capacidade máxima de registro — disse Odrade. — A mão humana, o olho humano, a essência humana focalizados na consciência de uma pessoa que testou os limites.

“Testou os limites!” Outra parte do mosaico.

— Van Gogh fez isso com os materiais e o equipamento mais primitivos. — Parecia quase bêbada. — Pigmentos que um homem das cavernas reconheceria! Pintados em um tecido que poderia ter feito com as próprias mãos. Poderia ter feito os instrumentos ele mesmo, de pêlos e ramos de arbustos.

Tocou a superfície do holo e um dedo fez uma sombra sobre as árvores altas. — O nível cultural era baixo para os nossos padrões, mas veja o que ele produziu!

Idaho sentiu que devia dizer alguma coisa, mas as palavras não vinham. Onde estava Murbella? Por que não estava aqui?

Odrade afastou-se, e as palavras seguintes foram gravadas a fogo. — Esse quadro diz que você não pode sufocar a coisa selvagem, a

única coisa que *acontece* entre os humanos, apesar de tudo que possamos fazer para evitá-lo.

Idaho desviou os olhos do holo com um esforço e ficou olhando os lábios de Odrade quando falava.

— Vincent nos disse uma coisa importante sobre nossos companheiros da Dispersão.

“Esse pintor morto há tanto tempo? Sobre a Dispersão?”

— Eles fizeram coisas lá fora e estão fazendo outras que não podemos nem imaginar. Coisas loucas! O tamanho explosivo da população Dispersa garante isso.

Murbella entrou por detrás de Odrade, amarrando o cinto de um roupão branco, descalça. Os cabelos estavam úmidos do chuveiro. Então era lá onde ela tinha estado.

— Madre Superiora? — A voz de Murbella era sonolenta.

Odrade falou por sobre o ombro, sem se virar.

— As Honradas Madres acham que podem antecipar e controlar todas as loucuras. Que bobagem. Não podem nem controlar isso nelas mesmas.

Murbella se aproximou do pé da cama e olhou para Idaho interrogativamente. — Parece que entrei no meio de uma conversa.

— Equilíbrio, aí está a chave — disse Odrade.

Idaho continuou prestando atenção à Madre Superiora.

— Os humanos podem se equilibrar em superfícies estranhas — disse Odrade. — Mesmo em superfícies imprevisíveis.

Chama-se “entrar em sintonia”. Os grandes músicos conhecem isso.

Surfistas que costumava ver quando era criança, em Gammu, sabem disso. Algumas ondas o derrubam, mas você está preparado para isso. Sobe de novo e tenta mais uma vez.

Por qualquer razão que não podia explicar, Idaho pensou em outra coisa que Odrade havia dito: — Não temos depósitos no sótão. Reciclamos tudo.

“Reciclagem. Ciclo. Pedaços do círculo. Peças do mosaico.”

Estava caçando ao acaso, e sabia que isso não servia. Não era o caminho Mentat. Mas, reciclagem — então a Outra Memória não era um depósito no sótão, e sim algo que consideravam reciclagem. Queria dizer que usavam o passado somente para mudá-lo e renová-lo.

“Entrar em sintonia.”

Uma alusão estranha da parte de alguém que alegava evitar a música.

Relembrando, sentiu seu mosaico mental. Havia se tornado uma confusão. Nada se ajustava em lugar nenhum. Peças aleatórias, que provavelmente não se encaixavam.

Mas se encaixavam, sim!

A voz da Madre Superiora continuou em sua memória.”Então ainda tem mais.”

— As pessoas que sabem disso vão até o âmago — disse Odrade. — Avisam que você não pode pensar no que está fazendo.

Essa é a maneira certa de fracassar. É só fazer!

“Não pense. Faça.” Pressentiu anarquia. Suas palavras o jogaram de volta a outros recursos, que não o treinamento Mentat.

“Truques Bene Gesserit!” Fazia isso deliberadamente, sabendo o efeito. Onde estava a afeição que às vezes sentia irradiar dela? Poderia se preocupar com o bem-estar de alguém que tratava dessa maneira?

Quando Odrade os deixou (mal notou quando saiu), Murbella sentou na cama e arrumou o roupão sobre os joelhos.

“Os humanos podem se equilibrar em superfícies estranhas.”

Movimento em sua mente: as peças de mosaico tentando encontrar afinidades.

Sentiu uma nova onda no universo. Aquelas duas pessoas estranhas em sua visão? Faziam parte disso. Sabia que era assim sem poder dizer por quê. O que era que as Bene Gesserit declaravam? “Nós modificamos modos antigos e crenças antigas.”

— Olhe para mim! — Murbella disse.

Voz? Não exatamente, mas agora tinha certeza de que ela estava experimentando e que não lhe dissera que estava sendo treinada nessa bruxaria.

Viu o olhar alienígena em seus olhos verdes que lhe diziam que ela estava pensando em suas antigas companheiras.

— Nunca procure ser mais esperto que as Bene Gesserit, Duncan. “Falando para os televigias?”

Não podia ter certeza. Era a inteligência no fundo de seus olhos que o prendia agora. Ele a sentia crescer, como se os professores soprassem um balão e o intelecto de Murbella se expandisse, assim como seu abdômen se expandia com a nova vida. *“Voz!”* O que estavam fazendo com ela?

Que pergunta estúpida. Sabia o que estavam fazendo.

Estavam levando-a para longe dele, fazendo dela uma Irmã. “Não mais minha amante, minha maravilhosa Murbella.” Uma Reverenda Madre, então, remota, calculando tudo que faz. *Uma bruxa.* Quem pode amar uma bruxa?

“Eu poderia. E sempre amarei.”

— Elas agarram você pelo seu lado cego e a usam para seus próprios fins — disse.

Podia ver que suas palavras tinham tido efeito. Ela só vira a armadilha depois de armada. As Bene Gesserit eram infernalmente espertas! Tinham conseguido atraí-la para sua cilada dando-lhe pequenos vislumbres de coisas tão magnéticas quanto a força que a unia a ele. Só podia ser enfurecedor para uma Honrada Madre.

“Nós é que apanhamos os outros em armadilhas* Eles não nos apanham!” Mas isso havia sido feito pelas Bene Gesserit.

Estavam numa categoria diferente. Quase Irmãs. Por que negar? E

ela queria as habilidades delas. Queria sair desse treinamento e ter o ensino total que percebia logo além das paredes da nave. Não sabia por que ainda a mantinham em treinamento.

“Sabem que ela ainda se debate na armadilha.”

Murbella deixou cair o roupão e deitou-se na cama ao lado dele. Sem tocá-lo. Mas mantendo aquela sensação armada de proximidade entre os dois corpos.

— De início era intenção delas que eu controlasse Sheeana para elas — ele disse.

— Como você me controla?

— E eu controlo você?

— Às vezes acho que você é um cômico, Duncan.

— Se não puder rir de mim mesmo estou realmente perdido.

— Rir de suas tentativas humorísticas também?

— Essas em primeiro lugar. — Virou-se para ela e segurou o seio esquerdo na palma da mão, sentindo o bico endurecer. — Sabe que eu nunca fui desmamado?

— Nunca em todas aquelas...

— Nem uma vez.

— Devia ter adivinhado. — Um sorriso esboçou-se em seus lábios e de repente ambos estavam rindo, abraçados, dando gargalhadas. No fim Murbella disse: — Dane-se, dane-se, dane-se.

— Dane-se quem? — quando parou de rir e se soltaram, forçando a separação.

— Não é quem, é o quê. Dane-se o destino!

— Acho que o destino não liga a mínima.

— Amo você e não devo fazer isso, se é que vou ser uma Reverenda Madre decente.

Detestava essas divagações tão chegadas à pena de si mesmo. “Então faça uma brincadeira!” — Você nunca foi decente em nada. — Fez uma massagem no abdômen prenhe distendido.

— Eu *sou* decente!

— Essa palavra foi esquecida quando fizeram você.

Ela empurrou a mão dele e sentou-se para olhá-lo. — As Reverendas Madres não devem nunca amar.

— Eu sei. — “Minha angústia estaria se revelando?”

Ela estava totalmente envolvida em seus próprios problemas.

— Quando eu chegar à Agonia da Especiaria...

— Amor! Não gosto da idéia de agonia associada a você de maneira nenhuma.

— Como posso evitar isso? Já estou na calha. Logo, logo vão me acelerar. Aí irei muito depressa.

Quis virar as costas, mas os olhos dela o detiveram.

— Verdade, Duncan. Estou sentindo isso. De certo modo é como a gravidez. Chega um ponto em que é perigoso demais abortar. A gente tem de ir até o fim.

— Mas nós nos amamos! — Forçando o pensamento de um perigo para outro.

— E elas o proíbem.

Ele olhou os televigias. — Os cães de guarda estão vigiando e eles têm presas.

— Eu *sei.* Estou falando para elas agora. Meu amor por você não é uma falha. A frieza delas é que é. São iguaizinhas às Honradas Madres!

“Um jogo em que uma das peças não pode ser movida.”

Queria gritar alto, mas as escutas atrás dos televigias ouviriam mais que as palavras faladas..Murbella tinha razão. Era perigoso pensar que se podia burlar as Reverendas Madres.

Alguma coisa velou os olhos que estavam fixos nele. — Que cara estranha você fez de repente. — Reconheceu a Reverenda Madre que ela poderia vir a ser.

“Desvie-se dessa idéia!”

Às vezes ele a distraía com suas estranhas memórias. Ela achava que as encarnações anteriores o tornavam um pouco semelhante a uma Reverenda Madre.

— Já morri muitas vezes.

— Você se lembra? — Sempre a mesma pergunta.

Sacudiu a cabeça, temendo dizer qualquer coisa que pudesse ser interpretada pelos cães de guarda.

“Não das mortes e do novo despertar.”

Isso ficava entorpecido pela repetição. Às vezes nem se dava o trabalho de colocá-los em seu depósito secreto de dados. Não...

eram os incomparáveis encontros com outros humanos, a imensa coleção de identificações.

Essa era uma das coisas que Sheeana dizia que queria dele.

— Minúcias íntimas. E o que todos os artistas querem.

Sheeana não sabia o que estava pedindo. Todos aqueles encontros vivos haviam criado novos significados. Configurações dentro de configurações. Coisas minúsculas adquiriam uma pungência que não tinha esperança de compartilhar com ninguém...

nem mesmo Murbella.

“Um leve toque de mão em meu braço. Um rosto sorridente de criança. As faíscas nos olhos do atacante.”

Coisas mundanas sem conta. Uma voz familiar dizendo: —

Só quero pôr os pés para cima e desabar. Não peça para eu me mexer.Todas se tornaram parte dele. Estavam aglutinadas ao seu caráter. A existência as cimentara inextricavelmente e não podia explicar isso a ninguém.

Murbella falou sem olhar para ele. — Houve muitas mulheres nessas suas vidas?

— Nunca fiz a conta.

— Você as amou?

— Estão mortas, Murbella. Só o que posso prometer é que não há nenhum fantasma ciumento em meu passado.

Murbella apagou os globos luminosos. Ele fechou os olhos e sentiu a escuridão envolvê-lo quando ela se aninhou em seus braços. Abraçou-a apertado, sabendo que ela precisava disso, mas a mente se soltava por vontade própria.

Uma velha recordação produziu o dito de um professor Mentat: “A coisa mais relevante pode se tornar irrelevante no espaço de uma batida cardíaca. Os Mentats devem olhar esses momentos com alegria.”

Não sentiu alegria nenhuma.

Todas aquelas vidas em série continuavam dentro dele, desafiando as relevâncias Mentat. Um Mentat ingressava em seu universo intocado em todos os aspectos. Nada velho, nada de novo, nada fixo em adesivos antigos, nada realmente *sabido.* Era a rede, e existia somente para examinar o que apanhava.

“O que não escapou? Que espessura de malha eu teria usado dessa vez?”

Era esse o ponto de vista Mentat. Mas era impossível que os Tleilaxu tivessem incluído todas aquelas células ghola-Idaho para recriá-lo. Tinha que haver lacunas na coleção seriada de suas células. Já identificara muitas dessas lacunas.

“Mas não há lacunas em minha memória. Lembro-me de todas elas.”

Ele era uma cadeia ligada fora do Tempo. “É por isso que posso ver as pessoas naquela visão... a rede.” Era a única explicação que a percepção Mentat podia fornecer, e se a Irmandade adivinhasse, ficaria aterrorizada. Não importa quantas vezes ele negasse, diriam:
— Outro Kwisatz Haderach! Matem-no!

“Então trabalhe para você mesmo, Mentat!”

Sabia que tinha a maior parte das peças do mosaico, mas elas ainda não se juntavam naquele *Ah! Ah!* conjunto de perguntas que os Mentats tanto prezavam.

“Um jogo em que uma das peças não pode ser movida.

Desculpas por comportamento extraordinário.

— Querem nossa participação voluntária em seu sonho.

Teste os limites!

Os humanos podem se equilibrar em estranhas superfícies.

Entre em sintonia. Não pense. Faça.”

A melhor arte imita a vida de maneira coerciva. Se imita um sonho, deve ser um sonho da vida. Do contrário, não há lugar algum onde possamos nos ligar. Nossas tomadas não se encaixam.

— Darwi Odrade

Quando viajavam para o sul em direção ao deserto, no início da tarde, Odrade achou que o campo mudara de maneira inquietante desde sua inspeção anterior há três meses. Sentiu-se justificada em ter escolhido veículos terrestres. A vista emoldurada pelo grosso plaz que as protegia da poeira revelava mais detalhes.

“Muito mais seco.”

O grupo mais próximo a ela viajava em um carro relativamente leve — só 15 passageiros, incluindo o motorista.

Suspensores e propulsão a jato sofisticada quando não estavam em contato com a terra. Capaz de 300km por hora em superfície lisa.

Seus acompanhantes (numerosos demais, devido aos cuidados exagerados de Tamalane) seguiam em um ônibus que também levava roupas, alimentos e bebidas para as paradas durante a viagem.Streggi, sentada ao lado de Odrade e atrás do motorista, disse: — Não poderíamos arranjar uma chuvinha aqui, Madre Superiora?

Odrade cerrou os lábios. O silêncio era a melhor resposta.

Tinham saído atrasadas. Todas reunidas na ponte de embarque e prontas para partir quando chegou um recado de Bellonda. Outro relatório de desastre requerendo a atenção pessoal da Madre Superiora no último minuto!

Era uma dessas vezes em que Odrade sentia que o único papel que podia desempenhar era de intérprete oficial. Ir à beira do palco e dizer-lhes o que significava: — Hoje, Irmãs, soubemos que as Honradas Madres destruíram mais quatro planetas nossos.

Estamos ficando menores.

“Somente 12 planetas (incluindo Buzzell) e a caçadora sem face, com machado, está bem mais perto.”

Odrade sentiu o abismo abrindo-se a seus pés.

Bellonda recebera ordens de guardar essa má notícia até um momento mais apropriado.

Odrade olhou pela janela a seu lado. Qual era o momento apropriado para uma notícia dessas?

Estavam viajando em direção ao sul há pouco mais de três horas, a estrada queimada pela geada, deslizando como um verde rio à frente deles. O caminho os levava por entre colinas de carvalhos de cortiça que se estendiam até os horizontes cercados de serras. Os carvalhos cresciam como gnomos em plantações menos regulares que pomares. Fileiras sinuosas serpeavam colinas acima. A plantação original fora disposta nos contornos existentes, meios-terraços agora escondidos pelo longo capim pardo.

— Plantamos trufas aqui — Odrade disse.

Streggi tinha outra má notícia. — Ouvi dizer que as trufas estão com problemas, Madre Superiora. Não tem chovido bastante.

“O fim das trufas?” Odrade hesitou, prestes a chamar uma acólita de Comunicações da parte traseira do veículo para perguntar à Meteorologia se era possível corrigir essa seca.

Olhou para trás, para suas acompanhantes. Três fileiras, quatro pessoas em cada fileira, especialistas para ampliar seus poderes de observação e cumprir ordens. E olhe o ônibus que os seguia! Um dos maiores veículos da Sede. Pelo menos 30m de comprimento! A poeira rodopiava ao seu redor.

Tamalane viajava lá, a mando de Odrade. A Madre Superiora podia ser irascível quando provocada, todas pensaram. Tam havia trazido gente demais, mas Odrade só descobrira isso quando já era tarde para fazer mudanças.

— Não é uma inspeção! É um diabo de uma invasão! “Siga meu exemplo, Tam. Um pouco de drama político. Torne a transição mais fácil.”

Voltou a atenção para o motorista, o único homem no carro.

Clairby, um pequeno e azedo técnico em transportes. Rosto mirrado, pele da cor de terra úmida recém-lavrada. O motorista favorito de

Odrade. Rápido, seguro, e cauteloso quanto às limitações de sua máquina.

Alcançaram o topo de uma colina e os sobreiros se tornaram mais esparsos, substituídos à frente por pomares rodeando uma comunidade.

Linda essa luz, pensou Odrade. Prédios baixos de paredes brancas e telhas cor de laranja. Uma rua de acesso, sombreada por

arcos, podia ser avistada bem abaixo na ladeira e, alinhada atrás dela, a alta estrutura central que continha os escritórios de supervisão regional.

A vista tranqüilizou Odrade. A comunidade tinha uma aparência luminosa, abrandada pela distância e por uma neblina que se erguia dos pomares ao redor. Ramos ainda nus aqui nessa região de inverno, mas certamente capazes de pelo menos mais uma colheita.

A Irmandade exigia uma certa beleza em suas redondezas, lembrou a si mesma. Uma maneira de se mimarem que dava suporte aos sentidos sem subtrair nada das necessidades do estômago. Conforto onde possível.... mas não demais!

Alguém atrás de Odrade disse: — Acho que algumas dessas árvores estão começando a brotar.

Odrade olhou com mais cuidado. Sim! Pequenos pontos verdes nos ramos escuros. O inverno cometera um erro aqui. A Meteorologia, lutando para efetuar mudanças de estações, não podia evitar um erro ocasional. O deserto em expansão estava criando, muito cedo, temperaturas altas demais aqui: pequenos trechos aquecidos que faziam as plantas enfolharem e florescerem justamente em hora de uma geada inesperada. O fenecimento de plantações estava ficando freqüente demais.

Um Consultor de Campo desenterrara o termo antigo

“veranico” para um relatório ilustrado com projeções de um pomar todo em flor sendo assaltado pela neve. Odrade sentira a memória se agitando com as palavras do Consultor.

“Veranico. Como era apropriado!”

Seus conselheiros compartilhando aquela pequena visão da labuta do planeta reconheciam a metáfora de um congelamento vindo de assalto nos calcanhares de um calor inapropriado: um revivescimento do tempo quente, época em que os saqueadores podiam atormentar seus vizinhos.

Relembrando, Odrade sentiu o frio do machado da caçadora.

“Quando?” Não ousava procurar a resposta. “Não sou uma Kwisatz Haderach!” Sem se virar, Odrade falou a Streggi. — Você já esteve

em Pondrille? — Não era meu centro postulante, Madre Superiora, mas presumo que seja semelhante.

É, essas comunidades eram muito parecidas: na maior parte, estruturas baixas localizadas em lotes ajardinados e pomares, centros escolares para treinamento específico. Era um sistema de seleção para Irmãs futuras, a malha cada vez mais fina quanto mais perto se chegava da Central.

Algumas

dessas

comunidades,

como

Pondrille,

concentravam-se em endurecer suas aprendizes. Mandavam as mulheres por longas horas todos os dias fazerem trabalho braçal.

Mãos que cavavam a terra e ficavam manchadas de frutos raramente se esquivariam a trabalhos sujos no futuro. Agora que não estavam mais dentro da poeira, Clairby abriu as janelas. Entrou uma onda de calor. O que a Meteorologia estava fazendo?

Dois edifícios na entrada de Pondrille tinham sido unidos em um andar acima da rua, formando um longo túnel. Só faltava, pensou Odrade, uma porta de ferro corrediça para imitar os portões da cidade na história pré-espaço. Cavalheiros de armadura achariam o calor sombrio dessa entrada familiar. Aberturas de televigias no alto eram certamente lugares onde os guardiões esperavam.

A longa e sombreada entrada da comunidade era limpa, ela viu. O olfato raramente era assaltado por podridão ou outros odores ofensivos nas comunidades Bene Gesserit. Nada de favelas.

Poucos aleijados mancando pelas ruas. Muita carne sadia. Uma boa administração tinha o cuidado de manter feliz uma população sadia.

“Temos os nossos incapacitados, todavia. E nem todos fisicamente.”

Clairby estacionou logo antes da saída da rua sombreada e desceram. O ônibus de Tamalane parou atrás deles.

Odrade tinha pensado que o caminho de entrada aliviasse um pouco o calor, mas a perversidade da natureza tornara o lugar um verdadeiro forno e a temperatura estava ainda mais alta ali.

Ficou contente em sair para a luz clara da praça central onde o suor evaporando de seu corpo lhe deu uns segundos de frescura.

A ilusão de alívio passou abruptamente quando o sol queimou-lhe a cabeça e os ombros. Foi forçada a apelar para o controle metabólico para ajustar o calor do corpo.

Água jorrava em um círculo espelhante na praça central, um espetáculo que breve teria fim.

“Deixe por enquanto. Moral!”

Ouviu suas companheiras seguindo-a, os gemidos usuais de

“ficar sentada tanto tempo na mesma posição”. Uma comissão de recepção podia ser vista vindo às pressas do outro lado da praça.

Odrade reconheceu Tsimpay, a chefe de Pondrille, no furgão. As acompanhantes da Madre Superiora foram até os ladrilhos azuis do chafariz da praça — todas, exceto Streggi, que ficou ao lado de Odrade. O grupo de Tamalane, também, foi atraído pela água em borbotões. Tudo parte integrante de um sonho humano tão antigo que não podia jamais ser completamente descartado, pensou Odrade.“Campos férteis e água aberta — água clara, potável, em que se pode mergulhar o rosto para aliviar a sede.”

E na verdade algumas pessoas de seu grupo estavam fazendo exatamente isso no chafariz. Os rostos brilhavam de umidade.

A delegação de Pondrille parou perto de Odrade pisando ainda os ladrilhos azuis do chafariz da praça. Tsimpay trouxera mais três Reverendas Madres e cinco acólitas mais velhas.

Próximas à Agonia, todas aquelas acólitas, observou Odrade.

Demonstrando a percepção da provação pela firmeza do olhar.

Tsimpay era alguém que Odrade via de vez em quando na Central, onde ia às vezes como professora. Estava com boa aparência: cabelos castanhos tão escuros que pareciam preto-avermelhados nessa luz. O rosto fino era quase sombrio em sua austeridade. As feições culminavam nos olhos muito azuis sob sobrancelhas grossas.

— É um prazer vê-la, Madre Superiora. — Parecia ser sincera.Odrade inclinou a cabeça, um gesto mínimo. “Escutei. Por que está tão contente em me ver?”

Tsimpay entendeu. Apontou para uma Reverenda Madre alta, de faces encovadas, perto dela. — Lembra-se de Fali, nossa Chefe de Pomares? Fali acaba de vir a mim com uma delegação de jardineiras. Uma queixa grave.

O rosto de Fali, marcado pelo ar livre, parecia macilento.

“Trabalho excessivo?”

Tinha lábios finos e um queixo pontudo. Unhas sujas. Odrade notou isso e aprovou. “Não tem medo de cavar a terra também.”

“Delegação de jardineiras.” Então havia um escalonamento de reclamações. Deve ter sido sério. Tsimpay não era de descarregar problemas na Madre Superiora. “

— Fale — disse Odrade.

Lançando um olhar para Tsimpay, Fali começou um relatório detalhado, fornecendo até as habilitações dos líderes da delegação.

Todas pessoas boas, é claro.

Odrade reconheceu o padrão. Tinha havido conferências com relação a essa conseqüência inevitável. Tsimpay comparecera a algumas delas. Como você podia explicar a seu povo que um verme de areia distante (talvez ainda não existente) requeria essa mudança? Como você podia explicar aos fazendeiros que *não era* questão de “só mais um pouquinho de chuva”, e sim um ponto fundamental das condições meteorológicas do planeta. Mais chuva aqui poderia significar um desvio de ventos de alta altitude. Por sua vez, isso alteraria as condições em outro lugar, causaria sirocos carregados de umidade, onde não só perturbariam, mas poderiam ser perigosos. Muito fácil produzir grandes furacões se inserissem as condições erradas. A meteorologia do planeta não era uma coisa simples para ser tratada com ajustamentos fáceis. “Como exigi em certas ocasiões.” E cada vez, havia uma equação total a ser examinada.

— O planeta dá o último voto — Odrade disse. Era um velho lembrete da falibilidade humana para a Irmandade.

— Duna ainda tem um voto? — Fali perguntou. Mais amargura na pergunta do que Odrade tinha antecipado.

— Estou sentindo calor. Vimos as folhas em seus pomares quando chegamos — disse Odrade. “Sei o que a preocupa, Irmã.”

— Vamos perder parte da colheita este ano — disse Fali.

Acusação em suas palavras: “É culpa sua!”

— O que disse à sua delegação? — Odrade perguntou.

— Que o deserto tem de crescer e que a Meteorologia não pode mais fazer todos os ajustes de que precisamos.

Verdade. A resposta combinada. Inadequada, como a verdade era muitas vezes, mas era só o que tinham agora. Alguma coisa teria que ceder muito em breve. Por enquanto, mais delegações e perdas de colheitas.

— Toma chá conosco, Madre Superiora? — Tsimpay, a diplomata, interferindo. “Está vendo como está escalonando, Madre Superiora? Fali irá agora de volta para suas frutas e legumes. O seu lugar. O recado foi dado.”

Streggi pigarreou.

“Esse hábito infernal tem de parar!” Mas o significado era claro. Streggi estava encarregada do horário. “Temos de ir.”

— Saímos atrasadas — disse Odrade. — Só paramos para esticar as pernas e ver se tinham problemas que não podiam resolver sozinhas.

— Podemos tomar conta das jardineiras, Madre Superiora.

O tom enérgico de Tsimpay dizia muito mais, e Odrade quase sorriu. “Inspecione se quiser, Madre Superiora. Olhe em toda parte.

Encontrará Pondrille em ordem Bene Gesserit.”

Odrade lançou os olhos para o ônibus de Tamalane. Algumas pessoas já estavam voltando para o ar refrigerado. Tamalane estava perto da porta, ao alcance da voz.

— Ouço boas coisas a seu respeito, Tsimpay — disse Odrade. — Você pode se arranjar sem nossa interferência. Não quero de maneira nenhuma me intrometer com uma comitiva que é grande demais. — As últimas palavras bem alto para todos ouvirem.

— Onde vai passar a noite, Madre Superiora?

— Em Eldio.

— Não vou lá há algum tempo, mas ouvi dizer que o mar está bem menor.

— Os sobrevôos confirmam o que ouviu. Não é preciso avisá-las de que estamos indo, Tsimpay. Já sabem. Tivemos de prepará-las para essa invasão.

A Chefe dos Pomares Fali deu um pequeno passo à frente.

— Madre Superiora, se pudéssemos ter só...

— Diga a suas jardineiras, Fali, que têm uma escolha.

Podem reclamar e esperar aqui até que as Honradas Madres venham para escravizá-las, ou podem escolher a Dispersão.

Odrade voltou para o carro e sentou-se, olhos fechados, até que ouviu as portas fecharem-se e puseram-se a caminho.

Eventualmente, abriu os olhos. Já tinham saído de Pondrille e estavam na alameda vidrada, atravessando os círculos de pomares

do sul. O silêncio atrás dela era carregado. As Irmãs estavam contemplando seriamente o comportamento da Madre Superiora naquela ocasião. Um encontro não satisfatório. As acólitas naturalmente captavam o estado de espírito. Streggi tinha um ar taciturno.

Esse tempo exigia atenção. As palavras não podiam mais aplacar as reclamações. Os bons dias eram medidos por padrões mais baixos. Todos sabiam as razões, mas as mudanças continuavam sendo o foco. Visível. Não se podia reclamar da Madre Superiora (não sem boa razão!), mas era possível reclamar do tempo.“Por que tiveram que fazer o tempo tão frio hoje? Por que hoje, que tenho de estar lá fora? Bem quentinho quando saímos, mas olhe agora. E eu sem agasalho!”

Streggi queria conversar. “Bem, é por isso que a trouxe.” Mas tinha se tornado quase tagarela à medida que a intimidade corroía seu temor da Madre Superiora.

— Madre Superiora, procurei em meus manuais uma explicação de...

— Cuidado com manuais! — Quantas vezes em sua vida ouvira ou pronunciara essas palavras? — Os manuais criam hábitos.Streggi ouvira muitas preleções sobre hábitos. As Bene Gesserit os tinham — essas coisas que o Povo preservava como

“Peculiaridades das Bruxas!” Mas padrões que permitiam a outros predizer o comportamento, esses tinham de ser cuidadosamente extirpados.

— Então por que temos manuais, Madre Superiora?

— Principalmente para refutá-los. O Coda é para noviças e outras em treinamento primário.

— E as histórias?

— Nunca ignore a banalidade das histórias registradas.

Como Reverenda Madre, você reaprenderá a História a cada novo momento.

— A verdade é uma xícara vazia. — Muito orgulhosa por lembrar-se do aforismo.

Odrade quase sorriu.

“Streggi é uma jóia.”

Era uma idéia que induzia cautela. Certas pedras preciosas podiam ser identificadas por suas impurezas. Os técnicos as marcavam dentro das próprias pedras. Uma impressão digital secreta. As pessoas eram assim. Muitas vezes podiam ser conhecidas por seus defeitos. A superfície cintilante diz muito pouco. Uma boa identificação requer que se olhe no fundo para ver as impurezas. *Até* que estava a qualidade preciosa de um ser total.

O que teria sido de Van Gogh sem impurezas?

— São os comentários de cépticos com percepção, Streggi, coisas que *eles* dizem *sobre* a História, que devem ser seus guias antes da Agonia. Depois, você será sua própria céptica e descobrirá seus próprios valores. Por enquanto, as histórias revelam datas e dizem-lhe que algo ocorreu. As Reverendas Madres procuram as *coisas* e aprendem os preceitos dos historiadores.

— Isso é tudo? — Profundamente ofendida. “Por que desperdiçaram meu tempo dessa maneira?”

— Muitas histórias são em grande parte inúteis porque são preconceituosas, escritas para agradar um ou outro grupo poderoso.

Espere para que seus olhos se abram, minha cara. Nós somos as melhores historiadoras. Estivemos lá.

— E meu ponto de vista mudará diariamente? — Muito introspectiva.

— Essa é uma lição que o Bashar nos lembrou que devíamos manter viva em nossa mente. O passado deve ser reinterpretado pelo presente.

— Não estou certa de que gostarei disso, Madre Superiora.

Tantas decisões morais.

Ahhhhh, essa jóia via até o âmago, e dizia o que pensava como uma verdadeira Bene Gesserit. Havia facetas cintilantes entre as impurezas de Streggi.

Odrade olhou de lado a acólita pensativa. Há muito tempo atrás, a Irmandade decidira que cada Irmã deveria tomar suas próprias decisões morais. “Nunca siga um líder sem fazer suas próprias perguntas.” Era por isso que o condicionamento moral das jovens tinha uma prioridade tão alta.

“E por isso que gostamos de acolher futuras Irmãs bem jovens. E talvez seja por essa razão que existe uma falha moral em Sheeana. Nós a recebemos tarde demais. O que é que ela e Duncan falam tão secretamente com as mãos?”

— As decisões morais sempre são fáceis de reconhecer —

disse Odrade. — Elas existem onde você abandona o interesse pessoal.

Streggi olhou para Odrade com espanto. — Que coragem é preciso para isso!

— Não é coragem! Nem mesmo desespero. O que fazemos, no sentido mais básico, é natural. Coisas feitas porque não existe outra escolha.

— Às vezes me faz sentir muito ignorante, Madre Superiora.

— Excelente! É o princípio da sabedoria. Há muitas espécies de ignorância, Streggi. A mais baixa é de seguir seus próprios desejos sem examiná-los. Há vezes em que o fazemos inconscientemente. Apure sua sensibilidade. Fique consciente do que faz inconscientemente. Pergunte sempre: quando fiz aquilo, o que estava procurando ganhar?

Chegaram ao topo da última colina antes de Eldio, e Odrade acolheu um momento de reflexão.

Alguém atrás dela murmurou: — Lá está o mar.

— Pare aqui — ordenou Odrade quando se aproximaram de um amplo desvio em uma curva de onde se via o mar. Clairby conhecia o lugar e estava preparado. Muitas vezes Odrade lhe pedia para parar ali. Parou onde ela queria. O carro rangeu quando parou. Ouviram o ônibus parar atrás deles, uma voz alta lá atrás dizendo às companheiras: “Olhem só isso!”

Eldio se estendia lá embaixo, à esquerda de Odrade: edifícios delicados, alguns erguidos acima do solo em tubos delgados, o vento passando por baixo e através deles. Estava tão ao sul e abaixo da altura da Central, que era muito mais quente. Pequenos moinhos de vento de eixo vertical, brinquedos a essa distância, giravam nos cantos dos prédios de Eldio para ajudar no fornecimento de energia à comunidade. Odrade mostrou-os a Streggi. — Pensamos nisso como uma forma de independência da escravidão a uma tecnologia complexa controlada por outros.

Enquanto falava, Odrade desviou a atenção para a direita. *O*

mar! Era um resíduo horrivelmente condensado de sua antiga gloriosa expansão. A Filha do Mar detestou o que viu.

Vapores quentes se erguiam do mar. A púrpura indistinta das colinas secas esboçava contornos embaçados de horizonte do outro lado da água. Viu que a Meteorologia havia introduzido um vento para dispersar o ar saturado. O resultado era uma espuma de ondas

crespas batendo no cascalho da praia, abaixo desse ponto de observação.

Havia uma fileira de aldeias de pescadores aqui, lembrou-se Odrade. Agora que o mar tinha recuado, as aldeias estavam mais para trás, na colina. Há tempos atrás, as aldeias haviam sido pontos coloridos ao longo da costa. A maior parte de sua população tinha sido sugada na nova Dispersão. As pessoas que haviam permanecido tinham construído uma via de transporte para tirar e pôr os barcos na água.

Aprovava isso e o lastimava. Conservação de energia. A situação como um todo, de repente, pareceu-lhe lúgubre — como uma das instalações geriátricas do Velho Império, onde as pessoas ficam esperando a morte.

“Quanto tempo até esses lugares morrerem?”

— O mar está tão pequeno! — Era uma voz do fundo do carro. Odrade a reconheceu. Uma funcionária dos Arquivos. “Uma das infernais espiãs de Bell.”

Inclinando-se à frente, Odrade bateu no ombro de Clairby. —

Leve-nos até a costa mais próxima, aquela enseada ali bem embaixo. Quero nadar no mar, Clairby, enquanto ainda existe.

Streggi e mais duas outras acólitas a acompanharam nas águas mornas da enseada. As outras passearam pela praia ou ficaram observando a estranha cena do carro e do ônibus.

“A Madre Superiora nadando nua no mar!”

Odrade sentiu a água cheia de energia a seu redor. Era necessário nadar devido às decisões de comando que tinha de tomar. Quanto desse último grande oceano poderiam manter nesses derradeiros dias de vida temperada do planeta? O deserto estava vindo — “deserto total”, para igualar o do perdido Duna. “Se o machado nos

der tempo.” A ameaça estava muito perto e o abismo muito profundo. “Diabos de talento infernal! Por que tenho de saber?”Aos poucos, a Filha do Mar e o balanço das ondas renovaram seu senso de equilíbrio. Essa extensão de água era uma grande complicação — muito mais importante que pequenos mares e lagos espalhados. A umidade se erguia daqui em proporções significativas. Energia para carregar os desvios indesejáveis da pouco controlada administração da Meteorologia. No entanto, esse mar ainda alimentava a Sede da Irmandade. Era uma via de comunicações e transporte. O transporte marítimo era o mais barato. O custo de energia tinha de ser contrabalançado com outros elementos em sua decisão. Mas o mar ia desaparecer. Isso era certo. Populações inteiras iam enfrentar novos deslocamentos.

As recordações da Filha do Mar interferiram. Nostalgia.

Bloqueava o caminho de uma decisão certa. “Quando deveriam eliminar o mar?” Essa era a questão. Todas as mudanças inevitáveis e a acomodação em outros lugares dependiam dessa decisão.

“Melhor fazer isso rápido. Banir a dor para o passado. Vamos em frente com isso.”

Nadou até o mar raso e olhou para a perplexa Tamalane. A saia de Tam estava molhada de respingos de uma onda inesperada.

Odrade suspendeu a cabeça acima do mar encapelado.

— Tam! Elimine o mar o mais depressa possível. Peça à Meteorologia que diagrame um esquema rápido de desidratação.

Temos que incluir Alimentos e Transportes. Aprovarei o plano final após nossa revisão usual.

Tamalane virou-se sem falar. Chamou Irmãs escolhidas para acompanhá-la, lançando só um olhar para a Madre Superiora. “Está vendo! Eu tinha razão em trazer a equipe necessária!”

Odrade saiu da água. A areia molhada gemeu sob seus pés.

“Muito breve será areia seca.” Vestiu-se sem se secar com uma toalha. A roupa agarrou-se à pele causando desconforto, mas ignorou isso caminhando praia acima, para longe das outras, sem olhar para o mar.

“Lembranças na memória têm de ser só isso. Coisas que se pegam e acariciam de vez em quando para evocar alegrias passadas. Nenhuma alegria pode ser permanente. Tudo é transitório. ‘Isso também passará’ se aplica a todo o universo existente.”

Onde a praia se tornava terreno margoso com algumas plantas esparsas, virou-se finalmente e olhou para o mar que acabara de condenar.

Só a própria vida tinha importância, disse a si mesma. E a vida não podia perdurar sem um empurrão à continuidade da procriação.

“Sobrevivência. Nossas crianças têm de sobreviver. A Bene Gesserit tem de sobreviver!”

Nenhuma criança era mais importante que o total. Aceitava isso, reconhecendo que era a espécie lhe falando das profundezas de seu próprio eu, o eu que havia encontrado pela primeira vez como Filha do Mar.

Odrade permitiu à Filha do Mar aspirar o mar pela última vez quando voltavam nos veículos e se preparavam para ir para Eldio.

Sentiu que se acalmava. O equilíbrio essencial, uma vez adquirido, não precisava de um mar para ser mantido.

Arranque suas perguntas do solo e as raízes suspensas ficarão à vista. Mais perguntas!

— *Mentat Zensufi*

A Dama estava em seu elemento.

“Rainha Aranha!”

Gostava do nome que as bruxas lhe haviam dado. Aqui estava o coração de sua teia, esse centro de controle em Junção. O

exterior do prédio ainda não lhe agradava. Muita complacência da Corporação no planejamento. Conservador. Mas o interior começava a adquirir uma familiaridade que a acalmava. Até podia imaginar que nunca deixara Dur, que não tinha havido Futares e a angustiante fuga de volta ao Antigo Império.

Estava à porta aberta da Sala de Reuniões, olhando para o Jardim Botânico. Logno aguardava quatro passos atrás. “Não fique mais perto de mim, Logno, ou terei de matá-la.”

Ainda havia orvalho no gramado além dos ladrilhos onde, quando o sol estava bastante alto, as criadas colocariam cadeiras confortáveis e mesas. Mandara que fosse um dia de sol e era bom que a Meteorologia cumprisse a ordem. O relatório de Logno era interessante. Então a velha bruxa tinha voltado a Buzzell. E estava zangada, também. Excelente. Era óbvio que sabia que estava sendo vigiada e visitara a bruxa suprema para pedir sua remoção de Buzzell, pedir refúgio. E fora recusada.

“Não se importam que destruamos seus membros desde que o corpo central permaneça escondido.”

Falando a Logno por sobre o ombro, a Dama disse: — Traga-me a velha bruxa. E todas as suas acompanhantes.

Quando Logno virou-se para obedecer, a Dama acrescentou:

— E comece a fazer uns Futares passarem fome. Quero que fiquem bem famintos.

— Sim, Dama.

Outra pessoa ocupou o lugar de Logno. A Dama não virou para identificar a substituta. Sempre havia um número suficiente de assistentes para obedecerem às ordens. Uma era muito parecida com a outra, exceto quanto à questão de ameaça. Logno era uma ameaça constante. “O que me mantém alerta.”

A Dama respirou fundo o ar fresco. Ia ser um bom dia exatamente porque era isso que desejava. Colheu suas memórias secretas, e deixou que elas a acalmassem.

“Guldur seja abençoado! Encontramos o local para reconstruir nossa força.”

A consolidação do Antigo Império prosseguia conforme planejado. Não haveria muitos ninhos de bruxas intactos lá fora e assim que a Sede infernal fosse descoberta, os membros poderiam ser destruídos com calma.

E agora, Ix. Era um problema. “Talvez eu não devesse ter matado aqueles dois cientistas Ixianos ontem.”

Mas os idiotas tiveram a ousadia de exigir “mais informações”

dela. Exigir! E isso depois de dizer que ainda não tinham uma solução para o rearmamento da Arma. Claro que não sabiam que era uma arma. Ou sabiam? Não tinha certeza. Então tinha sido bom matar aqueles dois, afinal de contas. Dera uma lição.

“Tragam-nos respostas, não perguntas.”

Gostava da ordem que ela e suas Irmãs estavam criando no Antigo Império. Tinha havido muitas perambulações e culturas diferentes demais, religiões instáveis demais.

“O culto de Guldur os servirá como serve a nós.”

Não sentia nenhuma afinidade mística com sua religião. Era um instrumento útil de poder. As raízes eram bem conhecidas: Leto II,

que as bruxas chamavam de “O Tirano”, e seu pai, Muad’Dib.

Agentes consumados do poder, todos os dois. Muitas células cismáticas nos arredores, mas podiam ser extirpadas. Guardar o essencial. Era uma máquina bem lubrificada.

“A tirania da minoria disfarçada sob a máscara da maioria.”

Isso fora o que a bruxa Lucilla tinha reconhecido. Não era possível deixá-la viva depois de descobrirem que sabia como manipular as massas. Os ninhos das bruxas tinham de ser encontrados e queimados. A perceptibilidade de Lucilla evidentemente não era um exemplo isolado. Suas ações indicavam o trabalho de uma escola. Ensinavam isso! Idiotas! Era preciso manobrar a realidade, ou tudo ficava fora de controle.

Logno voltou. A Dama conhecia o ruído de seus passos.

Furtivos.

— A velha bruxa vai ser trazida de Buzzell — disse Logno.

— E suas acompanhantes.

— Não se esqueça dos Futares.

— Já dei as ordens, Dama.

“Voz untuosa! Você gostaria de me dar de comerão rebanho, não é, Logno?

— E reforce a segurança nas gaiolas, Logno. Mais três escaparam a noite passada. Estavam vagando no jardim, quando acordei. — Disseram-me, Dama. Foram destacados mais guardas para as gaiolas.

— E não me diga que são inofensivos sem um Treinador.

— Não creio nisso, Dama.

“E está dizendo a verdade, pela primeira vez. Morre de medo dos Futares. Muito bem.”

— Acho que temos nossa base de poder, Logno. — A Dama virou-se, notando que Logno havia avançado pelo menos dois milímetros na zona de perigo. Logno viu isso também, e recuou.

“Pode chegar bem perto na minha frente, onde posso vê-la, Logno, mas não nas minhas costas.”

Logno percebeu o brilho alaranjado nos olhos da Dama e quase ficou de joelhos. “Curvou definitivamente os joelhos.” —

Estou ansiosa por servi-la, Dama!

“Está ansiosa por tomar meu lugar, Logno.”

— E quanto àquela mulher de Gammu? Um nome esquisito.

Qual era?

— Rebecca, Dama. Ela e alguns de seus companheiros conseguiram... ahhh, escapar temporariamente. Vamos encontrá-los. Não podem sair do planeta.

— Acha que eu devia tê-la guardado aqui, não é?

— Foi sábio de sua parte usá-la como isca, Dama!

— Ainda é isca. Aquela bruxa que encontramos em Gammu não encontrou aquelas pessoas por acidente.

— Sim, Dama.

“Sim, Dama!” Mas o som subserviente da voz de Logno era agradável. — Então, ande logo com isso!

Logno saiu apressada.

Havia sempre essas pequenas células de violência potencial reunindo-se secretamente em algum lugar. Incrementando a carga mútua de ódio, apinhando-se para desintegrar as vidas ordeiras a seu redor. Alguém sempre tinha que fazer uma limpeza depois disso. A Dama suspirou. As táticas terroristas eram sempre tão... tão temporárias!

Sucesso, esse era o perigo. Havia lhes custado um império.

Se você acenasse com o sucesso como uma flâmula, alguém sempre ia querer derrotá-la. Inveja!

“Desta vez, guardaremos nosso sucesso com mais cautela.”

Caiu em uma espécie de devaneio, alerta ainda aos sons às suas costas, mas apreciando a evidência de novas vitórias que lhe haviam sido reveladas essa manhã. Gostava de rolar os nomes dos planetas cativos silenciosamente na ponta da língua.

“Wallach, Kronin, Reenol, Ecaz, Bela Tegeuse, Gammu, Gamont, Niushe...”

Os seres humanos nascem com suscetibilidade à mais persistente e debilitante enfermidade do intelecto: a de se iludirem a si próprios. O melhor e o pior de todos os possíveis universos recebem disso a sua coloração dramática. Pelo que pudemos apurar, não existe imunidade natural. É necessário estar constantemente alerta.

— O Coda

Com Odrade longe da Central (e provavelmente só por pouco tempo), Bellonda sabia que tinha de agir rápido. “Aquele infernal Mentat-ghola é perigoso demais para ficar vivo!”

Mal o grupo da Madre Superiora desapareceu de vista na tarde que caía, Bellonda já estava a caminho da não-nave.

Uma aproximação sensata pelos anéis de pomares não lhe servia. Tomou lugar em um tubo sem janelas, automático, e veloz.

Odrade, também, tinha observadoras que poderiam mandar mensagens indesejáveis.

No caminho, passou em revista sua avaliação das muitas vidas de Idaho. Um registro que havia guardado nos Arquivos, pronto para rápida recuperação. Nos gholas originais e antigos, seu caráter havia sido dominado por impulsividade. Rápido em odiar, rápido em ser leal. Idaho-gholas posteriores temperaram isso com cinismo, mas a impulsividade básica permaneceu. O Tirano a chamara à tona muitas vezes. Bellonda reconheceu um padrão.

“Ele pode ser instigado pelo orgulho.”

Fascinava-a o longo tempo em que ele servira o Tirano. Não só tinha sido Mentat muitas vezes, mas havia indícios de que tinha sido um Revelador da Verdade em mais de uma encarnação.

A aparência de Idaho refletia o que vira nos registros. Linhas interessantes de caráter, uma expressão ao redor dos olhos e uma posição de lábios que combinavam com um desenvolvimento interior complexo.

Por que Odrade não aceitava o perigo que esse homem representava?

Bellonda ficava apreensiva quando ela falava de Idaho, alardeando suas emoções.

— O pensamento dele é claro e direto. Sua mente é escrupulosamente limpa. É revigorante. Gosto dele, e sei que é uma coisa trivial demais para influenciar minhas decisões.

“Ela admite a influência dele!”

Bellonda encontrou Idaho sozinho e sentado à mesa de comando. Fixava atentamente uma imagem linear que ela reconheceu: o esquema operacional da não-nave. Apagou a projeção quando a viu.

— Olá, Bell. Estava à sua espera.

Tocou a mesa de comando, e uma porta se abriu atrás dele.

O jovem Teg entrou e ficou perto de Idaho, olhando em silêncio para Bellonda.

Idaho não a convidou a sentar-se nem procurou uma cadeira para ela, forçando-a a trazer uma do quarto de dormir e colocá-la à sua frente. Quando se sentou, ele olhou-a com uma expressão cautelosa e divertida.

Bellonda continuava surpresa pela saudação. “Por que ele estava à minha espera?”

Ela respondeu à pergunta não formulada: — Dar se projetou antes, disse que ia ver Sheeana. Sabia que você não perderia tempo em vir me ver quando ela saísse.

Simples projeção Mentat ou... — Ela avisou você!

— Errado.

— Quais segredos você e Sheeana compartilham? —

Exigindo.

— Ela me usa como você quer que me use.

— A Missionária!

— Bell! Dois Mentais juntos. Será que temos de fazer essas brincadeiras estúpidas?

Bellonda respirou fundo e procurou o modo Mentat. Não era fácil nessas circunstâncias, aquela criança olhando para ela, a expressão divertida de Idaho. Estaria Odrade demonstrando uma dissimulação insuspeitada? Trabalhando contra uma Irmã com esse ghola?Idaho relaxou quando viu a intensidade Bene Gesserit tornar-se o foco duplo da Mentat. — Sei há muito tempo que você quer me ver morto, Bell.

“Sim... Tenho sido transparente em meus temores.” Escapara por pouco, pensou. Bellonda viera a ele com a morte no pensamento, um pequeno drama já preparado, para criar “a necessidade”. Tinha poucas ilusões quanto à sua capacidade de competir com ela em violência. Mas Bellonda-Mentat observaria antes de agir.

— É falta de respeito essa sua maneira de usar nossos primeiros nomes — disse, provocando.

— Reconhecimento diferente, Bell. Você não é mais Reverenda Madre

e eu não sou “o ghola”. Dois seres humanos com problemas em comum. Não me diga que não sabe disso.

Olhou em volta da sala de trabalho. — Se estava à minha espera, por que não trouxe Murbella aqui?

— Forçá-la a matar você para me proteger?

Bellonda avaliou a idéia. “O diabo da Honrada Madre provavelmente poderia me matar, mas então...” — Você a mandou embora para protegê-la.

— Tenho um protetor melhor. — Indicou a criança.

“Teg? Um protetor? *Havia* umas histórias de Gammu sobre ele. Será que Idaho sabe alguma coisa?”

Queria perguntar, mas ousaria arriscar um desvio do assunto? Os vigilantes deveriam receber um cenário claro de perigo.

— Ele?

— Serviria a Bene Gesserit se visse você me matar?

Como ela não respondesse, disse: — Ponha-se em meu lugar, Bell. Sou um Mentat preso não só em sua armadilha, mas também na das Honradas Madres.

— É tudo que você é, um Mentat?

— Não. Sou uma experiência Tleilaxu, mas não vejo o futuro, não sou um Kwisatz Haderach. Sou um Mentat com memórias de muitas vidas. Você, com suas Outras Memórias — pense na vantagem que isso me dá.

Enquanto falava, Teg veio se encostar na mesa de comando ao lado dele. A expressão do menino era de curiosidade, mas Bell não viu nenhum medo dela.

Idaho indicou o foco de projeção acima da cabeça, grãos de prata dançando, prontos para criarem suas imagens. — Um Mentat vê suas transmissões produzindo discrepâncias — cenas de inverno no verão, sol quando suas visitas vieram na chuva... Não esperava que eu não levasse em conta seus pequenos dramas?

Ela ouviu a exposição de Mentat. Até esse ponto, compartilhavam os mesmos ensinamentos. — Naturalmente você disse a si mesmo para não minimizar o Tao.

— Fiz perguntas diferentes. Coisas que acontecem juntas podem ter laços subterrâneos. O que são causa e efeito quando confrontados com a simultaneidade?

— Você teve bons professores.

— E não só em uma vida.

Teg inclinou-se para ela. — Veio realmente aqui para matá-lo? Não adiantava mentir. — Ainda acho que é perigoso demais. —

Que as vigilantes discutam isso!

— Mas ele vai me devolver minhas memórias!

— Dançarinos no mesmo palco, Bell — disse Idaho. — Tao.

Pode parecer que não estamos dançando juntos, podemos não usar os mesmos passos ou ritmos, mas somos vistos juntos.

Começou a desconfiar onde ele poderia estar chegando, e pensou se haveria outra maneira de destruí-lo.

— Não sei do que está falando — disse Teg.

— Coincidências interessantes — Idaho disse.

Teg virou-se para Bellonda. — Talvez possa explicar, por favor? — Ele está tentando me dizer que precisamos um do outro.

— Então por que não diz isso?

— É mais sutil que isso, garoto. — E pensou: “Os registros devem me mostrar avisando Idaho.” — O nariz do asno não é a origem da cauda, Duncan, não importa quantas vezes você veja o animal passar no estreito espaço vertical que limita a visão que você tem dele.

Os olhos de Idaho encontraram o olhar fixo de Bellonda. —

Dar veio aqui uma vez com um ramo de flores de macieira, mas minha projeção mostrava a época da colheita.

— São charadas, não é? — disse Teg, batendo palmas.

Bellonda lembrou-se do registro daquela visita. Movimentos precisos da Madre Superiora. — Você não desconfiou de uma estufa? — Ou

que ela só queria me agradar?

— É para eu adivinhar? — Teg perguntou.

Após um longo silêncio, olho Mentat dentro de olho Mentat, Idaho disse: — Existe anarquia por trás de minha prisão, Bell.

Discórdia nos conselhos mais altos da Irmandade.

— Pode haver deliberação e critério mesmo na anarquia —

ela disse.

— Você é uma hipócrita, Bell.

Recuou como se ele a tivesse atacado, um movimento totalmente involuntário que a chocou pela reação forçada. “Voz”?

Não... algo mais profundo. Ficou, de repente, com terror desse homem. — Acho incrível que uma Mentat *e uma Reverenda Madre* possa ser tão hipócrita — ele disse.

Teg puxou o braço de Idaho. — Estão brigando? Idaho empurrou a mão dele. — Sim, estamos brigando. Bellonda não conseguia desgrudar o olhar dos olhos de Idaho. Queria virar-se e fugir. O que ele estava fazendo? Estava saindo tudo errado.

— Hipócritas e criminosos entre vocês? — ele perguntou.

Mais uma vez, Bellonda lembrou-se dos televigias. Ele estava jogando não só com ela, mas também com os vigilantes! E o fazia com um cuidado extraordinário. Sentiu-se de repente cheia de admiração por seu desempenho, mas isso não acalmou o medo.

— Estou perguntando por que suas Irmãs toleram você. —

Os lábios se moviam com precisão tão delicada! — Você é um mal necessário? Uma fonte de dados valiosos e, ocasionalmente, bons conselhos?

Encontrou a fala. — Como ousa? — Gutural, contendo toda a malevolência alardeada.

— Pode ser que você fortaleça suas Irmãs. — Voz sem timbre, sem mudar a inflexão. — Elos fracos criam espaços que outras têm de reforçar e isso dá força a essas outras.

Bellonda percebeu que mal conseguia manter o modo Mentat. Alguma coisa disso podia ser verdade? Seria possível que a Madre Superiora a visse assim?

— Você veio com uma desobediência criminal em mente —

ele disse. — Tudo em nome da necessidade! Um pequeno drama

para os televigias, provando que não tinha escolha.

Descobriu que essas palavras estavam restaurando suas habilidades Mentat. Ele saberia o que estava fazendo? Estava fascinada pela compulsão de estudar tanto seu modo como suas palavras. Será que ele realmente a lia tão bem assim? O registro desse encontro poderia ser muito mais valioso que seu pequeno drama. E o resultado era igual!

— Acha que as vontades da Madre Superiora são lei? —

perguntou.

— Acha realmente que não sou observador? — acenando com a mão para Teg, que estava prestes a interromper. — Bell! Seja apenas uma Mentat.

— Estou ouvindo. — “E muitos outros também!”

— Estou afundado em seu problema.

— Não lhe demos nenhum problema!

— Deram, sim. *Você* deu, Bel. Vocês são avarentas na maneira em que dispensam as peças, mas eu vejo.

Bellonda abruptamente lembrou-se de Odrade dizendo: —

Não preciso de um Mentat! Preciso de um inventor.

— Vocês... precisam... de mim — disse Idaho. — Seu problema ainda está no embrião, mas a carne está lá e precisa ser extraída.

— Por que iríamos precisar de você?

— Precisam de minha imaginação, minha inventividade, coisas que me mantiveram vivo face à ira de Leto.

— Disse que ele o matou tantas vezes, que perdeu a conta.

— “Engula suas próprias palavras, Mentat!”

Deu-lhe um sorriso primorosamente controlado, tão preciso que nem ela nem os televigias podiam se enganar quanto à intenção. — Mas como pode confiar em mim, Bell?

“Ele se autocondena!”

— Sem algo de novo, vocês estão condenadas — ele disse.

— É somente questão de tempo, e todas sabem disso. Talvez não nesta geração. Talvez nem mesmo na próxima. Mas é inevitável.

Teg puxou a manga de Idaho com força. — O Bashar poderia ajudar, não é?

Então o menino prestava atenção. Idaho deu uma pancadinha no braço de Teg. — O Bashar não basta. — E para Bellonda: — Dois pobres-diabos. Temos que brigar por causa de um osso? — Já disse isso antes. — “E sem dúvida dirá novamente.”

— Ainda Mentat? — perguntou. — Então jogue fora o drama!

Tire essa névoa romântica de nosso problema!

“Dar é a romântica! Eu não!”

— O que há de romântico — ele perguntou — em pequenos agrupamentos de Bene Gesserit Dispersas aguardando o massacre?

— Acha que ninguém escapará?

— Vocês estão semeando o universo com inimigos — ele disse. — Estão alimentando Honradas Madres!

Ficou totalmente (e somente) Mentat então, o que era necessário para competir com esse ghola, habilidade contra habilidade. Drama? Romance? O corpo era um obstáculo ao desempenho Mentat. Mentats têm de usar o corpo, e não deixar que interfira. — Nenhuma das Reverendas Madres que vocês dispersaram jamais voltou ou mandou um recado — ele disse. —

Procuram se tranqüilizar dizendo que só as Dispersas sabem onde vão. Como podem ignorar o recado implícito nesse fato? Por que ninguém tentou se comunicar com a Sede?

“Está censurando todas nós, esse demônio! E tem razão.”

— Apresentei o problema em sua forma mais elementar?

“Pergunta Mentat!”

— A pergunta mais simples, a projeção mais simples — ela concordou.

— Êxtase sexual amplificado: impressão Bene Gesserit? As Honradas Madres estão pegando sua gente em armadilhas?

— Murbella? — O desafio de uma só palavra. “Avalie essa mulher que você diz que ama! Ela sabe coisas que deveríamos saber?” —

São condicionadas a não levar seu próprio prazer em níveis viciosos, mas são vulneráveis.

— Ela nega que haja origens Bene Gesserit na história das Honradas Madres.

— Como foi condicionada a fazer.

— Ânsia de poder, então?

— Até que enfim fez uma pergunta apropriada. — E como ela não respondesse, disse: — Mater Felicíssima. — Dirigindo-se a ela no tratamento antigo dado aos membros do Conselho Bene Gesserit.

Ela sabia por que fazia isso e sentiu as palavras produzirem o efeito desejado. Estava em equilíbrio firme agora. Reverenda Madre Mentat envolvida pela *mohalata* de sua própria Agonia de Especiaria

— aquela união da benigna Outra Memória protegendo-a do domínio de ancestrais malignos.

“Como é que ele sabia fazer isso?” Todos os observadores atrás dos televigias fariam essa pergunta. “Claro! O Tirano o havia treinado nisso, milhões e milhões de vezes. O que temos aqui? Que talento é esse que a Madre Superiora ousa usar? Perigoso, sim, mas muito mais valioso do que eu suspeitava. Pelos deuses de nossa própria criação! Será ele o instrumento para nos libertar?”

Como estava calmo! Sabia que a havia pegado.

— Em uma de minhas vidas, Bell, visitei sua casa Bene Gesserit em Wallach IX e lá falei com uma de suas ancestrais, Tersius Helen Anteac. Deixe que ela a guie, Bell. Ela sabe.

Bellonda sentiu uma pontada familiar na mente. “Como é que ele podia saber que Anteac era minha antepassada?”

— Fui a Wallach IX por ordem do Tirano — ele disse. — Ah, sim! Pensava muito nele como o Tirano. Minhas ordens eram eliminar a

escola Mentat que vocês pensavam que haviam escondido lá.

O simulfluxo-Anteac intrometeu-se: “Vou lhe mostrar agora o acontecimento de que ele está falando.”

— Considere — disse ele — eu, um Mentat, forçado a eliminar uma escola que treinava as pessoas da maneira em que fui treinado. Sabia por que ele o ordenara, é claro, e você também sabe.

Simulfluxo derramou em sua percepção: “Ordem dos Mentats, fundada por Gilbertus Albans; santuário temporário com Bene Tleilaxu que esperava incorporá-los na hegemonia Tleilaxu; espalhou-se em inúmeras *escolas-sementes;* suprimidas por Leto II porque formavam um núcleo de oposição independente; espalhadas na Dispersão após a Fome.”

— Manteve alguns dos melhores professores em Duna, mas a pergunta com que Anteac está forçando você a se confrontar agora não vai até lá. Onde foram suas Irmãs, Bell?

— Não podemos saber por enquanto, não é? — Olhou a mesa de comando com novos olhos. Era errado bloquear uma mente dessas. Se iam usá-lo, deveriam usá-lo totalmente.

— A propósito, Bell — disse, quando ela ficou de pé para partir —, as honradas Madres podem ser um grupo relativamente pequeno.

“Pequeno?” Não sabia que a Irmandade estava sendo esmagada por números aterrorizadores de planeta em planeta?

— Todos os números são relativos. Existe alguma coisa no universo que seja realmente inalterável? Nosso Velho Império poderia ser o último refúgio para elas, Bell. Um lugar para se esconderem e tentarem se reagrupar.

— Sugeriu isso antes... a Dar.

“Não Madre Superiora. Não Odrade. Dar.” — Ele sorriu. — E

talvez pudéssemos ajudar com Scytale.

— Nós?

— Murbella para colher informações, eu para avaliá-las. Não gostou do sorriso que isso provocou.

— O que está sugerindo, exatamente?

— Deixar nossas imaginações divagarem e construir nossas experiências de acordo. Qual seria a utilidade até mesmo de um não-planeta, se alguém pudesse penetrar o escudo?

Ela olhou para o menino. Idaho sabia da suspeita de que o Bashar havia visto as não-naves? Naturalmente! Um Mentat com sua capacidade... bocados e pedaços se juntaram em uma projeção magistral.

— Seria necessária a potência total de um sol G-3 para servir de escudo a qualquer planeta habitável. — Olhou-o de maneira seca e muito fria.

— Nada é impossível na Dispersão.

— Mas não com nossa capacidade atual. Tem alguma coisa menos ambiciosa?

— Faça uma revisão das marcas genéticas nas células de seu povo. Procure padrões comuns na herança Atreides. Pode haver talentos que nem imaginaram.

— Sua imaginação criativa dá grandes saltos.

— Sóis G-3 para genética. Pode haver fatores em comum.

“Por que essas sugestões loucas? Não-planetas e pessoas para as quais os escudos prescientes ficam transparentes? O que ele está fazendo?”

Não se iludiu com a idéia de que falava só para ela. Sempre havia os tele vigias.

Ele ficou calado, um braço descansando com toda a naturalidade nos ombros do menino. Ambos observando-a. Um desafio?

“Seja um Mentat se puder!”

“Não-planetas?” À medida que a massa de um objeto aumentava, a energia — para anular a gravitação — ultrapassava limites comparáveis a números primos. Não-escudos encontravam barreiras de energia ainda maiores. Estaria Idaho sugerindo que alguém na Dispersão podia ter encontrado uma solução do problema? — ela perguntou.

— Os Ixianos não penetraram o conceito de unificação de Holzmann — ele disse. — Apenas o usam — uma teoria que funciona mesmo quando você não a compreende.

“Por que está dirigindo minha atenção para a tecnocracia de Ix?” Os Ixianos estavam metidos em coisas demais para que as Bene Gesserit confiassem neles.

— Não está curiosa em saber por que o Tirano nunca suprimiu Ix? — perguntou. E quando ela continuou a olhá-lo fixamente: — Apenas os refreou. Estava fascinado com a idéia de

humanos e máquinas ligados por indissolúvel laço, um testando os limites do outro.

— Cyborgs?

— Entre outras coisas.

Idaho não sabia do resíduo de repulsa deixado pelo Jihad Butleriano até mesmo entre as Bene Gesserit? Alarmante! A convergência do que cada um — humano *e* máquina — podia fazer.

Considerando as limitações das máquinas, era uma descrição sucinta da miopia dos Ixianos. Estaria Idaho dizendo que o Tirano apoiava a idéia da Inteligência das Máquinas? Tolice! Virou as costas para ele.

— Está indo embora depressa demais, Bell. Deveria estar mais interessada na imunidade de Sheeana à ligação sexual. Os jovens que mando para polimento *não* são imprimidos, e nem ela.

No entanto, nenhuma Honrada Madre é mais perita que ela.

Bellonda viu então o valor que Odrade dava a esse ghola.

“Inestimável! E eu poderia tê-lo matado.” A proximidade desse erro a encheu de consternação.

Quando chegou à porta, ele a deteve mais uma vez.

— Os Futares que vi em Gammu — por que nos disseram que caçavam e matavam Honradas Madres? Murbella não sabe nada sobre isso.

Bellonda saiu sem olhar para trás. Tudo que havia aprendido sobre Idaho hoje aumentava o perigo que ele representava... mas tinham que conviver com isso... por enquanto.

Idaho respirou fundo, e olhou para o confuso Teg.

— Obrigado por estar aqui. Apreciei muito que tenha ficado calado diante de tão grande provocação.

— Ela não teria mesmo matado você... teria?

— Se você não tivesse ganho aqueles primeiros segundos para mim, talvez tivesse.

— Por quê?

— Ela está com a idéia errada de que eu posso ser um Kwisatz Haderach.

— Como Muad'Dib?

— E seu filho.

— Bom, não vai atacar você agora.

Idaho olhou a porta por onde Bellonda saíra. Trégua. Era só o que tinha obtido. Talvez não fosse mais *somente* um dente de engrenagem nas maquinações de outros. Tinham conseguido um novo relacionamento, que poderia mantê-lo vivo, se fosse explorado cuidadosamente. Ligações emocionais não faziam parte disso, nem mesmo com Murbella... nem com Odrade. No fundo, Murbella se ressentia da escravidão sexual tanto quanto ele. Odrade podia fazer insinuações sobre laços antigos de lealdades Atreides, mas não se podia confiar nas emoções de uma Reverenda Madre.

"Atreides!" Olhou para Teg, vendo a aparência de família começando a dar formas ao rosto imaturo.

"E o que consegui realmente com Bell?" Era provável que não lhe dessem mais dados falsos. Podia ter uma certa confiança no que uma Reverenda Madre lhe dissesse, temperando isso com a percepção de que qualquer ser humano pode cometer erros.

"Não sou o único em uma escola especial. As Irmãs estão em minha escola agora!"

— Posso ir procurar Murbella? — Teg perguntou. — Ela prometeu me ensinar como brigar com os pés. Acho que o Bashar nunca aprendeu isso.

— *Quem* nunca aprendeu?

De cabeça baixa, encabulado. — *Eu* nunca aprendi.

— Murbella está na sala de exercícios. Pode ir. Mas deixe que eu conte a ela sobre Bellonda.

O aprendizado no meio Bene Gesserit não parava nunca, pensou Idaho, olhando o menino sair. Mas Murbella tinha razão quando dizia que estavam aprendendo coisas que só podiam aprender com as Irmãs.

Essa idéia despertou apreensão. Viu uma imagem na memória: Scytale de pé atrás de uma barreira em um corredor. O

que estaria aprendendo o companheiro de prisão? Idaho estremeceu. Pensar nos Tleilaxu sempre provocava recordações dos Dançarinos Faciais. E aquela habilidade do Dançarino Facial de

“reimprimir” as memórias de qualquer pessoa que matasse. Por sua vez, isso o encheu de medo de suas visões. Dançarinos Faciais?

“E eu sou uma experiência Tleilaxu.”

Não ousaria explorar isso com uma Reverenda Madre, ou mesmo ao alcance da vista ou do ouvido de uma delas.

Foi então pelos corredores até os aposentos de Murbella, onde sentou-se e examinou o resíduo de uma lição que ela estudara. Voz. Ali estava o timbre-puro, instrumento que usava para repercussão de suas experiências vocais. O aparelho de respiração para forçar reações prana-bindu estava em uma cadeira, jogado com displicência, todo emaranhado. Eram maus hábitos, datados de seus dias como Honrada Madre.

Murbella o encontrou quando voltou. Usava uma malha branca colante manchada de suor e estava com pressa de tirar a roupa e ficar à vontade. Ele a deteve a caminho do chuveiro, usando um dos truques que havia aprendido.

— Descobri umas coisas sobre a Irmandade que não sabíamos antes.

— Conte! — Era a *sua* Murbella exigindo isso, o suor reluzindo no rosto oval, admiração nos olhos verdes. “Meu Duncan as desmascarou de novo!”

— Um jogo em que uma das peças não pode ser movida —

ele a fez lembrar. “Que os espiões televigias se divirtam com essa!”

— Não só esperam que as ajude a criar uma nova religião em torno de Sheeana, *nossa participação voluntária em seu sonho,* mas também querem que eu seja seu moscardo, sua consciência, fazendo-as questionar suas próprias desculpas por *comportamento extraordinário.*

— Odrade esteve aqui?

— Bellonda.

— Duncan! Ela é perigosa. Você nunca deve vê-la sozinho.

— O menino estava comigo.

— Ele não disse nada!

— Estava obedecendo ordens.

— Está bem! O que aconteceu?

Fez um breve resumo, descrevendo até as expressões faciais de Bellonda e outras reações. (E como os espiões televigias iam se divertir!)

Murbella ficou furiosa. — Se ela fizer algum mal a você, nunca mais vou cooperar com nenhuma delas!

“Resposta na ponta da língua, minha querida.

Conseqüências! Vocês, bruxas Bene Gesserit, devem reexaminar seu comportamento com muito cuidado.”

— Estou suada dos exercícios — ela disse. — Aquele menino. Como é rápido. Nunca vi uma criança tão esperta.

Ele ficou de pé. — Deixe que a ensaboe.

No chuveiro, ajudou-a a tirar a malha suada, os dedos frescos na pele quente. Podia ver como ela gostava de seu toque.

— Tão meigo, mas também tão forte — murmurou.

“Deuses das profundezas!” Olhava para ele como se quisesse devorá-lo.

Excepcionalmente, os pensamentos de Murbella com respeito a Idaho estavam livres de auto-acusação. “Não me lembro de momento algum em que tenha acordado e dito: — Eu o amo!”

Não, tinha se insinuado manhosamente nesse vício cada vez mais profundo até que, fato consumado, tinha de ser aceito em cada momento da vida. Como a respiração... ou as batidas do coração.

“Uma falha? A Irmandade está errada!”

— Esfregue minhas costas — disse, e riu quando o chuveiro encharcou as roupas dele. Ajudou-o a despir-se e ali mesmo no chuveiro aconteceu mais uma vez: essa compulsão incontrolável, essa amálgama macho-fêmea que afugentava tudo, exceto a sensação. Só depois podia se lembrar e dizer a si mesma: “Ele sabe todas as técnicas que eu sei.” Mas era mais do que técnica. “Ele quer me agradar! Meus deuses de Dur! Como tive tanta sorte?”

Agarrou-se ao pescoço dele enquanto ele a tirava do chuveiro e a deitava ainda molhada na cama. Puxou-o para junto dela é ficaram deitados, quietos, deixando que as energias se recuperassem.

Depois de algum tempo, ela murmurou: — Então a Missionária vai usar Sheeana.

— Muito perigoso.

— Coloca a Irmandade em uma posição muito exposta.

Pensei que sempre procurassem evitar isso.

— De meu ponto de vista, é ridículo.

— Acha isso porque tencionavam que você controlasse Sheeana?

— Ninguém pode controlá-la! Talvez ninguém deva. — Olhou para os televigias. — Olá, Bell! Você pegou mais de um tigre pelo rabo. Bellonda, voltando aos Arquivos, parou à porta do Registro de Televigias e tez uma pergunta com os olhos à Madre Vigilante.

— No chuveiro de novo — disse a Madre Vigilante. — Fica monótono depois de certo tempo.

— A Mística da Participação! — Bellonda disse e foi em direção a seus cômodos, a mente um turbilhão de percepções alteradas que necessitavam ser reorganizadas. “Ele é um Mentat melhor que eu!”

“Tenho ciúmes de Sheeana, diabos! E ele sabe!”

A mística da participação! A orgia como energizante. O

conhecimento sexual das Honradas Madres estava tendo um efeito nas Bene Gesserit semelhante aquela imersão primitiva em êxtase compartilhado. Damos um passo nessa direção e um passo na direção contrária

Basta saber que isso existe! Tão repelente, tão perigoso... e no entanto, tão magnético.

“E Sheeana é imune! Maldita!” Por que Idaho tinha de lembrá-la disso logo agora?

Dêem-me a decisão de mentes equilibradas de preferência a leis, todas as vezes. Códigos e manuais criam um comportamento padronizado. Todo comportamento padronizado tende a não ser questionado, acumulando um momentum *destrutivo. — Darwi*

Odrade Tamalane apareceu nos aposentos de Odrade, em Eldio, pouco antes do amanhecer, trazendo notícias da estrada vidrada à frente delas.

— A areia levada pelo vento tornou a estrada perigosa ou intransitável em seis locais além do mar. Dunas muito grandes.

Odrade acabara de completar a rotina diária: mini-Agonia de Especiaria, seguida de exercício e um chuveiro frio. O quarto de hóspedes de Eldio só dispunha de uma cadeira-linga (conheciam suas preferências) e tinha se sentado para aguardar Streggi e o relatório matinal.

O rosto de Tamalane parecia pálido à luz de dois globos luminosos prateados, mas sua satisfação era evidente. “Se tivesse me ouvido!”

— Arranje uns tópteros — Odrade disse.

Tamalane saiu, obviamente desapontada com a reação calma da Madre Superiora.

Odrade chamou Streggi. — Verifique as estradas alternativas.

Procure saber sobre a passagem pela ponta oeste do mar.

Streggi saiu apressada, quase esbarrando em Tamalane, que estava de volta.

— Lastimo informar-lhe que o Transporte não pode nos dar bastantes tópteros imediatamente. Estão mudando cinco comunidades a leste daqui. É possível tê-los lá pelo meio-dia.

— Não há um terminal de observação na beira daquela ponta de deserto para o sul? — Odrade perguntou.

— A primeira obstrução é logo depois. — Tamalane ainda estava muito satisfeita consigo mesma.

— Mande os tópteros nos encontrarem lá — disse Odrade.

— Vamos partir logo após o café.

— Mas Dar...

— Diga a Clairby que você vai comigo hoje, sim, Streggi? —

A acólita estava junto à porta, atrás de Tamalane.

A posição dos ombros ao sair demonstrava que Tamalane não considerava o novo arranjo de assentos um perdão.

“ Censura!” Mas o comportamento de Tam se adaptava às necessidades.

— Podemos chegar até o terminal de observação — disse Streggi, indicando que tinha ouvido. — Vamos levantar poeira e areia, mas é seguro.

— Vamos apressar o café.

Quanto mais se aproximavam do deserto, mais árida ficava a região, e Odrade comentou isso enquanto viajavam para o sul.

Dentro de cem quilômetros da última orla de deserto observada, viram sinais de comunidades erradicadas e levadas para latitudes mais frias. Alicerces nus, paredes inaproveitáveis, danificadas ao desmontar, deixadas para trás. Canos cortados ao nível dos alicerces. Caro demais escavá-los. A areia ia cobrir essa sujeira toda em pouco tempo.

Não tinham uma Muralha-Escudo aqui como havia em Duna, Odrade comentou com Streggi. Muito em breve, a população da Sede da Irmandade iria para as regiões polares, minar o gelo para obter água.

— E verdade, Madre Superiora — alguém atrás, com Tamalane perguntou —, que já estamos produzindo equipamento para colher a especiaria?

Odrade virou-se no assento. A pergunta viera de uma funcionária de Comunicações, acólita sênior: uma mulher mais velha, com rugas de responsabilidade sulcando a testa; sombria e vesga, de tantas horas com seu equipamento.

— Temos de estar preparadas para os vermes — disse Odrade. — Se eles vierem — disse Tamalane.

— Você já andou no deserto, Tam? — Odrade perguntou.

— Eu estava em Duna. — Resposta muito curta.

— Mas foi até o deserto aberto?

— Só até umas pequenas dunas perto de Keen.

— Não é a mesma coisa. — Uma resposta curta merecia uma réplica igualmente curta.

— A Outra Memória me diz o que preciso saber. — Isso foi para as acólitas.

— Não é a mesma coisa, Tam. Você mesma tem de fazer isso. Uma sensação muito estranha em Duna, sabendo que um verme podia vir a qualquer momento e consumir você.

— Ouvi falar de sua... exploração em Duna.

“Exploração. Não *experiência.* Exploração. Muito precisa em sua censura. Isso é típico de Tam. — ‘Está aprendendo coisas demais com a Bell’ — dirão alguns.”

— Andar nesse tipo de deserto muda a gente, Tam. A Outra Memória fica mais clara. Uma coisa é extrair experiências de um antepassado Fremen. É muito diferente andar por lá como uma Fremen, mesmo que seja só por poucas horas.

— Não gostei nada.

O espírito de aventura de Tam se resumia nisso, e todo mundo no carro a tinha visto sob esse aspecto. A notícia se espalharia.

“Ainda furiosa, veja só!”

Mas agora a mudança para Sheeana no Conselho (“se ela servir”) teria uma explicação mais fácil.

O terminal de observação era uma expansão de sílica fundida, verde e vidrada, entremeada de bolhas de calor. Odrade estava em pé na beira fundida e notou que a grama logo abaixo estava desaparecendo, a areia invadindo o sopé da colina, antigamente tão verdejante. Havia uns arbustos novos (plantados pelo pessoal de Sheeana, disse uma das acompanhantes de Odrade) formando um anteparo cinzento ao longo dos braços do deserto que avançavam. Uma guerra silenciosa. A vida baseada em clorofila lutando na retaguarda contra a areia.

Uma duna baixa se erguia acima do terminal à direita.

Acenando para que as outras não a seguissem, subiu a colina de areia. Do outro lado, escondido pelo seu volume, estava o deserto da memória.

“Então isso é o que estamos criando.”

Nenhum sinal de habitação. Não olhou para trás, para coisas vivas, empenhadas em sua última luta desesperada contra as dunas invasoras, mas focalizou a atenção ao longe, no horizonte. Era essa a fronteira que os habitantes do deserto vigiavam. Qualquer coisa se movendo naquela vastidão árida era potencialmente perigosa.

Quando voltou para as outras, ficou olhando algum tempo a superfície vítrea do terminal.

A acólita mais velha de Comunicações veio a Odrade com uma solicitação da Meteorologia.

Odrade a examinou. Concisa e inescapável. Nada de repentino sobre as mudanças indicadas nessas palavras. Estavam pedindo mais equipamento térreo. Isso não aconteceu como uma súbita tempestade acidental, mas com a decisão da Madre Superiora.

“Ontem? Foi ontem que resolvi eliminar o mar?”

Devolveu o relatório à acólita de Comunicação e olhou ao longe a superfície vidrada marcada pela areia.

— Solicitação aprovada. — E depois: — Fico triste de ver que todos aqueles prédios lá atrás não existem mais.

A acólita encolheu os ombros. “Encolheu os ombros!” Odrade teve vontade de bater nela. (E isso certamente iria causar grandes confusões na Irmandade!)

Odrade deu as costas à mulher.

“O que poderia lhe dizer? Ocupamos este solo cinco vezes os anos de vida de nossas irmãs mais velhas. E esta aqui encolhe os ombros.”

No entanto... por certos padrões, sabia que as instalações da Irmandade mal tinham alcançado a maturidade. Plaz e plasteel tendiam a manter um relacionamento metódico entre os prédios e o cenário. “Fixo na terra e na memória.” Vilas e cidades não se submetiam facilmente a outras forças... exceto aos caprichos humanos. “Outra força natural.”

O conceito de respeito pela idade era estranho, decidiu. Os humanos o tinham inato. Ela o vira no velho Bashar quando falava da propriedade da família em Lernaeus.

“Achamos apropriado manter a decoração de minha mãe.”

Continuidade. Iria um ghola ressuscitado ressuscitar esses sentimentos também?

“Foi aí que minha espécie esteve.”

Isso adquiria uma patina esquisita quando “minha espécie”

eram antepassados consangüíneos.

“Veja só quanto tempo nós, Atreides, ficamos em Caladan, restaurando o velho castelo, polindo entalhes profundos em madeira

antiga. Equipes de servidores só para manter aquele lugar velho que rangia, em um nível funcional apenas tolerável.”

Mas aqueles servidores não se consideravam maltratados.

Havia um senso de privilégio em seu trabalho. As mãos que poliam a madeira quase a acariciavam.

— Velho. Com os Atreides há muito tempo já.

As pessoas e seus artefatos. Sentiu a sensação de ferramentas como se fossem parte dela.

“Sou melhor por causa desse pau em minha mão... por causa dessa lança afiada a fogo para matar a carne... por causa desse abrigo contra o frio... por causa do meu porão de pedra para armazenar a comida no inverno... por causa desse rápido barco à vela... esse gigantesco navio... essa nave de metal e cerâmica que me transporta no espaço...”

Aqueles primeiros aventureiros humanos no espaço — pouco suspeitando até onde a viagem se estenderia. Como estavam isolados naqueles tempos antigos! Pequenas cápsulas de atmosfera habitável ligada a fontes de dados ineptas por sistemas de transmissão primitivos. Solidão. Isolamento. Oportunidades limitadas para tudo, exceto sobreviver. Manter o ar limpo. Verificar a água potável. Fazer exercícios para evitar a debilitação causada pela ausência da gravidade. Permanecer ativo. Mente sã em corpo são. Afinal de contas, o que era uma mente sã?

— Madre Superiora?

Aquela desgraçada acólita de Comunicações, de novo!

— Sim?

— Bellonda pediu para lhe dizer imediatamente que chegou uma mensageira de Buzzell. Vieram estranhos que levaram todas as Reverendas Madres.

Odrade virou-se rapidamente. — Só isso?

— Não, Madre Superiora. Descreveram os estranhos como sendo comandados por uma mulher. A mensageira disse que parecia uma Honrada Madre, mas não estava usando o manto habitual.

— Nenhuma notícia de Dortujla ou das outras?

— Não tiveram a oportunidade, Madre Superiora. A mensageira é uma acólita do Primeiro Estágio. Veio na pequena não-nave obedecendo a ordens explícitas de Dortujla.

— Diga a Bell que essa acólita não tem permissão para partir. Ela possui informações perigosas. Darei instruções a uma mensageira quando voltar. Tem de ser uma Reverenda Madre.

Entendeu?

— Claro, Madre Superiora. — Magoada com a idéia de qualquer dúvida. Estava acontecendo! Odrade teve dificuldade em conter a agitação. “Morderam a isca. Agora... estarão no anzol?

“Dortujla fez uma coisa perigosa dependendo de uma acólita.

Conhecendo Dortujla, deve ser uma acólita absolutamente confiável.

Pronta a se matar se for capturada. Preciso ver essa acólita. Pode estar pronta para a Agonia. E talvez isso seja uma mensagem que Dortujla está me mandando. É o jeito dela.”

Bell ia ficar furiosa, claro. “É tolice confiar em alguém de uma estação de castigo!”

Odrade chamou uma equipe de Comunicação. — Façam uma conexão com Bellonda.

O projetor portátil não era tão nítido quanto uma instalação fixa, mas Bell e a cena ao redor eram reconhecíveis.

“Sentada à minha mesa como se lhe pertencesse.

Excelente!”

Sem dar tempo a Bellonda para uma de suas explosões, Odrade disse: — Verifique se a mensageira acólita está pronta para a Agonia.

— Está. — “Deuses das profundezas! Era bem conciso para Bell.”
— Então providencie. Talvez possa ser nossa mensageira.

— Já providenciei.

— Ela tem expediente?

— Muito.

“O que, em nome dos diabos, tinha acontecido com Bell?

Está muito esquisita. Muito diferente do usual. Duncan!”

— Ah, Bell, e quero que Duncan tenha uma ligação aberta com os Arquivos.

— Já fiz isso hoje de manhã.

“Ora, ora. O contato com Duncan está tendo efeito.”

— Falo com você depois de ver Sheeana.

— Diga a Tam que ela estava certa.

— Sobre o quê?

— Só diga isso.

— Muito bem. Devo dizer, Bell, que estou muito satisfeita com a maneira como você está tratando de tudo.

— Depois da maneira como me tratou, como poderia falhar?

Bellonda chegou a sorrir quando desligaram. Odrade virou-se e encontrou

Tamalane em pé atrás dela.

— Certa sobre o quê, Tam?

— Que há muito mais nos contatos entre Idaho e Sheeana do que tínhamos suspeitado. — Tamalane chegou perto de Odrade e abaixou a voz. — Não a coloque no meu lugar sem descobrir o que eles mantêm em segredo.

— Sei que percebeu minha intenção, Tam. Mas... será que sou tão transparente assim?

— Em algumas coisas, Dar.

— Tenho sorte de você ser minha amiga.

— Você tem outras que a apóiam. Quando as Instrutoras votaram, foi sua criatividade que pesou a seu favor. “Inspirada”, foi isso que uma de suas defensoras disse.

— Então sabe que farei Sheeana pisar em brasas antes de tomar uma de minhas decisões “inspiradas”.

— Claro.

Odrade fez sinal a Comunicações para retirarem o projetor e foi esperar na beira da área vitrificada.

“Imaginação criativa.”

Conhecia os sentimentos confusos de suas companheiras.

“Criatividade!”

Sempre perigosa para o poder entrincheirado. Sempre aparecendo com alguma coisa nova. Coisas novas podiam destruir o domínio da autoridade. Até a Bene Gesserit abordava a criatividade com apreensão. Manter o equilíbrio inspirava alguns a

pôr de lado os que os ameaçavam. Era isso que estava por trás da transferência de Dortujla. O problema era que as pessoas criativas tendiam a preferir a estagnação. Chamavam isso de “privacidade”.

Tinha sido preciso muita força para fazer Dortujla emergir.

“Cuide-se, Dortujla. Seja a melhor isca que já usamos.”

Os tópteros chegaram nessa hora — dezesseis, os pilotos demonstrando desagrado com essa missão adicional depois de tudo por que tinham passado. “Mudando comunidades inteiras!”

Em um estado de espírito frágil, Odrade olhou os tópteros aterrissarem na superfície vidrada, as asas dobrando-se para dentro das cápsulas — cada nave parecendo um inseto adormecido.

“Um inseto esboçado à sua própria semelhança por um robô louco.”Quando estavam voando, Streggi, mais uma vez sentada ao lado de Odrade, perguntou: — Vamos ver vermes da areia?

— É possível. Mas não há nenhuma notícia deles ainda.

Streggi recostou-se no assento, desapontada com a resposta, mas sem poder aproveitar para fazer outra pergunta. A verdade podia ser

perturbadora; às vezes, e tinham expectativas tão altas investidas nessa jogada evolucionária, pensou Odrade.

“Senão, por que destruir tudo que amávamos na Sede?

Simulfluxo se intrometeu com uma imagem de um letreiro antigo no arco de uma entrada estreita de um prédio de tijolos rosados: HOSPITAL PARA DOENÇAS INCURÁVEIS.

Era lá que a Irmandade se encontrava? Ou será que toleraram fracassos demais? Havia uma finalidade na Outra Memória intrusa.

“Fracassos?”

Odrade pesquisou: “Se for o caso, devemos pensar em Murbella como uma Irmã.” Não que a cativa Honrada Madre fosse um fracasso incurável. Mas era uma desajustada e estava sendo submetida a treinamento profundo em idade avançada.

Como estavam todas quietas ao seu redor, olhando a areia varrida pelo vento — dunas parecendo baleias cedendo às vezes o lugar a pequenas ondas secas. O sol do início da tarde apenas

começara a dar luz lateral suficiente para definir a vista próxima. A poeira obscurecia o horizonte à frente.

Odrade encolheu-se no assento e dormiu. “Já vi isso antes.

Sobrevivi a Duna.”

A agitação de descerem e circularem sobre o Centro de Observação do Deserto de Sheeana acordou-a.

“Centro de Observação do Deserto. Estamos nessa de novo.

Não lhe demos um nome, realmente... da mesma forma que não demos um nome a este planeta. Sede da Irmandade! Que tipo de nome é esse? Centro de Observação do Deserto! Descrição, mas não um nome. “Ênfase no temporário.”

Ao descerem, viu a confirmação de suas idéias. A impressão de habitações temporárias era intensificada pela aspereza espartana de todas as articulações. Nenhuma suavidade, nenhuma curva nas conexões. “Isso liga aqui e aquilo encaixa lá.” Tudo ligado com conectores retiráveis.

Aterrissaram aos solavancos, o piloto dizendo: — Aqui estão, e folgo em vê-las pelas costas.

Odrade foi imediatamente para o quarto reservado para ela e chamou Sheeana. Acomodações temporárias: outro cubículo espartano com um catre duro. Duas cadeiras dessa vez. Uma janela se abria para o oeste, no deserto. A natureza temporária dessas acomodações a irritava. Tudo aqui podia ser desmontado em horas e levado embora. Lavou o rosto no banheiro ao lado, aproveitando os movimentos ao máximo. Dormira em posição confinada no tóptero e o corpo estava reclamando.

Refrescada, foi até a janela, grata pela inclusão dessa torre no plano de construção: dez andares, e este era o nono. Sheeana ocupava o andar de cima, um posto de observação para fazer o que o nome do lugar descrevia. Enquanto esperava, Odrade fez as preparações necessárias. “Abra a mente. Descarte as idéias preconcebidas.” As primeiras impressões, quando Sheeana chegasse, deveriam ser vistas com olhos inocentes. Os ouvidos não deveriam estar preparados para uma voz especial. O nariz não deveria esperar odores familiares. “Escolhi esta. Eu, sua primeira professora, sou capaz de errar.” Odrade voltou-se, a um som vindo

da porta. Streggi. — Sheeana acabou de voltar do deserto, e está com seu pessoal. Ela pede que a Madre Superiora a encontre nos aposentos superiores, que são mais confortáveis.

Odrade acenou com a cabeça.

Os aposentos de Sheeana no andar de cima ainda tinham aquela aparência pré-fabricada. Abrigo rápido à frente do deserto.

Um quarto grande, seis ou sete vezes maior que o cubículo de hóspedes, mas era ao mesmo tempo sala de trabalho e quarto de dormir. Janelas de dois lados — oeste e norte. Odrade ficou impressionada com a mistura de funcional e não-funcional.

Sheeana conseguira fazer de seus aposentos um reflexo dela mesma. Um catre padrão Bene Gesserit tinha sido coberto com uma colcha alegre, laranja e castanho. Um desenho preto sobre branco de um verme da areia, de frente, com todos os dentes de cristal à mostra, preenchia uma parede. Sheeana o desenhara, confiando na Outra Memória e em sua infância em Duna para guiarem sua mão.

Revelava algo sobre Sheeana, que não tinha tentado uma representação mais ambiciosa — em cores, talvez, e no cenário tradicional do deserto. Só o verme, e uma sugestão de areia embaixo dele, uma figura humana minúscula no primeiro plano, vestindo um manto. “Ela mesma?”

Um controle admirável e a lembrança constante da razão de estar ali. Uma impressão profunda de natureza.

“A natureza não produz má arte?”

Era um pronunciamento muito fluido para ser aceito.

“O que queremos dizer com *natureza?”*

Tinha visto florestas “naturais” atrozes: árvores quebradiças que pareciam ter sido imersas em pigmento verde imperfeito e deixadas à beira da tundra para secar em feias paródias. Repelente.

Difícil de imaginar árvores assim como tendo alguma finalidade. E

vermes-cegos... pele amarela pegajosa. Onde estava a arte neles?

Uma parada temporária na viagem da evolução para outro lugar.

Será que a intervenção dos humanos sempre fazia uma diferença?

Sligos! A Bene Tleilaxu tinha produzido algo revoltante.

Admirando o desenho de Sheeana, Odrade decidiu que certas combinações ofendiam sentidos humanos específicos. Sligos

como alimento eram deliciosos. Combinações feias tocavam experiências antigas. As experiências decidiam.

“Coisa ruim!”

“Grande parte do que consideramos ARTE atende o desejo de tranqüilidade. Não me ofenda! Sei o que posso aceitar.”

Como esse desenho tranqüiliza Sheeana?

“Verme da areia: poder cego guardando riquezas escondidas.

Maestria em beleza mística.”

Haviam dito que Sheeana brincava sobre seu encargo. —

Sou pastora de vermes que talvez nunca existam.

E mesmo que aparecessem, levaria anos até que algum alcançasse o tamanho indicado pelo desenho. Seria a voz dela saindo da figura minúscula em frente ao verme?

— Isso virá com o tempo.

O cheiro de melange penetrou no quarto, mais forte que de costume nos aposentos de uma Reverenda Madre. Odrade lançou um olhar inquiridor pela mobília: cadeiras, mesa de trabalho, iluminação de globos luminosos fixos — tudo colocado onde funcionaria melhor. Mas o que era aquele monte de plaz preto de formato esquisito no canto do quarto? Mais uma obra de Sheeana?

Os aposentos eram apropriados para Sheeana, Odrade decidiu. Pouco mais que o desenho para relembrar suas origens, mas a vista

das janelas poderia ser de Dar-es-Balat, nas profundezas das terras áridas de Duna.

Um pequeno ruído sussurrante na entrada alertou Odrade.

Virou-se e lá estava Sheeana. Quase tímida a maneira como olhou da porta antes de ingressar na presença da Madre Superiora.

Movimento como palavras: “Então veio aos meus aposentos.

É bom. Alguém podia ter sido descuidado com meu convite.”

Os sentidos alertados de Odrade vibraram com a presença de Sheeana. A mais jovem Reverenda Madre de todos os tempos.

Sempre se pensava na

“Pequena e Quieta Sheeana”. Não era sempre quieta nem era pequena, mas o apelido pegou. Não parecia um camundongo, mas muitas vezes ficava quietinha como um roedor aguardando à

beira do campo que o fazendeiro se afastasse. E então o camundongo saía correndo para pegar o grão caído.

Sheeana entrou no quarto e parou a menos de um passo de Odrade. — Estamos separadas há muito tempo, Madre Superiora.

A primeira impressão de Odrade foi estranhamente confusa.

“Franqueza e fingimento?”

Sheeana ficou de pé, quieta e receptiva.

Essa descendente de Siona Atreides tinha desenvolvido um rosto interessante sob a patina Bene Gesserit. Maturidade trabalhando de acordo com os desígnios Atreides e da Irmandade.

Marcas de muitas decisões tomadas com firmeza. A esbelta criança abandonada de pele escura e cabelos castanhos estriados de sol

tornara-se essa Reverenda Madre de porte nobre. Pele ainda escura, de longas horas ao ar livre. Cabelos ainda com mechas claras. Os olhos, porém — o inflexível azul total que dizia: “Já passei pela Agonia.”

“O que é que sinto nela?”

Sheeana viu a expressão no rosto de Odrade (ingenuidade Bene Gesserit!) e percebeu que era a confrontação há tanto temida.

“Não pode haver defesa, exceto a minha verdade, e espero que ela não vá até uma confissão completa!”

Odrade observou sua ex-aluna com extremo cuidado, todos os sentidos aguçados.

“Medo! O que sinto? Alguma coisa quando ela falou?” A firmeza da voz de Sheeana tinha se formado sobre o instrumento poderoso que Odrade antecipara no primeiro encontro. A índole original de Sheeana (índole tipicamente Fremen!) tinha sido refreada e reorientada. O núcleo vingativo fora serenado. Sua capacidade de amar e odiar, rigidamente controlada.

“Por que tenho a impressão de que ela quer me abraçar?”

De repente Odrade sentiu-se vulnerável.

“Essa mulher penetrou minhas defesas. Não há maneira de excluí-la totalmente nunca mais.”

Lembrou-se da conclusão de Tamalane: “É uma dessas pessoas que se fecha em uma concha. Lembra-se da Irmã

Schwangyu? É assim, mas melhor ainda. Sheeana sabe aonde está indo. Temos de vigiá-la com cuidado. Sangue Atreides, sabe?

“Também sou Atreides, Tam.”

“Não pense que jamais esquecemos isso! Pensa que ficaríamos imóveis se a Madre Superiora decidisse procriar por sua conta? Há limites para nossa tolerância, Dar.”

— Tem razão, esta visita está bem atrasada, Sheeana.

O tom de Odrade alertou Sheeana. Olhou-a com a expressão que a Irmandade chamava de “BG plácida”, provavelmente não havia nada mais plácido no universo, nada que mascarasse mais completamente o que acontecia por detrás. Não era só uma barreira, era o *nada.* Qualquer coisa nessa máscara seria transgressão. Isso, por si só, era traição. Sheeana compreendeu imediatamente, e respondeu com uma risada.

— Sabia que viria sondar! A conversa de mãos com Duncan, certo?
— “Por favor, Madre Superiora! Aceite isso.”

— Tudo, Sheeana.

— Ele quer que alguém os salve se as Honradas Madres atacarem.

— Só isso? — “Ela pensa que sou idiota?”

— Não. Quer informações sobre nossas intenções... e o que estamos fazendo para enfrentar a ameaça das Honradas Madres.

— O que você lhe disse?

— Tudo que podia. “A verdade é minha única arma. Tenho de distraí-la!”

— Você está do lado dele, Sheeana?

— Sim!

— Eu também.

— Mas Tam e Bell não?

— Minhas informantes me dizem que Bell agora o tolera.

— Bell? Tolerante?

— Você a julga mal, Sheeana. É uma falha em você. —

”Está escondendo alguma coisa. O que você fez, Sheeana?”

— Sheeana, acha que poderia trabalhar com Bell?

— Porque eu a provoco? — “Trabalhar com a Bell? O que quer dizer com isso? Não Bell como chefe daquele desgraçado

projeto Missionária!”

Um ligeiro sorriso se esboçou nos cantos da boca de Odrade.

“Outra travessura? Podia ser isso?”

Sheeana era o assunto mais falado nos refeitórios da Central.

Histórias de como mexia com as Mestras Procriadoras (especialmente Bell) e relatos elaboradamente detalhados de seduções aumentados com comparações a Honradas Madres vindas de Murbella temperavam mais que a comida. Odrade ouvira parte da última façanha há dois dias atrás. — Ela disse: “Usei o método *deixe-que-ele-se-porte-mal.* Muito eficaz para homens que pensam que estão levando você para o mau caminho.”

— Provocar? É isso que você faz, Sheeana?

— Uma frase apropriada: dar nova forma, indo contra a inclinação natural. — No momento em que pronunciou as palavras, Sheeana percebeu que tinha cometido um erro.

Odrade sentiu uma advertência silenciosa. “Dar nova forma?”

Seus olhos se dirigiram para a estranha massa preta no canto.

Olhou-a com uma fixidez que a surpreendeu. Ela absorvia a vista.

Sondou procurando coerência, algo que lhe “falasse”. Nada respondeu, nem mesmo quando sondou até seus limites. “E é essa a sua finalidade!”

— Seu nome é “Vácuo” — disse Sheeana.

— Sua obra? — ”Por favor, Sheeana. Diga que é de outra pessoa. Quem fez isso foi para um local aonde não posso ir.”

— Fiz isso uma noite há mais ou menos uma semana.

“Plaz negro é a única matéria a que você dá nova forma?” —

Um comentário fascinante sobre arte em geral.

— E não sobre arte específica?

— Tenho um problema com você, Sheeana. Você alarma algumas das Irmãs. — “E a mim. Há um lugar selvagem em você que não conseguimos encontrar. Os marcadores de genes Atreides que Duncan nos disse para procurar estão em suas células. O que lhe deram?”

— Alarmo minhas Irmãs?

— Especialmente quando se lembram que você é a pessoa mais moça a viver a Agonia.

— Com exceção das Abominações.

— É isso que você é?

— Madre Superiora! — ”Nunca me magoou de propósito, a não ser como uma lição.”

— Você se submeteu à Agonia como um ato de desobediência.

— Não preferia dizer que fui contra conselhos amadurecidos? — ”Humor às vezes a distrai.”

Prester, a acólita assistente de Sheeana, aproximou-se da porta e bateu de leve na parede ao lado até chamar sua atenção. —

Pediu que lhe avisasse imediatamente assim que as equipes de busca voltassem.

— O que disseram? “Alívio na voz de Sheeana?”

— A equipe oito quer que olhe suas análises exploratórias.

— Sempre querem isso!

Sheeana falou com frustração forçada. — Quer olhar as análises comigo, Madre Superiora?

— Vou esperar aqui.

— Não vai demorar.

Quando saíram, Odrade dirigiu-se à janela que dava para o oeste: uma vista clara sobre os telhados do novo deserto. Pequenas dunas. Quase o pôr-do-sol e o calor seco que tanto lembrava Duna.

“O que Sheeana está escondendo?”

Um rapaz, pouco mais que um menino, estava tomando banho de sol num telhado vizinho, deitado de costas em um colchão verde-mar com uma toalha dourada sobre o rosto. Sua pele era de um dourado aquecido pelo sol combinando com a toalha e com os pêlos do púbis. Uma brisa tocou o canto da toalha e a tirou do lugar.

A mão lânguida se ergueu e arrumou-a de novo.

“Como pode estar à-toa? Trabalhador noturno?

Provavelmente.”

A ociosidade não era encorajada e isso era uma provocação.

Odrade sorriu para si mesma. Qualquer um seria desculpado se deduzisse que era um trabalhador noturno. Ele podia estar confiado nisso. O segredo era não ser visto por aqueles que sabiam o contrário.

“Não vou perguntar. A inteligência merece alguma recompensa. E, afinal de contas, *ele podia* ser um trabalhador noturno.”

Levantou os olhos. Uma nova configuração emergia aqui: ocasos exóticos. Faixa estreita de alaranjado ao longo do horizonte, mais grossa onde o sol acabava de mergulhar abaixo da terra. Azul prateado acima do alaranjado, ficava mais escuro no alto. Vira isso muitas vezes em Duna. Explicações meteorológicas que não queria explorar. Era melhor deixar os olhos observarem essa beleza transitória; melhor permitir aos ouvidos e à pele sentirem a quietude súbita que desceu sobre essa terra na escuridão rápida depois que o alaranjado desapareceu.

Vagamente, viu o rapaz pegar o colchão e a toalha e sumir atrás de um exaustor.

Som de alguém correndo no corredor atrás dela. Sheeana entrou quase sem fôlego. — Encontraram uma massa de especiaria a trinta quilômetros a nordeste daqui! Pequena, mas compacta!

Odrade não ousou ter esperança. — Poderia ser uma acumulação do vento?

— Não é provável. Mandei vigiarem vinte e quatro horas por dia. — Sheeana olhou a janela onde Odrade estava. “Ela viu Trebo.

Talvez...”

— Perguntei a você antes, Sheeana, se poderia trabalhar com Bell. Era uma pergunta importante. Tam está ficando muito velha e deve

ser substituída em breve. Tem de haver um voto, é claro. — Eu? — Era completamente inesperado.

— Minha primeira escolha. — “Imperativo agora. Quero você perto, onde possa vigiá-la.”

— Mas pensei... quer dizer, o plano da Missionária...

— Isso pode esperar. E tem de haver outra pessoa que possa servir de pastora dos vermes... se aquela massa de especiaria for o que esperamos.

— Ah? Sim... muitas pessoas, mas ninguém que... Não quer que eu verifique se os vermes ainda me respondem?

— O trabalho no Conselho não deve interferir com isso.

— Eu... pode ver que estou espantada.

— Eu diria chocada. Diga-me, Sheeana, o que realmente interessa você atualmente?

“Sondando ainda. Trebo, ajude-me agora!” — Certificar-me de que o deserto está crescendo bem. — “A verdade!” — E minha vida sexual, é claro. Viu o rapaz no telhado vizinho? Trebo, mais um que Duncan me mandou para polir.

Mesmo depois que Odrade saiu, Sheeana ficou pensando por que essas palavras tinham produzido tanto divertimento. Mas a Madre Superiora tinha sido desviada.

Nem havia necessidade de desperdiçar a sua posição de retaguarda a verdade: Discutimos a possibilidade de eu imprimir Teg e assim reconstituir as memórias do Bashar.”

Evitada a confissão completa. “A Madre Superiora não descobriu que eu tinha achado uma maneira de reativar nossa não-nave prisão e retirar o detonador das minas que Bellonda colocou nela.” *Nenhum adoçante encobrirá certas formas de amargor. Se tiver*

sabor amargo, cuspa fora. É isso que faziam nossos mais antigos ancestrais.

— O Coda

Murbella acordou durante a noite para continuar um sonho, embora acordada e ciente do que a rodeava: Duncan dormindo a seu lado, um ruído leve de maquinaria, a crono-projeção no teto.

Ultimamente insistia na presença de Duncan à noite, medrosa quando sozinha. Ele culpava a quarta gravidez.

Sentou na beira da cama. O quarto estava fantasmagórico na luz fraca do crono. As imagens do sonho persistiam.

Duncan resmungou e virou em sua direção. Um braço lançou-se sobre suas pernas.

Sentiu que essa intrusão mental não era sonho, mas tinha algumas características oníricas. Os ensinamentos Bene Gesserit faziam isso. Eles e suas infernais sugestões sobre Scytale e... e tudo mais! Precipitavam um movimento que ela não podia controlar.

Essa noite, estava perdida em um mundo insano de palavras.

A causa era clara. Aquela manhã Bellonda soubera que Murbella falava nove línguas í dirigira a acólita suspeitosa para um caminho mental chamado “Herança lingüística”. Mas a influência de Bell nessa loucura noturna não permitia i fuga.

Pesadelo. Era uma criatura microscópica presa em um lugar enorme que ecoava onde letras gigantes apareciam onde quer que olhasse: “Reservatório de Dados”. Palavras animadas com mandíbulas careteiras e tentáculos assustadores a rodeavam.

Feras predatórias e ela era sua presa!

Acordada e sabendo que estava sentada na beira da cama com o braço de Duncan jogado sobre as pernas, ainda via as feras.

Elas a empurravam para trás. *Sabia* que estava indo para trás, embora seu corpo não se movesse. Impeliam-na em direção a uma terrível catástrofe que não podia ver. A cabeça não virava! Não só via essas criaturas (bloqueavam parte do quarto de dormir), mas também as ouvia em uma cacofonia de suas nove línguas.

“Vão me fazer em pedaços!”

Embora não pudesse se virar, sentiu o que havia atrás dela: mais dentes e garras. Ameaças em toda parte! Se a acuassem, eles a atacariam e estaria perdida.

“Liquidada. Morta. Vítima. Cativa torturada. Caça legal.”

O desespero a envolveu. Por que Duncan não acordava e a salvava? Seu braço era um peso morto, parte da força que a segurava, permitindo que essas criaturas a dirigissem para sua armadilha bizarra. Estremeceu. O suor escorria do corpo. Que palavras horríveis! Uniam-se em combinações gigantescas. Uma criatura com presas afiadas veio direto para ela e viu mais palavras na abertura negra entre suas mandíbulas.

“Veja acima.”

Murbella começou a rir. Não podia se controlar. “Veja acima.

Liquidada. Morta. Vítima...”

O riso acordou Duncan. Sentou-se, acendeu um globo luminoso suave, e olhou para ela. Como estava descabelado depois daquela colisão sexual.

Sua expressão oscilou entre diversão e aborrecimento por ter sido acordado. — Por que está rindo?

O riso diminuiu, transformando-se em arquejos. As costelas doíam. Teve medo de que o sorriso que ele começava a esboçar provocasse um novo espasmo. — Oh... oh, Duncan! Colisão sexual!

Ele sabia que esse era o termo que usavam para o vício que os unia, mas por que isso a fazia rir?

A expressão confusa de Duncan pareceu-lhe cômica.

Entre arquejos, ela disse: — Mais duas palavras. — E teve que cobrir a boca com a mão para evitar outra explosão.

— O quê?

A voz dele era a coisa mais engraçada que já tinha ouvido.

Estendeu a mão para ele e sacudiu a cabeça.

— Ohhhh... ohhh...

— Murbella, o que há de errado com você? Só podia continuar sacudindo a cabeça.

Ele tentou um sorriso. Murbella acalmou-se e encostou-se nele. — Não!

— Quando a mão direita dele deslizou: — Só quero ficar perto. — Veja que horas são. — Apontou com o queixo para a projeção no teto.

— Quase três.

— Foi tão engraçado, Duncan.

— Então me conte.

— Quando tiver fôlego.

Deitou-a no travesseiro. — Até parecemos um casal de velhos. Histórias engraçadas no meio da noite.

— Não, meu querido, somos diferentes.

— Uma questão de proporção, nada mais.

— Qualidade — ela insistiu.

— O que foi tão engraçado?

Contou sobre o pesadelo e a influência de Bellonda.

— Zensunni. Uma técnica muito antiga. As Irmãs a usam para liberar você de conexões traumáticas. Palavras que detonam respostas inconscientes.

O medo retornou.

— Murbella, por que está tremendo?

— As professoras Honradas Madres nos avisaram que coisas horríveis aconteceriam se caíssemos em mãos Zensunni.

— Besteira! Passei pela mesma coisa como Mentat.

Essas palavras evocaram outro fragmento de sonho. Uma fera com duas cabeças. As duas bocas abertas. Palavras lá dentro.

À esquerda, “Uma palavra” e à direita, “leva à outra”.

A hilaridade substituiu o medo. Declinou sem risos.

— Duncan!

— Mmmmmmmmm. — Distância Mentat no som.

— Bell disse que a Bene Gesserit usa palavras como armas

— Voz. “Instrumentos de controle”, foi como as chamou.

— Uma lição que você deve aprender quase por instinto.

Nunca vão confiar em você para treinamento mais profundo até que aprenda isso.

“E não confiarei em você depois disso.”

Rolou para longe dele e olhou para os televigias reluzindo no teto em redor da projeção da hora.

“Ainda estou no noviciado.”

Estava ciente de que suas professoras a discutiam em particular. Conversas eram suspensas quando ela se aproximava.

Olhavam-na de uma certa maneira especial, como se fosse um espécime interessante.

A voz de Bellonda baralhava sua mente.

Gavinhas de pesadelo. Já no meio da manhã e o suor de seus esforços cheirando mal em suas narinas. A noviça obediente a três passos da Reverenda Madre. A voz de Bell:

— Nunca seja uma especialista. Isso vai prendê-la.

“Tudo isso porque perguntei se não havia palavras para guiar a Bene Gesserit.”

— Duncan, por que misturam ensinamentos mentais e físicos?— A mente e o corpo reforçam um ao outro. — Sonolento.

“Diabos! Ele vai dormir de novo.”

Sacudiu o ombro de Duncan. — Se as palavras são tão sem importância, por que falam tanto de disciplinas?

— Padrões — murmurou. — Palavra feia.

— O quê? — Sacudiu-o com mais força.

Ele virou de costas, movendo os lábios: — Disciplina igual a padrões igual a um mau caminho a seguir. Dizem que somos todos criadores naturais de padrões... acho que significa “ordem” para elas.

— E por que isso é tão ruim?

— Dá aos outros uma alavanca para nos destruir ou nos capturar em... em coisas que não mudaremos.

— Você está errado quanto à mente e o corpo.

— Hmmmmmmmm?

— São pressões que acorrentam um ao outro.

— Não foi isso que eu disse? Ei! Vamos conversar ou dormir ou o quê?

— Nada de “o quê”. Hoje não. Ele suspirou fundo.

— Não estão querendo melhorar minha saúde — ela disse.

— Ninguém disse que estavam.

— Isso vem mais tarde, depois da Agonia. — Sabia que ele detestava ser lembrado desse teste fatal, mas não era possível evitá-lo. A possibilidade tomava conta de sua mente.

— Muito bem! — Ele sentou, ajeitou o travesseiro e recostou-se para estudá-la. — O que está acontecendo?

— São tão incrivelmente espertas com suas palavras-armas!

Ela trouxe Teg a você e disse que você era totalmente responsável por ele.— Não acredita?

— Ele pensa em você como um pai.

— No fundo não.

— Não, mas... você pensava isso do Bashar?

— Quando reconstituiu minhas memórias? Sim.

— Vocês são dois órfãos intelectuais, sempre procurando pais que não existem. Ele não tem a menor idéia do quanto você vai magoá-lo.

— Isso tende a dividir a família.

— Então você detesta o Bashar nele e está contente porque vai magoá-lo.

— Não disse isso.

— Por que ele é tão importante?

— O Bashar? Um gênio militar. Sempre fazendo o inesperado. Confunde os inimigos aparecendo onde nunca esperam que ele esteja.

— Qualquer pessoa não pode fazer isso?

— Não da maneira que ele faz. Inventa táticas e estratégias.

Assim! — Estalando os dedos.

— Mais violência. Igual às Honradas Madres.

— Nem sempre. O Bashar tem fama de ganhar sem batalhas.

— Já vi as histórias.

— Não confie nelas.

— Mas você acabou de dizer...

— As histórias focalizam confrontações. Há alguma verdade nisso, mas ela esconde coisas mais persistentes que acontecem apesar de revoluções.

— Coisas persistentes?

— Que história diz respeito à mulher na plantação de arroz conduzindo um búfalo da índia à frente do arado, enquanto o marido está em alguma parte, provavelmente recrutado, carregando uma arma? — Por que isso é persistente e mais importante que...

— Os bebês em casa precisam de comida. O homem está fora, nessa loucura eterna? Alguém tem de arar a terra. Ela é a verdadeira imagem da persistência humana.

— Você parece tão amargo... acho isso estranho.

— Considerando minha “história” militar?

— Sim, isso, a ênfase Bene Gesserit em... em seu Bashar e tropas de elite e...

— Você acha que são só mais umas pessoas cheias de importância indo adiante com a violência que lhes é tão importante?

Vão passar bem por cima da mulher com o arado?

— E por que não?

— Porque muito pouco lhes escapa. Os violentos “passam”

pela mulher com o arado e raramente vêem que tocaram a realidade básica. Uma Bene Gesserit nunca deixaria isso escapar.

— Porquê?

— As pessoas cheias de importância têm visão limitada porque andam em uma realidade-morte. A mulher e o arado são uma realidade-vida. Sem uma realidade-vida não haveria a humanidade.

Meu Tirano viu isso. As Irmãs o abençoam por isso, mesmo enquanto o amaldiçoam.

— Então você é um participante voluntário no sonho delas.

— Acho que sim. — Parecia espantado.

— E está sendo completamente honesto com Teg?

— Ele pergunta, eu lhe dou respostas sinceras. Não acredito em fazer violência à curiosidade.

— E é completamente responsável por ele?

— Não foi isso exatamente que ela disse.

— Ahhhhhhhh, meu amor. Não “exatamente” o que ela disse.

Você chama Bell de hipócrita e não inclui Odrade. Duncan, se você soubesse...

— Já que estamos ignorando os televigias, fale!

— Mentirosas, fraudulentas, viciosas...

— Ei! A Bene Gesserit?

— Elas têm aquela velha desculpa: a Irmã A faz isso, então se eu fizer não há mal nenhum. Dois crimes se cancelam.

— Que crimes?

Ela hesitou. “Devo lhe dizer? Não. Mas espera alguma resposta.” — Bell está muito contente porque os papéis estão invertidos entre você e Teg! Está aguardando ansiosamente a dor dele. — Talvez devêssemos desapontá-la. — Viu que era um erro ter dito isso assim que falou. “Cedo demais.”

— Justiça poética! — Murbella estava encantada. “Distraia-os!” — Não estão interessadas em justiça. Imparcialidade sim.

Elas têm essa homilia: “Aqueles que são julgados devem aceitar a imparcialidade desse julgamento.”

— Então condicionam você a aceitar seu julgamento.

— Há sempre uma brecha em qualquer sistema.

— Sabe, querido, as acólitas aprendem muitas coisas.

— É por isso que são acólitas.

— O que quero dizer é que falamos umas com as outras.

— Nós? Você, uma acólita? Você é uma prosélita!

— O que quer que eu seja, tenho ouvido histórias. O seu Teg pode não ser o que parece.

— Mexericos de acólitas.

— Há histórias que vêm de Gammu, Duncan.

Olhou-a fixamente. “Gammu? Não podia pensar nesse nome, só no original: Giedi Prime, o buraco infernal dos Harkonnen.”

Ela interpretou seu silêncio como um convite para prosseguir.

— Dizem que Teg se movia tão rápido que a vista não podia acompanhá-lo, que ele...

— E provável que ele mesmo tenha lançado esse boato.

— Algumas Irmãs acreditam. Estão adotando uma atitude de esperar-para-ver. Querem precauções.

— Não aprendeu nada sobre Teg em suas preciosas

“histórias”? Seria típico dele começar esses rumores. Tornar as pessoas cautelosas.

— Mas lembre-se de que eu estava em Gammu nessa época. As Honradas Madres ficaram muito contrariadas. Furiosas.

Alguma coisa deu errado.

— Claro. Teg fez o inesperado. E as surpreendeu. Roubou uma de suas não-naves. — Deu uma pancadinha na parede junto dele. — Esta aqui.

— A Irmandade tem suas coisas proibidas, Duncan. Estão sempre me dizendo que espere a Agonia. Tudo ficará claro! Que vão todas para o inferno!

— Parece que estão preparando você para os ensinamentos da Missionária. Planejar religiões para fins específicos e populações selecionadas.

— Você não vê nada de errado nisso?

— Moralidade. Não discuto isso com as Reverendas Madres.

— Por que não?

— As religiões soçobram nesse rochedo. BGs não soçobram. “Duncan, se você soubesse a moralidade delas!” — Elas ficam irritadas porque você sabe tanto sobre elas.

— Bell só queria me matar por causa disso.

— Não acha que Odrade é tão ruim quanto ela?

— Que pergunta! — “Odrade? Uma mulher aterrorizadora, se você contemplar suas habilidades. Atreides, além disso. Conheci Atreides e Atreides. Esta é Bene Gesserit em primeiro lugar. Teg é o ideal Atreides.”

— Odrade me disse que confia em sua lealdade aos Atreides.

— Sou leal à honra Atreides, Murbella. — “E tomo minhas próprias decisões morais — sobre a Irmandade, sobre essa criança que confiaram aos meus cuidados, sobre Sheeana e... e sobre minha amada.”

Murbella inclinou-se para ele, o seio roçando seu braço, e murmurou no ouvido dele: — Às vezes sinto que podia matar qualquer uma delas ao meu alcance!

“Será que ela pensa que não podem ouvi-la?” Aprumou-se, arrastando-a com ele. — O que provocou você?

— “Ela” quer que trabalhe Scytale.

“Trabalhar alguém.” Eufemismo de Honradas Madres. “Ora, por que não? Ela *trabalhou* muitos homens antes de esbarrar comigo.” Mas teve a reação de um marido antigo. E não só isso...

Scytale? Um diabo de Tleilaxu?

— Madre Superiora? — Tinha de ter certeza.

— A mesma, a única. — Quase alegre agora que tinha desabafado.

— Qual é a sua reação?

— Ela diz que a idéia foi sua.

— Minha... De jeito nenhum! Sugeri que podíamos tentar arrancar informações dele, mas...

— Ela diz que é comum para as Bene Gesserit, assim como para as Honradas Madres. Vá procriar com este aqui. Seduza aquele ali. Um dia normal de trabalho.

— Perguntei sobre “sua” reação.

— Revoltada.

— Por quê? — “Conhecendo seu passado...”

— É a você que eu amo, Duncan, e... e meu corpo é... é para lhe dar prazer... assim como você...

— Somos um velho casal e as bruxas estão tentando nos separar.As palavras despertaram nele uma visão clara de Lady Jessica, amante de seu há longo tempo falecido Duque e mãe de Maud’Dib. “Amei aquela mulher. Ela não me amava, mas...” A

expressão que via agora nos olhos de Murbella, tinha visto Jessica olhar o Duque assim: amor cego, inabalável.

Em que as Bene Gesserit não confiavam. Jessica tinha sido mais branda que Murbella. Mas de cerne duro. E Odrade... era dura desde o início. Toda de plasteel.

E quanto às ocasiões em que suspeitara que ela compartilhava emoções humanas? O modo como falou do Bashar quando souberam que o velho estava morto em Duna.

“Ele era meu pai, você sabe.”

Murbella arrancou-o de seu devaneio. — Você pode compartilhar o sonho delas, seja lá o que for, mas...

— Cresçam, humanos!

— O quê?

— Esse é o sonho delas. Começarem a agir como adultos e não como crianças zangadas no recreio da escola.

— Mamãe é que sabe o que é melhor para você?

— Sim... acho que sabe.

— É mesmo assim que você as vê? Mesmo quando as chama de bruxas?

— É uma boa palavra. As bruxas fazem coisas misteriosas.

— Não acredita que seja o treinamento longo e severo, e mais a especiaria e a Agonia?

— O que tem a crença a ver com isso? O desconhecido cria sua própria mística.

— Mas você não acha que elas induzem as pessoas a fazerem o que elas querem por astúcia?

— Claro que sim!

— Palavras como armas, Voz, Impressoras...

— Nenhuma tão bela quanto você.

— O que é a beleza, Duncan?

— Há estilos de beleza, claro.

— Exatamente o que ela diz. “Estilos baseados em raízes procriadoras enterradas tão fundo em nossa psique que não ousamos arrancá-las.” —

Então pensaram em mexer com isso, Duncan.

— E ousariam qualquer coisa?

— Ela diz: “Não vamos distorcer nossa progênie em algo que julgamos ser não-humano.” Elas julgam, elas condenam.

Ele pensou nas figuras alienígenas em sua visão. Dançarinos Faciais. E perguntou: — Como o Tleilaxu amoral? Amoral — não humano.

— Quase posso ouvir as engrenagens rodando na cabeça de Odrade. Ela e suas Irmãs vigiam, escutam, modelam cada reação, tudo calculado.

“É isso que você quer, meu amor?” Sentiu que não havia saída. Ela estava certa e estava errada. Os fins justificando os meios? Como poderia justificar perder Murbella?

— Acha que são amorais? — perguntou.

Foi como se ela não tivesse ouvido. — Sempre se perguntando o que devem dizer em seguida para obter a resposta desejada.

— Que resposta? — Será que ela não ouvia a sua dor?

— Nunca se sabe até que seja tarde demais! — Virou-se e olhou para ele. — Exatamente como Honradas Madres. Sabe como as Honradas Madres me pegaram?

Não pôde reprimir a consciência de como os vigilantes iriam ouvir avidamente as próximas palavras de Murbella.

— Pegaram-me nas ruas depois de uma varredura das Honradas Madres. Acho que a varredura foi por minha causa. Minha mãe era uma mulher belíssima, mas era muito velha para elas.

— Uma varredura? — “Os vigilantes gostariam que eu perguntasse.”

— Atravessam uma área e as pessoas desaparecem.

Nenhum corpo, nada. Famílias inteiras somem. É explicado como castigo porque as pessoas conspiram contra elas.

— Que idade você tinha?

— Três... talvez quatro anos. Estava brincando com umas amigas num lugar aberto embaixo de umas árvores. De repente, ouvimos uma barulheira e gritos. Escondemo-nos num buraco atrás de umas rochas.

Ele sentiu-se preso à visão do drama.

— A terra tremeu. — Seu olhar se interiorizou ao relembrar.

— Explosão. Após certo tempo ficou quieto e espiamos para fora. A esquina onde era minha casa tinha virado um grande buraco.

— Você ficou órfã?

— Eu me lembro de meus pais. Ele era um homem grande e forte. Acho que minha mãe era empregada em algum lugar. Usavam uniforme para esse tipo de emprego e me lembro dela de uniforme.

— Como pode ter certeza que seus pais morreram?

— A varredura é tudo» que sei com certeza, mas é sempre a mesma coisa. Havia muita gritaria e pessoas correndo. Ficamos apavoradas.

— Por que pensa que a varredura foi por sua causa?

— Elas fazem esse tipo de coisa.

“Elas.” Que vitória os vigilantes iam considerar só naquela palavra.Murbella estava ainda afundada na memória. — Acho que meu pai recusou se render a uma Honrada Madre. Isso era considerado muito perigoso. Um homem grande, bonito... forte.

— Então você as odeia?

— Por quê? — Realmente surpresa com a pergunta. — Se não fosse isso, nunca teria sido uma Honrada Madre.

Essa insensibilidade o chocou. — Então valeu a pena!

— Amor, você é contra o que me trouxe para junto de você?

“Touché! ” — Mas não gostaria que tivesse acontecido de outra forma?

— Aconteceu.

Que absoluto fatalismo. Nunca suspeitara isso nela. Seria o condicionamento das Honradas Madres ou algo que as Bene Gesserit tinham feito?

— Você foi só uma aquisição valiosa para seus estábulos.

— Certo. Sedutoras, era como nos chamavam. Recrutamos machos valiosos.

— Foi o que você fez.

— Paguei o investimento delas mais que em dobro.

— Você imagina como é que as Irmãs vão interpretar isso?

— Não faça uma tempestade num copo d'água.

— Então está pronta para "trabalhar" Scytale?

— Não disse isso. As Honradas Madres me manipularam sem meu consentimento. As Irmãs precisam de mim e querem me usar da mesma maneira. Meu preço pode ser alto demais.

A voz custou a passar pela garganta seca. — Preço?

Olhou-o fixamente. — Você, você é apenas parte do meu preço. Nada de trabalhar Scytale. E mais daquela famosa franqueza delas sobre a razão por que precisam de mim.

— Cuidado, amor. Elas podem lhe dizer.

Olhou-o com uma expressão quase Bene Gesserit. — Como pode restaurar as memórias de Teg sem dor?

"Diabos!" Logo agora, que pensou que estava livre daquele descuido. Nenhuma saída. Podia ver em seus olhos que ela adivinhava.

Murbella confirmou isso. — Já que eu não concordei, tenho certeza que discutiu isso com Sheeana.

Só pôde acenar com a cabeça. Sua Murbella tinha ido mais longe na Irmandade do que suspeitara. E sabia como as múltiplas memórias ghola dele haviam sido restauradas por sua “impressão”.

Viu-a de repente como uma Reverenda Madre e teve vontade de gritar. — Como é que isso faz você diferente de Odrade? — ela perguntou.

— Sheeana foi treinada como Impressora. — As palavras soaram ocas logo que as pronunciou.

— E isso é diferente de meu treinamento? — Acusando. A raiva subiu nele. — Você ia preferir a dor? Como Bell?

— Você prefere a derrota da Bene Gesserit? — Voz macia como seda. Ouviu a distância no tom de voz, como se ela já tivesse se recolhido à posição fria de observação da Irmandade. Estavam congelando sua linda Murbella! Ainda havia aquela vitalidade nela.

Isso o dilacerava. Ela emitia uma aura de saúde, especialmente na gravidez. Vigor e prazer de viver ilimitados. Reluzia nela. As Irmãs iam pegar isso e abafar. Ela ficou quieta sob o escrutínio dele.

Desesperado, ele pensou no que poderia fazer.

— Esperava que estivéssemos sendo mais abertos um com o outro ultimamente — ela disse. Outra sondagem Bene Gesserit.

— Discordo de muitos de seus atos, mas não desconfio dos motivos delas — ele disse.

— Conhecerei seus motivos se sobreviver à Agonia.

Ele ficou muito quieto, encarando a possibilidade de que não sobrevivesse. A vida sem Murbella? Um vazio escancarado mais profundo do que jamais tinha imaginado. Nada em suas muitas

vidas se comparava com isso. Sem decisão consciente, estendeu a mão e acariciou as costas dela. Pele tão macia e, no entanto, tão resiliente.

— Amo você demais, Murbella. Essa é a minha Agonia. Ela tremeu com esse contato.

Ele se sentiu nadando em sentimentalismo, construindo uma imagem de tristeza até que se lembrou das palavras de um professor Mentat sobre “bebedeiras emocionais”.

“A diferença entre sentimento e sentimentalismo é fácil de ver. Quando você evita matar o bichinho de estimação de alguém na estrada coberta de gelo, isso é sentimento. Se, para se desviar do bichinho, você mata pedestres, *isso* é sentimentalismo.”

Ela pegou a mão que a acariciava e levou-a aos lábios.

— Palavras mais corpo é mais que qualquer um dos dois —

ele murmurou.

Suas palavras a mergulharam de novo no pesadelo, mas agora ela foi com gana, consciente de palavras como instrumentos.

Estava cheia de um prazer especial face à experiência e disposta a rir de si mesma.

Ao exorcizar o pesadelo, ocorreu-lhe que nunca tinha visto uma Honrada Madre rir de si mesma.

Segurando a mão dele, olhou para Duncan. Um piscar Mentat de pálpebras. Será que ele sabia a experiência que ela acabava de ter? Liberdade! Não era mais uma questão de como ela fora confinada e forçada em canais inevitáveis pelo passado. Pela primeira vez desde que aceitara a possibilidade de se tornar uma Reverenda Madre, ela vislumbrou o que isso poderia significar.

Sentiu temor e choque.

“Nada mais importante que a Irmandade?”

Falavam de um juramento, algo mais misterioso que as palavras da Instrutora na iniciação das acólitas.

“Meu juramento às Honradas Madres foi só palavras. Um juramento às Bene Gesserit pode ser mais.”

Lembrou-se de Bellonda resmungando que os diplomatas eram escolhidos por sua habilidade em mentir. — Você seria um diplomata, Murbella?

Não era questão de que juramentos eram feitos para serem quebrados. Como isso era infantil! Ameaça comum na escola: — Se você quebrar sua promessa, eu quebro a minha! Nha, nha, nhaaaaaa!

Era inútil se preocupar com juramentos. Muito mais importante era encontrar aquele lugar dentro de si mesmo onde a liberdade vivia. Era um lugar onde algo sempre estava à escuta.

Segurando a mão de Duncan contra os lábios, murmurou: —

Elas escutam. Oh, como escutam.

Não entre em nenhum conflito contra fanáticos, a não ser que possa remover seu estopim. Oponha uma religião a outra somente se suas provas (milagres) forem incontestáveis ou se conseguir se

entrosar de tal maneira que os fanáticos o aceitem como inspirado pelos deuses. Essa há muito tem sido a barreira à ciência adotando o manto de revelação divina. A ciência é obviamente obra do homem. Os fanáticos (e muitos são fanáticos em uma matéria ou outra) devem conhecer sua posição, mas ainda mais importante, devem reconhecer quem sussurra em seu ouvido.

— *Missionária Protectiva Ensino Primário* O fluxo do tempo incomodava Odrade tanto quanto a consciência constante de que as

caçadoras se aproximavam. Os anos passavam tão depressa, que os dias se tornavam um borrão.

Dois meses de argumentos para conseguir a aprovação de Sheeana como sucessora de Tam!

Bellonda passara a ficar de guarda de dia, quando Odrade estava ausente como estivera hoje, instruindo um novo remanescente Bene Gesserit que estava sendo mandado para a Dispersão. O Conselho continuava isso, mas com relutância. A sugestão de Idaho de que era uma estratégia inútil causara ondas de choque na Irmandade. As instruções agora incluíam novos planos de defesa para “o que vocês encontrarem”.

Quando Odrade entrou na sala de trabalho no fim da tarde, Bellonda estava sentada à mesa. As faces pareciam inchadas e os olhos tinham aquela expressão dura que adquiriam quando ela queria reprimir a fadiga. Com Bell aqui, o resumo do dia incluiria comentários acerbos.

— Aprovaram Sheeana — disse, empurrando um pequeno cristal para Odrade. — Foi o apoio de Tam que conseguiu isso. E a nova cria de Murbella vai nascer dentro de oito dias, “dizem” os Suks. Bell não tinha muita fé nos médicos Suk.

“Nova cria?” Como podia ser tão infernalmente impessoal sobre a vida! Odrade sentiu o pulso bater rápido com a idéia.

“Quando Murbella se recuperar do parto — a Agonia. Ela está pronta.”

— Duncan está muito nervoso — disse Bellonda, levantando da cadeira. “Agora é Duncan! Esses dois estão ficando extremamente familiares.” Bell não tinha terminado. — E antes que pergunte, nenhuma notícia de Dortujla.

Odrade sentou-se atrás da mesa e equilibrou o cristal-relatório na palma da mão. A acólita de confiança de Dortujla, agora Reverenda

Madre Fintil, não arriscaria a viagem de não-nave ou qualquer outro dos estratagemas que haviam preparado só para agradar uma Madre Superiora. Nenhuma notícia significava que a isca continuava lá... ou tinha sido desperdiçada.

— Já disse a Sheeana que ela foi confirmada? — Odrade perguntou.

— Deixei isso para você. Ela está atrasada com o relatório diário de novo. Não é certo para um membro do Conselho.

Então Bell ainda desaprovava a nomeação.

As mensagens diárias de Sheeana tinham se tornado repetitivas. “Nenhum sinal de vermes. Massa de especiaria ainda intata.”Tudo em que tinham esperanças estava em terrível suspensão. E as fantasmagóricas caçadoras se aproximavam. As tensões se acumulavam. Explosivas.

— Você já viu aquela comunicação entre Duncan e Murbella várias vezes — disse Bellonda. — Era isso que Sheeana estava escondendo? E se fosse, por quê?

— Teg era meu pai.

— Que delicadeza! Uma Reverenda Madre tem escrúpulos em imprimir o ghola do pai da Madre Superiora!

— Ela foi minha aluna pessoal, Bell. Preocupa-se comigo de uma maneira que você nem pode perceber. Além disso, não é só um ghola, é uma criança.

— Precisamos ter certeza a respeito dela!

Odrade viu o nome se formar nos lábios de Bellonda, mas permanecer mudo. “Jessica.”

“Mais uma Reverenda Madre com falhas?” Bell estava certa, precisavam ter certeza sobre Sheeana. “Minha responsabilidade.”

Uma visão da escultura negra de Sheeana tremulou na percepção de Odrade.

— O plano de Idaho tem alguma atração, mas... — Bellonda hesitou.Odrade falou: — É uma criança muito nova, com o crescimento incompleto. A dor da restauração usual de memória poderia aproximar-se da Agonia. Poderia aliená-lo. Mas isso...

— Controlá-lo com uma Impressora, isso eu aprovo. Mas e se isso não restaurar suas memórias?

— Ainda temos o plano original. E “teve” esse efeito em Idaho. — Diferente para ele, mas a decisão pode aguardar. Você está atrasada para seu encontro com Scytale.

Odrade balançou o cristal na mão. — Sumário diário?

— Nada que você já não tenha visto muitas vezes. — Vindo de Bell, era quase uma demonstração de preocupação.

— Vou trazê-lo aqui. Mande Tam ficar esperando, e você venha mais tarde sob um pretexto qualquer.

Scytale quase se acostumara a esses passeios fora da nave e Odrade observou isso em sua maneira despreocupada quando saíram do transportador ao sul da Central.

Era mais do que um passeio e ambos sabiam disso, porém ela tornara essas excursões regulares, planejando que a repetição o tranqüilizasse.

“Rotina. Tão útil em certas ocasiões.”

— Bondade sua me trazer nesses passeios — disse Scytale, olhando-a de lado. — O ar é mais seco do que me lembrava. Aonde vamos esta tarde?

“Como seus olhos eram miudinhos quando semicerrados contra o sol.”

— À minha sala de trabalho. — Fez sinal com a cabeça para os anexos da Central a cerca de meio quilômetro ao norte. Fazia frio sob o céu claro de primavera e as cores quentes dos telhados, as luzes se acendendo na sua torre, acenando com a promessa de alívio do vento gelado que acompanhava quase todos os ocasos nesses dias.

Com atenção periférica, Odrade observava cuidadosamente o Tleilaxu ao seu lado. Quanta tensão! Sentia isso também em Reverendas Madres guardiãs e acólitas logo atrás, todas encarregadas de vigilância especial por Bellonda.

“Precisamos desse monstrinho e ele sabe disso. E ainda não sabemos a extensão das habilidades dos Tleilaxu! Que talentos ele terá acumulado? Por que sonda com tanta displicência evidente um contato com seus companheiros de prisão?”

Os Tleilaxu fizeram o ghola-Idaho, lembrou a si mesma.

Teriam escondido coisas secretas nele?

— Sou um mendigo batendo à sua porta, Madre Superiora

— disse naquela voz lamurienta e maliciosa. — Nossos planetas em ruínas, meu povo assassinado. Por que vamos aos seus aposentos?

— Para barganhar num ambiente mais agradável.

— Sim, é muito abafado na nave. Mas não entendo por que sempre deixamos o carro tão longe da Central. Por que vamos a pé? — Gosto de andar.

Scytale olhou as plantações em volta. — Agradável, mas muito frio, não acha?

Odrade lançou um olhar para o sul. As encostas do sul estavam plantadas com uvas, os cumes e as faces mais frias do norte

reservados para pomares. Vinífera melhorada, a desses vinhedos. Desenvolvida por jardineiros Bene Gesserit. Videiras velhas, raízes que “iam até o inferno” onde (segundo velhas superstições) roubavam água das almas em chamas. A vinícola era subterrânea, assim como a armazenagem e as cavernas de envelhecimento. Nada para desfigurar uma paisagem de videiras bem cuidadas em fileiras regulares, as plantas bem distanciadas para permitirem a colheita e a passagem de equipamento de cultivo.

“Agradável para ele?” Duvidava que Scytale visse alguma coisa de agradável. Estava nervoso como queria que estivesse, perguntando a si mesmo: “Por que ela *realmente* quer que eu ande neste meio rústico?”

Irritava muito Odrade que não ousassem usar persuasões Bene Gesserit mais fortes nesse homenzinho. Mas concordava com a advertência que dizia que se esses esforços falhassem, não teriam uma segunda oportunidade. Os Tleilaxu tinham demonstrado que morreriam antes de revelar conhecimentos secretos (e sagrados).

— Várias coisas me intrigam — disse Odrade, andando com cuidado para não pisar numa pilha de aparas de videiras. — Por que insiste em ter seus próprios Dançarinos Faciais *antes* de aceder a nossos pedidos? E que interesse é esse em Duncan Idaho?

— Cara senhora, não tenho companheiros em minha solidão. Isso responde às duas perguntas. — Esfregou distraído o peito onde a cápsula de nulentropia estava escondida.

“Por que esfrega esse lugar com tanta freqüência?” Era um gesto que a intrigava e aos analistas também. “Nenhuma cicatriz, nenhuma inflamação da pele. Talvez fosse um hábito que vinha da infância. Mas isso tinha sido há tanto tempo! Uma falha nesta reencarnação?” Ninguém sabia. E a pele cinzenta tinha uma pigmentação metálica que resistia aos instrumentos de sondagem.

Certamente ele tinha sido sensibilizado a raios mais pesados e saberia se os instrumentos fossem usados. Não... agora tudo era

diplomacia. “Maldito monstrinho!”

Scytale estava pensando: será que essa fêmea powindah tinha algum sentimento natural com o qual pudesse jogar? “As peculiaridades” eram ambivalentes nessa questão.

— O Wekht de Jandola não existe mais — disse. — Bilhões dos nossos assassinados por essas prostitutas. Até os limites mais longínquos do Yaghist fomos destruídos e só resto eu.

“Yaghist”, ela pensou. “Terra dos não-governados.” Era uma palavra reveladora em islamiyat, a língua Bene Tleilaxu.

Nessa língua, ela disse: — A mágica do nosso Deus é a nossa única ponte.

Mais uma vez ela pretendia compartilhar sua Grande Crença, o ecumenismo Sufi-Zensunni que gerara os Bene Tleilaxu. Ela falava a língua impecavelmente, sabia as palavras apropriadas, mas

ele via falsidades. “Chama o Mensageiro de Deus de’ Tirano’ e desobedece aos preceitos mais básicos!”

Onde é que essas mulheres se reuniam em kehl para sentir a presença de Deus? Se realmente falassem a Língua de Deus, já saberiam o que procuravam dele com essas barganhas grosseiras.

Ao subirem a última encosta para a plataforma da central, Scytale invocou o auxílio de Deus. “Os Bene Tleilaxu chegaram a isso! Porque nos deu essa provação? Somos os últimos legalistas do Shariat e eu, o último Mestre de meu povo, tenho de buscar respostas em você, Deus, quando você não mais pode me falar em kehl.” Mais uma vez em islamiyat impecável, Odrade disse: — Você foi traído pelo seu próprio povo, aqueles que você mandou para a Dispersão. Não tem mais irmãos Malik, somente irmãs.

“Então onde está sua sala sagra, embusteira powindah?

Onde está o lugar profundo e sem janelas onde só irmãos podem entrar?” — Isso é novidade para mim — ele disse. — Irmãs Malik?

Essas duas palavras sempre negaram uma a outra. As Irmãs não podem ser Malik.

— Waff, seu antigo Mahai e Abdl, tinha problemas com isso.

E levou seu povo quase à extinção.

— Quase? Sabe de algum sobrevivente? — Não pôde conter a excitação na voz.

— Nenhum Mestre... mas ouvimos falar de alguns Domei e todos em mãos das Honradas Madres.

Parou onde a aresta de um prédio cortaria a vista do sol se pondo nos próximos passos e, ainda na língua secreta dos Tleilaxu, disse: — O sol não é Deus.

“O amanhecer e o ocaso adamam o Mahai!”

Scytale sentiu a fé vacilando ao segui-la em uma passagem arqueada entre dois prédios achaparrados. As palavras dela eram apropriadas, mas só o Mahai e Abdl deveriam pronunciá-las. Na passagem sombreada, os passos de sua escolta ecoando perto, Odrade o confundiu dizendo: — Por que você não disse as palavras

apropriadas? Não é o último Mestre? Isso não faz de você o Mahai e Abdl? — Não fui escolhido pelos irmãos Malik. — Soou fraco, mesmo para ele.

Odrade chamou o campo elevatório e parou à entrada do tubo. Em detalhes de Outra Memória, achou kehl e seu direito de ghufran familiares — palavras murmuradas à noite por amantes de mulheres há muito mortas. “E então nós...” “E então se dissermos essas palavras sagradas...” *Ghufran!* Aceitação e readmissão de alguém que tinha se aventurado entre os powindah, que voltava suplicando

perdão pelo contato com os inconcebíveis pecados de alienígenas. “Os Masheikh reuniram-se em kehl e sentiram a presença de seu Deus!”

A entrada do tubo abriu-se. Odrade fez sinal para que Scytale e dois guardas fossem à frente. Quando ele passava, ela pensou:

“Alguma coisa vai acontecer em breve. Não podemos continuar com esse jogo até o fim que ele deseja.”

Tamalane estava de pé junto à janela em arco, de costas para a porta, quando Odrade e Scytale entraram na sala de trabalho. A luz do pôr-do-sol inclinava-se abruptamente sobre os telhados. O brilho desapareceu então, e deixou atrás uma sensação de contraste, a noite mais escura por causa daquela última luminosidade ao longo do horizonte.

Na penumbra leitosa, Odrade acenou para que os guardas se afastassem, notando sua relutância. Bellonda os mandara ficar, obviamente, mas não desobedeceriam à Madre Superiora. Indicou uma cadeira-cão perto dela e esperou que ele sentasse. Ele olhou com desconfiança para Tamalane antes de sentar, mas disfarçou dizendo: — Por que não há nenhuma luz?

— É um interlúdio relaxante — ela disse. “E sei que a escuridão o incomoda!”

Ficou um momento atrás da mesa, identificando pedaços luminosos na penumbra, o lustro de artefatos colocados em sua volta para fazer disso o seu cenário: o busto de Chenoeh há muito morta em seu nicho ao lado da janela, e na parede à direita, uma paisagem pastoral das primeiras migrações humanas no espaço,

uma pilha de cristais ridulianos na mesa e um reflexo prateado de seu escriba-luz concentrando a iluminação fraca das janelas.

“Eleja está bem assado.”

Tocou uma placa na mesa de comando. Globos luminosos colocados estrategicamente nas paredes e no teto se acenderam.

Tamalane virou na hora certa, com o manto produzindo um sussurro deliberado. Ficou dois passos atrás de Scytale, a imagem do mistério agourento Bene Gesserit.

Scytale contorceu-se ligeiramente com o movimento de Tamalane, e depois ficou quieto. A cadeira-cão era grande demais para ele e parecia uma criança sentado nela.

Odrade disse: — As irmãs que salvaram você disseram que comandava uma não-nave no Entroncamento preparando-se para o primeiro salto nas dobras do espaço quando as Honradas Madres atacaram. Você estava indo para sua nave em um deslizador, disseram, e se desviou um segundo antes das explosões. Detectou os atacantes?

— Sim. — Relutância na voz.

— E sabia que poderiam localizar a não-nave pela sua trajetória. Então fugiu, deixando seus irmãos para serem destruídos.

Ele falou com a amargura total de uma testemunha trágica:

— Antes, quando estávamos rumando para fora de Tleilax, vimos o ataque começar.

Nossas explosões visando destruir tudo que tivesse valor para as atacantes e as incendiárias do espaço criaram o holocausto.

Fugimos também, então.

— Mas não diretamente para o Entroncamento.

— Elas tinham estado antes de nós em todos os lugares que procuramos. Ficaram com as cinzas, mas eu tinha nossos segredos.

“Devo lembrá-la de que ainda tenho algo de valor para negociar!”

Bateu com um dedo na cabeça.

— Você procurou refúgio na Corporação ou no CHOAM no Entroncamento — ela disse. — Foi sorte sua que nossa nave espiã estivesse lá para pegá-lo, antes que o inimigo pudesse reagir.

— Irmã... — ”Como essa palavra era difícil!”... se você realmente é minha irmã em kehl, por que não me fornece

Dançarinos Faciais como serviçais?

— Ainda há segredos demais entre nós, Scytale. Por exemplo, por que você estava saindo de Bandalong quando veio o ataque?“Bandalong!”

O nome da grande cidade Tleilaxu constringiu-lhe o peito e pensou que sentia a cápsula de nulentropia pulsar, como se procurasse soltar o precioso conteúdo. “Bandalong perdida. Nunca mais poder ver a cidade de céus de cornalina, nunca mais sentir a presença de irmãos, do paciente Domei e...”

— Está se sentindo mal? — Odrade perguntou.

— Estou doente com o que perdi! — Ouviu um ruído de tecido atrás dele e sentiu Tamalane se aproximar. Como era opressivo este lugar! — Por que ela está atrás de mim?

— Sou a serva de minhas Irmãs e ela está aqui para nos observar.

— Vocês tiraram algumas células de mim, não foi? Estão criando um Scytale substituto em seus tanques!

— Claro que sim. Não pensa que as Irmãs iam deixar o último Mestre terminar aqui, não é?

— Nenhum ghola meu fará qualquer coisa que eu não faria!

— “E não terá nenhum tubo de nulentropia!”

— Sabemos disso. — “Mas o que é que não sabemos?”

— Isso não é barganhar — ele reclamou.

— Você se engana a meu respeito, Scytale. Sabemos quando você mente e quando esconde coisas. Usamos sentidos que os outros não usam.

Era verdade! Detectavam coisas dos odores de seu corpo, pequenos movimentos dos músculos, expressões que não podia controlar. “Irmãs? Essas criaturas eram powindah! Todas elas!”

— Você estava sob a influência de lashkar — ela açulou.

“Lashkar!” Como gostaria de estar, aqui e agora. Dançarinos Faciais guerreiros. Assistentes Domei — eliminando esse mal abominável!

Mas não ousava mentir. A que estava atrás dele provavelmente era uma Reveladora da Verdade. A experiência de muitas vidas lhe dizia que as Reveladoras da Verdade Bene Gesserit eram as melhores.

— Eu comandava uma tropa de khasadares. Buscávamos um rebanho de Futares para nossa defesa.

“Rebanho?” Os Tleilaxu saberiam alguma coisa não revelada à Irmandade sobre os Futares?

— Vocês foram preparados para a violência. As Honradas Madres souberam de sua missão e os interceptaram? Acho isso provável.

— Por que as chama de Honradas Madres? — A voz dele era quase um ganido.

— Porque é assim que elas chamam a si mesmas. — “Muita calma agora. Deixe que ele pague seus próprios pecados.”

“Ela tem razão! Fomos traídos. “Idéia amarga. Agarrou-se a ela, pensando o que deveria responder. “Uma pequena revelação?

Nunca há *uma pequena* revelação com essas mulheres.”

Um suspiro sacudiu-lhe o peito. A cápsula de nulentropia e seu conteúdo. Sua maior preocupação. *Qualquer coisa* para lhe dar acesso aos seus próprios tanques de axlotl.

— Descendentes de pessoas que mandamos para a Dispersão voltaram com prisioneiros Futares. Uma mistura de humano e gato, como deve saber. Mas não se reproduziram em nossos tanques. E antes de podermos descobrir a razão, os que tinham sido trazidos a nós morreram. — “Os traidores nos trouxeram só dois! Deveríamos ter desconfiado.”

— Não trouxeram muitos Futares, não foi? Deveriam ter desconfiado que eram iscas.

“Está vendo? É isso que fazem com pequenas revelações!”

— Por que os Futares não caçaram e mataram Honradas Madres em Gammu? — Era a pergunta de Duncan e merecia uma resposta.

— Disseram-nos que nenhuma ordem tinha sido dada. Eles não matam sem ordens. — “Ela sabe isso. Está me testando.”

— Os Dançarinos Faciais também matam sob ordens — ela disse. — Matariam até você se desse a ordem. Não é assim?

— Essa ordem está reservada para manter nossos segredos fora do alcance de inimigos.

— É por isso que você quer seus próprios Dançarinos Faciais? Considera-nos inimigos?

Antes que pudesse compor uma resposta, a figura projetada de Bellonda surgiu acima da mesa, em tamanho natural e parcialmente transluzente, os cristais dos Arquivos dançando atrás dela. — Urgente de Sheeana! — disse Bellonda. — A florescência de especiarias aconteceu. Vermes da areia! — A figura virou e olhou

para Scytale, os televigias coordenando seus movimentos perfeitamente. — Então perdeu uma ficha do jogo, Mestre Scytale!

Finalmente temos nossas especiarias! — A figura projetada desapareceu com um “clique” audível e um leve cheiro de ozônio.

— Estão querendo me enganar! — ele falou sem pensar.

Mas a porta à esquerda de Odrade se abriu. Sheeana entrou puxando uma pequena cápsula suspensora de não mais de dois metros. Os lados transparentes repetiam os globos luminosos da sala de trabalho em minúsculas explosões de luz amarela. Alguma coisa se contorcia na cápsula!

Sheeana ficou de lado sem falar, deixando que vissem claramente o conteúdo. Tão pequeno! O verme tinha menos da metade do comprimento da cápsula, mas era perfeito em todos os detalhes, esticado em uma cama baixa de areia dourada.

Scytale não pôde conter um grito sufocado de temor. O

Profeta!A reação de Odrade foi pragmática. Inclinou-se para a cápsula, olhando a boca em miniatura. O sopro chamuscante do fogo interior do grande verme reduzido a isso? Quê imitação minúscula!

Dentes de cristal brilharam ao erguer o segmento frontal.

O verme investigou com a boca à esquerda e à direita. Todos viram atrás dos dentes o fogo em miniatura em sua química alienígena.

— Milhares deles — disse Sheeana. — Vieram a uma florescência de especiaria, como sempre fazem.

Odrade continuou em silêncio. “Conseguimos!” Mas esse era o momento de triunfo de Sheeana. Deixe que ela o aproveite ao máximo. Scytale nunca parecera tão derrotado.

Sheeana abriu a cápsula e tirou o verme, embalando-o como se fosse um bebê. Ficou quietinho em seus braços.

Odrade respirou fundo, com satisfação. “Ela ainda os controla.”

— Scytale — Odrade disse.

Ele não conseguia desviar o olhar do verme.

— Você ainda serve o Profeta? — perguntou Odrade. — Aí está ele! Não sabia como responder. Um fantasma real do Profeta?

Queria negar sua primeira reação de temor, mas seus olhos não lhe permitiam.

Odrade falou mansamente. — Enquanto você estava fora em sua missão tola, sua missão *egoísta,* nós estávamos servindo o Profeta! Salvamos seu último espectro e o trouxemos aqui. A Sede da Irmandade se tornará outra Duna!

Recostou-se e juntou as pontas dos dedos das duas mãos em arco. Bell estava vendo tudo pelos televigias, é claro. As observações de uma Mentat seriam valiosas. Odrade gostaria que Idaho também estivesse olhando. Mas ele poderia ver um holo.

Estava claro para ela que Scytale tinha visto as Bene Gesserit somente como instrumentos para a restauração de sua preciosa civilização Tleilaxu. Será que essas novas circunstâncias o forçariam a revelar os segredos íntimos de seus tanques? O que ele iria oferecer?

— Preciso de tempo para pensar. — Sua voz tremia.

— Pensar sobre o quê?

Não respondeu, mas continuou a concentrar sua atenção em Sheeana, que estava colocando o pequeno verme de volta na cápsula. Acariciou-o antes de selar a tampa.

— Diga-me, Scytale — insistiu Odrade. — Como pode haver alguma coisa para você reconsiderar? Este é o nosso Profeta! Você diz que serve a Grande Crença. Então sirva-a!

Podia ver os sonhos dele se dissolvendo. “Seus próprios Dançarinos Faciais para imprimir memórias daqueles que mataram, copiando a forma e a maneira de cada vítima.” Nunca tiveram esperanças de lograr uma Reverenda Madre... só acólitas e simples trabalhadoras da Sede... Todos os segredos que esperara

conseguir, perdidos! Perdidos assim como a casca seca queimada dos planetas Tleilaxu.

“Nosso Profeta, ela dissera.” Olhou com expressão arrasada para Odrade, mas sem focalizá-la. “O que devo fazer? Essas mulheres não precisam mais de mim. Mas eu preciso delas!”

— Scytale. — Como falava macio. — A Grande Convenção terminou. Lá fora há um novo universo.

Tentou engolir em seco. Todo o conceito de violência adquirira uma nova dimensão. No Velho Império a Convenção garantira retaliação contra qualquer pessoa que ousasse queimar um planeta atacando do espaço.

— Violência escalonada, Scytale. — A voz de Odrade era quase um murmúrio. — Nós *dispersamos* cápsulas de fúria.

Focalizou nela. “O que está dizendo?”

— O ódio que está sendo armazenado contra as Honradas Madres — ela disse. — ”Você não é o único a perder, Scytale. Uma vez, quando surgiram problemas em nossa civilização, gritaram: *Tragam uma Reverenda Madre!* As Honradas Madres impedem isso. E os mitos são reconstituídos. Luz dourada cai sobre nosso passado. *Era melhor nos tempos antigos quando as Bene Gesserit podiam nos ajudar. Onde se pode ir para encontrar Revelador as da Verdade confiáveis hoje em dia? Arbitragem? As Honradas Madres nunca*

ouviram essa palavra! Foram sempre muito polidas, as Reverendas Madres. Isso temos que admitir.

Quando Scytale não respondeu, ela disse: — Pense no que poderia acontecer se essa fúria fosse solta em um Jihad!

Como ele continuasse em silêncio, ela disse: — Você viu.

Tleilaxu, Bene Gesserit, sacerdotes do Deus Dividido, e quem sabe quantos mais — todos caçados como feras selvagens.

— Não podem matar todos nós! — Um grito de angústia.

— Não? Os seus Dispersos uniram-se às Honradas Madres.

Seria esse o refúgio que você buscava na Dispersão?

“Lá se vai mais um sonho: pequenas cápsulas de Tleilaxu, persistentes como feridas supuradas, aguardando o dia do Grande Renascimento de Scytale.”

— As pessoas ficam fortes debaixo de opressão — ele disse, mas suas palavras não tinham força. — Até os Sacerdotes de Rakis estão encontrando buracos para se esconder! — Palavras desesperadas.

— Quem diz isso? Alguns de seus *amigos* que voltaram? O

silêncio dele era tudo que precisava como resposta.

— Os Bene Tleilaxu mataram Honradas Madres e elas sabem disso — ela disse, pressionando-o. — Só ficarão satisfeitas com sua exterminação.

— E a sua!

— Somos sócios por necessidade, se não por crenças compartilhadas. — Disse isso no mais puro islamiyat e viu a esperança saltar dos olhos dele. “Kehl e Shariat podem ainda

adquirir seu velho significado entre as pessoas que compõem seus pensamentos na Língua de Deus.”

— Sócios? — Fraco e extremamente tentativo.

Ela adaptou um novo tom rude. — De muitas maneiras, essa é uma base mais confiável para ação em comum do que qualquer outra. Cada um de nós sabe o que o outro quer. Um desígnio intrínseco: peneire tudo através disso e algo confiável pode ocorrer.

— E o que quer de mim?

— Você já sabe.

— Como fazer os melhores tanques, sim. — Sacudiu a cabeça, claramente incerto. As mudanças implícitas nas exigências dela! Odrade pensou se ousaria ser brusca e áspera, com raiva evidente. Como ele era denso! Mas estava quase em pânico. Velhos valores haviam mudado. As Honradas Madres não eram a única fonte de tumulto. Scytale nem sabia a extensão das mudanças que infestavam seus próprios Dispersos!

— Os tempos estão mudando — Odrade disse. “Mudança, que palavra inquietante” — ele pensou.

— Preciso de meus assistentes Dançarinos Faciais! E de meus próprios tanques! — Quase suplicando.

— Meu Conselho e eu estudaremos isso.

— O que têm para estudar? — Jogando suas próprias palavras nela.

— Você só precisa de sua própria aprovação. Eu preciso da aprovação de outros. — Sorriu para ele com uma expressão severa.

— Portanto você tem tempo para pensar. — Odrade acenou com a cabeça para Tamalane, que chamou os guardas.

— De volta para a não-nave? — falou, já na porta, uma figura diminuta entre os guardas corpulentos.

— Mas hoje você vai de carro até lá. Olhou longamente o verme ao sair.

Quando Scytale e os guardas saíram, Sheeana disse: —

Você fez bem em não pressioná-lo. Ele estava a ponto de entrar em pânico.Bellonda entrou. — Talvez fosse melhor matá-lo.

— Bell! Pegue o holo e veja novamente o nosso encontro.

Dessa vez como Mentat!

Isso a deteve.

Tamalane deu um risinho.

— Você se diverte demais com a derrota de sua irmã, Tam

— disse Sheeana.

Tamalane encolheu os ombros, mas Odrade ficou encantada.

“Não ia mais provocar Bell?”

— Quando falou da Sede da Irmandade se tornar uma outra Duna, foi aí que ele começou a entrar em pânico — disse Bellonda, com voz Mentat distante.

Odrade vira a reação, mas não tinha ainda feito a associação.

Isso era um valor Mentat: padrões e sistemas, erigindo construções.

Bell pressentia um padrão no comportamento de Scytale.

— Pergunto a mim mesma: será a coisa se tornando real mais uma vez? — disse Bellonda.

Odrade viu imediatamente. Uma coisa estranha sobre lugares perdidos. Enquanto Duna tinha sido um planeta conhecido e vivo, existira uma firmeza histórica sobre sua presença no Registro Galáctico. Era possível apontar para uma projeção e dizer: — Lá está Duna. Antigamente chamado Arrakis e depois, Rakis. Duna devido à sua característica de deserto total nos dias de Muad'Dib.

Destrua o lugar, porém, e uma patina mitológica invectiva contra a *realidade* projetada. Com o tempo, esses lugares tornam-se totalmente míticos. " Arthur e sua Távola Redonda. Camelot onde só chove à noite. Muito bom Controle de Meteorologia para aqueles tempos!"

Mas agora, um novo Duna aparecera.

— Poder do mito — disse Tamalane.

Ahhhhh, sim. Tam, próxima à despedida final da carne, estaria mais sensível aos mecanismos dos mitos. Mistério e sigilo, instrumentos da Misericórdia, também tinham sido usados em Duna por Muad'Dib e o Tirano. As sementes tinham sido plantadas.

Mesmo com os sacerdotes do Deus Dividido indo para sua própria perdição, os mitos de Duna proliferavam.

— Melange — disse Tamalane.

As outras Irmãs na sala de trabalho entenderam imediatamente o que ela queria dizer. Novas esperanças poderiam ser injetadas na Dispersão Bene Gesserit.

Bellonda disse: — Por que nos querem mortas e não cativas?

Isso sempre me intrigou.

As Honradas Madres talvez não quisessem *nenhuma* Bene Gesserit viva... só a sabedoria da especiaria, talvez. Mas destruíram Duna. Destruíram os Tleilaxu. Era uma idéia prudente para levar para

qualquer confrontação com a Rainha Aranha — se Dortujla tivesse sucesso.

— Nenhum refém útil? — Bellonda perguntou.

Odrade viu a expressão no rosto das Irmãs. Estavam pensando igual, como se tivessem uma mente em comum. As aulas práticas das Honradas Madres, deixando poucos sobreviventes, só tornavam a oposição potencial mais cautelosa. Invocava uma regra de silêncio dentro da qual memórias amargas se tornavam mitos amargos. As Honradas Madres eram como os bárbaros em qualquer época: sangue em vez de reféns. Atacar com malevolência casual.

— Dar está certa — disse Tamalane. — Estávamos procurando aliados muito perto de nós.

— Os Futares não criaram a si próprios — disse Sheeana.

— Aqueles que os criaram esperam nos controlar — disse Bellonda. Ouvia-se o som claro de Projeção Primária em sua voz.

“Foi essa hesitação que Dortujla percebeu nos Treinadores.”

Ali estava e tinham de encará-lo com todos os seus perigos.

Acabava se resumindo em pessoas (como sempre). Pessoas —

contemporâneos. Você aprende coisas valiosas com as pessoas que vivem na sua época e da sabedoria que trazem do seu passado. A Outra Memória não era a única viatura da história.

Odrade sentiu-se como se estivesse voltado para casa, depois de uma longa ausência. Havia uma familiaridade na maneira em que as quatro estavam pensando agora. Era uma familiaridade que transcendia o local. A Irmandade, em si, era o Lar. Não onde se alojavam transitoriamente, mas a associação.

Bellonda colocou isso em palavras. — Receio que estivéssemos trabalhando com objetivos opostos.

— O medo faz isso — disse Sheeana.

Odrade não ousou sorrir. Poderia ser mal interpretada e não queria ter de explicar. “Dê-nos Murbella como Irmã e um Bashar restaurado! E então teremos chance de ganhar!”

Nesse momento, em que se sentia tão bem, o sinal de mensagens deu um clique. Ela lançou um olhar para a superfície das projeções, por puro reflexo, e reconheceu uma crise. Uma coisa tão pequena (relativamente) para precipitar uma crise. Clairby ferido mortalmente num desastre de tóptero. Mortalmente a não ser que...

O “a não ser que” foi soletrado para ela e o resultado era Cyborg.

Suas companheiras viram a mensagem invertida, mas aqui se aprendia a ler informações como em um espelho. Elas sabiam.

“Onde estabeleceremos o limite?”

Bellonda, com seus óculos antigos quando podia ter olhos artificiais ou qualquer outra entre inúmeras próteses, votava com o corpo. “Isso é o que significa ser humano. Tente segurar a juventude e ela ri de você enquanto foge. Melange é o bastante... e talvez demais.”

Odrade reconheceu o que suas próprias emoções estavam lhe dizendo. Mas e quanto à necessidade Bene Gesserit? Bell podia registrar seu voto individual e todas sabiam disso, e até

respeitavam. Mas o voto da Madre Superiora levava a Irmandade com ela. “Primeiro os tanques axlotl e agora isso.”

A necessidade dizia que não podiam perder especialistas do calibre de Clairby. Já tinham muito poucos. Estavam tão espalhados que já apareciam espaços em branco. Cyborg Clairby, porém, e essa foi a cunha de abertura. Os Suks estavam preparados. “Uma medida de precaução” se fosse necessária para alguém insubstituível. “Como a Madre Superiora?” Odrade sabia que tinha aprovado isso com suas

habituais reservas cautelosas. Onde estavam essas reservas agora?

Cyborg era uma dessas palavras *pot-pourri,* também. Onde foi que o acréscimo à carne humana se tornou dominante? Quando o Cyborg deixou de ser humano? Tentações intensificadas — “Só mais um pequeno ajuste.” E era tão fácil *ajustar* até que o *humano-pot-pourri* se tornasse incontestavelmente obediente. “Mas...

Clairby?”

Condições extremas diziam: — Faça dele um Cyborg! —

Estaria a Irmandade tão desesperada? Foi forçada a responder afirmativamente.

Aí estava então — a decisão não completamente fora de suas mãos, mas a desculpa fácil à mão. “A necessidade assim o dita.” O Jihad Butleriano deixara sua marca indelével nos humanos.

Batalhado e ganho... por enquanto. E aqui estava outra batalha naquele antigo conflito. Mas agora, a sobrevivência da Irmandade estava em jogo. Quantos especialistas técnicos ainda permaneciam na Sede? Sabia a resposta sem olhar. Não o suficiente.

Odrade inclinou-se para a frente e tocou as teclas de transmissão. — Cyborg — disse.

Bellonda grunhiu. “Aprovação ou desaprovação?” Nunca diria. Essa era a arena da Madre Superiora, e que fosse bem-vinda!

“Quem ganhou esta batalha?” Odrade perguntou a si mesma.

Seguimos uma linha delicada, perpetuando genes Atreides (Siona) em nossa população porque nos ocultam da presciência.

Carregamos o Kwisatz Haderach nessa bolsa! A voluntariosidade criou o Muad’Dib. Os Profetas fazem as predições se realizarem.

Ousaremos algum dia ignorar novamente nosso senso Tao e servir uma cultura que odeia o acaso e implora profecias ?

— *Summário dos Arquivos (adixto)*

Foi logo após o amanhecer que Odrade chegou à não-nave, mas Murbella estava de pé e trabalhando com um mek de treinamento quando a Madre Superiora chegou à sala de exercícios.

Odrade percorrera a pé o último quilômetro, atravessando os anéis de pomares ao redor do campo espacial. As poucas nuvens da noite tinham rareado com a aproximação do amanhecer e se dissipado para revelar um céu cheio de estrelas.

Reconheceu uma alteração delicada da Meteorologia para arrancar mais uma colheita dessa região, mas a chuva cada vez mais rara mal bastava para manter os pomares e pastagens vivos.

Enquanto andava, Odrade foi dominada pela melancolia. O

inverno que acabava de passar tinha sido um silêncio conseguido a duras penas entre tempestades. A vida era um holocausto. Pólen espalhado por insetos ansiosos, frutificação e semeadura seguindo

a flor. Esses pomares eram uma tempestade secreta, cujo poder jazia escondido em fluxos torrenciais de vida. Mas ohhhhh! a destruição. Nova vida acarretava mudanças. A Transformação estava vindo, sempre diferente. Os vermes da areia trariam a pureza do deserto do antigo Duna.

A desolação daquele poder de transformação invadiu sua imaginação. Podia ver essa paisagem reduzida a dunas varridas pelo vento, habitat para os descendentes de Leto II.

E as artes da Sede da Irmandade sofreriam mutações — os mitos de uma civilização substituídos pelos de outra.

A aura desses pensamentos acompanhou Odrade até a sala de exercícios, e influenciou seu estado de espírito enquanto observava Murbella completar um ciclo rápido de exercícios e dar um passo atrás, ofegante.

Um fino arranhão vermelho marcava as costas da mão esquerda de Murbella, onde errara um movimento do grande mek. O

treinador automático estava lá no centro da sala como uma coluna dourada, suas armas retraindo-se e projetando-se rapidamente —

mandíbulas exploradoras de um inseto raivoso.

Murbella vestia malha verde justa e a pele exposta reluzia de suor. Mesmo com a saliência proeminente da gravidez, parecia graciosa. A pele brilhava de saúde. Vinha de dentro, Odrade decidiu, em parte da gravidez, mas algo mais fundamental também.

Isso impressionara Odrade em seu primeiro encontro, uma coisa que Lucilla comentara após capturar Murbella e salvar Idaho de Gammu. Nela, a saúde vivia sob a superfície, como uma lente para focalizar a atenção na corrente de água doce profunda da vitalidade.

“Tem de ser nossa!”

Murbella viu a visita, mas recusou-se a ser interrompida.

“Ainda não, Madre Superiora. Meu bebê vai chegar em breve, mas este corpo tem necessidades que vão continuar.”

Odrade viu então que o mek estava simulando raiva, uma reação programada, acarretada pela frustração de seus circuitos.

Um costume extremamente perigoso!

— Bom dia, Madre Superiora.

A voz de Murbella saiu modulada por seus esforços enquanto se esquivava e se contorcia com aquela velocidade incrível de que

dispunha.

O mek golpeava e procurava por ela, os sensores dardejando e zunindo em tentativas de seguir seus movimentos.

Odrade fungou. Falar numa hora dessas aumentava o perigo do mek. Não se arrisca nenhuma distração quando se joga uma partida tão perigosa “Basta!”

Os controles do mek estavam em um painel verde grande na parede à direita da porta. As alterações de Murbella podiam ser vistas nos circuitos — fios pendurados, campos luminosos com os cristais de memória deslocados. Odrade estendeu a mão e parou o mecanismo.

Murbella virou-se para encará-la.

— Por que mudou o circuito? — Odrade perguntou.

— Para a raiva.

— É isso que as Honradas Madres fazem?

— É de pequenino que se torce o pepino? — Murbella massageou a mão ferida. — Mas e se o pepino sabe como é torcido e aprova?

Odrade sentiu uma súbita excitação. — Aprova? Por quê?

— Porque há algo... de grandioso nisso.

— Você segue a alta de sua adrenalina?

— Sabe que não é isso! — Murbella voltou a respirar normalmente. Ficou olhando fixo para Odrade.

— Então o que é?

— É... sentir o desafio de fazer mais do que sempre se achou possível. Você nunca suspeitou que pudesse ser tão... tão capaz,

tão proficiente e perfeita em tudo.

Odrade escondeu sua exultação.

“Mens sana in corpore sano. Ela é finalmente nossa!”

Odrade disse: — Mas ao preço que se paga!

— Preço? — Murbella parecia atônita. — Enquanto eu puder, tenho grande prazer em pagar.

— Tome o que quiser e pague?

— É sua cornucópia mágica Bene Gesserit: à medida que me torno mais aperfeiçoada, minha capacidade de pagar aumenta.

— Cuidado, Murbella. Essa cornucópia, como você a chama, pode se transformar na caixa de Pandora.

Murbella conhecia a alusão. Ficou imóvel, olhando fixamente a Madre Superiora. — Oh! — O som apenas escapou.

— A caixa de Pandora liberta distrações poderosas que desperdiçam energias de sua vida. Você fala livremente de estar “no escorregador” e se tornar uma Reverenda Madre, mas ainda não sabe o que isso significa, nem o que queremos de você.

— Então não eram nossas habilidades sexuais que vocês queriam. Odrade avançou oito passos, majestosamente deliberados.

Uma vez que

Murbella começasse esse assunto não haveria como fazê-la parar, a não ser com a solução usual — argumentos suspensos por ordem terminante da Madre Superiora.

— Sheeana dominou facilmente suas habilidades — disse Odrade.
— Então vocês *vão* usá-la naquela criança!

Odrade percebeu seu desagrado. Era um resíduo cultural.

Quando começara a sexualidade humana? Sheeana, aguardando agora nas salas de guarda da não-nave, fora forçada a lidar com ela. “Espero que reconheça a origem de minha relutância e por que fui tão reservada, Madre Superiora.”

“Reconheço que uma sociedade Fremen encheu sua cabeça de inibições antes de a controlarmos!”

Isso restabeleceu a harmonia entre elas. Mas como reorientar essa troca com Murbella? “Devo deixá-la correr enquanto.procuro uma saída.”

Haveria repetição. Questões não-resolvidas surgiram. O fato de que quase todas as palavras que Murbella pronunciava podiam ser antecipadas seria um teste.

— Por que evitam essa maneira testada de dominar os outros agora que dizem que precisam disso para Teg? — Murbella perguntou.

— Escravos, é isso que você quer? — Odrade retrucou.

Com os olhos quase fechados, Murbella considerou isso.

“Será que eu considerava os homens nossos escravos? Talvez.

Produzi neles períodos de abandono loucamente impensados, de entrega a pináculos de êxtase nunca antes sonhados. Fui treinada para lhes dar isso e, portanto, torná-los sujeitos ao nosso controle.”

“Até que Duncan fez o mesmo comigo.”

Odrade viu velarem-se os olhos de Murbella, e reconheceu que havia coisas tão contorcidas na psique dessa mulher, que era difícil descobri-las. “Selvageria correndo onde não podemos alcançar”. Era como se a clareza original de Murbella tivesse sido indelevelmente manchada, e essa marca coberta, e até essa cobertura mascarada. Havia uma aspereza nela que distorcia

pensamentos e ações. Camada em cima de camada em cima de camada...

— Você tem medo do que eu posso fazer — disse Murbella.

— Há verdade no que diz — concordou Odrade.

“Honestidade e franqueza — instrumentos limitados agora para serem usados com cuidado.”

— Duncan. — A voz de Murbella saiu inexpressiva com novas habilidades Bene Gesserit.

— Tenho medo do que você compartilha com ele. Acha estranho, a Madre Superiora admitindo ter medo?

— Conheço franqueza e honestidade! — A maneira de usar essas palavras tornava-as repelentes.

— As Reverendas Madres são ensinadas a nunca abandonarem o *self.* Somos treinadas a não nos sobrecarregarmos dessa maneira com os problemas alheios.

— Isso é tudo?

— Vai mais fundo e tem outras ramificações. Ser Bene Gesserit marca você de sua própria maneira.

— Sei o que está pedindo: escolha Duncan ou a Irmandade.

Conheço seus truques.

— Acho que não.

— Há coisas que eu não farei!

— Todas nós somos coagidas pelo passado. Faço minhas escolhas, faço o que tenho de fazer porque meu passado é diferente

do seu. — Vai continuar a me treinar, apesar do que acabei de dizer?

Odrade ouviu isso com a receptividade total que esses encontros com Murbella exigiam, todos os sentidos alertas para coisas não ditas, mensagens que adejavam na ponta das palavras como se fossem cílios tremulando, estendendo-se para entrar em contato com um universo perigoso.

“A Bene Gesserit tem de mudar. E aqui está alguém que poderia nos guiar nessa mudança.”

Bellonda ficaria horrorizada com essa possibilidade. Muitas Irmãs a rejeitariam. Mas ali estava ela.

Quando Odrade permaneceu em silêncio, Murbella disse: —

Treinada. É essa a palavra certa?

— Condicionada. Isso provavelmente é mais familiar para você. — O que você realmente quer é juntar nossas experiências, tornar-me suficientemente parecida com você para podermos criar confiança entre nós. É isso que toda a educação faz.

“Não brinque de erudita comigo, menina!”

— Fluiríamos na mesma corrente, hein, Murbella?

Qualquer acólita de Terceiro-Grau ficaria alerta e cautelosa ao ouvir esse tom na voz da Madre Superiora. Murbella parecia indiferente. — Exceto que não vou desistir dele.

— Isso cabe a você decidir.

— Vocês deixaram Lady Jessica decidir? “A saída desse beco sem saída, afinal.”

Duncan tinha instigado Murbella a estudar a vida de Jessica.

“Esperando frustrar-nos!” Holos de seu desempenho tinham provocado análises severas dos registros.

— Uma pessoa interessante — disse Odrade.

— Amor! Depois de todos os seus ensinamentos, seu *condicionamento!*

— Você não achou o comportamento dela desleal?

— Nunca!

“Delicadamente agora.” — Mas veja as conseqüências: um Kwisatz Haderach... e aquele neto, o Tirano! — “Argumento preferido de Bellonda.”

— O Caminho Dourado — disse Murbella. — Sobrevivência da humanidade.

— Os tempos da Fome e a Dispersão.

“Está vendo isso, Bell? Não importa. Você verá.”

— Honradas Madres! — Murbella disse.

— Tudo por causa de Jessica? — Odrade perguntou. — Mas Jessica retornou ao rebanho e viveu o resto da vida em Caladan.

— Professora de acólitas!

— Um exemplo para elas, também. Vê o que acontece quando alguém nos desafia? — “Desafie-nos, Murbella! Faça-o com mais perícia que Jessica.”

— Às vezes vocês me causam aversão! — A honestidade natural a forçou a acrescentar: — Mas você sabe que eu quero o que vocês têm.

“O que nós temos.”

Odrade recordou seus primeiros encontros com as atrações Bene Gesserit.

Tudo com relação ao corpo feito com precisão extraordinária, os sentidos afiados para detectar os mínimos detalhes, músculos treinados para funcionar com exatidão maravilhosa. Essas habilidades em uma Honrada Madre só podiam acrescentar uma nova dimensão ampliada pela velocidade do corpo.

— Você está jogando o problema de volta para mim — disse Murbella. — Tentando forçar minha escolha, quando já sabe qual é.

Odrade continuou em silêncio. Essa era uma forma de argumento que os antigos Jesuítas tinham quase aperfeiçoado. O

simulfluxo se sobrepunha a padrões de disputas: deixe Murbella convencer-se a si mesma. Dê-lhe apenas cutucadas muito sutis.

Proporcione pequenas desculpas, pelas quais ela possa desenvolver-se.

“Mas segure-se, Murbella, por amor a Duncan!”

— Você é muito esperta, desfilando as vantagens de sua Irmandade para mim — disse Murbella.

— Não estamos numa fila de restaurante.

Um sorriso despreocupado esboçou-se nos lábios de Murbella. — Vou levar um desses e um daqueles ali, e acho que vou querer um daqueles cremosos lá.

Odrade gostou da metáfora, mas os vigilantes onipresentes tinham seu próprio apetite. — Uma dieta que pode matar você.

— Mas vejo suas ofertas exibidas de maneira tão atraente.

Voz! Que coisa maravilhosa vocês inventaram. Tenho esse instrumento fantástico em minha garganta e vocês podem me

ensinar a tocá-lo de maneira sublime.

— Agora você pode reger um concerto.

— Quero sua habilidade para influenciar as pessoas ao meu redor!
— Para que fim, Murbella? Para os objetivos de quem?

— Se eu comer o que você come, vou ficar dura como você: plasteel do lado de fora e ainda mais dura por dentro?

— É assim que me vê?

— O *chef de* meu banquete! E tenho de comer o que você me trouxer — para o meu bem e para o seu.

Soava quase maníaca. Uma pessoa estranha. Às vezes parecia a mulher mais desgraçada do mundo, andando de um lado para o outro em seus aposentos como uma fera enjaulada. Aquele brilho insano nos olhos, pintas alaranjadas nas córneas... como agora. — Ainda se recusa a “trabalhar” Scytale?

— Mande Sheeana fazer isso.

— Você a treinará?

— E ela vai usar meu treinamento na criança! -

Encararam-se, entendendo que compartilhavam a mesma idéia. “Não é uma confrontação porque cada uma de nós quer a outra.” — Tenho um compromisso com você pelo que pode me dar

— Murbella disse em voz baixa. — Mas você quer saber se algum dia eu agirei contra esse compromisso?

— Seria capaz de fazer isso?

— Tanto quanto você, se as circunstâncias o exigissem.

— Acha que se arrependerá de sua decisão?

— Claro que sim! — Que pergunta idiota era essa? Todo mundo sempre se arrepende. Murbella disse isso.

— Só estava confirmando sua auto-honestidade. Gostamos do fato de que você não usa cores falsas.

— Vocês encontram cores falsas?

— Certamente.

— Devem ter maneiras de suprimi-las.

— A Agonia faz isso por nós. A falsidade não sobrevive à Especiaria. Odrade sentiu as batidas de Murbella se acelerarem.

— E não vai exigir que eu desista de Duncan? — Muito espinhosa.

— Essa ligação apresenta algumas dificuldades, mas são as suas dificuldades.

— Outra maneira de me pedir que desista dele?

— Aceite a possibilidade, é só isso.

— Não posso.

— Não quer?

— Quero dizer exatamente isso. Sou incapaz.

— E se alguém lhe mostrasse como fazer isso?

Murbella olhou dentro dos olhos de Odrade por longo tempo e depois disse: — Quase disse que isso me libertaria... mas...

— Sim?

— Não poderia ser livre enquanto ele estivesse ligado a mim.

— E isso é uma renúncia à maneira das Honradas Madres?

— Renúncia? Palavra errada. Apenas fui além das minhas ex-Irmãs.

— Ex-Irmãs?

— Ainda são minhas Irmãs, mas são Irmãs de infância.

Lembro-me de algumas com carinho, de outras com intensa aversão. Companheiras de brinquedo, num jogo que não mais me interessa.

— Essa decisão a satisfaz?

— Está satisfeita, Madre Superiora?

Odrade bateu palmas com entusiasmo desenfreado. Como Murbella adquiria rápido as respostas Bene Gesserit!

— Satisfeita? Que diabo de palavra infernal!

Enquanto Odrade falava, Murbella sentiu que se movia como em sonho para a beira de um abismo, incapaz de acordar e evitar a queda. O estômago lhe doía com um vazio secreto e as palavras seguintes de Odrade vieram ecoando da distância.

— A Bene Gesserit é tudo para uma Reverenda Madre.

Nunca poderá esquecer isso.

Tão célere quanto viera, a sensação de sonho passou. As palavras seguintes da Madre Superiora foram frias e imediatas.

— Prepare-se para um treinamento mais avançado. “Até encontrar a Agonia — viva ou morra.”

Odrade ergueu o olhar para os televigias no teto. — Mandem Sheeana aqui. Ela vai começar agora mesmo com sua nova professora.

— Então vai fazer isso! Vai “trabalhar” aquela criança.

— Pense nela como o Bashar Teg — disse Odrade. — Isso ajuda.
— ”E não vamos lhe dar tempo para mudar de idéia.”

— Não resisti a Duncan e não posso discutir com você.

— Não discuta nem consigo mesma, Murbella. Não adianta.

Teg foi meu pai, mas tenho de fazer isso.

Até esse momento, Murbella não tinha entendido a força por trás do que Odrade dissera antes. “A Bene Gesserit é tudo para uma Reverenda Madre. Grande Dur, proteja-me! Serei assim também?”

Presenciamos uma fase passageira da eternidade.

Acontecem coisas importantes mas algumas pessoas nem notam.

Os acidentes interferem. Você não está presente aos episódios.

Depende de relatórios. E as pessoas fecham suas mentes. De que valem os relatórios? A História em um noticiário? Pré-selecionado

em uma conferência editorial, digerido e excretado por preconceito?

Os relatos de que você precisa raramente vêm daqueles que fazem a História. Diários, memórias e autobiografias são formas subjetivas de apelo especial. Os Arquivos estão abarrotados desse tipo de material suspeito.

— Darwi Odrade

Scytale notou a excitação dos guardas e de outros quando chegou à barreira no fim do corredor. A movimentação rápida de pessoas, especialmente de manhã tão cedo, o haviam atraído à barreira. Lá ia aquela médica Suk, Jalanto. Reconheceu-a do tempo em que Odrade a tinha mandado vê-lo “porque ele parecia doente”.

“Mais outra Reverenda Madre para me espionar!”

“Ahhhhhhhh, o bebê de Murbella.” Era a razão dessa correria e da Suk.

Mas quem eram todas aquelas outras? Mantos Bene Gesserit em quantidade que nunca vira antes aqui. Não só acólitas.

Reverendas Madres eram mais numerosas que as outras que se agitavam lá embaixo. Lembravam grandes aves de carniça. Lá ia uma acólita, afinal, carregando uma criança nos ombros. Muito misterioso. “Se ao menos tivesse uma ligação com os sistemas da nave!” Encostou-se em uma parede e esperou, mas as pessoas desapareceram em várias escotilhas e portas. Alguns destinos ele podia localizar com bastante certeza, outros eram um mistério.

Pelo Santo Profeta! Lá ia a própria Madre Superiora!

Atravessou uma porta mais larga por onde a maioria das outras havia passado.

Não adiantava perguntar a Odrade quando a visse da próxima vez. Ela o tinha em sua armadilha agora.

“O Profeta está aqui e em mãos powindah!”

Quando ninguém mais apareceu no corredor, Scytale voltou a seus aposentos. O monitor de identificação à porta oscilou à sua passagem, mas forçou-se a não olhar. “A Identificação é a chave.”

Com seus conhecimentos, essa falha no sistema de controle da nave ixiana acenava como uma sirena.

“Quando me mover, não vão me dar muito tempo.”

Seria um ato de desespero, com a nave e seu conteúdo como reféns. Segundos para ser bem-sucedido. Quem sabia quantos painéis falsos haviam sido construídos, quantas escotilhas secretas haveria de onde aquelas mulheres horrorosas poderiam saltar em

cima dele. Não ousava arriscar antes de esgotar todos os outros caminhos. Especialmente agora... com o Profeta restaurado.

“Bruxas ardilosas. Que mais teriam mudado nessa nave?”

Uma idéia inquietante. “Será que meus conhecimentos ainda funcionam?”

A presença de Scytale além da barreira não escapara à atenção de Odrade, mas tinha outros assuntos com que se preocupar. A parturição (gostava da palavra pouco usada) de Murbella ocorrera em momento oportuno. Odrade queria um Idaho distraído com ela para a tentativa de Sheeana de restaurar as memórias do Bashar. Idaho ficava muitas vezes perturbado, pensando em Murbella. E Murbella obviamente não podia estar com ele aqui, não agora.

Odrade mantinha uma vigilância prudente em sua presença.

Ele era, afinal de contas, um Mentat.

Encontrara-o novamente à mesa de comando. Ao sair da calha de descida rápida no corredor de acesso a seus aposentos, ouviu o clique de retransmissão e aquele zumbido característico do campo comunicador e viu logo onde o encontraria.

Ele revelou um estado de espírito esquisito, quando o levou para a sala de observação onde iam controlar Sheeana e o menino.

“Preocupação com Murbella? Ou com o que iriam ver em breve?”A sala de observação era comprida e estreita. Três fileiras de cadeiras ficavam de frente para a parede visora comum à sala secreta onde seria feita a experiência. A área de observação estava em uma penumbra cinzenta só com dois minúsculos globos luminosos nos cantos superiores atrás das cadeiras.

Duas Suks estavam presentes... embora Odrade temesse que fossem ineficazes. Jalanto, a Suk que Idaho considerava a melhor, estava com Murbella.

“Demonstre nossa preocupação. Ela é real.”

Cadeiras-linga tinham sido colocadas ao longo da parede visora. Uma escotilha de emergência, com acesso à outra sala, estava bem à mão.

Streggi trouxe o menino pelo corredor de fora, onde ele não veria os observadores e levou-o para a sala. Tinha sido preparada de acordo com instruções de Murbella: um quarto de dormir, objetos pessoais dele, que tinham sido trazidos de seus aposentos, e algumas coisas das salas usadas por Idaho e Murbella.

Uma caverna de animal, pensou Odrade. Tinha um aspecto pobre e surrado, proveniente da desarrumação propositada, muitas vezes encontrada nos aposentos de Idaho: roupas jogadas numa cadeira-linga, sandálias num canto. A esteira era uma que Idaho e Murbella tinham usado. Ao inspecioná-la antes, Odrade havia notado aquele cheiro parecido com saliva, um odor íntimo e sexual.

Isso, também, teria efeito inconsciente em Teg.

“É aqui que as coisas loucas se originam, coisas que não podemos suprimir. Que ousadia, pensar que podemos controlar isso. Mas devemos.”

Quando Streggi despiu o menino e o deixou nu sobre a esteira, Odrade sentiu o pulso acelerar. Puxou a cadeira para a frente, notando que suas companheiras Bene Gesserit faziam o mesmo.“Deus meu”, pensou, “não passamos de *voyeurs!”*

Esses pensamentos eram necessários no momento, mas sentiu que a degradavam. Perdeu alguma coisa naquela intrusão.

Forma de pensar extremamente não-Bene Gesserit. Mas muito humana!

Duncan adotara um ar estudado de indiferença, um fingimento facilmente reconhecível. Subjetividade demais em seus

pensamentos para que funcionasse bem como Mentat. E era precisamente assim que ela o queria agora. Participação Mística.

Orgasmo como energizador. Bell havia reconhecido isso corretamente.

Odrade disse a uma das três Instrutoras, escolhidas pela sua força e ostensivamente aqui como observadoras: — O ghola quer suas memórias originais restauradas, e teme isso profundamente.

Essa é a maior barreira a ser demolida.

— Besteira! — disse Idaho. — Sabe o que temos a nosso favor agora mesmo? A mãe dele era uma de vocês e lhe deu o treinamento profundo. Qual é a possibilidade dela ter deixado de protegê-lo contra suas Impressoras?

Odrade virou-se rápida para ele. “Mentat?” Não, ele estava de volta ao seu passado imediato, revivendo-o e fazendo comparações. Aquela referência a Impressoras, entretanto... Foi assim que a primeira “colisão sexual” com Murbella restaurou memórias de outras vidas ghola? Numa profunda resistência contra impressões?

A Instrutora a que Odrade se dirigira resolveu ignorar essa interrupção impertinente. Lera o material dos Arquivos quando Bellonda a instruíra. Todas as três sabiam que talvez tivessem que matar a criança-ghola. Teria poderes que seriam perigosos para elas? Os vigilantes nada saberiam até que (ou se) Sheeana fosse bem-sucedida.

Odrade disse a Idaho: — Streggi disse a ele por que está aqui. — O que foi que ela disse? — Muito peremptório com a Madre Superiora. As Instrutoras lançaram-lhe um olhar feroz.

Odrade modulou a voz para que saísse suave. — Streggi disse-lhe que Sheeana restauraria suas memórias.

— E o que ele disse?

— Por que Duncan Idaho não faz isso?

— Ela respondeu honestamente?

— Honestamente, mas sem revelar nada. Streggi disse-lhe que Sheeana tinha uma maneira melhor. E que você aprovava.

— Olhe para ele! Não está nem se mexendo. Não vai dizer que vocês o drogaram.

Idaho olhou fixamente as Instrutoras.

— Não ousaríamos. Mas está focalizado interiormente.

Lembra-se da necessidade disso, não é?

Idaho resvalou na cadeira, encolhendo os ombros. —

Murbella continua dizendo: “Ele é só uma criança. É só uma criança.” Sabe que brigamos por isso.

— Achei seu argumento pertinente. O Bashar não era uma criança. É o Bashar que estamos despertando.

Ele ergueu os dedos cruzados. — Espero que sim. Ela recuou, olhando os dedos cruzados. — Não sabia que era supersticioso, Duncan.

— Rezaria para Dur se pensasse que ajudaria.

“Ele se lembra da sua própria dor no novo despertar.”

— Não mostre compaixão — ele murmurou. — Deixe-o consigo mesmo. Mantenha-o focalizado interiormente. Você quer a raiva dele.

Essas palavras eram de sua própria prática.

Abruptamente, disse: — Isso pode ser a coisa mais estúpida que já sugeri. Devia ir e ficar com Murbella.

— Está em boa companhia, Duncan. E não há nada que possa fazer por Murbella neste momento. Olhe! — Teg saltara da esteira e olhava os televigias do teto.

— Ninguém vai vir para me ajudar? — Teg perguntou. Mais desespero em sua voz do que o previsto para esse estágio. — Onde está Duncan Idaho?

Odrade colocou a mão no braço de Idaho quando ele quis se lançar à frente. — Fique onde está, Duncan. Não pode ajudá-lo.

Ainda não.

— Ninguém vai me dizer o que fazer? — A jovem voz tinha um som solitário, agudo. — O que vocês vão fazer?

Era a deixa de Sheeana e ela entrou na sala por uma portinhola escondida atrás de Teg. — Aqui estou. — Usava apenas um roupão transparente azul-claro, que se ajustou em seu corpo quando deu uns passos para enfrentar o menino.

Olhou-a embasbacado. Isso era uma Reverenda Madre?

Nunca havia visto uma com uma roupa assim. — Você vai me devolver minhas memórias? — Dúvida e desespero.

— Vou ajudar você a devolvê-las a si mesmo. — Enquanto falava, despiu o roupão e jogou-o de lado. Flutuou até o chão como uma grande borboleta azul.

Teg a olhou fixo. — O que está fazendo?

— O que pensa que estou fazendo? — Sentou-se ao lado dele e pôs a mão em seu pênis.

A cabeça dele inclinou-se para a frente como se tivesse sido empurrada por trás e ficou olhando a mão dela enquanto uma ereção se formava.

— Por que está fazendo isso?

— Você não sabe?

— Não!

— O Bashar saberia.

Olhou para o rosto dela, tão perto do seu. — Você sabe! Por que não me diz?

— Não sou sua memória!

— Por que está cantarolando assim?

Ela encostou os lábios no pescoço dele. As vibrações de boca fechada estavam claras para as observadoras. Murbella chamava isso de *intensificador Jeedback* sincronizado à reação sexual. O som ficou mais alto.

— O que está fazendo? — Quase um guincho quando ela o sentou escarranchado em cima dela. Ela oscilou, massageando as costas dele.

— Responda, que diabo! — Um verdadeiro guincho. “De onde viera aquele *que diabo?”* Odrade pensou. Sheeana deslizou-o para dentro dela. — Aqui está sua resposta! Os lábios dele formaram um “Ohhhhhhhhh” silencioso.

As observadoras viram sua concentração nos olhos de Teg, mas Sheeana o *vigiou* com outros sentidos também.

“Sinta a tensão das coxas dele, o pulso revelador do nervo vago e especialmente note o escurecimento dos mamilos. Quando

conseguir que ele chegue a esse ponto, mantenha-o aí até que suas pupilas se dilatem.”

— Impressora! — O grito de Teg fez as observadoras pularem. Bateu com os punhos nos ombros de Sheeana. Todas elas

na parede visora observavam um lampejo em seus olhos enquanto se retorcia, algo de novo despontando dele.

Odrade ficou de pé. — Alguma coisa deu errado?

Idaho continuou sentado. — O que eu predisse.

Sheeana empurrou Teg para escapar de seus dedos em garra. Ele esparramou-se no chão e rodopiou com uma velocidade que chocou as observadoras. Sheeana e Teg se confrontaram por várias longas batidas do coração. Lentamente, ele empertigou-se, e só então olhou para a parte inferior do corpo. Pouco depois, fixou a atenção no braço esquerdo esticado à sua frente. Seu olhar foi para o teto, para cada uma das paredes, uma após a outra. E de novo, olhou seu corpo.

— O que, nas profundezas do inferno... — Uma voz aguda, infantil, mas estranhamente amadurecida.

— Bem-vindo, ghola-Bashar — disse Sheeana.

— Você estava tentando me imprimir! — Acusação raivosa.

— Acha que minha mãe não me ensinou como evitar isso? — Uma expressão específica inundou seu rosto. — Ghola?

— Alguns preferem pensar em você como clone.

— Quem... Sheeana! — Virou-se rápido, olhando em volta da sala. Esta tinha sido escolhida por seus acessos escondidos, nenhuma portinhola visível. — Onde estamos?

— Na não-nave que você levou a Duna pouco antes de morrer lá. — Seguindo as regras.

— Morto... — Olhou as mãos de novo. As observadoras podiam quase ver os filtros impostos por ghola desaparecerem de suas memórias. — Fui assassinado... em Duna? — Quase lastimoso.

— Heróico até o fim — disse Sheeana.

— Meus... os homens que tirei de Gammu... foram...

— As Honradas Madres fizeram de Duna um exemplo. É

uma bola sem vida. Carbonizada, em cinzas.

A cólera tocou suas feições. Sentou e cruzou as pernas, colocando um punho cerrado em cada joelho. — Sim... Aprendi isso na história... na minha história. — Olhou Sheeana de novo. Ela

continuava sentada na esteira, absolutamente imóvel. Era um mergulho nas memórias que só quem já tinha se submetido à Agonia podia apreciar. O silêncio total era necessário agora.

Odrade murmurou: — Não interfira, Sheeana. Deixe que aconteça. Deixe que ele faça isso sozinho. — Fez um sinal com a mão para as três Instrutoras, que se dirigiram à portinhola de acesso, olhando para ela e não para a sala secreta.

— Acho estranho me considerar um tópico da história —

disse Teg. Voz de criança, mas aquela sensação de maturidade surgindo novamente. Fechou os olhos e respirou fundo.

Na sala de observação, Odrade reclinou-se na cadeira e perguntou: — O que você viu, Duncan?

— Quando Sheeana o empurrou para longe dela, ele virou-se com uma velocidade que nunca vi, exceto em Murbella.

— Mais rápido ainda que ela.

— Talvez... porque seu corpo seja jovem e nós lhe demos treinamento prana-bindu.

— É mais do que isso. Você nos alertou, Duncan. Um elemento desconhecido nos marcadores de células Atreides. —

Olhou para as Instrutoras vigilantes e sacudiu a cabeça. “Não. Ainda não.” — Aquela mãe dele que se dane! Indução hipnótica para bloquear uma Impressora, e ela escondeu isso de nós.

— Mas veja o que ela nos deu — disse Idaho. — Uma maneira mais eficiente de restaurar memórias.

— Devíamos ter visto isso nós mesmas! — Odrade sentiu raiva de si mesma. — Scytale afirma que os Tleilaxu usavam dor e confrontação. Tenho minhas dúvidas. ,

— Pergunte a ele.

— Não é tão simples. Nossas Reveladoras da Verdade não têm certeza dele.

— Ele é opaco.

— Quando foi que você o estudou?

— Dar! Tenho acesso aos registro dos televigias.

— Sei isso, mas...

— Diabos! Fique de olho em Teg! Olhe para ele! O que está acontecendo? Odrade desviou bruscamente a atenção para a

criança sentada.

Teg olhou para os televigias, com uma expressão de tremenda intensidade.

Fora para ele como acordar de um profundo sono no estresse do conflito, a mão de um ajudante o sacudindo. Alguma coisa necessitava de sua atenção! Recordava sentar-se no centro de comando da não-nave, Dar de pé a seu lado com a mão em seu pescoço. “Cocando?” Algo urgente a fazer. O quê? Seu corpo lhe dava a impressão de algo errado. Gammu... e agora estavam em Duna e... Lembrava coisas diferentes: a infância na Sede da Irmandade? Dar como... como... Mais memórias engrenaram.

“Tentaram me imprimir!”

A percepção fluiu ao redor dessa idéia como um rio se espalhando em volta de uma rocha.

— Dar! Você está aí? Você está!

Odrade recostou-se na cadeira e pôs a mão no queixo. “E

agora, o quê?”

— Mãe! — Que tom de acusação!

Odrade tocou uma chapa de transmissão junto a sua cadeira.

— Alô, Miles. Vamos dar um passeio pelos pomares?

— Nada de brincadeiras, Dar. Sei por que você precisa de mim.Mas vou-lhe avisar: a violência projeta as pessoas erradas no poder. Como se você não soubesse isso!

— Ainda leal à Irmandade, Miles, apesar do que acabamos de tentar?

Ele olhou para Sheeana vigilante. — Ainda seu cão obediente. Odrade lançou um olhar acusador para o sorridente Idaho. — Você e suas histórias!

— Muito bem, Miles — não vou fazer mais brincadeiras, mas tenho de saber sobre Gammu. Dizem que você se moveu mais rápido que

um raio.

— Verdade. — Tom de voz monótono, indiferente.

— E há pouco...

— Este corpo é pequeno demais para agüentar a carga.

— Mas você...

— Usei tudo em uma explosão e estou morrendo de fome.

Odrade olhou para Idaho. Ele acenou a cabeça. “A verdade.”

Fez sinal para que as Instrutoras saíssem da portinhola. Elas hesitaram antes de obedecer. O que Bell teria dito a elas?

Teg não tinha terminado. — Estou certo, filha? Já que cada indivíduo deve dar contas a si próprio no final, a formação do *self exige* o máximo cuidado e atenção.

“O diabo da mãe dele ensinou-lhe tudo!”

— Peço desculpas, Miles. Não sabíamos como sua mãe tinha preparado você.

— Quem teve essa idéia? — Olhou para Sheeana enquanto falava.
— A idéia foi minha, Miles — Idaho disse.

Isso o sossegou. — Anotado, Duncan. Não é preciso pedir desculpas. — Olhou para os alto-falantes retransmitindo suas vozes.

— Como está o ar aí em cima, Dar? Rarefeito o bastante para você?

“Que idéia idiota!” — ela pensou. “E ele sabe disso. Não está nada rarefeito.” O ar estava espesso com a respiração de todos a seu redor, incluindo os que desejavam compartilhar de sua presença dramática, os que tinham idéias (às vezes a idéia de que seriam melhores que ela na sua posição), os que tinham mãos que

ofereciam e mãos que exigiam. Rarefeito! Sentiu que Teg estava tentando lhe dizer alguma coisa. O quê?

“Às vezes tenho de ser a autocrata!”

Ela ouviu a si própria dizendo isso para ele durante um de seus passeios pelos pomares, explicando “autocrata” e acrescentando: “Eu tenho o poder e tenho de usá-lo. Isso me pesa horrivelmente.”

“Você tem o poder, então use-o!” Era isso que esse Mentat Bashar estava lhe dizendo. “Mate-me ou solte-me, Dar.”

Ainda assim, procurou ganhar tempo e sabia que ele iria sentir isso. — Miles, Burzmali está morto, mas manteve uma tropa aqui que ele mesmo treinou. O melhor de...

— Não me amole com detalhes insignificantes! — Que voz de comando! Aguda e esganiçada, mas com tudo que era essencial.

Sem serem mandadas, as Instrutoras voltaram à portinhola.

Odrade acenou para que se fossem, com um gesto zangado. Só aí é que percebeu que tinha chegado a uma decisão.

— Devolvam suas roupas e tragam-no aqui — disse. —

Chamem Streggi. As primeiras palavras de Teg ao sair alarmaram Odrade e a fizeram duvidar se tinha cometido um erro.

— E se eu não quiser batalhar da maneira que você quer?

— Mas você disse...

— Já disse muitas coisas em minhas... vidas. A batalha não reforça o senso moral, Dar.

Ela (e Taraza) tinham ouvido o Bashar falar sobre isso mais de uma vez. “A guerra deixa um resíduo de *coma, beba e se divirta* que leva inevitavelmente a um colapso moral.”

Correto, mas ela não sabia o que ele tinha em mente com esse lembrete. “Para cada veterano que retorna com um novo senso de destino (‘eu sobrevivi; deve ter sido a intenção de Deus’) muitos outros voltam para casa com amargura mal disfarçada, prontos a escolher o caminho mais fácil porque viram tanto nos esforços de guerra.”Eram palavras de Teg, mas a crença dela.

Streggi entrou apressada, mas antes que pudesse falar, Odrade fez sinal para que ficasse de lado e esperasse em silêncio.

Excepcionalmente, a acólita teve a coragem de desobedecer à Madre Superiora.

— Duncan devia saber que tem outra filha. A mãe e a criança estão vivas e saudáveis. — Olhou para Teg. — Alô, Miles. —

Só aí Streggi foi para a parede dos fundos e ficou lá parada.

“Ela é melhor do que eu esperava”, pensou Odrade.

Idaho relaxou na cadeira, sentindo agora as tensões da preocupação que tinha interferido com sua apreciação do que havia observado.

Teg acenou a cabeça para Streggi, mas falou com Odrade: —

Mais algumas palavras para sussurrar no ouvido de Deus? — Era essencial controlar a atenção delas e contar com que Odrade o reconhecesse. — Se não, estou realmente faminto.

Odrade ergueu um dedo para fazer sinal a Streggi e ouviu a acólita sair.

Sentiu para onde Teg queria dirigir sua atenção e, para confirmar isso, ele disse: — Talvez você tenha realmente criado uma cicatriz dessa vez.

Uma farpa dirigida à alegação da Irmandade de que “Não deixamos cicatrizes se acumularem em nossos passados. As cicatrizes muitas

vezes escondem mais do que revelam.”

— Algumas cicatrizes *revelam* mais do que escondem —

disse. Olhou para Idaho. — Certo, Duncan? — “Um Mentat falando a outro.”

— Creio que me encontro em meio de uma velha discussão

— disse Idaho.

Teg olhou para Odrade. — Vê, filha? Um Mentat conhece uma velha discussão de longe. Vocês se orgulham de saber o que é exigido de *vocês* a cada momento, mas o monstro agora foi criado por vocês mesmas!

— Madre Superiora! — Isso veio de uma Instrutora que não queria que ela fosse abordada dessa forma.

Odrade a ignorou. Sentiu a mortificação, aguda e impiedosa.

A Taraza Interior lembrou-se da disputa: “Somos formadas por associações Bene Gesserit. De uma maneira estranha, elas nos embotam. Oh, cortamos rápido e profundo quando precisamos, mais isso é outra forma de embotamento.”

— Não quero participar de seu embotamento — disse Teg.

Então ele se lembrava.

Streggi voltou com uma terrina de ensopado, caldo escuro com carne flutuando. Teg sentou no chão e comeu sofregamente.

Odrade ficou calada, seus pensamentos indo para onde Teg os havia mandado. Havia uma concha dura que as Reverendas Madres colocavam à sua volta na qual tudo que vinha de fora (incluindo emoções) batia como projeções. Murbella tinha razão e a Irmandade tinha de reaprender emoções. Se fossem somente observadoras, estariam condenadas.

Dirigiu-se a Teg. — Não vamos lhe pedir que nos embote.

Tanto Teg quanto Idaho ouviram alguma coisa mais na voz dela. Teg pôs a terrina vazia de lado, mas Idaho foi o primeiro a falar. — Cultivado — disse.

Teg concordou. As Irmãs raramente eram impulsivas. As reações delas eram sempre ordenadas, mesmo em tempos de perigo. Iam além do que a maioria das pessoas pensava que fosse cultivada. Eram impelidas não tanto por sonhos de poder como por sua própria visão longa, uma coisa composta de imediação e memória quase limitada. Então Odrade estava seguindo um plano cuidadosamente arquitetado. Teg lançou um olhar para as vigilantes Instrutoras.

— Vocês estavam preparadas para me matar — disse.

Ninguém respondeu. Não havia necessidade. Todas reconheceram a Projeção Mentat.

Teg virou-se e olhou para a sala onde havia recuperado suas memórias. Sheeana tinha ido embora. Mais memórias murmuravam à beira da percepção. Falariam na hora certa. Esse corpo diminuto.

Isso era difícil. E Streggi... Focalizou Odrade. — Você foi mais esperta do que pensava. Mas minha mãe...

— Não creio que ela antecipasse isso — disse Odrade.

— Não... ela não era Atreides a esse ponto.

Uma palavra eletrizante nessas circunstâncias introduziu um silêncio especial na sala. As Instrutoras chegaram mais perto.

“Aquela mãe dele!”

Teg ignorou as Instrutoras. — Respondendo às perguntas que não fizeram, não posso explicar o que aconteceu a mim em Gammu. Minha velocidade física e mental desafia explicações.

Considerando o tamanho e a energia, em uma batida de seu coração eu poderia estar fora desta sala e quase fora da nave.

Ohhhh... — Levantou a mão. — ”Ainda sou seu cão obediente. Farei o que mandarem, mas talvez não da maneira que imaginaram.”

Odrade viu consternação no rosto das Irmãs. “O que soltei em cima de nós?”

— Podemos impedir que qualquer coisa viva deixe esta nave

— ela disse.

— Você pode ser rápido, mas duvido que seja mais rápido que o fogo que o engoliria se tentasse sair daqui sem nossa permissão.

— Sairei quando quiser e *com a* sua permissão. O que você ainda tem das tropas de Burzmali?

— Quase dois milhões. — Saiu sem perceber.

— Tanto assim!

— Ele tinha mais que o dobro com ele, em Lâmpadas, quando as Honradas Madres os eliminaram.

— Teremos de ser mais espertos que o pobre Burzmali. Quer me deixar discutir isso com Duncan? É por isso que nos mantém aqui, não é? Nossa especialidade? — Dirigiu um olhar sorridente para os televigias no teto. — Tenho certeza de que farão uma revisão de nossa discussão antes de aprovar.

Odrade e as Irmãs trocaram olhares. Compartilhavam uma pergunta que não fora feita. “Que mais poderemos fazer?”

Em pé, Odrade olhou para Idaho. — Aqui está uma tarefa digna de um Mentat Revelador da Verdade!

Quando as mulheres saíram, Teg acomodou-se em uma das cadeiras e olhou para a sala vazia através da parede visora. Tinha sido muito abafado lá e ainda sentiu o coração batendo apressado com o esforço. — Foi um espetáculo e tanto — disse.

— Já vi melhores. — Extremamente seco.

— O que eu gostaria agora mesmo era de um grande copo de Marinete, mas duvido que este corpo pudesse agüentá-lo.

— Bell vai estar esperando por Dar quando ela voltar à Central — disse Idaho.

— Para as profundezas do inferno com Bell! Temos de retirar o detonador dessas Honradas Madres antes que nos encontrem.

— E nosso Bashar tem o plano certo.

— Que se dane esse título! Idaho inspirou profundamente, tolhido pelo choque.

— Vou dizer uma coisa, Duncan! — Intenso. — Uma vez, quando eu chegava para uma reunião importante com inimigos potenciais, ouvi um ajudante me anunciar. “O Bashar está aqui.”

Quase que tropecei, preso na abstração.

— Confusão Mentat.

— Claro que foi. Mas sabia que a denominação me afastava de alguma coisa que não ousava perder. Bashar? Eu era mais que isso! Era Miles Teg, o nome que me foi dado por meus pais.

— Você estava na cadeia-de-nomes!

— Certo, e compreendi que meu nome estava à distância de algo mais primordial. Miles Teg? Não, eu era mais básico que isso.

Podia ouvir minha mãe dizendo: — Oh, que bebê lindo. — E lá estava eu com outro nome: “Bebê lindo.”

— Foi mais a fundo? — Idaho estava fascinado.

— Fui apanhado. Um nome leva a um nome leva a nomes leva a não ter nome. Quando entrei naquela sala importante, não tinha nome. Você já arriscou isso?

— Uma vez. — Uma admissão relutante.

— Todos nós fazemos isso pelo menos uma vez. Mas ali estava eu. Tinha sido instruído. Tinha uma referência para todos naquela mesa — rosto, nome, título, e todo o *background.*

— Mas você não estava realmente lá.

— Oh, podia ver os rostos cheios de expectativas me medindo, duvidando, se preocupando. Mas não me conheciam!

— Isso lhe deu uma sensação de grande poder?

— Exatamente como fomos avisados na escola Mentat.

Perguntei a mim mesmo: “Essa Mente está em seu início?” Não ria.

É uma pergunta tantalizadora.

— Então você foi mais fundo? — Empolgado com as palavras de Teg, Idaho ignorou sinais de alerta à beira de sua percepção.

— Oh, sim. E me encontrei no famoso “Hall de Espelhos”

que elas descreveram e nos avisaram para evitar.

— Então você se lembrou como sair de lá e...

— Lembrei? Evidentemente você já esteve lá. Foi a memória que tirou você de lá?

— Ajudou.

— Apesar dos avisos, fiquei por lá, vendo meu *self* dos *selves* e permutações infinitas. Reflexos de reflexos *ad infinitum.*

— Fascinação do “cerne do ego”. Muito poucos escapam dessa profundeza. Você teve sorte.

— Não estou certo se deve ser chamado de sorte. Sabia que tinha de haver uma Primeira Percepção, um despertar...

— Aquele que o descobre não é o primeiro.

— Mas eu queria um *self das* raízes do *self.*

— As pessoas nessa reunião não notaram alguma coisa estranha a seu respeito?

— Descobri mais tarde que sentei com uma expressão totalmente inexpressiva que escondia essa ginástica mental.

— Você não falou?

— Fiquei mudo. Isso foi interpretado como “a reticência devida de um Bashar”. Veja o que é a reputação.

Idaho começou a sorrir e lembrou-se dos televigias. Viu logo como os vigilantes interpretariam essas revelações. Talento impetuoso em um perigoso descendente dos Atreides! As Irmãs sabiam dos espelhos. Qualquer um que escapasse seria suspeito. O

que os espelhos lhe mostravam?

Como se tivesse ouvido a pergunta perigosa, Teg disse: —

Tinham me apanhado e eu sabia disso. Podia me visualizar como um vegetal acamado, mas não liguei. Os espelhos eram tudo até que, como algo flutuando fora da água, vi minha mãe. Estava mais ou menos com a mesma aparência que tinha pouco antes de

morrer.Idaho inalou uma respiração trêmula. Teg não sabia o que acabava de dizer para os televigias registrarem?

— As Irmãs agora vão imaginar que sou pelo menos um Kwisatz Haderach em potencial — disse Teg. — Outro Muad'Dib.

Besteira! Como você tanto gosta de dizer, Duncan. Nenhum de nós dois arriscaria isso. Sabemos o que ele criou e não somos estúpidos!

Idaho não conseguia engolir. Iriam aceitar as palavras de Teg? Falava a verdade, mas...

— Ela pegou minha mão — disse Teg. — Senti isso! E levou-me para fora do Hall. Esperava que estivesse comigo quando me senti sentado à mesa. Minha mão ainda formigava com seu toque,

mas tinha ido embora. Sabia disso. Concentrei-me e assumi o comando. A Irmandade tinha vantagens importantes a ganhar e eu as ganhei.

— Alguma coisa que sua mãe implantou...

— Não! Eu a vi do mesmo modo que as Reverendas Madres vêem a Outra Memória. Era sua maneira de dizer: "Por que diabos você está perdendo tempo aqui quando há tanto trabalho a fazer?"

Ela nunca me deixou, Duncan. O passado nunca deixa nenhum de nós. Idaho abruptamente viu o objetivo atrás da narrativa de Teg.

"Honestidade e franqueza, que piada!"

— Você tem a Outra Memória!

— Não! Só a que todo mundo tem, em emergência. O Hall de Espelhos foi uma emergência e também me deixou ver e sentir a origem do auxílio. Mas não vou voltar lá!

Idaho aceitou isso. A maioria dos Mentats arriscava um mergulho no infinito e aprendia sobre a natureza transitória de nomes e títulos, mas o relato de Teg era muito mais do que uma declaração sobre o Tempo como imagem fluida ou fixa.

— Achei que já estava na hora de nos apresentarmos às Bene Gesserit — disse Teg. — Elas devem ficar sabendo o quanto podem confiar em nós. Há trabalho a fazer e já perdemos bastante tempo com tolices.

Gaste energias com aqueles que o tornam forte. A energia gasta com os fracos os arrasta à ruína. (Regra HM) Comentário Bene Gesserit: Quem julga?

— Registro Dortujla

O dia da volta de Dortujla não correu bem para Odrade. Uma conferência sobre armas com Teg e Idaho terminou sem nenhuma decisão. Sentira o machado das caçadoras durante toda a reunião, e sabia que isso tinha alterado suas reações.

Depois a sessão da tarde com Murbella — palavras, palavras, palavras. Murbella estava confusa em questões de filosofia. Um beco sem saída, era a opinião de Odrade.

Agora ela estava no final da tarde na borda oeste do perímetro de pavimento da Central. Era um de seus lugares favoritos, mas Bellonda a seu lado privava Odrade da apreciação tranqüila antecipada.

Sheeana as encontrou ali e perguntou: — É verdade que você deu a Murbella a liberdade de andar pela nave?

— Veja só! — Era um dos maiores temores de Bellonda.

— Bell — Odrade interrompeu e apontou para os anéis de pomares. — Aquela pequena colina ali onde não plantamos nenhuma árvore. Quero que você mande construir um belvedere ali, de acordo com

minhas especificações. Um mirante com treliças emoldurando a vista.

Não havia como deter Bellonda agora. Odrade raramente a tinha visto tão exaltada. E quanto mais Bellonda se exaltava, mais decidida Odrade se tornava.

— Você quer um... um mirante? Naquele pomar? Onde mais vai desperdiçar nossa substância? Mirante! Nome apropriado para mais uma de suas...

Era uma discussão tola. Ambas sabiam disso antes de terem pronunciado vinte palavras. A Madre Superiora não podia ceder primeiro, e Bell raramente cedia a qualquer coisa. Mesmo quando Odrade ficou calada, Bell continuou atacando defesas vazias. No final, quando Bellonda esgotou sua energia, Odrade disse: — Você me deve um ótimo jantar, Bell. Providencie para que seja o melhor possível.

— Devo a você... — Bell começou a gaguejar.

— Uma oferta de paz — disse Odrade. — Quero que seja servido no meu belvedere... meu mirante.

Quando Sheeana riu, Bellonda viu-se forçada a juntar-se a ela, mas com um tom gelado. Sabia quando tinha perdido.

— Todo mundo vai olhá-lo e dizer: “Vejam como a Madre Superiora está cheia de confiança” — disse Sheeana.

— Então você quer isso pelo moral! — Nessa altura, Bellonda aceitaria quase qualquer justificativa.

Odrade sorriu para Sheeana. “Minha querida espertinha!”

Não só Sheeana tinha deixado de provocar Bellonda, começara a reforçar a auto-estima da mulher mais velha sempre que possível.

Bell sabia, claro, e permanecia uma pergunta Bene Gesserit inevitável: “Por quê?”

Reconhecendo a suspeita, Sheeana disse: — Estamos realmente discutindo sobre Miles e Duncan. E, por mim, estou farta!

— Se ao menos eu soubesse o que você realmente está fazendo, Dar! — disse Bellonda.

— A energia tem seus próprios moldes, Bell.

— O que quer dizer com isso? — Muito espantada.

— Elas vão nos encontrar, Bell. E eu sei como. Bellonda ficou boquiaberta.

— Somos escravas de nossos hábitos — disse Odrade. —

Escravas das energias que criamos. As escravas podem se libertar?

Bell, você conhece o problema tão bem quanto eu.

Excepcionalmente, Bell ficou perplexa.

Odrade olhou-a fixamente.

Orgulho, era o que Odrade via quando olhava suas Irmãs e seus lugares. A dignidade era apenas uma máscara. Nenhuma humildade real. Em vez disso, havia essa conformidade visível, um padrão verdadeiro Bene Gesserit que, em uma sociedade consciente do perigo dos padrões, soava como uma buzina de aviso. Sheeana estava confusa. — Hábitos?

— Seus hábitos sempre a perseguem. O *self* que você constrói vai assombrá-la. Um fantasma vagando em busca de seu corpo, ansioso para possuí-lo. Ficamos viciadas ao *self* que

construímos. Escravas dos atos que praticamos. Estamos viciadas às Honradas Madres e elas a nós!

— Você e seu eterno romantismo! — disse Bellonda.

— Sim, sou uma romântica... assim como o Tirano. Ele se sensibilizou à forma fixa de sua criação. Eu sou sensível à sua armadilha presciente.

“Mas, oh, como o caçador está perto e, oh, como o abismo é profundo.” Bellonda não se aplacou. — Você disse que sabe como vão nos encontrar.

— Basta que reconheçam seus próprios hábitos e... Sim? —

Dirigiu-se a uma mensageira acólita que saía de uma passagem coberta atrás de Bellonda.

— Madre Superiora, é a Reverenda Madre Dortujla. Madre Fintil a trouxe para a Plataforma de Aterrissagem e vão chegar dentro de uma hora.

— Leve-a para minha sala de trabalho! — * Odrade olhou para Bellonda com olhos quase selvagens. — Ela disse alguma coisa? — Madre Dortujla está doente — disse a acólita.

“Doente? Que coisa extraordinária para dizer de uma Reverenda Madre.”

— Suspenda o julgamento. — Era Bellonda-Mentat falando, Bellonda inimiga do romantismo e da imaginação desenfreada.

— Mande Tam para lá como observadora — disse Odrade.

Dortujla entrou mancando com uma bengala, tendo a ajuda de Fintil e

Streggi. Havia uma firmeza nos olhos de Dortujla, entretanto, e uma sensação de cálculo em cada olhar que dava a sua volta. O

capuz estava jogado para trás revelando cabelos castanho-escuros matizados da cor de marfim antigo, e quando falou sua voz

transmitia uma sensação de fadiga.

— Fiz o que mandou, Madre Superiora. — Quando Fintil e Streggi saíram da sala, Dortujla sentou sem ser convidada em uma cadeira-linga perto de Bellonda. Um olhar rápido para Sheeana e Tamalane a sua esquerda, depois um olhar fixo para Odrade. —

Vão-se encontrar com você no Entroncamento. Acham que o lugar é idéia delas e sua Aranha Rainha está lá!

— Quando? — Sheeana perguntou.

— Querem 100 dias Padrão a contar de agora. Posso ser mais precisa se quiser.

— Por que tanto tempo? — Odrade perguntou.

— Minha opinião? Vão usar esse tempo para reforçar suas defesas no Entroncamento.

— Que garantias? — Isso veio de Tam, concisa como sempre. — Dortujla, o que aconteceu com você? — Odrade ficou chocada pela fraqueza trêmula aparente na mulher.

— Fizeram experiências comigo. Mas isso não é importante.

Os acordos são. Prometem a você uma passagem segura entrando e saindo do Entroncamento. Não acredite. Permitem uma “pequena”

comitiva de serviçais, não mais que cinco. Presuma que matarão todos que a acompanharem, embora... Talvez eu lhes tenha ensinado como isso era errado.

— Esperam que eu traga a submissão da Bene Gesserit? —

A voz de Odrade nunca fora tão gélida. As palavras de Dortujla criavam um espectro de tragédia.

— Esse foi o incentivo.

— As Irmãs que foram com você? — Sheeana perguntou.

Dortujla bateu com um dedo na testa, um gesto comum da Irmandade.

— Estão comigo. Concordamos que as Honradas Madres devem ser punidas.

— Mortas? — Odrade forçou as palavras entre lábios comprimidos.

— Tentando me forçarem suas fileiras. “Você vê? Mataremos mais uma se você não concordar.” Disse-lhes que matassem nós todas e acabassem com aquilo e esquecessem sobre se encontrarem com a Madre Superiora. Não aceitaram isso até não terem mais reféns.

— Você as compartilhou todas? — Tamalane perguntou.

Sim, essa preocupação era típica de Tam pela proximidade de sua

própria morte.

— Enquanto fingia que estava me certificando de que estavam mortas. É melhor você ficar sabendo de tudo. Aquelas mulheres são grotescas! Possuem Futares em jaulas. Os corpos de minhas Irmãs foram jogados nas jaulas onde os Futares os comeram. A Aranha Rainha — um nome muito apropriado — me obrigou a ver isso.

— Revoltante! — Bellonda disse.

Dortujla suspirou. — Elas não sabiam, naturalmente, que tenho visões piores na Outra Memória.

— Tentaram dominar suas sensibilidades — disse Odrade.

— Tolice. Ficaram espantadas quando você não reagiu como queriam?

— Mortificadas, diria. Acho que tinham visto outras reagirem como eu. Disse-lhes que era uma maneira boa de obter fertilizante.

Creio que isso as deixou zangadas.

— Canibalismo — murmurou Tamalane.

— Só na aparência — disse Dortujla. — Os Futares definitivamente não são humanos. Animais selvagens mal domesticados.

— Nenhum Treinador? — Odrade perguntou.

— Não vi nenhum. Os Futares falaram. Disseram: “Comer!”

antes de comer e zombaram das Honradas Madres ao seu redor.

“Vocês com fome?” Esse tipo de coisa. O mais importante foi o que aconteceu depois de comerem...

Dortujla foi interrompida por um acesso de tosse. —

Experimentaram venenos — disse. — Que mulheres estúpidas!

Quando se refez, Dortujla disse: — Um Futar veio até as barras da jaula depois do... banquete. Olhou para a Aranha Rainha e berrou. Nunca tinha ouvido um som assim. Apavorante! Todas as Honradas Madres na sala ficaram petrificadas e juro que estavam aterrorizadas.

Sheeana tocou o braço de Dortujla. — Um predador imobilizando sua presa?

— Sem dúvida. Tinha qualidades de Voz. Os Futares pareceram surpresos que eu não tenha ficado petrificada.

— A reação das Honradas Madres? — Bellonda perguntou.

Sim, uma Mentat. precisaria desses dados.

— Um clamor geral quando recuperaram a voz. Muitas gritavam para a Grande Honrada Madre destruir os Futares. Ela, entretanto, olhou isso com mais calma. — São valiosos demais vivos — disse.

— Um bom sinal — disse Tamalane.

Odrade olhou para Bellonda. — Vou mandar Streggi trazer o Bashar aqui. Alguma objeção?

Bellonda acenou ligeiramente com a cabeça. Sabiam que tinham de arriscar isso apesar de questionarem as intenções de Teg. Odrade disse para Dortujla: — Quero você nas minhas acomodações de hóspedes. Vamos chamar as Suks. Peça o que você quiser e se prepare para uma reunião completa do Conselho.

Você é uma conselheira especial.

Dortujla falou enquanto se punha de pé. — Não durmo há quase quinze dias e vou precisar de uma refeição especial.

— Sheena, providencie isso e chame as Suks. Tam, fique com o Bashar e Streggi. Relatórios regulares. Ele vai querer ir ao aquartelamento e se encarregar pessoalmente. Arranje um comunicador ligado a Duncan. Nada deve impedi-los.

— Quer que eu fique aqui com ele? — perguntou Tamalane.

— Você vai ser sua sanguessuga. Streggi não vai levá-lo a parte alguma sem você saber. Ele quer Duncan como Mestre de Armas. Certifique-se de que ele aceita a detenção de Duncan na nave. Bell, qualquer informação que Duncan quiser sobre armas —

prioridade. Algum comentário?

Não houve comentários. Idéias sobre as conseqüências, sim, mas a atitude decisiva de Odrade as contagiou.

Recostando-se na cadeira, Odrade fechou os olhos e esperou até que o silêncio lhe dissesse que estava sozinha. Os televigias ainda estavam lá, é claro.

“Sabem que estou cansada. Quem não estaria nessas circunstâncias? Mais três Irmãs assassinadas por esses monstros!

Bashar! Elas têm de sentir nosso açoite e aprender a lição!”

Quando ouviu Streggi chegar com Teg, Odrade abriu os olhos. Streggi o conduzia pela mão, mas havia algo neles que dizia que não era um adulto conduzindo uma criança. Os movimentos de Teg diziam que estava dando permissão a Streggi para tratá-lo dessa maneira. Ela tinha de ser avisada.

Tam os seguiu e foi para uma cadeira perto das janelas, diretamente embaixo do busto de Chenoeh. Posicionamento significativo? Tam estava fazendo coisas estranhas ultimamente.

— Quer que eu fique, Madre Superiora? — Streggi soltou a mão de Teg e ficou de pé junto à porta.

— Sente-se ali perto de Tam. Escute e não interrompa. Deve ficar sabendo o que será exigido de você.

Teg se acomodou na cadeira há pouco ocupada por Dortujla.

— Suponho que seja um conselho de guerra.

“Há um adulto atrás dessa voz de criança.”

— Não vou perguntar seu plano ainda — disse Odrade.

— Muito bem. O inesperado leva mais tempo e talvez não possa lhes dizer o que pretendo até o momento de agir.

— Estivemos observando você com Duncan. Por que está interessado em naves da Dispersão?

— Naves de longo alcance têm uma aparência distintiva. Eu as vi na plataforma de Gammu.

Teg recostou-se e deixou essa declaração ser digerida, satisfeito com a animação que sentia no modo de Odrade.

Decisões! Não deliberações prolongadas. Isso atendia a suas necessidades. “Elas não podem saber o alcance total de minhas habilidades. Ainda não.”

— Você disfarçaria uma força de ataque?

Bellonda entrou enquanto Odrade estava falando e resmungou uma objeção ao sentar-se. — Impossível! Elas terão códigos de reconhecimento e sinais secretos para...

— Deixe que eu decida isso, Bell, ou me retire do comando.

— Esse é o Conselho! — disse Bellonda. — Você não...

— Mentat! — Ele olhou-a em cheio, o Bashar evidente em seu olhar. Quando ela ficou calada, ele disse: — Não questione minha lealdade!

Se vai me enfraquecer, substitua-me!

— Deixe-o dizer o que quiser. — Era Tam falando. — Não é o primeiro Conselho onde o Bashar aparece como nosso igual.

Bellonda abaixou o queixo uma fração de milímetro.

Teg disse a Odrade: — Evitar a guerra é questão de inteligência — informações obtidas e poder intelectual.

“Jogando nosso próprio jargão em nós!” Ouviu o Mentat na voz dele e Bellonda evidentemente também ouviu. Informações e inteligência: a visão dupla. Sem ela, a guerra muitas vezes ocorria como um acidente.

O Bashar ficou sentando em silêncio, deixando que nadassem em suas próprias observações históricas. O impulso para o conflito ia muito mais fundo do que a consciência. O Tirano estava certo. A humanidade agia como “uma fera”. As forças impulsionando aquele grande animal coletivo regredia aos dias tribais e além, assim como tantas forças a que os humanos reagiam sem pensar.

“Misture os genes.”

“Expanda Lebensraum para suas próprias procriadoras.”

“Reúna as energias de outros: arrecade escravos, peões, serviçais, servos, mercados, trabalhadores... Os termos muitas vezes eram permutáveis.”

Odrade viu o que ele estava fazendo. A sabedoria absorvida da Irmandade ajudava a fazer dele o incomparável Mentat Bashar.

Para ele, essas coisas eram instintos. O consumo de energia impulsionava a violência da guerra. Isso era descrito como

“ganância, medo (que outros tomem seu tesouro), fome de poder” e assim por diante até análises inúteis. Odrade ouvira isso até de Bellonda que, obviamente, não estava aceitando bem que um

“subordinado” lhes lembrasse o que já sabiam.

— Tirano sabia — disse Teg. — Duncan o cita: “A guerra é um comportamento com raízes na única célula dos mares primordiais. Coma seja o que for que tocar, ou isso comerá você.”

— O que você propõe? — Bellonda, com toda brusquidão.

— Um ataque simulado a Gammu, depois um real à base delas no Entroncamento. Para isso precisamos de observações de primeira mão. — Olhou fixamente para Odrade.

— “Ele sabe!” A idéia relampejou na mente de Odrade.

— Acha que seu estudo do Entroncamento, quando ainda era uma base da Corporação, ainda está certo? — Bellonda perguntou.

— Não tiveram tempo de fazer mudanças sensíveis no que tenho armazenado aqui. — Bateu na testa, numa paródia estranha do gesto da Irmandade.

— Englobamento — disse Odrade. Bellonda olhou-a abruptamente. — O custo!

— Perder tudo é muito mais dispendioso — disse Teg.

— Os sensores das dobras do espaço não precisam ser grandes — disse Odrade. — Duncan os disporia para criar uma explosão Holzmann ao contato?

— As explosões seriam visíveis e nos dariam uma trajetória.

— Ele recostou-se na cadeira e olhou para uma área indefinida na parede dos fundos. Aceitariam isso? Não ousava amedrontá-las com outra demonstração de talento selvagem. Se Bell soubesse que ele podia “ver” as não-naves!

— Faça isso! — Odrade disse. — Você está no comando.

Use-o. Houve um claro sentido de um risinho de Taraza em Outras Memórias.

“Dê-lhe as rédeas! Foi assim que consegui uma grande fama!” — Uma coisa — disse Bellonda. Olhou para Odrade. — Você vai ser a espiã dele?

— Quem mais pode ir lá e transmitir observações?

— Vão controlar todos os meios de transmissão.

— Mesmo o que disser à não-nave — à nossa espera — que não fomos traídas? — perguntou Odrade.

— Uma mensagem em código escondida na transmissão —

disse Teg. — Duncan inventou um código que levaria meses para decifrar, mas duvidamos que detectem sua presença.

— Loucura — resmungou Bellonda.

— Conheci uma Honrada Madre comandante militar em Gammu — disse Teg. — Relaxada no que diz respeito a detalhes necessários. Acho que estão confiantes demais.

Bellonda o olhou fixamente, e lá estava o Bashar olhando de volta, com os olhos inocentes de uma criança. — Abandone toda a sanidade, você que entra aqui — ele disse.

— Saiam daqui, todas vocês! — ordenou Odrade. — Têm muito a fazer. E Miles...

Ele ja tinha se levantado da cadeira, mas ficou ali com a mesma expressão de quando ficava esperando que a “Mãe” lhe dissesse alguma coisa importante.

— Você fez referência à loucura de eventos dramáticos que a guerra sempre amplifica?

— Certo! Você não ia pensar que eu me referia à sua Irmandade?

— Às vezes, Duncan faz essa brincadeira.

— Não quero que nós peguemos a loucura das Honradas Madres — disse Teg. — É contagiosa, você sabe.

— Tentaram controlar o impulso sexual — disse Odrade. —

Isso sempre foge ao controle.

— Insensatez — ele concordou. Encostou-se à mesa, o queixo mal alcançando o tampo. — Alguma coisa arrastou essas mulheres de volta para cá. Duncan tem razão. Estão procurando alguma coisa e fugindo ao mesmo tempo.

— Você tem 90 dias Padrão para se aprontar — ela disse. —

Nem mais um dia.

Ish yara al-ahdab hadbat-u (Um corcunda não vê sua própria corcova — Dito popular).Comentário Bene Gesserit: A corcova pode ser vista por meio de espelhos, mas os espelhos podem mostrar o ser total.

— O Bashar Teg

Era uma fraqueza na Bene Gesserit que — Odrade sabia —

a Irmandade inteira teria de reconhecer muito breve. Não tinha nenhum consolo em tê-la visto em primeiro lugar. “Negar nosso recurso mais profundo quando mais precisamos dele!” As dispersões tinham ido além da habilidade dos humanos de reunir as experiências de forma viável. “Só podemos extrair o essencial, e isso é uma questão de discernimento.” Dados vitais permaneceriam dormentes em grandes e pequenos eventos, acumulações chamadas de instinto. Então era isso finalmente — tinham de recorrer à sabedoria tácita.

Nessa época, a palavra “refugiado” assumia o aspecto de seu significado pré-espacial. Pequenos grupos de Reverendas Madres enviados pela Irmandade tinham algo em comum com velhas cenas de deslocados errantes arrastando-se por estradas esquecidas, humildes pertences amarrados em pedaços de pano, carregados em decrépitos carrinhos de bebê e caminhões de brinquedo, ou empilhados em cima de veículos tortos, o resto da humanidade pendurado do lado de fora e compactada dentro, cada rosto inexpressivo de desengano ou rubro de desesperação.

“Então repetimos, repetimos e repetimos a história.”

Ao entrar na boca de um tubo pouco antes do almoço, Odrade pensava em suas Irmãs Dispersas: refugiadas políticas, refugiadas econômicas, refugiadas pré-combate.

“E esse o seu Caminho Dourado, Tirano?”

Visões de suas Dispersas assolaram Odrade ao entrar na Sala de Jantar Reservada da Central, um lugar onde só as Reverendas Madres podiam entrar. Serviam-se a si mesmas aqui, em estilo de restaurante automático.

Tinham-se passado 20 dias desde que liberara Teg para o aquartelamento. Os boatos voavam pela Central, especialmente entre as Instrutoras, embora não houvesse ainda nenhum sinal de outra votação. Novas decisões tinham de ser anunciadas hoje e teriam de ser mais do que só nomear as pessoas que a acompanhariam ao Entroncamento.

Olhou em volta da sala de jantar, um lugar austero de paredes amarelas, teto baixo, pequenas mesas quadradas que podiam ser juntadas em fileiras para grupos maiores. Janelas de um lado revelavam um pátio ajardinado sob uma cobertura diáfana.

Abricoteiros-anões com frutos verdes, gramado, bancos, pequenas mesas. As Irmãs comiam lá fora quando o sol banhava o pátio cercado. Hoje não havia sol.

Ignorou uma fila onde um lugar estava sendo aberto para ela.

“Mais tarde, Irmãs.”

Na mesa de canto, reservada para ela, mudou as cadeiras de propósito. A cadeira-cão marrom de Bell pulsou ligeiramente com esse distúrbio desusado. Odrade sentou de costas para a sala, sabendo que isso seria interpretado corretamente: “Deixe-me com meus pensamentos.”

Enquanto esperava, olhou o pátio. Uma cerca de arbustos exóticos de folhas roxas estava com flores vermelhas —

florescências enormes com delicados estames amarelo-escuros.

Bellonda chegou primeiro, caindo em sua cadeira-cão sem comentar sobre sua nova posição. Bell freqüentemente parecia desalinhada,

cinto solto, manto amarfanhado, pedacinhos de comida no busto. Hoje estava arrumada e limpa.

“Por que isso agora?”

Bellonda disse: — Tam e Sheeana vão se atrasar.

Odrade aceitou isso sem interromper seu estudo dessa Bellonda diferente. Estaria um pouco mais magra? Não havia maneira de isolar uma Madre Superiora completamente do que

acontecia dentro dos limites de sua área sensória de preocupações, mas às vezes as pressões do trabalho a distraíam de pequenas mudanças. Essas eram o habitat natural de uma Reverenda Madre, porém, e a evidência negativa era tão elucidante quanto a positiva.

Refletindo, Odrade percebeu que essa nova Bellonda já estava com elas há várias semanas.

Algo tinha acontecido com Bellonda. Qualquer Reverenda Madre podia exercer um controle razoável sobre o peso e a figura.

Uma questão de química interna — abafar o fogo ou deixá-lo queimar alto. Por muitos anos, a rebelde Bellonda ostentara um corpo volumoso.

— Você perdeu peso — disse Odrade.

— A gordura estava me tornando muito lenta.

Isso nunca fora razão suficiente para Bell mudar seus hábitos. Tinha sempre compensado com velocidade mental, projeções e transporte mais rápido.

— Duncan atingiu você, não foi?

— Não sou hipócrita nem criminosa!

— Está na hora de mandar você para uma Fortaleza de punição, talvez. Essa espetadela humorística geralmente irritava Bellonda. Hoje, não a perturbou. Mas sob a pressão do olhar de Odrade, disse: — Se você quer mesmo saber, é Sheeana. Está atrás de mim para melhorar minha aparência e alargar meu círculo de relações. Irritante! Estou fazendo isso para ela calar a boca.

— Por que Tam e Sheeana estão atrasadas?

— Estão passando em revista sua última reunião com Duncan. Limitei severamente quem tem acesso a isso. Não há como prever o que acontecerá quando se tornar do conhecimento geral.

— Como acontecerá.

— Inevitável. Só posso comprar tempo para nos prepararmos.

— Não queria que fosse suprimido, Bell.

— Dar, o *que* você está fazendo?

— Vou anunciar isso numa Convocação. Sem palavras, mas Bellonda exprimiu surpresa.

— Uma Convocação é meu direito — disse Odrade.

Bellonda recostou-se na cadeira e olhou para Odrade, avaliando, questionando ... tudo sem palavras. A última Convocação da Bene Gesserit tinha sido na ocasião da morte do Tirano. E antes disso, quando o Tirano tomou o poder. Não se pensara que fosse possível haver uma Convocação desde que as Honradas Madres atacaram. Tempo demais roubado a tarefas desesperadas.

Eventualmente, Bellonda perguntou: — Você vai arriscar trazer as Irmãs de nossas Fortalezas que sobreviveram?

— Não. Dortujla as representará. Há precedentes, como você sabe.

— Primeiro, você libera Murbella; agora é uma Convocação.

— Liberar? Murbella está amarrada por cadeias de ouro.

Onde ela iria sem seu Duncan?

— Mas você deu liberdade a Duncan de deixar a nave!

— E ele deixou?

— Você acha que aquela informação do arsenal da nave é só o que ele levará? — Bellonda disse.

— Sei que é.

— Isso me lembra Jessica virando as costas ao Mentat que ia matá-la.

— O Mentat estava imobilizado por suas próprias crenças.

— Às vezes o touro chifra o matador, Dar.

— Na maior parte das vezes, não.

— Nossa sobrevivência não deveria depender de estatística.

— Concordo. É por isso que vou fazer uma Convocação.

— Incluindo acólitas?

— Todo mundo.

— Até Murbella? Ela terá um voto de acólita?

— Acho que poderá ser uma Reverenda Madre até lá.

Bellonda arquejou: — Você está indo depressa demais, Dar!

— A época requer isso.

Bellonda olhou para a porta da sala. — Lá está Tam. Mais tarde do que eu esperava. Será que consultaram Murbella?

Tamalane chegou, ofegante de tanta pressa. Sentou em sua cadeira-cão azul, notou a nova posição e disse: — Sheeana está chegando. Está mostrando registros a Murbella.

Bellonda se dirigiu a Tamalane — Ela vai mandar Murbella se submeter à Agonia e fazer uma Convocação.

— Isso não me espanta. — — Tamalane falou com sua velha precisão. — A posição daquela Honrada Madre tem de ser resolvida o mais cedo possível.

Sheeana juntou-se a elas, e usou a cadeira-linga à esquerda de Odrade, falando enquanto sentava. — Viram Murbella andar?

Odrade notou como essa pergunta abrupta, feita sem preâmbulos, fixou a atenção. “Murbella andando na nave.”

Observada naquela manhã mesmo. Uma beleza em Murbella que os olhos não podiam ignorar. Para outras Bene Gesserit, Reverendas Madres e acólitas igualmente, era algo exótico.

Chegara amadurecida do perigoso Exterior. “Uma delas.” Mas eram seus movimentos que atraíam o olhar. A homeostase nela que ia além das normas.

A pergunta de Sheeana reorientava a mente do observador.

Algo sobre a passagem perfeitamente aceitável de Murbella requeria novo exame. O que era?

Os movimentos de Murbella eram sempre cuidadosamente escolhidos. Ela excluía qualquer coisa que não fosse necessária para ir daqui até lá. “Caminho de menor resistência?” Era uma visão de Murbella que abalou Odrade. Sheeana tinha visto isso, é claro.

Era Murbella uma dessas pessoas que escolheria sempre a saída mais fácil? Odrade podia ver essa pergunta no rosto de suas companheiras.

— A Agonia esclarecerá tudo — disse Tamalane.

Odrade olhou em cheio para Sheeana. — Então? — Fizera a pergunta, afinal de contas.

— Talvez seja somente que ela não desperdiça energia. Mas concordo com Tam: a Agonia.

— Estaremos cometendo um grande erro? — Bellonda perguntou. Algo na maneira em que essa pergunta foi feita disse a Odrade que Bell havia feito um sumário Mentat. “Ela viu minha intenção!”

— Se você sabe uma solução melhor, fale agora — disse Odrade. “Ou fique calada.”

O silêncio desceu sobre elas. Odrade olhou as companheiras, uma após outra, demorando mais em Bell.

“Ajudem-nos, quaisquer deuses que existem! E eu, sendo Bene Gesserit, sou agnóstica demais para fazer essa súplica com algo mais que uma esperança de cobrir todas as possibilidades.

Não revele nada, Bell. Se você sabe o que vou fazer, sabe que só pode ser visto na hora certa.” Bellonda tirou Odrade de seu devaneio com uma tosse. — Vamos comer ou falar? As pessoas estão olhando.

— Devemos tentar novamente com Scytale? — Sheeana perguntou. “Seria uma tentativa para distrair minha atenção?”

Bellonda disse: — Não lhe dê nada! Ele está de reserva.

Deixe-o esperar.

Odrade olhou Bellonda cuidadosamente. Estava fumegando com o silêncio que lhe tinha sido imposto pela decisão secreta de Odrade. Evitando encontrar os olhos de Sheeana. “Com ciúmes!

Bell tem ciúmes de Sheeana!”

Tamalane disse: — Sou apenas uma conselheira, mas...

— Pare com isso, Tam! — Odrade disse bruscamente.

— Tam e eu estávamos discutindo aquele ghola — disse Bellonda. (Idaho era “aquele ghola” quando Bellonda tinha alguma coisa depreciativa a dizer.) — Por que ele achou que tinha de falar secretamente com Sheeana? — Um olhar duro para Sheeana.

Odrade viu suspeita compartilhada. “Ela não aceita a explicação. Será que rejeita o preconceito emocional de Duncan?”

Sheeana falou apressada. — A Madre Superiora explicou isso! — Emoção — Bellonda escarneceu.

Odrade ergueu a voz e ficou surpresa com essa reação. —

Suprimir emoções é uma fraqueza!

As sobrancelhas espessas de Tamalane levantaram.

Sheeana interrompeu: — Se não nos curvarmos, podemos quebrar.Antes que Bellonda pudesse responder, Odrade disse: — O

gelo pode ser quebrado ou derretido. As donzelas de gelo são vulneráveis a uma única forma de ataque.

— Estou com fome — disse Sheeana.

“Fazendo as pazes?” Não era um papel que se esperasse para o Camundongo.

Tamalane se levantou. — *Bouillabaisse.* Temos de comer peixe antes que nosso mar vá embora. Não há bastante armazenagem de nulentropia.

No mais suave simulfluxo, Odrade notou que as companheiras tinham ido para a fila pegar comida. As palavras acusadoras de Tamalane lembraram o segundo dia com Sheeana após a decisão de acabar com o Grande Mar. De pé junto à janela de Sheeana de manhã cedo, Odrade observara uma ave marinha mover-se contra o pano de fundo do deserto. Voou para o norte, uma criatura completamente deslocada naquele lugar, mas linda de uma maneira profundamente nostálgica, exatamente por isso.

Asas brancas reluziam no sol matinal. Um toque preto abaixo e em frente dos olhos. Abruptamente, pairou, as asas imóveis, Então, levantando em uma corrente de ar, aconchegou as asas ao corpo como uma águia e mergulhou atrás dos prédios longínquos.

Reaparecendo, carregava algo no bico, um petisco que engoliu voando.Uma ave marinha sozinha e se adaptando.

“Nós nos adaptamos. Nós certamente nos adaptamos.”

Não era um pensamento calmo. Nada que induzisse repouso.

Pelo contrário, chocante. Odrade se sentira arrancada de um curso perigosamente à deriva. Não só a sua amada Sede da Irmandade, mas também seu universo humano inteiro estavam irrompendo de seus velhos formatos e tomando novos feitios. Talvez estivesse certo nesse novo universo que Sheeana continuasse a esconder coisas da Madre Superiora. “E ela está escondendo algo.”

Mais uma vez, o tom ácido de Bellonda trouxe Odrade de volta à percepção do ambiente. — Se não vai se servir, vamos ter de tomar conta de você. — Bellonda colocou um prato fundo de ensopado de peixe aromático em frente de Odrade, com um pedaço grande de pão de alho ao lado.

Quando todas tinham provado a *bouillabaisse,* Bellonda largou a colher e olhou fixo para Odrade. — Não vai sugerir “amor

ao próximo” ou coisa desse gênero, vai?

— Obrigada por ter trazido minha comida — disse Odrade.

Sheeana engoliu e deu um largo sorriso. — Está delicioso.

Bellonda continuou a comer. — Não está ruim. — Mas ouvira o comentário silencioso.

Tamalane comia calmamente, observando Sheeana e depois Bellonda e em seguida Odrade. Tam parecia concordar com a proposta de atenuação das restrições emocionais. Pelo menos não deu voz a objeções e as Irmãs mais velhas tinham mais probabilidades de objetar.

O amor que a Bene Gesserit tentava negar estava em toda parte, pensou Odrade. Em pequenas e grandes coisas. Quantas maneiras havia de preparar pratos deleitosos, alimentícios, receitas que eram realmente a encarnação de amores antigos e novos. Essa *bouillabaisse* tão suavemente restauradora em sua língua; sua origem tinha raízes no amor: a esposa em casa usando a parte da pesca do dia que o marido não pôde vender.

A própria essência da Bene Gesserit estava escondida no amor. Que outra razão haveria para atender a essas necessidades silenciosas que a humanidade sempre tem? Por que trabalhar para a perfectibilidade da raça humana?

O prato vazio, Bellonda largou a colher e limpou os restos com o último pedaço de pão. Engoliu, com expressão pensativa. —

O amor nos enfraquece — disse. Sua voz não tinha força.

Uma acólita não o diria de forma diferente. Exatamente como no Coda. Odrade achou divertido, mas disfarçou e retorquiu com um

outro degrau do Coda. — Cuidado com o jargão. Geralmente oculta a ignorância e leva pouca sabedoria.

Uma precaução respeitosa surgiu nos olhos de Bellonda.

Sheeana se afastou da mesa e passou o guardanapo nos lábios. Tamalane fez o mesmo. Sua cadeira-cão se adaptou quando ela se recostou com os olhos brilhando divertidos.

“Tam sabe! A velha bruxa matreira conhece meu jeito. Mas Sheeana...-qual é o jogo de Sheeana? Diria quase que espera me distrair, manter minha atenção longe dela. É muito boa nisso,

aprendeu no meu colo. Bem... duas pessoas podem jogar.

Pressiono Bellonda, mas vigio minha criança abandonada de Duna.”

— Que valor tem a respeitabilidade, Bell? — Odrade perguntou. Bellonda aceitou essa estocada em silêncio. Escondida no jargão Bene

Gesserit havia uma definição de respeitabilidade e todas sabiam isso.

— Deveríamos honrar a memória da Lady Jessica por sua humanidade?

— Odrade perguntou. “Sheeana está surpresa!”

— Jessica colocou a Irmandade em perigo! — “Bellonda acusa.” — Seja leal a suas Irmãs — murmurou Tamalane.

— Nossa definição antiga de respeitabilidade ajuda a nos manter humanas — disse Odrade. “Ouça com atenção, Sheeana.”

Em uma voz que mal passava de um sussurro, Sheeana disse: — Se perdermos isso, perderemos tudo.

Odrade reprimiu um suspiro. “Então é isso!” Sheeana olhou-a nos olhos.

— Está nos instruindo, é claro.

— Pensamentos do crepúsculo — resmungou Bellonda. — É

melhor evitá-los.

— Taraza nos chamou de “Bene Gesserit de hoje em dia” —

disse Sheeana.

O estado de espírito de Odrade tornou-se auto-acusador.

“A maldição de nossa existência atual. Imaginações sinistras podem nos destruir.”

Como era fácil evocar um futuro que as fitava dos olhos laranja vidrados das Honradas Madres frenéticas. Temores de muitos passados agachavam-se dentro de Odrade, momentos sem respirar focalizados nas presas que acompanhavam esses olhos.

Odrade forçou a atenção de volta ao problema imediato. —

Quem vai me acompanhar ao Entroncamento?

Sabiam da experiência angustiante de Bortujla e falava-se disso em toda a Sede da Irmandade.

“Quem for com a Madre Superiora pode muito bem virar comida dos Futares.”

— Tam — disse Odrade. — Você e Dortujla. “E isso pode ser uma sentença de morte. O próximo passo é óbvio.” — Sheeana —

disse Odrade —, você vai Compartilhar com Tam. Dortujla e eu vamos Compartilhar com Bell. E eu também Compartilharei com *você* antes de ir.

Bellonda ficou horrorizada. — Madre Superiora! Não posso tomar o seu lugar.

Odrade continuou a prestar atenção a Sheeana. — Isso não está sendo sugerido. Só farei de você o repositório de minhas vidas.

— Temor definido no rosto de Sheeana, mas não ousava recusar uma ordem direta. Odrade acenou a cabeça para Tamalane. —

Compartilharei mais tarde. Você e Sheeana vão fazê-lo agora.

Tamalane inclinou-se para Sheeana. As restrições da idade avançada e morte iminente tornavam isso uma coisa bem-vinda para ela, mas Sheeana involuntariamente recuou.

— Agora! — Odrade disse. Sheeana inclinou a cabeça em direção à de Tamalane até que se encostaram. O clarão da troca foi elétrico e a sala inteira o sentiu. Toda conversa parou, todos os olhares convergiram para a mesa perto da janela.

Havia lágrimas nos olhos de Sheeana quando se afastou.

Tamalane sorriu e fez um gesto doce de carícia com as duas mãos nas faces de Sheeana. — Está tudo bem, querida. Temos todos esses temores e às vezes fazemos coisas tolas por causa deles. Mas estou contente de chamar você de Irmã.

“Diga-nos, Tam! Agora!”

Tamalane não quis fazer isso. Encarou Odrade e disse: —

Temos de nos apegar a nossa humanidade a todo custo. Sua lição é bem recebida e você ensinou Sheeana muito bem.

— Quando Sheeana Compartilhar com você, Dar —

começou Bellonda —, não poderia reduzir a influência que ela tem sobre Idaho?

— Não enfraquecerei uma possível Madre Superiora —

disse Odrade. — Obrigada, Tam. Acho que faremos nosso empreendimento arriscado ao Entroncamento sem excesso de

bagagem. Agora! Quero um relatório hoje à noite sobre o progresso de Teg. Sua sanguessuga está longe dele há tempo demais.

— Ele vai saber que tem duas sanguessugas agora? —

Sheeana perguntou. “Com tanta alegria!”

Odrade ficou de pé.

“Se Tam a aceita, então eu também. Tam nunca trairia nossa Irmandade. E Sheeana — de todas nós, Sheeana é a que mais revela as características naturais de nossas raízes humanas...

Gostaria que nunca tivesse criado aquela estátua que chama de *O*

Vácuo!’

A religião deve ser aceita como fonte de energia. Pode ser dirigida para nossos fins, mas somente dentro dos limites que a experiência revela. Aqui está o significado secreto de Livre-Arbítrio.

— *Missionária Protectiva Ensino Primário* Uma cobertura de nuvens espessas localizara-se sobre a Central essa manhã, e a sala de trabalho de Odrade adquiriu um silêncio cinzento ao qual ela reagiu com uma quietude interior, como se não ousasse se mexer porque isso perturbaria forças perigosas.

“O dia de Agonia de Murbella’’, pensou.’ ‘Não devo pensar em presságios.”

A Meteorologia emitira um aviso peremptório sobre nuvens.

Eram um “deslocamento acidental”. Medidas corretivas estavam sendo tomadas mas levariam tempo. Por enquanto, esperem ventos

fortes e talvez haja precipitação.

Sheeana e Tamalane ficaram à janela olhando o tempo tão mal controlado. Os ombros das duas se encostavam.

Odrade as observava de sua cadeira atrás da mesa. As duas haviam se tornado como uma só pessoa desde que haviam Compartilhado ontem, um acontecimento não inesperado.

Conheciam-se precedentes, embora não muitos. Trocas, ocorrendo na presença de essência de especiarias venenosas ou no verdadeiro momento da morte, em geral não permitiam contato vivo entre as participantes. Era interessante observar isso. As duas costas eram estranhamente semelhantes em sua rigidez.

A força de “extremis” que tornava possível Compartilhar causava mudanças extremas na personalidade e Odrade sabia isso tão bem que tinha tolerância. Fosse o que fosse que Sheeana escondia, Tam também escondia. “Alguma coisa ligada à humanidade básica de Sheeana.” E Tam era confiável. Até que outra Irmã Compartilhasse com uma delas, a decisão de Tam teria de ser aceita. Não que as vigilantes deixassem de sondar e observar detalhes, mas não precisavam de uma nova crise

agora. — Hoje é o dia de Murbella — disse Odrade.

— As probabilidades são de que não sobreviverá — disse Bellonda, encolhida em sua cadeira-cão. — O que acontece com nosso precioso plano então?

“Nosso plano!”

— “Extremis” — Odrade disse.

Nesse contexto, era uma palavra com vários significados.

Bellonda interpretou como uma possibilidade de adquirir as memórias da pessoa de Murbella no momento de sua morte. —

Então não podemos permitir que Idaho observe!

— Minha ordem continua — disse Odrade. — É a vontade de Murbella e dei minha palavra.

— Erro... erro... — resmungou Bellonda.

Odrade sabia a origem das dúvidas de Bellonda. Visível para todas elas: em algum lugar em Murbella jazia algo extremamente doloroso. Fazia com que ela se esquivasse de certas perguntas como um animal confrontado com um predador. Fosse o que fosse, era coisa profunda. Indução hipnótica poderia não explicar isso.

— Está certo! — Odrade falou alto para enfatizar que era para todas as suas ouvintes. — Não é a maneira que temos usado sempre. Mas não podemos tirar Duncan da nave, portanto, temos de ir a ele. Ele estará presente.

Bellonda ainda estava muito e realmente chocada. Nenhum homem, “com exceção do diabo do Kwisatz Haderach, o próprio, e seu filho, o Tirano”, tinha jamais conhecido os detalhes desse segredo Bene Gesserit. Ambos “esses monstros” tinham sentido a Agonia. Dois desastres! Não importa que a Agonia do Tirano tivesse penetrado uma célula de cada vez para transformá-lo em um verme da areia simbionte (não mais verme original, não mais humano original). E Muad’Dib! Ele desafiou a Agonia e vejam o que aconteceu!

Sheeana virou-se da janela e deu um passo em direção à mesa, causando em Odrade a sensação curiosa de que as duas mulheres tinham se tornado uma figura de Jano: costas contra costas, mas uma pessoa só.

— Bell está “confusa” com sua promessa — disse Sheeana.

Que voz suave.

— Ele poderia ser o catalisador para salvar Murbella — disse Odrade. — Você tende a subestimar o poder do amor.

— Não! — Tamalane falou para a janela em frente. —

Tememos seu poder.

— Pode ser! — Bell ainda estava desdenhosa, mas isso era natural nela. A expressão do rosto dizia que continuava implacavelmente obstinada.

— Arrogância — murmurou Sheeana.

— O quê? — Bellonda virou-se na cadeira-cão, fazendo-a ganir com indignação.

— Partilhamos uma falha comum com Scytale — disse Sheeana.

— Hein? — Bellonda estava mordiscando o segredo de Sheeana.

— Achamos que fazemos a história — disse Sheeana.

Voltou para junto de Tamalane, ambas olhando pela janela.

Bellonda voltou sua atenção para Odrade. — Entendeu isso?

Odrade a ignorou. Deixe a Mentat decifrar isso sozinha. O

projetor sobre a mesa deu um clique e uma mensagem apareceu.

Odrade a repetiu. “Ainda não estão prontos na nave.” Olhou as duas costas rígidas em frente da janela.

“História?”

Na sede da Irmandade, tinha havido muito pouco do que Odrade gostava de chamar “fazer história” antes das Honradas Madres. Somente a formatura constante de Reverendas Madres passando pela Agonia.

“Como um rio.”

Corria e ia a algum lugar. Você podia ficar na margem (como Odrade às vezes achava que faziam aqui) e podia observar a corrente. Um mapa poderia lhe dizer onde o rio ia, porém nenhum mapa poderia revelar coisas mais essenciais. Um mapa nunca poderia mostrar movimentos íntimos da carga do rio. Aonde tinham ido? Os mapas tinham valor limitado nessa época. Uma impressão ou projeção dos Arquivos; não era esse o mapa de que precisavam.

Tinha de haver um melhor em algum lugar, um ligado a todas aquelas vidas. Você poderia carregar “esse” mapa em sua memória e tirá-lo de vez em quando para ver melhor.

“O que terá acontecido com a Reverenda Madre Perinte que mandamos lá fora no ano passado?”

O “mapa-na-mente” tomaria conta disso e criaria um “Cenário Perinte”. Era realmente você no rio, é claro, mas isso fazia pouca diferença. Ainda era o mapa de que precisavam.

“Não gostamos de estar presas na corrente de outra pessoa, de não saber o que poderá ser revelado na próxima curva do rio.

Sempre preferimos sobrevoar, ainda que qualquer posição de comando tenha de continuar parte de outras correntes. Todos os fluxos contêm coisas imprevisíveis.”

Odrade ergueu os olhos e viu suas três companheiras observando-a. Tamalane e Sheeana tinham virado de costas para a janela. — As Honradas Madres esqueceram que se agarrar a qualquer forma de conservantismo pode ser perigoso — disse Odrade. — Será que nós também esquecemos?

Continuaram de olhos grudados nela, mas ouviram. Torne-se muito conservadora e você fica despreparada para surpresas. Isso era o que

Muad’Dib tinha-lhes ensinado, e seu filho Tirano tornara a lição inesquecível para sempre.

A expressão sombria de Bellonda não mudou.

Nas profundezas da consciência de Odrade, Taraza murmurou: “Cuidado, Dar. Tive sorte. Rápida em tirar partido. Assim como você. Mas você não pode depender da sorte, e é isso que as incomoda. Nem sequer espere a sorte. Muito melhor é confiar em suas imagens de água. Deixe Bell dizer o que quiser.”

— Bell — disse Odrade —, pensei que você aceitasse Duncan.

— Dentro de limites. — Definitivamente acusatória.

— Acho que devíamos ir para a nave — Sheeana falou com ênfase exigente. — Aqui não é lugar para esperar. Temos medo do que ela pode se tornar?

Tam e Sheeana viraram para a porta ao mesmo tempo como se o mesmo titereiro manipulasse seus cordões.

Odrade gostou da interrupção. A pergunta de Sheeana as alarmara. “O que poderia Murbella se tornar? Uma catalisadora, minhas Irmãs. Uma catalisadora.”

O vento as sacudiu quando saíram da Central e excepcionalmente Odrade apreciou o transporte por tubo. Andar a pé podia esperar por temperaturas mais amenas sem essa minitempestade açoitando seus mantos.

Quando estavam sentadas em um carro particular, Bellonda, mais uma vez, recomeçou seu estribilho acusatório. — Tudo o que ele faz pode ser camuflagem.

Mais uma vez, Odrade expressou o aviso Bene Gesserit tão repetido de limitar sua dependência de Mentats. — A lógica é cega e muitas vezes só conhece seu próprio passado.

Tamalane intrometeu-se, dando apoio inesperado: — Você está ficando paranóica, Bell!

Sheeana falou mais suavemente. — Ouvi você dizer, Bell, que lógica é bom para jogar xadrez de pirâmide, mas muitas vezes vagarosa demais para as necessidades de sobrevivência.

Bellonda ficou sentada em silêncio carrancudo, somente o rumor sibilante de sua passagem pelo tubo se introduzindo no sossego.

“As feridas não devem ser levadas para a nave.”

Odrade falou no mesmo tom que Sheeana: — Bell, querida Bell. Não temos tempo de considerar todas as ramificações de nossa situação. Não podemos mais dizer: “Se isso acontecer, então aquilo deve certamente suceder, e nesse caso devemos agir assim e assim e assim...”

Bellonda chegou a sorrir. — Oh, Céus! A mente comum é tão confusa. E não posso exigir o que precisamos e não podemos ter —

tempo suficiente para cada plano.

Era Bellonda-Mentat falando, dizendo-lhes que tinha uma falha de orgulho em sua mentalidade normal. Que lugar mal organizado, desarrumado era esse. “Imagine o que o Não-Mentat

tem de suportar, impondo tão pouca ordem.” Estendeu a mão pelo corredor e bateu no ombro de Odrade.

— Está tudo bem, Dar. Vou me comportar.

O que uma pessoa de fora pensaria vendo essa troca? —

pensou Odrade. Todas as quatro agindo em comum para o bem de uma Irmã.

“Para o bem da Agonia de Murbella, também.”

As pessoas só viam o lado de fora dessa máscara de Reverenda Madre que usavam.

“Quando precisamos (o que é a maior parte do tempo hoje em dia), funcionamos em níveis surpreendentes de competência.

Nenhum orgulho, nisso; um simples fato. Mas deixe-nos relaxar e ouvimos tagarelices incoerentes interferindo, como acontece com as pessoas comuns. Conosco só tem maior volume. Vivemos nossa vida em pequenas congéries como todo mundo. Compartimentos da mente, compartimentos do corpo.”

Bellonda havia se composto, mãos entrelaçadas no colo.

Sabia o que Odrade tinha planejado e ficaria quieta. Era uma confiança que ia além da Projeção Mentat, em algo mais basicamente

humano.

Projeção

era

um

instrumento

maravilhosamente adaptável, mas apenas um instrumento. No final, todos os instrumentos dependiam de quem os usasse. Odrade não sabia como demonstrar seu agradecimento sem reduzir a confiança.

“Tenho de andar em minha corda-bamba em silêncio.”

Sentiu o abismo abaixo dela, a imagem de pesadelo evocada por essas reflexões. A caçadora invisível com o machado estava mais perto. Odrade queria se virar e identificá-la, mas resistiu. “Não cometerei o erro do Muad’Dib!” A advertência presciente que sentira em Duna nas ruínas de Sietch Tabr não seria exorcizada até seu fim ou o fim da Irmandade. “Teria eu criado essa terrível ameaça pelos meus temores? Certamente que não!” Contudo, sentia que tinha encarado o Tempo naquela antiga cidadela Fremen como se todo o

passado e o futuro estivessem congelados em um quadro que não podia ser mudado. “Tenho de me libertar de você completamente, Muad’Dib!”

A chegada à Plataforma de Aterrissagem a arrancou desse devaneio pavoroso.

Murbella aguardava em aposentos preparados pelas Instrutoras. No centro havia um pequeno anfiteatro cerca de sete metros ao longo da parede dos fundos. Bancos acolchoados seguiam-se em um arco ascendente, acomodando não mais que 20

observadoras. As Instrutoras a deixaram sem explicação no banco mais baixo, em frente de uma mesa flutuando em suspensores.

Correias estavam penduradas dos lados para confinar quem quer que estivesse nela.

“Eu.”

Uma série incrível de salas, pensou. Nunca tivera acesso a essa parte da nave. Sentia-se exposta aqui, muito mais do que sob o céu aberto. As salas menores que a tinham feito atravessar até chegar a esse anfiteatro eram obviamente destinadas a emergências médicas: equipamento de ressuscitação, odores sanitários, anti-sépticos.

Sua remoção para essa sala havia sido peremptória, nenhuma de suas perguntas respondida. As Instrutoras a haviam tirado de uma aula avançada de acólitas em exercícios prana-bindu.

Disseram apenas: — Ordens da Madre Superiora.

A qualidade de suas Instrutoras guardiãs revelava muito.

“Delicadas, mas firmes.” Estavam aqui para evitar a fuga e para garantir que fosse para onde era mandada. “Nada vou tentar fugir!”

Onde estava Duncan?

Odrade havia prometido que ele estaria com ela para a Agonia. Será que a ausência dele significava que essa não seria sua última prova? Ou o teriam escondido atrás de alguma parede secreta através da qual ele pudesse ver sem ser visto?

“Quero que ele esteja a meu lado!”

Não sabiam como governá-la? Claro que sim!

“Ameacem me privar desse homem. É só isso que é preciso para me segurar e me satisfazer. Satisfazer! Que palavra inútil.

Completar-me. Isso é melhor. Sou menos quando estamos separados. Ele sabe disso, também, diabos.”

Murbella sorriu. “Como ele sabe? Porque se sente completo da mesma maneira.”

Como isso poderia ser amor? Não se sentiu enfraquecida pela força do desejo. Tanto a Bene Gesserit quanto as Honradas Madres diziam que o amor enfraquecia. Ela se sentia fortalecida por Duncan. Mesmo os pequenos cuidados dele eram fortalecedores.

Quando lhe trazia uma xícara fumegante de stim-chá de manhã, era melhor vindo das mãos dele. “Talvez tenhamos uma coisa mais que amor.” Odrade e suas companheiras entraram no anfiteatro, na bancada mais alta, e ficaram de pé um pouco, olhando a figura sentada abaixo delas. Murbella vestia o manto debruado de branco de uma acólita sênior. Os cotovelos se apoiavam nos joelhos, a atenção se concentrava na mesa.

“Ela sabe.”

— Onde está Duncan? — Odrade perguntou.

A essas palavras, Murbella se levantou e virou. A pergunta confirmou o que ela desconfiava.

— Vou indagar — disse Sheeana, e saiu.

Murbella esperou em silêncio, não desviando os olhos de Odrade.“Tem de ser nossa”, pensou Odrade. Nunca a necessidade da Bene Gesserit havia sido maior. Que figura insignificante era Murbella lá embaixo, para levar tanto em sua pessoa. O rosto quase oval alargando-se nas têmporas revelava uma nova serenidade Bene Gesserit. Os olhos verdes espaçados, sobrancelhas arqueadas — nada de olhos semicerrados — nada de alaranjado.

Boca pequena — nada de beicinho.

“Ela está pronta.”

Sheeana voltou com Duncan a seu lado.

Odrade lançou um olhar para ele. “Nervoso.” Então Sheeana tinha lhe dito. “Bom.” Isso era um ato de amizade. Talvez ele precisasse de amigos aqui.

— Você vai sentar e permanecer aqui, a não ser que o chame — disse Odrade. — Fique com ele, Sheeana.

Sem ser mandada, Tamalane ficou ao lado de Duncan, uma de cada lado. A um gesto leve de Sheeana, sentaram.

Bellonda junto dela, Odrade desceu até o nível de Murbella e foi até a mesa. Seringas orais do lado mais afastado estavam prontas para serem erguidas, mas continuavam vazias. Odrade fez um gesto para as seringas e acenou para Bellonda, que saiu por uma porta lateral à procura da Reverenda Madre Suk encarregada da essência de especiaria.

Afastando a mesa da parede dos fundos, Odrade começou a arrumar correias e ajustar almofadas. Movia-se metodicamente, verificando que tudo tivesse sido colocado na pequena prateleira debaixo da mesa. Proteção para evitar que a Agonizada mordesse a língua. Odrade apalpou-a para ver se era bem forte. Murbella tinha mandíbulas musculares.

Murbella observou Odrade trabalhando, calada, tentando não fazer nenhum ruído.

Bellonda voltou com a essência de especiaria e começou a encher as seringas. A essência venenosa tinha um odor pungente

— canela amarga.

Atraindo a atenção de Odrade, Murbella disse: — Estou grata que você esteja supervisionando isso tudo.

— Ela está grata! — Bellonda zombou, sem levantar os olhos do que estava fazendo.

— Deixe isso comigo, Bell. — Odrade concentrou sua atenção em Murbella.

Bellonda não parou, mas algo reservado dominou seus movimentos. Bellonda se eclipsando? Murbella sempre ficava atônita com a maneira das acólitas se apagarem quando entravam na presença da Madre Superiora. Presentes, mas não presentes.

Murbella nunca tinha conseguido isso, mesmo quando saiu do noviciado e entrou no estado avançado. “Bellonda, também?”

Olhando fixo para Murbella, Odrade disse: — Sei as ressalvas que mantém em seu seio, os limites que impõe em seu compromisso conosco.

Tudo bem. Não discuto sobre isso porque, de modo geral, suas ressalvas não são muito diferentes das que nós todas temos.

“Franqueza.”

— A diferença, se quiser saber, está no sentido de responsabilidade. Eu sou responsável por minha Irmandade... tudo dela que ainda sobrevive. É uma responsabilidade profunda, que às vezes olho com um olhar preconceituoso.

Bellonda fungou.

Odrade pareceu não notar enquanto continuava: — A Irmandade Bene Gesserit tem andado um pouco mal desde o Tirano. Nosso contato com as Honradas Madres não melhorou as coisas. As Honradas Madres têm o odor fétido da morte e da decadência, deslizando morro abaixo no grande silêncio.

— Por que me diz tudo isso agora? — Medo na voz de Murbella.

— Porque, de alguma maneira, o pior da decadência das Honradas Madres não atingiu você. Sua natureza espontânea, talvez. Embora isso tenha sido um pouco amortecido desde Gammu.

— Culpa sua!

— Só tiramos um pouco de sua impetuosidade, demos a você um equilíbrio melhor. Pode viver mais e com mais saúde por causa disso.

— Se sobreviver a isto! — Acenou com a cabeça para a mesa atrás dela.

— Equilíbrio, é o que quero que você se lembre, Murbella.

Homeostase. Qualquer grupo que escolhe o suicídio quando tem outras opções faz isso por loucura. Homeostase desembestada.

Quando Murbella olhou para o chão, Bellonda disse: Esteja atenta ao que ela diz, sua tola. Ela está fazendo o máximo para ajudar você.

— Muito bem, Bell. Deixe isso por nossa conta.

Como Murbella continuasse fitando o chão, Odrade exigiu: —

Agora é a Madre Superiora lhe dando uma ordem. Olhe para mim!

A cabeça de Murbella ergueu-se abruptamente e ela olhou dentro dos olhos de Odrade.

Era uma tática que Odrade usava raramente, mas com resultados excelentes. As acólitas podiam ser reduzidas à histeria

com ela e então ensinadas como lidar com sua reação excessiva a emoções. Murbella parecia estar mais zangada do que medrosa.

Excelente! Mas agora estava na hora de ter cuidado. — Você tem reclamado da marcha vagarosa de sua educação — disse Odrade.

— Isso foi feito considerando em primeiro lugar suas necessidades.

Suas professoras principais foram todas escolhidas pela sua estabilidade, nenhuma delas impulsiva. Minhas instruções foram explícitas: “Não lhe dar habilidades demais, depressa demais. Não abrir as comportas dos poderes que podem ser mais do que ela é capaz de controlar.”

— Como você pode saber o que eu posso controlar? —

Ainda zangada. Odrade simplesmente sorriu.

Como Odrade se manteve calada, Murbella pareceu perturbar-se. Será que tinha feito papel de boba na frente da Madre Superiora, Duncan e todas essas outras pessoas? Que humilhação!

Odrade lembrou a si mesma que não era bom tornar Murbella consciente demais de sua vulnerabilidade. Uma tática errada nesse momento. Não havia necessidade de provocá-la. Tinha um sentido aguçado do que era apropriado, acomodando-se às necessidades do momento. Isso era o que temiam que se originasse da motivação de sempre escolher o caminho mais fácil. “Que não seja assim.”

Honestidade completa agora! O último instrumento da educação Bene Gesserit. A técnica clássica que ligava a acólita à professora.

— Estarei a seu lado durante sua Agonia. Se você falhar, eu lamentarei.

— Duncan? — Lágrimas nos olhos.

— Qualquer auxílio que ele puder dar será permitido.

Murbella olhou as filas de bancos e por um breve instante seu olhar cruzou com o de Idaho. Ele se ergueu um pouco, porém a mão de Tamalane em seu ombro o segurou.

“Elas podem matar a minha amada!” Idaho pensou. “Tenho de ficar sentado aqui e ver isso acontecer?” Mas Odrade tinha dito que ele teria permissão de ajudar. “Não há como parar isso agora.

Tenho de confiar em Dar. Mas, deuses das profundezas! Ela não sabe a extensão da minha dor. Se... se...” Fechou os olhos.

— Bell. — A voz de Odrade dava uma sensação de abandono, o gume de uma faca em sua fragilidade.

Bellonda segurou o braço de Murbella e a ajudou a subir à mesa, que balançou um pouco, ajustando-se ao peso.

“Agora sim, é a corredeira”, pensou Murbella.

Teve uma sensação distante de correias sendo apertadas ao seu redor, de movimentação a seu lado.

— Esta é a rotina usual — disse Odrade.

“Rotina?” Murbella tinha detestado as rotinas de se tornar uma Bene Gesserit, todo aquele estudo, ouvindo e reagindo a Instrutoras. Tinha detestado especialmente a necessidade de refinar reações que acreditava serem adequadas, mas não havia como se livrar daqueles olhares vigilantes.

“Adequadas! Que palavra perigosa.”

Esse reconhecimento era precisamente o que elas buscavam. Precisamente a alavanca de que sua acólita precisava.

“Se você o detestar, faça-o melhor ainda. Use sua aversão como guia; focalize exatamente o que lhe falta.”

O fato de que suas professoras compreendiam tão bem seu comportamento, que coisa maravilhosa! Ela queria essa habilidade.

Oh, como a queria!

“Tenho de vencer nisso.”

Era uma coisa que qualquer Honrada Madre poderia invejar.

Viu-se abruptamente com uma espécie de visão dupla: ao mesmo tempo Bene Gesserit e Honrada Madre. Uma percepção assustadora.

A mão de alguém tocou seu rosto, moveu sua cabeça e desapareceu.

“Responsabilidade. Estou prestes a aprender o que elas querem dizer com *um novo sentido da História.”*

A visão Bene Gesserit da História a fascinava. Como encaravam os passados múltiplos? Seria uma coisa imersa em um esquema maior? A tentação de se tornar uma delas tinha sido extrema.

“Este é o momento de aprender.”

Viu uma seringa oral se posicionar acima de sua boca. A mão de Bellonda a guiava.

— Levamos nosso gral em nossa cabeça — Odrade dissera.

— Leve este gral com carinho se estiver em seu poder.

A seringa tocou seus lábios. Murbella fechou os olhos, mas sentiu dedos abrirem sua boca. Metal frio tocou seus dentes. A voz relembrada de Odrade estava com ela.

“Evite excessos. Corrija demais e sempre terá uma bagunça em suas mãos, a necessidade de fazer correções cada vez maiores.

Oscilação. Os fanáticos são criadores fantásticos de oscilação.”

“Nosso gral. É linear porque cada Reverenda Madre tem a mesma determinação. Vamos perpetuar isso juntas.”

Um líquido amargo derramou-se em sua boca. Murbella engoliu convulsivamente. Nenhuma dor, exceto a sensação cáustica. Perguntou a si mesma se isso era tudo. Seu estômago estava agora apenas ligeiramente aquecido.

Lentamente, tão lentamente que levou vários batimentos do coração para percebê-lo, o calor fluiu para fora. Quando chegou às pontas dos dedos, sentiu o corpo convulsionar. As costas se arquearam acima da mesa acolchoada. Algo macio, mas firme, tomou o lugar da seringa em sua boca.

Vozes. Ouviu-as, e sabia que as pessoas falavam, mas não podia distinguir as palavras.

Ao se concentrar nas vozes, teve consciência de que havia perdido o contato com seu corpo. Em algum lugar, a carne se contorcia e havia dor, mas ela estava longe.

Mão tocou mão e segurou-a firme. Reconheceu o toque de Duncan e de repente lá estava seu corpo e a agonia. Os pulmões doíam quando exalava. Não quando inalava. Aí pareciam flácidos e nunca cheios o bastante. A sensação de presença em carne viva tornou-se um fio fino que se enrolava em muitas presenças. Sentiu os outros ao seu redor, gente demais para o pequeno anfiteatro.

Outro ser humano flutuou em sua visão. Murbella sentiu que estava num veículo de vaivém... no espaço. O veículo era primitivo.

Controles manuais demais. Luzes piscando demais. Uma mulher nos controles, pequena e desarrumada com o suor de seu trabalho.

Tinha cabelos castanhos longos, presos em um coque do qual fios mais claros escapavam e contornavam o rosto magro. Usava uma roupa só, um vestido curto de brilhantes vermelhos, azuis e verdes.

“Maquinaria.”

Havia a percepção da maquinaria monstruosa logo além desse espaço imediato. O vestido da mulher contrastava severamente com a sensação insípida e pesada de maquinaria.

Falou, mas seus lábios não se moveram. — Ouça, você aí! Quando chegar a hora de você tomar conta desses controles, não vire uma destruidora. Estou aqui para ajudar você a evitar as destruidoras.

Sabe disso?

Murbella tentou falar, porém não tinha voz.

— Não se esforce tanto, moça! — a mulher disse. — Estou escutando você.

Murbella tentou desviar a atenção da mulher.

“Que lugar é este?”

Um operador, um armazém gigantesco... fábrica... tudo automático... teias de linhas de realimentação centralizadas nesse espaço minúsculo com seus controles complexos.

Pensando murmurar, Murbella perguntou: — Quem é você?

— E ouviu sua própria voz rugindo. Agonia em seus ouvidos!

— Não tão alto assim! Sou sua guia mohalata, aquela que mantém você afastada das destruidoras.

“Dur que me proteja!” — Murbella pensou. — ”Isto não é um *lugar;* isto sou eu!”

Ao pensar isso, a sala de controle desapareceu. Era uma migrante no vácuo, condenada a nunca ter sossego, nunca encontrar um momento de refúgio. Tudo, exceto seus pensamentos efêmeros, tornou-se imaterial. Não tinha substância, somente uma fina aderência que reconhecia como consciência.

“Construí a mim mesma da neblina.”

A Outra Memória veio, partes e pedaços de experiências que sabia que não eram suas. Rostos malévolos a olhavam e exigiam sua atenção, mas a mulher nos controles do veículo de vaivém a puxou para longe. Murbella percebeu necessidades, porém não podia colocá-las em forma coerente.

— Essas são vidas em seu passado. — Era a mulher nos controles, mas sua voz tinha uma qualidade desincorporada e vinha de algum lugar desconhecido.

— Somos descendentes de pessoas que fizeram coisas sórdidas — disse a mulher. — Não gostamos de admitir que houve bárbaros entre nossos antepassados. Uma Reverenda Madre tem de admitir isso. Não temos escolha.

Murbella tinha pegado o jeito de só pensar suas perguntas.

“Por que eu preciso...”

— Os vitoriosos procriaram. Somos suas descendentes. A vitória muitas vezes foi conquistada a um elevado preço moral.

Barbarismo não é nem a palavra adequada para algumas das coisas que nossos antepassados fizeram.

Murbella sentiu a mão familiar no seu rosto. “Duncan!” O

toque renovou a agonia. “Oh, Duncan! Você está me machucando.”

Através da dor, sentiu vazios nas vidas que lhe estavam sendo reveladas. Coisas retidas.

— Só o que você é capaz de aceitar agora — disse a voz desincorporada. — O resto vem depois quando estiver mais forte...

se sobreviver.

“Filtro seletivo.” Palavras de Odrade. “A necessidade abre as portas.”Lamúrias persistentes vinham de outras presenças.

Lamentações: “Viu? Viu o que acontece quando você ignora o bom senso?”A agonia aumentou. Não conseguia escapar. Todos os nervos estavam em chamas. Queria chorar, gritar ameaças, implorar ajuda.

Um turbilhão de emoções acompanhava a agonia, mas ela as ignorou. Tudo acontecia em um delgado fio de existência. O fio poderia arrebentar!

“Estou morrendo.”

O fio estava se esticando. Ia arrebentar! Não adiantava resistir. Os músculos não iam obedecer. Provavelmente não tinha mais nenhum músculo. Nem os queria mais. Eram dor. Era um inferno e nunca mais acabaria... nem mesmo se o fio arrebentasse.

As chamas ardiam ao longo do fio, lambendo sua percepção.

Mãos sacudiram seus ombros. “Duncan... não faça isso.”

Cada movimento era uma dor além de tudo que imaginara. Isso merecia ser chamado de Agonia.

O fio não mais se esticava. Estava se retraindo, se comprimindo. Ficou uma coisa pequenina, uma salsicha de dor tão extrema que nada mais existia. A sensação de “ser” tornou-se vaga, translúcida... transparente.

— Está vendo? — A voz da guia mohalata veio de muito longe. “Vejo coisas.”

Não exatamente ver. Uma percepção distante de outros.

Outras salsichas. A Outra Memória envolvida nas peles de vidas perdidas. Estendiam-se atrás dela em uma cauda cujo comprimento não podia determinar. Neblina translúcida. Rompia-se de vez em quando, e ela podia vislumbrar eventos. Não... não eventos propriamente ditos. Memória.

— Compartilhe a testemunha — disse a guia. — Está vendo o que nossos antepassados fizeram. Eles degradam a pior maldição que você pode inventar. Não invente desculpas sobre as necessidades da época! Lembre-se só disso: não há inocentes!

“Feio! Feio!”

Não podia se agarrar a coisa alguma. Tudo se tornava reflexos e neblina rasgada. Em algum lugar havia uma glória que certamente poderia atingir.

“Ausência dessa Agonia.”

Era isso. Como seria glorioso!

Lábios tocaram sua testa, sua boca. “Duncan!” Estendeu os braços. “Minhas mãos estão livres.” Os dedos se enfiaram em cabelos relembrados. “Isto é real!”

A Agonia recuou. Só então compreendeu que tinha atravessado uma dor tão terrível que não havia palavras para descrevê-la.

Agonia? Queimara a psique e a remodelara. Uma pessoa havia afundado e outra emergia.

“Duncan!” Abriu os olhos e lá estava o rosto dele diretamente acima. “Ainda o amo? Ele está aqui. É uma âncora à qual me agarrei nos piores momentos. Mas será que o amo? Ainda estou equilibrada?”

Nenhuma resposta.

Odrade falou de algum lugar fora de vista. — Tirem essas roupas dela. Toalhas. Está encharcada. E tragam um manto apropriado!

Ouviu sons de movimentação, depois mais uma vez Odrade:

— Murbella, você fez isso da maneira mais difícil, estou contente de ver.

Que exaltação em sua voz. Por que estava tão contente?

“Onde está o sentido de responsabilidade? Onde está o gral que devo sentir em minha cabeça? Responda-me, alguém!”

Mas a mulher nos controles do veículo de vaivém tinha sumido.“Só resto eu. E recordo atrocidades que poderiam intimidar uma Honrada Madre.” Vislumbrou o gral então, e não era uma

“coisa”, e sim uma pergunta: como pôr as balanças em equilíbrio?

Nosso deus do lar é isso que transmitimos de geração a geração: nossa mensagem para a humanidade se ela amadurecer.

A coisa mais próxima que temos de uma deusa do lar é uma Reverenda Madre fracassada — Chenoeh ali, em seu nicho.

— Darwi Odrade

Idaho pensava em suas habilidades Mentat como um refúgio agora. Murbella ficava com ele sempre que os deveres de ambos

permitiam — ele com o desenvolvimento de suas armas e ela recobrando forças enquanto se adaptava a sua nova posição.

Não mentiu para ele. Não tentou lhe dizer que não sentia algo diferente entre eles. Mas ele sentia o afastamento dela, elástico sendo esticado até o limite.

— Minhas Irmãs foram ensinadas a não divulgar os segredos do coração. Aí está o perigo que percebem no amor. Intimidades perigosas. As sensibilidades mais profundas embotadas. Não dê a alguém um bastão com o qual possa lhe bater.

Pensava que suas palavras fossem tranqüilizantes para ele, mas ele ouvia a discussão interior. “Seja livre! Corte os laços que a peiam.”Ele a via muitas vezes nesses dias nos espasmos de Outra Memória. Palavras lhe escapavam no meio da noite.

— Dependências... alma de grupo... cruzamento de percepção viva... Oradoras Peixes...

Ela não hesitava em compartilhar parte disso. — O

cruzamento? Qualquer um pode sentir pontos de nexo nas interrupções naturais da vida. Morte, diversões, pausas acidentais entre eventos poderosos, nascimentos...

— O nascimento como interrupção?

Estavam na cama dele, até o crono escurecido... mas isso não os escondia dos televigias, é claro. Outras energias alimentavam a curiosidade da Irmandade.

— Nunca pensou no nascimento como uma interrupção?

Uma Reverenda Madre acha isso divertido.

“Divertido! Afastando-se... afastando-se...”

Oradoras Peixes, essa era a revelação que as Bene Gesserit absorveram com fascinação. Tinham tido suspeitas, mas Murbella lhes deu a confirmação. A democracia das Oradoras Peixes havia se tornado a autocracia das Honradas Madres. Nada de dúvidas.

— A tirania da minoria disfarçada na máscara da maioria —

dizia Odrade, exultante. — Queda da democracia. Ou derrubada por seus próprios excessos, ou corroída pela burocracia.

Idaho podia ouvir o Tirano nesse pronunciamento. Se é que a história tinha padrões repetitivos, aqui estava um. Um rufo de tambor de repetição. Primeiro, uma lei de Serviço Público mascarada na mentira de que era a única maneira de corrigir os excessos demagógicos e o empreguismo. Depois, o acúmulo de poder em lugares que os eleitores não podiam tocar. E finalmente, a aristocracia.

— As Bene Gesserit podem ser as únicas a criarem o júri todo-poderoso — disse Murbella. — Os júris não são populares com os legalistas. Júris opõem-se à lei. Podem ignorar os juizes.

Riu na escuridão. — Evidência! O que é evidência exceto o que lhe é permitido perceber? É isso que a Lei tenta controlar: realidade cuidadosamente manipulada.

Palavras para distraí-lo, palavras para demonstrar seus novos poderes Bene Gesserit. As palavras dela não fizeram o menor efeito.

“Ela fala assim de memória.”

Viu que isso incomodava Odrade quase tanto quanto o consternava. Murbella não notava nenhuma dessas reações.

Odrade tentara tranqüilizá-lo. — Todas as novas Reverendas Madres passam por um período de adaptação. Maníaco às vezes.

Pense no solo novo sob seus pés, Duncan!

“Como posso deixar de pensar nisso?”

— Primeira lei da burocracia — Murbella falou para a escuridão. “Você não distrai minha atenção, amor.”

— Cresça até os limites da energia disponível. — Sua voz estava realmente maníaca. — Use a mentira de que os impostos resolvem todos os problemas. — Virou-se para ele na cama, mas não por amor. — As Honradas Madres fizeram esse jogo todo! Até um sistema de previdência social para acalmar as massas, mas tudo ia para seu próprio banco de energia.

— Murbella!

— O quê? — Surpresa com o tom duro da voz dele. “Ele não sabia que estava falando com uma Reverenda Madre?”

— Eu sei tudo isso, Murbella. Qualquer Mentat sabe.

— Está querendo que eu cale a boca? — Zangada.

— Nossa tarefa é pensar como nosso inimigo — ele disse.

— Temos um inimigo em comum, não é?

— Está zombando de mim, Duncan.

— Seus olhos são alaranjados?

— A melange não permite isso e você sabe... Oh.

— As Bene Gesserit precisam da sua sabedoria, mas você tem de *cultivá-la).* — Ele acendeu um globo luminoso e viu sua cólera. Não inesperada e não realmente Bene Gesserit.

“Híbrida.”

A palavra saltou em sua mente. Era vigor híbrido? A Irmandade esperaria isso de Murbella? As Bene Gesserit surpreendiam você às vezes. Encontrava-as frente a frente em estranhos corredores, olhos fixos, rostos mascarados daquele jeito delas e, por trás das máscaras, reações desusadas fermentando.

Era aí que Teg aprendera a fazer o inesperado. Mas isso? Idaho pensou que poderia vir a ter aversão a essa nova Murbella.

Ela viu isso nele, naturalmente. Continuava aberto para ela como para mais ninguém.

— Não me odeie, Duncan. — Não suplicando, mas algo muito magoado atrás das palavras.

— Nunca odiarei você. — Mas apagou a luz.

Aconchegou-se a ele quase da mesma maneira que antes da Agonia. “Quase.” A diferença o dilacerou.

— As Honradas Madres vêem as Bene Gesserit como competidoras no poder — disse Murbella. — Não é só porque os homens que seguem minhas ex-Irmãs são fanáticos, é que se tornam incapazes de uma autodeterminação por causa de seu vício.

— É assim que *nós* somos?

— Ora, Duncan.

— Quer dizer que posso comprar essa mercadoria em qualquer loja?

Ela optou por presumir que ele estivesse falando dos temores das Honradas Madres. — Muitas os abandonariam se pudessem. —

Virando-se para ele impetuosamente, exigiu uma reação sexual.

Seu abandono o chocou. Como se fosse talvez a última vez que ela poderia sentir tal êxtase.

Depois, ele sentiu-se exausto.

— Espero que esteja grávida outra vez — ela murmurou. —

Ainda precisamos de nossos bebês.

“Precisamos. A necessidade das Bene Gesserit. Não mais *elas precisam/*”

Dormiu e sonhou que estava no arsenal da nave. Era um sonho com toques de realidade. A nave continuava a ser uma fábrica de armas como realmente havia se tornado. Odrade estava falando com ele no arsenal do sonho. — Tomo decisões por necessidade, Duncan. É muito pouco provável que você fuja e seja possuído de fúria assassina.

— Sou Mentat demais para isso! — Como soava cheia de auto-importância a sua voz de sonho! “Estou sonhando e sei que estou sonhando. Por que estou no arsenal com Odrade?

Uma lista de armas desenrolou-se diante de seus olhos.

Atômicas. (Viu grandes aparelhos explosivos e poeira atômica.)

Artilharia-laser. (Não havia como contar os diversos modelos.)

Bacteriológicas.

A lista foi interrompida pela voz de Odrade. — Podemos presumir que os contrabandistas se concentram como sempre em coisas pequenas que vendem a um bom preço.

— Pedrassuaves, é claro. — Ainda cheio de importância.

“Não sou assim!”

— Armas assassinas — ela disse. — Planos e especificações para novos dispositivos.

— O roubo de segredos profissionais é um item importante para contrabandistas. “Estou insuportável!”

— Há sempre remédios e as doenças que necessitam deles

— ela disse. “Onde ela está? Posso ouvi-la, mas não a vejo.” — As Honradas Madres sabem que nosso universo abriga vilãos que não hesitariam em semear o problema antes de fornecer a solução? —

”Vilãos? Nunca uso essa palavra.”

— Tudo é relativo, Duncan. Queimaram Lâmpadas e mataram brutalmente quatro milhões de nossos melhores membros.

Acordou e sentou na cama. “Especificações para novos dispositivos!” Ali estava, em detalhes delicados, o modo de miniaturar geradores Holzmann. Dois centímetros, nada mais. E

muito mais barato! “Como fora isso contrabandeado em minha mente?”Levantou-se com cuidado, sem acordar Murbella, e procurou um manto. Ouviu-a fungar ao se dirigir à sala de trabalho.

Sentado à mesa de comando, copiou o desenho da sua mente e estudou-o. Perfeito! Englobamento com certeza. Transmitiu para os Arquivos com um sinal para a atenção de Odrade e Bellonda.

Com um suspiro, recostou-se e examinou o desenho mais uma vez. Ele sumiu, voltando à lista do sonho. “Estou sonhando ainda? Não!” Estava sentindo a cadeira, podia tocar a mesa, ouvir o zumbido do campo indutor. “Os sonhos fazem isso.”

A lista produziu armas cortantes e perfuradoras, incluindo algumas destinadas a introduzir venenos ou bactérias em carne inimiga.Projéteis.

Perguntou a si mesmo como poderia parar a lista e estudar os detalhes.

“Está tudo em sua mente!”

Humanos e outros animais procriados para ataque rolaram à frente de seus olhos, escondendo a mesa de comando e sua projeção. “Futares? Como é que os Futares entraram lá? O que sei sobre os Futares?”

Disruptores substituíram os animais. Armas para embotar a atividade mental ou interferir com a própria vida. “Disruptores?

Nunca ouvira esse nome antes.”

Os disruptores deram lugar a “buscadores” gravidade-zero destinados a procurar alvos específicos. “Esses eu conheço.”

Depois, explosivos, incluindo os que espalham venenos e armas bacteriológicas.

Simuladores, para projetar alvos falsos. Teg os usara.

Energizantes vieram depois. Tinha um arsenal particular deles: maneiras, de aumentar a capacidade de suas tropas.

Abruptamente, a rede trêmula de sua visão substituiu a lista de armas que se desenrolava, e ele viu o casal idoso no jardim.

Olharam-no ferozmente. A voz do homem tornou-se audível. —

Pare de nos espionar!

Idaho agarrou os braços da cadeira e inclinou-se à frente, mas a visão desapareceu antes que pudesse estudar os detalhes.

“Espionando?”

Sentiu um resíduo da lista na mente, não mais visível, mas uma voz contemplativa... masculina.

— As defesas muitas vezes têm de assumir as características das armas de ataque. Algumas vezes, porém, sistemas simples podem desviar as armas mais devastadoras.

“Sistemas simples!” Riu alto. — Miles! Diabos, onde está você, Teg? Estou com suas naves de ataque disfarçadas! Iscas infladas! Vazias exceto por uma miniatura de um gerador Holzmann e uma arma-laser. — Acrescentou isso a suas transmissões para os Arquivos.

Quando terminou, perguntou mais uma vez a si mesmo sobre as visões. “Influenciando meus sonhos? Que ligação foi essa que eu fiz?” Todos os minutos livres que tinha desde que se tornara o Mestre de Armas de Teg, ligava para os registros dos Arquivos.

Tinha que haver algum indício naquela acumulação maciça!

Ressonâncias e a teoria taquiana prenderam sua atenção por algum tempo. A teoria taquiana figurava no desenho original de Holzmann. “Tecs” é como Holzmann tinha chamado sua fonte de energia.Um “sistema de ondas” que ignorava os limites da velocidade da luz. A velocidade da luz obviamente não limitava naves da dobra do espaço. Tecs?

— Funciona porque funciona — Idaho resmungou. — Fé.

Como qualquer outra religião.

Os Mentats enfurnavam grande quantidade de dados aparentemente insignificantes. Tinha um depósito marcado “Tecs” e começou a repassá-lo, sem resultado satisfatório.

Nem mesmo os Navegadores da Corporação professavam saber como guiavam naves da dobra do espaço. Os cientistas Ixianos faziam máquinas para duplicar as habilidades do Navegador, porém não podiam definir o que faziam.

— As fórmulas de Holzmann são confiáveis.

Ninguém declarava entender Holzmann. Apenas usavam suas fórmulas porque funcionavam. Era o “éter” das viagens espaciais. Você *dobrava* o espaço. Um instante estava aqui e no próximo instante estava a inúmeros parsecs de distância.

“Alguém *lá fora* descobriu outra maneira de usar as teorias de Holzmann!” Foi uma completa Projeção Mentat. Sabia sua precisão pelas novas perguntas que produziu.

As divagações da Outra Memória de Murbella o assediavam, embora reconhecesse nelas ensinamentos básicos Bene Gesserit.

“O poder atrai os corruptíveis. O poder absoluto atrai os absolutamente corruptíveis. Esse é o perigo da burocracia entrincheirada para a população sujeita. Mesmo o empreguismo é preferível porque os níveis de tolerância são mais baixos, e os corruptos podem ser jogados fora periodicamente. A burocracia entrincheirada raramente pode ser tocada, exceto pela violência.

Cuidado quando o Serviço Público e os Militares dão-se as mãos!”

A conquista das Honradas Madres.

Poder por amor ao poder... uma aristocracia produzida por uma linhagem desequilibrada.

Quem eram aquelas pessoas que vira? Fortes o bastante para eliminar Honradas Madres. Sabia que era um dado de Projeção.

Idaho achou essa percepção profundamente perturbadora.

Honradas Madres fugitivas! Bárbaras, porém ignorantes, como todos os invasores mesmo antes dos Vândalos. Movidas por ganância impulsiva, assim como por qualquer outra força. “Tomem o ouro romano!” Filtravam todas as distrações da consciência. Era uma ignorância estupeficadora que só vacilava quando uma civilização mais sofisticada se insinuava em...

Abruptamente, viu o que Odrade estava fazendo.

“Deuses das profundezas! Que plano frágil!”

Pressionou as palmas das mãos contra os olhos e forçou-se a não gritar de angústia. “Deixe-as pensarem que estou cansado.”

Mas por ter visto o plano de Odrade, viu também que ia perder Murbella... de uma maneira ou de outra.

Quanto se pode confiar nas bruxas? Nunca! O lado escuro do universo mágico pertence às Bene Gesserit e devemos rejeitá-las.

— *Tylwyth Wajf, Mestre dos Mestres*

A grande Sala Social da não-nave, com suas arquibancadas e a plataforma elevada em uma extremidade, estava cheia de Irmãs Bene Gesserit, um número que nunca antes havia comparecido a uma assembléia. A Sede da Irmandade quase parará essa tarde porque poucas queriam mandar substitutos por procuração, e decisões importantes não podiam ser delegadas ao quadro de subalternas. Reverendas Madres de mantos negros dominavam a reunião em seus agrupamentos isolados próximo ao palco, mas a sala era um remoinho de acólitas em seus mantos debruados de branco e havia até as que haviam se registrado recentemente.

Bandos de mantos brancos assinalando as acólitas mais jovens estavam espalhados em pequenos grupos unidos para apoio mútuo.

Todas as outras haviam sido excluídas pelas Instrutoras de Convocação.

O ar estava pesado com hálitos perfumados de melange e tinha aquela característica úmida e reusada que o ar adquire quando a maquinaria de refrigeração está sobrecarregada. Odores do almoço recente, forte em alho, flutuavam na atmosfera como um intruso não-convidado. Isso e as estórias que se espalhavam pela sala aumentavam a tensão.

A maioria prestava atenção à plataforma elevada e à porta lateral por onde a Madre Superiora deveria entrar. Mesmo enquanto conversavam com as companheiras ou passeavam pela sala, ficavam olhando o lugar onde sabiam que alguém iria entrar em breve e criar modificações profundas em suas vidas. A Madre Superiora não as chamaria todas à grande Sala Social prometendo

notícias importantes se não houvesse algo que podia abalar os alicerces das Bene Gesserit.

Bellonda precedeu Odrade na sala, subindo à plataforma com aquele bamboleio beligerante que a identificava mesmo à distância.

Odrade veio cinco passos atrás de Bellonda. Depois vinham conselheiras sênior e assistentes. Entre elas, Murbella de manto negro (ainda aturdida pela Agonia de apenas duas semanas atrás).

Dortujla mancava logo atrás de Murbella com Tam e Sheeana ao lado. No final dessa procissão vinha Streggi carregando Teg nos ombros. Houve murmúrios excitados quando ele apareceu. Machos raramente participavam de assembléias, mas todo mundo na Sede da Irmandade sabia que esse era o ghola de seu Mentat Bashar, vivendo agora no quartel com o que restava dos militares Bene Gesserit.

Vendo as filas maciças da Irmandade, Odrade teve uma sensação de vazio. Algum patriarca tinha dito tudo, ela pensou.

“Qualquer idiota sabe que um cavalo pode correr mais rápido que outro.” Muitas vezes, em reuniões menores aqui nessa imitação de um estádio, fora tentada a citar esse conselho; mas sabia que o ritual tinha também melhores objetivos.

“Aqui estamos reunidas. Nossa espécie.”

A Madre Superiora e suas acompanhantes moveram-se como um feixe estranho de energia através da multidão até a plataforma, sua posição de eminência na borda da arena.

A Madre Superiora nunca era sujeita às escaramuças das massas de assembléias. Nunca recebia cotoveladas nas costelas ou pisadelas de vizinhos. Nunca era forçada a se mover como as outras em uma espécie de movimento de lesma composto de corpos comprimidos em uma proximidade indesejada.

“Assim chegou César. Polegares para baixo para todo o espetáculo!” Falou para Bellonda: — Vamos começar.

Mais tarde, iria se perguntar por que não havia designado alguém para se apresentar nesse ritual e pronunciar palavras portentosas. Bellonda amaria a posição proeminente e, por isso, nunca deveria tê-la. Mas talvez houvesse alguma Irmã de nível mais baixo que ficaria encabulada pela elevação e obedeceria somente por lealdade, por aquela necessidade básica de fazer o que a Madre Superiora ordenasse.

“Deuses! Se há algum de vocês por aqui, por que permite que sejamos esses carneirinhos?”

Ali estavam, Bellonda preparando-as para ela. “Os batalhões das Bene Gesserit.” Não eram realmente batalhões, mas Odrade muitas vezes imaginava as Irmãs enfileiradas, catalogando-as por função. “Aquela ali é chefe de esquerda. Aquela outra é capitão-general. Essa aqui é um simples sargento e aqui está uma mensageira.”

As Irmãs ficariam insultadas se soubessem dessa sua esquisitice. Ela a mantinha bem escondida atrás de uma atitude de

“distribuição comum de tarefas”. Você podia designar tenentes sem chamá-los de tenentes. Taraza fizera o mesmo.

Bell estava lhes dizendo agora que a Irmandade talvez tivesse que fazer uma nova adaptação a seu prisioneiro Tleilaxu.

Palavras amargas para Bell: — Passamos pelo cadinho, Tleilaxu e Bene Gesserit, e saímos mudados. De certa maneira, mudamos uns aos outros.

“Sim, somos como rochas friccionadas umas contra as outras por tanto tempo que cada uma adota parte da forma conformista exigida pela outra. Mas a rocha original ainda está lá no âmago!”

A audiência estava começando a ficar inquieta. Sabiam que isso era preliminar, apesar da mensagem oculta nessas insinuações sobre Tleilaxu. Preliminar e de importância relativa. Odrade aproximou-se de Bellonda, fazendo sinal para que fosse breve.

— Aqui está a Madre Superiora.

“Como é difícil extinguir velhos padrões. Será que Bell acha que não me reconhecem?”

Odrade falou em tons imperiosos, quase na Voz.

— Foram praticados atos que requerem que me encontre no Entroncamento com a liderança das Honradas Madres, um encontro do qual posso não sair viva. *Provavelmente* não sobreviverei. Esse encontro será parcialmente para distrair a atenção. Estamos prestes a puni-las.

Odrade esperou que os comentários cessassem, ouvindo tanto anuência quanto dissidência nos murmúrios. Interessante.

Aquelas que concordavam estavam mais perto do palco e mais longe, entre as novas acólitas. Dissidência de acólitas mais avançadas? Sim. Conheciam o aviso: “Não ousamos alimentar aquele fogo.”

Modulou a voz, deixando que os transmissores remotos a levassem àquelas nas arquibancadas mais altas. — Antes de ir, Compartilharei com mais de uma Irmã. Os dias de hoje requerem essa precaução.

— Seu plano? — O que vai fazer? — Perguntas surgiam de toda parte em voz alta.

— Simularemos um ataque a Gammu. Isso deve levar as Honradas Madres ao Entroncamento. Aí tomaremos o Entroncamento e, espero, capturaremos a Rainha Aranha.

— O ataque será enquanto estiver lá? — Essa pergunta veio de Garimi, uma Instrutora de aspecto sério, diretamente abaixo de Odrade. — É esse o plano. Estarei transmitindo minhas observações aos atacantes. — Odrade gesticulou para Teg nos ombros de Streggi. — O Bashar comandará pessoalmente o ataque.

— Quem irá com você? — Sim. Quem você vai levar? —

Não havia como não perceber a ansiedade nessas vozes. Então, a notícia não havia se espalhado ainda pela Sede da Irmandade...

— Tam e Dortujla — disse Odrade.

— Quem vai Compartilhar com você? — Garimi novamente.

“Claro!Essa é a questão política mais importante. Quem sucederá à Madre Superiora?” Odrade ouviu movimentos nervosos atrás dela.

“Bellonda excitada? Você não, Bell. Já sabe disso.”

— Murbella e Sheeana — disse Odrade. — E mais uma se as Instrutoras quiserem nomear uma candidata.

As Instrutoras formaram pequenos grupos de consulta, gritando sugestões de um grupo para outro, mas não submeteram nenhum nome. Alguém tinha uma pergunta, porém: — Por que Murbella?

— Quem conhece melhor as Honradas Madres? — Odrade perguntou. Isso as fez calar.

Garimi aproximou-se do palco e olhou para Odrade com um olhar penetrante. “Não tente enganar uma Reverenda Madre, Darwi Odrade!” — Depois de nosso ataque simulado a Gammu, estarão ainda mais alertas e reforçadas no Entroncamento. O que a faz pensar que poderemos conquistá-las?

Odrade se afastou e fez sinal para Streggi se aproximar com Teg. Teg tinha observado o desempenho de Odrade com fascinação. Agora olhou para Garimi. Era atualmente Instrutora Chefe de

Indicações, e sem dúvida havia sido escolhida para falar por um grupo de Irmãs. Ocorreu a Teg que essa posição ridícula nos ombros de uma acólita havia sido planejada por Odrade por outras razões que não as que havia mencionado.

“Para colocar meus olhos mais próximos do nível dos adultos ao meu redor... mas também para lembrar-lhes do meu tamanho menor, para tranqüilizá-los de que uma Bene Gesserit (se bem que simplesmente uma acólita) ainda controla meus movimentos.”

— Não vou entrar em todos os detalhes das armas no momento — ele disse. “Diabos de voz fininha!” Mas conseguira sua atenção. — Mas vamos nos empenhar em mobilidade, chamarizes que destruirão grande parte da área ao seu redor se o raio de uma arma laser os atingir... e vamos englobar o Entroncamento com dispositivos que revelem os movimentos de suas não-naves.

Quando continuaram a olhá-lo fixamente, disse: — Se a Madre Superiora confirmar meu conhecimento anterior do Entroncamento, conheceremos intimamente a posição de nossos inimigos. Não deve ter havido modificações significativas. Não se passou bastante tempo.

“Surpresa e o inesperado. O que mais poderiam esperar de seu Mentat Bashar?” Olhou fixo para Garimi, desafiando-a a proclamar mais dúvidas quanto à sua capacidade militar.

Ela fez outra pergunta. — Devemos assumir que Duncan Idaho o aconselha quanto a armas?

— Quando você tem o melhor, seria idiotice não usá-lo — ele disse.
— Mas ele vai acompanhá-lo como Mestre de Armas?

— Ele prefere não deixar a nave e vocês todas sabem por quê. Qual é o significado dessa pergunta?

Havia-a dobrado e silenciado e ela não gostara. Um homem não deveria poder manobrar uma Reverenda Madre assim!

Odrade avançou e pôs a mão no braço de Teg. —

Esqueceram que este ghola é nosso leal, amigo Miles Teg? —

Encarou rostos específicos na multidão, escolhendo aqueles que tinha certeza que observavam os televigias e sabiam que Teg era seu pai, movendo o olhar de rosto a rosto com lentidão deliberada que não podia ser mal interpretada.

“Alguma de vocês tem a ousadia de gritar *nepotismo!* Então olhem mais uma vez sua folha a nosso serviço!”

Os sons de Convocação tornaram-se novamente consoantes com outras graciosidades que esperavam das assembléias.

Terminou a dissonância vulgar de vozes existentes disputando a atenção. Agora adaptaram a fala aos moldes do canto gregoriano, embora não chegasse a ser um canto. As vozes moviam-se e fluíam juntas. Odrade sempre achava isso extraordinário. Ninguém dirigia a harmonia. Acontecia porque eram Bene Gesserit. Naturalmente.

Essa era a única explicação de que necessitavam. Acontecia porque tinham prática de se ajustarem umas às outras. A dança de seus movimentos do dia-a-dia continuava em suas vozes. Sócias, apesar de discórdias transitórias.

“Vou sentir falta disso.”

— Nunca é suficiente fazer predições precisas de acontecimentos aflitivos — disse. — Quem sabe isso melhor que nós? Há alguém entre nós que não tenha aprendido a lição do Kwisatz Haderach?

Não havia necessidade de entrar em pormenores. Predições funestas não alterariam seu curso. Isso manteve Bellonda calada.

As Bene Gesserit eram esclarecidas. Não pessoas obtusas que atacavam o portador de más notícias. Desprezar o mensageiro?

(Quem poderia esperar algo de útil de alguém assim?) Isso deveria ser evitado a todo custo. “Silenciaremos mensageiros desagradáveis, achando que o silêncio profundo da morte apaga a mensagem?” As Bene Gesserit eram sábias demais para isso! “A morte torna a voz do profeta mais alta ainda. Os mártires são realmente perigosos.”

Odrade observou a consciência reflexiva espalhar-se pela sala, até as arquibancadas mais altas.

“Estamos ingressando em tempos difíceis, Irmãs, e temos de aceitar isso. Até Murbella sabe. E sabe agora por que eu estava, tão ansiosa para fazer dela uma irmã. Todas sabemos, de uma maneira ou de outra.”

Odrade virou-se e olhou para Bellonda. Nenhum desapontamento. Bell sabia por que não estava entre as escolhidas.

“É nosso melhor caminho, Bell. Infiltrar. Pegá-las antes que sequer suspeitem o que estamos fazendo.”

Olhando para Murbella, Odrade viu percepção respeitosa.

Murbella estava começando a receber as primeiras remessas de bons conselhos da Outra Memória. O período maníaco havia passado e estava até voltando a sentir uma certa “ternura” por Duncan. Com o tempo, talvez... O treinamento Bene Gesserit garantia que iria julgar a Outra Memória por si mesma. Nada na postura de Murbella dizia: — Guardem a porcaria de seus conselhos! — Tinha comparações históricas e não podia fugir à sua mensagem evidente.

“Não marche nas ruas com outras que compartilham seus preconceitos. Altos gritos geralmente são os mais fáceis de ignorar.

— Olhe, olhe só para elas, gritando feito loucas! Você vai querer se juntar à sua causa?”

“Eu lhe disse, Murbella: agora julgue você mesma. Para criar mudanças procure posições vantajosas e use-as. Cuidado com becos sem saída. Ofertas de altas posições são uma distração

comum alardeada àqueles que marcham. As posições vantajosas não estão todas em altos postos. Estão muitas vezes em centros econômicos e de comunicações e, se não souber isso, um alto posto é inútil. Até tenentes podem alterar nosso rumo. Não alterando relatórios, mas enfurnando ordens indesejáveis. Bell retém ordens até quando acha que não têm mais efeito. Às vezes dou-lhe ordens exatamente para isso: para que faça seu joguinho de demora. Sabe disso, porém continua fazendo esse jugo. Saiba isso, Murbella! E depois de Compartilharmos, estude meu desempenho com muito cuidado.

A harmonia fora conseguida, mas a um preço. Odrade fez sinal de que a Convocação havia terminado, sabendo muito bem que nem todas as perguntas tinham sido respondidas ou mesmo feitas. Mas as perguntas não-feitas seriam filtradas através de Bell, onde teriam o tratamento mais apropriado.

As mais alertas das Irmãs não fariam perguntas. Já tinham visto seu plano.

Ao sair da Grande Sala Social, Odrade sentiu que aceitava um compromisso total com as escolhas que tinha feito, reconhecendo uma hesitação prévia pela primeira vez. Havia razões de lástima, mas só Murbella e Sheeana talvez as vissem.

Andando atrás de Bellonda, Odrade pensou “nos lugares onde nunca irei, as coisas que nunca verei, exceto como reflexos na vida de outra”.

Era uma forma de nostalgia centralizada nas Dispersões e isso amenizou sua dor. Havia coisas demais para uma só pessoa ver lá fora. Mesmo a Bene Gesserit com suas memórias acumuladas não poderia jamais esperar captá-las todas, não com cada mínimo detalhe interessante. Tinham de voltar aos grandes desenhos. O

Quadro Vasto, o Fluxo Principal. “As especialidades da minha Irmandade.” Aqui estavam os essenciais que os Mentats usavam: padrões, movimentos de correntes e o que essas correntes transportavam, aonde iam. Conseqüências. Não mapas, mas os fluxos.“Pelo menos preservei elementos-chave de nossa democracia monitorada por júri em sua forma original. Talvez me

agradeçam por isso algum dia.”

Procure a liberdade e ficará prisioneiro de seus desejos.

Procure a disciplina e encontrará sua liberdade.

— *O Coda*

— Quem esperava que a maquinaria do ar quebrasse?

O Rabino fez a pergunta sem se dirigir a ninguém especialmente. Estava sentado em um banquinho baixo, agarrando um rolo de pergaminho ao peito. O rolo havia sido reforçado por artifícios modernos, mas era velho e frágil. Não sabia que horas eram. Provavelmente o meio da manhã. Eles haviam ingerido há pouco tempo uma comida que poderia ser chamada de café da manhã. — *Eu* esperava.

Parecia que ele estava se dirigindo ao rolo de pergaminho. —

A Páscoa veio e se foi e nossa porta estava fechada.

Rebecca veio e ficou em pé perto dele. — Por favor, Rabino.

Como isso vai ajudar Joshua em seu trabalho?

— Não fomos abandonados — o Rabino disse para o rolo de pergaminho. — Nós é que nos escondemos. Quando não podemos ser encontrados por estranhos, como poderia alguém nos procurar e ajudar?Olhou abruptamente para Rebecca, parecendo uma coruja atrás dos óculos. — Você nos trouxe o mal, Rebecca?

Ela entendeu o que queria dizer. — Os estranhos sempre acham que há algo abominável nas Bene Gesserit — ela disse.

— Então agora eu, seu Rabino, sou um estranho!

— Isso é alienar-se, Rabino. Falo do ponto de vista da Irmandade que me fez ajudar. O que elas fazem é muitas vezes maçante. Repetitivo, mas não nefando.

— *Eu* a fiz ajudar? Sim, fiz isso. Perdoe-me, Rebecca. É

minha culpa o mal se juntar a nós.

— Rabino! Pare com isso. Elas são um clã ampliado. E

apesar disso, mantêm um individualismo sensível. Um clã ampliado não significa nada para você? Será que minha dignidade o ofende?

— Vou-lhe dizer, Rebecca, o que me ofende. Por minha mão você aprendeu a seguir livros diferentes de... — Ergueu o rolo de pergaminho como se fosse um cacete.

— Livro nenhum, Rabino. Oh, elas têm um Coda mas é só uma coleção de lembretes, às vezes úteis, às vezes para serem descartados. Adaptam sempre o Coda às necessidades atuais.

— Há livros que não podem ser “adaptados”, Rebecca!

Olhou-o fixamente sem esconder sua consternação. Era assim que ele via a Irmandade? Ou seria o medo falando?

Joshua veio ficar junto dela, as mãos cheias de graxa, manchas pretas na testa e nas faces. — Sua sugestão estava certa.

Está funcionando de novo. Por quanto tempo, não sei. O problema é que... — Você não sabe qual é o problema — o Rabino interrompeu.

— O problema mecânico, Rabino — disse Rebecca. — Esse campo de não-câmara distorce a maquinaria.

— Não poderíamos ter trazido maquinaria sem atrito — disse Joshua. — Revelaria demais, sem mencionar o custo.

— Não é só sua maquinaria que foi distorcida.

Joshua olhou para Rebecca, levantando as sobrancelhas. “O

que há de errado com ele?” Então Joshua também confiava em percepções Bene Gesserit. Isso ofendia o Rabino. Seu rebanho buscava orientação em outros lugares.

O Rabino a surpreendeu então. — Acha que estou com ciúmes, Rebecca?

Ela abanou a cabeça negativamente.

— Você demonstra talentos — disse o Rabino — que outros imediatamente usam. Sua sugestão consertou a maquinaria?

Esses... esses Outros lhe disseram o que fazer?

Rebecca encolheu os ombros. Esse era o antigo Rabino, que não deveria ser desafiado em sua própria casa.

— Eu deveria elogiar você? — perguntou o Rabino. — Você tem poder? Agora vai nos governar?

— Ninguém, muito menos eu, jamais sugeriu isso, Rabino.

— Estava ofendida e não se incomodava de demonstrá-lo.

— Perdoe-me, filha. Isso é o que vocês chamam de irreverência.

— Não preciso de seus elogios, Rabino. E é claro que perdôo. — Seus Outros têm algo a dizer sobre isso?

— As Bene Gesserit dizem que o medo de elogios vem de uma antiga proibição de elogiar seu filho porque isso atraía a ira dos deuses.Ele abaixou a cabeça. — Às vezes, um pouco de sabedoria.

Joshua parecia encabulado. — Vou tentar dormir. Tenho de descansar. — Dirigiu um olhar significativo à área da maquinaria, de onde vinha um rumor fanhoso.

Foi em direção ao lado escuro da sala, tropeçando em um brinquedo de criança.

O Rabino botou a mão no banco a seu lado. — Sente-se, Rebecca.

Ela sentou.

— Estou receoso por você, por nós, por tudo que representamos. — Acariciou o rolo de pergaminho. — Fomos leais

por tantas gerações. — Seu olhar varreu a sala. — E nem sequer temos um *quorum* aqui.

Rebecca enxugou as lágrimas dos olhos. — Rabino, está fazendo mau juízo da Irmandade. Elas só querem aperfeiçoar os humanos e seus governos.

— É isso que dizem.

— É isso que *eu* digo. O governo, para elas, é uma forma de arte. Acha isso engraçado?

— Você desperta minha curiosidade. Essas mulheres estão iludindo a si mesmas com sonhos de sua própria importância?

— Elas se consideram cães vigilantes.

— Cães?

— Cães *vigilantes,* alertas para quando uma lição possa ser ensinada. É isso que buscam. Nunca tente ensinar uma lição a alguém que não possa absorvê-la.

— Sempre esses bocadinhos de sabedoria. — Ele parecia triste. — E elas se governam *artisticamente?*

— Consideram-se um júri com poderes absolutos que nenhuma lei pode vetar.

Sacudiu o rolo de pergaminho em frente ao rosto dela. — Foi isso que pensei!

— Nenhuma lei “humana”, Rabino.

— Você me diz que essas mulheres que fazem religiões à vontade acreditam em... em um poder maior que elas.

— A crença delas não concordaria com a nossa, Rabino, mas não acredito que seja nociva.

— O que é essa... essa crença?

— Elas chamam de “Tendência niveladora”. Vêem isso geneticamente e como instinto. Pais brilhantes tendem a ter filhos mais perto da média, por exemplo.

— Uma tendência. E “isso” é uma crença?

— É por isso que evitam proeminência. São conselheiras, até mesmo fazedoras de reis em certas ocasiões, mas não querem estar no alvo.

— Essa tendência... elas acreditam que haja um Fazedor de Tendências?

— Não presumem que exista. Somente que há esse movimento observável.

— Então o que fazem com essa tendência?

— Tomam precauções.

— Na presença de Satã, é o que acho!

— Elas não se opõem à corrente, mas parecem só atravessá-la, fazendo com que trabalhe a seu favor, usando os remoinhos.

— Ohhh!

— Os mestres de navegação antigos compreendiam isso muito bem, Rabino. A Irmandade tem o que, na verdade, são cartas marítimas atuais que lhes dizem o que evitar e onde concentrar seus maiores esforços.

Ele acenou novamente com o rolo. — Isto aqui não é uma carta atual.

— Está interpretando mal, Rabino. Conhecem as falácias das máquinas esmagadoras. — Lançou um olhar para a maquinaria esforçando-se para trabalhar. — Elas nos vêem em correntes que a maquinaria não pode arrostar.

— Essas pequenas sabedorias. Não sei, filha. Meter-se em política eu aceito. Mas em assuntos sagrados...

— Uma tendência niveladora, Rabino. Influência da massa em inovadores brilhantes que saem do rebanho e produzem coisas novas. Mesmo quando a novidade nos ajuda, a tendência pega o inovador.

— Quem pode dizer o que nos ajuda, Rebecca?

— Estou apenas dizendo aquilo em que elas acreditam.

Vêem impostos como evidência da tendência, tirando energia livre que poderia criar mais coisas novas. Uma pessoa sensibilizada detecta isso, dizem.

— E essas... essas Honradas Madres?

— São parte da configuração. Um governo de poder fechado, concentrado em tornar todos os que o desafiam potencialmente ineficazes. Exclua os muito vivos. Inteligência embotada.

Um leve *bip* veio da área da maquinaria. Joshua tinha passado por eles antes que pudessem se levantar. Inclinou-se sobre a tela que revelava o que se passava na superfície.

— Voltaram — disse. — Vejam! Estão cavando nas cinzas diretamente acima de nós.

— Encontraram-nos? — O Rabino parecia quase aliviado.

Joshua observava a tela.

Rebecca colocou a cabeça junto da dele, estudando os cavadores — dez homens com o olhar sonhador daqueles que foram unidos a Honradas Madres.

— Só cavam ao acaso — disse Rebecca, empertigando-se.

— Tem certeza? — Joshua ficou de pé e olhou seu rosto, buscando uma confirmação secreta.

Qualquer Bene Gesserit poderia ver isso.

— Veja você mesmo. — Fez um gesto para a tela. — Estão indo embora. Vão para o chiqueiro-sligo agora.

— É o lugar deles — resmungou o Rabino.

As escolhas exeqüíveis acontecem num cadinho de erros informativos. Conseqüentemente, a Inteligência aceita a falibilidade.

E quando não se conhecem escolhas absolutas (infalíveis), a Inteligência se arrisca com dados limitados, numa arena onde os erros não são apenas possíveis, mas necessários. — Darwi Odrade
A Madre Superiora não tomou simplesmente uma barcaça espacial que estivesse de saída e transferiu-se para uma não-nave

qualquer. Havia planos, providências, estratégias — contingências sobre contingências.

Levou oito dias febris. A distribuição do tempo com Teg tinha de ser precisa. As conversas com Murbella consumiram horas. Ela tinha de saber o que enfrentaria.

“Descubra seu calcanhar-de-aquiles, Murbella, e terá tudo nas mãos. Fique na nave de observação enquanto Teg ataca, mas esteja atenta.”

Odrade recebeu conselho detalhado de todos que poderiam ajudar. Então veio o implante de sinais vitais criptografados para transmitir suas observações secretas. Uma não-nave e uma barcaça de longo alcance tinham de ser readaptadas, com a tripulação escolhida por Teg.

Bellonda murmurou e resmungou, até que Odrade interveio.

— Você está desviando minha atenção! É isso que pretende? Enfraquecer-me? — Era já manhã alta, quatro dias antes da partida e estavam temporariamente sozinhas no gabinete. O

tempo era claro, porém inusitada-mente frio para a estação, e o ar tinha um toque de ocre causado por uma tempestade de areia que assolara a Central na noite anterior.

— A Convocação foi um erro! — Bellonda precisava dar seu golpe de despedida.

Odrade viu-se respondendo com aspereza a Bellonda, que se tornara cáustica demais: — Necessária!

— Para você, talvez! Está dando adeus à *família.* Mas nos deixa aqui, lavando a roupa uma da outra.

— Você veio aqui só para reclamar da Convocação?

— Não gostei de seu mais recente comentário sobre as Honradas Madres! Deveria ter nos consultado antes de espalhar...

— Elas são parasitas, Bell! Era tempo de deixar isso claro: um conhecido ponto fraco. E o que faz um corpo afligido por parasitas? — Odrade disse isso com um largo sorriso.

— Dar, quando você adota essa... essa pose pseudo-humorística, tenho vontade de estrangulá-la!

— Você o faria sorrindo, Bell?

— Maldita seja, Dar! Um destes dias...

— Não temos mais muitos dias juntas, Bell, e isso é o que a está consumindo. Responda à minha pergunta.

— Responda-a você!

— O corpo acolhe bem uma limpeza periódica dos parasitas.

Até os viciados sonham com a liberdade.

— Ahhhhhhh. — O Mentat se revelou nos olhos de Bellonda.

— Você acha que o vício das Honradas Madres pode ser tornado doloroso?

— Apesar de sua terrível incapacidade para o humor, você ainda consegue funcionar.

Um sorriso cruel curvou a boca de Bellonda.

— Consegui diverti-la — Odrade disse.

— Deixe-me discutir isso com Tam. Ela tem uma cabeça melhor para estratégia. Embora... o Compartilhar tenha-a amolecido.

Depois que Bellonda saiu, Odrade recostou-se e riu silenciosamente. “Amoleceu! Não amoleça amanhã, Dar, quando Compartilhar. O Mentat tropeça na lógica e perde o coração. Ela vê o processo e preocupa-se com o fracasso. O que faremos se... Nós

abrimos janelas, Bell, e deixamos entrar o bom senso. Até mesmo hilaridade. Põe mais assuntos sérios em perspectiva. Pobre Bell, minha Irmã defeituosa. Sempre alguma coisa para ocupar seu nervosismo."

Na manhã da partida, Odrade saiu da Central enredada em seus pensamentos — num humor introspectivo, preocupada com o que aprendera quando Compartilhara com Murbella e Sheeana.

"Estou sendo auto-indulgente."

Isso não oferecia nenhum alívio. Seus pensamentos estavam enquadrados pela Outra Memória e por um fatalismo quase cínico.

"Abelhas-Mestras enxameando?"

Isso fora sugerido a respeito das Honradas Madres.

"Mas Sheeana? E Tam aprova?"

Havia aí mais do que uma Dispersão.

"Não posso segui-la ao seu lugar selvagem, Sheeana. Minha tarefa é produzir ordem. Não posso arriscar o que você ousou. Há muitas espécies de arte. A sua me causa aversão."

Ajudou-a absorver as vidas da Outra Memória de Murbella.

Seu conhecimento era uma poderosa alavanca sobre as Honradas Madres, mas estava repleto de matizes inquietantes.

"Não o hipnotranse. Elas usam indução celular, um subproduto de suas malditas Sondas-T! Compulsão inconsciente!

Como é tentador usá-la em nosso benefício. Mas é aí que as Honradas Madres são mais vulneráveis — um enorme conteúdo de inconsciência trancado por suas próprias decisões. A solução de Murbella apenas enfatiza seu perigo para nós."

Chegaram à Plataforma de Aterrissagem em meio a um vendaval que as golpeou quando saíram do carro. Odrade tinha proibido uma caminhada através do que havia restado dos pomares e das vinhas.

Partindo pela última vez? A pergunta estava nos olhos de Bellonda, quando disse adeus. Na carranca preocupada de Sheeana.

“A Madre Superiora aceita minha decisão?

“Provisoriamente, Sheeana. Provisoriamente. Mas não preveni Murbella. Assim... talvez eu compartilhe a opinião de Tam.”

Dortujla, na vanguarda do grupo de Odrade, estava absorta.

“Compreensível. Ela esteve lá... e assistiu à cena de suas Irmãs devoradas. Coragem, Irmã! Ainda não fomos derrotadas.”

Apenas Murbella tinha aparecido para enfrentar a situação, mas estava antecipando o encontro de Odrade com a Rainha Aranha.“Terei preparado a Madre Superiora o suficiente? Será que ela sabe bem o perigo que corre?”

Odrade afastou esses pensamentos. Havia coisas a fazer na travessia. As Honradas Madres podiam ser analisadas quase fora da realidade, mas o verdadeiro confronto ocorreria como viesse —

um desempenho de jazz. Ela gostava da *idéia* do jazz, embora a música a distraísse com seu antigo sabor e seus mergulhos no desvario. Entretanto, o jazz falava da vida. Nunca dois desempenhos idênticos. Os músicos reagiam ao que recebiam dos outros: jazz.

“Alimente-nos com jazz.”

As viagens pelo ar e pelo espaço geralmente não tinham nada a ver com o tempo. Abriam o caminho à força de interferências transitórias. Dependem da Meteorologia para providenciar janelas de lançamento através das tempestades e da cobertura das nuvens.

Os planetas desertos eram uma exceção, e teriam de ser introduzidos nas equações da Sede muito em breve. Muitas mudanças, inclusive a volta às práticas mortuárias dos Fremen. O

reaproveitamento da água e da potassa dos corpos.

Odrade falava a respeito, enquanto esperavam ser transportadas para a nave. Essa vasta faixa de terra seca e ardente expandindo-se ao redor do equador do planeta começaria logo a gerar ventos perigosos. Um dia, haveria tempestades coriólis: um alto-forno do interior do deserto, com velocidades de centenas de quilômetros por hora. Duna tinha visto ventos de mais de 700km por hora. Até as barcaças espaciais tomavam conhecimento de tal força. As viagens espaciais estariam sujeitas aos constantes caprichos das condições da superfície. E a frágil carne humana deveria procurar encontrar qualquer abrigo que pudesse.

“Como sempre fizemos.”

A sala de estar da Plataforma era antiga. Construída em pedra, seu principal material de construção. Cadeiras-linga espartanas e mesas baixas de plaz moldado eram mais recentes.

Não se podia deixar de observar a economia, mesmo para a Madre Superiora.

A barcaça chegou num redemoinho de poeira. Nada de tolices de pára-choques suspensores. Seria uma subida rápida, com acelerações gravitacionais desconfortáveis, mas a altura não seria suficiente para machucar a carne.

Odrade sentiu-se quase separada do corpo quando fez suas últimas despedidas, e transformou a Sede da Irmandade num triunvirato de Sheeana, Murbella e Bellonda. Uma palavra final: —

Não interfiram com Teg. E não quero que nada de mal aconteça a Duncan. Ouviu bem, Bell?

Com toda essa maravilhosa tecnologia de que dispunham, não podiam, ainda assim, impedir que a espessa tempestade de areia as cegasse quando levantaram vôo. Odrade fechou os olhos e

aceitou o fato de que não teria uma última visão de baixo nível do seu amado planeta. Acordou com o baque surdo da nave atracando.

O carro-bala esperando no corredor logo adiante da barreira. Uma travessia agitada aos alojamentos. Tamalane, Dortujla e a acólita servente mantinham silêncio, respeitando o desejo da Madre Superiora de estar com seus pensamentos.

Os aposentos, pelo menos, eram familiares, o padrão das naves Bene Gesserit: uma pequena sala de estar, que era ao mesmo tempo destinada às refeições, em plaz de um verde-claro uniforme; um quarto de dormir de dimensões menores, com paredes da mesma cor e um único catre duro. Conheciam as preferências da Madre Superiora. Odrade relanceou os olhos para o sanitário usiforme, com banho e vaso. Instalações padrão. Os aposentos ao lado, para Tamalane e Dortujla, eram semelhantes. Haveria tempo mais tarde para se olharem as readaptações da nave.

Tudo o que era necessário estava lá. Inclusive elementos discretos de apoio psicológico: cores suaves, móveis familiares, um cenário planejado de modo a não perturbar seus processos mentais.

Ela deu as ordens de partida antes de retornar à sala de estar.

A refeição a esperava numa mesa baixa — frutazul, doce e suculenta, uma deliciosa pasta amarela no pão, especialmente para restaurar suas energias. Muito bom. Observou a acólita designada para servi-la, no trabalho discreto de arrumar os pertences da Madre Superiora. Por um segundo, seu nome fugiu à mente de Odrade.

Logo depois lembrou-se: Suipol. Uma coisinha escura, com um rosto calmo e redondo e atitudes tranqüilas. “Não uma das mais brilhantes, mas de garantida eficiência.”

De repente ocorreu a Odrade que essas atribuições tinham um elemento empedernido em si. “Uma pequena comitiva, para não ofender as Honradas Madres. E ter um mínimo de perdas.”

— Já desempacotou minhas coisas, Suipol?

— Sim, Madre Superiora. — Muito orgulhosa por ter sido escolhida para esta importante missão. Via-se pelo seu andar, quando saiu.

“Há coisas que você não pode desempacotar para mim, Suipol. Carrego-as na cabeça.”

Nenhuma Bene Gesserit da Sede da Irmandade jamais tinha deixado o planeta, sem levar consigo uma certa dose de chauvinismo. Os outros lugares nunca eram tão belos, tão tranqüilos nem tão agradáveis como lugar de moradia.

“Mas isso se referia à Sede que existia antes.”

Era um aspecto da transformação do deserto que ela nunca tinha visto dessa forma. A Sede da Irmandade estava removendo a si própria. Indo embora, para nunca mais, pelo menos não no período da vida daqueles que a conheciam agora. Era como ser abandonada por um pai amado — com desdém e maldade.

“Você não é mais importante para mim, criança.”

No processo de tornar-se uma Reverenda Madre, elas eram ensinadas que as viagens podiam oferecer um desvio tranqüilo para repouso. Odrade tinha a firme intenção de tirar proveito disso, e avisou suas companheiras logo depois de comerem. — Poupem-me os detalhes.

Através de Suipol, convocou Tamalane e falou-lhe em seu próprio ritmo conciso: — Vistorie os consertos e relate-me o que for necessário. Leve Dortujla.

— Essa aí tem uma boa cabeça. — Era um alto elogio, vindo de Tam. — Quando tivermos acabado, isolem-me tanto quanto possível. Durante uma boa parte da travessia, Odrade envolveu-se nas correias do catre e ocupou-se do que podia ser chamado de testamento ou últimos desejos.

“Quem seria a testamenteira?”

Murbella era sua escolha pessoal, principalmente depois do Compartilhar com Sheeana. No entanto, a menina de Duria era ainda uma forte candidata, caso esta aventura no Entroncamento falhasse.

Alguns achavam que qualquer Reverenda Madre serviria, se a responsabilidade recaísse sobre seus ombros. Mas não nestes tempos. Não com a cilada armada. Provavelmente as Honradas Madres não evitariam a armadilha.

“Se é que as julgamos corretamente. E as informações de Murbella revelam que fizemos o possível. Aí está a entrada para as

Honradas Madres, e oh, como ela parecerá convidativa. Elas não verão o beco sem saída, a não ser quando já estiverem bem dentro dele. Tarde demais! “Mas se falharmos?”

Os sobreviventes (se houvesse algum) olhariam Odrade com desprezo. “Muitas vezes senti-me diminuída, mas nunca um objeto de desprezo. Embora as decisões que tomei possam não ser nunca aceitas por minhas Irmãs. Pelo menos, não me desculpo... nem mesmo com aquelas com quem Compartilhei. Elas sabem que minha resposta vem de uma escuridão anterior ao alvorecer da humanidade. Qualquer uma de nós pode agir futilmente ou mesmo cometer uma grande tolice. Mas meu plano tem possibilidade de dar-nos a vitória. Não’ sobreviveremos’, simplesmente. Nosso ideal exige que sejamos persistentes com união. Os humanos precisam de nós! Às vezes, eles necessitam de religiões. Outras, precisam apenas saber que suas crenças são tão vazias como suas

esperanças de nobreza. Nós somos a fonte. Quando se removem as máscaras, é isso que fica: nosso Nicho."

Sentiu, então, que essa nave a estava levando para o abismo. Cada vez mais próxima da horrível ameaça.

"Sou eu quem vai ao machado; não ele a mim." Não se pensava em exterminar esse inimigo. Desde que a Dispersão aumentara a população humana, isso não tinha mais sido possível.

Uma falha nos esquemas das Honradas Madres.

O *bip* agudo e o pisca-pisca laranja que assinalavam a chegada arrancaram-na de seu repouso. Livrou-se, com certa dificuldade, das correias de segurança e, tendo Tam, Dortujla e Suipol logo atrás de si, seguiu um guia até a barreira de transporte, onde uma barcaça espacial de longo alcance estava presa ao frontispício da nave. Odrade pôde vê-la nos dispositivos exploradores da antepara. Incrivelmente pequena!

— Serão apenas dezenove horas — dissera Duncan. — Mas é a distância máxima a que ousamos trazer a não-nave. É certo que elas têm sensores nas dobras do espaço bem em volta do Entroncamento.

Bell, desta vez, estava de acordo. "Não arrisque a nave. Ela está lá para traçar os esquemas das defesas exteriores de receber

suas transmissões, não simplesmente para levar a Madre Superiora." A barcaça era o sensor dianteiro, assinalando o que encontrasse.

"E eu sou o sensor extremo, um corpo frágil com instrumentos delicados."

Havia setas de orientação na barreira. Odrade ia à frente.

Atravessaram um pequeno tubo em queda livre. Ela viu-se numa cabina surpreendentemente luxuosa. Suipol, saltando logo atrás, reconheceu-a e subiu um ponto na estima de Odrade.

— Era uma nave de contrabandista.

Alguém esperava por elas. Um homem, pelo cheiro, mas um capacete opaco de piloto — cheio de conectores — escondia-lhe a face. — Entrem todos e atem-se com as correias. Uma voz de homem, dentro dessa instrumentação. “Teg o escolheu. Será o melhor de todos.”

Odrade escorregou para um assento atrás da portinhola de aterrissagem e viu as grossas saliências do equipamento de teia enrolado. Ouviu as outras obedecerem ao comando do piloto.

— Todas seguras? Permaneçam com as correias até que eu diga o contrário. — Sua voz vinha de um alto-falante flutuante atrás de seu assento, no comando da direção.

Ouviu-se o som do umbigo — bap! Odrade sentiu movimentos moderados, mas a visão no retransmissor a seu lado mostrou a não-nave retrocedendo a uma velocidade notável.

Desapareceu num piscar de olhos.

“Cuidando de seus negócios, antes que alguém venha investigar.

A barcaça tinha uma velocidade surpreendente. Os dispositivos exploradores davam notícia de estações planetárias e barreiras de transição a mais de 18 horas de distância, mas os pontos cintilantes que as identificavam eram visíveis somente porque tinham sido aumentados. Uma abertura no explorador dizia que as estações seriam visíveis a olho nu em pouco mais de 12

horas.

A sensação de movimento cessou abruptamente, e Odrade não mais sentiu a aceleração que seus olhos denunciavam. “Cabine suspensora. Tecnologia ixiana para um campo nulo deste tamanho.”

Onde Teg a teria adquirido?

“Não é necessário que eu saiba. Por que relatar à Madre Superiora onde está localizada cada plantação de carvalho?”

Observou os contatos do sensor começarem dentro de uma hora e, silenciosamente, agradeceu a Duncan por sua astúcia.

“Estamos começando a conhecer essas Honradas Madres.”

O modelo defensivo do Entroncamento era evidente, mesmo sem análise dos dispositivos de exploração. Planos sobrepostos!

Bem como Teg tinha predito. Com o conhecimento do espaçamento das barreiras, o pessoal de Teg poderia tecer um outro globo ao redor do planeta.

“Com toda certeza não é assim tão simples.”

Seriam as Honradas Madres tão confiantes em seu poder esmagador a ponto de ignorar precauções elementares?

A Estação Planetária Quatro começou a chamar quando estavam a menos de três horas da partida. — Identifiquem-se!

Odrade pôde perceber um “ou então...” nesse comando. A resposta do piloto obviamente surpreendeu os observadores. —

Vocês vêm numa naveta de contrabandistas?

“Então elas a reconhecem. Teg está certo, mais uma vez.”

— Estou me preparando para destruir o equipamento sensor da direção da nave — anunciou o piloto. — Isso nos dará maior impulso. Certifiquem-se de que todas estão bem presas.

A Estação Quatro percebeu. — Por que estão aumentando a velocidade?

Odrade inclinou-se para a frente. — Repita o contra-sinal e diga que nosso grupo está fatigado pela longa permanência em local restrito. Acrescente que estou equipada com um transmissor de sinais vitais para alertar meu povo, caso eu morra.

“Elas não vão encontrar o código! Como Duncan fora esperto.

E Bell não estava surpresa com o que ele escondera no sistema da nave? Mais romantismo!”

O piloto retransmitiu suas palavras. Veio a ordem de volta: —

Reduzam a velocidade e limitem-se a essas coordenadas para a aterrissagem. Estamos assumindo o controle da sua nave neste ponto. O piloto tocou um campo amarelo em sua mesa. — Do jeito que o Bashar disse que fariam. — Um tom de satisfação em sua voz. Ergueu o capacete e voltou-se.

Odrade ficou chocada.

“Cyborg!”

O rosto era uma máscara de metal com duas cintilantes bolas de prata no lugar dos olhos.

“Entramos em terreno perigoso.”

— Não lhe contaram? — ele perguntou — Não tenha pena.

Eu estava morto, e isto me devolveu a vida. É Clairby, Madre Superiora. E quando eu morrer, desta vez, isso me dará vida como ghola. “Maldição! Estamos negociando numa moeda que pode nos contradizer. Tarde demais para mudar. E esse era o plano de Teg.

Mas... Clairby?

A barcaça aterrissou com uma suavidade que revelava o magnífico controle da Estação Quatro. Odrade soube o momento, porque a paisagem bem delineada visível no explorador não se moveu mais. O campo nulificado foi desligado e ela sentiu a gravidade. Abriu-se a portinhola diretamente à sua frente. A temperatura era agradavelmente aquecida. Barulho lá fora. Crianças divertindo-se em jogos competitivos?

Com a bagagem flutuando atrás de si, ela subiu um pequeno lance de escadas e viu que, de fato, o barulho vinha de um grande grupo de crianças num campo das proximidades. Todas do sexo feminino, em final de adolescência. Estavam lançando, de um lado para o outro, uma bola suspensora, gritando e falando alto enquanto jogavam.

“Encenação dirigida a nós?”

Pareceu-lhe que sim. Haveria possivelmente duas mil jovens naquele campo.

“Veja quantas recrutas vêm por aí!”

Ninguém a cumprimentou, mas Odrade viu uma estrutura familiar no fim de uma alameda pavimentada à sua esquerda.

Tratava-se obviamente de um artefato da Corporação Espacial aumentada com uma torre recente. Falava da torre enquanto relanceava em volta, dando ao transmissor implantado informações sobre uma mudança na planta de Teg. No entanto, ninguém que algum dia tivesse visto edifícios da Corporação poderia enganar-se a respeito desse lugar.

Então este era igual a outros planetas do Entroncamento. Em algum lugar dos registros da Corporação haveria, sem dúvida, um número de série e um código para ele. Há tanto tempo sob seu controle, antes das Honradas Madres, que nesses primeiros momentos de desembarque, em contato com o solo, tudo a seu redor parecia apresentar as características da Corporação. Até mesmo o campo

de jogos — projetado para os encontros ao ar livre dos Navegadores, em seus recipientes de gás de melange.

A característica da Corporação: era composta de tecnologia ixiana e projeto dos Navegadores — construções envolvendo espaço no modo mais conservador de energia, caminhos diretos; poucas pistas deslizadoras. Eram dispendiosas, e somente os que estavam ligados à gravidade precisavam delas. Não havia flores plantadas nas proximidades da Plataforma de Aterrissagem. Eram suscetíveis de destruição acidental. E aquela tonalidade cinza permanente — não prateada, mas opaca como a pele dos Tleilaxu.

A estrutura à sua esquerda era uma grande forma bojuda com protuberâncias, algumas redondas e outras angulares. Não fora uma hospedaria luxuosa. Pequenos cantos opulentos, naturalmente, mas esses eram raros, construídos para pessoas muito importantes, principalmente inspetores da Corporação.

“Mais uma vez Teg está certo. As Honradas Madres apoderaram-se das estruturas existentes, remodelando o mínimo possível. Uma torre!”

Odrade lembrou-se então: “Este não é apenas um outro mundo, mas uma outra sociedade, com seu próprio agente adesivo social.” Tinha percebido isso a partir de seu Compartilhar com Murbella, mas achava que ainda não havia penetrado naquilo que

mantinha as Honradas Madres unidas. Com certeza não apenas a sede de poder.

— Caminharemos — disse, e dirigiu-se pela alameda pavimentada em direção à estrutura gigantesca.

“Adeus, Clairby. Faça explodir sua nave o quanto antes. Será a nossa primeira grande surpresa para as Honradas Madres.”

A grande construção assomou mais alta à sua aproximação.

A coisa mais surpreendente para Odrade, sempre que ela via uma dessas construções funcionais, era que alguém tinha tido um enorme cuidado em planejá-la. Detalhes intencionais em tudo, embora às vezes fosse necessário descobri-los. O orçamento determinava a qualidade rebaixada em muitas escolhas, sendo dada preferência à durabilidade, em detrimento do luxo ou do apelo visual. Concessão, e como toda concessão, não satisfazia ninguém.

Os tesoureiros, sem dúvida, tinham reclamado do preço, e os ocupantes atuais podiam ainda sentir-se irritados com as falhas.

Não importa. A coisa era substância tangível. Devia ser usada agora. Uma outra concessão.

A sala de espera era menor do que esperava. Algumas mudanças interiores. Somente aproximadamente seis metros de comprimento e talvez quatro metros de largura. O balcão de recepção estava à direita de quem entrava. Odrade mandou que Suipol registrasse o grupo e indicasse que o resto da comitiva esperaria na área aberta, a uma considerável distância um do outro.

A traição ainda não tinha sido inteiramente descartada.

Dortujla obviamente a esperava. Parecia resignada.

Odrade fez uma cuidadosa inspeção e comentou sobre o ambiente. Cheio de televigias, mas o resto...

Cada vez que entrava num desses lugares tinha a sensação de estar num museu. A Outra Memória dizia-lhe que hospedarias desse tipo não haviam mudado consideravelmente durante eras.

Mesmo nos tempos antigos, encontravam-se exemplos. Um lampejo do passado nos lustres — gigantescos objetos resplandecentes, imitando dispositivos elétricos, porém equipados com globos luminosos. Dois deles dominavam o teto como espaçonaves imaginárias, descendo do espaço com esplendor.

Havia mais vislumbres do passado, que poucas pessoas desta era perceberiam. O arranjo da área da recepção atrás de aberturas em grade, o espaço para esperar com sua mistura de assentos e iluminação inconveniente, letreiros indicando a direção de serviços — restaurantes, salas de narcóticos, bares de encontros, instalações para exercícios e natação, salas de automassagem e similares. Somente a língua e a escrita tinham mudado, em relação aos tempos de outrora. Se a linguagem fosse conhecida, os letreiros seriam reconhecíveis aos primitivos anteriores à era espacial. Esta era uma parada temporária.

Repleto de instalações de segurança. Algumas tinham a aparência de artefatos de Dispersão. Ix e a Corporação nunca desperdiçaram ouro em televigias e sensores.

Havia uma dança frenética de criados-robôs no recinto da recepção — movimento para lá e para cá, limpeza, reconhecimento de detritos, orientação de recém-chegados. Um grupo de quatro Ixianos precedeu a comitiva de Odrade. Ela prestou-lhes bastante atenção. Cheios de auto-importância, ao mesmo tempo que receosos.

A seus olhos Bene Gesserit, as pessoas de Ix eram sempre reconhecíveis, independente dos disfarces. A estrutura básica de sua sociedade coloria seus indivíduos. Exibiam uma atitude hogbenesca em relação à sua ciência: que as exigências econômicas e políticas determinavam a pesquisa que era permissível. Isso revelava que a ingenuidade inocente dos sonhos sociais ixianos tornara-se a realidade do centralismo burocrático —

uma nova aristocracia. Assim levados a um declínio que não seria interrompido por nenhuma acomodação que esse grupo ixiano pudesse fazer com as Honradas Madres.

“Independente do resultado de nossa disputa, Ix está no fim.

Pode-se testemunhar que não tem havido inovações ixianas durante séculos.”

Suipol voltou. — Pedem que esperemos por um acompanhante.

Odrade resolveu iniciar as negociações imediatamente, com uma conversa que visava atingir Suipol, os televigias e as ouvintes

em sua não-nave.

— Suipol, você notou aqueles Ixianos na nossa frente?

— Sim, Madre Superiora.

— Preste bem atenção neles. São produto de uma sociedade em extinção. É ingênuo esperar que qualquer burocracia faça bom uso de quaisquer inovações brilhantes. As burocracias fazem outro tipo de perguntas. Sabe quais são?

— Não, Madre Superiora. — Palavras ditas depois de um olhar perscrutador em volta.

“Ela sabe! Mas está vendo o que estou fazendo. Que garota!

Eu a subestimei.”

— São perguntas típicas, Suipol: Quem recebe o crédito?

Quem será culpado se houver problemas? Mudará a estrutura de poder, custando-nos empregos? Ou tornará algum departamento secundário mais importante?

Suipol assentiu, atendendo à deixa, mas seu olhar aos televigias parecia um pouco óbvio demais. Não importa.

— Essas perguntas políticas — disse Odrade —

demonstram como as razões da burocracia se opõem diretamente à necessidade de adaptar-se à mudança. A capacidade de adaptação é uma exigência primordial para a sobrevivência.

“Hora de falar diretamente às nossas anfitriãs.”

Voltou a atenção para cima, visando um televigia proeminente no lustre. — Observe esses Ixianos. Sua “mente num universo determinista” deu lugar à “mente num universo ilimitado”

onde *qualquer coisa* pode acontecer. A anarquia criativa é o caminho para a sobrevivência neste universo.

— Obrigada pela aula, Madre Superiora.

“Deus a abençoe, Suipol.”

— Depois de todas as suas experiências conosco — Suipol disse eles com toda certeza não põem em dúvida nossa mútua lealdade.

“Que o Destino a conserve! Essa aí está pronta para a Agonia, e talvez nem chegue a conhecê-la.”

Odrade só podia concordar com a conclusão da acólita. A obediência aos métodos Bene Gesserit vinha de dentro, daqueles

detalhes constantemente controlados que mantinham sua própria casa em ordem. Não era uma visão filosófica, mas pragmática do livre-arbítrio. Qualquer reivindicação que a Irmandade pudesse ter no sentido de abrir seu próprio caminho num universo hostil jazia na adesão escrupulosa à lealdade mútua, um acordo forjado na Agonia. A Sede da Irmandade e suas poucas restantes subsidiárias eram sementeiras de uma ordem fundada em compartilhar e no Compartilhar. Não baseada na inocência. Isso fora perdido há muito tempo. Era firmemente estabelecida na consciência política e numa perspectiva da história independente de outras leis e costumes.

— Não somos máquinas — Odrade disse, relanceando o olhar pelos autômatos ao redor. — Sempre confiamos nas relações pessoais, sem saber nunca aonde elas nos levarão.

Tamalane aproximou-se de Odrade. — Não acha que elas deveriam enviar-nos um recado, pelo menos?

— Já nos enviaram, Tam, colocando-nos numa hospedaria de segunda classe. E eu dei a resposta.

Basicamente, todas as coisas são conhecidas, porque as pessoas querem acreditar que as conhecem.

— Koan Zensunni

Teg respirou profundamente. Gammu estava diretamente em frente, exatamente onde seus navegadores disseram que estaria quando eles emergissem das Dobras do Espaço. Ele observava isso no painel da estação de comando da nave capitania, ao lado de uma atenta Streggi.

Ela não estava satisfeita em vê-lo de pé, em vez de acomodar-se em seus ombros. Sentia-se sem função, em meio à parafernália militar. Seu olhar permanecia voltado para os campos multiprojetores do centro da estação de comando. Auxiliares entravam e saíam com eficiência dos suspensores aerodinâmicos e dos campos em vestimentas esotéricas, sabendo o que estavam fazendo. Ela possuía apenas uma idéia muito vaga dessas funções.

O painel de comunicações para transmitir as ordens de Teg ficava sob suas mãos, erguido nos suspensores. O campo de comando formava um leve brilho azulado em volta de suas mãos. A correia prateada em forma de ferradura que o ligava à força de ataque pendia-lhe levemente dos ombros, numa posição familiar, embora fosse muito maior em relação a seu pequeno corpo do que as antigas conexões de sua vida anterior.

Ninguém à sua volta questionava mais que esse era o famoso Bashar num corpo de criança. Aceitavam suas ordens com imediata aquiescência.

O sistema de alvo parecia comum a essa distância: um sol e seus planetas cativos. Mas o planeta Gammu, no foco central, não era comum. Aí Idaho tinha nascido, aí seu ghola fora treinado, aí foram restauradas suas memórias.

“E aí eu fui modificado.”

Teg não tinha explicação para o que descobrira em si, sob a tensão de sobreviver em Gammu. Velocidade física que esgotara sua carne e uma capacidade de ver as não-naves, de localizá-las

num campo imaginário como um bloco do espaço reproduzido na mente.Ele suspeitava de um afloramento selvagem dos genes Atreides. Tinham-se identificado nele células impressoras, mas não o seu propósito. Era a herança Bene Gesserit na qual as Madres Procriadoras tinha interferido durante eras. Havia pouca dúvida de que elas considerassem essa capacidade como algo potencialmente perigoso para a Irmandade. Poderiam usá-la, mas certamente ele perderia a liberdade.

Afastou da mente essas reflexões.

— Lancem as armadilhas.

“Ação!”

Teg percebeu-se assumindo uma postura familiar. Havia uma sensação de elevar-se a uma superioridade restauradora, quando o planejamento chegava ao fim. As teorias tinham sido articuladas, as alternativas cuidadosamente exploradas e os subordinados distribuídos, inteiramente instruídos. Os principais chefes de equipes tinham registrado Gammu na memória — onde se poderia contar com o auxílio de guerrilheiros, cada orifício de pino, cada ponto forte conhecido e quais estradas de acesso eram mais vulneráveis.

Tinha-os prevenido especialmente quanto aos Futares. A possibilidade de que feras humanóides fossem aliados não poderia ser subestimada. Os rebeldes que tinham ajudado o ghola Idaho a escapar de Gammu insistiram que esses humanóides foram criados para caçar e matar as Honradas Madres. Conhecendo-se os relatos de Dortujla e de outros, era possível quase ter pena das Honradas Madres, a não ser pelo fato de que não se devia desperdiçar piedade com aqueles que não a demonstravam em relação aos

demais.O ataque estava tomando a forma planejada — naves de reconhecimento fazendo uma obstrução de armadilhas e pesados aviões-base movendo-se para a posição de ataque. Teg tornou-se agora o que considerava “o instrumento de meus instrumentos”. Era difícil determinar o que comandava e o que respondia.

“Agora, a parte delicada.”

Devia-se temer o inesperado. Um bom comandante devia manter isso em mente, com firmeza. Havia sempre o inesperado.

As armadilhas aproximavam-se do perímetro defensivo. Ele *via* as não-naves inimigas e os sensores das dobras do espaço —

pontos brilhantes distribuídos através de sua consciência. Teg superimpôs isso às posições de sua força. Toda ordem que ele dava devia parecer originar-se de um plano de batalha que todos compartilhavam.

Sentiu-se agradecido por Murbella não ter-se juntado a ele.

Qualquer Reverenda Madre poderia perceber seu engodo. Mas ninguém tinha questionado a ordem de Odrade para que Murbella esperasse com seu grupo a uma distância segura.

“Madre Superiora em potencial. Proteja-a bem.”

A demolição explosiva de armadilhas começou com uma demonstração ao acaso de relâmpagos ao redor do planeta.

Inclinou-se para a frente, fixando o olhar nas projeções.

— Lá está o padrão!

Não existia tal padrão, mas suas palavras construíam a crença, e os pulsos se aceleravam. Ninguém questionava que o Bashar tivesse percebido vulnerabilidade nas defesas. Suas mãos voavam no painel de comunicações, enviando adiante as naves num espetáculo

chamejante que coalhava o espaço atrás de si com fragmentos do inimigo.

— Tudo certo. Lá vamos nós!

Ele alimentou o curso de nave capitania diretamente na Navegação e depois voltou a atenção total para o Controle de Fogo.

Explosões silenciosas pontilhavam o espaço ao redor, enquanto a nave capitania recolhia os sobreviventes ao perímetro dos guardiães de Gammu.

— Mais armadilhas — ordenou.

Globos de luz branca piscaram nos campos de projeção.

A atenção na baía de comando concentrada nos campos, não em seu Bashar. “O inesperado!” Teg, famoso por isso, estava confirmando sua reputação, com justiça.

— Acho tudo isso estranhamente romântico — Streggi disse.

“Romântico?” Não havia romance nisso. O tempo para tal tinha passado e ainda estava por vir. Uma certa aura poderia rodear *os planos* de violência. Ele podia aceitá-lo. Os historiadores criavam sua própria marca de *drama-cum-romance.* Mas agora? Este era o tempo de adrenalina! O romance distraía as pessoas das necessidades. Tinha-se que ser frio interiormente, traçando uma linha divisória nítida e forte entre a mente e o corpo.

Enquanto movia as mãos no campo do painel de comunicação, Teg compreendeu o que tinha levado Streggi a falar.

Algo primitivo a respeito da morte e da destruição que estavam sendo criadas aqui. Este era um momento extraído da ordem normal. Uma volta perturbadora aos antigos padrões tribais.

Ela sentia um tam-tam no peito e vozes entoando: — Matar!

Matar! Matar!

A visão de Teg das não-naves guardiãs mostrava os sobreviventes fugindo em pânico.

“Bom! O pânico tem uma forma de se espalhar e enfraquecer os inimigos.”

— Lá está o Baronato.

Idaho dera-lhe o antigo nome Harkonnen para a cidade que se expandia em volta de seu centro negro gigantesco de plasteel.

— Desceremos na Plataforma ao norte.

Pronunciou as palavras, mas as ordens foram dadas pelas mãos. “Depressa, agora!”

Por um breve espaço de tempo, quando vomitavam as tropas, as não-naves eram visíveis e numerosas. Ele estava no controle de todos os elementos da força que respondiam a seu painel, e a responsabilidade era enorme.

— Isto é apenas uma simulação. Entramos e saímos depois de infligir sérios danos. Nosso verdadeiro alvo é o Entroncamento.

O aviso de Odrade na hora da partida estava presente na memória:
— As Honradas Madres devem receber uma lição como nunca tiveram antes. Ataquem-nos e vocês serão duramente feridas. Se nos pressionarem, a dor poderá ser enorme. Elas já ouviram a respeito dos castigos Bene Gesserit. São notórios. Sem

dúvida a Rainha Aranha riu-se desdenhosa. Faça-a engolir seu desdém.

— Abandonar a nave!

Este era o momento vulnerável. O espaço acima estava limpo de ameaças, mas lanças de fogo vindas do leste formavam um arco

interno. Seus atiradores podiam lidar com isso. Concentrou-se na possibilidade de que as não-naves inimigas voltassem num ataque suicida. As projeções da baía de comando mostraram que naves e aviões-base em grande número eram despejados dos porões. A força de choque, uma elite encouraçada sobre suspensores, tinha já o perímetro seguro.

Lá iam os televigias portáteis para estender seu campo de observação e transmitir os detalhes íntimos da violência.

Comunicação, a chave do comando responsivo, mas também a fonte de destruição sangrenta.

— Tudo desimpedido!

O sinal ressoou pela baía.

Ele ergueu-se da Plataforma e voltou à posição de total invisibilidade. Agora, somente os comunicadores davam aos defensores uma pista de sua posição, porém isso estava disfarçado pelas transmissões de falsas pistas.

A projeção mostrou o retângulo monstruoso do antigo centro Harkonnen. Tinha sido construído como um bloco de metal absorvente de luz para prender escravos. A elite vivera nas mansões ajardinadas lá em cima. As Honradas Madres tinham retornado a construção à sua antiga opressão.

Três de suas grandes naves batedoras apareceram.

— Limpem o topo dessa coisa! — ordenou. — Limpem completamente a área, mas causem o menor dano possível à estrutura.

Sabia que suas palavras eram supérfluas, mas falava para relaxar. Todos na força de ataque sabiam de sua intenção.

— Relatórios de transmissão — ordenou.

A informação começou a fluir da conexão em forma de ferradura, em seus ombros. Ele ligou na linha secundária. Os televigias mostraram seus homens desimpedindo o perímetro. A

batalha no espaço e em terra estava inteiramente sob controle por 50 quilômetros, pelo menos. Estavam indo bem, melhor do que esperara. Então as Honradas Madres mantinham sua artilharia pesada fora do planeta, não antecipando um ataque assim ousado.

Uma atitude familiar, e ele tinha que agradecer a Idaho pela previsão.

“Elas têm a cegueira do poder. Acham que a proteção pesada é para o espaço, e somente o armamento leve é indicado para a batalha em terra. As armas pesadas são trazidas para a terra conforme a necessidade. Não há sentido em conservá-las no planeta. Exigem energia demais. Além disso, a consciência de todo esse material lá em cima tem um efeito apaziguante sobre as populações cativas.”

Os conceitos de Idaho a respeito de armamento eram devastadores.

“Tendemos a fixar a mente naquilo que pensamos que sabemos. Um projétil é um projétil, mesmo quando miniaturizado para conter veneno ou bactérias.”

A inovação no equipamento projetivo aperfeiçoou a mobilidade. Embutidos nos uniformes sempre que possível. E Idaho tinha trazido de volta o escudo com sua temível destruição quando atingido por um raio de arma laser. Escudos sobre suspensores escondidos no que parecia serem soldados (mas que na realidade eram uniformes inflados) espalhavam-se adiante das tropas. O fogo da arma laser sobre eles produzia explosões atômicas que destruíam vastas áreas.

“O Entroncamento será assim fácil?”

Teg duvidava. A necessidade forçava uma rápida adaptação a novos métodos.

“Eles poderiam ter escudos no Entroncamento em dois dias.”

E nenhuma inibição sobre como empregá-los.

Os escudos tinham dominado o Antigo Império, ele sabia, em função daquele conjunto de palavras estranhamente importante chamado “Grande Convenção”. As pessoas honestas não faziam mau uso das armas de sua sociedade feudal. Se alguém desonrasse a Convenção, seus companheiros se voltariam contra

ele, unidos na violência. Mais do que isso, houvera a “Face”

intangível, que alguns chamavam de “Orgulho”.

“Face! Minha posição no bando.”

Mais importante para alguns do que a própria vida.

— Está nos custando muito pouco — Streggi disse.

Ela estava se tornando praticamente uma analista de batalha, e banal em demasia, para o gosto de Teg. Streggi estava querendo dizer que estavam perdendo poucas vidas, mas talvez falasse mais verdade do que sabia.

— “É difícil imaginar que o trabalho seja feito por dispositivos baratos” — dissera Idaho. — “Mas essa é uma arma poderosa.”

Se suas armas custassem apenas uma pequena fração da energia gasta pelo inimigo, você teria uma alavanca possante que podia

prevalecer

contra

possibilidades

aparentemente

esmagadoras. Prolongando o conflito, esgotaria a substância do inimigo. Ele caía porque o controle da produção e dos trabalhadores estava perdido.

— Podemos começar a retirada — ele disse, afastando-se das projeções, enquanto repetia a ordem com as mãos. — Quero relatórios das baixas assim que... — Interrompeu o que dizia e voltou-se ante um distúrbio repentino.

“Murbella?”

Sua imagem repetia-se em todos os campos da baía. Sua voz soou alto: — Porque está negligenciando os relatórios de seu perímetro? — Ela passou por cima de seu painel, e as projeções mostraram um comandante de campo surpreendido no meio de uma sentença: — ... ordens, terei que negar seu pedido.

— Repita — Murbella disse.

As feições suadas do comandante de campo voltaram-se para seu televigia móvel. O sistema de comunicação compensou, e ele parecia olhar diretamente nos olhos de Teg.

— Repetindo: Tenho aqui uns pretensos refugiados pedindo asilo. Seu líder diz que tem um acordo pelo qual a Irmandade deveria honrar seu pedido, mas sem ordens...

— Quem é ele?

— Ele se dá o nome de Rabino.

Teg virou-se para retomar o controle do painel. — Não conheço nenhum...

— Espere! — Murbella intrometeu-se no painel. “Como ela pode fazer isso?”

Novamente sua voz soou pela baía. — Traga o Rabino e seu grupo para a nave principal. Depressa. — Silenciou a transmissão do perímetro.

Teg estava ofendido, mas em desvantagem. Escolheu uma das múltiplas imagens e fixou-lhe o olhar. — Como ousa interferir?

— Porque você não dispõe das informações necessárias. O

Rabino está no seu direito. Prepare-se para recebê-lo com honras.

— Explique-se.

— Não! Não é preciso que saiba. Mas foi acertado, de minha parte, tomar essa decisão, quando vi que você não estava respondendo.

— Esse comandante estava numa área diversiva! Sem importância para...

— Mas o pedido do Rabino tem prioridade.

— Você é tão ruim como a Madre Superiora!

— Talvez pior. Agora ouça-me! Recolha esses refugiados na nave principal. E prepare-se para me receber.

— Em absoluto! Fique onde está.

— Bashar! Há algo a respeito de seu pedido que exige a atenção de uma Reverenda Madre. Ele diz que está em perigo porque deu asilo temporário à Reverenda Madre Lucilla. Aceite isso ou saia. — Então deixe-me pôr meu pessoal a bordo e retroceder primeiro. Nós nos encontraremos quando tudo estiver desimpedido.

— Concordo. Mas trate os refugiados com cortesia.

— Agora, saia das minhas projeções. Você me tirou a visão e isso foi uma tolice!

— Você está com tudo sob controle, Bashar. Durante este hiato, uma outra nave aceitou quatro Futares. Vieram pedir que nós os levássemos aos Treinadores, mas dei ordens para prendê-los.

Trate-os com extremo cuidado.

As projeções da baía retomaram as cenas da batalha. Teg mais uma vez chamou sua força. Estava fervendo, e levou tempo para recuperar ó senso de comando. Murbella sabia como tinha minado sua autoridade? Ou ele deveria tomar isso como uma medida da importância que ela atribuía aos refugiados?

Quando a situação estava segura, ele entregou o controle da baía a um auxiliar e, montado nos ombros de Streggi, foi ver esses refugiados *importantes.* O que haveria de tão vital a respeito deles para que Murbella arriscasse interferir?

Eles estavam no porão de uma nave transportadora de tropas, um grupo compacto, mantido em separado por um comandante cauteloso.

“Quem sabe o que pode estar escondido entre esses desconhecidos?”

O Rabino, identificável pela deferência que lhe era demonstrada pelo comandante de campo, estava de pé, com uma mulher vestida de castanho, próximos a seu povo. Era pequeno, barbudo, e usava um solidéu branco. A luz fria fazia-o parecer antigo. A mulher protegia os olhos com a mão. O Rabino estava falando, e suas palavras tornaram-se audíveis à aproximação de Teg. A mulher estava sob ataque verbal!

— O orgulhoso será rebaixado!

Sem remover a mão da posição defensiva, a mulher disse: —

Não estou orgulhosa do que carrego.

— Nem dos poderes que esse conhecimento possa trazer-lhe? Fazendo pressão com o joelho, Teg ordenou a Streggi que parasse a uns dez passos da cena. Seu comandante relanceou-lhe um olhar, mas permaneceu na posição, pronto a agir defensivamente se houvesse necessidade.

“Bom homem.”

A mulher curvou a cabeça ainda mais baixo, e pressionou a mão contra os olhos enquanto falava: — Não recebemos conhecimento que podemos usar no serviço divino?

— Filha! — O Rabino se mantinha rigidamente ereto. — O

que quer que possamos aprender para servir melhor nunca será

uma grande coisa. Tudo que chamamos conhecimento, mesmo o que possa abarcar tudo que um coração humilde pode conter, não seria mais que uma semente nos sulcos.

Teg sentiu-se relutante em interferir. “Que modo arcaico de se expressar.” O par o fascinava. Os outros refugiados ouviam o diálogo com atenção arrebatada. Apenas o comandante de campo parecia indiferente, mantendo sua atenção nos estranhos e dando de vez em quando um sinal de mão aos auxiliares.

A mulher mantinha a cabeça respeitosamente abaixada e a mão protetora nos olhos, mas continuava defendendo-se. — Mesmo uma semente perdida nos sulcos pode produzir vida.

Os lábios do Rabino apertaram-se numa linha severa: —

Sem água e cuidado, o que significa sem a bênção e a palavra, não há vida.Um grande suspiro fez estremecer os ombros da mulher, mas ela se manteve naquela posição estranhamente submissa quando respondeu: — Rabino, eu ouço e obedeço. Entretanto, devo honrar este conhecimento que foi lançado sobre mim, porque contém a própria admoestação que acabou de me fazer.

O Rabino pôs uma das mãos em seu ombro. — Então entregue-o àqueles que o querem, e que nenhum mal a persiga.

O silêncio revelou que a discussão tinha terminado. Deu sinal a Streggi para avançar. Antes que ela pudesse mover-se, Murbella passou à frente e acenou ao Rabino, enquanto mantinha o olhar sobre a mulher.

— Em nome da Bene Gesserit e de nosso débito, desejo-lhe boas-vindas e ofereço-lhe asilo — Murbella disse.

A mulher de castanho abaixou a mão e Teg viu o brilho de lentes de contato. Ergueu a cabeça, então, e ouviram-se sons ofegantes à sua volta. Seus olhos tinham o azul total do vício da especiaria, mas apresentavam também a força interior que marcava aquelas que tinham sobrevivido à Agonia.

Murbella identificou-a imediatamente. “Uma Reverenda Madre selvagem !” Não se tinha conhecimento de nenhuma, desde os tempos dos Fremen de Duna.

A mulher fez-lhe uma reverência. — Chamo-me Rebecca. E

estou cheia de alegria por estar aqui. O Rabino pensa que sou uma tola, mas tenho uma prenda de ouro, pois trago-lhe Lâmpadas: sete milhões, seiscentos e vinte e dois mil e quatorze Reverendas Madres, todas suas, por direito.

As respostas representam um controle perigoso do universo.

Podem parecer sensatas e, no entanto,não explicar nada.

— O Açoite Zensunni

Como a espera pelo acompanhamento prometido se prolongasse, Odrade sentiu-se primeiro irritada, depois divertida.

Finalmente, começou a seguir os robôs do saguão, interferindo em seus movimentos. A maioria deles era de pequena estatura, e

nenhum parecia humanóide.

“Funcionais. A marca registrada dos servomecanismos ixianos. Pequenos acompanhamentos muito, muito atarefados para uma estada no Entroncamento ou seu equivalente em algum lugar.”

Eram tão comuns, que poucas pessoas os notavam. Como não eram capazes de lidar com uma interferência deliberada, reduziram-se a zumbir em imobilidade.

— “As Honradas Madres têm pouco ou nenhum senso de humor. Eu sei, Murbella, eu sei. Mas será que elas receberão meu recado?”

Dortujla obviamente recebeu. Saiu de seu recolhimento observando aquelas extravagâncias com um largo sorriso. Tam olhava com desaprovação, mas com certa tolerância. Suipol estava encantada. Odrade foi obrigada a impedi-la de imobilizar as máquinas.

“Deixe que eu faço o antagonismo, criança. Sei o que está à minha espera.” Quando ela certificou-se de que tinha mostrado seu ponto de vista, tomou posição sob um dos lustres.

— Ouça-me, Tam.

Tamalane obedientemente colocou-se à sua frente com expressão atenta.

— Já notou, Tam, que os saguões modernos tendem a ser bem pequenos? Tamalane olhou ao redor.

— Os saguões antigamente eram grandes — disse. — A fim de proporcionar um sentimento de espaço para os poderosos, e impressionar os outros com sua importância, naturalmente.

Tamalane captou o espírito de encenação e disse: — Hoje em dia você já é importante, se conseguir viajar.

Odrade olhou para os robôs imobilizados, espalhados pelo saguão. Alguns zumbiam e agitavam-se. Outros esperavam quietos que

alguém ou alguma coisa restaurasse a ordem.

A auto-recepcionista, um tubo fálico de plaz negro com um único cintilante televigia, saiu da parte de trás de sua gaiola e abriu caminho entre os robôs parados, a fim de se defrontar com Odrade.

— Está muito úmido hoje. — Tinha uma voz feminina sentimental. — Não sei o que a Meteorologia está pretendendo.

Odrade dirigiu-se a Tamalane por cima da máquina. — Por que elas têm de programar esses dispositivos mecânicos para simular pessoas amistosas?

— É obsceno — Tamalane concordou. Ela empurrou com os ombros a auto-recepcionista, que girou para detectar a fonte da interferência, mas não fez nenhum outro movimento.

Odrade conscientizou-se, de repente, de que tinha atingido a força que movera o Jihad Butleriano — a motivação da turba.

“Meu próprio preconceito!”

Analisou o mecanismo à sua frente. Estaria esperando instruções ou será que ela devia dirigir-se diretamente à coisa?

Quatro outros robôs entraram na sala com a bagagem do grupo empilhada sobre eles.

“Todas as nossas coisas cuidadosamente revistadas, tenho certeza. Procurem onde quiserem. Não carregamos nenhuma pista

de nossas legiões.”

Os quatro dispararam junto à parede, e encontraram o caminho impedido pelos que estavam paralisados. Diante disso, estacionaram, esperando que esse singular estado de coisas tivesse solução. Odrade sorriu-lhes. — Lá vão os sinais dos visitantes escondendo nossos “eus” secretos.

“Escondendo e secreto.”

Palavras para aborrecer as vigilantes.

“Vamos,Tam! Você conhece o truque. Confunda esse enorme conteúdo de inconsciência, desperte sentimentos de culpa que elas sejam incapazes de reconhecer. Provoque agitação como eu fiz com os robôs. Alerte-as. Quais são os poderes reais dessas bruxas Bene Gesserit?”

Tamalane pegou a deixa. “Visitantes e ‘eus’ secretos.”

Explicou as palavras, visando os televigias, como se estivesse falando com uma criança. — O que transportamos quando deixamos o ninho? Você é daqueles que tentam levar tudo? Ou se restringe ao necessário?

“O que as vigilantes classificariam de necessário? Artigos de toalete e roupas laváveis ou descartáveis? Armas? Elas as procuraram em nossa bagagem. Mas as Reverendas Madres costumam não carregar armas visíveis.”

— Que lugar feio — Dortujla disse, juntando-se a Tamalane e entrando no jogo. — Você chega a pensar que é de propósito.

“Ahhh, suas vigilantes asquerosas. Observem Dortujla.

Lembram-se dela? Por que teria retornado, quando sabe o que poderiam causar-lhe? Lançá-la aos Futares? Vejam como ela nem se incomoda!”

— Apenas uma passagem, Dortujla — disse Odrade. — A maioria das pessoas nunca desejaria este lugar como ponto de destino. Um inconveniente, e os pequenos desconfortos servem simplesmente para lembrar esse fato.

— Uma escala, e nunca será mais que isso, a menos que seja completamente reconstruído — Dortujla disse.

Elas ouviram? Odrade dirigiu um olhar de total compostura ao televigia escolhido.

“Esta feiúra denota intenção. Ela nos diz: proporcionaremos algo para o estômago, uma cama, um lugar para evacuar a bexiga e os intestinos, um lugar para realizar os pequenos rituais de manutenção exigidos pela carne, mas você deverá ir embora depressa, porque tudo o que realmente queremos é a energia que você deixa atrás de si.”

A auto-recepcionista acercou-se de Tamalane e Dortujla, tentando uma vez mais fazer contato com Odrade.

— Quer nos enviar a nossos aposentos imediatamente? —

Odrade disse, encarando o olho ciclópico.

— Imagine! Como fomos desatenciosas!

Onde elas foram buscar essa voz caramelada? Repulsiva.

Mas Odrade já estava a caminho da saída em menos de um minuto, com a bagagem nos robôs na frente, Suipol logo atrás, seguida por Tamalane e Dortujla.

Havia um ar de abandono em uma ala, claramente visível, quando elas passaram. Isso significaria que o tráfego no Entroncamento tinha diminuído? Interessante. As persianas estavam baixadas ao longo de todo o corredor. Escondendo algo?

Na obscuridade, ela percebeu poeira no chão e nas saliências, com poucos vestígios de instrumentos de limpeza. Ocultando o que havia atrás das janelas? Pouco provável. Tinham sido fechadas há algum tempo.Ela percebeu um padrão naquilo que estava sendo mantido.

Pouquíssimo tráfego. O efeito das Honradas Madres. Quem ousava circular muito, quando era mais seguro enterrar-se e rezar para não

ser notado por perigosos malfeitores? As vias de acesso aos aposentos particulares da elite estavam sendo conservadas.

Somente os melhores estavam sendo mantidos no melhor.

“Quando os refugiados de Gammu chegarem, haverá lugar para eles.”

No saguão, um robô dera a Suipol um orientador de pulso. —

Para encontrar seu caminho, mais tarde. — Uma esfera azul com uma flecha amarela flutuante, apontando para o caminho escolhido.

— Toca um sininho, quando se chega ao local desejado.

O sino do orientador soou.

“E onde chegamos?”

Um outro lugar que as hospedeiras tinham equipado com

“todo o luxo” ao mesmo tempo em que o mantinham repulsivo.

Salas assoalhadas de amarelo suave, paredes cor de malva e teto branco. Não havia cadeiras-cão. Devia-se agradecer por isso, embora a ausência denotasse economia e não cuidado com a preferência dos hóspedes. As cadeiras-cão exigiam manutenção e um *staff* dispendioso. Ela viu o estofamento com tecido de permaflox. E por trás do tecido percebeu a elasticidade do plástico.

Tudo confeccionado nas outras cores da sala.

A cama era um pequeno choque. Alguém tinha levado a solicitação de um colchão duro muito ao pé da letra. Superfície plana de plaz negro sem acolchoado. Nenhuma roupa de cama.

Suipol, vendo isso, começou a fazer objeções, mas Odrade silenciou-a. Apesar dos recursos Bene Gesserit, o conforto era às vezes deixado de lado. Faça o trabalho! Essa era sua primeira

ordem. Se a Madre Superiora tivesse que dormir ocasionalmente numa superfície dura, sem coberta, isso seria feito em nome do dever. Além disso, as Bene Gesserit tinham meios de se ajustar a esses pequenos contratempos. Odrade preparou-se para enfrentar esse desconforto, consciente de que, se objetasse, poderia deparar-se com outro insulto deliberado.”Deixe que elas acrescentem isto a esse conteúdo inconsciente e se preocupem com ele.”

A convocação veio enquanto ela estava inspecionando o resto dos aposentos, demonstrando uma preocupação mínima e um divertimento ostensivo. Uma voz esganiçada soou através dos respiradouros no teto, quando Odrade e suas companheiras apareceram na sala de estar comum: — Retornem ao saguão onde estará à sua espera a pessoa que as escoltará até a Grande Honrada Madre.

— Irei sozinha — Odrade disse, silenciando as objeções.

Uma Honrada Madre vestida de verde esperava numa cadeira frágil, entre o corredor e o saguão. Sua face era construída como uma parede de castelo — pedra sobre pedra. A boca era uma comporta, através da qual ela inalava um líquido por um canudo transparente, que se tingia de roxo. Cheiro de açúcar na bebida. Os

olhos pareciam armas espreitando sobre trincheiras. Nariz: um declive sobre o qual os olhos enviavam seu ódio. Queixo: fraco.

Esse queixo não era necessário. Um adendo. Algo deixado de uma construção anterior. Podia-se ver a criança nele. E o cabelo: escurecido artificialmente num castanho cor de lama. Sem importância. Olhos, nariz e boca, esses eram os traços importantes.

A mulher permaneceu vagarosa, insolente, enfatizando o favor que fazia simplesmente por tomar conhecimento de Odrade.

— A Grande Honrada Madre concorda em vê-la.

Voz pesada, quase masculina. O orgulho estava tão cristalizado, que transparecia em todas as suas ações. Um bloco de preconceito imóvel. *Sabia* tantas coisas, que era uma exibição ambulante de ignorância e medo. Odrade percebeu nela uma demonstração perfeita da vulnerabilidade das Honradas Madres.

Ao fim de muitas voltas e corredores, todos eles limpos e brilhantes, chegaram a uma sala comprida — com o sol entrando por uma fila de janelas, e uma sofisticada mesa de comando militar numa extremidade; projeções de mapas de terra e de espaço. O

centro da teia da Rainha Aranha? Odrade tinha dúvidas. A mesa de comando era óbvia demais. Um pouco diferente do *design* da Dispersão, mas sem deixar dúvidas quanto ao propósito. Os campos que os humanos podiam manipular tinham limites físicos, e um capacete para intercomunicação mental não podia ser outra coisa, embora tivesse uma colossal forma oval e uma cor peculiar de amarelo sujo.

Varreu a sala com o olhar. Pouco mobiliada. Algumas cadeiras lingas e mesinhas, uma grande área aberta onde (presumivelmente) as pessoas podiam aguardar ordens. Nenhuma desordem. Esse devia ser um centro de ação.

“Cause impressão na bruxa!”

As janelas de uma parede comprida revelavam um pátio lajeado e jardins adiante. Isso tudo era uma montagem!

“Onde está a Rainha Aranha? Onde dorme? Qual é a aparência de sua toca?”

Duas mulheres entraram por uma porta em arco, vindas do pátio. Ambas usavam mantos vermelhos com arabescos cintilantes

e formas de dragão. Alguns fragmentos de pedrassuaves como enfeite.Odrade manteve silêncio, tomando cuidado até depois das

apresentações da acompanhante, que pronunciou um mínimo de palavras e retirou-se apressadamente.

Sem as informações de Murbella, Odrade teria tomado por comandante a figura alta que se erguia ao lado da Rainha Aranha.

Mas era a pequena. Fascinante.

“Essa aí simplesmente não subiu ao poder. Ela se esgueirou pelas frestas. Um dia, as Irmãs se depararam com o fato consumado. Lá estava ela, firmemente instalada no centro. E quem poderia fazer objeções? Dez minutos depois de deixá-la você teria dificuldade em lembrar-se do alvo de suas objeções.”

As duas mulheres examinaram Odrade com igual intensidade.

“Muito bem. É necessário neste momento.”

A aparência da Rainha Aranha era mais que uma surpresa.

Até esse momento, as Bene Gesserit não tinham conseguido nenhuma descrição física sua. Somente projeções passageiras, construções imaginárias baseadas em fragmentos esparsos de testemunhas. Finalmente, aqui estava ela. Uma mulher pequena.

Supostos músculos de aço visíveis sob a malha vermelha embaixo do manto. Rosto oval, facilmente esquecível, com olhos suaves onde dançavam pontinhos laranja.

“Amedrontada, e por isso mesmo irritada, sem conseguir, entretanto, detectar os motivos de seu medo. Tudo que ela tem como alvo sou eu. O que ela pensa conseguir de mim?”

A auxiliar era diferente: na aparência, muito mais perigosa.

Cabelo dourado, cuidadosamente penteado numa touca, nariz levemente adunco, lábios finos, pele esticada sobre as maçãs do rosto. E esse olhar venenoso.

Odrade examinou uma vez mais os traços da Rainha Aranha: um nariz que se teria dificuldade em descrever um minuto após deixá-la.

“Reto? Sim, de algum modo.”

As sobrancelhas combinavam com o cabelo cor de palha. A boca se abria para tornar-se visivelmente cor-de-rosa e quase desaparecia quando fechada. Era um rosto em que se tinha dificuldade para encontrar um foco central, de modo que a face inteira ficava indistinta.

— Então você é a líder da Bene Gesserit.

Uma voz niveladamente baixa. Um Galach com inflexões estranhas e sem jargão. No entanto, percebia-se que estava bem na ponta da língua. Havia truques lingüísticos aí. O conhecimento de Murbella enfatizava isso.”Elas têm algo parecido com a Voz. Não igual ao que vocês me deram, mas há outras coisas que elas fazem, uma espécie de truque de palavras.”

“Truque de palavras.”

— Como devo chamá-la?

— Ouvi dizer que me chama de Rainha Aranha. —

Pontinhos laranja dançando maldosamente nos olhos.

— Aqui, no centro de sua teia, e considerando seus grandes poderes, temo dizer que devo confessá-lo.

— Então é isso que nota — meus poderes! — Vaidosa.

A primeira coisa que Odrade realmente notara fora o perfume da mulher. Ela estava banhada em algum cheiro violento.

“Destinado a cobrir feromônios?”

Prevenida sobre a capacidade Bene Gesserit de julgar, tendo por base dados minúsculos de percepção? Talvez. Era perfeitamente possível que ela preferisse esse perfume. Esse preparado odioso tinha um indefinível traço de flores exóticas. Algo de sua terra natal?

A Rainha Aranha pôs a mão no queixo inexpressivo. — Pode chamar-me de Dama.

A companheira objetou. — Esta é a última inimiga nos Milhões de Planetas!

“Então é assim que elas pensam sobre o Antigo Império.”

A Dama levantou a mão pedindo silêncio. Tão casual e tão reveladora. Odrade viu, nos olhos da ajudante, um brilho que lembrava Bellonda. A maldade estava vigilante e procurando lugares para atacar.

— A maioria é obrigada a chamar-me de Grande Honrada Madre — a Dama disse. — É uma honra que estou lhe conferindo.

— Fez um gesto na direção da porta em arco atrás de si. —

Caminharemos lá fora, apenas as duas, enquanto conversamos.

Nenhum convite; era uma ordem.

Odrade parou ao lado da porta para olhar um mapa que estava à mostra. Preto e branco, pequenas linhas de caminhos e contornos irregulares com rótulos em Galach. Eram os jardins além do pátio lajeado, identificações de plantações. Odrade curvou-se para estudá-lo, enquanto a Dama esperava com uma tolerância divertida. Sim, árvores e arbustos esotéricos, muito poucos com frutas comestíveis. O orgulho da posse, e o mapa estava aqui para enfatizá-lo.

No pátio, Odrade disse: — Notei seu perfume.

A Dama foi lançada em memórias do passado e sua voz apresentava notas sutis quando respondeu.

“Impressor de identidade floral de sua própria planta flamejante. Imagine! Mas ela está ao mesmo tempo triste e irritada quando pensa nisso. E se pergunta por que chamei atenção sobre isso.” — De outro modo a planta não teria me aceitado — disse a Dama. “Escolha interessante do tempo verbal.”

O Galach com inflexões não era difícil de entender. Ela obviamente adaptava inconscientemente ao ouvinte.

“Bom ouvido. Gasta alguns segundos observando e ouvindo, e depois faz adaptações para ser compreendida. Uma forma de arte muito antiga, que a maioria dos humanos adota rapidamente.”

Odrade via as origens como uma coloração protetora.

“Não querem ser tomadas por estranhas.”

Uma característica ajustável, introduzida nos genes. As Honradas Madres não a tinham perdido, mas era uma vulnerabilidade. As tonalidades inconscientes não eram completamente encobertas, e revelavam muita coisa.

A despeito de sua vaidade espalhafatosa, a Dama era inteligente e autodisciplinada. Era um prazer chegar a essa conclusão. Certos circunlóquios eram desnecessários.

Odrade parou acompanhando a Dama, na extremidade do pátio. Estavam quase ombro a ombro, e a Madre Superiora, olhando o jardim lá fora, foi atingida por sua aparência quase Bene Gesserit.

— Diga o que tem para falar — a Dama disse.

— Que valor eu tenho como refém? Ferocidade laranja!

— Obviamente, já fez a si mesma esta pergunta — Odrade disse. — Continue. — O laranja diminuindo.

— A Irmandade tem três substituições para mim. — Odrade fixou-lhe o olhar mais penetrante de que era capaz. — É possível enfraquecer-nos mutuamente de forma que destruiriam a ambas.

— Poderíamos aniquilá-la como se mata um inseto!

“Cuidado com o laranja!”

Odrade não foi desviada por avisos vindos do interior. — Mas a mão que nos matasse infeccionaria e, no fim, a doença a consumiria. “Não poderia ser melhor explicado sem detalhes específicos.”

— Impossível. — Um olhar feroz cor de laranja.

— Acha que não sabemos como vocês foram impelidas de volta para cá por seus inimigos?

“Meu lance mais perigoso.”

Odrade observou o efeito de suas palavras. A carranca sombria da Dama não foi sua única resposta. O laranja desapareceu, deixando seus olhos como uma discrepância estranhamente suave no rosto ameaçador.

Odrade assentiu, como se a Dama tivesse respondido. —

Poderíamos deixá-las vulneráveis àqueles que as atacam, aos que as conduziram a este beco sem saída.

— Acha que nós...

— Nós sabemos.

“Pelo menos, agora eu sei.”

O conhecimento dava-lhe, ao mesmo tempo, alegria e medo.

“O que existe lá, que subjuga essas mulheres?”

— Estamos simplesmente reunindo forças antes...

— Antes de retornar a uma arena onde têm certeza de que serão aniquiladas.. . onde não podem contar com números

esmagadores.

A voz da Dama recaiu no Galach macio, que Odrade tinha dificuldade de compreender. — Então eles foram a vocês... e fizeram sua oferta. Que tolas são, por confiarem em...

— Não disse que confiamos.

— Se Logno lá atrás... — aceno de cabeça indicando a auxiliar na sala — ... a ouvisse falar-me assim, você estaria morta em menos tempo do que eu levaria para avisá-la.

— Tenho sorte de estarmos apenas nós duas aqui.

— Não confie na possibilidade de eu levar isso muito adiante. Odrade olhou para a construção por sobre o ombro. As alterações no projeto da Corporação eram visíveis: uma longa fachada de janelas, muita madeira exótica e pedras decorativas.

“Riqueza.”

Ela estava lidando com a riqueza em um extremo difícil de imaginar.

Nada do que a Dama quisesse, nada que pudesse ser proporcionado pela sociedade que lhe era subserviente, seria negado. Nada, a não ser voltar à Dispersão.

Até que ponto a Dama se entregava à fantasia de que seu exílio pudesse ter fim? E qual era a força que tinha mandado esse poder de volta ao Antigo Império? Por que aqui? Odrade não ousava perguntar.

— Continuaremos esta conversa em meus aposentos — a Dama disse.

“No covil da Rainha Aranha, finalmente!”

Os alojamentos da Dama eram, de certa forma, um enigma.

Não ricamente acarpetado. Ela chutou as sandálias ao entrar, ficando descalça. Odrade fez o mesmo.

“Veja a calosidade na parte de fora dos pés! Armas perigosas conservadas em bom estado.”

Não apenas o chão macio, mas a sala inteira intrigava Odrade. Uma janela pequena dando para o bem cuidado jardim botânico. Nada suspenso nas paredes, nem mesmo quadros.

Nenhuma decoração. A grade de um respiradouro lançava sombras listradas acima da porta por onde tinham entrado. Uma outra porta à

direita. Outro respiradouro. Dois sofás cinza-claro. Duas mesinhas em negro brilhante. Uma outra mesa grande, em tons dourados, com uma tênue luz verde na superfície, indicando um campo de controle. Odrade identificou o contorno retangular de um projetor embutido na mesa.

“ Ahhh, este é o seu gabinete de trabalho. Estamos aqui para trabalhar?”

Havia uma concentração refinada no lugar. As distrações tinham sido eliminadas com cuidado. Que distrações a Dama aceitaria?

“Onde estão as salas decoradas? Ela tem de viver num ambiente que lhe seja próprio. Não se pode sempre formar barreiras para rejeitar coisas que impressionam desfavoravelmente a psique.

Quando se deseja conforto verdadeiro, a casa não pode estar disposta de um modo que ataque a pessoa, especialmente com relação a ataques ao inconsciente. Isso é verdadeiramente perigoso, mas ela tem o poder de dizer ‘Sim’.”

Era uma antiga compreensão Bene Gesserit. Procuravam-se as pessoas que podiam dizer “Sim”. Nunca se preocupe com subalternos que somente podem dizer “Não”. Procurava-se aquele que podia fazer um acordo, assinar um contrato, pagar uma promessa. A Rainha Aranha não dizia “Sim” freqüentemente, mas tinha o poder de fazê-lo, e sabia disso.

“Eu devia ter compreendido, quando ela me puxou de lado.

Deu-me o primeiro sinal quando permitiu que eu a chamasse de Dama. Teria sido precipitada, dando início ao ataque de Teg de um modo que não posso interromper? Tarde demais para reflexões tardias. Sabia disso quando lhe dei liberdade.

“Mas que forças poderemos atrair?”

Odrade tinha registrado o padrão dominante da Rainha Aranha. As palavras e os gestos podiam fazê-la recolher-se, aniquilando-se na consciência intensa das batidas de seu próprio coração.

“O drama tem de continuar.”

A Dama estava fazendo algo com as mãos no campo verde, na superfície da mesa dourada. Estava concentrada nisso,

ignorando Odrade de um modo que era ao mesmo tempo um insulto e um cumprimento.

“Você não vai interferir, bruxa, porque esse não é seu melhor interesse e você sabe disso. Além do mais, você não é importante o suficiente para me distrair.”

A Dama parecia agitada.

“O ataque a Gammu teria sido bem-sucedido? Os refugiados estarão começando a chegar?”

Um olhar feroz cor de laranja focalizou Odrade. — Seu piloto acabou de se destruir juntamente com a nave, para não se

submeter à inspeção. O que vocês trouxeram?

— Nós mesmas.

— Há um sinal que vem de você!

— Dizendo a minhas companheiras se estou viva ou morta.

Você já sabia disso. Alguns de nossos ancestrais queimavam suas naves antes de um ataque. Não há retirada possível.

Odrade falava com cuidado intenso, ajustando o tom e o compasso às respostas da Dama. — Se eu for bem-sucedida, você providenciará meu transporte. Meu piloto era um Cyborg, e o shere não podia protegê-lo de suas sondas. Tinha ordens de matar-se caso caísse em suas mãos.

— Dando-nos coordenadas a respeito de seu planeta. — O

laranja diminuiu nos olhos da Dama, mas ela ainda se mostrava perturbada. — Não sabia que seu povo lhe obedecia a esse ponto.

“Como você os domina sem aprisioná-los sexualmente, bruxa? A resposta não está clara? Temos poderes secretos.”

“Cuidado, agora”, Odrade disse para si mesma. “Uma abordagem metódica, alerta a novas exigências. Deixe-a pensar que escolhemos um método de reação e nos atemos a ele. Quanto ela sabe a nosso respeito? Ela não sabe nem mesmo que a Madre Superiora pode ser uma boa isca, um chamariz para conseguir informações vitais. Isso nos torna superiores? Nesse caso, o treinamento superior pode sobrepujar a velocidade e o número superiores?”

Odrade não tinha resposta.

A Dama sentou-se atrás da mesa dourada, deixando Odrade de pé. Havia uma sensação de aninhar-se nesse movimento. Ela não saía

muito desse lugar. Esse era o verdadeiro centro de sua teia. Todas as coisas que ela pensava precisar estavam aqui.

Trouxera Odrade a esta sala porque era um inconveniente estar em outro lugar. Sentia-se pouco à vontade em outros ambientes, talvez mesmo ameaçada. A Dama não cortejava o perigo. Tinha feito isso outrora, mas fora há muito tempo, uma experiência abandonada em algum lugar, no passado. Agora queria apenas sentar-se aqui num casulo seguro e bem organizado, onde podia manipular os outros.

Odrade achou essas observações uma afirmação bem-vinda das deduções Bene Gesserit. A Irmandade sabia como explorar esse poder.

— Não tem mais nada a me dizer? — a Dama perguntou.

“Ganhe tempo.”

Odrade arriscou uma pergunta. — Estou extremamente curiosa em saber por que concordou com o encontro.

— Por que está curiosa?

— Parece tão... tão em desacordo com vocês.

— Nós determinamos o que é adequado para nós! —

Bastante questionadora.

— Mas qual é o seu interesse em nós?

— Pensa que as achamos interessantes?

— Talvez até nos achem notáveis, porque é assim que as encaramos. Uma expressão satisfeita apareceu, de modo fugitivo, no rosto da Dama.

— Eu sabia que ficariam fascinadas conosco.

— O que é exótico interessa-se pelo exótico — Odrade disse. Isso trouxe um sorriso sagaz aos lábios da Dama, o sorriso de alguém cujo bichinho de estimação fez algo inteligente.

Levantou-se e dirigiu-se à janela. Chamando Odrade para seu lado, fez um gesto para um grupo de árvores adiante dos arbustos floridos e falou naquela inflexão macia, tão difícil de acompanhar.

Algo fez soar um alarme interior. Odrade entrou em simulfluxo, pesquisando a fonte. Alguma coisa no quarto da Rainha

Aranha? Havia uma falta de espontaneidade, combinada com muito do que a Dama fazia. Então, tudo isso tinha sido planejado para criar um efeito. Cuidadosamente articulado.

“Esta será realmente minha Rainha Aranha? Ou haverá uma outra, mais poderosa, observando-nos agora?”

Odrade explorou essa idéia, pondo os pensamentos rapidamente em ordem. Era um processo que oferecia mais perguntas que respostas, uma taquigrafia mental semelhante à dos Mentats. Separe o que é relevante e faça emergir a base latente (mas em ordem). A ordem era, geralmente, um produto da atividade humana. O caos existia como matéria-prima, de onde se extraía a ordem. Essa era a abordagem Mentat, que propiciava não-verdades inalteradas, mas uma notável alavanca para a tomada de decisão: reunião ordenada de informações num sistema não isolado.

Chegou a uma Projetiva.

“Elas se realizam no caos! Preferem essa condição! Viciadas em adrenalina!”

Então a Dama era a Dama, a Grande Honrada Madre. Eterna padroeira, eterna superiora.

“Não existe nenhuma outra maior nos observando. Mas a Dama acredita que isto seja uma negociação. Chega-se a pensar que ela

nunca fez isso antes. Precisamente!”

A Dama tocou um ponto abaixo da janela, onde não havia nenhuma marca visível, e a parede deslocou-se, mostrando que a janela era simplesmente um artifício engenhoso. Abria-se para uma varanda alta, revestida de azulejos verde-escuro. Dava vista para plantações muito diferentes daquelas que se observavam pela janela. Aqui o caos estava preservado, a terra inculta deixada a seu próprio destino e tornada mais evidente pelos jardins ordenados que se viam à distância. Sarças, árvores caídas, arbustos espessos. E

além: filas criteriosamente espaçadas do que pareciam ser legumes e verduras, com ceifadoras automáticas passando de cá para lá, deixando o solo escalvado atrás de si.

“Amor ao caos, verdadeiramente!”

A Rainha Aranha sorriu e dirigiu-se à varanda.

Quando se aproximou, Odrade uma vez mais foi interrompida pelo que viu. Uma decoração no parapeito à sua esquerda. Uma figura em tamanho natural, feita de uma substância quase etérea, toda cheia de planos leves e superfícies curvas.

Quando olhou melhor, Odrade percebeu que a intenção era representar uma figura humana. Homem ou melhor? Em algumas posições, homem; em outras, mulher. Fios delgados, quase invisíveis (parecia shigafio) a mantinham suspenso de um tubo levemente curvo, preso a um globo translúcido. As extremidades inferiores da figura quase tocavam a superfície granulada da base de sustentação.

Odrade fixou o olhar, cativada.

“Por que isso me lembra ‘O Vácuo’ de Sheeana?”

Quando o vento a movimentava, a obra parecia dançar, recaindo às vezes num andar gracioso, depois uma curta pirueta e voltas

rápidas com a perna estendida.

— Chama-se o “Mestre de Bale” — a Dama disse. —

Conforme o vento, ele atira os pés bem alto. Já o vi correr tão graciosamente como um maratonista. Às vezes só faz pequenos movimentos feios, agitando os braços como se estivesse segurando armas. Belo e feio — é tudo o mesmo. Acho que o artista não lhe deu o nome apropriado. “Ser Desconhecido” teria sido melhor.

“Belo e feio — tudo o mesmo. Ser Desconhecido.”

Isso é que era terrível a respeito da obra de Sheeana.

Odrade sentiu um calafrio de medo. — Quem foi o artista?

— Não tenho a menor idéia. Uma de minhas predecessoras trouxe-o de um planeta que destruímos. Por que isso a interessa?

“É a coisa selvagem que ninguém governa.” Mas disse: —

Acredito que nós duas estejamos procurando uma base para um entendimento, tentando encontrar semelhanças entre nós.

Isso trouxe de volta o laranja em seus olhos. — Vocês podem tentar nos compreender, mas nós não temos necessidade de entendê-las.

— Nós duas viemos de sociedades de mulheres.

— E perigoso pensar em nós como suas ramificações.

“Mas o depoimento de Murbella diz que são. Formadas na Dispersão pelas Oradoras Peixes e as Reverendas Madres *in extremis!”*

Muito ingênua e sem enganar ninguém, Odrade perguntou:

— Por que é perigoso?

O riso da Dama não revelava divertimento. Era vingativo.

Odrade sentiu um novo surto de medo.

O que se exigia aqui era mais que uma investigação-exame Bene Gesserit. Essas mulheres estavam acostumadas a matar, quando irritadas. Um reflexo. E a Dama demonstrara isso quando falara a sua ajudante. E agora, dera sinais de que havia limites para sua tolerância.

“Entretanto, a seu modo, ela está tentando negociar. Exibe suas maravilhas mecânicas, seus poderes, suas riquezas. Nenhuma oferta de aliança. Sejam humildes servas, bruxas, nossas escravas, e perdoaremos muito. Para conseguir o último dos Milhões de Planetas? Mais do que isso, certamente, mas um número interessante.”

Com uma nova cautela, Odrade reformulou sua abordagem.

As Reverendas Madres caíam no padrão adaptativo com muita facilidade. “Sou, naturalmente, muito diferente de você, mas cedo, em benefício do acordo.” Isso não funcionaria com as Honradas Madres. Elas não aceitariam nada que sugerisse a inexistência de seu controle absoluto. O fato de permitir a Odrade tanta latitude era uma declaração da superioridade da Dama sobre suas Irmãs.

Uma vez mais, a Dama falou de seu modo imperioso.

Odrade ouvia. Era estranho que a Rainha Aranha pensasse que o que havia de mais atraente nas coisas proporcionadas pela Bene Gesserit fosse a imunidade a doenças.

“Teria sido essa a forma de ataque que as expulsou para cá?”

Sua sinceridade era ingênua. Nada de cansativos *check-ups* periódicos para detectar habitantes secretos em sua carne. Às vezes não tão secretos. Repulsivamente perigosos, até. Mas a Bene

Gesserit acabaria com tudo isso e seria devidamente recompensada.

“Que agradável.”

Ainda o tom vingativo em cada palavra. Odrade surpreendeu-se pensando: Vingativo? Não exatamente. Algo existente em nível mais profundo.

“Inconscientemente estão ciumentas do que perderam quando romperam conosco!”

Era um outro padrão que fora estilizado!

As Honradas Madres recaíam em maneirismos repetitivos.

“Maneirismos que abandonamos há muito.”

Isso era muito mais que uma recusa em reconhecer as origens Bene Gesserit. Era uma remoção de lixo.

“Deixe cair o seu lixo onde quiser. Os subalternos o recolherão. Ela está mais preocupada com seu próximo objeto de consumo do que com o fato de estar sujando seu próprio ninho.”

O defeito da Honrada Madre era maior do que se supunha.

Muito mais mortais a si mesmas e a tudo que controlavam. E elas não podiam encarar o fato, porque, para elas, não estava lá.

“Nunca existiu.”

A Dama permanecia um paradoxo intocável. Não lhe passava pela cabeça nenhuma possibilidade de aliança. Ela parecia brincar com a idéia, mas apenas para testar o inimigo.

“Eu estava certa em desatrelar Teg.”

Logno entrou no gabinete com uma bandeja, onde repousavam dois copos altos, quase totalmente cheios de um líquido dourado. A Dama pegou um, cheirou-o e tomou um gole com uma expressão satisfeita.

“Que brilho maldoso era esse nos olhos de Logno?”

— Experimente um pouco deste vinho — a Dama disse, fazendo um gesto a Odrade. — E de um planeta do qual nunca ouviu falar, tenho certeza, mas onde concentramos os elementos necessários para produzir a uva dourada perfeita para o perfeito vinho dourado.

Odrade foi surpreendida por essa antiga associação dos humanos com sua preciosa bebida. O deus Baco. Bagos fermentados nos arbustos ou nos recipientes tribais.

— Não tem veneno — a Dama disse, ao ver a hesitação de Odrade. — Asseguro-lhe. Matamos quando é necessário, mas não

somos estúpidas. Guardamos a matança espalhafatosa para as massas. E não a considero uma representante das massas.

A Dama riu de seu próprio humor. A familiaridade elaborada era quase grosseira.

Odrade pegou o copo que lhe era oferecido e provou-o.

— É uma coisa que alguém planejou para nos agradar — a Dama disse, com a atenção fixa em Odrade.

Um único gole era suficiente. Os sentidos de Odrade detectaram uma substância estranha, cujo propósito da levou várias batidas de coração para identificar.

“Para anular o shere que me protege das sondas.”

Ajustou o metabolismo para tornar a droga inofensiva, e depois anunciou o que tinha feito.

A Dama dirigiu um olhar feroz a Logno. — É por isso que nenhuma dessas coisas funciona com as bruxas! E você nunca suspeitou! — A raiva era uma força quase física, dirigida à infeliz auxiliar. — É um dos sistemas de imunidade com que combatemos as doenças — Odrade disse.

A Dama arremessou o copo no chão. Levou algum tempo para readquirir a compostura. Logno afastou-se devagar, segurando a bandeja quase como um escudo.

“Então a Dama fez mais do que esgueirar-se em direção ao poder. Suas Irmãs a consideram mortal. E assim devo considerá-la.”

— Alguém pagará por este esforço inútil — a Dama disse.

Seu sorriso não era agradável.

“Alguém.

“Alguém fez o vinho. Alguém fez a figura dançante. Alguém pagará. A identidade não era importante, somente o prazer ou a necessidade de retribuição. Subserviência.”

— Não interrompa meus pensamentos — a Dama disse.

Dirigiu-se ao parapeito e deteve o olhar no Ser Desconhecido, obviamente para recompor a postura de *negociação.*

Odrade voltou a atenção para Logno. O que era essa vigilância continuada, essa atenção absorta fixada na Dama? Não

era mais um simples medo. Subitamente, ela parecia extremamente perigosa.

“Veneno!”

Odrade tinha tanta certeza como se a ajudante tivesse gritado a palavra.

“Não sou eu o seu alvo. Ainda não. Ela aproveitou esta oportunidade para fazer seu lance no poder.”

Não havia necessidade de olhar para a Dama. O momento de sua morte era visível no rosto de Logno. Voltando-se, Odrade confirmou-o. A Dama era um volume no chão, abaixo do Ser Desconhecido.

— Você *me* chamará de Grande Honrada Madre — Logno disse. — E aprenderá a me agradecer por isso. Ela (apontando para o monte vermelho no canto da varanda) pretendia traí-la e exterminar seu povo. Eu tenho outros planos. Não sou daquelas que destroem uma arma útil no momento de nossa maior necessidade.

Batalha? Há sempre um desejo de espaço para respirar, motivando-a em algum lugar.

— O Bashar Teg

Murbella observava a luta para tomar o Entroncamento com uma indiferença que não refletia seus sentimentos. Ficava no comando central de sua não-nave, rodeada por um círculo de Instrutoras, mantendo a atenção fixa na transmissão de projeções dos televigias de solo.

Havia batalhas por volta de todo o Entroncamento —

explosões de luz no escuro, erupções cinzentas durante o dia. Um grande combate dirigido por Teg centrado na “Cidadela” — uma elevação gigantesca projetada pela Corporação com uma nova torre próxima da extremidade. Embora os sinais vitais de Odrade tivessem parado abruptamente nas transmissões, relatórios anteriores confirmavam que a Grande Honrada Madre estava lá.

A necessidade de observar à distância ajudava o senso de imparcialidade de Murbella, mas ainda assim ela sentia a excitação.

“Tempos interessantes!”

Esta nave transportava uma carga preciosa. Os milhões de Lâmpadas estavam sendo Compartilhados e preparados para Dispersão numa suíte comumente reservada para a Madre Superiora. A Irmã inculta com sua carga de Memória tinha prioridade dominante aqui.

“O Ovo de Ouro, com toda a certeza!”

Murbella pensou nas vidas que estavam sendo arriscadas naquela suíte. Preparando-se para o pior. Não havia falta de voluntárias, e a ameaça representada pelo conflito do Entroncamento minimizava a necessidade do veneno da especiaria para inflamar o Compartilhar, reduzindo o perigo. Qualquer um nesta nave podia sentir o tudo-ou-nada na jogada de Odrade. Reconhecia-se a ameaça iminente da morte. Era necessário Compartilhar!

A transformação de uma Reverenda Madre em conjuntos de lembranças passadas entre as Irmãs a um custo perigoso não possuía mais aquela aura de mistério para Murbella, mas assim mesmo ela estava cheia de reverência pela responsabilidade. A coragem de Rebecca... e de Lucilla!... exigia admiração.

“Milhões de Vidas de Lembranças! Todas concentradas no que a Irmandade denominava Extremis Progressiva, de duas em duas, depois de quatro em quatro, de dezesseis em dezesseis, até

que cada uma possuísse todas elas e qualquer sobrevivente pudesse preservar a acumulação preciosa.”

O que elas estavam fazendo nos aposentos da Madre Superiora tinha um pouco desse sabor. O conceito não mais aterrorizava Murbella, mas, ainda assim, não era comum. As palavras de Odrade davam algum conforto.

“Uma vez que você tenha se adaptado ao fardo da Outra Memória, tudo o mais entra numa perspectiva que é completamente familiar, como se você sempre a tivesse conhecido.”

Murbella reconhecia que Teg estava preparado para morrer em defesa dessa consciência múltipla que era a Irmandade da Bene Gesserit.

“Posso fazer menos?”

Teg, não mais um enigma completamente, permanecia um objeto de respeito. A Odrade Interior amplificava isso com lembretes de suas explorações, então: “Imagino como estarei me saindo lá.

Pergunte.”

O comando dizia: — Nenhuma palavra. Mas suas transmissões podem ter sido bloqueadas por interferência na energia.Eles sabiam quem tinha feito a pergunta. Estava expresso no rosto de todos.

“Ela possui Odrade!”

Murbella focalizou novamente a batalha na Cidadela.

Suas próprias reações a surpreendiam. Tudo estava colorido pelo desgosto histórico diante da repetição do absurdo da guerra, mas mesmo assim esse espírito exuberante se regozijando pelas capacidades recém-adquiridas da Bene Gesserit.

As forças das Honradas Madres tinham boas armas, ela percebeu, e os abafadores de absorção de calor de Teg estavam sendo atacados, mas mesmo enquanto ela assistia a isso, o perímetro defensivo caiu. Podia ouvir gritos lamentosos quando um grande destruidor projetado por Idaho abriu caminho saltando por entre as árvores altas, nocauteando os defensores à esquerda e à direita.

A Outra Memória forneceu-lhe uma comparação peculiar. Era como um circo. As naves aterrissando, vomitando sua carga humana.

“No centro da arena! A Rainha Aranha! Atos nunca vistos anteriormente por olhos humanos!”

A persona de Odrade deu-lhe uma sensação de divertimento.

“Que tal isto para a união da Irmandade?”

“Você está morta aí, Dar? Deve estar. A Rainha Aranha vai culpá-la e ficará furiosa.”

Viu, na alameda de ataque de Teg, árvores projetando as sombras compridas da tarde. Um convite à cobertura. Ele ordenou a seu pessoal que se desviasse. Ignorem as avenidas convidativas.

Usem os caminhos de abordagem difícil.

A Cidadela ficava num jardim botânico gigantesco, onde árvores estranhas misturavam-se a arbustos ainda mais estranhos em meio a plantações prosaicas, tudo espalhado como se tivesse sido lançado aí pela mão de uma criança dançarina.

Murbella achou a metáfora do circo atraente. Dava uma perspectiva ao que ela testemunhava.

Anúncios em sua mente.

“Lá adiante, animais dançantes, defensores da Rainha Aranha, todos obrigados a obedecer! E na Arena Um, o acontecimento principal, supervisionado por nosso Mestre da Arena, Miles Teg! Seu pessoal faz coisas misteriosas. Aqui está o talento!”

Tinha aspectos de uma batalha encenada no Circo Romano.

Murbella gostou da alusão. Tornava a observação mais rica.

“Aproximam-se torres de batalha cheias de soldados em armaduras. Eles lutam. Chamas cortam o céu. Corpos caem.”

Mas estes eram corpos verdadeiros, dores verdadeiras, mortes reais. A sensibilidade Bene Gesserit forçou-a a lamentar a perda. “Isto será igual ao que aconteceu a meus pais quando foram apanhados no ataque?” As metáforas da Outra Memória desapareceram. Ela então viu o Entroncamento do modo como Teg

o via, provavelmente. Violência sangrenta, familiar na memória, mas mesmo assim, nova. Via os atacantes avançando, ouvia-os.

Uma voz de mulher, destacada pelo choque: — Aquele arbusto gritou para mim!

Outra voz, de homem: — Não há meios de se descobrir de onde vêm. Essa coisa pegajosa queima a pele.

Murbella ouvia a ação na parte afastada da Cidadela, mas tornava-se assustadora bem em volta da posição de Teg. Ela via suas tropas moverem-se rapidamente pelas sombras, aproximando-se da torre. Lá estava Teg nos ombros de Streggi. Ele deteve o olhar por um momento na fachada à sua frente a meio quilômetro de distância. Escolheu a projeção que tinha o mesmo ponto de vista.

Havia movimento atrás das janelas.

Onde estariam as misteriosas armas de último recurso que as Honradas Madres tinham a fama de possuir?

“O que ele fará agora?”

Teg tinha perdido seu Pod* de Comando num golpe de laser fora da área principal de conflito. O pod estava caído atrás dele e Teg, a cavalo nas costas de Streggi, erguia-se num canteiro de arbustos de camuflagem, alguns ainda fumegantes. Tinha perdido seu painel de comunicações junto com o pod, mas ainda retinha o cinto comunicador, embora estivesse parcialmente inutilizado devido à perda dos amplificadores do pod. Os especialistas em comunicações agachavam-se ao redor, agitando-se porque tinham perdido o contato direto com a ação.

* Um compartimento destacável, numa espaçonave, para abrigar pessoal ou instrumentos. (N. da T.)

A batalha além dos edifícios tornou-se mais ruidosa. Ele ouvia gritos ásperos, o sibilar agudo dos combustores e o zumbido mais baixo

das grandes armas laser, misturados aos pequenos zip-zaps das armas manuais. Em algum lugar à sua esquerda, ouviu um som áspero que ele reconheceu como o de uma blindagem pesada com problemas. O rangido denunciava a agonia do metal. O sistema de energia estava danificado. Arrastava-se pelo chão, provavelmente fazendo desordem nos jardins.

Haker, o ajudante pessoal de Teg, vinha esquivando-se pela alameda atrás do Bashar.

Streggi percebeu primeiro sua presença, voltando-se sem avisar, forçando Teg a olhar para o homem. Haker, escuro e musculoso, com espessas sobrancelhas (molhadas de suor, agora), parou diretamente na frente de Teg e falou, antes de recobrar completamente o fôlego:

— Temos os últimos redutos sob controle, Bashar.

Haker elevou a voz para sobrepor-se aos sons da batalha e ao zumbido acima de seu ombro esquerdo, um grasnado de conversas em voz baixa — a urgência da batalha mantida em tons moderados.

— O perímetro afastado? — Teg interpelou.

— Desimpedido em meia hora, não mais. Deveria sair daqui, Bashar. A Madre Superiora disse que o mantivéssemos afastado de perigos desnecessários.

Teg fez um gesto indicando seu pod inutilizado. — Por que não tenho um comunicador de reserva?

— Os dois aparelhos de reserva foram destruídos pelo mesmo fogo, quando estavam sendo entregues.

— Estavam juntos?

Haker percebeu a irritação. — Sim, senhor, eles estavam...

— Um equipamento importante não pode ser enviado em conjunto. Vou saber quem desobedeceu as minhas ordens. — A pequena voz produzida pelas cordas vocais ainda imaturas continha mais ameaça que um grito.

— Sim, Bashar. — Estritamente obediente, e nenhum sinal por parte dele de que o erro fosse seu.

“Maldição!” — Quando chegarão os substitutos?

— Em cinco minutos.

— Traga meu pod de reserva o mais depressa que puder. —

Teg tocou o pescoço de Streggi com o joelho.

Haker falou antes que ela pudesse voltar-se. — Bashar, eles pegaram o de reserva também. Já mandei vir outro.

Teg reprimiu um suspiro. Essas coisas costumavam acontecer em combate, mas ele não gostava de depender de

comunicadores primitivos. — Ficaremos aqui. Consiga mais transmissores individuais. — Esses, pelo menos, eram feitos em série. Haker olhou a vegetação em torno. — Aqui?

— Não gosto da aparência desses edifícios lá adiante.

Aquela torre comanda a área. E eles devem ter acesso pelo subsolo. Eu teria.

— Não há nada na...

— O plano da minha lembrança não inclui aquela torre.

Traga os detectores de som para verificar o solo. Quero nosso plano elaborado em minúcias, com informação segura.

O transmissor de Haker deu sinal de vida com uma voz dominante:
— Bashar! O Bashar pode atender?

Streggi transportou-o para perto de Haker sem que lhe fosse mandado. Teg pegou o transmissor, assobiando seu código, enquanto o segurava.

— Bashar, está uma confusão aqui na Plataforma. Uma centena deles tentou subir e foi de encontro à nossa tela. Não há sobreviventes.

— Algum sinal da Madre Superiora ou de sua Rainha Aranha?

— Negativo. Não podemos dizer. Quero dizer, está uma verdadeira confusão. Quer que eu lhe mande uma visão por tela?

— Mande-me um despacho. E continue procurando Odrade!

— Digo-lhe que ninguém sobreviveu aqui, Bashar. Houve um clique e um zumbido baixo, depois uma outra voz: — Despacho.

Teg tirou de sob o queixo o codificador de impressão de voz e gritou algumas ordens. — Faça avançar uma nave batedora sobre a Cidadela. Coloque a cena da Plataforma de Aterrissagem e de seus outros desastres em transmissão aberta. Todos os grupos.

Certifique-se de que todos possam ver. Anuncie que não há sobreviventes na Plataforma.

O duplo clique de *receber-confirmar* interrompeu a ligação.

Haker disse: — Acha mesmo que pode aterrorizá-las?

— Eduque-as. — Ele repetiu as palavras de despedida de Odrade: “Sua educação tem sido tristemente abandonada.”

O que teria acontecido a Odrade? Tinha certeza de que ela deveria estar morta, talvez a primeira baixa aqui. Ela esperara isso.

Morta, mas não perdida, se Murbella pudesse conter sua impetuosidade.

Odrade, nesse momento, tinha Teg inteiramente visível, do ponto em que ela estava, na torre. Logno silenciara as transmissões de seus sinais vitais com um escudo contra-sinalizador, e trouxera-a para a torre logo após a chegada dos primeiros refugiados de Gammu. Ninguém questionou a supremacia da antiga auxiliar. Uma Grande Honrada Madre morta e outra viva era simplesmente algo muito familiar.

Esperando ser morta a qualquer instante, Odrade ainda reunia informações, enquanto subia num nultubo com guardas. O

tubo era um artefato da Dispersão, um pistão transparente dentro de um cilindro também transparente. Havia poucas paredes obstruindo os andares por onde passavam. Eram principalmente vistas de áreas de moradia e maquinaria esotérica, que Odrade supunha ter propósitos militares. Demonstração exagerada de conforto e a quietude aumentando à medida que subiam.

“O poder se eleva física e psicologicamente.”

Aqui elas estavam, no topo. Uma parte do tubo cilíndrico projetou-se para fora e uma guarda empurrou-a com rudeza sobre um chão acarpetado espessamente.

“O gabinete de trabalho que a Dama mostrou lá embaixo era outra montagem.”

O sigilo era evidente. O equipamento e o mobiliário aqui teriam sido quase irreconhecíveis, não fosse pelo conhecimento de Murbella. Assim, os outros centros de ação eram para exibição.

Aldeias Potemkin construídas para a Reverenda Madre.

“Logno mentiu a respeito das intenções da Dama. Esperava-se que eu saísse incólume... sem levar nenhuma informação útil.”

Que outras mentiras desfilariam à sua frente?

Logno e todas as guardas, com exceção de uma, dirigiram-se a uma mesa de comando à direita de Odrade. Girando sobre um pé, Odrade olhou em volta. Este era o centro verdadeiro. Estudou-o com cuidado. Lugar estranho. Possuía uma aura sanitária. Tratado

com produtos químicos, para a limpeza. Nenhuma contaminação por bactéria ou vírus. Nada estranho no sangue. Tudo *depurado* como um mostruário de iguarias finas. E a Dama mostrou interesse na imunidade a doenças conseguida pela Bene Gesserit. Havia guerra bacteriológica na Dispersão.

“Elas querem uma única coisa de nós!”

E uma única Reverenda Madre simplesmente já as deixaria satisfeitas, caso pudessem extorquir-lhe informações.

Um quadro completo de oficiais Bene Gesserit teria de examinar os fios dessa teia para ver aonde ela os levaria.

“Se vencermos.”

A mesa de operações onde Logno concentrava a atenção era menor do que as do mostruário. Manipulação por campo digital. O

capacete numa mesinha ao lado de Logno era menor e transparente, revelando um emaranhado de sondas, como tentáculos.

“Shigafio, sem dúvida.”

O capacete mostrava bastante afinidade com as Sondas-T da Dispersão, que Teg e os outros haviam descrito. Essas mulheres possuiriam mais maravilhas tecnológicas? Devem possuir.

Uma brilhante parede atrás de Logno, janelas à sua esquerda, dando para uma sacada, uma vista distante do Entroncamento lá fora com movimento de tropas e blindagem.

Reconheceu Teg à distância, uma figura nas costas de um adulto, mas não deu nenhum sinal de que vira algo extraordinário.

Continuou seu estudo vagaroso. Uma porta para uma passagem com outro nultubo parcialmente visível numa área separada bem à sua esquerda. Mais azulejos verdes no chão desse lugar. Funções diferentes nesse espaço.

Uma súbita explosão de ruídos irrompeu além da parede.

Odrade identificou alguns. As botas de soldados produziam um som característico nos azulejos. Ruge-ruge de tecidos exóticos. Vozes.

Distinguiu as inflexões das Honradas Madres respondendo entre si em tom chocado.

“Estamos vencendo!”

Esperava-se que houvesse um choque quando o invencível era rebaixado. Estudou Logno. Seria um mergulho no desespero?

“Se for, ainda poderei sobreviver.”

O papel de Murbella poderia ser modificado. Bem, isso podia esperar. As Irmãs tinham sido instruídas sobre o que fazer no caso de serem vitoriosas. Nem elas nem ninguém mais na força de ataque seria rude com uma Honrada Madre — de modo erótico ou qualquer outro. Duncan tinha preparado os homens, expondo inteiramente os perigos da cilada sexual.

“Não se arrisquem a fazer nenhum cativeiro. Não despertem novos antagonismos.”

A nova Rainha Aranha revelava-se agora como alguém ainda mais estranho do que Odrade suspeitara. Logno deixou a mesa de comando e aproximou-se de Odrade. — Vocês venceram esta batalha. Somos seus prisioneiros.

Não havia laranja em seus olhos. Odrade passou rapidamente o olhar pelas mulheres que tinham sido suas guardas.

Expressões vazias, olhos claros. Era assim que elas demonstravam desespero? Não parecia certo. Logno e as outras não revelavam nenhuma resposta emocional prevista.

“Tudo mantido em segredo?”

Os acontecimentos das horas precedentes deveriam criar uma crise emocional. Logno não deu sinal dela. Nenhuma crispação reveladora de nervo ou músculo. Talvez uma preocupação casual, e isso era tudo.

“Uma máscara Bene Gesserit!”

Tinha de ser inconsciente, alguma coisa automática, inflamada pela derrota. Então elas não aceitavam a derrota realmente.

“Estamos ainda presentes nelas. Latentes... porém ainda arraigadas! Não é de admirar que Murbella quase tenha morrido. Ela se defrontou com seu próprio passado genético como uma proibição suprema.”

— Minhas companheiras — Odrade disse. — As três mulheres que vieram comigo. Onde estão?

— Mortas. — A voz de Logno era tão sem vida como a palavra. Odrade sentiu por Suipol. Tam e Dortujla tinham vivido vidas longas e proveitosas, mas Suipol... morta sem nunca ter Compartilhado. “Outra de valor que se perde. Que lição amarga!”

— Identificarei os responsáveis, se desejar vingar-se —

Logno disse. “Lição dois.”

— A vingança é para as crianças e os retardados emocionalmente. Um pequeno retorno do laranja aos olhos de Logno.A autodesilusão humana tomava muitas formas, lembrou-se Odrade. Consciente de

que a Dispersão produziria o inesperado, armara-se adequadamente com um distanciamento protetor que lhe permitiria avaliar novos lugares, novas coisas e novas pessoas.

Sabia que seria forçada a colocar muitas coisas em diferentes categorias para servi-la ou para desviar ameaças. Tomou a atitude de Logno como uma ameaça.

— Não parece perturbada, Grande Honrada Madre.

— Outros me vingarão. — Sem inflexões, muito serena.

As palavras eram ainda mais estranhas que sua tranqüilidade. Ela escondia algo sob esse disfarce contido, pequenos fragmentos revelados agora em movimentos vacilantes despertados pela observação de Odrade. Coisas profundas e intensas, mas enterradas. Estava tudo lá dentro, mascarado como uma Reverenda Madre o faria. Logno parecia não ter poder algum e, no entanto, falava como se nada de essencial tivesse mudado.

“Sou sua prisioneira, mas isso não faz nenhuma diferença.”

Ela estaria realmente sem poder? Não! Mas essa era a impressão que queria transmitir e todas as outras Honradas Madres à sua volta espelhavam essa reação.

“Está nos vendo? Impotentes, a não ser pela lealdade de nossas Irmãs e os seguidores que se vincularam a nós.”

As Honradas Madres estariam confiantes a esse ponto a respeito de suas legiões vingadoras? Isso seria possível somente se elas não tivessem nunca sofrido uma derrota desse tipo. Entretanto, alguém as tinha expulsado para o Antigo Império, para os Milhões de Planetas.

Teg encontrou Odrade e suas *prisioneiras* enquanto procurava um lugar para avaliar a vitória. A batalha sempre exigia essa análise posterior, especialmente sob o comando de um Mentat.

Esta, mais do que qualquer outra na sua experiência, exigia dele um teste comparativo. O conflito não se alojaria na memória até que fosse avaliado e compartilhado, tanto quanto possível, com aqueles que dependiam dele. Era seu padrão invariável e ele não se preocupava com o que pudesse revelar sobre si. Alguém que rompesse a ligação com os interesses entrelaçados podia preparar-se para a derrota.

“Preciso de um lugar tranqüilo para juntar os fios desta batalha e fazer um resumo preliminar.”

Em sua opinião, um dos mais difíceis problemas da batalha era conduzi-la de modo a não liberar a selvageria humana. Um ditado Bene Gesserit. A guerra deve ser conduzida para trazer à tona o melhor naqueles que sobreviveram. Quanto mais distante o soldado estivesse da carnificina, mais difícil se tornava fazê-lo. Essa era a razão por que Teg sempre tentava remover-se para a cena de combate e examiná-la pessoalmente. Se você não visse a dor, poderia facilmente causar uma dor ainda pior, sem refletir. Esse era um padrão das Honradas Madres. Mas suas dores tinham sido infligidas em casa. Como elas reagiriam?

Tinha essa pergunta em mente quando saiu do tubo, com seus ajudantes, e viu Odrade se defrontando com um grupo de Honradas Madres.

— Aqui está nosso Comandante, o Bashar Teg — Odrade disse, fazendo um gesto para apontá-lo.

As Honradas Madres encararam Teg.

“Uma criança, montada nos ombros de um adulto? Este é o comandante delas?”

— Ghola — Logno murmurou.

Odrade falou a Haker. — Leve estas prisioneiras a algum lugar próximo, onde possam ficar à vontade.

Haker não se moveu, até que Teg assentisse, e então, delicadamente, fez um sinal para que as prisioneiras o precedessem em direção à área ladrilhada à esquerda. A dominância de Teg não

passou despercebida às Honradas Madres. Olharam-no de um modo ameaçador, enquanto obedeciam ao convite de Haker.

“Homens dando ordens a mulheres!”

Com Odrade a seu lado, Teg tocou o pescoço de Streggi com o joelho, e foram para a sacada. Havia uma singularidade na cena que ele levou um momento para identificar. Vira muitas cenas de combate de postos de observação muito altos, a maioria delas de um tóptero de reconhecimento. Esta sacada estava fixa no espaço, dando-lhe uma sensação de imediação. Estavam aproximadamente a uns cem metros acima dos jardins botânicos onde grande parte do feroz combate tinha sido travada: Muitos corpos se esparramavam num abandono final — bonecos abandonados por alguma criança.

Reconheceu alguns uniformes de suas tropas, e sentiu uma pontada.

“Eu poderia ter feito alguma coisa para evitar isso?”

Conhecera este sentimento muitas vezes, e chamava-o

“Culpa de Comando”. Mas esta sensação era diferente, não simplesmente na singularidade encontrada em cada batalha, mas no modo em que ela o aborrecia. Achou que era em parte pela paisagem, um lugar mais adequado a festas ao ar livre, agora despedaçado pelo antigo padrão da violência.

Animaizinhos e pássaros estavam retornando, nervosamente, furtivos depois da perturbação de toda aquela barulhenta intrusão humana. Pequenas criaturas peludas, de rabo comprido, farejavam os mortos e fugiam em disparada para o alto das árvores, sem nenhuma razão aparente. Pássaros coloridos despontavam da folhagem protetora ou esvoaçavam pelo local — linhas de

pigmentação indistinta, que se tornavam camuflagem quando eles mergulhavam abruptamente sob as folhas. Davam um toque emplumado à cena, tentando restaurar aquela pseudotranqüilidade que os observadores humanos tomavam por paz, nesse tipo de cenário. Teg via mais longe. Em sua vida de pré-ghola tinha sido criado em meio à vida selvagem: perto de fazendas, mas na imediação de animais selvagens, além das terras cultivadas. Aí não havia tranqüilidade.

Com essa observação ele reconheceu o que tinha golpeado sua consciência. Considerando o fato de que eles tinham tomado de assalto uma posição defensiva bem guarnecida, ocupada por defensores poderosamente armados, o número de mortos lá embaixo era extremamente pequeno. Ele não tinha visto nada que explicasse isso, desde que entrara na Cidadela. Elas teriam sido apanhadas em desequilíbrio? Suas perdas no espaço eram uma coisa — a capacidade que ele tinha de *ver* as naves de defesa produzira uma vantagem devastadora. Mas este complexo tinha posições preparadas, onde os defensores poderiam ter se retraído e tornado o assalto mais difícil. O desmoronamento da resistência das Honradas Madres fora abrupto e agora continuava inexplicável.

“Eu estava errado em deduzir que elas reagiram à exibição de seus desastres.”

Olhou rapidamente para Odrade. — Aquela Grande Honrada Madre lá dentro. Ela deu o comando para interromper a defesa?

— É o que suponho.

Uma resposta cautelosa e típica de uma Bene Gesserit. Ela, também, estava submetendo a cena a uma observação cuidadosa.

Sua suposição seria uma explicação razoável para a brusquidão com que os defensores depuseram as armas?

“Por que o fariam? Para impedir maior derramamento de sangue?”

Dada a insensibilidade que as Honradas Madres geralmente demonstravam, isso era pouco provável. A decisão fora tomada por motivos que o intrigavam.

“Uma armadilha?”

Agora que estava pensando nisso, havia outras coisas estranhas na cena de combate. Nenhum dos costumeiros chamados por parte dos feridos, nenhuma correria em busca de maças e cuidados médicos. Ele podia ver Suks movimentando-se por entre os corpos. Isso, pelo menos, era familiar, mas cada corpo que examinavam era deixado no lugar onde tinha caído.

“Todos mortos? Nenhum ferido?”

Ele experimentou a garra do medo. Não era um sentimento incomum em combate, mas ele aprendera a interpretá-lo. Algo

profundamente errado. Os ruídos, as coisas dentro de sua perspectiva, os cheiros — tudo assumiu uma nova intensidade.

Sentiu-se vivamente sintonizado, um animal predatório na floresta, conhecendo seu terreno, mas consciente de algo intrusivo, que precisava ser identificado, sob pena de torná-lo a caça, em vez de o caçador. Registrou os arredores em um nível diferente de consciência, interpretando-se ao mesmo tempo, procurando os padrões estimuladores que tinham alcançado esta reação.

— Existe algo muito errado aqui — Odrade disse.

Ele ergueu a mão, exigindo silêncio. Mesmo nesta torre, cercado por tropas vitoriosas, sentia-se exposto a uma ameaça que seus sentidos tumultuados não conseguiam revelar.

“Perigo!”

Estava certo disso. O desconhecimento o enchia de frustração. Recorreu a cada fragmento de seu treinamento para impedir-se de

cair em fuga nervosa.

Cutucando Streggi para virar, Teg gritou uma ordem a um ajudante que estava na porta da sacada. Este ouviu com atenção e correu para obedecer. Precisamos conseguir o número de mortos.

Quantos feridos comparados aos mortos? Relatórios sobre as armas capturadas. Urgente!

Quando voltou a observar a cena, viu outro detalhe perturbador, uma estranheza fundamental que seus olhos tinham tentado relatar. Havia pouquíssimo sangue naqueles corpos tombados com o uniforme das Bene Gesserit. Esperava-se que as mortes em combate mostrassem a evidência suprema da humanidade ordinária — o fluxo rubro que escurecia em exposição, mas sempre deixava sua marca indelével naqueles que o viam.

Carnificina sem sangue era algo desconhecido e, na guerra, o desconhecimento tinha uma tradição de trazer extremo perigo.

Falou a Odrade suavemente. — Elas têm uma arma que ainda não descobrimos.

Não se apressem em revelar julgamentos. O julgamento oculto é, muitas vezes, mais poderoso. Pode orientar reações cujos

efeitos são percebidos somente quando é tarde demais para desviá-los.

— *Conselho Bene Gesserit às Postulantes* Sheeana sentia o cheiro dos vermes à distância: os traços de canela da melange misturados à pederneira e ao enxofre, o inferno cercado de cristal dos grandes comedores de areia de Rakis. Mas ela percebia esses pequenos descendentes somente porque existiam lá fora em tão grande número.

“São tão pequenos.”

Tinha sido um dia quente ali na Estação de Observação do Deserto e agora, à tardinha, ela sentia prazer no interior artificialmente fresco. Havia um ajuste tolerável de temperatura em seus velhos aposentos, embora a janela oeste tivesse sido deixada aberta. Sheeana aproximou-se e olhou a areia fulgurante.

A memória lhe disse como seria esta vista à noite: brilho de estrelas no ar seco, fraca iluminação nas ondas de areia que alcançavam um horizonte curvo e escuro. Lembrou-se das luas de Rakis e sentiu sua falta. Estrelas apenas não satisfaziam sua herança Fremen.

Tinha pensado nesse lugar como um retiro, local e tempo para pensar sobre o que estava acontecendo com sua Irmandade.

‘Tanques axlotl, Cyborgs e agora isto.”

O plano de Odrade não representava mais um mistério desde que tinham Compartilhado. Uma jogada? E se desse certo?

“Saberemos talvez amanhã e, então, o que nos tornaremos?”

Ela reconhecia um magnetismo na Estação do Deserto, mais do que um lugar para considerar as conseqüências. Tinha caminhado sob o sol causticante hoje, provando a si mesma que ainda podia atrair os vermes com sua dança, emoção expressa em ação. “A Dança da Conciliação. Minha linguagem para os vermes.”

Tinha dançado em volteios de dervixe numa duna até que a fome arruinasse seu transe de memória. E pequenos vermes se

espalhavam em volta numa vigilância embasbacada, chamas relembradas dentro de estruturas de dentes de cristal.

“Mas por que tão pequenos?”

As palavras dos investigadores explicavam mas não satisfaziam. — “É a umidade.”

Sheeana lembrava-se do gigantesco Shai-hulud de Duna, “O

Velho do Deserto”, grande o bastante para engolir fábricas de especiarias, superfícies redondas tão duras como plasteel. Mestres em seu próprio domínio. O deus e o diabo nas areias. Ela percebia o potencial do alto de sua janela.

“Por que o Tirano escolheu uma existência simbiótica num verme?”Esses pequenos vermes transportariam seu sonho interminável?

As trutas da areia habitavam este deserto. Era só aceitá-las como uma nova pele e ela poderia seguir o caminho do Tirano.

“Metamorfose. O Deus Dividido.”

Ela conhecia a fascinação que isso representava.

“Terei coragem?”

Lembranças de seus últimos momentos de ignorância inundaram-na — pouco mais de oito anos na época, o mês do Igat, em Duna.

“Não Rakis. Duna, como meus ancestrais o chamavam.”

Não era difícil lembrar-se da criança que tinha sido: pele morena, cabelo castanho estriado de dourado. Caçadora de melange (porque essa era uma tarefa das crianças) correndo livre no deserto junto a outros companheiros de infância. Como as lembranças eram queridas!

Mas a memória tinha seu lado sombrio. Concentrando a atenção nas narinas, uma garota detectou odores intensos — uma massa de pré-especiaria.

“A Explosão!”

A explosão de melange trazia Shaitan. Nenhum verme da areia podia resistir a uma florescência de especiaria em seu território.

“Você comeu tudo, Tirano, aquela miserável coleção de choupanas e telheiros que chamávamos de ‘lar’, juntamente com todos os meus amigos e minha família. Por que me poupou?”

Que raiva sacudira aquela criança delgada. Tudo que amava levado pelo verme gigante, que recusou suas tentativas de sacrificar-se em suas chamas e carregou-a para as mãos dos sacerdotes de Rakis e depois para a Bene Gesserit.

“Ela conversa com os vermes, e eles a poupam.”

— Aqueles que me pouparam não são poupados por mim —

Isso foi o que dissera a Odrade.

“E agora Odrade sabe o que devo fazer. Não se pode subjugar a coisa selvagem, Dar. Ouso chamá-la de Dar agora que você está dentro de mim.”

Nenhuma resposta.

Haveria uma pérola da consciência de Leto II em cada um dos novos vermes da areia? Seus ancestrais Fremen insistiam nisso. Alguém lhe deu um sanduíche. Walli, a acólita sênior assistente, que assumira o comando da Estação do Deserto.

“Por minha insistência, quando Odrade me promoveu para o Conselho. Mas não simplesmente porque Walli conhecia minha imunidade ao cativeiro sexual das Honradas Madres. E não porque ela é sensível às minhas necessidades. Falamos uma linguagem secreta, Walli e eu.”

Os grandes olhos de Walli não eram mais entradas para sua alma. Eram barreiras veladas, dando prova de que já sabia como impedir olhares perscrutadores; uma pigmentação azul-clara que logo seria azul total se sobrevivesse à Agonia. Quase albina, e uma linha genética questionável de procriação. A pele de Walli reforçava esse julgamento: pálida e sardenta. Uma pele que se via como uma

superfície transparente. Não se focalizava a pele propriamente, mas o que estava sob ela: carne rosa, tingida de sangue, desprotegida ante o sol do deserto. Somente aqui na sombra Walli podia expor essa superfície sensível a olhos indagadores.

“Por que ela, no comando sobre nós?”

“Porque é em quem eu mais confio para fazer o que deve ser feito.” Sheeana comeu o sanduíche distraidamente, enquanto voltava a atenção para a paisagem de areia. O planeta inteiro assim, um dia. Outro Duna? Não... parecido, mas diferente. Quantos lugares iguais a este estamos criando num universo infinito?

Pergunta insensata.

Uma extravagância do deserto pôs um pequeno ponto negro à distância. Sheeana apertou os olhos. Ornitóptero. Foi se tornando maior e depois menor. Percorrendo a areia. Inspecionando.

“O que estamos verdadeiramente criando aqui?”

Quando olhava para as dunas invadidas, tinha a sensação de arrogância.

“Veja minhas obras, humano diminuto, e desespere-se.”

“Mas nós fizemos isto, minhas Irmãs e eu.”

“Fizeram?”

— Estou sentindo uma nova secura no calor — Walli disse.

Sheeana concordou. Não havia necessidade de falar. Dirigiu-se à grande mesa de trabalho enquanto ainda tinha luz do dia para estudar o topomapa estendido lá fora: bandeirinhas espetadas, o fio verde nos percevejos, exatamente como ela projetara.

Odrade a questionara uma vez: — É realmente preferível a uma projeção?

— Tenho necessidade de tocá-lo. Odrade aceitara.

As projeções perdiam o interesse. Distantes demais da terra.

Não se podia passar um dedo por uma projeção e dizer: — Vamos lá. — Um dedo numa projeção era um dedo no vazio.

“Os olhos nunca são suficientes. O corpo precisa sentir o mundo.” Sheeana sentiu a pungência de uma respiração masculina, um odor mofado de exercício. Ergueu a cabeça e viu um jovem moreno de pé na porta, pose e olhar arrogantes.

— Oh — disse. — Pensei que estivesse sozinha, Walli.

Voltarei mais tarde.

Lançou um olhar penetrante a Sheeana e se foi.

“Há muitas coisas que o corpo precisa sentir para conhecer.”

— Sheeana, por que está aqui? — Walli perguntou.

“Você, que está tão ocupada no Conselho, o que procura?

Não confia em mim?”

— Vim para pensar sobre o que a Missionária ainda acha que posso fazer. Elas vêem uma arma — os mitos de Duna. Bilhões rezam a mim: “A Criatura Sagrada, que conversou com o Deus Dividido”.

— Bilhões não é um número adequado — Walli disse.

— Mas dá uma medida da força que minhas Irmãs vêem em mim. Esses adoradores acreditam que eu morri com Duna. Tornei-me “um poderoso espírito no panteão dos oprimidos”.

— Mais que uma missionária?

— O que poderia acontecer, Walli, se eu aparecesse nesse universo expectante, com um verme a meu lado? A potencialidade de tal coisa enche algumas de minhas Irmãs de esperança e receios. — Receios eu compreendo.

“De fato. A própria espécie de implante que o Muad’Dib e seu filho Tirano soltaram sobre a humanidade incauta.”

— Por que elas pensam até mesmo nisso? — Walli insistiu.

— Tendo a mim como ponto de apoio, que alavanca elas teriam para mover o universo!

— Mas como poderiam controlar essa força?

— Esse é que é o problema. Algo tão inerentemente instável.

As religiões não são nunca inteiramente controláveis. Mas algumas Irmãs acham que podem *visar* uma religião construída à minha volta. — E se seu alvo for pobre?

— Elas dizem que as religiões de mulheres sempre fluem mais profundamente.

— Verdade? — Questionando uma fonte superior.

Sheeana era obrigada a assentir. A Outra Memória o confirmava.

— Por quê?

— Porque dentro de nós a vida se renova.

— Isso é tudo? — Duvidando abertamente.

— As mulheres freqüentemente suportam a aura de oprimidas. Os humanos dispensam uma compreensão especial para com aqueles que estão embaixo. Eu sou uma mulher e se as Honradas Madres querem ver-me morta, então devo ser abençoada.

— Você fala como se concordasse com a Missionária.

— Quando se é um dos perseguidos, considera-se qualquer caminho de fuga. Sou reverenciada. Não posso ignorar o potencial.

“Nem o perigo. Então meu nome tornou-se uma luz brilhante na escuridão da opressão das Honradas Madres. Como é fácil a transformação dessa luz em uma chama destruidora!”

Não... o plano que ela e Duncan tinham imaginado era melhor. Escapar da Sede da Irmandade. Era uma armadilha mortal, não só por causa de seus habitantes, como pelos sonhos Bene Gesserit.

— Ainda não entendo por que você está aqui. Pode ser que não sejamos mais perseguidas.

— Pode ser?

— Mas por que logo agora?

“Não posso falar abertamente porque as vigilantes saberiam.”

— Tenho essa fascinação pelos vermes. É em parte porque um de meus antepassados liderou a migração original para Duna.

“Você se lembra disso, Walli. Falamos a respeito uma vez lá fora, na areia, sem ninguém por perto para ouvir. E agora você sabe por que vim visitar a Estação.

— Lembro-me de você ter dito que ela era uma verdadeira Fremen.

— E uma Mestra Zensunni.

“Conduzirei minha própria migração, Walli. Mas precisarei de vermes que só você pode fornecer. E precisa ser feito rapidamente.

Os relatórios do Entroncamento solicitam velocidade com insistência. E as primeiras naves logo retornarão. Hoje à noite...

amanhã. Tenho medo do que elas possam trazer.”

— Ainda está interessada em levar alguns vermes de volta à Central, onde poderá estudá-los melhor?

“Oh, sim, Walli! Você se lembra mesmo.”

— Poderia ser interessante. Não tenho muito tempo para essas coisas, mas qualquer conhecimento adquirido poderá ajudar-nos. — Será muito úmido para eles lá.

— O grande Porão da não-nave na Plataforma poderia ser reconvertido num deserto-laboratório. Areia, atmosfera controlada.

Os requisitos essenciais estão lá, desde a época em que trouxemos o primeiro verme.

Sheeana relanceou o olhar para a janela oeste. Pôr-do-sol.

Gostaria de voltar lá novamente e caminhar na areia.

“As primeiras naves retornarão hoje à noite?”

— Naturalmente, Reverenda Madre. — Walli afastou-se, deixando livre o caminho para a porta.

Sheeana falou quando estava saindo. — A Estação do Deserto terá de ser mudada em breve.

— Estamos preparados.

O sol mergulhava no horizonte quando Sheeana saiu pela porta em arco na extremidade da comunidade. Caminhou para o deserto iluminado pelas estrelas, explorando com seus sentidos, como fazia quando criança. Ahhh, lá estava a essência de canela.

Os vermes estavam próximos.

Fez uma pausa e, afastando-se do último brilho do sol, em direção ao nordeste, colocou as palmas das mãos estendidas acima e abaixo dos olhos, no antigo método Fremen, confinando a vista e a luz. Olhava por essa estrutura horizontal. Tudo o que caísse do céu deveria passar por essa fresta estreita.

“Hoje à noite? Elas virão logo depois do escurecer, para adiar o momento das explicações. Uma noite inteira de reflexão.”

Ela esperou com paciência Bene Gesserit.

Um arco de fogo desenhou uma linha fina acima do horizonte norte. Outro. E outro. Estavam se posicionando diretamente para a Plataforma de Aterrissagem.

Sheeana sentiu o coração bater acelerado.

“Chegaram!”

E qual seria sua mensagem para a Irmandade? “Guerreiros de regresso ou refugiados?” A diferença seria pequena, dada a

evolução do plano de Odrade.

Ela saberia pela manhã.

Sheeana abaixou as mãos, e descobriu que estava tremendo.

Respiração profunda. A Litania.

Agora ela caminhava no deserto, usando o passo da areia, lembrado de Duna. Tinha quase esquecido de como os pés se arrastavam. Como se carregassem um peso extra. Os músculos raramente usados eram chamados a funcionar, mas o andar ao acaso, uma vez aprendido, nunca era esquecido.

“Antes nunca sonhei que pudesse voltar a andar assim algum dia.” Se as vigilantes detectassem esse pensamento, poderiam ficar intrigadas a respeito de sua Sheeana.

Era uma falha sua, pensou. Tinha crescido nos ritmos da Sede da Irmandade. Este planeta falava-lhe em um nível subterrâneo. Sentia a terra, as flores e todas as coisas vivas como se fossem parte de si. E agora, aqui estava o movimento, algo numa linguagem de um planeta diferente. Percebia o deserto se modificando e isso, também, era uma língua estranha. Deserto.

Não sem vida, mas vivendo de um modo profundamente diferente da outrora verdejante Sede da Irmandade.

“Menos vida, porém mais intensa.”

Ela ouvia o deserto: pequenos deslizes, cricris e chiados de insetos, um obscuro farfalhar de asas caçadoras acima, e *chapes* rapidíssimos na areia — ratos cangurus trazidos para cá em antecipação deste dia, quando os vermes começariam novamente a governar.

“Walli se lembrará de enviar flora e fauna de Duna.”

Parou no alto de um barranco. À sua frente, com as bordas ocultas pela escuridão, estava um oceano em imobilidade, uma sombra de arrebentação batendo numa sombra de praia desta terra em mudança. Era um deserto-mar sem limites. Tinha se originado em lugares muito distantes e se deslocaria para locais ainda mais estranhos que este.

“Eu o levarei lá, se puder.”

Uma brisa noturna vinda das terras secas em direção a lugares mais úmidos atrás dela depositava uma película de poeira nas faces e no nariz, erguendo as pontas do cabelo na passagem.

Sentiu-se entristecida.

“O que poderia ter sido.”

Isso não era importante agora.

“As coisas que existem — elas importam.”

Respirou profundamente. Canela mais forte. Melange.

Especiaria e vermes próximos. Vermes conscientes de sua presença. Quanto tempo levaria para que o ar ficasse seco o suficiente para que os vermes da areia crescessem e produzissem sua safra, como tinham feito em Duna?

O planeta e o deserto.

Ela os via como duas metades da mesma saga. Exatamente como as Bene Gesserit e a humanidade que elas serviam. Metades combinadas. Cada uma sem a outra ficava diminuída, um vazio com propósito perdido. Melhor do que morta, talvez, mas movendo-se sem objetivo. Aí estava a ameaça da vitória das Honradas Madres.

Conduzidas pela violência cega!

“Cegas num universo hostil.”

E *aí* estava por que o Tirano tinha preservado a Irmandade.

“Ele sabia que só nos dava um caminho sem direção. Uma caça de papéis lançados por um humorista e deixada vazia no fim.”

“Um poeta em seus direitos, porém.”

Lembrou-se de seu “Poema da Memória”, de Dar-es-Balat, pequeno fragmento salvo dos escombros pela Bene Gesserit.

“E por que razão o preservamos? Para que eu possa encher minha mente com ele agora? Esquecendo por um momento o que devo enfrentar amanhã?”

“A bela noite do poeta,

Preenche-a com estrelas inocentes.

Orion fica a um passo adiante.

Seu olhar tudo vê,

Marcando nossos genes para sempre.

Bem-vinda escuridão e bem-vindo o olhar,

Cego após o arrebol da tarde.

É a eternidade estéril!”

Sheeana sentiu subitamente que tinha ganho a oportunidade de se tornar a artista suprema, repleta até as bordas e agraciada com uma superfície vazia onde poderia criar o que desejasse.

“Um universo irrestrito!”

As palavras de Odrade, dos tempos de seus primeiros contatos com o propósito da Bene Gesserit, na infância, voltaram-lhe à mente — Por que nos prendemos a você, Sheeana? É muito simples. Reconhecemos em você algo que esperamos há muito tempo. Você chegou, e nós vimos isso acontecer.

— Isso? “Como eu era ingênua!” — Algo novo surgindo no horizonte.

“Minha migração será em busca do novo. Mas... preciso encontrar um planeta com luas.”

De um ponto de vista, o universo é movimento browniano, não havendo nada previsível no nível elementar. O Muad’Dib e seu filho Tirano fecharam a câmara de nuvem onde o movimento ocorria.

— Estórias de Gammu

Murbella entrou num período de experiências incongruentes.

Isso a aborreceu, de início, por ver sua própria vida com uma visão múltipla. Os acontecimentos caóticos no Entroncamento tinham deflagrado esse estado de coisas, criando uma confusão de necessidades imediatas que não a abandonavam, nem mesmo quando voltou à Sede.

“Eu a preveni, Dar. Você não pode negá-lo. Eu disse que elas podiam transformar a vitória em derrota. E veja a enrascada em que você me meteu. Tive sorte em salvar o que podia.”

Este protesto interior sempre a mergulhava nos acontecimentos que a tinham elevado a essa horrível proeminência.

“Que mais eu poderia ter feito?”

A Memória mostrava Streggi caindo de repente no chão, numa morte sem sangue. A cena tinha passado nos transmissores da não-nave como um drama de ficção. A moldura da projeção na estação de comando da nave aumentava a ilusão de que isso não estava acontecendo na realidade. Os atores se levantariam e se curvariam em agradecimento. Os televigias de Teg, zumbindo automaticamente, registrariam toda a cena até que alguém os desligasse.

Ela ficou entregue às imagens, um ocaso assustador: Teg estatelado no chão daquela Honrada Madre irreal. Odrade olhando, petrificada pelo choque.

A declaração de que ela devia ir à terra imediatamente foi cercada de vivos protestos. As Instrutoras estavam irredutíveis, até que ela lhes revelou os detalhes da jogada de Odrade e interpelou-as: — Querem o desastre total?

“A Odrade Interior venceu a discussão. Mas você estava preparada para isso desde o início, não é, Dar? Seu plano!”

As Instrutoras disseram: — Ainda há Sheeana. Deram a Murbella uma barcaça individual e enviaram-na sozinha ao Entroncamento.

Mesmo tendo transmitido sua identidade de Honrada Madre à sua frente, houve momentos difíceis na Plataforma de Aterrissagem.

Um pelotão de Honradas Madres armadas a confrontou assim que desceu da nave, ao lado de um buraco fumegante. A fumaça tinha cheiro de explosivos exóticos.

“Onde a nave da Madre Superiora foi destruída.”

Uma antiga Honrada Madre liderava o grupo, tendo o manto vermelho manchado, alguns enfeites perdidos e um rasgão no ombro esquerdo. Parecia uma lagartixa seca, ainda venenosa, ainda capaz de morder, mas às voltas com raivas já gastas, com a maior

parte da energia perdida. Cabelo em desalinho como a casca recém-arrancada de uma raiz de gengibre. Tinha um demônio consigo. Murbella o viu espiando pelos olhos pintados de laranja.

Com toda a presença de um pelotão completo dando suporte à velha, as duas se defrontaram como se estivessem sós junto da prancha levadiça da nave, animais selvagens farejando com cuidado, tentando julgar a extensão do perigo.

Murbella estudou a velha com cuidado. Essa lagartixa mostraria um pouco a língua, testando o ar, dando saída às emoções, mas estava chocada o suficiente para ouvi-la.

— Meu nome é Murbella. Fui aprisionada pela Bene Gesserit em Gammu. Sou uma adepta do Hormu.

— Por que está usando o manto de uma bruxa? — A velha e seu grupo estavam prontos para matar.

— Aprendi tudo o que elas tinham para ensinar, e trouxe esse tesouro para minhas Irmãs.

A velha estudou-a por um momento. — Sim, reconheço seu tipo. Você é uma Roc, uma das que escolhemos para o projeto de

Gammu. O pelotão atrás dela relaxou um pouco.

— Você não veio o caminho todo nessa barcaça — a velha acusou.
— Escapei de uma das não-naves.

— Sabe onde fica o ninho delas?

— Sei.

Um sorriso largo espalhou-se pelos seus lábios. — Bem!

Você é um prêmio! Como escapou?

— Precisa perguntar?

A velha considerou a resposta. Murbella podia ler-lhe os pensamentos no rosto como se eles fossem falados: “Essas que trouxemos de Roc — mortais, todas elas. Podem matar com mãos, pés ou qualquer parte móvel do corpo. Deviam levar um rótulo:

‘Perigosa em qualquer posição’.”

Murbella afastou-se da barcaça, exibindo a graça sinuosa que era uma marca de sua identidade.

“Rapidez e músculos, Irmãs. Tomem cuidado.”

Algumas pessoas do grupo adiantaram-se, curiosas. Suas palavras estavam cheias de comparações das Honradas Madres, perguntas ávidas que Murbella foi obrigada a evitar.

— Você matou muitas delas? Onde é seu planeta? É rico?

Aprisionou muitos homens lá? Você foi treinada em Gammu?

— Estive em Gammu no terceiro período. Sob o comando de Hakka.
— Hakka! Eu a conheço. Ela tinha aquele machucado no pé esquerdo, quando a conheceu?

“Ainda fazendo testes.”

— Era no pé direito, e eu estava com ela quando se machucou.

— Ah, sim, o pé direito. Lembro-me agora. Como foi isso?

— Chutando um palerma no traseiro. Ele tinha uma faca afiada no bolso de trás. Hakka ficou tão zangada que o matou.

O riso se espalhou pelo grupo.

— Vamos ver a Grande Honrada Madre. “Então passei na primeira inspeção.” Entretanto, Murbella sentia reservas.

“Por que essa adepta de Hormu está vestindo os mantos do inimigo? E ela tem um olhar estranho. Era melhor enfrentar isso de uma vez.”

— Fiz seu treinamento e elas me aceitaram.

— Que tolas! Aceitaram mesmo?

— Duvida da minha palavra? — Como era fácil reverter, adotando os modos suscetíveis das Honradas Madres.

A velha eriçou-se. Não perdeu a altivez, mas deu um olhar de aviso ao grupo. Todas elas levaram um momento para digerir o que Murbella tinha dito.

— Você se tornou uma delas? — Alguém atrás dela perguntou.

— De que outro modo poderia roubar seu conhecimento?

Saiba que eu era a aluna pessoal da Madre Superiora.

— Ela lhe ensinou direito? — A mesma voz desafiadora lá detrás. Murbella identificou quem perguntava: pertencente ao escalão médio e ambiciosa. Ávida de reconhecimento e promoção.

“Este é o seu fim, ansiosa. E uma perda pequena para o universo.” Um ataque simulado Bene Gesserit pôs a inimiga, leve como pena, à sua mercê. Um pontapé no estilo Hormu para que elas vissem. A contestadora

jazia morta no chão.

“A união das capacidades Bene Gesserit e Honradas Madres cria um perigo que todas devem reconhecer e invejar.”

— Ela me ensinou admiravelmente — Murbella disse. —

Outras perguntas?

— Ehhhh! — a velha entoou.

— Como se chama? — Murbella interpelou-a.

— Sou uma Dama graduada, Honrada Madre de Hormu.

Chamo-me Elpek.

— Obrigada, Elpek. Pode chamar-me de Murbella.

— Estou honrada, Murbella. O que nos trouxe é realmente um tesouro. Murbella estudou-a um momento com atenção Bene Gesserit, antes de sorrir sem humor.

“A troca de nomes! Você, com o manto vermelho que a caracteriza como uma das poderosas que cercam a Grande Honrada Madre, sabe o que acaba de aceitar em seu círculo?”

O pelotão permanecia chocado, e olhava Murbella com prudência. Ela percebia isso com sua nova sensibilidade. O

esquema da Garota de Antigamente nunca teve uma posição segura dentro da Bene Gesserit, mas funcionava para as Honradas Madres. O simulfluxo divertiu-a com um desfile de confirmações.

Com que sutileza o poder se transfere: a escola certa, os amigos certos, formatura e transferência para os primeiros degraus da escada — tudo orientado por parentes e suas relações, uma atenção mútua que dirigia alianças, inclusive casamentos. O

simulfluxo lhe dizia que isso levava ao abismo, mas aqueles que estavam na escada, os que controlavam os nichos, nunca permitiram que isso os preocupasse.

“Hoje basta por hoje, e é assim que Elpek me vê. Mas ela não quer ver o que me tornei, somente que sou perigosa, mas potencialmente útil.”

Virando-se vagarosamente sobre um pé, Murbella estudou o grupo de Elpek. Não havia homens escravizados aqui. Essa era uma tarefa muito delicada, apenas para mulheres confiáveis. Bom.

— Agora, ouçam-me, todas vocês. Se têm alguma lealdade para com a Irmandade, o que julgarei pelas ações futuras, saberão honrar o que eu trouxe. Minha intenção é de que seja um presente para aquelas que o merecem.

— A Grande Honrada Madre ficará satisfeita — Elpek disse.

Mas a Grande Honrada Madre não pareceu contente quando Murbella foi apresentada.

Murbella reconheceu o cenário da torre. Era quase noite, agora, mas o corpo de Streggi ainda estava lá onde tinha caído.

Alguns dos especialistas de Teg tinham sido mortos, principalmente os da equipe dos televigias, que tinham a função dupla de protegê-lo.

“Não, nós, Honradas Madres, não gostamos que outros nos espiem.”

Viu que Teg ainda vivia, mas estava atado em shigafio e empurrado para um canto com desdém. O fato mais surpreendente: Odrade estava em pé, desamarrada, ao lado da Grande Honrada Madre. Era um gesto de desprezo.

Murbella sentiu que tinha vivido muitas vezes esta cena — a conseqüência da vitória das Honradas Madres: fileiras de corpos de seus inimigos deixados onde tinham sido derrubados. O ataque das Honradas Madres com a arma sem sangue fora rápido e mortal, uma depravação peculiar, que matava quando matar não era mais necessário. Ela disfarçou um estremecimento à lembrança dessa reversão mortal. Não houvera aviso, apenas os soldados caindo em filas largas — um efeito dominó que deixou os sobreviventes em estado de choque. O que foi obviamente apreciado pela Grande Honrada Madre.

Olhando para Murbella, a Grande Honrada Madre disse: —

Então este é o saco de insolência que você diz ter treinado nos seus métodos.

Odrade sorriu ante a descrição.

“Saco de insolência?”

Uma Bene Gesserit o aceitaria sem rancor. Essa Grande Honrada Madre de olhos remelentos estava diante de um dilema, e não podia recorrer à arma que matava sem sangue. Um equilíbrio de poder muito delicado. Conversas agitadas entre as Honradas Madres revelaram o problema.

Todas as suas armas secretas tinham sido esgotadas, e não podiam ser recarregadas, algo que tinham perdido quando fugiram para cá.“Nossa arma de último recurso e nós a desperdiçamos!”

Logno, que se considerava suprema, estava numa arena diferente agora. E tivera conhecimento da temível facilidade com que essa Murbella podia matar uma eleita.

Murbella lançou um olhar avaliador sobre o séquito da Grande Honrada Madre, estimando seu potencial. Elas reconheciam essa situação, naturalmente. Como votaram?

“Neutro?”

Algumas estavam cautelosas, e todas estavam esperando.

Antecipando um desvio. Nenhuma preocupação a respeito de quem triunfaria, desde que o poder continuasse a fluir em sua direção.Murbella permitiu que seus músculos tomassem a posição de espera de combate que tinha aprendido com Duncan e as Instrutoras. Sentia-se tão calma quanto estaria na sala de prática, examinando respostas adversárias. Mesmo quando reagia, sabia que seu movimento correspondia aos modos como Odrade a tinha preparado — mental, física e emocionalmente.

“Primeiro a Voz. Dê-lhes uma prova de frio interior.”

— Vejo que avaliaram as Bene Gesserit muito mal. Quanto aos argumentos de que se orgulham tanto, essas mulheres já os ouviram tantas vezes que suas palavras são mais que tediosas.

Isso foi pronunciado com um controle de voz severo, um tom que trouxe laranja aos olhos de Logno, embora ela permanecesse imóvel.Murbella ainda não tinha terminado, quanto a ela. — Você se considera poderosa e esperta. Uma coisa dá origem a outra, não é?

Que idiotice! Você é uma mentirosa consumada, e mente para si mesma.Como Logno continuasse imóvel em face desse ataque, as que estavam à sua volta começaram a se afastar, abrindo um espaço que dizia: “Ela é toda sua.”

— Sua espontaneidade nessas mentiras não as esconde —

Murbella disse. Ela varreu o grupo atrás de Logno com um olhar de desdém. — Assim como aqueles que conheço da Outra Memória, vocês estão fadadas à extinção. O problema é que levam um tempo

infernalmente longo para morrer. Isso é inevitável, mas, oh, o tédio enquanto isso dura. Você ousa intitular-se Grande Honrada Madre!

— Voltando sua atenção para Logno: — Tudo a seu respeito é uma cloaca. Você não tem estilo.

Era demais. Logno atacou, com o pé esquerdo golpeando o espaço com uma velocidade cega. Murbella agarrou o pé como se fosse uma folha soprada pelo vento e, continuando o próprio movimento, usou Logno como um bastão, atirando-a ao solo, contra o qual esmagou-lhe a cabeça. Sem se deter, fez uma pirueta, quase decapitando a Honrada Madre da direita com o pé esquerdo, enquanto esmagava a garganta de outra, do lado esquerdo, com a mão direita. Tudo estava terminado no tempo de duas batidas de coração.

Examinando a cena sem se mostrar ofegante (“para mostrar-lhes como foi fácil, Irmãs”), Murbella teve uma sensação de choque e reconhecimento do inevitável. Odrade jazia no chão na frente de Elpek, que obviamente tinha tomado partido sem hesitação. A posição torcida do pescoço e a aparência flácida do corpo denunciavam que ela estava morta.

— Ela tentou interferir — Elpek disse.

Tendo assassinado uma Reverenda Madre, Elpek esperava que Murbella (uma Irmã, afinal) a aplaudisse. Mas Murbella não agiu como se esperava. Ajoelhou ao lado de Odrade e pôs a cabeça contra a da morta, ficando lá um tempo interminável.

As Honradas Madres sobreviventes trocaram olhares indagadores, mas não ousaram se mover.

“O que é isso?”

Mas estavam imobilizadas pelas capacidades aterrorizantes de Murbella.

Quando já tinha todo o passado recente de Odrade, todas as novas experiências acrescentadas ao Compartilhar anterior, Murbella ergueu-se.

Elpek viu a morte em seus olhos e deu um passo atrás, antes de tentar defender-se. Ela era perigosa, mas não era páreo para esse demônio de manto negro. Estava terminado com a mesma brusquidão chocante que tinha levado Logno e suas assistentes: um pontapé na laringe. Elpek estatelou-se por cima de Odrade.

Uma vez mais, Murbella estudou as sobreviventes, depois ficou um momento olhando para o corpo de Odrade.

“De certo modo, fui eu que fiz isso, Dar. E você!”

Sacudiu a cabeça para os lados, absorvendo as conseqüências.

“Odrade está morta. Viva a Madre Superiora! Viva a Grande Honrada Madre! E possam os deuses nos proteger a todos.”

Deu atenção, então, ao que devia ser feito. Essas mortes tinham criado um débito enorme. Murbella tomou fôlego. Era um outro nó górdio.

— Libertem Teg — disse. — Limpem tudo aqui o mais rápido possível. Mandem alguém trazer-me um manto adequado!

Era a Grande Honrada Madre dando ordens, mas as que se movimentaram para lhe obedecer sentiam a Outra nela.

A que trouxe um manto vermelho decorado com pedrassuaves formando dragões segurou-o com deferência, à distância. Uma mulher grande, de ossos pesados e rosto quadrado.

Olhos cruéis.

— Segure-o para mim — Murbella disse, e quando a mulher tentou tirar vantagem da proximidade para atacá-la, atirou-a ao chão com violência. — Vai tentar de novo?

Desta vez não houve truques.

— Você é o primeiro membro do meu Conselho — Murbella disse.
— Seu nome?

— Angelika, Grande Honrada Madre. — ”Veja! Sou a primeira a chamá-la pelo seu devido título. Recompense-me.”

— Sua recompensa é que eu a promovo, e permito que viva.

Uma resposta adequada a uma Honrada Madre. Aceita como tal.

Quando Teg se aproximou, esfregando os braços onde o shigafio o machucara, algumas Honradas Madres tentaram prevenir Murbella.

— Sabe o que este pode...

— Ele servirá a mim, agora — interrompeu. Então, usando o tom jocoso de Odrade: — Não está certo, Miles?

Ele lhe deu um sorriso pesaroso, um velho com rosto de criança. — Tempos interessantes, Murbella.

— Dar gostava de maçãs. Providencie isso.

Ele assentiu. Levá-la para um cemitério-pomar. Não que os apreciados pomares da Bene Gesserit fossem durar muito no deserto. Entretanto, valia a pena perpetuar algumas tradições, enquanto fosse possível.

O que os Acidentes Sagrados ensinam? Seja elástico. Seja forte. Esteja pronto para a mudança, para o novo. Reúna muitas experiências e julgue-as pela natureza constante de nossa fé.

— *Doutrina Tleilaxu*

Dentro do tempo originalmente previsto por Teg, Murbella reuniu sua comitiva de Honradas Madres e voltou à Sede da Irmandade.

Esperava enfrentar alguns problemas, e as mensagens que enviou à sua frente preparavam terreno para as soluções.

“Trago Futares para atrair Treinadores. As Honradas Madres temem uma arma biológica da Dispersão que as transformou em vegetais, cuja origem pode estar ligada aos Treinadores.

“Preparem-se para manter o Rabino e seu grupo na não-nave. Honrem seu sigilo. E removam as minas protetoras da nave!”

(Isso foi enviado por uma Instrutora mensageira.) Ficou tentada a perguntar por seus filhos, mas essa atitude era não-Gesserit. Algum dia... talvez.

Logo na chegada, foi obrigada a acomodar Duncan, e isso confundiu as Honradas Madres. Eram tão maldosas quanto as Bene Gesserit. — O que há de tão especial num homem?

Não havia mais motivo para que ficasse na nave, mas ele recusava-se a deixá-la. — Tenho um mosaico mental para completar: uma peça que não se pode mover, um comportamento extraordinário, e uma participação voluntária em seu sonho. Preciso encontrar os limites para testar. É o que está faltando. Mas sei como encontrá-los. Harmonize-se. Não pense. Faça-o.

Não fazia sentido. Ela era indulgente, embora ele estivesse mudado. Havia uma estabilidade nesse novo Duncan, que ela aceitava como desafio. Com que direito ele assumia esse ar de auto-satisfação? Não... não era auto-satisfação. Era mais uma aparência de estar em paz com uma decisão. E ele recusava-se a compartilhá-la!

— Aceitei muita coisa. Você deve fazer o mesmo.

Murbella tinha de reconhecer que isso descrevia o que ela estava fazendo.

Na sua primeira manhã, depois da volta, acordou de madrugada e foi para o gabinete. Vestindo um manto vermelho, sentou-se na

cadeira da Madre Superiora e convocou Bellonda.

Bell ficou de pé a uma extremidade da mesa. Ela sabia. O

plano tornou-se claro na execução. Odrade tinha-lhe imposto um débito também. Portanto, o silêncio: avaliando como pagar.

“Servindo a esta Madre Superiora, Bell! É assim que você paga. Nenhum desvio destes acontecimentos nos Arquivos os colocará na perspectiva adequada. A ação se faz necessária.”

Bellonda falou, finalmente. — A única crise que eu poderia considerar comparável a esta é o advento do Tirano.

Murbella reagiu bruscamente. — Segure a língua, Bell, a menos que tenha algo útil a dizer!

Bellonda tomou a reprimenda com calma (uma reação atípica). — Dar tinha mudanças em mente. Era isso que ela esperava?

Murbella suavizou o tom. — Modificaremos a história depois.

Este é o primeiro capítulo.

— Más notícias. — Essa era a velha Bellonda.

— Faça entrar o primeiro grupo. Seja cautelosa. Elas representam o Alto Conselho da Grande Honrada Madre.

Bell retirou-se para cumprir as ordens.

“Ela sabe que tenho todo o direito a esta posição. Todas sabem. Não há lugar para uma votação!”

Agora era a hora da arte histórica da política que tinha aprendido com Odrade.

“Em todas as coisas, você deve parecer importante.

Nenhuma decisão menor deve passar por suas mãos, a não ser ações discretas chamadas ‘favores’, para conseguir a lealdade de alguns.”Todas as recompensas vindas de cima. Não era uma boa política para a Bene Gesserit, mas o grupo que ia entrar na sala estava familiarizado com a Grande Honrada Madre Protetora; aceitariam “novas necessidades políticas”. Temporariamente. Era sempre temporário, especialmente com as Honradas Madres.

Bell e os cães vigilantes sabiam que ela levaria bastante tempo pondo isso em ordem. “Mesmo com habilidades Bene Gesserit amplificadas.”

Isso iria exigir uma atenção extremamente exigente de todas elas. E a primeira coisa era o olhar penetrante da inocência.

“É isso que as Honradas Madres perderam, e precisamos restaurá-lo, antes que elas se enfraqueçam no meio a que pertencemos.”

Bellonda introduziu o Conselho, e retirou-se silenciosamente.

Murbella esperou até que estivessem sentadas. Uma mistura: algumas aspirantes ao poder supremo. Angelika estava lá, sorrindo graciosamente. Outras esperando (não ousavam ter esperança ainda), mas juntando tudo o que podiam.

— Nossa Irmandade estava agindo com estupidez —

Murbella acusou. Percebeu as que tomaram isso com irritação. —

Vocês poderiam ter matado o ganso!

Elas não entenderam. Contou-lhes a fábula, que ouviram com a devida atenção, mesmo quando ela acrescentou: — Não entendem a necessidade desesperada que temos de cada uma

dessas bruxas? Somos tão mais numerosas, que ensinar-nos representará para cada uma delas um fardo imenso!

Consideraram o fato e, embora amargo, foram forçadas a aceitá-lo, pejo que ela dizia.

Murbella insistiu no alvo. — Não apenas sou sua Grande Honrada Madre... Alguém tem dúvidas?

Ninguém questionou.

— ...mas sou a Madre Superiora das Bene Gesserit. Elas têm pouquíssimas alternativas, a não ser confirmar-me no cargo.

Duas delas começaram a protestar, mas Murbella cortou logo: — Vocês não têm força bastante para impor-lhes a sua vontade. Teriam que matar todas elas. A mim, porém, elas obedecerão.

As duas continuaram resmungando, mas Murbella as arrasou: — Comparadas a mim, com tudo o que aprendi delas, vocês todas são umas pobres infelizes! Alguém me desafia?

Ninguém desafiou, mas os olhares laranja estavam presentes.

— Vocês são crianças sem conhecimento do que podem tornar-se — disse. — Voltariam, indefesas, a encarar os das muitas faces? Gostariam de tornar-se vegetais?

Isso prendeu seu interesse. Estavam acostumadas a esse tom com as antigas comandantes. O assunto as interessava agora.

Era difícil aceitá-lo de alguém tão jovem... Entretanto... as coisas que tinha feito! Também a Logno e suas assistentes!

Murbella viu-as engolir a isca.

“Fertilização. Este grupo a levará consigo. Vigor híbrido.

Somos fertilizadas para nos tornarmos mais fortes. E florescer. E

semear? Era melhor não se deter nisso. As Honradas Madres não verão isso, até que sejam quase Reverendas Madres. Então olharão

para trás tão zangadas como eu fiquei. Como podíamos ter sido tão burras?”

Ela viu a submissão tomar forma nos olhos das conselheiras.

Haveria uma lua-de-mel. As Honradas Madres seriam crianças numa loja de doces. Só gradualmente o inevitável se tornaria claro para elas. Então, já teriam caído na armadilha.

“Como eu caí. Não pergunte ao oráculo o que você pode conseguir. Essa era a armadilha. Cuidado com o verdadeiro adivinho! Gostaria de três mil e quinhentos anos de tédio?”

A Odrade Interior desaprovou.

“Dê algum crédito ao Tirano. Não podia ter sido apenas tédio.

Foi mais como um Navegador da Corporação escolhendo sua passagem nas dobras do espaço. O Caminho Dourado. Um Atreides pagou pela sua sobrevivência, Murbella.”

Murbella sentiu-se oprimida. O pagamento do Tirano foi-lhe jogado às costas. “Não lhe pedi que fizesse isso por mim.”

Odrade não podia deixar isso passar. “Ele o fez, contudo.”

“Desculpe-me, Dar. Ele pagou. Agora, eu devo pagar.”

“Então você é uma Reverenda Madre, finalmente!”

As conselheiras tinham-se tornado impacientes sob seu olhar.

Angelika decidiu falar por elas. — Afinal, fui a primeira escolhida.

“Veja essa aí. Uma chama de ambição nos olhos.”

— Que reação está nos pedindo para ter com essas bruxas?

— Assustada com a própria ousadia. A Grande Honrada Madre não era também uma bruxa agora?

Murbella falou suavemente: — Vocês vão tolerá-las, sem oferecer-lhes nenhum tipo de violência.

Angelika sentiu-se encorajada pelo tom suave de Murbella. —

É uma decisão da Grande Honrada Madre ou...

— Basta! Eu podia ensangüentar o chão desta sala com todas vocês! Querem experimentar?

Elas não queriam.

— E se eu lhes disser que quem fala é a Madre Superiora?

Vocês perguntarão se eu tenho uma política para resolver o problema. Direi: política? Ah, sim. Tenho uma política para coisas sem importância, como pragas de insetos. Essas coisas sem importância pedem uma política. Quanto às da sua espécie, livro-me delas facilmente. Moitas, antes de perceberem que foram machucadas! Essa é a minha resposta à presença da poluição. Há poluição nesta sala?

Era uma linguagem que elas reconheciam: a chibata da Grande Honrada Madre aliada à capacidade de matar.

— Vocês são o meu Conselho — disse Murbella. — Espero sabedoria de sua parte. O mínimo que posso fazer é fingir que vocês são sábias.

Simpatia divertida de Odrade: “Se esse é o jeito com que as Honradas Madres recebem e aceitam as ordens, não haverá necessidade de muita análise de Bell.”

Os pensamentos de Murbella se afastaram. “Não sou mais uma Honrada Madre.”

O passo dado de uma ordem para outra era tão recente que ela achou desconfortável seu desempenho como Honrada Madre.

Suas adaptações eram uma metáfora do que aconteceria com suas antigas Irmãs. Um novo papel, e ela não o fazia bem. A Outra Memória estimulava uma longa associação consigo, como essa nova pessoa. Não se tratava de transubstanciação mística, meramente novas capacidades.

“Meramente?”

A mudança foi profunda. Será que Duncan entendia isso?

Doeu-lhe que ele possivelmente nunca compreendesse essa nova Murbella.

“Isso é o resíduo de meu amor por ele?”

Retraiu-se de suas perguntas, não querendo uma resposta.

Sentia-se repelida por alguma coisa que ia mais fundo do que estava disposta a penetrar.

“Haverá decisões obrigatórias, que meu amor poderá impedir.

Decisões a favor da Irmandade, não a meu favor. É para isso que aponta o meu medo.”

As necessidades imediatas a restauraram. Dispensou suas conselheiras, prometendo dor e morte se elas não aprendessem as novas restrições.

A seguir, as Reverendas Madres devem ser ensinadas a ter uma nova diplomacia: não estreitar amizade com ninguém — nem mesmo entre si. Isso se tornaria mais fácil com o tempo. As Honradas Madres deslizando para os modos Bene Gesserit. Um dia, não haveria mais Honradas Madres; somente Reverendas Madres,

com reflexos aperfeiçoados e um conhecimento maior da sexualidade.

Murbella sentia-se obcecada por palavras que tinha ouvido, mas não aceitara até esse momento: — As coisas que faremos pela sobrevivência da Bene Gesserit não têm limites.

“Duncan verá isso. Não posso esconder dele. O Mentat não se prenderá a uma idéia fixa do que eu era antes da Agonia. Ele abre a mente como eu abro uma porta. Ele vai examinar sua rede.

— *O que eu peguei agora?”*

Foi isso que aconteceu com Lady Jessica? A Outra Memória trouxe Jessica permeada da trama e urdidura do Compartilhar.

Murbella desembaraçou-se um pouco, e desfilou conhecimentos mais antigos.

“Lady Jessica herege? Uma conduta imprópria no cargo?”

Jessica tinha mergulhado no amor, assim como Odrade mergulhara no mar e as ondas daí resultantes não engolfaram a Irmandade.

Murbella sentia que isso a levava aonde não queria ir. A dor apertava-lhe o peito.

“Duncan, ohhh, Duncan!” Escondeu o rosto nas mãos. “Dar, ajude-me. Que devo fazer?”

“Nunca pergunte por que você é uma Reverenda Madre.”

“Preciso! A progressão está clara na minha memória e...”

‘ ‘É uma seqüência. Pensar nela como causa e efeito afasta-a da totalidade.’’

“Tao?”

“Mais simples: Você está aqui.”

“Mas a Outra Memória vai para trás, para trás e...”

“Imagine que são pirâmides — entrelaçadas.”

“Apenas palavras!”

“Seu corpo ainda está funcionando?”

“Estou sofrendo, Dar. Você não tem mais corpo e não adianta...”

“Ocupamos nichos diferentes. As dores que senti não são as suas dores. Minhas alegrias não são as suas.”

“Não quero sua compreensão! Ohh, Dar! Por que nasci?”

“Você nasceu para perder Duncan?”

“Dar, por favor!”

“Então você nasceu e agora sabe que isso nunca é suficiente. Então se tornou uma Honrada Madre. Que mais podia fazer? Ainda não é suficiente? Agora você é uma Reverenda Madre.

Pensa que basta? Nunca será suficiente enquanto viver.”

“Está me dizendo que devo sempre ir além de meus limites.”

“Ora! Não se tomam decisões nessa base. Você não o ouviu?

Não pense; faça-o. Você vai escolher o caminho fácil? Por que deveria sentir-se triste quando encontra o inevitável? Se é tudo o que você pode ver, limite-se a aperfeiçoar a raça!”

“Maldição! Por que fez isso comigo?”

“Isso o quê?”

“Fez-me ver a mim e às minhas antigas Irmãs desse jeito!”

“Que jeito?”

“Com os diabos! Você sabe o que quero dizer!

“Antigas Irmãs, você disse?”

“Oh, você é traiçoeira.”

“Todas as Reverendas Madres são traiçoeiras.”

“Você nunca pára de ensinar!”

“É isso que eu faço?”

“Como eu era inocente! Perguntar a você o que faz realmente.”

“Você sabe tanto quanto eu. Esperamos a humanidade amadurecer. O Tirano apenas lhes deu tempo para crescer, mas agora precisam de cuidados.”

“O que o Tirano tem a ver com a minha dor?”

“Que mulher tola! Você fracassou na Agonia?”

“Sabe que não.”

“Pare de tropeçar no óbvio.”

“Cadela!”

“Prefiro bruxa. Qualquer das duas é preferível a prostituta.”

“A única diferença entre a Bene Gesserit e as Honradas Madres é o mercado. Vocês se casaram com a nossa Irmandade.”

“Nossa Irmandade?”

“Vocês se reproduziram pelo poder! No que isso é diferente de...”
“Não distorça os fatos, Murbella. Mantenha os olhos na sobrevivência.”

“Não me diga que você não tinha poder.”

“Uma autoridade temporária sobre as pessoas com o propósito de sobrevivência.”

“Sobrevivência novamente!”

“Numa Irmandade que promove a sobrevivência dos outros.

Como a mulher casada que dá à luz crianças.”

“Então isso se reduz à procriação.”

“Essa é uma decisão individual: a família e o que a cerca. O

que deleita a vida e faz a felicidade?”

Murbella começou a rir. Deixou cair as mãos e abriu os olhos, dando com Bellonda que estava lá, observando.

— É sempre uma tentação para uma nova Reverenda Madre

— Bellonda disse. — Bater um papo com a Outra Memória. Quem era desta vez? Dar?

Murbella as sentiu.

— Não confie em nada do que elas lhe dão. É um conhecimento, e você deve julgar por si.

“Exatamente as palavras de Odrade. Olhe para as cenas há muito vividas através dos olhos dos mortos. Que espreita notável!”

— Você pode perder-se aí por horas seguidas — Bellonda disse. — Procure restringir-se. Esteja certa de onde pisa. Uma mão para você

e outra para o barco.*

* A expressão em inglês *One hand for your self and one for the ship* tem como correspondente em português “Um olho no padre, outro na missa”. (N. da T.) ‘

Aí estava de novo! O passado aplicado ao presente. Como a Outra Memória tornava rica a vida cotidiana.

— Isso passa — Bellonda disse. — Torna-se um chapéu velho depois de um tempo. — Ela pôs um relatório em frente de Murbella.

“Chapéu velho! Uma mão para você e outra para o barco.

Tanta coisa certa nas expressões.”

Murbella recostou-se na cadeira linga para examinar o relatório de Bellonda, imaginando-se de repente na expressão de Odrade: “A Rainha Aranha no centro de sua teia.” A teia podia estar um pouco esfiapada nesse momento, mas ainda estava lá, para agarrar as coisas a serem digeridas. Bastava um sinal de disparo e lá vinha Bell correndo, as mandíbulas mexendo-se com antecipação. As palavras de arranque eram “Arquivos” e “Análise”.

Vendo Bellonda sob essa luz, Murbella percebeu a sabedoria nos métodos em que Odrade a tinha empregado, as falhas tão valiosas como os pontos fortes. Quando Murbella terminou o relatório, Bellonda ainda estava lá, de pé, numa atitude característica.

Murbella reconhecia que Bellonda considerava todos os que a convocavam como pessoas que não estavam à altura, que apelavam para os Arquivos por razões frívolas e tinham de ser postos nos eixos. Frivolidade: a *bête noire* de Bellonda. Achou isso divertido.

Manteve seu divertimento disfarçado, enquanto apreciava Bellonda. A forma de lidar com ela era ser escrupulosa. Nada a subtrair de seus pontos fortes. Este relatório era um modelo de concisão e

pertinência de argumento. Manifestava seus pontos de vista com pouca retórica, apenas o suficiente para revelar suas próprias conclusões.

— Você se diverte em me convocar? — perguntou.

“Está mais esperta do que antes! Será que a convoquei? Não exatamente nessas palavras, mas ela sabe quando é necessária.

Diz que aqui nossas Irmãs devem ser modelos de docilidade. A Madre Superiora pode ser qualquer coisa que deseje ser, mas não o resto da Irmandade.”

Murbella tocou o relatório. — Um ponto de partida.

— Então comece antes que suas amigas achem o centro de televigias. — Bellonda sentou-se na cadeira-cão com uma confiança familiar. — Tam foi-se, mas eu poderia mandar buscar Sheeana.

— Onde ela está?

— Na nave. Estudando uma coleção de vermes no Grande Porão. Diz que qualquer uma de nós pode ser ensinada a controlá-los.

— Valioso se for verdadeiro. Deixe-a. E Scytale?

— Continua na nave. Suas amigas ainda não o acharam.

Estamos mantendo-o em segredo.

— Vamos continuar com isso. Ele é um poderoso instrumento de barganha. E elas não são minhas amigas, Bell.

Como estão o Rabino e seu grupo?

— Bem instalados, mas preocupados. Sabem que as Honradas Madres estão aqui.

— Mantenha-os em segredo.

— E estranho. Uma voz diferente, mas estou ouvindo Dar.

— Um eco na sua cabeça. Bellonda riu de verdade.

— Agora, aqui está o que você deve espalhar entre as Irmãs.

Agimos com extrema delicadeza, ao mesmo tempo que nos mostramos como pessoas para se admirar e emular. — “Vocês, Honradas Madres, podem não querer viver como nós, mas podem aprender nossos pontos fortes.”

— Ahhhhh.

— Isso tudo vem a dar na propriedade. As Honradas Madres são possuídas pelas coisas. — “Quero aquele lugar, aquela bugiganga, aquela pessoa.” Pegue o que quiser. Use até fartar-se.

— Enquanto nós vamos pelo caminho, admirando o que vemos. — E aí está nossa falha. Não nos entregamos facilmente.

Medo de amor e afeição! Ser senhor de si tem sua própria ambição.

— “Vê o que possuo? Você não pode tê-lo, a menos que siga meus métodos!” Nunca tomem essa atitude com as Honradas Madres.

— Está me dizendo que devemos amá-las?

— De que outro modo podemos fazê-las admirar-nos? Essa foi a vitória de Jessica. Quando ela entregou, entregou tudo. Tanta coisa refreada pelos nossos métodos e então, a onda esmagadora: tudo entregue. É irresistível.

— Não fazemos concessões com essa facilidade.

— Nem elas.

— Esse é o modo das suas origens burocráticas!

— Ainda assim, é um solo de treinamento para seguir o caminho de menor resistência.

— Você está me confundindo, Da... Murbella.

— Eu disse que deveríamos fazer concessões? As concessões nos enfraquecem, e sabemos que há problemas que as concessões não resolvem, decisões que temos de tomar, mesmo que sejam amargas.

— *Fingir* que as amamos?

— É um começo.

— Será uma união infame, essa junção de Bene Gesserit com Honradas Madres.

— Sugiro que Compartilhemos o máximo possível. Podemos perder gente, enquanto as Honradas Madres estiverem aprendendo.

— Um casamento no campo de batalha.

Murbella ergueu-se, pensando em Duncan na nave como o vira pela última vez. Lá estava ela finalmente, sem mistérios para ninguém. Uma massa de maquinaria inusitada, estranhamente grotesca. Uma selvagem aglomeração de protuberâncias e ressaltos, sem nenhum propósito aparente. Era difícil imaginá-la erguendo-se por sua própria energia, enorme como era, desaparecendo no espaço.

“Desaparecendo no espaço!”

Ela viu a forma do mosaico mental de Duncan.

“Uma peça que não pode se mover! Harmonize-se... Não pense; faça-o.”

Com uma brusquidão que a gelou, conheceu sua decisão.

Quando se pensa em tomar nas mãos a determinação de seu destino, esse é o momento em que se pode ser esmagado. É

preciso cautela. Levar em conta as surpresas. Quando criamos, há sempre outras forças em ação.

— Darwi Odrade

— Mova-se com extremo cuidado — Sheeana o tinha avisado. Idaho não achava que precisava de avisos, mas de qualquer modo, apreciou a idéia.

A presença das Honradas Madres na Sede da Irmandade facilitava sua tarefa. Elas deixavam as Instrutoras da nave, assim como outras guardas, nervosas. As ordens de Murbella mantinham as suas antigas Irmãs fora da nave, porém todos sabiam que o inimigo estava presente. Os retransmissores mostravam uma corrente aparentemente interminável de navetas vomitando Honradas Madres na Plataforma. A maioria das recém-chegadas parecia curiosa a respeito da monstruosa nave ali pousada, mas ninguém desobedecia à Grande Honrada Madre.

— Não enquanto ela for viva — Idaho murmurava, onde as Instrutoras pudessem ouvi-lo. — Elas têm uma tradição de assassinar suas líderes para substituí-las. Quanto tempo Murbella poderá agüentar-se?

Os televigias faziam o seu trabalho por ele. Sabia que seus resmungos se espalhariam pela nave.

Sheeana veio a ele em seu gabinete logo depois, e fez uma demonstração de censura. — O que está tentando fazer, Duncan?

Você está perturbando as pessoas.

— Volte para seus vermes!

— Duncan!

— Murbella está fazendo um jogo perigoso !Ela é tudo que se interpõe entre nós e o desastre.

Ele já tinha manifestado sua preocupação a Murbella. Não era novo para as vigilantes, mas o reforço fez com que todos os que o ouviam ficassem irritados — os monitores de televigia nos Arquivos, as guardas da nave, todos.

Exceto as Honradas Madres. Murbella as estava mantendo afastadas dos Arquivos de Bellonda.

— Há tempo para isso mais tarde — disse.

Sheeana tinha sua deixa. — Duncan, ou bem você pára de alimentar nossas preocupações ou nos diz o que devemos fazer.

Você é um Mentat. Funcione para nós.

“Ahhh, o Grande Mentat desempenha para que todos vejam.”

— O que vocês devem fazer é óbvio, mas não me diz respeito. Não posso deixar Murbella.

“Mas posso ser levado embora.”

Agora era a vez de Sheeana. Ela o deixou, e foi espalhar sua nova marca de mudança.

“Temos a Dispersão como exemplo.”

Pela noite, todas as Reverendas Madres da nave estavam neutralizadas, e ela lhe deu um sinal de mão de que poderiam dar o próximo passo.

“Elas seguirão o que eu fizer.”

Sem querer, a Missionária tinha preparado o cenário para a ascendência de Sheeana. A maioria das Irmãs conhecia o poder latente que havia nela. Perigoso. Mas *presente.*

O poder não utilizado era como uma marionete com cordões visíveis, que ninguém segurava. Uma atração irresistível: “Eu poderia fazê-lo dançar.”

Alimentando o logro, ele chamou Murbella.

— Quando a verei?

— Duncan, por favor. — Mesmo na projeção, ela parecia atormentada.

— Estou ocupada. Você conhece as pressões. Estarei fora em poucos dias.

— A projeção mostrou as Honradas Madres no fundo, franzindo o cenho a esse estranho comportamento de sua líder.

Qualquer Reverenda Madre poderia ler em suas faces.

“A Grande Honrada Madre amoleceu? Isso é apenas um homem!”

Quando desligou, Idaho enfatizou o que todos os monitores da nave tinham visto. — Ela está em perigo! Será que não percebe?

“E agora, Sheeana, é com você.”

Sheeana tinha a chave para reinstalar os controles de vôo da nave. As minas tinham sido retiradas. Ninguém poderia destruir a nave no último minuto, com um sinal para explosivos ocultos. Havia somente a carga humana a considerar. Teg principalmente.

“Teg verá minhas escolhas. Os outros — o grupo do Rabino e Scytale — terão que se arriscar conosco.”

Os Futares nas celas de segurança não o preocupavam.

Animais interessantes, mas sem importância no momento. Quanto a Scytale, deu-lhe apenas um pensamento de passagem. O pequeno

Tleilaxu permanecia sob os olhos das guardas, que não relaxavam sua vigilância independente de suas outras preocupações.

Foi para a cama com um nervosismo que tinha uma pronta explicação para qualquer cão vigilante dos arquivos. “Sua preciosa Murbella está em perigo.” E ela estava em perigo, mas ele não podia protegê-la. “Minha própria presença é um perigo para ela agora.” Levantou-se de madrugada e voltou ao arsenal, desmontando uma fábrica de armamentos. Sheeana o encontrou lá, e pediu-lhe que se juntasse a ela na seção de guarda.

Um punhado de Instrutoras o cumprimentou. A líder que tinham escolhido não o surpreendeu. Garimi. Tinha ouvido a respeito de seu desempenho na Convocação. Suspeitosa.

Preocupada. Pronta a fazer seu próprio jogo. Era uma mulher de rosto grave. Alguns diziam que ela raramente sorria.

— Desviamos os televigias desta sala — Garimi disse. —

Eles nos mostram fazendo uma refeição e questionando você sobre armas.Idaho sentiu um nó no estômago. O pessoal de Bell localizaria rapidamente uma simulação. Especialmente uma projeção falsificada dele.

Garimi respondeu à sua desaprovação. — Temos aliados nos Arquivos.

Sheeana disse: — Estamos aqui para perguntar se deseja deixar a nave antes de escaparmos.

Sua surpresa era verdadeira.

“Ficar para trás?”

Ele não havia considerado essa hipótese. Murbella não era mais sua. Havia quebrado o vínculo. Ela não aceitava isso. Ainda não. Mas aceitaria na primeira vez que tivesse que tomar uma decisão,

pondo-o em perigo pela causa Bene Gesserit. Agora, ela simplesmente ficava longe dele mais tempo que o necessário.

— Você vai Dispersar? — perguntou, olhando para Garimi.

— Salvaremos o que pudermos. Votar com os pés, como era chamado antigamente. Murbella está subvertendo a Bene Gesserit.

Havia um argumento não pronunciado, que ele esperava que as vencesse. Desacordo com o jogo de Odrade.

Idaho respirou fundo. — Vou com vocês.

— Sem arrependimentos — preveniu Garimi.

— Isso é estúpido — disse, dando saída a seu pesar reprimido. Garimi não teria sido surpreendida por essa resposta, partindo de uma Irmã. Idaho a chocou, e ela teve que esperar alguns segundos para se recuperar. A honestidade a compelia.

— Naturalmente que é. Desculpe-me. Está certo de que não quer ficar? Devemos-lhe a oportunidade de tomar sua própria decisão.

“Os melindres da Bene Gesserit com aqueles que a serviam lealmente.”

— Irei com vocês.

A tristeza que viam em seu rosto não era simulada. Mostrou-a abertamente, quando voltou à mesa de comando. “A posição que me foi designada.”

Não tentou esconder suas ações, quando codificou os circuitos de Identificação da nave.

“Aliados nos Arquivos.”

Os circuitos começaram a coriscar nas projeções — fitas coloridas com uma conexão interrompida nos sistemas de vôo. O

caminho em volta dessa ruptura era visível após alguns momentos de estudo. As observações Mentat tinham sido preparadas para isso. “Múltiplos através do núcleo.”

Idaho sentou-se e esperou.

A subida foi um momento atordoante de vácuo, que parou abruptamente quando estavam afastados da superfície o suficiente para engatar os campos nulos e entrar nas dobras do espaço.

Idaho observou sua projeção. Lá estavam eles: o velho casal em seu jardim! Ele viu a rede bruxuleante à sua frente, o homem fazendo gestos na direção dela, sorrindo com total satisfação. Eles se moviam numa retransmissão transparente, que revelava os circuitos de nave por trás. A rede tornou-se maior — não linhas, mas fitas mais grossas que os circuitos projetados.

Os lábios do homem formaram as palavras, mas não havia som. “Nós esperávamos vocês.”

As mãos de Idaho foram para a mesa de comando, dedos em leque no campo comunicador para se apoderar dos elementos necessários do controle de circuito. Sem tempo para sutilezas.

Ruptura total. Ele estava no núcleo em um segundo. Daí, era simples descarregar segmentos inteiros. A navegação em primeiro lugar. Ele viu a rede começar a ficar delgada, o olhar de surpresa no rosto do homem. Os campos nulos vinham a seguir. Idaho sentiu a nave dando guinadas nas dobras do espaço. A rede inclinou-se, tornando-se alongada com os dois observadores escorçados e adelgaçados. Idaho apagou os circuitos de memória estelar, levando com eles seus próprios dados.

A rede e os observadores desapareceram.

“Como eu soube que eles estariam lá?”

Ele não tinha resposta, a não ser uma certeza enraizada nas repetidas visões.

Sheeana não ergueu o olhar quando ele a encontrou no painel provisório de controle de combate, nos alojamentos das guardas. Estava curvada sobre o painel, com o olhar fixo consternado. A projeção logo acima mostrava que tinham emergido das dobras do espaço. Idaho não reconheceu nenhum dos padrões estelares visíveis, mas já esperava por isso.

Sheeana girou e olhou para Garimi que estava de pé a seu lado. — Perdemos toda a armazenagem de dados!

Idaho bateu na testa com o indicador. — Não, não perdemos.

— Mas levará anos para recuperar os dados essenciais! —

Sheeana protestou. — O que aconteceu?

— Somos uma nave não identificável num universo não identificável — Idaho disse. — Não é o que queríamos?

Não há segredo no equilíbrio. Basta sentir as ondas.

— *Darwi Odrade*

Murbella sentiu que tinha-se passado um século desde que reconhecera a decisão de Duncan.

“Desaparecer no espaço! Deixar-me!”

O invariável sentido de tempo adquirido na Agonia dizia-lhe que tinham-se passado apenas alguns segundos, mas ela achou que soubera desde o início.

Ele deve ser detido!

Estava se dirigindo ao painel de comunicações, quando a Central começou a estremecer. O tremor continuou por um tempo

interminável e diminuiu devagar.

Bellonda ergueu-se. — O que....

— A não-nave da Plataforma acaba de levantar vôo —

Murbella disse. Bellonda aproximou-se do painel de comunicações, mas Murbella a deteve.

— Já foi.

“Ela não deve ver minha dor.”

— Mas quem... — Bellonda ficou quieta. Tinha sua própria avaliação das conseqüências, e viu o mesmo que Murbella.

Murbella suspirou. Tinha todas as blasfêmias da História à sua disposição e não queria nenhuma.

— No almoço, comerei em minha sala de refeições particular com as conselheiras, e quero que você esteja presente — Murbella disse. — Mande Duana preparar ostras, novamente.

Bellonda começou a protestar, mas tudo o que conseguiu dizer foi:
— De novo?

— Lembra-se de que jantei sozinha lá embaixo, ontem à noite? — Murbella retomou seu lugar.

“A Madre Superiora tem obrigações!”

Havia mapas a mudar, rios a seguir e Honradas Madres a domesticar.

“Algumas ondas a derrubam, Murbella. Mas você se levanta de novo e continua. Cai sete vezes, levanta oito. Você pode se equilibrar em superfícies estranhas.”

“Eu sei, Dar. Participação voluntária em seu sonho.”

Bellonda ficou olhando para ela, até que Murbella disse: —

Fiz minhas conselheiras sentarem-se a uma certa distância, ontem à noite. Foi estranho — somente as duas mesas no refeitório inteiro.

“Por que continuo esta conversa vazia? Que desculpas eu tenho para meu comportamento extraordinário?”

— Ficamos nos perguntando por que nenhuma de nós tinha permissão para entrar em nosso próprio refeitório — Bellonda disse.

— Para salvar suas vidas! Mas você devia ter visto o interesse delas. Eu li seus lábios. Angelika disse: — Ela está comendo uma espécie de ensopado. Eu a vi dando ordens à cozinheira. Que mundo maravilhoso, este aqui! Precisamos experimentar esse prato que ela pediu.

— Amostras — Bellonda disse. — Sei. — E então: — Sabia que Sheeana levou o quadro de Van Gogh de... seu quarto de dormir?“Por que isso dói?”

— Notei que não estava lá.

— Disse que o estava tomando emprestado para seu quarto na nave. Os lábios de Murbella comprimiram-se.

“Malditos! Duncan e Sheeana! Teg, Scytale.... todos eles foram embora, e não há meio de segui-los. Mas ainda temos os tanques axlotl e células de Idaho de nossos filhos. Não é o mesmo.... mas parecido. Ele pensa que escapou!”

— Você está bem, Murbella? — Havia preocupação na voz de Bell. “Você me preveniu sobre coisas violentas, Dar, e eu não prestei atenção.”

— Depois do almoço levarei minhas conselheiras num giro de inspeção pela Central. Diga à minha acólita que quero suco de maçã antes de deitar.

Bellonda saiu, resmungando. Isso era mais próprio dela. “Que orientação você me dá agora, Dar?”

“Você quer orientação? Uma excursão com roteiro de sua própria vida? Foi por isso que eu morri?”

“Mas eles levaram o Van Gogh também!”

“É disso que você vai sentir falta?”

“Por que o levaram, Dar?”

Um riso cáustico foi a resposta, e Murbella ficou grata por ninguém ouvir.

“Você não percebe o que ela pretende?”

“O esquema da Missionária!”

“Oh, mais do que isso. É a fase seguinte: Muad’Dib ao Tirano, às Honradas Madres, a nós, a Sheeana.... ao que mais? Você não consegue ver? A coisa está bem aí, na ponta da língua. Aceite como se estivesse engolindo uma bebida amarga.”

Murbella estremeceu.

“Viu? O remédio amargo do futuro de Sheeana? Antigamente pensávamos que todo remédio tinha de ser amargo para fazer efeito. Nenhum poder de cura no que era doce.”

“Tem de acontecer, Dar?”

“Alguns sufocam com esse remédio. Mas os sobreviventes podem criar padrões interessantes.”

Os opostos emparelhados definem os seus desejos e esses desejos os aprisionam.

— O Açoite Zensunni

— Você deliberadamente os deixou escapar, Daniel!

A velha esfregou as mãos na frente manchada de seu avental de jardinagem. Era uma manhã de verão, as flores se abrindo, os pássaros chamando das árvores próximas. Havia uma aparência embaciada no céu, um brilho amarelo próximo ao horizonte.

— Ora, Marty, não foi deliberado — Daniel disse. Ele tirou seu chapéu *porkpie* e esfregou a moita espetada de cabelos grisalhos, antes de repô-lo. — Ele me surpreendeu. Eu sabia que ele nos via, mas não suspeitei que ele visse a rede.

— E eu tinha escolhido um planeta tão bom para eles —

Marty disse. — Um dos melhores. Um verdadeiro teste para suas habilidades.

— Não adianta se lamentar agora — Daniel disse. — Eles estão onde não podemos alcançá-los. No entanto, ele estava tão frágil, que eu esperava pegá-lo com facilidade.

— Eles tinham um Mestre Tleilaxu também — Marty disse.

— Eu o vi quando estavam sob a rede. Eu gostaria tanto de estudar outro Mestre.

— Não vejo por quê. Sempre assobiando para nós, sempre nos obrigando a pisoteá-los. Não gosto de tratá-los assim, e você sabe por quê. Se não fosse por eles...

— Eles não são deuses, Daniel....

— Nem nós.

— Acho que você os deixou escapar. Você é tão aflito para podar suas roseiras!

— De qualquer modo, o que você teria dito ao Mestre? —

Daniel perguntou.

— Eu ia fazer uma brincadeira, quando ele perguntasse quem éramos. Eles sempre perguntam isso. Eu ia dizer: “O que você esperava, o próprio Deus, com uma barba ondulante?”

Daniel riu. — Teria sido engraçado. Eles têm tanta dificuldade em aceitar que os Dançarinos Faciais possam ser independentes.

— Não vejo por quê. É uma conseqüência natural. Eles nos deram o poder de absorver as memórias e experiências de outras pessoas. É só juntar o suficiente e...

— São as personas que pegamos, Marty.

— O que seja. Os Mestres deveriam ter sabido que juntaríamos um número suficiente deles, algum dia, para tomarmos nossas próprias decisões sobre nosso próprio futuro.

— E o deles?

— Oh, eu teria pedido desculpas depois de colocá-lo em seu lugar. Você pode controlar tanto os outros, não é, Daniel?

— Quando você fica com esse ar, Marty, eu vou podar minhas roseiras. — Ele voltou para uma fila de arbustos com folhas verdes e flores negras tão grandes como sua cabeça.

Marty chamou-o: — Se reunirem um numero suficiente de pessoas, terão uma esfera de conhecimento, Daniel! É o que eu lhe teria dito. E aquelas Bene Gesserit na nave! Eu lhes teria dito quantas delas eu tenho. Já notou como parecem alienadas quando percebem que as espreitamos?

Daniel curvou-se sobre suas rosas negras.

Ela o encarou, com as mãos nos quadris.

— Para não falar dos Mentats — ele disse. — Havia dois deles naquela nave — ambos gholas. Você queria brincar com eles?

Os Mestres sempre tentam controlá-los — ela disse.

— Aquele Mestre vai procurar encrenca se tentar se intrometer com o grandão — Daniel disse, cortando fora o broto de um rizoma. — Opa, esta é uma beleza.

— Mentats também! — Marty disse. — Eu lhes teria dito:

“Um centavo a dúzia, é o que valem.”

— Centavo? Não acho que eles teriam entendido, Marty. As Reverendas Madres, sim, mas não o Mentat grandão. Ele não se distendeu tão longe no passado.

— Você sabe o que deixou escapar, Daniel? — ela interpelou, aproximando-se dele. — Aquele Mestre tinha um tubo de nulentropia no peito. Cheio de células de ghola, também!

— Eu vi.

— É por isso que os deixou escapar!

— Não os deixei. — Suas tesouras continuaram a cortar. —

Gholas. Eles o acolherão.

Fim.

Aqui está outro livro dedicado a Bev, amiga, esposa, ajudante de confiança e a pessoa que lhe deu o título. A dedicatória é póstuma, e as palavras que se seguem, escritas na manhã após a sua morte, devem lhes dizer algo sobre a sua inspiração.

Uma das melhores coisas que posso dizer sobre Bev é que não há nada em nossa vida comum que eu precise esquecer, nem mesmo o movimento cheio de graça de sua morte. Ela me deu então o

supremo presente de seu amor, uma passagem pacífica, a que ela se referia sem medo ou lágrimas, minorando assim meus próprios medos. Que presente maior pode haver do que demonstrar que você não precisa temer a morte?

O obituário formal dizia: Beverly Ann Stuart Forbes Herbert, nascida a 20 de outubro de 1926 em Seattle, Washington; morta às 5:05 da tarde do dia 7 de fevereiro de 1984 em Kawaloa, Maui. Sei que isso é o máximo de formalidade que ela poderia tolerar. Fez-me prometer-lhe que não haveria um funeral convencional “com o sermão de um pregador e meu corpo em exibição”. Como disse: —

Não estarei naquele corpo, então, mas ele merece mais dignidade do que uma exibição assim poderia oferecer.

Insistiu que eu não deveria fazer mais do que mandar cremá-la e dispersar suas cinzas por sua querida Kawaloa “onde eu senti tanta paz e tanto amor”. A única cerimônia — amigos e pessoas queridas assistindo à dispersão de suas cinzas durante um coro de *Bridge over troubled water.*

Ela sabia que haveria lágrimas nessa ocasião, como há lágrimas enquanto escrevo estas palavras, mas, em seus últimos dias, ela freqüentemente falava em lágrimas como coisa fútil.

Reconhecia-as como parte de nossa origem animal. O cão uiva com a perda de seu dono.

Uma outra parte da consciência humana dominava sua vida: o Espírito. Não numa religiosidade piegas ou em alguma coisa que á maioria dos Espiritualistas associaria com a palavra. Para Bev, era a luz brilhando da consciência refletida em tudo que ela encontrava.

Em função disso, posso dizer que a despeito do meu pesar, e mesmo dentro dele, essa alegria enche meu espírito através do amor que ela me deu e continua a dar-me. Nada, na tristeza de sua morte, representou um preço demasiado alto para o amor que compartilhamos.

Sua escolha da canção para ser cantada na dispersão de suas cinzas refletia o que dizíamos freqüentemente entre nós — que ela era a minha ponte e eu a dela. Isso é a síntese da nossa vida de casados.

Começamos essa vida compartilhada com uma cerimônia diante de um ministro em Seattle, em 20 de junho de 1946. Nossa lua-de-mel foi passada num posto de vigilância de incêndio no topo de Kelley Butte na Snoqualmic National Forest. Nossos alojamentos tinham quatro metros quadrados com uma cúpula acima de apenas dois metros quadrados, na maior parte ocupada pelo detector de incêndio com o qual localizávamos toda fumaça que víamos.

Em acomodações restritas, com uma vitrola de corda e duas máquinas de escrever portáteis ocupando um bom pedaço da mesa, estabelecemos muito bem o padrão de nossa vida em comum: trabalho para manter a música, a atividade de escrever e outras alegrias que a vida oferece.

Nada disso é para dizer que vivemos em constante euforia.

Longe disso. Tivemos momentos de tédio, medos e dores. Mas sempre havia tempo para o riso. Mesmo no fim, Bev ainda podia sorrir para dizer-me que eu a tinha colocado bem nos travesseiros, que eu tinha aliviado a dor de suas costas com uma massagem delicada, e outras coisas necessárias, porque ela não podia mais fazê-las sozinha.

Em seus últimos dias, Bev não queria que ninguém a tocasse, a não ser eu. Mas nossa vida de casados tinha criado um tal vínculo de amor e confiança, que muitas vezes dizia que as coisas que eu lhe fazia eram como se ela mesma as fizesse.

Embora eu tivesse que prover-lhe os cuidados mais íntimos, os cuidados que se dispensam a uma criança pequena, ela não se sentia ofendida nem achava que sua dignidade estava sendo invadida. Quando eu a tomava em meus braços para torná-la mais

confortável ou banhá-la, Bev sempre colocava os braços em meu ombro e seu rosto se aninhava na cava do meu pescoço, como sempre o tinha feito.

É difícil transmitir a alegria desses momentos, mas asseguro que ela existia. Alegria do espírito. Sua mão estava na minha quando morreu, e o médico que a atendia, com lágrimas nos olhos, disse aquilo que eu e muitos outros tínhamos dito a seu respeito.

— Ela tem graça.

Muitos dos que viram essa graça não a compreenderam.

Lembro-me da madrugada em que entramos no hospital, para o nascimento de nosso primeiro filho. Estávamos rindo. Os atendentes nos olharam com censura.

Nascimento é coisa dolorosa e perigosa. As mulheres podem morrer dando à luz. Por que eles estão rindo?

Estávamos rindo porque a perspectiva de vida que era parte de ambos nos enchia de alegria. Estávamos rindo porque o nascimento estava para acontecer num hospital construído no local do mesmo hospital onde Bev tinha nascido. Que continuidade maravilhosa!

Nosso riso era contagioso, e logo outros que encontramos a caminho da sala de parto estavam sorrindo. A desaprovação tornou-se aprovação. O riso era sua nota de graça em momentos de estresse.

Era seu, também, o riso do constantemente novo. Tudo que ela encontrava tinha algo novo em si para entusiasmá-la. Havia uma ingenuidade em Bev que era, a seu modo, uma forma de sofisticação. Queria encontrar o que havia de bom em cada coisa e cada criatura. Como resultado, despertava essa resposta nas pessoas.

— Vingança é para as crianças — dizia ela. — Somente pessoas que são basicamente imaturas a desejam.

Ela era conhecida por chamar as pessoas que a tinham ofendido e suplicar-lhes que pusessem de lado os sentimentos destrutivos. — Sejamos amigos. Nenhuma das fontes de condolências que nos inundaram depois de sua morte surpreendeu-me.

Era típico de Bev querer que eu chamasse o radiologista cujo tratamento em 1974 foi a causa aproximada de sua morte, e agradecer-lhe “por ter-me dado estes dez anos maravilhosos. Não deixe de fazê-lo entender que eu sei que ele fez o máximo por mim quando eu estava morrendo de câncer. Ele fez o que havia de melhor, e eu quero que ele saiba do meu reconhecimento”.

É de surpreender que eu olhe para todos esses anos juntos com uma felicidade que transcende qualquer coisa que as palavras possam descrever? É de admirar que eu não queira nem precise esquecer um momento sequer? Muitos outros meramente tocaram sua vida na periferia. Eu a compartilhei nas formas mais íntimas, e tudo que ela fez me fortaleceu. Não teria sido possível, para mim, fazer o que a necessidade exigia que eu fizesse durante os dez anos finais de sua vida, fortalecendo-a, em retorno, se ela não tivesse se dado nos anos precedentes, não retendo nada.

Considero isso como minha enorme sorte e o privilégio mais miraculoso.

Frank Herbert

Port Townsend, WA

6 de abril de 1984

Table of Contents

OdinRights

Folha de Rosto

Dedicatória

Document Outline

- OdinRights
- Folha de Rosto
- Dedicatória